

DINASTIA DOURADA



AUTORA BEST SELLER DO NEW YORK TIMES

KRISTEN ASHLEY

Dea
editora



Bem-Vindos à

*F*antasy and

Copyright © KRISTEN ASHLEY
Copyright © 3DEA EDITORA, 2019

Título Original:
The Golden Dysnaty
Fantasyland, Book Two

Editor	Patrícia Azevedo
Assistente Editorial	Jhenifer Barroca
Tradução	Andreia Barbosa
Revisão	Luizyana Poletto
Ilustrador	Mia Klein
Imagem	https://www.shutterstock.com/158861822

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados à 3DEA Editora.

www.3deaeditora.com.br

contato@3deaeditora.com.br

KRISTEN ASHLEY

DINASTIA DOURADA

FantasyLand
LIVRO II

Dea
editora

Sumário

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Dicionário Korwahk / Português](#)

[Conjunções Verbais](#)

[Glossário do Universo Paralelo](#)

[Sobre a Autora](#)

Nota da Autora

A região que você está prestes a conhecer tem seu próprio idioma. Para não atrapalhar o visual e o fluxo do livro, esse idioma fictício não está em itálico. No entanto, traduzi dentro da narrativa, ou, se não, o diálogo é escrito no próprio idioma e a tradução é incluída em notas de rodapé. Para sua referência, incluí um dicionário Korwahk no final do livro. Este dicionário também está disponível para download (em inglês) em meu site, na página da série Fantasyland. Inclui definições de palavras Korwahk, bem como explicações dos diferentes países, regiões e mares do meu universo alternativo fictício.

Para levar a história adiante, também recorri à licença poética com o tempo que nossa mocinha leva para aprender a nova língua e nosso mocinho para aprender a dela. Nossa Circe é uma garota inteligente e nosso Lahn é fabuloso, mas ninguém é tão inteligente e fabuloso... exceto em uma fantasia.

Bem-vindos ao Korwahk. Espero que vocês gostem de passar um tempo lá.

Prólogo

Correndo

Eu estava correndo.

Correndo com aquelas sandálias idiotas e frágeis.

Correndo pela minha vida.

Ele estava em seu cavalo, eu podia ouvir os cascos do animal batendo atrás de mim, aquele som misturado a minha própria respiração ofegante, entrecortada, em pânico — e o som estava se aproximando.

Eu estava coberta de sangue. Não era meu. Ainda estava quente por ter jorrado do corpo daquele homem.

Não sabia onde eu estava ou como cheguei ali. Não sabia o que estava acontecendo. Fui me deitar na minha cama em um mundo que eu conhecia e acordei aqui, em um mundo totalmente estranho para mim, todo ele, e não havia nada de bom a esse respeito.

E agora eu corria para salvar minha vida.

Os cascos do cavalo ficaram mais próximos. Sabia que eles estavam quase em cima de mim. Frenética, olhei para trás e vi que estava certa. Não só estavam perto, o cavaleiro — tão grande que parecia um gigante — havia se inclinado tanto para o lado, que seu corpo estava alinhado com o cavalo.

E seu braço longo estava estendido.

Me virei para frente e tentei correr mais rápido.

Mas não consegui e, certamente, não conseguiria correr mais que um cavalo.

Gritei quando ele prendeu seu braço em minha cintura, me agarrou e me levantou antes de me colocar sentada em frente a ele no animal.

Sem pensar, gritei muito, me remexi sobre o cavalo e me preparei — em vez de fugir — para lutar.

Capítulo 01

O Desfile

Uma hora antes...

Eu estava em uma baia, uma espécie de curral.

Sim, um *curral*. Do tipo que se mantém animais. Só que básica. Nem um pouco moderna, primitiva — estacas altas, finas, embora robustas, presas com faixas de couro.

Havia homens enormes e extremamente musculosos de guarda em torno do curral, usando somente calças de pele e os membros superiores pintados com listras pretas e brancas. O interior do curral estava cheio de mulheres vestidas como eu.

Sandálias frágeis e pedaços de tecidos finos e sedosos de todos os tons foram amarrados ao redor de nossos corpos e se uniam nas duas extremidades em uma espécie de colar com um anel no pescoço.

Os rostos estavam extremamente maquiados. Delineador preto pesado. Sombra nos olhos em tons de rosa, roxo, verde e azul. Sobrancelhas marcadas a lápis. Blush. Lábios vermelhos, rosa ou vinho.

E todo mundo tinha muito cabelo. Demais. Em excesso.

Suspeitava que estava igual.

Sinceramente, se não estivesse naquele curral usando um tecido azul-claro e um colar prateado, teria pensado que elas eram legais. Que quem fez o cabelo e as maquiou era um mestre. Tudo estava fenomenal.

Mas eu estava com muito medo de pensar que alguma coisa era legal.

Havia pessoas circulando em torno do curral, olhando para dentro, mas sem se aproximar. Não o faziam porque os guardas não permitiam que chegassem perto demais. Nós, as garotas ali dentro, estávamos fora

dos limites. Eles podiam olhar, mas não conseguiam tocar nem podiam falar conosco.

Alguns desses espectadores usavam roupas estranhas: os homens vestiam calças de pele de tom cru como os guardas, mas alguns usavam coletes soltos na parte de cima ou faixas largas de couro ao redor do peito (entretanto, os guardas tinham seus membros pintados com a tinta preta e branca). Algumas mulheres usavam o que pareciam ser sarongues na parte de baixo, ligados e, aparentemente, presos por cintos feitos de tecido ou peles, em sua maioria. Alguns eram feitos de metal, prata ou cobre, mas não eram muitos. Na parte de cima, usavam tops de biquíni estilo tomara que caia ou frente única, alguns eram uma espécie de tecido dobrado que ia de um lado a outro pela parte de cima dos seios e descia até um certo ponto.

Havia outros homens olhando também, esses estavam vestidos com roupas antiquadas, calções até os joelhos, botas, camisas esvoaçantes, colete e, chapéus de aba larga com penas.

Não havia mulheres usando roupas desse estilo. Só os homens que olhavam.

Ficou claro que havia dois tipos de pessoas lá. Aqueles que, como os guerreiros, tinham a pele bronzeada, olhos escuros e cabelos escuros. Estes eram as mulheres de sarongue e os homens de calças de pele.

Eles nos olhavam com curiosidade.

Os homens usando roupas antiquadas eram diferentes. Os cabelos eram coloridos e os olhos, em sua maioria, eram verdes e azuis.

Nos olhavam com curiosidade também, mas não eram gentis ou indiferentes. Eram indecentes.

E isso me assustou.

Do lado de fora da baía, além dos observadores, vi grandes tendas redondas e tochas. Era noite, então estava escuro, mas parecia que o chão era de terra ou areia e pedras, quebradas em decorrência de muito

peso aplicado em cima delas. Parecia um cenário da série *Ilha dos Birutas*, mas não era falso, então, com certeza era sem graça.

Eu havia acordado lá há menos de uma hora, em pânico e enlouquecida, principalmente porque eu não estava na minha cama em Seattle, o que assustaria qualquer um, mas acordar aqui significava que eu estava *apavorada*.

Isso causou uma pequena comoção quando acordei e comecei a agir exatamente como eu estava: absolutamente apavorada, em pânico e surtada. Aquilo não foi visto de forma favorável pelos guardas pintados e musculosos. Na verdade, eles deixaram bem claro que meu comportamento era altamente indesejável. Felizmente, uma sensação desconhecida de autopreservação entrou em cena e eu me acalmei de imediato, me sentei, juntei minhas coisas e decidi descobrir onde estava.

No começo, pensei que fosse um sonho. Na verdade, decidi que tinha que ser. Esse tipo de coisa não acontecia com as pessoas, certo?

Mas, infelizmente, depois de me beliscar várias vezes e chegar à conclusão de que a gente não imagina que está sonhando em um sonho, percebi que não era.

Era outra coisa.

E essa coisa era muito ruim.

Então, quando observei o que me cercava, decidi que tinha que sair daquele lugar ruim, mas estava em um curral, pelo amor de Deus, sendo observada de forma maliciosa por homens nojentos e por pessoas que pareciam nativas de alguma terra da fantasia estrangeira.

E além disso, para ir embora, eu tinha que saber onde *estava*.

Então, prestei atenção e olhei em volta.

E notei que fora o que estava acontecendo nos arredores do curral onde estávamos, havia diferentes tipos de mulheres *ali*. Havia algumas com cabelos negros, olhos escuros e pele bronzeada — na verdade, essa era a grande maioria. E não pareciam estar em pânico ou amedrontadas. Pareciam contentes, algumas conversavam em uma língua que eu não

entendia, outras se mantinham separadas e olhavam para suas compatriotas de uma forma cautelosa ou até perspicaz (e a situação ficava pior quando muitos desses olhares eram direcionados a mim). Algumas até se exibiam para os espectadores.

E havia outras diferentes. Poucas. contei três.

Essas mulheres pareciam assustadas pra caramba.

Eram como eu.

E assim que fiz essa constatação, decidi o que faria primeiro. Eu não tinha ideia do que fazer em seguida, mas, pelo menos, sabia por onde começar.

E era descobrir o que estava acontecendo.

Parecia que tínhamos liberdade para andar e conversar, então escolhi meu alvo, me levantei e comecei a caminhar até ela.

Foi um erro. Os guardas não haviam esquecido do meu pequeno surto e vários olhos escuros e ameaçadores se voltaram em minha direção. Além disso, pessoas que estavam ali observando e haviam testemunhado aquele momento, voltaram sua atenção para mim, provavelmente porque estavam ansiosos para ver o que aconteceria em seguida. E, além disso, quase todas as mulheres de cabelos e olhos escuros no curral fixaram os olhares em mim e fizeram isso de uma maneira não muito boa.

Hum... *caramba*.

Com cautela, segui em frente e atravessei o curral até uma mulher de pele clara, cabelos castanho-claros e olhos claros. Ela não parecia estar em pânico. Em uma inspeção mais detalhada, ela sequer parecia assustada. Estava mais para resignada e atenta. Como se algo estivesse prestes a acontecer e ela estivesse se preparando para o que fosse de um jeito que tomasse toda a sua concentração.

Segui pela baia e pulei quando uma das mulheres de cabelos negros me alcançou e me beliscou com força na parte de atrás do braço.

— Ai! — gemi, colocando a mão na pele e olhando para ela.

Ela se inclinou para frente e sibilou por entre os dentes, parecendo uma cobra.

Pulei e me afastei.

Nossa, o que foi isso? *Vaaaca*.

Olhei para ela ao caminhar e quando estava fora do seu alcance, voltei para o meu alvo. Vi que ela parou de se concentrar no que estava prestando atenção antes e agora olhava para mim.

— Oi — falei baixinho quando cheguei a ela.

Suas sobrancelhas se ergueram de leve, a cabeça inclinou um pouco para o lado e ela respondeu de forma hesitante:

— Er... oi.

— Você, hum... se importa de conversar? — perguntei.

— Não — ela disse com suavidade.

Incrível, ela falava minha língua.

Então vi um sorrisinho estranho surgir em seus lábios.

— Claro que não, já que você é a primeira pessoa de Hawkvale com quem converso desde que fui capturada.

Ah, não.

Capturada?

Ah, não parte dois.

Hawkvale?

Eu tinha a nítida impressão de que ela não havia acordado de um sonho aqui. Não como eu.

Ela ergueu a mão e capturou a minha, segurando forte. Com os olhos procurando os meus, sussurrou:

— É bom saber que uma vez reivindicadas, haverá alguém próximo de casa.

Hum.

Ah, não de novo.

Reivindicada?

Ela falou duas frases e já tínhamos muita coisa para esclarecer, então priorizei.

— Não sou de Hawkvale — respondi a ela e sua cabeça inclinou para o lado.

— Bellebryn? — perguntou.

Certo, lá estava novamente. Eu comecei a achar que ela não era como eu.

— Hum... não, ouça...

Sua expressão mudou antes que me cortasse para perguntar, com alguma surpresa:

— Middleland?

— Não, eu sou de Seattle.

Desta vez, suas sobrancelhas arquearam e ela perguntou:

— Onde fica isso? Do outro lado do Mar Verde?

— Sim — menti rapidamente para prosseguir a conversa. Em seguida, perguntei: — Onde estamos?

Seu corpo estremeceu e o rosto pareceu triste. Ela me olhou por um momento e, em seguida, sua mão apertou a minha, me puxando para mais perto.

Quando eu estava bem próximo, ela pegou minha outra mão e declarou:

— Você foi protegida.

— Protegida? — perguntei, e ela assentiu.

— Meu pai viajava e minha mãe morreu quando eu era criança, então ele me levou junto. Ele compartilhou muitas coisas comigo... — Ela se aproximou ainda mais e sua voz se tornou um sussurro. — Incluindo os contos de Korwahk. — Então ela olhou em volta e apertou minhas mãos.

— Korwahk? — perguntei e ela olhou de volta para mim.

— Onde estamos agora.

Korwahk.

Não podia dizer que eu era perita em geografia, mas não tinha ideia de onde Korwahk ficava. Ou Hawkvale, Bellebryn, Middleland, nem o Mar Verde.

Só sabia que nenhum deles ficava perto de casa.

Eu já tinha a sensação de que estava ferrada ao ver que estava vestida com um traje de sacrifício de virgens e em um curral. Mas agora estava começando a ter certeza que estava ferrada *mesmo*.

Minha atenção se voltou para ela quando disse em um tom terrível:

— A Caça às Esposas.

Ah, Deus!

— O quê? — perguntei com voz ofegante.

Ela soltou uma das minhas mãos, mantendo a outra e deslizou um braço em volta da minha cintura, então estávamos ainda mais perto, antes de ela me perguntar:

— Qual é o seu nome, minha querida?

— Circe — respondi.

Ela me deu um sorrisinho estranho e sussurrou:

— Circe... é bonito.

— Qual é o seu? — perguntei.

— Narinda. Recebi o nome da minha tia-avó que, disseram, se parecia comigo. No entanto, não poderia dizer, porque não a conheci.

— É bonito também — disse a ela, e seu braço na minha cintura deu um aperto.

Ela continuou com uma voz gentil:

— Então, não deixaram os contos da horda de Korwahk chegarem até seu conhecimento.

— Pode-se dizer que sim — respondi, e ela balançou a cabeça em sinal de compreensão.

— Meu pai me contou que muitas garotas foram protegidas dessa informação. É compreensível. Passei a maior parte da vida em navios com

homens. Fui amada. — Ela abriu o sorrisinho estranho de novo. — Mas não fui protegida.

Eu sabia como era.

— Então você sabe onde estamos e o porquê de estarmos nessa baia? — perguntei.

— Na verdade — ela sussurrou, mas antes que eu pudesse perguntar mais coisas, um clima estranho e cheio de expectativa invadiu a multidão, a maioria das garotas no local ficou alerta e tambores começaram a rufar de repente. A batida profunda e constante muito alta dos instrumentos.

Ah, droga. Eu não tinha um bom pressentimento sobre isso.

— O desfile — Narinda sussurrou.

Ah, droga!

— Que desfile? — perguntei, mas ela não estava prestando atenção em mim, embora continuasse me abraçando. Ela olhava para o lado de fora do curral, então apertei sua mão. — Que desfile, Narinda?

Ela me olhou e disse com urgência:

— Vamos caminhar juntas e conversar. Fique perto de mim. Vamos tentar te esconder. Você não quer que o Dax veja seu cabelo.

— O quê? — sussurrei, mas as garotas estavam se movendo, seguindo em direção a um balanço de estacas que estava sendo aberto por um guarda.

Narinda me levou para junto das garotas, me manteve perto, ainda me abraçando e me observando.

— Não conseguiremos te esconder dos guerreiros. Eles vão te ver. Mas soube que o Dax não sai do seu palanque e dá pouca atenção ao desfile. Dizem que está preparado para reivindicar sua noiva em cada Caçada se vir alguém que goste, mas isso nunca aconteceu. Devemos tentar manter as coisas assim.

Passamos pela abertura e fomos empurradas por algumas das garotas que, claramente, não podiam esperar o começo do desfile.

Muito estranho.

— Elas não parecem assustadas — sussurrei para Narinda enquanto ela nos mantinha seguindo em frente. Havia uma fila de espectadores se formando em ambos os lados.

— Elas são de Korwahk — Narinda explicou. — Algumas são filhas da horda, outras vêm de aldeias e assentamentos de Korwahk. Elas acham uma grande honra ser escolhida para a Caçada. Crescem desejando ser escolhidas, exibidas, caçadas, reivindicadas e tomadas como esposa por um guerreiro Korwahk.

Havia várias palavras nesta declaração que não gostei, mas não disse nada. Estávamos caminhando por barracas e nos movendo para uma área muito mais iluminada. Não tive tempo para prolongar o assunto.

— E nós duas?

— Olheiros foram enviados para terras distantes. Não conheço a cidade onde te encontraram. Não sabia que eles viajavam para além do Mar Verde. Ouvi dizer que exploravam em Hawkvale, mas era raro. O rei Ludlum não é um grande fã disso e se um deles for capturado, as consequências são duras, então, normalmente, eles encontram mulheres como nós quando estão viajando. Eu estava com meu pai em um navio no mar Marhac. Ancoramos em um porto de Korwahk. Meu pai me deixou com dois guardas que estavam sobrecarregados e então me levaram.

— Sequestrada? — Sibilei em sinal de choque.

Ela me olhou. Mas não abriu seu sorrisinho estranho. Apenas olhou nos meus olhos e nos manteve em constante movimento, assentindo.

Ah, droga. Isso não era bom. Mesmo com o tremor das tochas, que não iluminava bem o espaço, que se parecia com um campo de futebol, pude ver que isso não havia sido bom.

— Sinto muito, Narinda — sussurrei, apertando sua cintura. — Sinto muito.

— Aconteceu, é passado. Preciso olhar para frente. Meu pai me ensinou isso. O que passou, passou, o que vem a seguir é a forma como

você lida com isso.

Bem, essa era uma maneira positiva de ver as coisas.

Apesar de tudo.

— Só espero que o guerreiro que me escolher seja gentil — ela disse com suavidade e olhando para o lado.

Fiz o mesmo.

— E espero que possamos impedir que o Dax te veja — ela continuou.

— Por que você continua dizendo isso? — perguntei.

— Você é loira — ela respondeu. — É a única mulher loira no desfile. Você se destaca.

Ah, não.

— E tem uma grande beleza — continuou.

Aquilo foi legal. Ou teria sido bom em qualquer outro momento da minha vida.

Obviamente, não agora.

— Ele gosta de loiras? — perguntei, e ela deu de ombros.

— Não sei. Mas eles não têm nenhuma loira em Southlands, Korwahk ou em qualquer outro lugar. Você vai se destacar.

Ela não estava errada. Olhando ao redor, definitivamente, eu me destacava.

— Afinal de contas, quem é o Dax? — perguntei, olhando para os lados e, em seguida, de volta para as garotas que estavam ao nosso redor. Algumas estavam se exibindo, sorrindo para os espectadores e quase pulando de emoção. Poucas como nós, se arrastavam e avançavam com cautela.

— É o rei Lahn — ela respondeu, e eu a olhei. — Eles não falam nossa língua. Em Korwahk, “dax” significa “rei” — ela explicou e estremeceu antes de continuar. — Ele é um selvagem. Os contos das suas façanhas se espalharam. É muito cruel. Sem coração.

Eu também não tinha um bom pressentimento sobre isso, considerando que estávamos caminhando por uma aldeia com tendas e tochas, pessoas usando peles e pedaços de pano. Percebi que todos eram relativamente primitivos. “Selvagem”, “cruel” e “sem coração” aumentaram bastante essa aposta e não foram palavras de que gostei.

Ela olhou para frente e, de repente, seus movimentos se tornaram urgentes, sua mão deslizou da minha para o meu antebraço, onde me agarrou e me puxou para mais perto enquanto continuávamos andando.

— Estamos prestes a entrar na avenida dos guerreiros, então você deve ouvir — ela falou rápido, soando tão urgente quanto agia, e uma emoção correu pelo meu corpo. Não era boa. — A Caça às Esposas é o que o nome diz. Os guerreiros de Korwahk são fortes e ferozes. São respeitados. Para ser um guerreiro, eles devem treinar desde menino e suportar muitas provações. Só os homens mais poderosos poderão entrar na Horda Korwahk. Eles dão a vida a este treinamento e, então, saem em ataques e guerras com o Dax, e em troca, prometem a eles riqueza, ganhos em roubos e guerras, além do direito de participar da Caça às Esposas, que oferece a oportunidade de reivindicar uma linda mulher como sua noiva.

Certo, era seguro dizer que as coisas não estavam melhorando.

Narinda continuou.

— Como você pode ver, estamos passando pela Daxshee – ou a vila do Dax – o acampamento onde ele mora com seus guerreiros. Vamos desfilar diante do seu exército. Eles vão nos olhar e decidir quem tomar como esposa. Uma vez terminado o desfile, montarão seus cavalos enquanto somos levadas para fora da Daxshee. Lá, seremos libertadas e eles vão nos caçar.

Ah.

Meu.

Deus.

Do.

Céu!

— O quê? — questionei, e ela balançou meu antebraço.

— Circe, fique quieta! Ouça — ela sussurrou. — Isso é importante.

Eu estava tremendo e ouvindo. Intensamente. Com tanta intensidade que meus ouvidos doíam.

Narinda continuou:

— Eles vão nos caçar e nos reivindicar. — Seus dedos agarraram meu antebraço e ela se aproximou. — Vão nos reivindicar como qualquer marido reivindica sua esposa na noite de núpcias.

Ah, merda. Ah, Deus. Ah, Merda.

Ela continuou falando.

— Nos levarão de volta à aldeia, nuas e como propriedade deles.

Put a merda.

— E então o ritual do casamento será realizado diante do Dax.

Eu não queria saber. Não mesmo.

Mas perguntei:

— O que é isso?

— Se acalme, minha querida — ela disse com suavidade, ouvindo e compreendendo o meu tom, mesmo sobre a batida alta do tambor. — O que o guerreiro quiser. Geralmente, eles só apresentam as noivas ao Dax. Então há danças, bebidas, comida e festa.

— Nós...? — Engoli em seco. — Vamos nos vestir para isso, hum... para a festa.

Ela assentiu.

— Depois da apresentação ao rei, estaremos vestidas com roupas que cada guerreiro nos fornecera.

Isso era bom.

Mas eu não ia chegar a essa parte.

Não. De jeito nenhum. Eu ia correr. Ia me esconder. Ia lutar. Ia fazer o que pudesse para fugir, descobrir o que eu estava fazendo neste lugar maluco e ia voltar para casa.

— Vejo que você está com medo — Narinda chamou minha atenção e olhei para ela.

— Bem... *sim* — falei.

— Não, Circe, me escute: não faça nenhuma bobagem — ela disse rapidamente, examinando a multidão mais uma vez. O espaço iluminado se aproximava, e eu podia ver a urgência em seu rosto.

— E bobagem seria?

— Não lute contra a reivindicação. Não faça isso. É a tradição deles. Os guerreiros não veem nada de errado nisso. Olhe para as mulheres Korwahk, Circe. Elas mal podem esperar por esse momento.

Olhei para as mulheres. Era verdade. Era insano, mas verdade.

Era óbvio que mal podiam esperar.

Narinda passou a me aconselhar:

— Pegue seu guerreiro e agunte a reivindicação. Espero, de verdade, meu amor, com todo o meu coração, que você consiga alguém que seja suave sob toda essa dureza.

Eu estava tremendo da cabeça aos pés e queria fugir. Queria correr.

Mas era tarde demais.

Estávamos entrando na avenida dos guerreiros.

Eu sabia disso porque os espectadores haviam desaparecido. A única coisa que restava eram duas filas de homens vestindo apenas calças de peles, os corpos morenos e pintados. Alguns estavam pintados com listras brancas e pretas, mas eram poucos. A maioria tinha listras vermelhas. Na mesma proporção, havia homens com listras em um tom de azul profundo. Alguns tinham uma combinação de todas essas cores. Mas havia alguns apenas pintados de preto, embora esses não estivessem nem perto de ser a maioria.

E era assustador. *Eles* eram assustadores. Isso porque eram *enormes*. Não eram grandes nem altos. Eram *imensos*. Todos magros e musculosos, mas não só um pouco, *era muito*. Alguns tinham cicatrizes.

Algumas eram bem feias. Todos tinham cabelos negros, longos e presos para trás, afastados dos rostos pintados. Usavam o que parecia ser uma longa corrente enrolada na cintura. Tinham espadas enormes encaixadas em bainhas nas costas e duas facas nas laterais da cintura.

Pareciam guerreiros e selvagens.

O local estava iluminado com muitas tochas e grandes fogueiras. Os tambores ainda estavam batendo — mais alto agora — o som reverberava em minha pele. Passei pela frente dos guerreiros e fiquei feliz pelo fato de que as mulheres Korwahk quisessem esses homens. Fiquei agradecida por elas também saberem que eu chamaria a atenção por ser loira e porque elas queriam essa atenção. Um dos guerreiros olhou para mim, mas nesse instante, uma das mulheres se moveu para ficar na minha frente e entrar em seu campo de visão. Ela se inclinou para mostrar o rosto, se posicionou de forma a mostrar o corpo e apertou os braços para empurrar os seios.

Graças a *Deus*.

— Circe, fique perto de mim e abaixe a cabeça sem parecer que está fazendo isso. Estamos nos aproximando do Dax — Narinda advertiu baixinho, e eu me aproximei ainda mais dela e tentei fazer o que me orientou.

E conseguimos fazer tudo direitinho quando chegamos perto dele. O som dos tambores eram tão alto que era tudo que eu podia ouvir. Cada batida parecia uma martelada contra o meu corpo. E as mulheres Korwahk ao nosso redor ficaram frenéticas. Elas inundaram a área do nosso lado esquerdo e fizeram de tudo para se exhibir.

Me inclinei para a frente e espiei através dos corpos em movimento tentando ver, mas tudo que consegui foi alguns relances. No entanto, nada foi muito bom.

Um palanque amplo, cerca de dez degraus para cima. Nele, o que parecia ser um trono enorme, feito quase que inteiramente de chifres enormes, pretos e ondulados, que se erguiam e rodeavam em um arranjo

na parte de trás, assim como nos braços e assento. No entanto, os pés pareciam de elefante.

Não era legal.

Atrás do palanque, havia o que parecia ser uma rajada de fogo que tremeluzia, iluminando-o. Nas laterais do trono, grandes fogueiras iluminavam tambores enormes da altura de, pelo menos, dois homens adultos. Os homens que os estavam tocando tinham que correr em direção aos instrumentos e arremessar o martelo com o peso de todo o corpo. Eles corriam e depois voltavam. Estavam brilhando de suor em decorrência do esforço.

Foi tudo que consegui ver. Não havia ninguém sentado no trono. Não havia ninguém lá.

Ninguém.

Até que eu o vi.

De pé, de um lado e em direção à borda do palanque, olhando para baixo, havia um homem gigante. Parecia *um monstro* de tão grande. Mais alto que qualquer um dos guerreiros que estavam no desfile, mais forte, mais musculoso e *mais selvagem*.

Ele estava olhando para baixo, não para o desfile, mas para um homem bem vestido que estava gesticulando para ele. Seus braços fortes estavam cruzados, o peito e o rosto pintados com listras negras, uma passando por seus olhos. Ele não usava outras cores.

E parecia entediado.

Isso foi tudo o que vi antes de garotas Korwahk frenéticas, chamando em sua língua estranha, fecharem o espaço na minha frente, pulando como se estivessem em um show da sua banda favorita.

— Ele não pretende tomar uma esposa nesta Caçada, graças aos deuses — Narinda suspirou ao meu lado e seu alívio foi tão grande que se comunicou comigo. Relaxei, e ela nos moveu para frente com pressa, mas eu poderia dizer que ela estava tentando fazer com que não parecesse apressada.

Neste momento, fiz algo estúpido. Não sei porque, mas fiz.

Quando passamos pelo palanque e as meninas começaram a me circular novamente para desviar a atenção que os guerreiros estavam dispensando a mim, olhei para o rei selvagem de Korwahk.

E quando o fiz, olhei diretamente para seus olhos escuros e pintados.

Ah, merda!

Virei de volta rapidamente e respirei fundo.

— Circe? — Narinda me chamou, ouvindo minha respiração até mesmo sobre os tambores.

— Ele me viu — sussurrei.

— O quê? — ela perguntou.

— Ele me viu! — sussurrei novamente. — O Dax!

Seus olhos se arregalaram, e ela sussurrou de volta.

— Ah, não!

Fechei os olhos com força.

— Tudo bem, tudo bem, meu amor, talvez ele não tenha visto. Talvez ele... — ela tentou, segurando meu braço.

— Ele viu — sussurrei quando nos movemos para fora da avenida de guerreiros, em outro mar de espectadores.

Ela segurou meu braço.

— Talvez ele não tenha visto.

Assenti.

— Talvez, não — falei com suavidade.

Mas ele viu.

Capítulo 02

A Reivindicação

Um guerreiro deu um golpe com sua espada enorme cortando o outro que se prendeu ao meu colar. O jato quente de sangue espirrou na minha frente e eu gritei e pulei para longe quando o homem preso a mim caiu sem vida no chão.

Narinda não me contou sobre a Caçada. Ela não me disse que os guerreiros lutariam uns contra os outros pelas noivas. Era possível ouvir os grunhidos dos homens em todos os lugares, o choque de aço, os uivos de dor e os rugidos de vitória.

Também podia ouvir os gritos das mulheres. A maioria estava surpresa, algumas, com um pouco de medo e outras angustiadas. Mas algumas delas estavam em êxtase e seus gritos se misturavam com os gemidos dos homens encontrando alívio sexual.

Ouvia essas coisas vindo de todas as direções na noite escura.

Era um pesadelo. O maior de todos.

Estava sendo capturada pela terceira vez, fui jogada no chão duro por um guerreiro que pulou de um cavalo para fazê-lo. Então, ele pegou a ponta da corrente que estava em sua cintura, a prendeu ao meu colar e começou a lutar comigo. Sabia que perderia, porque todos eram homens demasiadamente fortes e *fedorentos*, devo acrescentar, bem mais fortes que eu.

Pouco tempo depois, eles seriam desafiados por outro guerreiro (às vezes dois). Eles lutariam, espada contra espada, faca contra faca, punhos contra punhos e a única coisa pela qual eu tinha que ser grata era que a corrente era comprida e todo guerreiro me afastava da luta.

Os outros haviam desistido ao golpear o guerreiro vitorioso na cabeça, parecendo não se incomodar. Eles apenas soltaram minha

corrente, montaram novamente nos cavalos e sumiram noite adentro.

Este guerreiro matou o homem que estava acorrentado a mim.

Recuei, tentando arrastar o homem forte e inerte que estava preso em meu colar enquanto o novo guerreiro andava na minha direção com um olhar intenso e o corpo era mais pintado que o da maioria. Seu rosto, somente iluminado pelo luar e a luz distante da tocha da Daxshee, feroz e *mau*. Enquanto ele ofegava e puxava a corrente, arrastando o guerreiro imóvel comigo e o novo caminhava em minha direção, soube que, embora eu não quisesse nenhum deles, *este* eu não queria *mesmo*.

De repente, ele jogou a espada para o lado e avançou sobre mim. Antes que eu pudesse me virar, ele estava se jogando contra mim. Então me atingiu e caí de costas, roubando meu fôlego com todo seu peso em cima de mim.

Lutei para respirar e me debati embaixo dele enquanto ele soltava a corrente do meu pescoço e prendia a sua, completamente alheio à minha agitação.

Uma vez que a corrente estava presa a mim, ele se virou em minha direção. Parei por um segundo diante da crueldade que vi em seus olhos. Ele colocou a mão entre nós, empurrou uma das minhas pernas para o lado, e eu gritei. Resisti com toda a minha força. Por algum milagre, ele se levantou, e eu o empurrei. Consegui escapar da posição onde me encontrava, fiquei de pé, coloquei as mãos na corrente que estava no meu pescoço para tentar soltá-la e *corri*.

Dei quatro passos antes da minha corrente ser puxada com violência. Voei de volta e caí de bunda em uma pedra.

Com o traseiro doendo, uma das minhas mãos foi para o gancho do colar e se atrapalhou com ele. A outra tocou a corrente para me segurar firme e me dar um pouco de movimento conforme ele a puxava mais uma vez. Senti uma dor aguda no pescoço, no lugar onde o colar ficava, e meu traseiro foi arrastado pelas pedras até ele.

Deus, ele me arrastava como um animal.

O que eu *fiz* para vir parar nesse *inferno*?

— *Não!* — gritei, puxando a corrente com força, e então nós dois ouvimos barulho de cascos.

Virei a cabeça, sentindo o coração se apertar, assim como o estômago, e olhei para o Dax montado em um enorme cavalo escuro se aproximando de nós.

Merda, merda, merda, merda, *merda!*

O guerreiro acorrentado a mim rugiu em sinal de fúria, puxou as duas facas das bainhas que estavam em sua cintura e assumiu uma posição de batalha. Mas o cavalo continuava se aproximando, galopando rápido demais e o cavaleiro não ia descer.

Ele não desceu mesmo.

No último instante, seu braço musculoso surgiu. Ele arrancou a espada da bainha que estava nas costas e com um poderoso golpe — no segundo em que seu cavalo pulou a corrente que me unia ao guerreiro, com uma faísca e o barulho de metal conjunta metal — a corrente foi cortada, e eu caí para trás, mais uma vez, de *bunda* no chão.

O outro guerreiro rugiu novamente sua fúria. Mas agora, ela ficou extremamente evidente quando o Dax o rodeou com o cavalo o atacou.

Ah, merda.

Esqueça essa porcaria. Eu ia *cair fora de lá*.

Fiquei de pé e corri como louca.

Não tinha ideia para onde estava indo. Nem de onde estava. Não sabia nem o que havia lá fora.

E não me importei.

Só me afastei das luzes da Daxshee e fui para a pedra iluminada pela lua e a escuridão do que parecia ser quase todo terreno baldio ao redor.

Eu não tinha um plano. Não tinha nada em mente.

Só queria escapar.

A lateral do meu corpo estava dolorida. Meus pés também. Assim como meu pescoço e meu traseiro. Eu precisava de um sutiã. Mas não me importei. Só corri.

E corri.

Corri muito.

Então ouvi barulhos de cascos atrás de mim, firmes e rápidos batendo no chão. Soube que o Dax havia vencido o guerreiro assustador, enorme e cruel.

Não precisei olhar.

O Dax vinha atrás de mim.

Eu sabia.

Corri mais rápido, como se estivesse em uma maratona, a dor na lateral do meu corpo aumentava, mas continuei o mais rápido que pude.

Os cascos do cavalo ficaram mais próximos. Sabia que eles estavam quase em cima de mim. Frenética, olhei para trás e vi que estava certa. Não só estavam perto, o cavaleiro — tão grande que parecia um gigante — havia se inclinado tanto para o lado, que seu corpo estava alinhado com o cavalo.

E seu braço longo estava estendido.

Me virei para frente e tentei correr mais rápido.

Mas não consegui e, certamente, não conseguiria correr mais que um cavalo.

Gritei quando ele prendeu seu braço em minha cintura, me agarrou e me levantou antes de me colocar sentada em frente a ele no animal.

Sem pensar, gritei muito, me remexi sobre o cavalo e me preparei — em vez de fugir — para lutar.

Ele colocou um braço ao meu redor, soltou a outra mão das rédeas e pegou a corrente em sua cintura.

Levantei as mãos e levei minhas unhas aos seus olhos.

Peguei o flash da surpresa que iluminou suas feições misteriosas e pintadas antes que ele abandonasse a corrente e segurasse minha

cintura. Ele recuou e pegou meus pulsos conseguindo evitar que minhas unhas atingissem seu alvo.

Aproveitei a oportunidade para deslizar do cavalo que havia reduzido sua velocidade.

Ao fazer isso, ele foi forçado a me soltar ou descer comigo. Meus pés atingiram o chão primeiro e a dor aguda subiu pelos tornozelos, chegando até as panturrilhas. Por causa disso, caí e rolei, mas fiquei de pé novamente e comecei a correr.

O cavalo veio mais uma vez em minha direção, mas desta vez eu estava preparada. Quando olhei para trás e o vi *tão perto*, me abaixei no momento em que seu braço tentou me pegar. Ele e o cavalo passaram por mim, e eu mudei de direção, correndo para o outro lado.

Eu parecia estar fazendo algum progresso e não ouvi mais barulho de cavalo, mas fui parada quando um braço forte envolveu minha cintura, me levantou e me girou.

Merda, ele estava fora do cavalo. E, merda mais uma vez, ele corria *sem fazer barulho*.

Resisti violentamente e chutei com mais violência ainda. Seu aperto afrouxou, meus pés bateram em pedras e tentei correr, mas ele me pegou de novo. Me virei em seu aperto e me joguei no pequeno espaço. Me apoiando em um pé, dei um impulso usando todo meu peso.

Seu torso balançou para trás e seu braço afrouxou novamente. Dei três passos grandes para trás, então ele se lançou. Era mais pesado do que eu e mais poderoso. Ele me atacou e eu caí de costas com ele em cima de mim.

Grunhi, me esforcei, lutei, empurrei, chutei, arranhei e mordi.

Mas eu não era páreo para ele.

Nem de perto.

Usando um braço e as pernas pesadas para me segurar, a outra mão subiu e ele prendeu sua corrente ao meu colar.

Putá merda, eu sabia o que isso significava.

Minhas costas arquearam e eu gritei com toda minha força raiva e frustração que havia dentro do meu corpo.

Mas mesmo acorrentada a ele e sabendo que era uma luta que eu nunca venceria, não desisti.

Minha mão foi para sua cintura. Encontrei o cabo da faca e a soltei, atingindo-o. Mas ele me desarmou antes que eu pudesse dar o primeiro golpe. Então ele pegou a outra faca e a jogou fora.

Droga.

Ainda não desisti. Continuei brigando.

Unhas, dentes, gritos, socos, chutes... nada funcionou.

Ele conseguiu se posicionar, colocando os quadris entre as minhas pernas e, em seguida, puxou o tecido que me cobria com tanta grosseria que ele se soltou completamente do meu colar, me deixando totalmente exposta.

Minhas costas arquearam novamente enquanto eu gritava “Não!” bem na sua cara, sem desistir.

Ele pegou meus pulsos e os puxou acima da minha cabeça. Em seguida, prendeu minhas mãos a sua, e a outra desceu entre nossos corpos.

— Por favor, não! — Chorei enquanto continuava lutando. Sua mão tocava sua pele, e eu sabia o que ele estava fazendo. Senti que estava duro contra mim. — Por favor, por favor, por favor, não.

Ele levantou a cabeça e seus olhos encontraram os meus. A parte branca contrastava muito com o preto da sua pintura. A mão que estava em meus pulsos apertava com força, provocando dor e minhas costas raspando no chão de pedra provocava ainda mais dor, então fiz a única coisa que ainda conseguia.

Eu o encarei.

Ele sustentou meu olhar por longos momentos.

Então, me olhando nos olhos, ele sussurrou:

— Lahnahsahna.

E ele inclinou a cabeça, enfiou o rosto no meu pescoço e me violou.

No segundo em que ele entrou em mim, eu não vi, pois meus olhos se fecharam, mas um relâmpago brilhou na noite escura.

Capítulo 03

O Ritual

Eu estava sangrando e nua na frente dele no imenso cavalo. Seu braço estava ao meu redor, sentia seu corpo grande, duro e aquecido nas minhas costas e abaixo de mim, o cavalo se movendo.

Também senti dores em meus músculos e na pele, que pareciam cobrir cada centímetro do meu corpo, por dentro e por fora.

Também senti algo mais, algo tão hediondo que me recusei a sentir.

Então não me permiti. Livrei minha mente de tudo aquilo enquanto observava as luzes, os fogos e as tendas da Daxshee se aproximarem e me concentrei em quaisquer horrores que aconteceriam comigo em seguida.

Ele ia me conduzir nua por sua aldeia, por seu povo, por seus guerreiros e por aqueles espectadores terríveis — caçada, machucada, nua e envergonhada.

Fechei os olhos.

Como eu ia suportar isso?

Pelo longo caminho de volta, seu cavalo andou lentamente. Não trotou, correu ou galopou.

Caminhou.

Demorou uma eternidade, e ele não disse uma palavra. Também não me abraçou com ternura ou triunfo. Era como se eu fosse um pacote que ele tinha que entregar com segurança. Nada mais.

Nada mais.

Eu era sua esposa agora.

Nossa. Sua esposa.

Ah, Deus.

Eu precisava ir para casa.

O cavalo diminuiu o ritmo e parou.

Meus olhos se abriram e meu corpo despertou.

Cinco mulheres corriam até nós, carregando uma variedade de coisas que não conseguia distinguir no escuro. Olhei para longe delas e vi que estávamos bem fora dos limites da Daxshee. Estava visível, mas ainda distante.

Por que paramos?

Ele desceu e colocou a mão na minha cintura, me tirando do cavalo.

Tentei segurar, mas não consegui sufocar o gemido de dor. Ele me colocou na sua frente, mas não soltou minha cintura nem se afastou.

Olhei em seus olhos pintados e vi que ele estava me observando como um espécime a ser estudada. Não havia muita luz, mas podia ver seu rosto, e ele estava inexpressivo e desinteressado.

Deus, eu o odiava.

Então ele ergueu a mão e soltou a corrente do meu colar. Virou a cabeça, berrou algo para as mulheres e, em seguida, se afastou de mim. Nesse momento, uma delas correu para minha frente. Tomando minha mão com gentileza, ela me guiou para longe do cavalo e até as outras mulheres.

Foi então que a coisa mais esquisita aconteceu: elas começaram a me bajular, murmurando em sua língua enquanto molhavam pedaços de panos em grandes jarros e limpavam cuidadosamente o sangue e a sujeira do meu corpo. Enquanto faziam isso, uma delas tirou o colar de prata do meu pescoço.

Que porra era essa?

Comecei a me afastar, sem pensar em correr, pois aquele monstro me pegaria, mas para ficar longe das mulheres. Meu corpo girava de um lado para o outro enquanto elas me limpavam, mas uma delas ficou perto e me segurou firme, embora gentilmente e as outras continuavam. O

tempo todo a mulher que me segurava ficou murmurando algo em meu ouvido.

Depois que elas me lavaram da cabeça aos pés, a mulher que me segurava disse algo em voz baixa. As outras assentiram, correram para longe, se inclinaram em um baú que estava a cerca de um metro e meio de distância e depois voltaram correndo carregando coisas que brilhavam sob a luz do luar.

Ah, por favor, Deus, que seja roupa.

Minhas orações foram mais ou menos atendidas.

Primeiro, elas trouxeram o que parecia ser elos de corrente de ouro. Tilintando sobre a minha cabeça, elas a puxaram para baixo, a prenderam e percebi que era uma espécie de blusa que expunha mais do que cobria.

Não era bom, mas, pelo menos, era melhor que nada.

Uma saia curta feita com os mesmos elos estava enrolada nos meus quadris.

Certo, ainda não era o ideal, mas de novo, era melhor que nada.

Em seguida, elas colocaram um colar de ouro largo, grande e *muito* pesado. Era tão largo e tão grande que cobria meus seios quase completamente, sobrando só um pouco de pele à mostra na lateral e na parte de baixo.

Tudo bem, estava melhorando.

Depois disso, um cinto pesado e muito largo, feito com muitos discos de ouro pendurados na parte de baixo, foi preso ao redor dos meus quadris, escondendo meu sexo, mas eu não conseguia sentir meu bumbum.

Não era o suficiente, não me deixava confortável. Todo aquele ouro era muito pesado, mas eu não ia reclamar.

Em seguida, faixas de ouro foram colocadas nos meus braços, parecendo algemas muito largas que quase me cobriram dos pulsos até os cotovelos.

Bem, eu teria preferido essa quantidade de cobertura em outro lugar, mas de novo, eu não ia reclamar.

E então, uma fina faixa de penas douradas — tão douradas que cintilavam sob a luz do luar como se tivesse glitter nelas — foi colocada em volta da minha cabeça e amarrada na parte de trás.

Finalmente, se movendo com rapidez, elas cobriram meu corpo com uma fina camada de óleo para que ele brilhasse.

Totalmente estranho.

Este foi o toque final, pois no minuto em que terminaram com o óleo, todas recuaram e se curvaram enquanto a mulher que me segurava murmurou alguma coisa para o Dax.

Antes que eu me desse conta, eu e todo o meu ouro pesado fomos rebocados por seus braços poderosos e fomos colocados no cavalo. No segundo em que minha bunda tocou no animal, o Dax se virou atrás de mim.

Mas não nos movemos, e uma das mulheres correu para nossa frente. Ela pegou um dos meus tornozelos, o empurrou, simulando como se eu tivesse que circular minha perna em torno do pescoço do animal.

Ela estava me dizendo que eu deveria montar com uma perna de cada lado do animal e não com elas cruzadas de um lado só como estava.

Não objetei-me opus. Não tinha condições de negar. Qualquer oposição foi deixada em uma pedra em algum momento passado. Passei uma das pernas para o outro lado do cavalo. Ela assentiu em sinal de aprovação, sorriu para mim e começou a recuar, se curvando.

Dax fez um barulho da língua contra os dentes e o cavalo avançou antes mesmo que a mulher limpasse totalmente o animal.

Certo, então, a má notícia era que eu estava em outro mundo, não tinha ideia de como cheguei lá e esse mundo não era um lugar que eu gostaria de estar. Tive que desfilar diante de guerreiros e fui caçada. Vi um homem morrer por mim e ele sequer me conhecia. Fui perseguida através de um terreno baldio e forçada a receber as atenções de um rei selvagem.

Suportei a humilhante viagem de volta usando apenas um colar, acorrentada a um bruto. Não tinha como saber quando isso terminaria, se terminaria e se eu voltaria para casa.

Mas, pelo menos, eu não ia desfilar por uma aldeia primitiva nua. O ouro era pesado, os elos da corrente não eram exatamente da melhor seda e o conjunto não me cobria por completo.

Mas decidi que seria algo bom.

As pessoas começaram a se aglomerar quando o cavalo se tornou visível do lado de fora da Daxshee e o Dax mudou nossas posições no cavalo. Essa mudança foi pequena, mas significativa. Seu braço, que estava ao redor da minha cintura deslizou para cima, de modo que as curvas dos meus seios repousaram sobre ele e se esticaram. E então me agarrei ao seu corpo grande. Isso dizia que eu não era um pacote para ser entregue com segurança. Era mais íntimo. Demonstrava que eu havia sido reivindicada.

Então sua boca chegou ao meu ouvido, e ele disse as primeiras palavras desde que me tomou.

Não as entendi, mas reconheci a última e mesmo que não soubesse o que significava, não a esqueci.

A última palavra foi dita com voz profunda, assustadora e rude:

— Lahnahsahna.

Bem, seja lá o que aquilo queria dizer, era algo com significado para ele. Portanto, eu precisava descobrir o que era. E tinha que ser rápido.

Com os homens usando roupas antiquadas para trás, mas ainda nos olhando, os nativos correram até seus cavalos, deram uma olhada em mim e na minha roupa dourada e começaram a aplaudir, sorrindo, pulando de felicidade, erguendo as mãos e acenando, alguns deles cantando enquanto passávamos. Flores e pétalas foram jogadas, mas quanto mais entramos na Daxshee, mais havia pessoas, mais pétalas se espalhavam ao nosso redor até que era tudo o que eu podia ver.

Aquilo foi paralisante, mas tenho que admitir que a sensação de suavidade delas fluando e deslizando contra minha pele quente, arranhada e dolorida foi muito bem vinda. E se esta fosse uma ocasião alegre, como um casamento de verdade entre duas pessoas se unindo por amor (o que não era o caso), aquelas pétalas iluminadas pela noite e pelas tochas seriam lindas.

O Dax não disse uma palavra enquanto andava pela multidão, e seu cavalo não perdia o compasso, mantendo sua caminhada lenta e constante.

As pessoas e as pétalas sendo lançadas pararam quando chegamos na área do palanque. Elas ficaram para trás, mas seus gritos e cantoria continuaram quando o cavalo nos levou ao centro de um amplo semicírculo de pedra que se projetava ali. O local estava repleto de guerreiros montados em seus cavalos. As mulheres reivindicadas estavam montadas na frente de cada um, usando apenas os colares com a corrente do guerreiro, presa a eles.

Então percebi que era bom ser rainha.

Nenhuma delas — olhei e encontrei Narinda — estava usando roupa.

Quando olhei em seus olhos, inclinei a cabeça para o lado e dei a ela o que eu sabia que era um sorrisinho estranho.

Seu rosto suavizou, e ela sorriu de volta.

Olhei para os outros guerreiros e suas mulheres. Algumas pareciam entusiasmadas além da crença. Outras, desapontadas. Havia algumas pessoas assustadas (e até mesmo mulheres nativas faziam parte desse grupo, o que mostrava que ter homens lutando até a morte por você, depois serem estupradas em uma terra árida não era bem o que esperavam).

O Dax nos parou no começo dos degraus do palanque e não hesitou em descer ou me tirar do cavalo.

Tentei (e falhei) em não pensar em parte do meu traseiro aparecendo quando ele segurou minha mão e subiu a plataforma em direção aos tronos.

Sim, *tronos*.

Agora havia dois. O preto maciço agora estava acompanhado por outro menor. Do mesmo estilo, mas os chifres eram brancos e os pés não eram de elefante, mas de algum outro animal. Talvez veado ou gazela.

Enorme.

Seu trono não possuía almofada, assim como antes, e, obviamente, isso era para mostrar que guerreiros durões não precisavam de coisas como almofadas para apoiar a bunda. Mas o trono branco, destinado a mim, tinha uma almofada macia coberta de seda dourada no assento e outra apoiada nas costas.

Certo, mais uma coisa boa: Tenho almofadas. Seria bom usá-las. Minha bunda estava doendo pra caramba.

Chegamos ao topo, e ele nos virou para a multidão. Eu podia ver além do arco grande e largo o que parecia ser pelo menos cem guerreiros, talvez mais, suas noivas e seus cavalos, além da multidão que estava presente.

O Dax ficou lá, segurando minha mão, seu olhar se movendo pelo o grupo. Alguém havia tirado o cavalo, de modo que, no início do palanque não havia nada além de um grande espaço aberto, a luz de tochas balançando na pedra lisa e cor de creme.

Ele não falou. Apenas observou com seus olhos pintados e assustadores. O grupo não aplaudiu nem cantou. Só ficaram em silêncio e nos observaram.

Isso, a propósito, não foi divertido, mas me diverti pouco naquela noite, então fiquei quieta.

Então ele começou a gritar, tão de repente, que meu corpo estremeceu. Eu não tinha ideia do que ele estava dizendo, mas o que quer que fosse, dizia *com muita vontade*. E isso se provou ser verdade

quando, por duas vezes, ele bateu com força o punho contra o peito musculoso e pintado.

Ele gritou por um tempo e, de repente, puxou minha mão. Ele se inclinou quando meu corpo caiu contra o dele e com seu movimento, quase caí, mas ele me pegou no colo antes que isso acontecesse.

Uma vez que ele me segurou, rugiu:

— *Kah Lahnahsahna!*

Alegria ensurdecadora rompeu da multidão, tão feroz que o som me atingiu como se fosse uma coisa física.

Mas ele não gozou da glória que estava recebendo. Ele se virou para as cadeiras e, quando o fez, olhei para seus olhos e seu queixo barbudo (ele tinha uma barba preta cheia. Era comprida no queixo e presa no meio com uma faixa dourada) e seus olhos se encontraram com os meus.

Seus braços me apertaram com tanta força que pensei que ele quebraria meus ossos.

Então ele sussurrou com ferocidade:

— *Kah Lahnahsahna.*

Antes que eu pudesse dizer uma palavra, ele me colocou em meu trono e depois se sentou no dele.

Certo, eu precisava *mesmo* descobrir o que isso significava.

Olhei para ele e o vi inclinar a cabeça para o primeiro guerreiro que fez uma reverência. Mais tambores começaram a rufar. O som era mais baixo, mas não era música. Era apenas uma batida e o rito de casamento (imaginei) começou.

Os guerreiros montaram em seus cavalos bem diante de nós, em frente ao palanque, pararam, desceram, pegaram suas noivas e subiram os degraus até nós. Um após o outro. Todos os homens levantaram o queixo para o Dax, em seguida, seus olhos se focavam em mim e eles inclinavam a cabeça ligeiramente. Algumas das mulheres se curvavam para o rei e para mim.

Depois de sacudir o queixo e se curvar, um dos guerreiros trouxe a noiva para a frente, a envolveu com os braços, levantou o queixo dela e sorriu para seu rei.

Estava claro que ele estava bastante satisfeito com a noiva e, apesar do meu aborrecimento, tive que admitir que era meio fofo. E me permiti admitir isso, principalmente, porque a garota parecia um pouco hesitante, mas também um pouco satisfeita.

Olhei para o Dax, que não deu nenhuma resposta visível. Ele podia ter achado que era fofo ou podia estar lutando contra um revirar de olhos. Mas seu rosto não indicou nada.

Ainda sorrindo, aquele guerreiro se afastou com o braço ao redor dos ombros da sua noiva nua.

Alguns casais depois, Narinda surgiu com seu guerreiro. Ela também tinha sangue sobre o corpo. Com certeza, ele lutou por ela, pois estava com um pequeno ferimento no ombro. O queixo balançou e a reverência continuou enquanto me inclinei para frente e olhei em seus olhos.

— Estou bem — ela balbuciou, antes virar a cabeça para o seu (bonito, eu estava feliz em ver, mas também esperava que fosse suave sob todo aquele músculo) guerreiro.

Eu estava igualmente feliz em vê-lo deslizar o braço ao longo da sua cintura de um jeito que parecia um tanto quanto terno antes de guiá-la pelos degraus.

Ótimo. Ufa. Talvez Narinda ficasse bem.

Mais guerreiros, mais noivas, mais tambores, mais acenos com o queixo e reverências e então, quase no fim, fiquei chocada ao ver o guerreiro cruel que colocou sua corrente em mim antes que o Dax a cortasse, subindo os degraus arrastando uma linda garota nativa atrás de si.

Ele também estava ferido, com um olho e a bochecha inchados. Sangrava bastante pelo nariz e tinha cortes leves e desagradáveis no

peito.

Mas não foram suas feridas que me assustaram. Foi seu olhar.

Seus olhos queimavam e isso vinha da sua alma, que estava cheia de ódio. Seu olhar estava focado no rei.

Ah, cara, *aquilo* não era um bom presságio.

Sua noiva tropeçou nos degraus, mas ele nem deu importância. Ele a arrastou para cima. Isso me fez respirar fundo e senti.

Algo vindo do Dax. Algo que não era bom.

Desviei os olhos do guerreiro malvado, cuja nova esposa estava de joelhos ao seu lado, seu sangue — e provavelmente de outros, considerando sua beleza — por todo o corpo nu, e olhei para o Dax.

Ele não demonstrou nenhuma reação. Sua expressão não havia mudado e ele estava solto e relaxado. De alguma forma, eu sabia que não reagir era tirar desse homem o que ele mais queria. Ele queria que o Dax ficasse zangado ou alerta para a ameaça óbvia que ele representava.

Mas o Dax não estava lhe dando nem isso.

Ainda assim, meu marido não gostou do cara. Eu podia sentir.

Meus olhos se voltaram para o guerreiro quando ouvi sua noiva gritar de dor.

Congelei de horror quando vi que ele a estava puxando pelos cabelos.

A menos que eu não tenha notado, ele não balançou o queixo, nem fez reverência para mim ou o Dax. Em vez disso, ele posicionou a esposa na frente de seu corpo, chutou as pernas dela, e envolveu um dos braços em sua cintura enquanto a outra mão continuava segurando seus cabelos. Aquilo, com certeza, estava doendo, assim como a mão que prendia seu pulso. O rosto estonteante estava contorcido de angústia. O torso dele se curvou, a mão se moveu da cintura, descendo até a barriga e mais baixo, sobre seu sexo, entrando nela...

Olhei depressa para o Dax quando a ouvi gemer.

Ele não olhou para mim. Seu rosto estava inexpressivo e seu olhar estava colado ao rosto do guerreiro.

Então vi seu lábio franzir.

Mas não senti o guerreiro se afastar, embora tenha ouvido a mulher dele choramingar.

Ele ainda a estava machucando.

Não podia permitir isso. Depois do que havia acontecido comigo naquela noite, com Narinda, com todas aquelas garotas assustadas que foram tomadas em rochas ásperas por guerreiros selvagens, eu não podia permitir tal atrocidade. Isso não. O que suportamos foi humilhante. Isso ia além.

Tive que fazer alguma coisa.

— Faça-o parar — sussurrei para o Dax, mas ele não tirou os olhos do guerreiro. — Faça-o parar — repeti, mas ele me ignorou. Hesitante, sem querer tocá-lo, mas estimulada pelos gemidos da garota e as lembranças do meu próprio pesadelo, estendi a mão e segurei seu pulso. — Faça-o parar — implorei.

Ao meu toque, o Dax virou a cabeça, seus olhos escuros observaram a minha mão, então se voltaram para o meu rosto. Eu os vi analisar minhas feições, mas ele não demonstrou nada. Eu não sabia o que ele estava pensando. Não tinha ideia.

Os gemidos continuaram, então movi a mão até a dele, segurando-a. Me inclinei e implorei:

— Por favor, *por favor*, faça-o parar.

O Dax olhou para mim.

Deus, ele não tinha ideia do que eu estava dizendo.

Ou pior, ele não se importava.

De repente, ele se virou para o guerreiro e disse algo em voz baixa, que incluiu duas palavras que eu conhecia: “Kah Lahnahsahna” e uma que me chamou a atenção, “Dahksahna”.

— Tooyo! — Foi a resposta resmungada do guerreiro e que obteve uma reação.

O rosto do Dax ficou duro.

Ah, caramba.

Afastei a mão.

Ele era assustador normalmente, mas quando seu rosto ficava duro assim...

Minha nossa.

— Tooyo? — ele perguntou suavemente.

— Tooyo! — o guerreiro repetiu.

Desviei o olhar do Dax e desejei não ter feito.

O guerreiro estava acariciando a garota bem ali, bem na nossa frente e para que todos pudessem ver. Ela não estava gostando nem um pouco daquilo. Seu rosto estava molhado de lágrimas e seu corpo se contorcia loucamente para fugir.

No instante em que meus olhos captaram a cena, nem tentei me segurar.

Fiquei tensa e gritei:

— *Pare com isso!*

Os olhos do guerreiro se voltaram para mim, e ele abriu um sorriso cruel, mas... não... parou.

Levantei do meu lugar e gritei:

— *Pare com isso!*

— Tooyo! — ele me respondeu e foi isso.

O Dax se levantou do trono, a mulher se soltou das mãos do guerreiro e se atirou em mim. Eu a abracei enquanto o Dax se movia na direção do guerreiro. O gigante tentou desviar, mas sem nenhum esforço aparente e com tanta rapidez que ele nem teve tempo para se defender, o Dax o atingiu com a palma da mão primeiro, envolvendo os dedos em sua garganta logo depois. Ele ergueu o sujeito, deu dois passos largos para

frente e o jogou para fora do palanque, o que fez com que o homem voasse pelo ar e pousasse de costas no chão.

Isso mesmo... *o jogou*. Ele jogou um homem enorme *pelo ar*, por dez degraus.

Putá *merda*!

O Dax ficou no primeiro degrau olhando para baixo, e então sua voz rude soou pela noite acima dos tambores quando ele gritou:

— Kah Dahksahna me ahnoo.

O guerreiro ficou de pé. O corpo do Dax ficou tenso em sinal de alerta. A mulher chorando em meus braços se aninhou mais perto do meu corpo e a abracei com mais força, mas fora isso, fiquei parada.

Eles se encararam durante um tempo, até que o guerreiro cuspiu nos degraus e foi embora.

O Dax se virou e sem olhar para mim ou para a garota, voltou para o trono e se sentou. Duas mulheres subiram os degraus e ampararam a garota de forma gentil, afastando-a de mim e levando-a até a lateral do palanque, depois seguiram pela multidão quando chegaram ao final da escada.

— Kah Dahksahna. — Ouvi o Dax dizer atrás de mim.

Me virei e encarei seus olhos pintados.

Eles estavam queimando nos meus. Em seguida, ele olhou para o meu trono e de volta para mim.

Acho que era hora de me sentar de novo.

Trêmula, respirei fundo e lentamente voltei para o trono sob o olhar do Dax. Uma vez que me sentei, ele se virou fez um gesto com o queixo para o próximo guerreiro.

E então o rito do casamento continuou como se nada tivesse acontecido.

Não era piada.

Como se nada tivesse acontecido.

Deus, eu tinha que sair deste lugar.

Capítulo 04

A Dinastia Dourada

Três dias depois...

— Kah Dahksahna, shalah dahnay — a mulher implorou, pousando a mão de leve no meu quadril sobre o lençol de seda.

Minha cabeça estava apoiada em uma pilha de travesseiros de seda. Meus olhos estavam abertos, mas eu não via nada. Podia sentir o couro macio debaixo do meu corpo. O lençol de seda estava ao redor da minha cintura, mas eu estava cobrindo os seios nus com o braço.

E eu queria morrer.

Todos os dias eu acordava aqui. Três noites de sono, três dias acordando sem ir para casa.

Três dias acordando para as atenções do rei.

Três noites sendo despertada para dar mais atenção a ele quando voltava à tenda.

Não havia palavras de ternura, mesmo aquelas que eu não entendia. Não havia tentativas de preliminares. Nenhum afago depois. Ele não me abraçava enquanto dormia. Só me virava, me colocava de joelhos e usava-me; saía de dentro de mim, deitava ao meu lado e adormecia (ou, pela manhã depois que me tomava, se levantava, bebia água de um jarro, vestia a calça de couro sem nem tomar um banho e saía).

Ele não compartilhava as refeições comigo (não que eu tenha me levantado para comer. Eu não saía dali para nada, exceto para usar o vaso na parte de trás da tenda). E ele não ia até lá comigo.

Ele nem sabia meu nome.

Pelo menos, ele saía durante os dias.

Havia acabado de sair e, como sempre acontecia, as cinco mulheres que me ajudaram depois que ele me reivindicou correram e se movimentaram pela tenda com grande atividade. A que possuía a pele escura (com certeza a líder do grupo), como de costume, veio em minha direção falando com gentileza, mas cada vez mais ansiosa, usando palavras que eu não entendia. Suas mãos eram sempre delicadas em mim, seus toques eram sempre gentis e eu entendia a mensagem: ela queria que eu me levantasse.

Não me levantei e, por fim, elas desistiram e saíram em silêncio.

Mal olhei para elas.

Eu precisava ir para casa. Precisava *dar o fora* dali.

Tinha que fazer isso, mas não tinha ideia de *como*, nem uma pista.

E meu pesadelo continuou.

A mão que estava no meu quadril saiu de lá e eu a senti se levantar da cama. Então a ouvi falando baixinho, mas com urgência com as outras mulheres.

Enfiei a mão sob a pilha de travesseiros macios que apoiavam minha cabeça e continuei olhando pela tenda sem realmente enxergar, ainda sentindo-o entre as pernas, sabendo que ele voltaria.

Sem saber quanto tempo havia se passado, ouvi a abertura da tenda bater. Meu corpo ficou tenso e minha mente revirou o local na tentativa de sentir sua presença (seria a primeira vez, pois ainda era dia), mas não senti sua energia bruta e feroz preenchendo a tenda.

Relaxei.

Então senti alguém se sentar atrás de mim e outra mão leve tocou meu quadril.

— Kah Dahksahna, minha querida, você deve se levantar. Deve comer. Precisa se mostrar para a Horda.

Pisquei e me virei, movendo o braço para cobrir os seios enquanto olhava para uma mulher muito bonita com cabelo castanho escuro, olhos

cor de avelã e uma expressão gentil. Ela estava usando a roupa dos nativos e falando a minha língua.

— Você me entende? — minha voz estava rouca, porque eu não falava há três dias.

Ela inclinou a cabeça para o lado. Ótimo. Ela não sabia o que era inglês. Não tinha vindo parar aqui por causa de um sonho também.

Olhei para ela e estimei que tivesse cerca de quarenta anos, mas estava muito bem. Também sabia que as mulheres que cuidavam de mim foram buscar outra mulher que falasse a minha língua por estarem desesperadas.

Bem, interessante saber que havia outra pessoa naquele lugar horrível que falava minha língua, mas não era interessante o suficiente para eu me importar.

Me virei de lado mais uma vez e voltei a contemplar o nada.

Sua mão balançou meu quadril suavemente.

— Kah Dahksahna, por favor, você precisa se levantar. Há boatos.

— Não me importo — falei, embora fosse algo mais que eu não entendia. Mas não me importava o suficiente para entender também.

— Vejo que você foi protegida — ela murmurou para si mesma, me apertando gentilmente com os dedos.

Não.

Não fui protegida.

Como Narinda, a minha mãe morreu quando eu era jovem. Aconteceu quando eu estava com dez anos. Um incidente esquisito, do tipo que nunca se ouviu falar, a menos que fosse na TV ou em um filme. Minha mãe foi ao banco e um assalto estava em andamento. O ladrão surtou quando ela entrou, se virou e atirou nela. Ela morreu na ambulância. Ia fazer algo simples, apenas um depósito e então... ela não estava mais lá.

Meu pai era dono de uma empresa de mudança e não tinha muito dinheiro. Portanto, ele não podia pagar por babás ou creches, mas

também, com o que aconteceu com a minha mãe, eu achava que ele precisava me manter perto de pessoas de confiança. Então cresci em seu escritório, perto dos seus empregados. Eles também tomavam conta e cuidavam de mim. Eram legais e eu os amava. Fizeram o melhor que podiam e agiam de forma correta quando eu estava por perto, mas eram homens. Ouvi coisas que não devia. Era o caminho do mundo.

E cresci naquele escritório até que comecei a administrar o lugar, aos quinze anos. Agora, aos trinta e cinco, continuava trabalhando ali, e eles não se esforçavam mais para agir de forma apropriada. Eu era mais velha e estava lá há bastante tempo, então era como um deles.

Embora tivesse peito e bunda — e já havia pego alguns olhando em mais de uma ocasião.

Mas não fui protegida.

Então, definitivamente, teria sido protegida *disso*. Mas meu pai não sabia que *isso* existia. Se soubesse, com certeza teria feito isso. Daria um golpe de espada nos guerreiros para me salvar, assim como qualquer um dos seus homens.

Eu me perguntava o que ele estava pensando em casa, quando eu não estava lá. Provavelmente estava ficando louco.

— Sei que isso é estranho para você — a mulher falou.

Certo. *Estranho*.

Sim, ela acertou em cheio.

Estranho.

Porém, eu poderia usar outra palavra para isso.

Ou várias.

— Mas você precisa se importar, kah Dahksahna — ela sussurrou me dando outro aperto.

— Meu nome é Circe — falei em voz baixa.

— Perdão, minha querida?

Suspirei e repeti:

— Meu nome é Circe, não kah Dahksahna.

— Circe, que adorável — ela murmurou. —, mas Dahksahna não é o seu nome, é só quem você é. Significa “rainha” e você é a nossa rainha.

Decidi não responder. Isso funcionou com as outras mulheres — sem resposta, uma hora ou outra elas iam embora.

Ela me apertou mais uma vez e a senti se inclinar para mais perto.

— Eu me lembro de sentir o mesmo que você. Seerim, meu marido guerreiro, era diferente do Dax, é claro, mas me lembro desse sentimento, minha querida. Sei que não é uma coisa boa. Mas você vai entender que é o jeito deles.

— É uma droga — murmurei, me esquecendo de não responder.

— Droga? — ela perguntou, parecendo confusa.

— É uma droga. É nojento. Não há consideração — expliquei, virando novamente com o braço sobre os seios e a encarei. — É horrível, desagradável, vil, detestável... é uma droga.

Seus olhos suavizaram, e ela falou baixinho:

— É o jeito deles.

— O jeito deles é uma *droga* — disse e rolei de volta para minha posição inicial.

Ela voltou a falar:

— Entendo que você veja desse jeito. Mas eles sabem que não somos assim, que queremos ser cortejadas, nos apaixonar e esperar para ser reivindicada por seu cônjuge após a celebração do casamento, mas não são camponeses, eles são soldados, *guerreiros*, e acham *isso* estranho. Motivo de riso. Coisa boba. Acham que é ridículo não enfrentar um desafio, serem melhores que seus irmãos, para ganhar uma linda esposa. Você não acredita em mim agora, mas juro, por mais inacreditável que pareça, você vai entender o jeito eles. Depois da minha, já vi dez Caças às Esposas. Há garotas como você, garotas que se estabelecem e aproveitam a vida com a Horda. Você também vai. Só precisa se levantar e encarar isso, compreender o jeito deles, estar entre...

Eu a cortei.

— Não vou me levantar.

— Você precisa.

— Bem, mas não vou.

Eu a senti se aproximar.

— Você precisa, Dahksahna Circe. Por suas escravas, seu Dax, pela Horda e... por você.

Meu corpo ficou tenso e virei a cabeça para ela.

— Minhas... *escravas*?

A observei assentir.

— As mulheres que cuidam de você. São suas escravas. O Dax as deu a você. É muito generoso. A maioria das noivas guerreiras recebe uma escrava, no máximo duas. Estou com meu guerreiro há mais de vinte anos e só tenho três.

Pisquei e repeti:

— *Escravas*?

Seu rosto demonstrou compreensão, mas ainda assim, ela afirmou:

— A Horda tem escravos. Também é o costume deles. Na verdade, jeito é o costume em toda a área de Southlands.

Nossa, esses caras eram *selvagens*.

— Isso é loucura — sussurrei.

— É o jeito deles — ela respondeu, e tive que admitir, estava cansada de ouvi-la dizer isso.

— É loucura — repeti.

— É um costume deles, Dahksahna Circe — ela retornou com firmeza. — E se você não se levantar, o Dax será forçado a intervir.

Ah, caramba, não gostei de como *isso* soou.

Olhei para ela.

Ela continuou, mas fez como se realmente não quisesse.

— Ele se gabou muito de você. A Lahnahsahna, a esposa de um *verdadeiro* guerreiro.

É isso que Lahnahsahna quer dizer?

E...

Ele se *gabou* de mim?

Ela continuou falando.

— Ele disse ao povo que não te reivindicou. Contou que *lutou* contra você antes de te vencer. Ele disse ao seu povo que você o desafiou. A noiva do rei guerreiro lutou como um guerreiro. Ela não se deitou e aceitou seu destino. Foi forte e gritou na cara do rei. Ela lutou e não desistiu. Mesmo sabendo que experimentaria a derrota, ela lutou como uma verdadeira guerreira. Ele disse ao povo que você não é a rainha. Você é a rainha guerreira.

Olhei para ela sem saber o que dizer.

Ela tomou isso como sugestão para continuar.

— Ele te vestiu de ouro antes do ritual. Não é um comportamento comum dele, Dahksahna Circe. Um guerreiro, rei ou não, *nunca* cobre a noiva que reivindicou antes do ritual ser realizado. É importante para eles mostrar seu triunfo em *toda* a sua beleza. O Dax Lahn te vestir de ouro foi um anúncio para o povo de que você é mais do que a sua Dahksahna, você é a Rainha de Ouro, a noiva guerreira. Esta não é uma declaração simples de se fazer. Um Dax não faria isso a menos que acreditasse com sua alma que havia reivindicado a Rainha de Ouro.

— O... o que — gaguejei — é a rainha de ouro?

Ela me deu um sorriso gentil antes de dizer:

— É a crença do povo Korwahk de que o mais poderoso Dax em sua história encontrará a rainha de ouro, uma noiva guerreira, de cabelos loiros, coração gentil e com espírito feroz. Esta história tem sido contada por séculos, milênios... o poderoso Dax e sua Dahksahna dourada se uniriam e a Dinastia Dourada começaria, trazendo à nação Korwahk grande riqueza, colheitas abundantes, mulheres férteis. A magia cairia sobre a terra e o povo Korwahk estaria a salvo sob a força do rei e dos encantos da rainha.

— Isso é... isso é... isso é *maluquice* — disse a ela, me levantando para me sentar, puxando o lençol sobre os seios e, quando seu rosto ficou confuso, expliquei rapidamente — Loucura. Insano.

Ela balançou a cabeça e se sentou, sorrindo para mim.

— Eles não acham que é loucura. Acreditam que é verdade. Toda geração reza para que o poderoso rei e a rainha de ouro reinem nesta terra. E eles acreditam que quando o poderoso Dax encontrar sua rainha, ele a vestirá de ouro antes do ritual e a instalará ao seu lado. Foi isto o que o Dax fez. E isso não é algo que ele faria a menos que *acreditasse* ter realmente encontrado sua rainha de ouro e... — ela se inclinou para frente — *foi o que aconteceu*. E ao fazer isso, ele trouxe grande alegria ao povo. Mas você não se mostra. Não anda entre eles. Você se esconde na sua tenda e há comentários. Falatórios de que você não é o que ele disse. Fofocas de que o Dax mentiu para eles, se gabou de algo falso, reivindicou uma dinastia que não era dele para ser reivindicada. E essas fofocas são muito perigosas para ele e *para você*.

Olhei para ela com olhos arregalados.

— Por quê? — perguntei sem fôlego.

— Porque, minha querida, não há dinastia entre os Korwahk agora. Um Dax se torna um Dax através do desafio. Ele não herda um reino. Se apodera dele — ela sussurrou.

Ah, cara.

Ela continuou falando.

— O Dax só permanece como Dax enquanto puder derrotar qualquer desafio. Se ele é morto, seu reinado é transferido para o guerreiro que o derrotou, ou, quando ele sabe que não pode mais resistir a um desafio, ele e sua rainha vão para o exílio e os dois deixam de viver com a Horda do Daxshee. Mas, alegando que você é a rainha de ouro, ele reivindicou o reinado até sua morte e, em seguida, para seu filho e assim por diante até que a Dinastia Dourada caia, se isso acontecer. Esta não é uma afirmação trivial a se fazer. Isso desafia seu modo de vida. Haverá

quem deseje provar que ele está errado. Haverá desafios para a Dinastia e você, se escondendo em sua tenda você deixando de mostrar que é a rainha guerreira de ouro, está colocando nosso Dax em risco.

Algo pelo qual eu não me importava.

De jeito nenhum.

— E? — perguntei bruscamente. Ela piscou.

Então disse suavemente:

— Se o Dax decidir que se enganou, precisará tornar isso conhecido entre o seu povo antes de qualquer desafio ser lançado. E ele vai fazer isso, minha querida, vai renunciar a você e de uma maneira que você não vai gostar.

Merda.

Ela continuou falando.

— Mas, se um desafio for lançado antes que ele faça isso e o Dax cair, você cai. Eles vão matá-lo, minha querida, mas *você*, não será morta.

Isso não soou tão ruim. Ou, pelo menos, as palavras não, mas o jeito que ela disse, sim.

— E? — perguntei em um tom muito menos agudo e muito mais hesitante.

Ela me estudou.

Então disse com cuidado:

— E... eles queimarão sua tenda, matarão suas escravas... depois de se aproveitarem delas — ela me olhou — *repetidamente*.

Respirei fundo, e ela continuou.

— Vão roubar seus pertences, e você... você, minha querida, será mutilada de maneiras e em lugares que nenhuma mulher deseja. Em seguida, vão compartilhar você entre todos os guerreiros até que percam o interesse. Depois de suportar isso, você será expulsa. E se alguém te ajudar, será punido. Você vai morrer de sede ou desnutrição, queimando ao sol. Não vão te matar, mas você vai morrer. E antes de morrer, vai

desejar a morte. E nenhuma morte é agradável, Dahksahna Circe. Mas essa seria muito mais desagradável do que a maioria.

Bom Deus, ela foi bem direta.

Sério, esse... lugar... era uma droga.

Olhei em seus olhos. Depois olhei para as cinco mulheres que estavam me servindo e cuidando de mim de forma gentil durante os três dias e haviam sido tão gentis comigo naquela noite horrível. Elas estavam de pé no interior da cobertura da tenda.

Pareciam mais do que ansiosas.

Elas pareciam assustadas e com medo.

Olhei de volta para ela.

Então, sussurrei:

— Qual é o seu nome?

— Diandra, minha rainha.

— Tudo bem, Diandra — falei baixinho, tomando a minha decisão.

— Me deixe levantar. Tem algumas pessoas que precisam me ver.

Diandra ficou me olhando por um bom tempo antes de sorrir.

Capítulo 05

Acertando Algumas Coisas

Me sentei de pernas cruzadas no meio da cama, esperando meu rei voltar para casa.

Havia passado a maior parte do dia com a Diandra.

Naquela manhã, eu saí da cama e a Diandra pegou meu robe, ou a lornya como elas chamavam. Era comprido, tinha fendas laterais, sem mangas e era feito da melhor seda azul clara que já vi.

Enquanto eu comia (iogurte cremoso, frutas secas doces e algum tipo de grão misturado, era bem gostoso) e tomava café (a única coisa boa até agora — os selvagens tinham café, mas o leite tinha sabor um pouco picante), Diandra conversou comigo.

Ela me contou sobre Seerim, seus três filhos (todos, ela se vangloriou abertamente, em treinamento para ser guerreiros. O primeiro, ela se gabava de um jeito assustador, já havia provocado sua “primeira morte”) e sua filha (“Ele negaria, já que tem orgulho dos nossos filhos guerreiros, mas Sheena é a favorita de Seerim”, ela disse).

Enquanto fazia isso, as minhas garotas (me recusei a chamá-las de escravas) transportavam uma grande banheira oval de cobre com uma lateral dobrado para trás e a encheram com baldes de água quente. Despejaram um pouco de uma substância leitosa, um pouco de óleo, giraram e soltaram pétalas de flores por cima.

Depois que terminei de comer, três delas me guiaram para o banho quente e perfumado e Diandra foi na direção de um baú no canto com a mulher de pele escura. Teetru era o nome dela. Diandra confirmou que, uma vez que ela já havia sido uma princesa Maroo (a terra natal da mulher), ela tinha experiência em servir a “realeza” e era uma espécie de chefe das outras.

Tentei protestar pelo fato de elas me darem banho, mas elas se recusaram a aceitar enquanto me lavavam e esfregavam meu cabelo em um banho que tinha cheiro suave de especiarias, almíscar e um pouco de flores de laranjeira.

Tive que admitir, foi legal. Estranho, mas legal.

Depois do banho, elas me vestiram com uma roupa que Teetru e Diandra escolheram. Um sarongue tecido com fios de ouro em tom branco e azul turquesa, com um toque de prata. Era preso a um cinto largo e trançado com fios turquesa, brancos e dourados e correntes douradas finas entrelaçadas. Meus seios estavam envoltos em um top turquesa. Adicionado a isso havia braceletes de ouro no braço, um colar longo com cadeias de ouro intrincadas, minúsculas águas-marinhas cintilando e brincos compridos da mesma pedra.

O melhor de tudo: elas me deram uma calcinha de seda turquesa. Roupa *íntima* de verdade. Se encaixa perfeitamente na bunda. A seda não tinha elasticidade, mas não me importei. Eu queria virar cambalhotas porque eu... estava... de *roupa íntima*.

E, tudo bem, era um saco admitir, mas não havia uma forma de contornar isso. A roupa era incrível. Tudo era *maravilhoso*. O tecido, as cores, as joias — eram demais mesmo.

E já que não tive nada (até agora), além do café, para me deixar feliz, não ia me repreender por ficar feliz com minhas roupas legais.

Tinha que me agarrar a alguma coisa, não é?

Elas me sentaram e aplicaram sombra e kohl nos olhos e pintaram meus lábios com uma coisa melada, mas saborosa em tom rosa.

Também escovaram meu cabelo, enfiando os dedos em um pote de barro com algo gosmento e passaram sobre ele, torcendo-o em longas espirais e prendendo-o para trás com uma sucessão de pequenos enfeites dourados com pedras de água marinha (parecido, mas não exatamente como grampos), que iam de orelha a orelha.

Diandra deu uma olhada em mim quando estava pronta e sorriu com aprovação, afirmando:

— Seu rei te inunda com uma grande recompensa. Isso é muito bom.

Olhei para ela.

Recompensa. Certo.

Que seja.

Depois que tudo terminou, saímos para o acampamento.

E era — sobretudo — um acampamento.

Um monte de barracas com fogueiras na frente, algumas tinham mesas ao lado da tenda com coisas primitivas de cozinha, grandes baldes na lateral e outras ferramentas, como machados, facões e coisas do tipo. Alguns tinham tendas menores ao redor, o que Diandra me disse que era onde os escravos dormiam ou a comida e suprimentos eram guardados e as refeições preparadas (ao redor da minha tenda, tínhamos um de cada).

Havia muitas tochas presas no chão, que eu me lembrava da noite do desfile, mas também de vê-las bater na lateral da tenda do rei, que era iluminada à noite.

A única área oficial, por assim dizer, era o palanque, que percebi agora ser esculpida a partir de uma pedra enorme em tom de creme, larga e comprida. A área em frente a ela era profunda e abrangente, feita da mesma pedra. Com certeza, uma fogueira percorria todo o comprimento com dois fossos no topo, embora, enquanto vagávamos pelo acampamento, elas não estivessem acesas, eu imaginei que fosse porque estava sol e, eu sabia, estava fedendo demais. Os tambores, aliás (os grandes e pequenos) ainda estavam montados.

E havia pessoas. Muitas. Todas me olhavam e muitas sorriam, outras assentiam e várias pareciam felizes em me ver. Porém, algumas me olhavam com interesse ou intensidade, mas não estavam exatamente felizes — talvez cautelosas e indecisas. Algumas evitavam me olhar.

Isso eu não entendi. Também não fiquei pensando a respeito. Tinha muita coisa para ver.

Diandra tagarelou e segurou meu cotovelo, me mantendo perto enquanto caminhávamos. Ela me informou que isso era apenas um acampamento, não um lar definitivo. A Horda era nômade. Vinham para este local para a Caça às Esposas a cada dois anos e as seleções de guerreiros, três vezes por ano. Possuíam casas em alguma cidade de Korwahk, mas as visitavam com pouca frequência durante a viagem, embora, eles se acomodassem nelas por dois meses durante o inverno.

Ela me disse que as tendas eram chamadas de *chams*, que *shahsha* era obrigado e que *poyah* era olá.

— O que *me ahnoo* quer dizer? — perguntei, pensando nas palavras que o rei tinha falado com o guerreiro cruel, e ela olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas.

— Me ahnoo? — ela perguntou de volta.

— O rei disse: *Kah Dahksahna me ahnoo*, para aquele guerreiro que ele jogou fora do palanque durante o ritual do casamento. O que isso significa?

Ela deu um tapinha na minha mão, na curva do seu cotovelo, olhou para a frente e sorriu.

— Quer dizer, *minha rainha não gosta*.

— O quê? — perguntei.

Ela olhou de volta para mim.

— Ele disse a Dortak que você não gosta... em outras palavras, você não gostou do que ele estava fazendo com sua noiva. E, devo acrescentar, muitos de nós também não. Nem os camponeses, mercadores, escravos ou esposas e, tenho certeza, muitos dos guerreiros. — Ela balançou a cabeça para mim. — Você deixou isso claro, mesmo que não fale a língua deles, ficou claro para todos que você não gostou do que ele estava fazendo. Ele estava te desafiando quando continuou a fazê-lo, mesmo que você tenha dito a ele que não o fizesse. Na verdade,

a posição da mulher não é comandar um guerreiro, mesmo que ela seja a rainha.

Ela olhou para frente e tive a sensação de que estava evitando meus olhos quando continuou.

— Às vezes — ela fez uma pausa —, admito, o rito de casamento pode ficar obsceno, os guerreiros ficam cansados. Se uma batalha é disputada para reivindicar uma noiva, eles precisam gastar um pouco de energia e, às vezes, fazem isso de... — ela fez uma pausa novamente e terminou com cautela — formas desagradáveis.

Fabuloso.

Diandra continuou depois de me olhar de novo.

— Mas você não é uma rainha qualquer. Você é a Lahnahsahna do rei Lahn. Mas mais do que isso, você é a rainha guerreira de ouro do Dax. Você deu um comando. Ele foi ignorado. O rei agiu para fazer Dortak atender ao seu comando. — Seus dedos apertaram os meus. — Foi uma declaração ousada. Isso não é comum. Ao dizer que você não gosta e punindo Dortak depois, ele estava dizendo ao povo que você governa ao lado dele. — Ela sorriu para mim. — Foi muito doce e *bem* pouco característico... de um guerreiro, de um rei, mas, *especialmente* de Dax Lahn. Minha cara, normalmente ele não é doce. Até Seerim ficou chocado. — Ela desviou o olhar e murmurou: — Foi algo bom de se ver.

Olhei para frente também quando essas palavras me atingiram. Eu não tinha certeza de que ele acreditava ser doce, isso exigiria muito convencimento. Mas ela me disse que ele se gabou de mim para o seu povo e agiu de acordo com os meus desejos para impedir que aquela garota continuasse a ser humilhada publicamente.

Para não mencionar que ele deixou claro que eu governava ao seu lado.

Acho que isso foi legal.

— O nome do guerreiro é Dortak? — perguntei, porque precisava de uma mudança de assunto imediata.

Ela assentiu sem me olhar e seu rosto perdeu a simpatia. Vi em seu perfil.

— Dortak. Uma semente ruim. Assim como o pai e o avô, segundo o pai de Seerim. Ele cobiça o trono de chifres. Todos eles cobiçaram. Ele vai desafiar o Dax.

Meu corpo despertou neste pronunciamento.

— Mas o rei Lahn o jogou da escada — lembrei a ela.

Ela olhou de volta para mim.

— Eu disse que ele era uma semente ruim, Dahksahna Circe. — Ela se inclinou e sorriu. — Mas não falei que ele era uma semente ruim *inteligente*.

Entendi o que ela estava dizendo.

— O rei vai derrotá-lo — sussurrei.

Ela olhou para frente novamente, murmurando:

— Sem dúvida.

— Esse Dortak tentou me reivindicar. O Dax cortou sua corrente e... — Parei de falar quando ela parou abruptamente e seus olhos focaram no meu rosto.

— Ele cortou sua corrente? — ela sussurrou.

— Hum... sim — confirmei.

— Ah, Deus — ela sussurrou.

— O quê? — perguntei.

— Ah, Deus — ela sussurrou novamente e seu olhar parecia distante.

Balancei o braço dela e questionei:

— O que, Diandra? — E seus olhos focaram em mim.

— Guerreiros lutam por suas noivas como você sabe, minha querida, e há poucas regras no que diz respeito a luta. Na verdade, com qualquer coisa da Horda *ou* da nação Korwahk. Mas os guerreiros *honram* seus irmãos. Embora não seja inédito, as coisas saem do controle e um guerreiro pode matar outro para conquistar sua noiva, ou talvez faça um

ferimento que acabará matando ou que será grave o suficiente para derrubar o outro. Mas isso é pouco frequente. Por esse motivo, há outros burburinhos pela Daxshee, não só aqueles sobre você. Os outros são sobre Dortak e a Caçada. Sabe-se que ele tirou a vida de um guerreiro por causa da noiva que ele estava reivindicando. Eu só não sabia que era você. *Era?*

Assenti e sussurrei:

— Sim.

Seus olhos suavizaram quando ela percebeu o que eu testemunhei, então ela continuou.

— Isso não foi visto de forma positiva, já que o guerreiro que ele matou era bem-quisto e Dortak não é. Embora a morte não tenha sido testemunhada, por causa da reputação dele, muitos acreditam que não foi porque os dois estivessem com sede de sangue enquanto a batalha se desenrolava, mas porque ele não deu ao guerreiro morto a oportunidade de se render antes de dar seu golpe mortal.

Não sabia se isso era verdade ou não. Eu não estava prestando muita atenção, principalmente porque estava assustada

— Sinto muito, não entendo o suficiente dessas coisas para saber se ele deu ao cara a oportunidade de desistir ou não. E tenho que dizer, honestamente, não estava prestando muita atenção. Eu tinha outras coisas na cabeça — disse a ela.

Ela me deu um sorriso compreensivo e disse suavemente:

— Claro que não, minha querida. — Então ela respirou fundo e continuou: — Dito isto, embora existam poucas regras, como mencionei, há também a questão da honra e *não* se corta uma corrente. *Nunca*. É como um tapa na cara. Um insulto. Demonstra que se não tem respeito pelo outro guerreiro. Se um guerreiro prendeu sua corrente a você, o outro luta até que aquele guerreiro seja espancado, se renda ou tenha morrido. Só *então* pode cortar a corrente e enganchar a sua própria na noiva escolhida. Cortar a corrente é dizer que você sente que a batalha será

ganha antes mesmo de começar. É realmente *pior* que um tapa na cara. É semelhante a cuspir nele.

Ela desviou o olhar e começou a andar de novo.

— Outra declaração ousada — ela continuou, falando baixinho. — Vejo que o rei Lahn está forçando um desafio. Ele fica impaciente com Dortak. Ele quer que o homem seja derrotado.

— Mas, se isso é verdade, por que não o matou quando ele o desafiou por mim? — perguntei.

— Porque, minha querida — ela deu tapinhas na minha mão novamente e continuou andando —, não teria testemunhas. Ele vai esperar pelo desafio de Dortak para que possa humilhá-lo antes de mais nada. Ele quer que a vergonha seja a última coisa que ele sinta antes que o Dax arranque sua cabeça.

Ah, Deus.

Arrancar a cabeça dele?

Ah, Deus!

Com isso, decidi que ia parar de falar.

Diandra não tagarelou enquanto caminhávamos pelo acampamento e me levou de volta para a minha tenda. Ela falou com minhas garotas, que correram para fazer suas obrigações. Pouco tempo depois, um monte de almofadas grandes e quadradas, algumas com franjas, outras com pendentes nas pontas e todas de seda, cetim ou brocado cores ricas, estavam dispostas em algumas peles espessas no chão de pedra empoeirado em volta da nossa tenda. Nos recostamos na sombra fria da tenda enquanto as mulheres nos trouxeram pão, queijo forte, carne seca temperada, amêndoas e suco de fruta fresco e deliciosamente *frio* (se é que se pode acreditar).

Eu não podia dizer que estava confortável em ficar esperando enquanto descansava e cinco mulheres corriam para atender a cada um dos meus caprichos não verbalizados.

O que eu poderia dizer era que teria aquela conversa com o Dax em algum momento no futuro, se eu ainda estivesse por perto (o que, Deus, eu esperava que não acontecesse). E se eu decidisse que pretendia falar com o bruto.

Muitas pessoas passaram pela nossa tenda enquanto Diandra tagarelava comigo e eu ouvia, mas, principalmente, tentei descobrir o que fazer a seguir. Depois de um tempo, me ocorreu que era improvável que muitas pessoas passassem pela tenda do Dax em um dia normal e era muito mais provável que elas viessem me ver.

Isso me fez sentir estranha, como se estivesse em exibição e não gostei. Mas também não gostava de muitas coisas, então mantive minha paz, continuei naquela sala de estar e ouvi Diandra falar.

No fim da tarde, prometendo voltar no dia seguinte e me levar ao mercado junto com a filha Sheena, Diandra me deixou.

E quando se foi, me esqueci de perguntar sobre Narinda e a esposa azarada do malvado (e, aparentemente, estúpido), Dortak.

Depois que ela saiu, me deitei nas almofadas observando que minhas garotas estavam ocupadas se movimentando com seus afazeres. Mas já não pareciam mais ansiosas, e sim felizes, sorrindo uma para a outra enquanto trabalhavam e tagarelavam.

Eu as observei e sorria sempre que chamavam minha atenção.

Elas sorriram de volta.

Pareciam boas moças.

Merda, se eu não acordasse logo em casa, provavelmente teria que conhecê-las e descobrir o que fazer a respeito delas. Mas uma coisa eu sabia: independentemente do que fosse esse mundo ou do meu papel nele, eu não teria escravas.

Com esse pensamento, suspirei, mexi no pendente de uma almofada, tentei colocar meus pensamentos em ordem e sorri para qualquer um que passasse por mim e sorrisse. Também assenti para quem chamou minha atenção. E peguei a linda flor rosa de uma garotinha

que correu e me entregou, murmurando: *Shahsha, querida* enquanto eu a pegava. Ela riu e correu de volta para sua mãe, radiante.

Foi depois de um jantar de carne assada temperada, mais pão e batatas cozidas com cebolas que comi na mesa da tenda que decidi o que ia fazer.

E foi depois que minhas garotas — Jacanda (pequena, gordinha e aparentemente extrovertida), Packa (também pequena, mas não gordinha e um pouco tímida), Gaal (alta, magra e quieta, mas não de um jeito tímido, atenta e vigilante, que me deixou um pouco desconfortável) e Beetus (alta, magra, a mais nova imaginei, principalmente porque aparentava ser nova, mas também era extremamente risonha de um jeito que eu quase achei contagioso) — lavaram meu rosto, o cobriram com algo que estava em uma tigela de barro (algo que fazia minha pele ficar divina), tiraram minhas joias e roupas e passaram os dedos pelo meu cabelo para puxar as mechas enroladas.

Com tudo isso terminado, elas me ajudaram a vestir uma camisola feita de cetim rosa pálido. Não era piada, era mesmo uma *camisola*. Assim como o robe, ela tinha uma fenda na lateral, alças finas, ia até o tornozelo, se ajustava bem aos seios e quadris e também era incrível.

Elas tentaram pegar a calcinha azul-turquesa, mas me recusei categoricamente e depois de uma breve briga verbal que não fez sentido para nenhuma de nós, elas cederam, murmurando palavras que tomei como boa noite e me deixaram em paz.

Então, subi na cama, me sentei com as pernas cruzadas, puxei o lençol de seda para o meu colo e esperei meu rei guerreiro vir para casa para que eu pudesse levar adiante meu plano para acertar algumas coisas muito importantes.

E esperei.

A noite havia caído e eu geralmente estava dormindo no momento em que ele voltava, então percebi que estava ali há bastante tempo.

Então olhei em volta da tenda.

Eu a estava vendo pela primeira vez.

A cama ficava bem no meio de uma plataforma de madeira azul pintada que devia ter cerca de um metro de altura. Sabia que havia um colchão, eu sabia, mas não fazia ideia do que era feito. Era grosso, alto e macio. Estava coberto de peles pesadas que também eram suaves, quentes e confortáveis (o dia estava quente e o sol brilhava intensamente, mas quando anoitecia, ficava frio). Estava coberto por um lençol pesado de seda azul-claro (descobri que não era suficiente para afastar o frio, por isso tivemos sorte por termos dormido com as peles fofas). Os travesseiros não tinham fronhas. Eram quadrados ou retangulares e, assim como as grandes almofadas que as garotas haviam deixado para mim e para Diandra, eram de seda, cetim e brocado, sem pendentes ou franjas e não eram em cores ricas, mas em tons pastéis.

Havia troncos pesados alinhando a tenda circular de um lado. Todas as madeiras eram esculpidas, com travas e fechaduras de aparência forte penduradas nelas. Algumas eram incrustadas com o que parecia ser madrepérola. Outras eram cercadas por ferro preto de aparência robusta.

Do outro lado, havia uma mesa estreita e retangular de madeira, também esculpida e duas cadeiras com encosto de tiras de madeira e almofada nos assentos com pendentes nas extremidades. Havia candelabros de prata e cobre com velas (que agora queimavam) de todas as formas, tamanhos e larguras espalhados.

Além da mesa, havia dois baús pequenos e quadrados com portas de treliça e fechos de latão. Em um deles, eu podia ver uma variedade de painéis de barro de tamanhos variados e no outro havia algo semelhante a pratos de barro esmaltado, tigelas e jarras, além de talheres que eu já sabia que eram usados na mesa.

Na parte dos fundos da tenda, havia uma tela com três painéis feita de madeira com uma gaze verde-clara escondendo de vista o que estava por trás. Era o lugar onde ficava o penico .

Perto das abas de entrada, havia uma pequena cama com plataforma que possuía, pelo menos, uns noventa centímetros de altura, cobertores empilhados um sobre o outro, um monte de almofadas na cabeceira, uma mesinha redonda baixa e esculpida na parte da frente, também coberta com castiçais de todas as formas e tamanhos. Talvez fosse um lugar para ler (se tivesse livros neste inferno) ou uma espécie de área de descanso.

Havia mais castiçais altos, dezenas deles. Estes eram de ferro forjado, com detalhes que os faziam parecer pergaminhos, todos com velas grossas acesas espalhadas pelo cômodo. Alguns ficavam ao redor da cama, em lugares aleatórios.

O chão de pedra estava coberto com tapetes de tecidos grossos com desenhos rústicos. Eles eram levemente abrasivos, mas eram muito melhores que as pedras.

Observei o lugar.

Como já havia anoitecido, a luzes de velas tremeluzindo, as sedas e cetins brilhando e a luz das tochas do lado de fora brilhando contra as laterais da tenda, notei que no meu mundo este seria um cenário exótico e romântico. Confortável. Convidativo para relaxar, descansar e, se você tivesse a sorte de estar com alguém importante, participaria de outras atividades que seriam um pouco mais enérgicas e muito mais divertidas.

Era horrível para mim pensar nessa tenda — no *mundo* todo — como minha câmara de tortura.

Com esse pensamento, a entrada da tenda se abriu.

Levei um susto e minha determinação para acertar algumas coisas diminuiu enquanto eu observava o Dax se abaixar e entrar.

Respirei fundo.

Ele se endireitou, deu dois passos e parou, seus olhos escuros focaram em mim.

Não havia mais tinta. Desde aquela noite, ele não havia mais se pintado.

Mas, ainda assim, ele me assustava pra caramba. Havia me esquecido o quanto ele era sombrio, sinistro, selvagem e *enorme*. Não se podia dizer que a tenda era grande, mas era a maior que já vi e havia espaço para se mover e respirar com tranquilidade.

Com ele em pé e sua energia vigorosa invadindo o espaço, seu corpo enorme e poderoso sendo exibido e a pele morena brilhando à luz das velas, a tenda parecia minúscula.

Outro golpe direto na minha determinação.

Ele se moveu em direção aos pés da cama e quando chegou lá, levantei a mão e disse com firmeza:

— Pare.

Ele parou. Não tirou os olhos de mim enquanto se movia e o mesmo aconteceu quando parou, ele nem olhou para a minha mão.

— Você e eu... — continuei. Criando coragem para falar, as primeiras palavras que disse a ele desde aquela noite horrível, gesticulei, apontando para ele e eu — precisamos conversar.

Ele me olhou.

Apontei para nós novamente e, em seguida, levantei a mão e movi os dedos indicando fala.

— Conversa. Você e eu vamos conversar.

Ele olhou para a minha mão e depois para mim, mas não falou nem mudou sua expressão impassível.

Tudo bem, segui em frente.

Apontei para mim mesma.

— O meu nome é Circe.

Nada.

Me inclinei e repeti devagar e foneticamente:

— Cir... ceeee.

Nada ainda.

Apontei para ele.

— Você é o rei Lahn. *Dax* Lahn. — Aponte para mim mesma. — Eu sou a rainha Circe. *Dahksahna* Circe.

Ele apoiou as mãos nos quadris e eu fiquei tensa, mas elas apenas descansaram lá. Ele continuou sem falar, mas não afastou os olhos castanhos escuros dos meus.

Humm.

Tive que supor que ele entendeu o que disse e segui em frente.

— Nós — gesticulei entre nós de novo — temos que acertar algumas coisas. — Eu não tinha nenhum gesto para isso e sabia que ele não teria como entender o que significava. Então aponte para a cama. — Aqui e... — aponte para a entrada da tenda — lá fora, nós temos que ajeitar as coisas entre nós.

Suas mãos se moveram, meus olhos seguiram nessa direção e vi que ele havia desamarrado algumas das tiras da calça de couro.

Ah, merda.

Meu corpo ficou tenso e meus olhos encararam os dele.

— Você e eu — gesticulei mais uma vez —, precisamos encontrar uma maneira de nos unirmos. — Juntei as mãos.

Suas mãos se moveram mais para baixo pelas laterais dos quadris, e ele puxou mais tiras para que o couro se afrouxasse na cintura.

Merda!

— Certo — falei baixinho, fugindo. — É exatamente isso que temos que fazer direto.

Mais tiras se afrouxaram e sua calça caiu no chão.

Ele já estava pronto para me tomar.

Merda!

Voltei para os travesseiros na cabeceira da cama e ergui a mão para ele.

— Antes de... continuarmos, temos que encontrar um jeito de conversar. Nos *entender*.

Seus olhos se voltaram para onde eu estava, ajoelhada nos travesseiros. Em seguida, ele se virou, se livrou das suas peles e caminhou com calma ao redor da cama.

Porra. Porra. Merda!

Ele chegou quase no canto da cama, na cabeceira, agindo de forma completamente casual com relação à sua nudez ereta — coisa que *não* era, pois o homem era *enorme* e isso significava *ele inteiro* — eu não estava gostando de onde as coisas estavam indo.

Corri para os pés da cama e continuei tentando.

— Por favor, pare, se sente e tente me ouvir. — Apontei para ele, em seguida, coloquei a mão no meu ouvido e depois, apontei para mim mesma.

Ele mudou de direção e caminhou em volta da cama de novo.

Corri para o meio dela com o braço estendido e a palma da mão virada para ele.

— Por favor — implorei em um sussurro.

Erro. Erro colossal.

Seu braço se moveu tão rápido que pareceu um borrão. Ele pegou meu pulso e com um puxão forte que deslocou meu ombro e me fez chorar, me vi do outro lado da cama, meu torso colado ao dele, minhas pernas balançando, os pés roçando na cama e seus braços em volta de mim, me prendendo.

Inclinei a cabeça para trás para olhar nos olhos escuros que estavam me encarando. Segurei seus ombros duros e quentes com força, fazendo pressão suficiente para demonstrar meu ponto de vista e sussurrei sobre as batidas fortes do meu coração.

— Por favor, Lahn, me ouça.

Ele não me ouviu. Ah, não. Ele não me deu a mínima.

Se moveu e então minhas pernas balançaram para o lado, em seguida, ele caiu para frente por cima de mim.

Fiquei sem fôlego, mas não me entreguei.

Aquele era o motivo pelo qual precisávamos acertar as *coisas*.

Arqueei as costas, empurrei seus ombros e gritei:

— Sério, grandão, precisamos... acertar... algumas... *coisas*!

Sua mão deslizou pela lateral do meu corpo e, em seguida, alcançou o ponto entre nossos corpos.

Perdi o controle.

Com um grito frustrado e furioso, eu lutei.

Isso funcionou de um jeito surpreendente. Consegui empurrá-lo para trás, deslizar debaixo dele e quase atingi o lado da cama antes de ser pega pela cintura e puxada de volta.

Eu me virei e lutei.

Consegui usar as unhas para marcar sua pele, abrindo dois cortes finos e pequenos logo abaixo do ombro, que sangraram instantaneamente.

Ele balançou o ombro enquanto fiquei congelada, chocada ao notar que consegui feri-lo.

Ele se inclinou sobre mim com todo o seu peso, abaixou a cabeça para olhar para os arranhões e, puta merda, quando me olhou havia algo em seus olhos que eu não gostava e o que quer que fosse o fazia sorrir como se estivesse extremamente satisfeito.

Merda!

Descongelei e, novamente, dei tudo de mim, assim como naquela noite hedionda, grunhindo com o esforço.

O problema era que, mesmo com o cretino sabendo que era maior e mais forte do que eu, ele deu tudo de si e ficou claro que se eu não fosse inteligente e rápida, ele quebraria meus ossos se fosse necessário.

Deus, eu o odiava.

E quando ele me colocou de joelhos, de costas para ele, prendendo meus pulsos com uma das suas mãos, eu soube o que viria a seguir, levantei a cabeça e gritei.

— Deus, eu te odeio!

Sua mão livre deslizou ao longo da seda sobre a minha barriga e sua boca foi até o meu pescoço.

— Kah Lahnahsahna — ele murmurou.

Empurrei (sem sucesso) os seus braços e gritei:

— *Pare de me chamar assim!*

Seus dedos se curvaram, agarrando o tecido sobre a minha barriga, puxando-o e quando ele ergueu tudo, sua mão se moveu para baixo.

Eu congelei.

— Kah Dahksahna — ele sussurrou contra o meu pescoço.

— Vá se foder! Eu não sou a sua rainha! — resmunguei, meus quadris finalmente se movendo para evitar o toque da mão dele.

— Kah rahna Dahksahna — ele murmurou, e sua mão deslizou na minha calcinha.

Meus quadris pararam de se mover.

— Deus — sussurrei, movimentando meus braços de um jeito que não fazia nada para soltar o seu aperto. — Te *odeio* demais.

Seus dedos deslizaram entre as minhas pernas.

E foi aí que me ocorreu que o toque dele não era clínico. Não era distante. Ele não estava me empurrando de cara para a cama e me tomando por trás como se eu não fosse nada além de um recipiente quente para sua semente.

Seu toque era gentil, leve e suave.

Ah, merda.

Seu dedo deslizou, leve como um sussurro, sobre o meu clitóris.

Ah, merda!

— Lahn — sussurrei.

— Lahn — ele repetiu, empurrando os quadris nas minhas costas enquanto seu dedo começava a circular, me acariciando.

E, caramba, eu não podia acreditar, mas foi bom. Foi carinhoso. E meu corpo, caramba, reconheceu isso como tal.

O que estava acontecendo?

— Por favor — continuei sussurrando.

— Por favor — ele repetiu depois de mim, ainda me acariciando com um toque suave.

— Não — implorei.

— Não — ele repetiu e meus olhos se fecharam lentamente.

Isso estava mesmo acontecendo comigo? Depois de tudo o que ele fez, isso realmente estava acontecendo comigo?

Ele colocou só um pouquinho mais de pressão no dedo.

Minha cabeça caiu em seu ombro enquanto uma pequena espiral de prazer se formava em meu estômago.

Sim, isso estava acontecendo comigo.

Empurrei as mãos novamente, sussurrando:

— Não vou.

— Não vou — ele sussurrou de volta e seu sussurro profundo e estrondoso também espiralou através de mim.

Seu dedo começou a circular com mais rapidez e força e foi muito melhor.

Caramba.

Virei a cabeça, ele se levantou e eu pressionei a testa em seu pescoço. Lutei contra aquela espiral de prazer que estava se formando. Mas perdi. Ela se formou, aumentou e se espalhou.

— Lahn — eu respirei quando o toque contínuo dos seus dedos forçou os últimos pontos de tensão do meu corpo.

— Lahn — ele murmurou e circulou mais rápido.

Ah, isso foi bom.

— Circe — sussurrei.

Ele aumentou o aperto em meus pulsos, puxando-os em minha direção enquanto seu dedo pressionava com mais força.

— Circe — ele sussurrou e meus quadris se contraíram.

Sim. Eu gostei daquilo.

— Circe — falei novamente, e ele pressionou sua dureza nas minhas costas e acariciou ainda mais rápido.

— Circe — ele repetiu suavemente, e eu gemi baixinho quando a espiral no meu estômago ficou fora de controle.

— Sim — sussurrei.

Senti seus lábios a um sussurro dos meus.

— Sim — ele murmurou.

Ah, caramba.

Meus quadris se moveram com sua mão, esfregando, buscando mais do seu dedo, e ele não recusou. Continuou me tocando e eu o segui e comecei a gozar.

Abri os olhos e quando isso aconteceu, os dele, escuros, não pareciam imparciais, nem inexpressivos, mas aquecidos e excitados e, caramba, podia ser?

Sexy demais.

Seu dedo pressionou mais profundamente e circulou mais rápido.

Ai, sim.

Ofeguei:

— Lahn!

— Circe — ele sussurrou contra meus lábios.

Respirei de forma ofegante e gemi contra os dele quando gozei.

Intensamente.

E enquanto eu estava fazendo isso, ele me soltou e me empurrou para a cama, meu traseiro para cima. Ele puxou a camisola, arrancou minha calcinha, separou minhas pernas com os joelhos e entrou em mim.

Minha cabeça se virou.

Ah, sim. *Isso aí.*

— Sim — sussurrei.

Com meu corpo pensando por mim, recuei.

Ele se inclinou para frente, estendeu a mão e segurou meu seio com a mão áspera enquanto entrava e saía de mim, puxando meus

quadris com a outra mão.

— Kah Lahnahsahna — ele grunhiu.

— Ah, sim — eu gemi.

Seus dedos encontraram meu mamilo e o apertaram, aquele toque firme me atingindo como uma faca quente arrastando fogo.

— *Kah* Lahnahsahna.

— Kah Lahnahsahna — gemi, empurrando para trás, encontrando o corpo dele com o impulso.

Sua mão deixou meu seio e as duas seguraram meus quadris, me puxando para trás, me dando tudo dele, e eu o peguei, convidei e me preparei para isso.

Surpreendente.

Tão incrível que virei a cabeça e estiquei os braços.

Ele viu e estendeu a mão. Sua mão circulou minha garganta e ele me puxou, fazendo com que eu me apoiasse nas mãos e continuou entrando em mim, seus dedos segurando a minha mandíbula.

O aperto era gentil, suave até.

E era possessivo, estava me reivindicando.

O rei Lahn estava transando com sua rainha.

Ah, merda, que se dane, mas eu também gostei disso. Tudo, cada centímetro dele entrando em mim, sua mão no meu queixo, eu de quatro diante dele.

Gostei demais, minhas costas estavam arqueadas, a cabeça inclinada para trás e gozei de novo. Mais intensamente. Gemi alto. Foi bom pra caralho.

Eu o ouvi grunhir e, em seguida, suas mãos foram para as minhas costelas, me puxando de volta, entrando e saindo de forma selvagem agora, continuando dentro de mim até que entrou profundamente e seu gemido de liberação foi quase tão alto quanto o meu.

Merda. Puta merda

Merda!

Ele se moveu lentamente, para dentro e para fora, enquanto sua mão deslizava em minhas costelas. Ele continuou se movendo, se inclinando para frente, as mãos subindo, segurando meus seios. Então, com cuidado, ele levantou meu torso. Fiquei ereta, encaixada em seu pênis. Ele era tão comprido que meus joelhos não atingiram a cama, apenas seu pau e suas mãos me apoiaram.

Caramba.

Uma mão segurou o outro seio enquanto a outra foi para a nossa conexão, onde seus dedos deslizaram e a palma envolveu meu sexo.

Então sua boca veio para o meu ouvido.

— Circe, *kah rahna Dahksahna*. Circe, *kah Lahnahsahna* — ele grunhiu sua voz era um estrondo feroz e suas palavras, uma declaração.

— Hum... — sussurrei. — Certo.

Merda! O que mais eu poderia fazer?

Ele soltou outro grunhido que deslizou pela minha pele como seda, então senti sua língua se mover pela parte de trás da minha orelha, do pescoço e o ombro.

Com isso, meu corpo tremeu de arrepio.

Ele me levantou, me virou bruscamente, me empurrou contra a cama e caiu sobre mim. Mal tive chance de me ajustar à minha nova posição antes que ele se contorcesse, puxasse o lençol até a nossa cintura e depois voltasse para mim. Ele me puxou quase completamente para debaixo de si, emaranhou suas pernas com as minhas, envolveu os braços ao redor do meu corpo, aninhou o rosto ao lado da minha cabeça e colocou a boca na minha testa.

Senti o peso dele se acomodar ao meu e fiquei imóvel, esperando.

Hum. Eu não tinha certeza. Acertamos as coisas?

Quando ele não disse nada e sua respiração nivelou, eu o chamei:

— Lahn?

Seu braço me deu um aperto poderoso.

— Trahyoo — ele ordenou com firmeza, mas suavemente.

Definitivamente era uma ordem, embora eu não tivesse ideia do que ele havia dito.

— Hum... tudo bem — sussurrei e levei outro aperto do seu braço que me roubou o fôlego.

Hora de ficar quieta.

Olhei para a tenda à luz de velas.

Certo, isso aconteceu?

Senti sua respiração mexer o cabelo em minha têmpora, seu peso, o calor do seu corpo.

Sim, aconteceu.

Eu precisava ir a algum lugar e pensar. Precisava descobrir *como foi* que deixei um homem que eu não conhecia, alguém que havia me estuprado sete vezes (essencialmente), um cara de quem eu não gostava, me fazer gozar duas vezes.

Precisava me afastar dele.

Seu corpo pesou mais no meu ao mesmo tempo em que seu abraço se apertou.

Ele estava dormindo.

Droga.

Certo, eu não ia ficar longe dele.

Então eu precisava acordá-lo e encontrar um jeito de me comunicar, não havia como adormecer com o peso dele sobre mim.

Percebi que ele não ia gostar de ser acordado.

E estava imaginando isso um segundo antes de meus olhos se fecharam e eu cair no sono com seu peso em mim.

Capítulo 06

O Mercado

Nossas bocas estavam perto; com uma mão eu acarinhava o seu pescoço e com a outra acariciava seu lindo cabelo que estava preso em um rabo de cavalo.

Sua cabeça estava inclinada para trás, a respiração se misturando com a minha, um de seus braços estava enrolado em minha cintura e a outra mão na parte de trás do meu pescoço.

Eu estava montando meu rei e fazia isso com dificuldade. Não estava indo rápido. Gostei muito de senti-lo. Tanto, que queria saboreá-lo.

Mas quando descii sobre seu membro, fui muito intensa, porque também gostava disso.

— Mayoo — ele grunhiu uma ordem que não entendi.

— Não te entendo, baby — sussurrei de encontro à sua boca.

Seu braço me apertou, me empurrando para cima e puxando para baixo.

— *Mayoo* — ele afirmou com ferocidade e eu compreendi.

— Certo — sussurrei, mais rápido.

Fechei os olhos, mas seus dedos no meu pescoço ficaram tensos e eu os abri de volta.

— Linas — ele exigiu.

Tive um palpite e olhei em seus olhos, com mais rapidez, descendo sobre seu membro e segurando seu pescoço. Tentei encará-lo, mas não consegui.

Inclinei a cabeça para trás, separei os lábios e ofeguei suavemente quando gozei.

Ele me manteve em movimento com o braço ao redor da minha cintura e depois de ter gozado, me concentrei e assumi novamente o

controle. Observando-o enquanto continuava me movendo em cima dele, vi a tensão profunda em seus olhos, senti a pressão dos seus dedos aumentarem no meu pescoço. Seu braço, que estava ao redor da minha cintura, ficou tão apertado que eu não conseguia respirar e, quando estava dentro dele por completo, ele me segurou, me deixando totalmente preenchida, inclinei meu rosto contra o seu e gemi.

Fechei os olhos.

Lá estava.

Fiz de novo.

Não tive escolha. Ele me acordou com mão gentis e eficazes e eu estava pronta antes mesmo de estar consciente, então desisti de tentar resistir.

Com prazer.

Merda.

O que estava acontecendo comigo?

Ele inclinou a cabeça para trás. Olhei para ele e foi como se o visse pela primeira vez.

E ao vê-lo olhando para mim, seus olhos ainda aquecidos, seu pênis dentro de mim, caramba, não era brincadeira, apesar de ser loucura, achei que ele era o homem mais inacreditavelmente bonito que já vi — de um jeito misterioso, selvagem e muito gostoso, claro.

Estava prestes a informá-lo a respeito (não que pudesse fazer isso), quando, de repente, eu estava no ar e, em seguida, deitada de costas. Ele se aproximou de mim, apoiou uma mão na cama e a outra colocou de forma rude no meio das minhas pernas, me invadindo com seu dedo médio

Ele dobrou o cotovelo, seu torso desceu e o rosto ficou bem próximo ao meu.

Ele empurrou o dedo para dentro, e eu ofeguei.

— Kah Lahnahsahna? — ele perguntou.

Olhei para ele e seu dedo entrou mais profundamente. Muito mais, todo o meu corpo se elevou. Eu não poderia dizer que doeu. Eu ainda estava sensível e parecia ótimo, mas...

Que porra era essa?

— O quê? — sussurrei. Ele tirou o dedo e, em seguida, o colocou novamente.

— Kah Lahnahsahna — ele grunhiu.

— Kah... hum, Lahnahsahna — sussurrei, levando uma estocada forte.

Ele me olhou.

Nossa, o que eu fiz?

Sua mão deslizou entre as minhas pernas, indo até a minha barriga. Ele segurou meu seio com força, as pontas dos dedos apertando antes de acariciar meu mamilo com tanta força que meu corpo estremeceu (devo admitir, não foi ruim) e ele inclinou o torso. Sua boca capturou meu outro mamilo, ele sugou com força e isso também fez meu corpo estremeecer de uma forma *muito* boa.

Então seu rosto estava próximo ao meu, os lábios a um sopro de distância, seus olhos eram tudo que eu podia ver e estavam queimando com um brilho diferente, algo que me fez recuperar o fôlego quando sua mão voltou para meu sexo e seu dedo entrou em mim de novo.

— Lahnahsahna Circe lapoo meera kah liros anah — ele declarou com força, e eu pisquei.

— Hum... tudo bem — sussurrei, pensando que talvez concordar fosse o melhor caminho a seguir, mas ele continuou a olhar nos meus olhos.

O fogo desapareceu, e ele sussurrou de volta:

— Ok.

Ele deslizou o dedo suavemente sobre o meu clitóris. Meu corpo estremeceu de leve desta vez, enquanto ele levava a mão até a minha barriga ao mesmo tempo em que perdi contato com seus olhos, porque

ele moveu a cabeça para que pudesse deslizar a língua pela minha garganta.

Então, sem me olhar, ele saiu da cama.

Vi seu corpo nu se mover em direção à entrada da tenda.

Certo. O que *estava* acontecendo?

Ele abriu uma das abas e sem se importar com sua nudez, grunhiu algo. Então se afastou e sem me olhar na cama, foi até os baús no canto.

As abas se abriram e Teetru entrou seguida por Packa, as duas carregando grandes jarros de barro. Me abaixei rapidamente e puxei o lençol para esconder minha nudez (não que elas já não tivessem visto várias vezes) quando Lahn se afastou dos baús e jogou uma nova calça de couro no chão. Ele puxou o jarro das mãos de Teetru e o jogou na cabeça, a água espirrando nos tapetes e na roupa que havia acabado de pegar. Ele usou sua mão enorme para espalhar a água por todo o corpo e, em seguida, devolveu o jarro para Teetru. Ela o pegou e ele puxou o que estava nas mãos de Packa e fez o mesmo.

Depois que fez tudo aquilo, sem se enxugar, vestiu a calça limpa, amarrou os cordões nos quadris e saiu da tenda, sem sequer me olhar.

Olhei para a entrada da tenda.

Certo, talvez eu estivesse errada. A linguagem e a cultura, muito diferentes, eram uma lacuna entre nós, mas tirando essa última parte, achei que Lahn e eu havíamos acertado algumas coisas ontem à noite e, hum... esta manhã. Compartilhamos palavras (mais ou menos), ele sorriu para mim (claro, isso foi depois que tirei sangue dele, mas ainda assim, ele sorriu), seu toque mudou, ele me abraçou enquanto dormíamos, segurou meu corpo com firmeza enquanto dormia e se esforçou bastante para me proporcionar grandes orgasmos enlouquecedores.

Acho que pensei errado.

Teetru veio até a cama, se inclinou sobre ela, puxou o lençol e falou em voz baixa para mim, mas a excitação em sua voz fez meus olhos se moverem para ela.

E vi que ela estava animada. Seus olhos brilhavam. Ela estava feliz. Alguma coisa boa estava acontecendo e não era só o fato de eu estar me levantando e me vestindo.

— Por favor — sussurrei, estendendo a mão e segurando a dela. — Me traga a Diandra.

Ela olhou nos meus olhos. E então assentiu. Ela virou a cabeça e disse algo para Jacanda, que estava trazendo a banheira. A moça olhou para mim e de novo para Teetru, assentiu, deixou a banheira onde estava e saiu correndo da barraca.

Caí de costas na cama e olhei para o topo da tenda.

— Outro dia no paraíso — sussurrei, minha voz soando derrotada.

Soou assim, porque era assim que *eu* estava me sentindo.

Me permiti sentir a derrota por aproximadamente dois minutos.

Depois desse tempo, me arrastei para fora da cama para enfrentar o que quer que fosse naquele dia.

O mercado ficava a uma curta distância do acampamento, atravessando um pequeno grupo de árvores esquisitas, esguias e esverdeadas que pareciam um pouco com bambu, mas não eram.

E ao contrário do acampamento, o mercado era fixo. Havia tendas, mas também construções. Não eram muito resistentes, mas, ainda assim, eram construções.

E descobri que havia de tudo à venda ali.

Tudo.

Diandra, sua filha Sheena, uma linda garota de doze anos com cabelos escuros, olhos também escuros e amendoados e escuros (que falava inglês o suficiente para se fazer entender de uma maneira pausada e encantadora, principalmente porque falava com um sorriso doce e rindo

depois de praticamente todas as palavras), e eu causamos uma comoção quando chegamos.

Imaginei que isso não se devia inteiramente à minha roupa incrível — top azul-gelo que se prendia a uma corrente de ouro ao redor do meu pescoço e também estava presa a uma corrente nas minhas costas. Saia azul-gelo com detalhes em ouro e toques de branco e prata. Cinto largo feito de discos de ouro e prata. Sem braceletes, mas havia tantas pulseiras finas de ouro e prata nos pulsos que Gaal levou cinco minutos para colocá-las. Elas cobriram todo o braço e tilintavam toda vez que eu me movia (o que notei, pela primeira vez na vida, que eu fazia muito). Brincos de ouro compridos com contas de pérolas nas pontas. E enfeites de pérola afixados nos cachos, mechas e tranças no cabelo *em todos os lugares*.

A rainha estava chegando.

Com uma Diandra tagarela e uma Sheena risonha e sorridente, andei pelo mercado olhando as mercadorias.

Jarros de barro, taças e vasos de todas as formas e tamanhos. Uma série de produtos de todos os tipos, de estopa a seda em todas as cores que você possa imaginar. Carnes secas e curadas. Salame duro tipo salsicha. Queijos. Potes de iogurte. Frutas secas. Frutas e vegetais frescos. Nozes, com casca e sem. Sacos de vários grãos. Cerâmica. Tigelas esmaltadas. Facas e colheres (notei que não havia garfo, mas não percebi se eles estavam presentes na mesa de Lahn) feitas de prata ou estanho e até de madeira. Bijuterias, pulseiras, correntes e enfeites de cabelo. Fios e linhas de todas as cores. Teares grandes e pequenos. Tapetes de vários tamanhos. Barris de vinho. Velas.

Bastava dizer o nome de algo, eles tinham. O lugar era enorme e movimentado. Havia uma área para os cavalos (com carroças frágeis e primitivas e sem) e o que pareciam ser bois (não que eu já tivesse visto, mas imaginei que fossem) amarrados a cercas de madeira do lado de fora. Não ficava ali apenas quando o Daxshee se instalava no palanque.

Em vez disso, ficava aberto sempre e as pessoas vinham de outros lugares para comprar o que precisavam.

Eu estava caminhando e observando tudo, mas sem parar de pensar.

Isso porque eu estava me perguntando sobre Diandra. Ela parecia gentil e simpática. Parecia querer ser minha amiga e ajudar.

E eu precisava de ajuda.

Tipo, *muita*.

Não sabia por onde começar.

— Os comentários estão desaparecendo, Dahksahna Circe — ela me disse, levantando um pedaço de tecido prateado com desenhos em tom carmesim e violeta.

Parei de tocar uma seda cor creme pesada e olhei para ela.

— O quê?

Ela se virou para mim e abaixou a mão.

— Os comentários estão desaparecendo. — Seu sorriso se tornou malicioso e consciente. — Ouvi que o rei guerreiro e sua rainha guerreira lutaram na noite passada. — Ela se inclinou e levantou as sobrancelhas enquanto eu respirava fundo. — Também ouvi que... *e/ele* ganhou.

— O quê? — murmurei, e ela riu baixinho, chegando mais perto.

— Outra coisa com a qual você precisa se acostumar, minha querida. — Ela bateu em mim com o quadril, em seguida, olhou para o tecido. Seus lábios se contorceram. — As paredes das tendas são finas. E especialmente com o Dax, as pessoas *ouvem*.

Ah, meu *Deus*.

— As pessoas nos ouviram? — murmurei (sim, de novo!).

— Vocês *estavam* gritando — ela respondeu com outro sorriso malicioso.

Ah, meu Deus!

— E então você estava gemendo e chorando. — Ela riu enquanto eu olhava para ela, mortificada. — Os resultados da vitória do rei Lahn,

tenho certeza.

— Ah, meu Deus — sussurrei.

Ela inclinou a cabeça para trás e riu, em seguida, abraçou minha cintura e me guiou para longe da tenda de tecido ainda, rindo quando percebi que Sheena sorria descaradamente para mim.

Ela também sabia.

E *ela* tinha *doze* anos!

Que horror!

— Acalme-se, minha querida — Diandra insistiu, apertando minha cintura quando o olhar de mortificação permaneceu firme em meu rosto. — Isso é bom. — Ela virou o rosto para o meu. — *Muito bom*. O povo dele não sabia que suas palavras sobre o ritual do casamento eram verdadeiras. Mas ontem à noite, você provou que é verdade. Gritar com um rei? — Ela balançou a cabeça em simulada desaprovação, enquanto eu sabia que era ridículo, porque ela estava sorrindo o tempo todo. — Isso não é comum, Dahksahna Circe. Só o coração mais corajoso e o espírito mais feroz da alma de uma mulher se arriscaria a desafiar um poderoso rei guerreiro. — Ela me deu outro aperto, desviou o olhar e murmurou: — Muito bem, minha querida.

Certo, merda, eu estava em apuros.

— Hum... Diandra? — chamei enquanto ela nos levava para um quiosque repleto de braceletes, brincos, pulseiras de correntes delicadas, colares e todo tipo de coisa legal para colocar no cabelo. Sheena continuou seguindo e parou na mesa onde as peças estavam expostas.

Diandra apontou um enfeite de cabelo prateado com o que parecia uma granada e murmurou:

— Hum?

— O que significa *trahyoo*? — perguntei, e ela me encarou.

— Significa, *durma*, no imperativo. Como em *Ahnoo* seria imperativo, *ahnay* seria usado se você dissesse — ela pegou o enfeite — *eu gosto disso* ou em Korwahk, *Kay ahnay sah*. Mas se quiser colocar

ênfase, se fosse um rei... ou uma rainha, onde se espera que o seu mero capricho fosse obedecido, você diria: *Gosto disso* ou *Kay ahnoo sah*. Portanto, se você está mandando alguém dormir, não diria, *trahyay*. Falaria *trahyoo*.

— Ah — sussurrei, e ela colocou o enfeite no lugar. Então perguntei suavemente: — E *mayoo*?

Vi seu perfil esboçar um sorriso e sabia que estava compreendendo mais do que demonstrava.

— Uma ordem novamente. *Mais* rápido.

Merda.

Bem, eu estava certa sobre isso.

— Você diria *mayay* se não estivesse dando uma ordem — ela explicou ainda mais.

— Certo — falei com suavidade e murmurei. — Hum... — Peguei um conjunto de pulseiras de ouro incrustadas com minúsculas pérolas e continuei — E, hum... o que... *lapah meer*-alguma coisa *kah lira anahl* significa?

Senti seus olhos em mim.

— *Lapah meer*... *kah lira anahl*?

Olhei para ela.

— Hum... acho que sim.

Ela inclinou a cabeça para o lado, confusa, e Sheena se aproximou para sugerir:

— *Lapoo meera kah liros anah*. *Anah*, *Loolah*. *Anah* — ela terminou com ênfase.

Olhei de volta para Diandra e vi a luz começar a aparecer.

— Sim, *lapoo meera kah liros anah*. Isso significa estará entre as minhas pernas esta noite — Diandra explicou, e senti o sangue correr para o meu rosto quando meu estômago se apertou.

Diandra viu o rubor instantaneamente, sorriu com gentileza e se aproximou.

— Não é o que você está pensando — ela disse com suavidade. — Os homens se reúnem hoje à noite. Amanhã, o Dax vai escolher seus novos guerreiros. Hoje à noite, eles celebrarão como só os homens podem: sendo barulhentos, bebendo muito e vendo guerreiros baterem uns nos outros até a morte.

Senti o sangue que corria para o meu rosto se esvaindo, e Diandra também percebeu, então ela balançou a cabeça.

— Não, Dahksahna Circe, não é assim. É esporte. Ou eles acham que é. É inofensivo. Isso não quer dizer que os guerreiros não são espancados, mas eles *querem* e *gostam* disso. Treinam para isso. É um teste de força, de resistência. Eles gostam de se mostrar e isso ajuda a resolver a ordem das coisas. Quem é mais forte, quem precisa se fortalecer, quem é mais rápido, quem precisa ser mais rápido, quem é mais tático, quem precisa aprender estratégia. E os que não participam aproveitam com muito entusiasmo. Dito isso, Seerim parou de me levar há muito tempo. Por outro lado, eu não gosto. As esposas guerreiras não gostam.

Ela se aproximou e continuou explicando.

— E, minha querida, a coisa boa é que não são muitos homens que permitem que suas mulheres entrem, que desejam que elas estejam com eles enquanto conversam com seus irmãos. — Seus olhos se iluminaram. — E é muito raro, na verdade, tão raro que nunca ouvi falar, que um novo marido guerreiro honre sua esposa com a necessidade da sua presença. Geralmente leva meses, até anos e, às vezes, não acontece nada. — Meu coração saltou, mas depois parou quando ela terminou: — E quando você vai, se senta no chão entre as pernas dele.

Olhei para ela.

Ótimo. Maravilhoso.

— Sento no *chão*? — perguntei, e ela assentiu. — Entre as *pernas* dele? — continuei a esclarecer, e ela sorriu.

— Não é o que você pensa — ela me disse. e eu olhei para as pulseiras.

— Ah sim, é — murmurei e ela levou sua mão ao meu queixo, puxando-o para que eu olhasse em seus olhos compreensivos.

— Para alguns dos guerreiros, minha querida, é exatamente o que você pensa — ela explicou com calma. — Para os outros, é uma maneira de estar perto de um ente querido enquanto desfruta de algo que ele gosta muito. — Ela se inclinou para frente. — Para um rei e sua esposa, há muito esperada, levá-la aos jogos após apenas cinco dias que ele a reivindicou, para mim, quer dizer a última opção.

Eu olhei para ela de novo e suspirei.

— Ele não me ama.

Ela inclinou a cabeça para o lado e seus lábios se curvaram em um sorriso.

— Ao longo da história, contam que muitos dos grandes guerreiros, os mais fortes e ferozes, na verdade, se apaixonaram por suas esposas simplesmente ao olhá-las no desfile. — Sua mão deslizou pela minha bochecha quando ela sugeriu: foi o que aconteceu com você.

Pensei naquela manhã. Relembrei dos últimos quatro dias. Achei que ela estava muito errada.

Então eu falei:

— Não concordo.

Ela baixou a mão, se afastou e voltou a mexer nas bugigangas.

Então ela disse, ainda virada para os acessórios:

— Tivemos muitas Caças às Esposas, onde o Rei Lahn assistiu ao desfile e deixou passar. Seu povo esperou por anos para que ele reivindicasse sua esposa. Um guerreiro, não qualquer um, mas alguém como o rei Lahn, em especial, não desenvolve uma vasta gama de sentimentos. Eles guerreiam. Saqueiam. Lutam. Treinam. Não formam alianças com seus irmãos, pois há muitas oportunidades para eles serem derrubados. Em alguns casos, raramente, às vezes *nunca*, são tocados

pela gentileza, uma mão macia, um olhar caloroso mas não antes de se casarem. — Ela voltou seus olhos para mim e se fixou nos meus. — Muitos humanos não precisam disso, podem viver suas vidas inteiras sem amor, alguns não podem e menos ainda são guerreiros. — Ela fez uma pausa. — Mas eles existem.

Depois disso, tentando encobrir o que ela me fez sentir, perguntei abruptamente.

— O que Lahnahsahna quer dizer?

Ela sorriu.

— Significa *tigresa*, minha querida.

— Tigresa?

Ela assentiu e continuou:

— E *Lahn* significa *tigre*. Ele foi chamado assim por seu pai guerreiro, que aliás, era um Dax também. Antes, ele desafiou e derrotou o Dax anterior, que havia derrotado o pai dele, Ainda hoje, rei Lahn é conhecido como o Tigre porque é feroz, esperto e forte em batalhas. Ele declarou *you* como *sua tigresa* no rito de casamento. Obviamente, a companheira perfeita para o tigre e, eu diria, pareceu bastante claro pela maneira como ele disse que significava pouco para ele que *you* fosse reivindicada como sua Dahksahna, até mesmo sua rahna Dahksahna. Porém, *much* mais que isso, ele te reivindicou como sua Lahnahsahna. Ele nem sempre foi o Dax, mas nasceu o Tigre. É sua natureza. É quem ele sempre será.

Bom, eu tinha que admitir que ela estava certa. Definitivamente ficou claro que aquilo significava muito para ele. Mais que isso. *Muito* mesmo.

— E *kah* Lahnahsahna? — perguntei baixinho.

— *Minha* tigresa — ela respondeu baixinho.

Ah, nossa.

Desviei o olhar e mudei de assunto rapidamente, antes que meu coração começasse a bater fora de controle.

— E rahna Dahksahna? O que significa *rahna*?

— Ouro.

— Então *kah* rahna Dahksahna...? — parei.

— *Minha* rainha de ouro — ela respondeu.

— Hum-humm — eu murmurei, ainda tocando as pulseiras de pérolas, e a ouvi rir.

O vendedor disse algo para mim, parecendo ansioso. Levantei a cabeça e vi seus olhos agitados, indo de mim para as pulseiras.

— Ah, não, sinto muito. Não tenho dinheiro — disse a ele, sorrindo e ao mesmo tempo balançando a cabeça e colocando as pulseiras no lugar.

Seu rosto demonstrou toda sua tristeza.

— Leve-as — Diandra pediu e desviei meu olhar para o dela.

— Não tenho nenhum... — comecei, mas ela balançou a cabeça.

— Ele vai mandar um mensageiro para o Dax, que lhe dará moedas ou concederá um favor a ele. Se você quiser, pegue-as. — Ela sorriu para o vendedor e depois para mim. — Se as levar, dará uma grande honra a ele. A rainha visitou muitas barracas, mas não comprou nada. Estão todos esperando que você brilhe sua luz dourada sobre eles, então leve-as.

— Não tenho certeza se quero que o Lahn...

— Minha querida, ele tem muitas moedas. A prova é que você está coberta da cabeça aos pés. *Leve-as*. Ele não vai nem piscar. Ele *espera* que você compre coisas dos seus vendedores. Isso os mantém felizes. Alimenta os cofres, coloca comida em suas barrigas e ele precisa da lealdade deles. Pode levar. Confie em mim.

Eu a observei e ela inclinou o queixo para mim de um jeito encorajador.

— Leve-as, Dahksahna Circe — Sheena pediu, em seguida, inclinou a cabeça e abriu um enorme sorriso. — Lindas! — Depois que disse isso, ela riu.

Olhei para as pulseiras, as peguei e as coloquei nas mãos. Foram produzidas de um jeito rústico, mas *eram* bonitas. Havia cinco e combinavam muito bem com a minha roupa. Poxa, essas pérolas combinariam com *qualquer* roupa.

Eu as deslizei no pulso.

— Ah! Suh rahna Dahksahna fahnay ta kay! Rah fahnay ta kay! Shahsha, kah Dahksahna, shahsha! Shahsha! — o vendedor exclamou, terminando com as mãos em posição de oração, sorrindo para mim como um lunático e se curvando repetidamente.

— Ele diz *a rainha de ouro sorri para ele. Obrigado* — Diandra traduziu, sorrindo.

— Como posso dizer: *disponha?* — perguntei.

— Nahrahka — ela respondeu.

Eu me virei para o vendedor, inclinei a cabeça e sorri.

— Nahrahka — eu disse a ele.

— Suh rahna Dahksahna lapay sahna! Shahsha fahnay ta kay. Shahsha, kah Dahksahna! — ele gritou.

Eu ri e olhei para Diandra.

— Ele diz que a rainha de ouro é linda. Obrigado por sorrir para ele — ela explicou e acenei para ela, para ele e sorri novamente.

— Shahsha, hum... bom senhor — murmurei.

Ele se curvou, balançando as mãos cruzadas na frente do corpo, em seguida, se virou para a próxima tenda e gritou:

— Suh rahna Dahksahna fahnay ta kay! *Fahnay ta kay!* — Então ele inclinou o tronco para trás, olhou para o céu azul claro e balançou as mãos entrelaçadas no céu.

— Bem — murmurei para Diandra quando saímos da tenda dele. — Você estava certa. Ele parece muito honrado.

Depois que terminei de falar, ela e a filha riram e foi muito bom me juntar a elas e rir junto.

Seguimos pelo mercado, mas não era quase o mesmo que ir a um shopping (o que eu poderia dizer? Eu era consumista) com minhas amigas de casa (algo que não queria pensar, já sentia falta do meu pai e estava preocupada com ele, eu nem queria pensar nos meus amigos). Mas foi muito divertido... de uma maneira diferente.

Eu gostava de Diandra e quanto mais ficava perto da sua conversa amigável e útil, mais eu gostava. E Sheena era fofa e provou, enquanto fazia compras (e implorava à mãe por uma coisa ou outra) que garotas de doze anos eram universais — não importava em que universo você existisse.

Tomamos um pouco de suco com sabor de manga, oferecido por outro vendedor, que ficou satisfeito além da racionalidade por eu ter tomado sua bebida fresca quando vi aquilo.

Uma baia na qual... parei e olhei... parecia haver filhotinhos de *tigres* brancos.

— Ah, meu Deus — sussurrei e corri para a frente da baia. — Eles são tão fofos! — gemi e olhei para o homem parado ao lado. — Eles são lindos! Inacreditável! Estão à venda? — Senti Diandra e Sheena chegarem perto e me virei instantaneamente para Diandra. — Você acha que eles estão à venda?

Diandra estava de olho nos filhotes de tigre.

— Er... Dahksahna Circe... — ela começou, mas me virei de costas para ela e falei com o homem na baia.

— Quero um — declarei quando estava em pé na frente dele. — Eles são brancos! — Me virei para Diandra. — Nunca vi um tigre branco! Nem sabia que existiam! — Me voltei para o homem. — Eles mudam de cor? — Ele piscou para mim, e eu continuei falando. — Espero que não. Quero dar o nome de Ghost ao meu. Não! — gemi. — Casper! — Balancei a cabeça. — Não, acho que Ghost é melhor. — Virei para Diandra novamente. — O que acha? Casper ou Ghost?

— Minha querida, acho — ela se aproximou — que você deveria discutir isso com seu rei.

— Por quê? — perguntei e suas sobrancelhas arquearam.

— Por quê?

— Sim, por que? Ele é o Tigre, vai gostar de um filhotinho — falei.

— Dahksahna Circe — ela disse suavemente e segurou a minha mão. — Ele é o tigre e você é sua tigresa, mas está colocando um animal de estimação em sua família. Não é um gato, cachorro ou pássaro, mas um animal carnívoro e perigoso. Você nem sabe falar com seu marido na língua dele. Acho que, talvez, você deva se acomodar...

— Olha para eles! — exclamei, esticando um braço para a baia de filhotes de tigre fofos e saltitantes. — Eles são adoráveis. Não são animais carnívoros.

— Mesmo assim, minha querida, suspeito que comam carne, mas mesmo que não o façam, vão comer — ela respondeu racionalmente.

— E daí? — respondi sem raciocinar, como tinha feito toda a minha vida antes da minha mãe morrer e depois, sempre que eu via algo que queria muito. — Eu também como carne.

— Você não mata ninguém e come a carne crua arrancando dos ossos — ela respondeu.

Isso era verdade.

Mordi o lábio e olhei para os animais.

Um deles correu para a lateral da baia, se sentou, olhou para mim e fez um barulho que juro, juro de verdade, entendi como *Loolah*, que eu havia aprendido com Sheena naquele dia que significava *mamãe* em Korwalhk.

Fiquei parada e olhei para a criatura.

— Ah, querida — Diandra murmurou.

Olhei para ela e soube que ela ouviu.

— Ele fez... ele fez...? — Engoli em seco, olhei para o filhote e voltei para a Diandra. — O tigre bebê...?

Outro miado do filhote de tigre que entendi de novo como *Loolah*.

Dei um passo para trás.

Putá merda, o animal *estava falando comigo*.

Diandra suspirou, estendeu a mão, segurou um menino que estava passando e falou rapidamente com ele. O menino olhou para mim e correu para longe, atravessando a multidão.

Dei pouca atenção a isso. Estava olhando para o filhote.

— Esse serzinho me chamou de *Loolah* — sussurrei.

Outro barulho, o que significava outro *Loolah*, em seguida, outro ruído que ouvi como *gahsee*, e Diandra falou com o homem, o que significava que ela também ouviu. Ele se moveu, abriu a tampa de algo que estava no chão e tirou uma mamadeira feita de vidro ondulado com um tipo estranho de bico no final, e que estava cheia de leite.

— *Gahsee* — Diandra sussurrou para mim — significa *fome*.

A criatura *estava falando comigo*!

Eu podia ouvir filhotes de tigre falarem comigo neste mundo!

Que bizarro, incrível e muito *legal*!

O homem voltou para nós, se debruçou sobre a baia, pegou o filhote de tigre, virou-se e, sem hesitar, o jogou em meus braços. Segurei automaticamente quando ele empurrou a mamadeira para mim.

— Ah, querida — Diandra murmurou novamente quando olhei para o tigrinho em meus braços.

Tudo o que eu senti foi o pelo macio e grosso do animalzinho, o toque das suas patinhas lindas e fofas. Tudo o que vi foi o nariz orgulhoso, as orelhas arredondadas e os belos olhos azul-claros olhando para mim com total confiança.

Ah, merda.

Eu estava apaixonada.

Virei o filhote em meus braços, peguei a mamadeira do homem e a ofereci ao tigre bebê.

Sua grande língua rosada atacou o bico e então, ela começou a se alimentar.

Sim. Totalmente apaixonada.

Olhei para Diandra com os olhos brilhantes.

— Querida, estou totalmente apaixonada — sussurrei.

Ela olhou para meu rosto, depois para Sheena e sussurrou:

— Ah... *querida*.

Sheena deu uma risadinha.

Abaixei a cabeça de volta para a filhote, embalando-a e balancei ligeiramente de um lado para o outro.

— Casper? — chamei de forma experimental e a bebê continuou sugando com os olhos fechados. — Ghost? — chamei e os olhos do animal se abriram lentamente e se fecharam de novo. — Então é isso — decidi em voz baixa. — Você é meu Ghost.

Cinco minutos depois, quando a mamadeira estava quase vazia, ouvi batidas de casco. Levantei a cabeça e tarde demais senti que a vibração no mercado mudou.

Virei a cabeça e soube o porquê.

Lahn estava galopando em seu grande garanhão, com a crina preta brilhante e rabo preto balançando.

Dei um passo para trás enquanto ele galopava em minha direção e refreou o cavalo no último minuto, empurrando-o para o lado para que Lahn pudesse se aproximar, virar a cabeça e baixar o nariz para mim.

Olhei para o meu marido em plena luz do dia, uma visão que eu nunca vi.

Ele tinha um peito fabuloso. Era enorme, mas era bem definido, e eu podia ver minhas marcas de unha aparecendo no ombro dele. Idem em relação às partes enormes, bem definidas e fabulosas quando se tratava de seus ombros. Os músculos de suas coxas podiam ser vistos pela calça. Sua pele morena. Barba grossa e negra, pontuda no queixo, presa por uma faixa de ouro que era estranha, mas também era legal. O cabelo

preso em uma trança grossa que provavelmente ia quase até a cintura, mas agora estava pendurada sobre o ombro maciço, também presa por uma faixa de ouro. A testa forte que se projetava de forma atraente sobre os olhos. Sobrancelhas grossas e negras. Maçãs do rosto fabulosas. Olhos profundos, penetrantes e castanho-escuros. Lábios cheios e sulcados rodeados pela barba.

Gostoso demais.

E o olhar que ele estava me dando era totalmente feroz.

Ficou claro que ele não estava muito satisfeito por ter sido interrompido em qualquer coisa que um rei de uma horda selvagem fazia durante o dia e ter sido chamado ao mercado porque sua esposa havia se apaixonado por um filhote de tigre.

Dei outro passo para trás.

Então me lembrei de quem eu era.

No meu mundo, eu era Circe Kaye Quinn, gerente do escritório da companhia do pai, infeliz no amor (algo que tentei, duas vezes. Tive relacionamentos de longo prazo com caras que eu achava que durariam para sempre (duas vezes) então sabia que era infeliz no amor) mas amada pela família e amigos.

Aqui, eu não era gerente de escritório. Eu era a Rainha Guerreira de Ouro e a Tigresa e eu estava usando uma roupa incrível.

Então precisava engolir em seco e não sentir tanto medo desse cara. Ele poderia me machucar, já tinha feito isso mais de uma vez e eu sobrevivi.

Então... que se dane.

Respirei fundo e levantei o queixo ao mesmo tempo em que ergui um pouco o filhote.

— Esta é a Ghost — apresentei. — Ela é a nossa nova animal de estimação.

Lahn fez uma careta para mim.

— Er — Diandra deu um passo à frente, em seguida, disse um monte de coisas que eu não entendia, mas meu palpite era que ela estava traduzindo.

Os olhos dele não deixaram meu rosto e seu olhar não abrandou.

— Vou levá-la para casa. Você precisa dar uma... moeda a esse homem. — Balancei a cabeça para indicar o homem que estava vendendo o tigre.

Diandra falou novamente e Lahn continuou fazendo uma careta.

— Ela vai dormir na cama com a gente — declarei.

Diandra traduziu (hesitante desta vez) e a carranca piorou ou, devo dizer, ficou mais *sombria*.

Encarei sua carranca por um bom tempo. Então suspirei outra vez, sentindo o pelo espesso e o corpo quente do filhote ficando mais pesado em meus braços quando ela adormeceu.

Jesus, Maria e José, um filhote de *tigre branco* estava dormindo em *meus braços*, me chamou de *mamãe* e eu *a ouvi*.

Me aproximei de Lahn, tirei a mão debaixo do filhote, apoiei os dedos ao redor da sua coxa dura e inclinei a cabeça para trás para olhar em seus olhos ferozes.

— Por favor? — sussurrei.

Ele me olhou por muito tempo.

Então apertei sua coxa.

Ele olhou por mais um segundo, em seguida puxou as rédeas do cavalo. Ele se esquivou duas vezes, Lahn se inclinou, pegou a mim e a Ghost em seu braço e nos levantou, plantando minha bunda na frente dele no cavalo.

Ele estava...?

Ele grunhiu algo para o homem, que sorriu e curvou a cabeça, então Lahn girou o cavalo e estávamos galopando pelo mercado.

Ele deixou! Ele me deixou ficar com o tigre!

lupi!

Eu me virei e, olhando por cima do seu corpo grande, acenei para Diandra e Sheena da melhor forma que pude enquanto ainda mantinha o controle sobre meu novo bebê.

Elas acenaram de volta. As duas sorriam, e seus sorrisos eram *enormes*.

Eu me endireitei e olhei para Lahn, que estava olhando impassível para longe. Ele deve ter sentido meu olhar porque baixou os olhos e me encarou com um olhar furioso.

Sorri para ele.

Seu olhar se aprofundou quando seus olhos semicerraram focado em minha boca.

Me virei para olhar para frente, me ajeitei no cavalo e embalei a Ghost.

Se ele queria ficar de mau humor, que assim fosse.

Para mim, tanto faz.

Eu tinha um novo filhote de tigre que podia *falar comigo* e achava que eu era sua Loolah!

Sem mencionar algumas pulseiras novas e divertidas.

lupi!

Capítulo 07

Os Jogos

As abas da tenda se abriram.

Eu pulei. Ghost levantou a cabeça. Teetru, Jacanda, Packa, Gaal e Beetus (que, cada uma, até mesmo a reservada Teetru, gritaram de prazer ao me verem com Ghost mais cedo, quando fomos com Lahn até a tenda, ele desmontou, me puxou para baixo e depois remontou sem uma palavra ou olhar e partiu), todas me cercaram na cama e brincaram com Ghost, que também saltou e olhou para a abertura da tenda onde Lahn estava se abaixando para entrar.

Ele deu um passo para dentro. Ghost pulou da cama e correu para ele, o corpo todo branco e peludo e as grandes patas. O filhote de tigre chegou no seu novo papai, pulou com duas patas e arranhou o couro.

Lahn olhou para a criatura, cruzou os braços sobre o peito, levantou a cabeça e me encarou com um olhar penetrante.

Ah, inferno.

— Vayoo — ele grunhiu para mim.

Eu não tinha ideia do que isso significava, mas Teetru e Jacanda começaram a me empurrar para fora da cama.

Era noite. Já havia jantado e estava imaginando que era hora dos jogos.

Saí da cama, passei pelo meu marido e me inclinei para pegar Ghost, que agora estava arranhando os tapetes. Ela era pesada, então a levantei e fiquei cara a cara com ela.

— Seja boazinha — avisei.

Ela se empurrou para frente, esfregou minha mandíbula com a cabeça, fez um barulho que eu sabia que era Loolah, eu ri e a trouxe para perto para lhe dar um abraço.

Então ela foi puxada das minhas mãos e virei a cabeça para Lahn para vê-lo largá-la no chão.

— Lahn! — retruquei, mas ele estendeu a grande mão e engoliu a minha.

— Vayoo, Lahnahsahna Circe, boh — ele resmungou, me puxando para as abas da tenda.

— Ah, tudo bem — murmurei, em seguida, me virei para as garotas e falei, enquanto acenava: — Boa noite, moças. Cuidem do Ghost. — Apontei para o filhote e elas sorriram e acenaram.

A ponta da tenda bateu e eu segui Lahn através dela. Ou, mais precisamente, fui transportada através dela.

— Estou indo, estou indo, mais devagar — falei, enquanto corria para acompanhar seus longos passos.

— Mayoo — ele respondeu.

— Não posso *mayoo*, Lahn. Poxa, você tem mais de dois metros. Você é muito mais alto que eu. Cada passo que você dá é pelo menos dois dos meus — eu disse para suas costas.

Ele parou abruptamente e eu quase bati nele.

Ele se virou e me olhou, em seguida, disse um monte de coisas que não entendi. Mas eu estava por perto por tempo suficiente para saber que quando o final do que ele dizia era uma pergunta, ele provavelmente estava me perguntando algo sobre mulheres que, mesmo que eu pudesse *entendê-lo* e ele a mim, nunca poderia explicar.

Então coloquei a mão em seu peito, me inclinei um pouco para ele, inclinei a cabeça para trás e disse suavemente:

— É assim que é, grandão — tirei a mão da dele e pressionei a palma da mão em direção ao chão — *mais devagar*.

Seus olhos estavam fixos na minha mão e ele parecia mais do que triste. Estava estranhamente chateado.

Ah, não.

Bem, talvez eu estivesse compreendendo que havia momentos para ser a Tigresa, mas quando o Tigre estava ansioso para ver um bando de guerreiros batendo uns nos outros, eu deveria me apressar e continuar.

Quando ele ficou olhando para a minha mão daquele jeito furioso, dei um passo de precaução para trás. Seus olhos se voltaram para os meus, então ele se moveu rápido, estendeu o braço e envolveu meu pulso com os dedos. Ele me puxou com força e caí contra ele assim que ele pressionou minha mão no peito exatamente onde eu a havia colocado momentos antes.

Olhei para ele enquanto seus olhos olhavam para a minha mão logo abaixo dos arranhões em seu peito e senti meu coração começar a bater forte.

Ele me olhou.

— Kay ahnay see — ele murmurou e apertou minha mão com mais força em seu peito.

Eu sabia o que aquilo significava.

Ele estava dizendo que gostou.

Ah, nossa.

— Hum... — murmurei. — Bom.

— Bom — ele repetiu. Inclinei a cabeça para o lado e sorri com timidez para ele.

— Sim... bom.

Seu olhar caiu para a minha boca e sua outra mão surgiu. Sua pele calejada áspera no meu queixo, o polegar pressionado com força contra os meus lábios.

— Kay ahnay see — ele repetiu baixinho e minha respiração ficou presa na minha garganta.

Ah.

Uau.

Ele gostou do meu sorriso.

Uau.

Ele gostou do meu sorriso!

Eu olhei para o meu marido guerreiro.

Seu pescoço estava torto para que ele pudesse olhar para mim, sua pele era firme e quente sob a minha mão, assim como seu corpo contra o meu e seu rosto, Deus... ele era lindo.

Sem pensar, me inclinei mais contra ele, minha mão deslizando pelo seu peito, levando a dele comigo. Ergui o braço para me enrolar em seu pescoço. Ele baixou a mão e começou a enlaçar minha cintura, a outra já estava lá quando inclinei a cabeça para trás, meus olhos se fecharam lentamente enquanto seus lábios se aproximavam...

E então ouvimos:

— Poyah, Dax Lahn! Poyah, rahna Dahksahna!

Ah, que droga!

Abri os olhos para ver que a cabeça dele ainda estava perto e virada, mas ele não se afastou de mim. Olhei na direção em que ele estava olhando e vi um guerreiro se aproximando. Era o sorridente do rito de casamento que estava muito satisfeito com sua noiva. Ele sorria agora também e ainda parecia bastante satisfeito, na verdade, infinitamente mais.

Alguém estava recebendo coisa boas e estava gostando.

Meu corpo ficou tenso quando senti Lahn se endireitar e ele dizer um monte de palavras rudes para o guerreiro. Embora não soubesse o que significavam — mas o tom foi muito rude o guerreiro não perdeu um passo nem seu sorriso vacilou. Na verdade, ficou maior e depois ele inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada calorosa.

Ele parou de rir e balançou a cabeça quando chegou até nós e disse um monte de coisas e, enquanto fazia isso, gesticulou para mim com a cabeça uma vez.

Lahn devolveu o seu gesto e também gesticulou para mim com a cabeça.

As sobrancelhas dos outros guerreiros arquearam em descrença e então o que ele disse soou com ar de incredulidade, mas se eu não estivesse errada, era algo como “você é o cara”. Tive certeza disso quando seus olhos vieram para mim e ele me olhou de cima a baixo, em seguida, se virou para Lahn e assentiu em aprovação.

Com certeza era *você é o cara*.

Hum.

Meu marido estava se gabando das suas aventuras comigo *bem na minha frente?*

Saí dos seus braços e coloquei as mãos nos meus quadris.

— Hum... baby — chamei, e os dois homens se viraram para mim, olharam para o meu rosto, mostrando que haviam compreendido e antes que eu pudesse dizer mais, Lahn disse algo para o guerreiro.

E eu não falava Korwahk, mas com certeza era algo como *Viu o que eu quero dizer?* E o que quer que ele tenha dito fez o guerreiro morrer de rir novamente.

Lahn e o guerreiro fizeram isso.

Fiquei lá olhando.

Nunca havia beijado meu marido e nunca o vi rir. Eu nem o vi sorrir.

Até então.

Nossa, quanto isso era estranho?

Ele tinha uma ótima risada e ficava bem fazendo isso.

E tinha dentes muito brancos.

Eles pararam de rir. O outro guerreiro disse alguma coisa e inclinou a cabeça para mim. Lahn assentiu, sorrindo e, de repente, ele segurou meu braço e colocou meu corpo em movimento. Eu não tinha ideia de como fez isso, mas me colocou em suas costas, então meu braço estava em volta do seu pescoço e minhas coxas em seus quadris. Suas mãos grandes seguraram a minha bunda e ele começou a andar enquanto

falava com o outro guerreiro, que caminhava ao seu lado, o tempo todo me carregando nas costas.

Curvei as pernas por completo para me segurar e coloquei o outro braço ao redor do seu peito. Havia algo nisso, algo doce, íntimo, algo que eu gostava.

Ah, cara.

Caminhamos pelo acampamento e atraímos todos os olhos de todas as pessoas pelas quais passamos. Notei que Lahn não sorriu ou acenou. Percebi que ele estava com as mãos na minha bunda, comigo em suas costas e um guerreiro ao lado e esse era todo o seu foco. As pessoas por quem passamos não existiam. Ele não os reconheceu de forma alguma.

Então eu o fiz, sorrindo e acenando para quem chamou minha atenção. E havia muitos deles também.

Os dedos de Lahn ficaram tensos na minha pele e ele virou a cabeça e disse algo para mim.

Não entendi, obviamente, então apoiei o queixo no ombro dele e sussurrei:

— Não te entendo, baby.

Seus olhos escuros me encontraram, e ele disse baixinho:

— Lahnahsahna Circe... ok?

Ah, cara.

Sim, eu estava bem. Ótima com Lahn tentando se comunicar comigo na minha própria língua.

Sim, totalmente bem.

Fechei os olhos e apertei meus braços, em seguida, assenti, abri os olhos e sussurrei:

— Ok.

Então ele me deu outro aperto na bunda quando olhou para frente novamente e seu guerreiro disse algo.

Olhei para frente também, suspirei, segurei firme e aproveitei o passeio.

Bom, era seguro dizer que no minuto em que entramos na enorme tenda onde os jogos eram realizados, eu soube que não ia gostar.

Isso, porque havia um monte de homens corpulentos sentados em bancos, o lugar cheirava a homem e bebida e havia dois caras trocando socos no meio do círculo. E com isso, quero dizer que estavam suados, sangrando, grunhindo e *detonando um com o outro*.

Poucas pessoas olharam para nós, tal era a atenção a luta. Mas havia um banco inteiro vazio de um lado. O outro guerreiro se afastou e Lahn caminhou direto para lá, me tirou das suas costas — batendo no meu ombro quando o fez (o grandalhão era rude, mas eu estava sentindo que ele não sabia disso). Ele me colocou no chão, se sentou, abriu bem as pernas e segurou minha mão. Me puxou com tanta força que machucou meu ombro de novo e meus joelhos cederam, então afundei no chão de pedra.

Ele me puxou entre suas pernas. Fiz o possível para me sentir confortável e olhei ao redor.

Havia muitos guerreiros — embora eu não conseguisse encontrar aquele que reivindicara Narinda, não que eu tivesse certeza de que iria me lembrar de sua aparência. Não havia mulheres, a não ser as duas que corriam com jarros, enchendo as canecas cobertas de couro que os homens estavam bebendo. Uma correu até Lahn. Ele pegou a caneca cheia que ela ofereceu, a levou aos lábios, deu um gole enorme, se endireitou e focou nos lutadores.

Nenhuma bebida me foi oferecida antes que a mulher saísse depressa.

Hum. Aparentemente, não serviam bebidas as mulheres.

Imaginei.

Para me sentir confortável, me aproximei das pernas dele e coloquei um braço na coxa de Lahn. Eu não sabia se estava tudo bem, mas achei que se não estivesse, eu descobriria em breve.

Ele não o tirou, então me inclinei em sua direção e olhei para os guerreiros que gritavam e aplaudiam.

Cara, eles estavam realmente adorando essa merda. Estavam quase enlouquecidos.

Olhei para os lutadores. Um parecia prestes a cair. Isso era bom e ruim. Bom para mim, porque significava que esta luta estava quase no fim. Ruim para ele, porque ficou claro que não havia nocaute técnico e ele parecia precisar de um.

Eu tinha razão. Cinco minutos depois, ele caiu e estava fora.

Um minuto depois, o homem foi arrastado pelo chão de pedra sem a menor cerimônia enquanto o outro lutador batia no peito, abria os braços, batia as pernas e gritava seu triunfo. Em seguida, pegou uma caneca de couro de uma garçonete que passava, bebeu a maior parte em um gole e despejou o resto sobre o corpo, sacudindo a cabeça e fazendo com que sangue, suor e bebida voasse por toda parte. Então ele gritou novamente.

Ahhhhhhhh!

— Lahnahsahna Circe. — Ouvi Lahn chamar meu nome e me inclinei para trás para olhar para ele.

— Sim?

Ele levou a caneca aos meus lábios.

— Gingoo — ele ordenou e não precisava ser um mestre em linguística para saber que ele queria dizer beba.

Separei meus lábios. Ele inclinou a caneca e notei que ele estava observando com intenso interesse.

Eu esperava uma substância parecida com cerveja, visto que estávamos em um evento esportivo.

Mas não era. Era um aguardente forte, que queimou minha garganta, mas não era tão ruim assim.

Ele pegou a caneca, e eu sorri para ele.

— Kay ahnay see — falei.

Ele me encarou por um segundo, recuou com surpresa e inclinou a cabeça para trás enquanto morria de rir.

Eu não sabia o que era tão engraçado.

Inclinou a cabeça, seus olhos percorreram a tenda e seu punho bateu contra o peito antes de ele gritar:

— Kah Lahnahsahna ahnay see!

Ele ergueu a caneca e a aguardente espirrou. Ouvi muitos aplausos e virei a cabeça para ver que todos os guerreiros estavam olhando para mim. Alguns estavam batendo os pés. Outros, batendo palmas. Todos sorriam.

— Lahnahsahna hahla! — Um guerreiro gritou e todos aplaudiram novamente.

Senti Lahn tocar a parte de trás da minha cabeça. Olhei para ele mais uma vez e ele me ofereceu mais bebida.

— Gingoo, kah fauna — ele ordenou gentilmente, em seguida inclinou a caneca e eu dei outro gole. Quando a caneca saiu da minha boca, os guerreiros aplaudiram novamente e Lahn sorriu para mim. — Hahla — ele murmurou, ainda sorrindo.

— Hahla — eu repeti, sem ter ideia do que havia dito, mas feliz em dizer algo que o mantivesse sorrindo para mim daquele jeito.

Consegui o que queria, mas ele me ofereceu algo melhor. O sorriso se alargou e passou para um sorriso ofuscante.

Então sua cabeça voltou para a ação quando mais dois lutadores surgiram.

Sorri para mim mesma e olhei a luta, pensando, *tudo bem, isso não foi tão ruim.*

Sem qualquer demora, eles se entreolharam. Percebi imediatamente que isso não era como uma luta de boxe em casa. Não que eu tenha visto a muitas lutas, mas esses caras não tinham luvas, por exemplo. Além disso, não havia árbitros. E acho que os boxeadores também não podiam intervir na luta, chutar, lançar (e às vezes atingir) a virilha e coisas assim.

Não era brutal. Era *selvagem*.

E, neste round, escolhi um favorito. Não sabia porque, mas gostava dele. Talvez porque o outro cara continuasse tentando chutar a virilha ou dar socos nele e não achei que fosse uma luta justa.

Então, quando o meu escolhido começou a virar o jogo, fiquei empolgada.

Sem pensar, aplaudi. Enquanto a batalha avançava, aplaudi *alto* e com *força*.

Quando o cara malvado caiu, ergui os braços.

Pulei entre as pernas de Lahn e gritei:

— *Uhuuu!* Você acabou com ele! Muito bem! Você é *demais!*

O vencedor não se mostrou, gritou, bateu no peito ou tomou uma caneca cheia de aguardente.

Ele me olhou.

Então senti que todos me olharam enquanto o perdedor colocava os bofes para fora.

Abaixei os braços.

Ah, Deus.

Me ferrei.

Lahn colocou sua mão enorme na parte de trás do meu pescoço.

Ah, droga!

O lutador vencedor deu dois passos em minha direção, eu fiquei tensa e ele parou.

Então, se inclinou para mim, eu recuei e ele falou:

— *Suh Rahna Dahksahna!*

— *Suh Rahna Dahksahna!* — Outro grito ecoou.

Eles começaram a bater o pé quando se levantaram, pisando forte, socando o ar e gritando:

— *Rahna Dahksahna! Rahna Dahksahna! Rahna Dahksahna! Rahna Dahksahna!*

Bem, hum... parecia que não havia crise. Aparentemente, esses garotos gostavam quando suas mulheres aplaudiam durante esportes de sangue.

Bom saber.

Sorri incerta para os rapazes e depois senti pressão no meu pescoço. Inclinei a cabeça para trás para ver Lahn olhando para mim, seu rosto inexpressivo.

Mordi o lábio, seu olhar focou na minha boca e, em seguida, ele levantou os olhos e encarou os meus.

Então, ele murmurou:

— Bom.

Senti meu rosto se transformar em um sorriso.

Ele balançou a cabeça, seus lábios se curvaram e ele levou a caneca aos meus lábios. Tomei outro grande gole e ele pegou a caneca e apertou meu pescoço antes de tirar a mão. Sua atenção voltou para o centro e a minha o seguiu. Os rapazes se acalmaram, novos combatentes entraram no círculo e as lutas recomeçaram.

Eu sabia que as coisas não iam ser boas quando Dortak apareceu arrastando sua esposa, que parecia apavorada, intimidada, com os olhos fundos e os braços cobertos de machucados.

Ao contrário de quando Lahn e eu chegamos, no minuto em que Dortak levou sua mulher para a tenda, a atenção foi para ele e a vibração mudou. Ainda havia aplausos, batidas de pés no chão e os lutadores não

perdiam a oportunidade de dar um golpe, mas uma corrente letal alcançou a tenda e não pareceu boa.

Quando a vi, sem pensar, movi a mão rapidamente até encontrar a de Lahn e a entrelacei na dele. Ele não me deu um aperto reconfortante. Moveu minha mão para sua coxa e curvou meus dedos ao redor do músculo firme, em seguida, sua mão deixou a minha.

Certo, eu não sabia interpretar isso. Talvez ele simplesmente não fosse o tipo de cara que segurava mãos durante as lutas de guerreiros. Mas eu estava adivinhando que isso era uma indicação de que eu era a sua incrível rahna Dahksahna e precisava engolir isso. Este era o mundo deles e eu estava nele.

E, de repente, isso me desanimou.

A noite havia sido divertida. Eu sabia que estava mais do que levemente embriagada com a aguardente que Lahn continuava me dando e estava me sentindo solta e feliz pela primeira vez desde que cheguei a este mundo (novamente, eu estava mais do que levemente embriagada... mas mesmo assim).

Agora, a noite não estava divertida e, por mais que eu tentasse, não conseguia tirar os olhos de Dortak e da sua noiva.

Algo ali tinha que mudar. Era nítido que ela estava infeliz e ele estava claramente a maltratando. Não eram apenas as contusões. Era o olhar derrotado no rosto dela.

Eu teria que falar com meu marido. O problema era que, pelas minhas contas, ele entendia duas das minhas palavras e eu não entendia muito mais dele.

Apoiei a bochecha contra a minha mão em sua coxa e olhei sem interesse para os lutadores. Mas meu olhar continuava voltando para Dortak e vi quando um guerreiro se inclinou para ele, balançou a cabeça para mim, dizendo algo enquanto sorria. Algo que Dortak não achava que fosse digno de um sorriso se a expressão feroz que ele exibia era uma indicação. Portanto, eu sabia que ele estava contando sobre meus

aplausos e as bebidas e Dortak não estava entre aqueles que gritavam meu título em aprovação.

Respirei fundo para me impedir de ter uma reação visível ao ódio vindo em minha direção e minha atenção se voltou para os lutadores.

Minutos depois, ouvi um grito vindo da direção dele e não era de um guerreiro. Movi meus olhos para lá e endireitei o corpo.

Dortak estava com a mão no cabelo da esposa, puxando a cabeça com força ao mesmo tempo que tirava seu sexo de dentro da calça.

Não, ele não ia...

Ele empurrou o rosto dela em seu colo, se forçando em sua boca.

Fiquei de pé e dei um passo para frente, mas dois braços fortes se fecharam ao meu redor, um na minha barriga, outro no meu peito e a boca de Lahn veio ao meu ouvido. Ele falou baixinho, de um jeito gentil, mas não ouvi uma palavra do que ele disse (independentemente do fato de que eu provavelmente não as entenderia) enquanto olhava em choque e tentava fazer com que o veneno saísse dos meus olhos e voasse com precisão em Dortak, que encarou meu olhar furioso e usou a mão forte no cabelo da esposa para forçar sua boca para cima e para baixo em sua ereção.

— Pare-o — sussurrei quando Lahn me puxou de volta e em seguida, se sentou, não me empurrando para o chão, mas me acomodando em seu colo. — Pare-o — repeti mais alto e ele me virou em seus braços e empurrou meu rosto em seu pescoço para que eu não pudesse mais ver. — Kay me ahnoo! — retruquei contra seu pescoço.

— Rayloo, kah fauna — Lahn murmurou e manteve meu rosto em seu pescoço com a mão em concha na minha cabeça e meu corpo em seu colo com o braço forte preso ao redor dele.

Levantei a mão e a apoiei do outro lado do pescoço dele.

— Kay me ahnoo — disse a ele, que me deu um aperto. — Kay me ahnoo — eu repeti em um sussurro, mas ele não fez nada, exceto pelo fato de que não me soltou.

Sabia que estava acabado quando ele tirou a mão da minha cabeça e a baixou para envolver o meu corpo.

Ele ainda não me soltou, nem me empurrou do seu colo e me forçou entre suas pernas. Apenas me manteve onde eu estava, me segurando em seu colo. Tirei o rosto do seu pescoço com cuidado e observei seu perfil. Ele estava aos lutadores em silêncio. Então dei uma olhada em Dortak. Sua noiva ainda estava entre as pernas dele, o corpo virado para os lutadores, mas a cabeça dela estava curvada, as bochechas flamejando e os olhos voltados para o chão.

Eu me virei e empurrei meu rosto no pescoço de Lahn.

Senti seu peito se expandir com um grande fôlego que ele soltou bem devagar.

Não queria mais ficar lá. Me enrolei nele e tentei calar tudo, esperando que acabasse logo.

Isso se tornou impossível quando ouvi insultos e palavras barulhentas sendo gritadas no que parecia ser nossa direção. Levantei o rosto do pescoço de Lahn, virei a cabeça e vi Dortak parado diante de nós, zombando de Lahn, a saliva saindo de sua boca, seu rosto vermelho e batendo o punho em seu peito.

Olhei para a esposa dele, que estava no chão, onde ele a deixou, agora se abraçando, os braços ao redor das pernas, os olhos espreitando por trás dos joelhos.

Lahn disse alguma coisa com calma e olhei para ele para ver que ele parecia tão calmo quanto sua voz. Rapidamente, olhei para Dortak, que não se adaptou muito bem à calma de Lahn. Ele estava com o rosto vermelho e as veias do pescoço se destacavam enquanto ele continuava a gritar.

O que estava acontecendo?

Lahn fez uma pergunta para a qual Dortak grunhiu:

— Meena!

Lahn assentiu. Então ele se levantou, comigo em seus braços. Ele me colocou sentada no banco e olhou em meus olhos antes de se endireitar e se virar.

No instante em que fez isso, os guerreiros se levantaram de seus assentos, os braços para cima, gritos ensurdecedores e estavam dizendo apenas uma palavra.

— *Dax!*

Ah, merda.

Lahn ia lutar com esse cara?

Dortak imediatamente deu um soco, batendo no queixo de Lahn.

Eu me levantei.

Lahn deu dois passos para trás, apontou para mim, seu dedo se moveu para o banco e ele gritou:

— Lutoo! Boh!

Dortak se aproximou e o atingiu novamente, desta vez nas costelas de Lahn.

Me sentei, não querendo desviar sua atenção novamente, mas sentei na beirada do banco e não tinha ideia de como conseguir ficar ali já que estava tremendo como vara verde.

Dortak o atingiu novamente, mais uma vez, uma rápida sucessão de golpes que Lahn não pareceu nem tentar desviar.

Em seguida, deu outro golpe tão brutal no rosto, que o torso de Lahn balançou ao redor e ele se inclinou, levando a mão para o sangue que agora estava pingando de sua boca. Dortak investiu para atacar, mas Lahn levantou um cotovelo, atingindo o nariz do outro homem, não apenas com a força do seu braço, mas com o ímpeto do adversário. Dortak recuou e Lahn avançou, com a palma na garganta dele. Levantou Dortak e bateu suas costas contra a pedra, a batida da sua cabeça contra a pedra fazendo soar um baque surdo que fez meu estômago revirar.

Os guerreiros ficaram loucos.

Lahn se ajoelhou para virar Dortak de costas e rapidamente moveu uma perna para colocar o joelho sobre o braço do homem para incapacitá-lo, a outra panturrilha que ele empurrou contra o pescoço do seu oponente, enquanto retorcia o resto do seu corpo contra as pernas do outro. Ele segurou um tornozelo agitado, puxou a calça do homem por trás e puxou uma pequena faca de dentro da bainha.

Todos que aplaudiam silenciaram instantaneamente e me levantei novamente com os dedos na boca.

Nenhum dos outros lutadores tinha armas. Eles usavam os punhos, pés e sua inteligência... não armas.

Lahn soltou as pernas de Dortak, mas rapidamente se virou e o manteve deitado com uma mão ao redor da garganta, a outra segurando a faca apontado a meio centímetro do seu olho.

Ele grunhiu algo para ele.

Então, rápido como um relâmpago, a faca se moveu e o sangue cobriu o rosto de Dortak enquanto ele uivava.

Ofeguei, dei um passo para trás e bati contra o banco, então parei.

Lahn o puxou para cima, jogando a faca para baixo, de modo que ela bateu no peito de Dortak, quicou e caiu no chão de pedra.

Lahn olhou para ele e cuspiu em sua direção, a saliva caindo no ombro do oponente.

Depois disso, ele se virou e começou a vir na minha direção.

Observei-o se mover, meu corpo tremendo, depois vi Dortak se levantar, ainda sufocando, e meu corpo congelou quando vi que Lahn havia feito um corte profundo, aberto e curvo que ia da testa, passando sobre a maçã do rosto seguindo parcialmente através do lábio e da mandíbula.

— Lahn — sussurrei. Dortak se inclinou, pegou a faca do chão, se endireitou e eu gritei: — Lahn!

Dortak atacou e Lahn virou como se eu não tivesse gritado seu nome para indicar perigo iminente, mas como se eu tivesse sugerido que

ele poderia querer olhar por cima do ombro e observar o voo de uma linda borboleta.

Quando o braço de Dortak surgiu, ele segurou o pulso da mão com a faca, usou para girá-lo e o segurou pela garganta com o outro antebraço. Lahn então virou Dortak para encarar a noiva e usou a faca ainda na mão de Dortak para abrir outro corte profundo no comprimento do peito de Dortak, seguindo para baixo, quase até a virilha, e então moveu a mão de Dortak e afundou a lâmina no lado do corpo do homem.

O oponente grunhiu de dor e meus joelhos se dobraram.

Lahn tirou a faca e deixou Dortak ir embora. Ele caiu de joelhos, com as mãos no ferimento e Lahn limpou o sangue do homem nas roupas.

Ele jogou a faca bem longe.

Então se virou e seguiu na minha direção.

Tentei recuar, mas quase tropecei no banco quando ele veio para mim e tentei entrar em acordo com a justiça violenta que acabei de testemunhar o meu marido executar. Talvez tenha sido justificado, mas ainda assim me assustou.

Suas longas pernas o levaram até a mim em segundos. Ele segurou meu braço, virou de costas para mim, me levantou, minhas pernas automaticamente enrolaram ao redor dos seus quadris quando ele envolveu meu braço ao redor do seu pescoço e saiu da tenda.

Bem. Acho que isso significava que os jogos acabaram.

Caramba!

— Fique quieto — vociferei para Lahn, que estava sentado em uma das cadeiras em nossa tenda, e ele continuou afastando a cabeça do caminho quando tentei limpar o lábio cortado com o pano limpo e úmido que consegui explicar a Teetru que eu precisava.

Afastei os olhos dos seus irritados e tentei limpar o sangue novamente.

Ele empurrou a cabeça para longe.

— Lahn! — resmunguei. — Segure firme!

Ele não ficou parado. Arrancou o pano da minha mão, o jogou na mesa e saiu da cadeira com o ombro na minha barriga.

Ofeguei quando ele me jogou na cama, fazendo-me subir e descer. Exalei de novo quando ele pousou sobre mim.

— Lahn, precisamos limpar o seu lábio cortado. — Bufando, eu disse a ele algo que ele não entenderia e claramente não tinha intenção de ficar sentado e me permitir fazer isso. Foi um milagre tê-lo feito se sentar, em primeiro lugar. Havia acontecido há cinco minutos e eu ainda não sabia como consegui.

Ele levou a mão entre nós e puxou um lado do meu sarongue.

Eu sabia onde isso iria.

— Lahn...

— Rayloo — ele grunhiu.

— Lahn! Seu lábio!

Aquele lábio ensanguentado (e o que não estava sangrando, por sorte, eles vinham em pares) se aproximou do meu.

— Rayloo, Circe.

Olhei em seus olhos enquanto sua mão deslizava pela pele da lateral do meu corpo.

Merda, isso parecia bom.

— Tudo bem, *rayloo*. Eu vou *rayloo*, seja lá o que isso significa — resmunguei.

Seus olhos suavizaram e sua mão se afastou do lado do meu corpo.

Chegou ao meu rosto, onde a ponta do seu polegar pressionou meu queixo e seus dedos pressionaram meus lábios.

— Rayloo — ele disse baixinho.

Ah. *Rayloo*.

Ele tirou a mão da minha boca.

— Quieta — sussurrei.

— Quieta — ele repetiu.

— Rayloo — tentei falar.

Ele balançou a cabeça como se não soubesse o que fazer comigo (como, talvez, ele estivesse pensando que havia me dito para ficar quieta e eu continuei falando), mas afirmou:

— Rayloo.

— Ok — eu disse suavemente.

Sua mão deslizou pelo meu braço, segurou minha mão e depois a puxou entre as pernas dele e a moveu para dentro da sua calça.

Seus dedos enrolaram os meus ao redor do seu pau duro.

Uau. Muito bom.

Mordi o lábio e me contorci debaixo dele.

Ele balançou a cabeça como se não soubesse o que fazer comigo de novo, sua mão deixou a minha ao redor do seu pau e a dele entrou na minha calcinha.

Certo, eu estava errada. Ele sabia o que fazer comigo.

Então calei a boca e o deixei fazer isso.

Capítulo 08

Novos Guerreiros

Senti o baque de algo pesado e suave e abri meus olhos.

No minuto em que o fiz, vi uma pata peluda e, em seguida, senti a batida suave dela contra a minha bochecha.

— Loolah — Ghost miou.

Eu sorri para o meu filhote, a capturei em meus braços e lhe dei um aconchego.

Ela se contorceu, depois saltou e rolou ao redor da cama, um pouco no colchão, principalmente em mim.

Olhei para o outro lado da cama.

Lahn havia partido.

Foi a primeira vez que acordei neste mundo sem ele.

Não, risque isso.

Foi a primeira vez que *ele* não *me* acordou.

E, novamente, eu havia acordado neste mundo.

Virei de costas, puxei as cobertas até o peito e olhei para o teto enquanto Ghost pulava, arranhando, brincando e, sempre que eu conseguia colocar minhas mãos nela, a coçava ou acariciava, mas ela não estava querendo isso e continuava pulando.

Minha cabeça estava pulando também.

Um, continuei acordando neste mundo. Dois, não tinha ideia de como cheguei aqui. Três, não fazia ideia de quando seria mandada para casa. Quatro, não tinha ideia se seria mandada para casa. Cinco, agora eu não tinha ideia de como me sentia sobre isso.

Há dois dias, eu teria implorado, pedido, roubado ou matado para ir para casa. Sem brincadeira. Faria qualquer coisa para fugir deste lugar.

Mas agora, eu passava tempo com Diandra, Sheena e as minhas garotas. Eu tinha Ghost, um tigre branco que me chamava de Loolah. O mercado era interessante. Minhas roupas eram maravilhosas. Os guerreiros me aprovavam. Eu era uma rainha o que, com certeza, tinha suas vantagens.

E havia Lahn.

Tão louca quanto soava, o homem estava se aproximando de mim — sorrindo para mim, me carregando nas suas costas daquele jeito fofo, me deixando ficar com Ghost, sendo tudo o que *não* havia sido na cama naqueles três primeiros dias e, de fato, sendo o melhor amante de longe que já tive *na vida*.

Sem mencionar que ele era lindo.

E eu estava começando a sentir uma estranha conexão com ele que não fazia sentido, mas eu sabia que existia. Senti isso, essa conexão, uma atração violenta. E isso me assustou porque não entendi. Não fazia sentido, então decidi enterrá-la profundamente.

Ao mesmo tempo, o vi cortar um homem sem piscar, depois o apunhalar com uma lâmina. Ele me perseguiu. Não teve nenhum problema em me estuprar e depois me tomar repetidamente mesmo sabendo que eu não queria e estava longe de estar pronta para recebê-lo.

Ele ainda me assustava ao mesmo tempo que me fascinava, me atraía.

E vi meu marido sorrir. Eu o vi rir. E as duas coisas pareciam boas.

Eu tinha um marido, o que em si era bizarro.

Mas meu marido ainda não tinha (mesmo na noite passada) me beijado.

E mais bizarro ainda era que eu realmente queria que meu marido me beijasse. Queria essa intimidade. Desejava muito, muito mesmo. Tanto, que estava doendo por isso.

Maluquice... total!

E, deitada em nossa cama, acordando sem ele pela primeira vez, tinha que admitir, fiquei desapontada que ele não estivesse lá.

Droga.

Não queria ficar presa neste mundo. Isso me assustava. Não só a cultura em que eu havia sido jogada, mas qualquer poder que existisse lá fora que havia me levado a isso. Eu tinha que admitir que haviam coisas interessantes e outras legais. Mas o resto me assustava pra caramba.

E eu me preocupava com meu pai. Temia que ele estivesse apavorado, imaginando onde eu estava.

Meu pai havia perdido a esposa e, agora, a filha estava desaparecida. Ele amava a minha mãe. Várias vezes ele me disse que eram o par perfeito, feitos um para o outro. Ele namorou — era um cara bonito — mas nunca chegou perto de ter um relacionamento sério com qualquer uma das mulheres que teve em sua vida. Ninguém poderia substituir a minha mãe, eu sabia. Ele nunca disse isso, mas eu sabia disso.

E ele me amava total e completamente, e ficaria louco de preocupação de que eu tivesse desaparecido.

Também me preocupava com meus amigos que eu sabia que se preocupariam comigo. E me preocupava com o estado do escritório porque, sabia Deus, aqueles caras não faziam ideia de onde estavam as coisas. Eles bagunçariam tudo e fariam isso de uma forma que eu levaria um ano para organizar de volta do jeito que eu gostava.

Não sabia o que fazer, mas mesmo assim, me sentia culpada por não estar fazendo nada. E mais culpa ainda por ter rido, aplaudido, sorrido, feito sexo com um homem daqui e conseguido um bichinho de estimação.

— O que estou fazendo? — sussurrei para a tenda e Ghost deu um pulo, as quatro patas pousando no meu peito e barriga. Eu grunhi, depois ri e envolvi meus braços ao redor da gata, que se contorcia, quando ouvi a ponta da barraca se abrir.

Olhei para ver as garotas correndo, Teetru vindo direto para mim, Jacanda arrastando a banheira, Gaal, Beetus e Packa, todas seguindo com baldes de água fumegante. Seus rostos estavam sorridentes, mas seus modos eram urgentes.

Ah, bem.

Um passo de cada vez.

Teetru veio até mim, pegou Ghost do meu peito e deixou-a cair no chão. Ela puxou o lençol de uma vez, sorriu para mim e saiu correndo, voltando em segundos com o meu roupão.

Primeiro passo, levantar.

Eu estava sentada à mesa dando o próximo passo, que era tomar o café da manhã que Teetru serviu com maracujá e grãos misturados com um creme grosso de queijo, aveludado e adoçado (totalmente delicioso) e café, quando ouvi alguém falar:

— Poyah!

A aba da tenda bateu de volta e Diandra e Sheena estavam lá vestidas para os Korwahks, com esmero.

— Oi. — Sorri para eles, admirando suas roupas legais.

— Você não vai acreditar no que aconteceu, Dahksahna Circe! — Diandra falou, mas não esperou que eu respondesse. Bateu palmas e quase gritou: — O Dax mandou uma mensagem para Seerim! Ele quer que eu seja sua tradutora! Isso não é *maravilhoso*?

Olhei para ela. Sheena sorriu com prazer para a mãe e então Diandra segurou a mão da filha e correu para os baús, o tempo todo balbuciando.

— Devemos nos apressar. A cerimônia está se aproximando rapidamente e há muito o que fazer para prepará-la. — Ela se endireitou nos baús e se virou para mim com os olhos brilhantes. — E eu *vou* ficar no *palanque* ao lado da minha *rainha* e ser a interprete dela! — Ela bateu palmas novamente e girou de volta para os baús, ficando de joelhos, onde Sheena já estava remexendo. — Devo lhe dizer, Dahksahna Circe, isso

me agrada muito. Há anos, meus meninos foram embora, em treinamento. E Sheena não é mais um bebê. Ela fica fora de casa com seus amigos, estudando. Seerim está ocupado treinando seus guerreiros, então raramente o vejo. Fico muito sozinha e, às vezes, é difícil encontrar *coisas para fazer*. — Ela virou a cabeça para mim. — E agora *tenho algo para fazer* e é algo importante como ser intérprete *para nossa rainha*!

Ela sorriu e eu sorri de volta para ela. Não pude evitar. Sua excitação era contagiante.

Jacanda se aproximou, segurou minha mão e a puxou gentilmente. Me levantei, peguei a xícara de café e tomei o último gole antes de colocá-la na mesa e permitir que ela me levasse para o banho.

— Hum... — comecei enquanto me movia pela tenda. — Falando em traduzir... aconteceram algumas coisas ontem à noite.

— Ah, eu sei! — Diandra gritou, ainda remexendo nos baús. Sheena estava ao seu lado, segurando um sarongue e o observando. — Só se fala nisso no acampamento. Você foi ótima *de novo*.

— Fui ótima? — perguntei, permitindo que Jacanda tirasse meu robe e rapidamente entrei no banho quente, leitoso e perfumado.

— Mais uma prova de que você é a rahna Dahksahna — Diandra respondeu, pegando o sarongue que Sheena estava segurando, em seguida, colocando um monte de coisas em seus braços para a cama e jogando-as lá. Ela se virou para mim, colocou as mãos nos quadris e eu fiquei contente que a água leitosa e as pétalas flutuantes das flores me cobrissem até o peito. — Como você fez isso?

— Fiz o quê? — perguntei quando inclinei a cabeça para trás e Gaal derramou água quente e perfumada sobre o meu cabelo.

— Tomou o zakah? — ela perguntou.

Afastei a água dos meus olhos e me virei para Diandra.

— Zakah? — perguntei de volta.

— O aguardente destilado que eles bebem. — Ela contorceu o rosto. — Não conheço uma mulher que possa suportá-lo. É bebida de um

homem e, nem isso, é tão forte e intragável, é uma *bebida de guerreiro*. Não param de falar no acampamento que você não fez nem uma careta.

— Hum... na minha... *terra*... bebemos drinques desse tipo o tempo todo. Não tão forte, mas...

— Incomum — ela murmurou, me interrompendo e voltou para a cama onde Sheena estava separando as roupas. — Bem, até os jovens guerreiros não conseguem beber pela primeira vez sem ofegar ou cuspir. Aprender a tomá-lo em grandes quantidades é parte de ser um guerreiro.

Lá estava.

Caras eram caras aqui, no meu mundo e, provavelmente, em *todo* o mundo.

— Você também honrou um guerreiro com seus elogios — ela continuou. — Dizem que você assistiu com interesse ávido. Outra coisa que as esposas não fazem. Eles ficaram profundamente impressionados.

Eu definitivamente fiz isso.

— Diandra? — chamei e mudei de assunto — Lahn e Dortak lutaram ontem à noite...

Ela se virou para mim e anunciou:

— Só se fala nisso também.

Não tive dúvida.

— Foi... — Fiz uma careta, mas não continuei.

— Nada menos do que ele merecia — ela declarou, sua expressão parecendo um pouco dura. — Seerim me disse que ele desonrou os jogos. Ao contrário da minha terra, ou imagino, na sua, esses atos entre homens e mulheres não são tão privados, eles não acontecem sempre por trás das abas das tendas. Se há uma comemoração ou os homens voltam da guerra ou pilhagem, muitas vezes fica bastante — ela fez uma pausa para procurar uma palavra —, *sórdido*, como diríamos em nossas terras. E eu diria, em outras situações também. Eles não escondem essas coisas. Mas os jogos são uma reunião de guerreiros. Diz respeito aos homens, força, coragem, astúcia. Não foi visto de forma positiva ele ter feito isso

com sua noiva. Não foi visto de forma positiva nem mesmo o fato de que ele a levou, quando se está claro que ele não tem sentimentos por ela. E foi ainda menos agradável que ele tenha desafiado o Dax para uma luta e o fez armado. Não se luta nos jogos armados. Isso *não* é correto.

Percebi isso também ontem à noite.

Gaal ensaboou meu cabelo enquanto eu encarava os olhos de Diandra e sussurrava:

— Mas não é disso que estou falando. Estou falando sobre Lahn matá-lo.

Ela acenou com a mão na frente do rosto e expirou:

— Ah, o prepotente! O Dax deixou sua marca nele e Seerim me disse que foi com uma lâmina curta. Foi uma ferida na carne. Dortak, infelizmente, vai ficar bem em alguns dias. Dax Lahn sabia o que estava fazendo. Seu oponente está sendo cuidado por curandeiros e vai ficar bem. — Ela se inclinou para mim. — Mas ele vai carregar as marcas do Dax para todos verem, até que seja tolo o suficiente para propor o verdadeiro desafio e seu corpo decapitado queimará carregando as marcas do Dax. *Esta* foi a intenção do seu marido Dax. *Esse* foi o castigo que ele levou por desonrar os jogos, uma punição que ouvi dizer que o Dax parecia não ter a intenção de realizar, provavelmente porque você estava presente, mas Dortak, em toda a sua sabedoria, essencialmente *pediu* por isso. E o Dax, dada a oportunidade, como você testemunhou ontem à noite, não hesita em punir.

Ah, sim. Testemunhei isso ontem à noite.

Gaal sussurrou algo para mim. Eu já tinha ouvido isso antes, incluía a palavra *linas*, que descobri ser olhos, então fechei os olhos e ela enxaguou meu cabelo com outro jarro de água morna.

Diandra disse alguma coisa para Sheena e eu abri os olhos, limpei a água deles e Gaal massageou o que eu suspeitava ser uma espécie de condicionador no meu cabelo, pois foi isso que ela fez nas duas últimas manhãs. Não fez espuma, mas quando meu cabelo estava seco, ficou

brilhante e macio. Ou talvez o lamaçal que colocaram nele tenha feito isso. Vi Sheena se aproximar de Teetru, que estava vasculhando os baús menores que guardavam minhas joias. Sheena sorriu para Teetru e continuaram a remexer nos baús.

Olhei para Diandra e a vi se servir de uma xícara de café.

— Diandra? — chamei.

— Sim, minha querida — ela respondeu, colocando um pouco de leite na xícara.

— O que *hahla* quer dizer?

Ela se virou para mim e tomou um gole, sorrindo quando Jacanda enxaguou o sabonete de um dos meus braços.

— Significa verdadeiro, puro. A palavra significa as duas coisas. Isso também — a voz dela diminuiu de tom — está sendo comentado no acampamento. Depois da noite passada nos jogos, você não é mais rahna Dahksahna ou Lahnahsahna, mas rahna Dahksahna *hahla* e Lahnahsahna *hahla*. Significa, Dahksahna Circe, que os guerreiros acreditam que você é a verdadeira rainha guerreira de ouro, uma tigresa pura. — Seu sorriso se ampliou. — Isso é bom.

Não.

Não. Era ruim porque eles acreditavam nisso e que o Dax era o poderoso guerreiro da lenda e, pelo que vi, isso poderia ser verdade.

Mas eu era uma garota de Seattle. E provavelmente voltaria para lá. Não era uma rainha que, com seu rei, começaria uma dinastia como dizia a lenda.

Merda.

Afastei esse pensamento e, depois que Gaal enxaguou meu cabelo novamente, perguntei a Diandra:

— O que significa kah fauna?

O corpo dela estremeceu. Ela olhou para mim e, finalmente, seus olhos se aqueceram, seu rosto ficou suave e seus lábios abriram um enorme sorriso.

— Fauna Kah? — ela sussurrou, seus olhos quentes começando a se iluminar.

— Hum... — Olhei em seus olhos, sentindo meu estômago se apertar e meu coração bater mais rápido. — Sim, kah fauna.

— O seu rei te chamou assim? — Diandra perguntou e senti que não apenas o olhar dela, mas o de cada mulher naquela tenda estava em mim.

Uma rápida olhada ao redor provou que isso era verdade.

Engoli em seco e olhei de volta para Diandra.

— Sim, bem, duas vezes — sussurrei.

Diandra fechou os olhos devagar. Ela os abriu, virou a cabeça para a filha e levantou dois dedos.

Sheena sorriu.

— O quê? — perguntei e Diandra olhou para mim, ainda sorrindo.

— *O quê?* — perguntei com mais urgência.

— Significa, Dahksahna Circe, *minha linda*, ou, como poderíamos dizer na minha terra, *meu doce*, *meu amor* ou *minha querida*.

Ela se aproximou de mim carregando a xícara e seus olhos não deixaram os meus enquanto eu me sentava na banheira quente e perfumada com pétalas de flores flutuando e a olhei em choque ao mesmo tempo em que meu estômago não se apertava.

Ele aqueceu... assim como o meu coração.

Merda!

— Guerreiros não falam assim. — Ela balançou a cabeça. — Não, isso não é verdade, eles falam. Mas é raro e quando acontece, é precioso. — Ela estava falando baixinho, de pé ao lado da banheira e olhando para mim. — Meu Seerim me chamou de *kah fauna* apenas dez vezes em vinte e dois anos de casamento. Eu contei. Me lembro de cada vez. E cada uma foi um tesouro.

Pisquei para ela.

Ah. Meu. *Deus*.

— É verdade — ela sussurrou. — Os guerreiros mais poderosos e mais fortes *podem* se apaixonar ao verem sua noiva no desfile.

Ah, merda.

— Diandra...

— É uma bênção — ela me cortou, ainda sussurrando. — Para o nosso Dax, para o seu povo e *para você*.

Ah, merda!

— Diandra...

As abas da tenda se abriram.

Eu pulei e a água espirrou, Diandra se virou e olhei naquela direção para ver Lahn se abaixando para entrar.

Meu coração se aqueceu novamente, assim como outros lugares.

Merda!

Ele olhou ao redor da tenda, passando por mim antes que se virasse para Teetru e grunhisse alguma coisa. Ela correu para um baú e ele se virou para Diandra, grunhindo outra coisa. Ela assentiu com a cabeça, se curvou ligeiramente e murmurou algo em resposta. Teetru correu até ele com uma grande panela de barro tampada. Ele a tirou das mãos dela, grunhiu outra coisa e apontou a cabeça para mim. Ela assentiu com a cabeça, ele se virou e, sem uma palavra para mim ou outro olhar, seguiu até as abas da tenda e foi embora.

Olhei para as abas da tenda.

Então encarei Diandra, que sorria.

— Hum... Diandra, não acho que seja amor — apontei o óbvio. — Ele mal me olhou. Não o vi hoje de manhã e ele não me disse uma palavra.

Ela acenou com a mão na frente do rosto e respondeu:

— Ele é um guerreiro. — Como se isso explicasse tudo.

— Ele é o marido que *você está* convencida que me ama — respondi e ela me observou.

— Ele é marido, rei, homem, mas, acima de tudo, minha rainha, lembre-se sempre, acima de tudo, ele... é... um *guerreiro*.

Não sabia o que isso significava, mas sabia que era importante. E também não tive a chance de perguntar porque Gaal tocou meu ombro do jeito que ela fazia para indicar que era hora de sair do banho.

Diandra viu e se virou de costas para me dar privacidade. Sheena voltou os olhos para o baú de joias e Diandra murmurou enquanto voltava para a mesa.

— Não temos muito tempo e há muito o que fazer. Chega de conversa fiada. Precisamos nos preparar para a seleção.

Me levantei da banheira. Packa instantaneamente enrolou um pano absorvente espesso ao meu redor e eu saí.

Assim que saí da banheira, decidi que era a minha última etapa. A próxima era ser a rainha de Lahn para o que estava acontecendo hoje.

A etapa depois disso, nós veríamos.

Então as sete mulheres me ajudaram a me preparar para me sentar ao lado do meu rei na seleção dos guerreiros.

Estávamos seguindo pelo acampamento e eu sabia pela agitação das pessoas que corriam ao nosso redor que a seleção estava próxima e que era um grande evento que não queriam perder.

Eu estava recebendo muitos olhares e isso não era surpresa. Não havia espelhos aqui, que eu soubesse, mas não havia dúvida sobre isso.

Eu estava *incrível* e parecia uma *rainha*.

Uma de ouro.

Elas escolheram um sarongue de seda para mim, na cor dourada com branco. Meu top tipo faixa também era totalmente branco.

Eu estava usando um colar de treliças de correntes de ouro delicadas que cobriam quase todo o meu peito e brincos combinando que

eram tão compridos que tocavam meus ombros. Estava com braceletes de ouro que iam desde o pulso até quase o cotovelo e as faixas de ouro no braço, as duas que usei na noite do rito.

Eu também usava o cinto largo e pesado de ouro com discos e mais discos que pendiam e balançavam enquanto eu me movia.

O couro das minhas sandálias frágeis, de tiras e saltos baixos, também era de cor dourada.

Usava sombra cor de ouro nas pálpebras, lápis dourado escuro ao redor dos meus olhos, pó de ouro aplicado ao longo das maçãs do rosto até a têmpora e *gloss* cor de pêssego nos lábios.

Eu ainda tinha pó de ouro no meu cabelo com mechas enroladas, que o fazia brilhar e cintilar. E se isso não bastasse, grampos leves de ouro, dezenas deles, adornavam o cabelo, o modelando em uma treliça de ouro retorcida e cachos.

E usava penas de ouro ao redor da minha testa.

Estava certa naquela primeira noite, quando Teetru as prendeu ao redor da minha cabeça. As penas reluziam, brilhando tanto que cintilavam ao sol. Era fina, mas cada pena era perfeita, pura beleza. Foi a coisa mais legal que já vi na vida.

Era, Diandra explicou quando Teetru a colocou contra a minha testa, enfiando as pontas no cabelo e a prendeu a parte de trás, a minha coroa de rainha Korwahk.

E era muito boa. Uma coroa enorme com joias não seria, de forma alguma, melhor que essas penas.

De jeito nenhum.

Na minha roupa incrível, me senti pronta para enfrentar o povo Korwahk. Mas mesmo que eu não tivesse essa roupa linda, essa coroa de penas teria dado conta.

Estávamos sendo escoltadas por guerreiros, dois à frente, dois atrás. Eles vieram até a *cham*, balançaram as abas e grunhiram: *Vayay*,

boh, que Diandra me disse que significava *venham, agora* (embora eu já tivesse percebido isso).

E lá fomos nós, Diandra e eu, seguidas por Sheena, com guardas na nossa frente e atrás, nos movendo rapidamente pelo acampamento em direção ao palanque.

— Esqueci de perguntar uma coisa e vou falar logo, antes que eu me esqueça de novo — disse a ela. — Preciso encontrar uma esposa chamada Narinda.

Ela virou a cabeça para mim e apertou a mão na curva do seu cotovelo.

— Perdão, minha querida?

— Preciso encontrar uma noiva chamada Narinda. Ela me ajudou. Estávamos juntas na Caçada. Não a vejo desde então. Quero ter certeza de que ela está bem. Dar uma checada nela — expliquei e Diandra assentiu.

— Vou pedir ao Seerim para ver se ele pode encontrar a sua Narinda.

— Obrigada — respondi. — Ou, quero dizer, shahsha.

Ela sorriu em aprovação e, em seguida, olhou por cima do meu ombro e seus olhos semicerraram.

Olhei por cima do ombro para ver um homem, não um nativo, mas um com cabelos loiros, chapéu na cabeça, olhos azuis e roupas antiquadas, camisa branca com cordões no topo (que precisava ser lavada) calça bege e botas marrons. E ele usava um cinto baixo nos quadris com uma faca de aparência desagradável presa a ele.

Ele olhou através dos guardas na nossa frente, em seguida, para Diandra e para mim, quando notei que ele estava andando ao nosso lado e estava fazendo isso com algo em mente.

— Dahksahna — ele murmurou quando sua atenção veio para mim.

Sim, ele estava andando ao nosso lado com algo em mente.

— Veeyoo — um guarda atrás de nós grunhiu.

O homem olhou por cima do ombro e disse algo conciliatório ao guarda. Senti a mão de Diandra apertar a minha e ele se virou para mim.

— Sou um homem da sua terra — ele me disse.

Pisquei e meu passo vacilou.

— Você é de Seattle? — perguntei, sentindo o coração na garganta, mas ele piscou de volta.

— Er... não, Middleland — respondeu.

— Veeyoo — o guarda atrás de nós grunhiu novamente, desta vez um pouco mais impaciente e muito mais assustador, e o homem rapidamente olhou para o guarda e seus modos se tornaram urgentes.

— O Dax não vai gostar que você fale com a noiva dele — Diandra advertiu. — Ela não é da sua terra. É de outra, mas agora ela é Korwahk. Ela é a rainha. Aconselho você a se afastar.

Ele ignorou Diandra, algo de que eu não gostava tanto e manteve os olhos em mim.

— Dizem que você está tendo dificuldade para se ajustar — ele observou.

— Ela está bem — Diandra disparou.

Ele a ignorou novamente e falou comigo.

— Você luta com seu rei — afirmou.

— Eu... — comecei, mas Diandra falou, me interrompendo.

— Ela é a rainha guerreira. A rainha guerreira tem um espírito feroz. É a lenda. Afaste-se.

O palanque estava chegando. Os olhos dele seguiram essa direção, um golpe de medo que ele não conseguiu esconder marcou suas feições, o guerreiro grunhiu novamente Veeyoo! E o foco do homem rapidamente voltou para mim.

— Meu nome é Geoffrey, Dahksahna, e lembre-se, sou um amigo — afirmou com urgência, seus olhos encarando profundamente os meus.

Arqueei as sobrancelhas e, de repente, não havia mais agitação ao nosso redor porque estávamos fora da multidão, entrando na clareira de pedra diante do palanque.

Desviei o olhar de Geoffrey e olhei em frente.

Então respirei fundo.

As fogueiras queimavam nos dois lados e atrás.

E Lahn estava lá.

Ele estava pintado de novo, a linha grossa e negra em seus olhos, três finas cobrindo as maçãs do rosto, uma larga indo da clavícula seguindo pelo meio do peito até o topo da calça de couro, as mais finas circulando a pele dele do ombro, através do peitoral, costelas e abdômen. Listras pretas circulando seus bíceps protuberantes e antebraços musculosos. Ele estava usando um cinto de discos de ouro enormes que pendiam baixo em seus quadris.

E seu cabelo estava solto, sem rabo de cavalo, nem trança, a longa espessura ondulava e se enrolava nas costas, sobre os ombros e ao lado do rosto.

Senti meus pulmões começarem a queimar.

Putá merda... meu marido estava *gostoso*!

Ele ergueu a cabeça quando entramos no espaço e, mesmo que ele não estivesse perto, vi que as coisas estavam tensas com o que só poderia ser descrito como ira e parecia que seu olhar estava focado em Geoffrey.

Ah, droga.

Tínhamos continuado a atravessar a clareira e olhei por cima do ombro, para a direita, e vi Geoffrey abrandar, depois ele se virou e o vi voltar para a clareira e desaparecer na multidão.

Me virei de novo quando a mão de Diandra apertou a minha.

— Vamos falar dele mais tarde — ela murmurou para mim.

Balancei a cabeça e os guerreiros nos levaram para Lahn.

Subimos os degraus. Os guerreiros desceram e Diandra se afastou quando fui oferecida ao rei deles. Seus olhos me observaram da cabeça aos pés, mas não demonstrou nenhuma reação, o que me irritou porque precisou de sete mulheres e muito tempo para me deixarem pronta. Não costumava me sentir linda, mas me achei naquele momento e teria sido bom se ele demonstrasse algo. Um estremecimento do lábio. Os olhos se aquecendo. Uma piscada. *Alguma coisa.*

Mas não demonstrou. Não vi nada. Ele olhou para além de mim, grunhiu algo, em seguida, se sentou em seu trono de chifres, se inclinando para a frente, apoiando um antebraço no joelho. Ele também se inclinou para o lado, olhando ao meu redor, afirmando claramente que eu estava na sua frente.

Caramba, eu odiava quando ele ficava assim e demonstrei isso olhando para seu cabelo preto lindo e esvoaçante.

Ele nem olhou para mim.

Diandra segurou meu braço, me direcionou para o lado, me levou ao trono branco e tocou meu ombro, indicando que eu deveria me sentar.

Me virei e sentei no trono quando Diandra se moveu para o meu lado esquerdo, e no instante em que meu traseiro tocou o lugar, Lahn grunhiu algo alto e os homens começaram a bater nos pequenos tambores.

Olhei para ele e vi que ainda estava inclinado para a frente, os olhos ao longe e me perguntei qual era o sentido de eu estar lá se ele não ia nem mesmo olhar para mim.

O homem que vi na noite do rito usando uma veste negra e com o cabelo curto (até os não-guerreiros usavam o cabelo longo) correu para frente e parou no palanque.

Lahn grunhiu outra ordem para ele.

O homem inclinou a cabeça e saiu apressado.

Foi nesse momento que percebi que o sol estava brilhando, assim como os focos de fogo ao nosso redor, e estava muito quente. Eu ia ser

assada aqui, em mais de uma maneira.

— Esse é o Eunuco — Diandra sussurrou em meu ouvido e virei a cabeça para vê-la se inclinar para mim.

— O quê?

Ela inclinou o queixo na direção de onde o homem de veste estava e repetiu:

— O eunuco. Ele é responsável pelos batedores que procuram as esposas para a caçada. Ele tem a responsabilidade da Caçada e suas celebrações. É o responsável pelas seleções dos guerreiros e, uma vez que são selecionados, ele escolhe quem será treinado por quem, e quando atingem a maioridade, determina quem será designado para quem. Os guerreiros passam anos como o que consideraríamos escudeiros, servindo ao mesmo tempo que treinam antes de serem enviados para participar da sua primeira matança. E quando viajamos, uma vez que o Dax escolhe o acampamento, o Eunuco tem a responsabilidade de organizar os casebres, se certificando de que o gado e os cavalos serão mantidos a favor do vento, que o lixo seja descartado corretamente, entre outras coisas que o Dax tem pouco interesse.

Fiquei presa a algo que ela disse antes.

— Ele é um eunuco?

Ela assentiu.

— O Dax antes do Rei Lahn foi quem fez isso. Eu assisti. Todos assistiram. Aconteceu neste próprio palanque.

Ah, meu Deus!

Olhei para ela e inspirei.

— Por quê?

Ela balançou a cabeça.

— Há aqueles que... — ela fez uma pausa — *preferem* o seu, er... — ela hesitou novamente — *próprio tipo*.

— Ele é homossexual? — perguntei, horrorizada com o que estava acontecendo.

— Um o quê? — Diandra perguntou de volta.

— Ele gosta de ter relações com homens — expliquei.

Ela assentiu e murmurou:

— Gosta.

Caramba.

— Eles não... — Foi a minha vez de fazer uma pausa — A homossexualidade não é permitida e por isso ele...?

Diandra balançou a cabeça.

— Não, o Dax Lahn permite. Ele não parece se importar. Só pune aqueles que o forçam a outros que não o desejam. O outro Dax porém... — ela parou e sussurrou: — Foi desagradável.

Aposto que sim. Também era inaceitável. Mais do que isso, era horrível.

Pressionei os lábios e olhei para frente.

— Ele foi expulso, Dahksahna Circe. — Diandra continuou falando comigo. — Mas Dax Lahn se lembrou que ele foi um bom guerreiro sob o reinado do seu pai. Se recordou que ele tinha uma mente afiada. Mandou batedores para encontrá-lo e lhe deu este papel. É uma grande honra.

Balancei a cabeça, me sentindo um pouco melhor sobre isso (*ligeiramente*) e ainda melhor por Lahn ter feito isso, mas minha cabeça girou porque eu estava olhando a clareira e algo estava acontecendo.

Então aconteceu.

— Não pode ser — sussurrei para Diandra.

Estava olhando para os garotinhos alinhados na nossa frente no chão de pedra ao pé do palanque.

Um rápido olhar para o lado mostrou que Lahn estava sentado em seu trono negro ao meu lado, ainda debruçado para a frente, cotovelo sobre o joelho, olhando para os meninos.

Olhei de volta para os garotos e vi que cada um tinha um cinto onde carregavam duas facas nas laterais e cada uma tinha uma correia de couro sobre o peito dos meninos que seguravam uma bainha e uma

pequena espada na parte de trás, como guerreiros adultos. Também vi que as facas e espadas eram feitas de madeira.

E, por fim, vi que esses meninos não deveriam ter mais que quatro ou cinco anos.

O que estava acontecendo?

— Diandra — sussurrei, minha voz tremendo.

— É o destino deles — ela sussurrou de volta, com os lábios perto do meu ouvido, e eu virei a cabeça e encarei seus olhos.

— São meninos! — retruquei.

— Minha rainha, é o destino deles.

— Mas...

Ela me cortou com firmeza.

— Sente-se, observe, ouça, mas não desonre a si mesma nem ao seu rei. Não. Há um momento em que você pode desafiar seu rei e tornar suas preferências conhecidas, ele deixou isso claro. Mas, Dahksahna Circe, esta é uma cerimônia crucial para o Korwahk, garante o futuro da Horda, então *este não é um desses momentos*.

Olhei em seus olhos e ela manteve meu olhar.

Então respirei fundo.

Me virei para a frente assim que Lahn deu uma ordem e os meninos imediatamente entraram em ação, lutando uns contra os outros com suas espadas de madeira, facas e, em alguns casos, mãos e pés.

Ah, cara.

Não gostei disso. Não gostei porque não era um jogo. Ouvi grunhidos baixos de esforço e dor.

— O Dax deve ver sua promessa para que eles sejam escolhidos — Diandra falou em meu ouvido enquanto os meninos lutavam diante de mim. — Seus pais passam muito tempo os preparando para a seleção e, em seguida, os trazem aqui *esperando, rezando* até, para que sejam escolhidos guerreiros.

— E se escolhidos, deixam suas casas e treinam? — perguntei, sem levantar os olhos do processo.

— De fato, nunca voltam para casa até depois da primeira matança, que geralmente acontece quando chegam a dezessete, dezoito anos de idade.

Deus, isso era loucura. Naquela época, eles nem se lembrariam quem eram seus pais!

Então observei quando o homem de vestes negras começou a vagar pela briga, erguendo as mãos sobre as cabeças dos garotos, seus olhos indo na direção dos de Lahn, no palanque.

Me virei para olhar para o rei e o vi levantar o queixo e, um segundo depois, balançar a cabeça bruscamente em um não.

Olhei de volta para a luta para ver o homem robusto continuar erguendo as mãos sobre os braços dos meninos, mandando alguns para um lado onde embainhavam suas armas (se ainda as tivessem) e se juntavam e outros ele jogou (sim, *jogou*) para fora, indicando que não foram selecionados. Esses garotos correram rapidamente para fora da área e para as laterais, desaparecendo na multidão, provavelmente para encontrar seus pais.

Isso demorou um pouco, havia um grande número de garotos, e assisti sob o sol escaldante e o calor das fogueiras enquanto os dois últimos garotos se separavam dos combates. Um deles estava ensanguentado e foi jogado de lado. O outro foi empurrado para o grupo.

O homem usando a veste gritou uma ordem e os meninos se alinharam ao pé dos degraus. Senti Lahn se mover ao meu lado, olhei e o vi se levantar e, em seguida, descer os degraus lentamente.

Quando estava dois degraus acima deles, caminhou na frente dos meninos, com a cabeça inclinada para baixo. Tudo o que eu podia ver eram suas costas musculosas, que também tinham uma linha de tinta na coluna, círculos saindo da linha e me perguntei distraidamente quem

havia pintado suas costas. Ele se moveu lentamente pela fila inteira, em seguida, voltou.

Instantaneamente, ele se virou e começou a se mover novamente. Na frente de cada garoto, com a mão para cima, os dedos levantados, a palma para fora, ou estalava os dedos ou pressionava a mão para baixo. Aqueles que receberam a estalada de dedos foram eliminados, os que receberam a palma da mão sorriram e se ajoelharam, com a cabeça baixa.

Quando ele terminou e o último garoto recusado se afastou e desapareceu na multidão, os tambores pararam e Lahn começou a gritar.

A voz de Diandra soou no meu ouvido e ela traduziu enquanto, andando de um lado para o outro na frente dos meninos, ele berrou palavras que esses jovens não podiam entender completamente.

— Agora, vocês são guerreiros Korwahk. Vocês *me* servem — ela falou logo após Lahn bater no peito. — Servem a sua rainha de ouro — disse, depois que Lahn, sem olhar para trás, balançou um braço musculoso e apontou para mim antes de abaixá-lo. — Vocês não reconhecem nada agora, além do cavalo entre suas pernas, o aço que vão segurar, o sangue em sua língua e a vitória como seu único foco. Não há outro caminho. Vocês não têm mãe. Nem pai. Não têm irmãos, exceto aqueles que usam a tinta. Vocês só têm o Bando. Vocês são a Horda. Servem a mim, a sua rainha e seu Bando. Vocês irão aproveitar as recompensas. Irão reivindicar suas noivas. Vão grunhir, suar e enterrar sua semente para criar guerreiros. Vocês não possuem sua carne. O Bando, sim. Irão afundar sua lâmina na carne, fazendo isso pelo Bando. Irão acordar como guerreiros, dormir como guerreiros e *morrer* como guerreiros.

Certo, essa seleção me assustou, mas eu tinha que admitir que era um discurso legal.

Diandra não havia terminado de traduzir antes que uma alegria empolgante irrompeu da multidão e em seguida houvesse uma comoção,

uma avenida no meio da multidão rapidamente se abriu e guerreiros, todos pintados, galoparam em seus cavalos direto para a clareira, circulando, controlando, cambaleando, erguendo cavalos em suas patas traseiras, os cascos dianteiros golpeando o ar quente enquanto os guerreiros rugiam, batiam em seus peitos e alguns desembainhavam suas espadas das costas e as batiam contra a dos outros.

Foi um pandemônio alto e fora de controle, cavalos esbarrando em cavalos, cascos batendo contra as coxas de guerreiros, aço contra aço perfurando os gritos dos guerreiros.

Os meninos subiram e se viraram, e tive que admitir que, enquanto observavam os guerreiros adultos e abriam enormes sorrisos, pareciam animados.

Lahn grunhiu alto e tudo parou instantaneamente. Os guerreiros puxaram as rédeas e formaram um semicírculo ao redor do palanque, os cavalos recuando, empurrando a multidão para trás para dar lugar a seu grande número.

Bom, isso foi executado de forma muito suave e sem nem mesmo um pouco de desordem, tive que admitir que estava enlouquecendo também.

No segundo em que estavam em formação, Lahn gritou:

— *Suh Tunak!* — E Diandra traduziu: — O Bando.

Todos os guerreiros e a multidão gritaram em resposta:

— *Suh Tunak!*

Quando acabou, Lahn gritou novamente, depois virou as costas para os meninos, começou a subir os degraus e Diandra disse em meu ouvido:

— Agora nós nos banquetemos.

A multidão estava aplaudindo, o homem usando a veste estava apressando os meninos e os guerreiros estavam circulando seus corcéis para sair da área quando os tambores tocaram novamente, uma batida forte, mais rápida e as pessoas correram para a clareira. Estavam rindo,

aplaudindo e mais gritos de Suh Tunak podiam ser ouvidos. Então começaram a bater os pés, erguendo os joelhos, balançando seus corpos e percebi que estavam dançando.

Lahn subiu os degraus de forma descontraída, se virou, se sentou e examinou a festa que se formava sem uma palavra ou olhar para mim.

Então, percebi que meu papel havia sido cumprido e que eu poderia sair do sol quente e voltar para a minha tenda legal para brincar com meu filhote de tigre e decidir o que fazer a respeito da minha vida louca.

Eu me virei para Diandra e perguntei:

— Posso ir agora?

Ela inclinou a cabeça para o lado e arqueou as sobrancelhas se uniram.

— Ir?

— Para casa, hum... de volta para o cham.

— Não, minha rainha, claro que não. Vamos comer. Beber. Dançar.

A celebração irá durar a noite toda.

Ela estava brincando? Era quase meio-dia.

— Não posso ficar sentada neste sol até que aconteça, Diandra.

Vou virar uma lagosta.

— Uma lagosta?

— Minha pele vai ficar vermelha, queimada — expliquei e ela sorriu.

— Ah, entendo, uma lagosta depois de cozida. Que inteligente, Dahksahna Circe.

Eu não estava tentando ser inteligente. Estava tentando me salvar de queimaduras de terceiro grau.

— Diandra, estou falando sério.

Ela olhou para mim, o sorriso desapareceu de seus olhos e ela olhou incerta para o rei.

Então ela murmurou:

— Percebo que este trabalho vai ter suas dificuldades — disse antes de chamar o Lahn.

Olhei para ele e vi quando virou a cabeça para ela. Ele a observou enquanto ela falava, em seguida, seus olhos focaram no meu braço por uma fração de segundo antes que ele voltasse para ela.

— Me — ele grunhiu e desviou o olhar.

— Ele disse que não — Diandra falou.

Ela tinha que estar brincando. *E*le tinha que estar brincando.

— Mas vou fritar aqui fora! — reclamei.

Ela mordeu o lábio e ouvi Lahn falar.

Olhei para ele e voltei para Diandra quando ela interpretou.

— A rainha de ouro fica ao lado do seu rei.

Olhei para Lahn.

— Sêrio, Lahn, este sol está quente, as fogueiras também, e a minha pele não é como a sua. Não é...

Diandra estava falando comigo e Lahn nos cortou:

— Me.

— Lahn! — protestei, ele se inclinou para mim e seus olhos pareceram assustadores.

— *Me*, Circe. *Me*.

Ele desviou o olhar e foi isso.

Não.

Certo, uma coisa boa sobre isso era que o meu dilema foi resolvido a respeito de como eu me sentia sobre estar neste mundo e como eu me sentia sobre o meu rei selvagem.

E a solução era que eu estava farta.

Precisava encontrar uma saída.

Tão logo quanto possível.

Capítulo 09

A Celebração

A noite tinha caído, as tochas foram acesas e eu sabia, pela rigidez da minha pele, que estava queimada até ficar crocante.

Diandra não estava errada, a comemoração durou a noite e as coisas poderiam ficar sórdidas.

Isso era, eu estava adivinhando, porque essa civilização estava exausta.

Além disso, como qualquer pessoa, sendo parte de culturas selvagens primitivas ou não, quando se tem bebida disponível livremente, as merdas acontecem.

Tudo começou alegre. Tambores, danças, jarros foram providenciados e passados ao redor, e barris foram montados. Os dois últimos, as pessoas tomaram parte como se em Korwahk soubessem como se divertir e fizeram isso *intensamente*. As mulheres se enfileiravam através das multidões sob o peso de enormes travessas de madeira gemendo com comida. Houve muitas risadas, muitos gritos aleatórios de *Suh Tunak!* e o barulho constante da conversa de festa feliz sob a batida igualmente constante dos tambores.

Ao longo do dia, me sentei no meu trono branco e muitas vezes as pessoas se aproximavam — crianças, adultos, idosos — e todas tinham flores ou pétalas. Seus olhos observavam o Dax, elas recebiam o seu consentimento (um arrogante balançar do queixo) e essas flores ou pétalas seriam jogadas aos meus pés ou no meu colo ou em qualquer lugar ao redor do trono, de modo que agora eu tinha uma pilha delas em todos os lugares.

Recebi flores, não conversavam. O Dax permitiu que me entregassem suas flores, mas não lhes foi permitido se aproximar ou falar

comigo e, tirando seu movimento arrogante e idiota com o queixo, as pessoas deixaram de existir para ele também.

Esquisito.

Logo depois que a celebração começou, uma mulher foi até Lahn com um cálice de prata cheio de um jarro, que entregou a ele e, então, ela recuou enquanto eu a olhava pensando que não me surpreendia que não recebi um também, mas o motivo ficaria claro muito rapidamente.

Eu deveria ser servida e alimentada pelo meu rei.

Sem brincadeira.

Se ele quisesse que eu tomasse uma bebida, se virava para mim e oferecia o cálice, que no início estava cheio com o que tinha gosto de suco de laranja com abacaxi, depois água e, finalmente, vinho.

Se uma mulher — e havia um grande número delas — avançasse com uma bandeja de carne assada, legumes cozidos, pedaços de carne temperada, frutas cortadas, pães amassados e cobertos com o que parecia e tinha gosto de homus ou um molho branco de iogurte com pepino cebola e alho, ou até mesmo pedaços de doce que pareciam canapés cobertos de forma generosa com nozes e frutas cristalizadas, Lahn faria as escolhas por mim. Ele então se virava na minha direção, se inclinava para a frente, estendia a mão e eu *não* podia segurar (descobri isso com um grunhido rápido de *me* de Lahn no começo), mas pegar *com a boca*.

Irritante e, posso acrescentar, *insano*.

Mas fiz o papel da rainha de ouro, comi e bebi dos dedos do meu rei ao seu comando, escutei os tambores, assisti aos dançarinos e festejos, ouvi os gritos e aplausos e observei a multidão na esperança de ver Narinda.

Mas não a vi. Vi Sheena dançando algumas vezes, mas não Narinda.

Também vi o vendedor de pulseiras. Ele estava conversando com algumas pessoas e apontando para mim, então acenei para ele. Isso fez

com que ele abrisse um sorriso tão grande que achei que ia machucar seu rosto, pulasse para cima e para baixo e levantasse as mãos para o céu novamente, o que me fez dar a única risada do dia, desde a seleção.

Logo depois que a cerimônia terminou e a comemoração começou, com uma ordem concisa, Lahn liberou Diandra de seus deveres. Ela me deu um sorriso encorajador, desceu rapidamente os degraus e desapareceu no meio dos foliões. Isso significava que eu nem tinha minha nova amiga para conversar.

Se eu fosse sincera, havia muita coisa nisso tudo que era interessante. O suco de frutas, a comida e até o vinho eram deliciosos. A dança era entusiasmada e estranha, mas divertida de assistir. E claramente o povo de Lahn estavam se divertindo.

Esta foi a primeira comemoração onde toda a atenção estava focada em mim, então eu não conhecia a vibração normal, mas parecia que todo mundo estava muito feliz, feliz mesmo. E muitos olhares daquele tipo foram lançados na minha direção e de Lahn, indicando que muitas pessoas acreditavam que a lenda da Dinastia Dourada estava se tornando realidade e que havia um futuro promissor diante deles.

E eu tinha que admitir, não parecia ruim que as pessoas jogassem flores em mim.

Dito isto, eu não estava errada e sabia que estava queimando sob aquele sol quente e, embora Lahn frequentemente se levantasse para caminhar pelo topo do palanque, conversasse com o homem de vestes escuras, guerreiros ou outros homens se aproximassem, não fui autorizada a fazê-lo. E já que meu marido não podia se comunicar comigo e estava no modo rei guerreiro, nem tentou, então na maior parte do tempo fiquei entediada com a minha cabeça girando.

O sol já havia se posto há muito tempo e eu estava feliz por isso. Lahn havia acabado de me oferecer vinho e foi o terceiro gole que ele me permitiu recusar. Depois daquele calor e, tendo passado horas desde que bebi água, eu precisava de álcool tanto quanto de um buraco na cabeça.

Estava sentada dia todo, mas estava exausta. Precisava chegar a tenda, descobrir como me comunicar com as garotas que eu precisava de um bom banho e, então, descobrir como dar o fora desse lugar.

Coloquei os pés no assento, envolvi os braços ao redor das pernas e encostei a bochecha contra o joelho, fazendo tudo isso com cuidado para não agravar a tensão da minha pele, mas fazendo isso porque a noite caíra, e senti um calafrio contra a pele queimada.

Virei os olhos para os dançarinos.

Pisquei quando o que vi chamou minha atenção e ergui a cabeça. Eu a inclinei, porque havia visto um guerreiro pintado com uma mulher que usava um sarongue curto, não longo como o meu e de todas as outras mulheres que eu tinha visto naquele mundo. A parte de trás do sarongue estava na cintura, ela estava inclinada para frente, com ele atrás dela, segurando seus quadris na altura da virilha para mantê-la em pé e eles estavam transando.

Transando!

Na pista de dança!

Diandra chamou isso de sórdido?

Eu diria imoral.

Bom Deus!

Observei a cena com atenção e notei algo que não havia notado antes. A maioria das pessoas havia movido a folia entre as tendas. A frente do palco estava ocupada agora por guerreiros pintados e muitas mulheres do tipo que eu nunca havia notado antes. Tops ou frente únicas (se é que tinham algum!) e sarongues curtos, pés descalços, rostos muito maquiados, cabelos selvagens.

E percebi que a celebração havia mudado. Essa parte era para os guerreiros e essas mulheres não eram esposas ou noivas. Eram outra coisa.

E havia muitos guerreiros, o suficiente para que pelo menos *alguns* deles tivessem esposas.

Sério, eu precisava dar o fora dali.

— Kah Lahnahsahna — Lahn me chamou e virei a cabeça para ele.

— Vayoo ansha — ele ordenou, sua voz baixa, a cabeça inclinada para seu colo.

Olhei para ele, meu coração acelerando.

— O quê?

— Vayoo ansha — ele repetiu com outro balançar de cabeça para o colo.

Ah, Deus.

Não me mexi, só fiquei olhando.

Ele se inclinou para mim. Seus dedos envolveram meu cotovelo, deslizando para o meu pulso ao mesmo tempo, puxando meu braço para longe das minhas pernas. Uma vez que meu braço se estendeu para ele, ele o levantou e repetiu:

— Vayoo ansha, Circe.

Porra. Ele queria que eu fosse até lá.

Minha preocupação era... *por quê?*

Hesitante, deslizei os pés do trono, deixei minhas pernas irem e me levantei. Lahn não soltou a minha mão e a manteve erguida até que eu estava na frente dele. Então a mão dele soltou a minha, as duas vieram para os meus quadris e ele me puxou para frente. Não me sentei em seu colo, mas fui colocada de forma que minhas pernas estivessem uma de cada lado de seu trono.

Merda, merda, merda.

Por sorte, pude usar o sarongue para proteger minhas pernas do sol, mas minha posição atual ainda não era confortável porque os chifres não tinham almofadas e eram duros e pontudos, afundando nas minhas canelas.

Ele inclinou os quadris para baixo e se recostou contra a parte de trás do trono, então minhas partes íntimas estavam descansando sobre

ele e suas mãos deslizaram dos meus quadris, pelas minhas costas, puxando meu torso para mais perto.

Merda!

Quando suas mãos estavam entre minhas omoplatas e meu rosto estava perto do dele, ele falou suavemente, me dizendo algo que eu não entendia.

— Você sabe — respondi —, não entendo uma palavra do que você está dizendo.

Ele inclinou a cabeça para o lado, sua boca se contorceu e depois falou mais um pouco.

Quando ele parou, eu o informei com um aceno de cabeça:

— Não, não entendi nada disso, grandão.

— Grandão — ele murmurou, sua boca se contraindo novamente.

Isso era atraente, eu tinha que admitir, mas não tanto que eu poderia esquecer que ele era um imbecil.

Olhei por cima do ombro dele.

— Circe — ele chamou, uma mão deslizando pelas minhas costas, a outra indo até a curva do meu pescoço, e eu olhei para ele novamente.

— Sim?

Ele disse outra coisa. Foi suave, gentil. Ele terminou com uma pergunta e se isso não fosse um indicativo, suas sobrancelhas arquearam também.

Mas tudo o que senti foi a mão dele que desceu até a minha bunda.

Bom Deus, eu esperava que ele não achasse que eu me envolveria no que estava acontecendo ao nosso redor.

— Lahn — respondi, me contorcendo um pouco com desconforto em seu colo.

Ele repetiu o que havia perguntado, mas desta vez, sua mão no meu pescoço se moveu, e quando ele terminou a pergunta, segurou meu queixo com o polegar e o indicador movendo os lados da minha boca em um sorriso.

Adivinhei a pergunta dele e respondi:

— Não, não estou feliz.

Sua mão deslizou pelo meu pescoço, seio, tórax e respirei fundo quando parou, me segurando lá.

Isso não estava melhorando.

— Bom? — ele perguntou.

— Não, não está bom — respondi, balançando a cabeça e me perguntando o que aconteceria se eu me afastasse.

— Ok? — ele repetiu e eu balancei a cabeça.

— Não, *não* está ok — falei e levantei a mão para segurar seu pulso com firmeza, para demonstrar o que estava falando.

Seus dedos ficaram tensos no meu traseiro.

— Não ok — ele murmurou, seus olhos pintados se movendo sobre o meu rosto.

— Não — afirmei.

— Me sah — ele declarou, seus dedos dando um leve aperto no meu peito, então ele os afastou e levantou a mão, tocando o dedo no meu seio — *Sah*.

Não isso, ele disse, *isso*. Em outras palavras, ele não estava perguntando se eu estava bem com ele me tocando, mas se eu estava bem.

— Não, Lahn, não estou bem. Minha pele está queimada. Minha bunda dói por estar há horas sentada. Não gosto do que está acontecendo lá. — Balancei o braço para trás de mim, mas mantive os olhos nele ao mesmo tempo em que balancei a cabeça. — E estou cansada. Quero voltar para a tenda. — Apontei para mim e falei: Cham.

Seus dedos se moveram levemente ao longo do topo do meu top quando ele disse algo em voz baixa.

— Que seja — murmurei, olhando por cima do ombro.

Eu o ouvi gritar e olhei de volta para ver sua cabeça virada. Virei a minha naquela direção e vi uma mulher com uma bandeja se

aproximando. Ela assentiu com a cabeça, se curvou, se virou e fugiu. Olhei de volta para Lahn quando ele começou a falar e a única palavra que entendi foi cham.

Eu esperava que isso significasse que eu estava liberada das minhas obrigações e voltaria para casa.

Então sua mão se ergueu. Seguindo pelas minhas costas, ele afastou meu cabelo para o lado e sua mão envolveu a parte de trás do meu pescoço. Ele me puxou para mais perto e para o lado até que sua boca estivesse no meu ouvido. Sussurrou algo ali enquanto a outra mão deixava meu traseiro e começou a acariciar minhas costas.

Tive a sensação de que isso significava que eu tinha o Lahn carinhoso de volta, mas um pouco atrasado demais. Minha pele estava frita, eu estava entediada pra caramba e as pessoas estavam transando na pista de dança, algo que ele tinha que saber não era da minha cultura, mas definitivamente sabia que eu não gostava.

Ele não me deu a mínima. Podia ser fofo, mas quando não era, não era mesmo e havia muito mais momentos como aqueles do que os fofos.

Ele me puxou para trás com os dedos tensos no meu pescoço e me posicionou até que seu rosto era tudo que eu podia ver. Sua mão continuou acariciando minhas costas de uma forma leve e doce (o bruto!) Quando ele falou novamente.

— Me Geoffrey, na kuvoo? — ele perguntou, seu rosto sério, mas não duro.

— Não Geoffrey — eu disse a ele, que acenou com a cabeça uma vez.

— Não Geoffrey, Circe. Nahna Dax tahnnoo tee, na kuvoo?^[1]

Ele não deveria ter dispensado Diandra. Eu não tinha nenhuma ideia. A única coisa que pude fazer foi acenar com a cabeça.

— Dohno — ele murmurou, sua mão deixou meu pescoço, seus olhos se moveram para lá e observei seu rosto suavizar enquanto ele o olhava.

Esse olhar também era atraente, o idiota.

Então ele moveu a mão para o peito e limpou tudo. Mesmo na luz do fogo, vi que ele estava esfregando minha poeira de ouro em sua pele.

— Na loot kay. Rah loot quaxi. Dax loot Dahksahna. — Sua mão se moveu ao redor do meu pescoço novamente e ele me empurrou suavemente para a frente, então meu rosto estava no dele. — *Lahn loot Lahnahsahna*. Nahna rah lapay loh kah luna boh. *Kah* quaxi lapan loh *nahna* luna anah, kah Circe.^[2]

Sério, ele não deveria ter dispensado Diandra.

— Entendo que o que quer que você tenha dito foi de verdade, grandão, mas não... *entendo*... você — disse a ele.

Ele sorriu e sabia que eu não o entendia. Mas não se importava nem um pouco.

— Kah Dax? — Ouvimos e viramos nossas cabeças para o lado para ver um guerreiro pintado vindo em nossa direção.

Movi os olhos para os degraus para ver outro guerreiro caminhando, os olhos em nós.

Lahn começou a dar suas ordens antes de se levantar, com as duas mãos na minha bunda, me segurando contra ele, e levei as mãos para seus ombros para me equilibrar, assim não cairia de cabeça para trás em um lance de escadas de pedra. Ele continuou falando enquanto seus dedos davam um aperto no meu traseiro, em seguida me afastou um pouco, indicando que eu deveria soltar minhas pernas. Eu o fiz. Ele me pôs de pé e ouvi o nome “Geoffrey” em qualquer coisa que ele estava dizendo antes de terminar de falar.

O guerreiro assentiu e seus olhos focaram em mim. Em seguida, ele estendeu o braço para os degraus.

— Cham, kah Circe — Lahn disse suavemente, a mão novamente no meu pescoço. Ele me deu um aperto. Eu o encarei e ele inclinou a cabeça para o guerreiro.

Outra guarda de honra. Balancei a cabeça, senti outro aperto, Lahn me soltou e seus olhos voltaram para o espaço aberto.

Segui o guerreiro, o outro se aproximando, e eles me acompanharam até minha tenda e, assim que se certificaram de que o lugar estava seguro para mim, as abas se fecharam atrás deles.

Minha pele devia estar parecendo tão ruim quanto eu sentia, já que quando as garotas entraram e Teetru e Jacanda deram uma olhada em mim, Jacanda saiu correndo e Teetru começou a dar ordens. Jacanda e Beetus me deram um banho frio com algum tipo de substância que eu poderia tê-las beijado porque tirou a ardência da queimadura. Em seguida, Packa e Gaal entraram com enormes pedaços de uma planta de aloe vera.

— Shahsha, minhas lindas damas — suspirei quando vi o aloe vera.— Shahsha

Elas se entreolharam, arquearam as sobrancelhas, mas acompanhadas de sorrisos e continuaram ocupadas.

Assim que saí do banho, eu e as cinco moças pressionamos a umidade do aloe vera e passamos com cuidado sobre as partes queimadas da minha pele.

Deus. Do. Céu.

Feito isso, vesti uma camisola leve e curta de cetim azul-celeste. Teetru e Jacanda colocaram jarras de água sobre a mesa com panos macios, e Teetru fez gestos para me comunicar que eu deveria usar os jarros se precisasse de compressas frias.

Sorri para ela, pressionei a mão contra a minha boca e a estendi para ela, Jacanda e Packa, Beetus e Gaal em pé nas abas da Tenda.

— Obrigada — suspirei.

Eles assentiram e Beetus, de forma hesitante, retribuiu o gesto para mim.

Foi fofo, então pisquei para ela. Ela, sendo Beetus, riu e piscou de volta.

Ghost pulou na cama. Estremeci quando ela chegou em mim e sua pata roçou na minha pele antes que Teetru corresse para frente, confiscasse o filhote e dissesse palavras reconfortantes para mim (e Ghost, que ela estava levando embora) ao sair.

No minuto em que as abas se fecharam atrás de mim, desabei no lençol de seda e olhei para o teto da tenda.

Um dia se passou. Amanhã, tinha esperança de que acordaria em casa e essa queimadura seria uma lembrança do coma em que eu meio que estava esperando de um jeito doentio que eu estivesse.

Se não, enfrentaria o dia seguinte, novamente um passo de cada vez.

Eu acordei quando minhas coxas foram gentilmente afastadas. Abri os olhos, senti o corpo se preparar e a boca de Lahn entre as minhas pernas.

Ah, cara, ele não tinha feito isso antes.

— Lahn — sussurrei, me levantando para ficar longe dele, mas suas grandes mãos empurraram debaixo da minha bunda, seus longos dedos segurando meus quadris e ele me prendeu contra ele. — Lahn — chamei, mas ele não fez nenhum barulho, apenas continuou tocando em mim.

Remexi os quadris, mas ele me segurou e então em seguida ele estava penetrando.

Caramba.

Não queria que isso fosse gostoso, mas dane-se, ele não era bom nisso. Era *ótimo*.

— Caramba, Lahn — murmurei enquanto meu corpo derretia contra a minha vontade.

Ele levantou meus quadris e sugou meu clitóris com força e qualquer coisa que eu tivesse contra o que ele estava fazendo evaporou. Meus quadris estremeceram. Comecei a me esfregar contra sua boca. Não pude parar, nem tentei. Era muito bom. Tão bom que eu não queria que parasse. Não, eu queria mais. Então me esfreguei mais, exigindo mais e entrelacei os dedos em seu cabelo espesso, macio e longo para segurá-lo contra mim.

Mas ele não ia a lugar nenhum e me dava mais. Não parou, sua boca me acariciou até que ele conseguiu o que estava se esforçando: me fez ver fogos de artifício.

— Lahn! — gemi quando ele me fez gozar contra a sua boca e ainda estava gozando quando ele se lançou sobre mim, puxando a camisola. Ela passou sobre a minha cabeça, foi jogada longe e, um segundo depois, Lahn estava dentro de mim, me enchendo e, droga, mas eu amava tomar seu pênis.

Abri os olhos depois que me acalmei e vi que ele estava com as duas mãos na cama ao meu lado, nada do seu peso em mim, apenas seus quadris se movendo, devagar, firme, delicioso, entre as minhas pernas. Sua cabeça estava curvada e seus olhos estavam em mim.

Olhei para o guerreiro pintado que estava transando comigo e pensei que ele era a coisa mais linda que já vi. Fascinada por suas marcas, levantei a mão e deslizei pela tinta no centro do peito, descendo pelo abdômen e pelo pêlo entre as pernas.

— Kah quaxi, nahna quaxi^[3] — ele grunhiu, seus quadris mexendo quando ele deslizou de volta e arqueei o pescoço quando fechei os olhos.

Uau, o que quer que fosse aquilo que ele fazia com os quadris, era bom.

— Kah quaxi, Lahnahsahna Circe, nahna quaxi — ele grunhiu, seus quadris giraram para o outro lado, que foi ainda melhor e ele continuou me levando, devagar e com carinho.

Abri os olhos e minha mão deslizou de volta para sua barriga até seu peito enquanto eu murmurava.

— Baby.

Isso devia ser o que ele estava procurando, porque ele baixou seu corpo para o meu e tomei seu calor na minha pele queimada e febril, mas não me importei. Simplesmente envolvi as pernas ao redor dele, o puxando para mais perto.

— Ruhnoo kah quaxi, Circe, ruhnoo kah xac.^[4]

— Sim — sussurrei quando seus quadris giraram novamente e seus impulsos ficaram ligeiramente mais rápidos. — Mayoo, Lahn.

— Me — ele negou. — Ruhnoo kah quaxi.

— Certo — murmurei enquanto o fogo lento se formava.

— Ruhnoo kah xac, kah Lahnahsahna — ele grunhiu.

— Sim — repeti, levantando os quadris para receber tudo dele e ele me deu, com calma, devagar, então mais rápido, acelerado, até que nós dois estávamos respirando pesadamente. Sabia que estava perto de gozar de novo e o tempo todo seus olhos negros pintados nunca deixaram os meus.

— Lahn — sussurrei quando começou, meus membros ficando mais tensos, minhas mãos, que estavam vagando por suas costas, sua bunda, seus ombros, seus braços, o apertando contra mim.

— Ruhnoo kay — ele grunhiu, colocando poder em suas estocadas, meu corpo estremecendo com elas. Arqueei as costas, me sentindo tomada por um orgasmo muito lento e doce quanto o ato de fazer amor me atingiu.

Continuei a tomá-lo, seu rosto agora no meu pescoço, seu pênis me empurrando com cada impulso, seus grunhidos soando contra a minha pele até que ele me penetrou devagar, os quadris girando a cada impulso sem parar quando ele gemeu em meu pescoço.

Ele ficou parado por longos momentos antes de sair de dentro de mim, sua pele lisa deslizando contra a minha.

Ele estava de lado, com a cabeça apoiada na mão, o cotovelo nos travesseiros, uma perna entrelaçada ao pé da cama, a outra perna colada a minha. Ele observou, à luz de vela, enquanto deslizava a mão através da tinta preta que havia transferido para mim, sobre o meu peito, entre meus seios, descendo pelo meu corpo, entre as minhas pernas, então deslizou o dedo sobre o meu clitóris, fazendo meus quadris balançarem levemente e um gemido escapar da minha garganta.

Ele se aproximou, seus olhos sexy e saciados, e movei a mão, agora arrastando nossa umidade combinada através da tinta na minha pele para descansar em minha barriga.

— Kah quaxi, nahna quaxi — ele sussurrou, e eu não tinha ideia do que isso significava, mas o que quer que fosse, era importante para ele.

— Ok — falei suavemente.

— Não — ele sussurrou de volta e se inclinou um pouco para mim.

— Bom.

Eu gostaria que ele não fosse assim, ótimo na cama e às vezes tão fofo.

— Certo — murmurei. — Bom.

Ele sorriu para mim, inclinou a cabeça e passou a língua ao longo do meu ombro. Então ele se acomodou em seu lado, mas não colado em mim, como nas duas últimas noites, apenas ao meu lado. Ele segurou minha mão, levantou meu braço e segurou contra seu peito, mas era isso.

Ele estava tendo cuidado com a queimadura.

Merda, merda, ele podia ser fofo.

Droga.

Então, novamente, me lembrei que não estaria queimada se não fosse por ele.

Virei a cabeça para olhar para ele.

— Trahyoo, kah fauna — ele sussurrou, a mão pressionando a minha contra o peito.

Lá estava novamente, kah fauna. Sua linda. Era a terceira vez. Não sabendo o que significava, parecia bom. Sabendo o que significava, parecia ótimo.

Droga.

— Tudo bem, Lahn — sussurrei de volta, ele inclinou o queixo para cima e fechou os olhos.

Olhei para o teto e fechei os meus.

E decidi que um dos meus passos, se eu acordasse aqui amanhã, seria evitar o meu rei. E eu continuaria dando esse passo até descobrir um jeito de chegar em casa.

Porque se eu não fizesse isso, tudo estaria perdido.

Capítulo 10

Insolação

O tremor incontrolável do meu corpo me acordou e, um segundo depois, acordou Lahn.

— Circe? — ele chamou, se levantando sobre um cotovelo na cama e olhando para mim, sua mão ainda segurando a minha em seu peito.

Insolação. Minha pele estava fria ao mesmo tempo em que estava queimando. Estava ardendo e doía pra caramba,

Virei a cabeça para olhá-lo e vi o rosto dele repleto de preocupação.

Meu corpo estava tremendo tanto que a cama estava se movendo com isso e me sentia mal, mas nada disso afastou o fato de que essa aparência o fez parecer mais lindo do que nunca.

— Insolação, baby — sussurrei.

— Insolação? — ele perguntou e sério, me sentindo mal e precisando explicar o motivo, aquele não era um bom momento para não ser capaz de me comunicar.

Olhei para as abas da tenda e vi o sol fraco passando. Estava quase amanhecendo.

Olhei de volta para Lahn.

— Diandra — sussurrei quando o tremor aumentou e comecei a bater os dentes.

Ele notou, suas sobrancelhas arquearam e os olhos semicerraram e ele grunhiu:

— Circe.

Apertei a mão dele.

— Insolação, é só insolação, Lahn. Preciso de água. — Ele olhou para mim sem compreender. — Merda! — resmunguei em frustração e os tremores deslizando sobre a minha pele não pareciam bons. — Baby, chame a Diandra para mim para que ela possa traduzir.

Ele olhou para o meu corpo, murmurou alguma coisa, soltou minha mão e, em seguida, instantaneamente puxou o lençol de seda debaixo de mim. Jogou em cima de mim e sua frieza parecia agradável e torturante ao mesmo tempo.

Ele rolou para fora da cama do outro lado.

— Á-água — falei para ele.

Ele não foi para os jarros.

Foi até as abas da tenda, deu um tapa e trovejou:

— *Teetru!*

— Lahn! Água, querido, por favor — implorei enquanto ele caminhava até a pilha de peles, joguei de lado os travesseiros com tanta força que eles voaram pela tenda, então ele agarrou a que estava em cima e veio até mim.

Eu estava segurando o topo do lençol e balançando a cabeça enquanto ele me observava e colocava a pele com cuidado sobre o meu corpo.

— Não, muito peso, muito calor — sussurrei, mas ele virou a cabeça para as abas da tenda enquanto Teetru aparecia e não prestou atenção em mim.

Ele grunhiu ordens para ela. A moça me olhou, em seguida, correu para fora da tenda que não tinha entrado completamente.

Por sorte, em suas ordens, ouvi o nome do marido de Diandra.

Ele se virou e fez uma careta para mim. Movi um braço para fora da pele e estava tentando empurrá-la.

— Muito pesado, baby, muito quente — repeti, mas ele envolveu os dedos ao redor do meu pulso e, com gentileza, empurrou meu braço de volta para baixo das peles e eu o encarei. — Não, Lahn.

— Sim, Circe — ele grunhiu.

Certo, eu ia desistir disso.

Ouvi as abas da tenda se abrirem e Jacanda, Beetus e Packa entraram, parecendo preocupadas.

— Água — falei, inclinando a cabeça para os jarros. Jacanda entendeu e correu para a água. — Sim — sussurrei e continuei tremendo.

Jacanda serviu água e correu para mim, mas não conseguiu me dar. Lahn arrancou o copo da mão dela, se sentou na cama ao meu lado, envolveu a outra mão na parte de trás do meu pescoço, me erguendo com gentileza e colocou o copo em meus lábios.

Eu bebi.

Boa hidratação.

Ele continuou inclinando o copo em meus lábios até levantei os olhos para os dele, indicando que eu estava satisfeita, e ele o afastou, me abaixando de volta para os travesseiros.

Então ele grunhiu alguma coisa para mim e a única palavra que entendi foi o meu nome no final.

— Vou ficar ok — assegurei a ele.

— *Não* ok — ele respondeu e continuou franzindo as sobrancelhas. Mordi o lábio e depois baixei os olhos, percebendo que ele estava nu.

— Lahn — falei quando voltei meus olhos para os seus escuros que ainda estavam pintados. — Coloque uma calça.

Ele começou sua próxima frase com “Lahnahsahna Circe...” mas o resto eu não tinha ideia, exceto que se parecia exatamente comigo dizendo que eu não entendia o que ele estava dizendo.

Abri um sorriso trêmulo, puxei meu braço das peles e passei os dedos da sua coxa nua até o quadril também nu.

— Calça, roupa, você precisa colocar alguma coisa — falei baixinho.

Ele continuou fazendo uma careta, então ele se levantou, se virou para a mesa e bateu o copo nela. Depois, pegou sua calça e a vestiu.

Certo, assim era melhor.

As abas da tenda se abriram, Gaal correu, seguida por uma mulher pequena e gorda, com muito cabelo escuro misturado com grisalho e carregando um pequeno baú. Ela parecia ter se divertido naquela noite e foi acordada. Imaginei isso porque sua pele estava abatida e ela usava o que eu supunha ser uma camisola de dormir de estilo Korwahk, uma espécie de vestido curto, de gaze esbranquiçada, sem alça, disforme, sustentada sobre os seios por um cordão amarrado na frente.

Ela não era Diandra.

Lahn resmungou algumas palavras para ela. Ela assentiu e correu para mim.

— Oi — cumprimentei depois que ela se inclinou e colocou o baú no chão ao lado da cama e se virou para mim.

— Kah rahna Dahksahna hahla — ela murmurou, movendo os olhos sobre o meu rosto e ombros. Ela levantou a pele e o lençol com cuidado e olhou embaixo deles, então os soltou, se virou para Lahn e começou a falar.

Ele estava de pé com os braços cruzados, os pés bem abertos e os olhos a encarando com ferocidade, e o que quer que ela estivesse dizendo deixou seu olhar sombrio mais escuro.

Ela continuou falando e ele continuou encarando.

As abas das tendas se abriram de novo e Diandra correu, seguida por um guerreiro grande e mais velho que, assim como Lahn, teve que se curvar para entrar. Teetru os seguiu.

— Dahksahna Circe! — Diandra murmurou, ao me ver tremendo. — O que houve?

— Muito sol, Diandra, insolação. Não é nada. Só preciso de água e ficarei bem. Diga ao Lahn — informei a ela.

Ela assentiu, se virou e falou com Lahn.

Ele falou de volta em tom mordaz e ela balançou a cabeça e olhou para mim.

— Ele nunca ouviu falar disso, minha querida.

Balancei a cabeça.

— Bem, não teria porquê. Vocês todos vivem no sol. De onde venho, *não*. Minha pele não está acostumada com esse tipo de sol. Meu *corpo inteiro* não está acostumado. Tentei dizer a ele, mas...

Ela me cortou virando para Lahn e falando.

Seu olhar ficou ainda mais sombrio.

Então ele grunhiu alguma coisa para a mulher em pé ao lado da cama. Ela respondeu e Diandra falou comigo.

— Ele disse a curandeira para cuidar de você. Ela vai lhe dar algo que vai aliviar a dor e ajudá-la a dormir. Ela entende o que é isso e diz que não há nada para isso a não ser tempo.

Lahn ainda estava grunhindo para a curandeira, que estava respondendo.

— Ela está certa — falei a Diandra, mas ela levantou a mão para mim e eu fiquei quieta. Ela estava ouvindo.

Então ela olhou de Lahn para mim e começou a falar, e eu podia dizer que ela estava resumindo para Lahn, e a curandeira disse muito mais palavras do que ela traduziu.

— Ele quer que ela a faça ficar boa. Ela diz que não pode. O Dax não está feliz, minha rainha.

Bem, qualquer um podia ver *isso*.

— Diga a ele que vai ficar tudo bem. Já tive isso antes. Tomei muito sol durante as férias no México e só preciso dormir e ficar fora do sol por alguns dias.

Ela ergueu as sobrancelhas em minhas palavras, mas assentiu, se virou para Lahn e falou. Ele respondeu e depois grunhiu alguma coisa para a curandeira que imediatamente se inclinou para seu baú.

— O quê? — perguntei a Diandra e ela olhou para mim.

Ela deu de ombros.

— Ele quer que você fique boa.

— Vou ficar... *com o tempo* — respondi. — Por favor, explique isso para ele.

— Ele não se importa, minha rainha — ela respondeu.

— Mas...

Ela deu um passo à frente.

— Dahksahna Circe, o Dax fez isso com você. Ele sabe isso. Se sente culpado. Este não é um sentimento que ele entende ou sabe como lidar. Ele pode até não entender o que é. Deixe a curandeira colocá-la para dormir. O tremor vai parar, ele vai pensar que resolveu. Apenas o deixe pensar que ele encontrou uma cura para você.

Olhei para ela um momento antes de sussurrar:

— Ah, tudo bem.

A curandeira estava à mesa, derramando água e batendo um pouco de pó branco em um pedaço de papel dobrado. Então ela colocou isso de lado, pegou uma garrafa atarracada e cheia de bulbos e colocou outro pó no copo. Ela girou a taça na mão quando trouxe para mim.

Mais uma vez, ela não conseguiu. Lahn estava lá, pegando o copo, com mais gentileza desta vez, se sentando ao meu lado, colocando a mão em volta do meu pescoço, levantando a coisa de novo e segurando o copo nos meus lábios. Ele removeu em intervalos para eu engolir, depois de novo até que eu bebesse tudo. O líquido era amargo e não tinha um sabor bom, mas me forcei.

— Shahsha, Lahn — sussurrei quando ele afastou o copo e me acomodou de volta nos travesseiros.

— Nahrahka, kah Lahnahsahna — Lahn sussurrou de volta e olhei para Diandra.

— O que ela me deu? — perguntei.

— Um sonífero misturado com algo para aliviar a dor. É da natureza, minha querida, não bruxaria. Já tomei isso antes. Funciona

rápido e é seguro. Eu prometo.

Balancei a cabeça e segurei as peles ao meu redor em um esforço para controlar o tremor.

Lahn entregou o copo à curandeira e grunhiu mais ordens. O homem com Diandra, que assumi ser o marido dela, Seerim, colocou o braço em volta dela e a guiou para longe depois que ela e eu trocamos acenos de cabeça. Minhas garotas saíram depois que eu lhes dei sorrisos reconfortantes. A curandeira disse algumas palavras a Lahn, deixou a garrafa atarracada, verde e tampada cheia de pó branco sobre a mesa, pegou o baú e saiu apressada.

Lahn tirou a calça e deslizou sob o lençol do outro lado da cama. Se movendo para mim, ele me virou para ele e se aproximou do meu corpo ainda tremendo em seus braços.

Pressionei as mãos em seu peito e sussurrei:

— Vou ficar bem, Lahn. Vou ficar ok.

— Sim, ok, Circe — ele concordou com um aperto suave.

Balancei a cabeça contra os travesseiros.

— Sim, querido, ok"

— Querida — ele repetiu com outro aperto.

Suspirei.

Certo, Lahn podia ser um idiota, um dos grandes. Mas quando eu ficava doente, ele não gostava e não descansava até encontrar um jeito de me fazer melhorar.

Merda.

Cerca de cinco minutos depois, minhas pálpebras ficaram pesadas e o tremor se transformou em leves estremecimentos.

— Ok, Circe, bom — Lahn murmurou, me aproximando.

Forcei meus olhos abertos, inclinei a cabeça para trás, vi que seu queixo barbudo estava inclinado e os olhos pintados focados no meu rosto.

— Sim, baby, bem — murmurei de volta e adormeci embalada nos braços fortes de um rei guerreiro.

Capítulo 11

Fofo

— Kah Circe. — Ouvi Lahn chamar suavemente, abri os olhos e o vi pairando sobre mim, com um braço em meu corpo, a mão na cama, o torso perto, os olhos nos meus.

— Ei — sussurrei e um lado de sua boca se contraiu.

— Ei — ele respondeu e se endireitou, a mão na cama deslizou ao redor do meu pescoço e ele me levantou enquanto a outra veio na minha direção, segurando um copo. Ele colocou nos meus lábios e ordenou baixinho: — Gingoo, Lahnahsahna.

Bebi o líquido amargo e soube que ele havia preparado outra dose de remédio.

Sim, droga. Ele podia ser fofo.

Quando terminei, ele pegou o copo, o colocou no chão ao lado da cama e voltou para mim. Ele observou meu rosto e afastou meu cabelo do rosto, os dedos entrelaçando os fios quando me tocou.

Era bom ele fazer isso, muito bom.

Ah, merda, sim Ele podia ser fofo.

E isso era uma droga.

— Sabe o que é um saco? — sussurrei para ele, fazendo isso porque sabia que ele não teria nenhuma pista sobre uma palavra que eu estava dizendo. — É um saco que você possa ser fofo e quando você age assim, é fofo *demaís*. Isso é um saco.

Ele não parou de acariciar meu cabelo com ternura enquanto eu falava, mas seus olhos caíram para a minha boca e quando terminei, eles voltaram para os meus.

Então meu coração apertou quando ele sussurrou de volta:

— Não te entendo, baby.

Lá estava novamente.

Fofo.

Levantei a mão e coloquei em seu peito. Ele olhou para baixo, mas seus olhos voltaram para os meus quando eu falei.

— Lá fora, o rei Lahn é um guerreiro feroz, mas aqui, *meu* Lahn... *kah* Lahn é fofo.

Seus olhos se transformaram, a intensidade mudando quando ele murmurou:

— Guerreiro feroz, fofo.

Sorri para ele.

— Você meio que entendeu.

— Guerreiro feroz, fofo — ele murmurou novamente.

— Sim — respondi e ele levou a mão até a minha em seu peito, seus longos dedos cobrindo os meus e me segurando firme, mantendo nossas mãos ali.

— Anla na neesoo, anka ta linay et na lapay sahka. Suh Tunak me tunoo et kah Circe me sahka ^[5] — ele declarou e eu ri suavemente.

Então, falei baixinho.

— Não te entendo, baby.

Ele balançou a cabeça, curvou os lábios e se aproximou.

— Neesoo, kah Lahnahsahna.

— Neesoo? — perguntei e ele não se afastou, mas ele moveu a mão que continuava acariciando meu cabelo para o meu rosto onde gentilmente tocou cada pálpebra com a ponta do dedo, me fazendo piscar com cada toque e, em seguida, as pontas dos dedos deslizaram pela minha bochecha.

— Neesoo — ele repetiu suavemente.

— Descanse? — imaginei.

— Quieta — ele respondeu, se aproximou e ordenou com firmeza — Loot *neesoo*.

— Tudo bem, grandão, eu vou neesoo — murmurei.

Ele deu uma risada suave, algo que nunca o ouvi fazer e mais uma coisa nele que era atraente.

Ele percorreu a linha do meu cabelo com as pontas dos dedos, desde o meio até a orelha direita. Ele olhou em meus olhos antes que levantasse o queixo, suas mãos me soltassem, ele se levantasse da cama e saísse da tenda.

— Neesoo — sussurrei para o teto da tenda.

Então fechei os olhos e *neesooei*.

Era final da manhã e eu estava sentada na cama rindo com as minhas garotas.

Gaal e Packa estavam recostadas na cama comigo e até mesmo Teetru, que parecia desconfortável, mas estava se soltando, se sentou na beirada. Jacanda e Beetus estavam correndo ao redor da tenda pegando coisas ou apontando para elas e me dizendo como eram chamados em Korwahk. Eu repetia o que elas diziam, então explicava como se falava na minha língua e elas repetiam. Então todas riam como se o meu idioma fosse uma linguagem insana que não fazia sentido e era uma tolice inacreditável (como se Korwahk não fosse).

Eu estava me sentindo bem. Tomei um banho fresco, as garotas trouxeram mais aloe vera e nós passamos a umidade nas queimaduras. Havia uma estranha e dolorida, que cruzava meus pés, faixas brancas nos meus braços onde o ouro não me cobriu, a barriga estava rosada, marcas trançadas em meu peito e Deus sabia como meu rosto estava, já que só usei as penas. Eu provavelmente parecia uma idiota, mas o banho frio e o aloe vera aliviou muito. Não podia dizer que me sentia ótima, mas não me sentia tão mal.

Estava usando algo muito parecido com o que a curandeira estava vestindo na noite passada, mas a minha não era de gaze. Era de uma

seda fina e macia, da cor de uma maçã verde, que descia até os meus tornozelos e se abria até meus quadris. Também estava com uma calcinha de seda amarela clara. Ghost estava alheia a nossa brincadeira e estava tirando uma soneca de bebê com a cabeça no meu colo.

E eu estava descansando de toda a merda que não saía da minha cabeça: sobre este mundo, sobre meu mundo e sobre Lahn. Só Deus sabia o quanto eu precisava de uma pausa e estava me dando uma.

— Poyah! — Nós ouvimos e voltamos os olhos para as abas da tenda para ver Diandra entrar.

Teetru pulou da cama como se estivesse fazendo algo errado e o resto das garotas também ficou tenso, mas respondi:

— Poyah, Diandra!

E ela nem sequer olhou para as garotas enquanto caminhava para os pés da cama.

— Como a minha rainha está hoje? — ela perguntou.

— Muito melhor — disse a ela com um sorriso. — Me desculpe chamá-la tão cedo...

Parei de falar quando ela acenou com a mão na frente do rosto.

— Não mencione isso, Dahksahna Circe. É uma honra. Seerim está encantado por eu estar servindo a nossa nova rainha. Ele se sente muito importante. — Seus olhos se iluminaram e ela continuou: — O que me leva ao por que estou aqui. Tenho notícias!

Sorri para ela e deu um tapinha na cama. Ela não hesitou e se moveu para se sentar enquanto dizia algo para as garotas que as fez correr.

Eu as observei partir, arqueando a sobancelha, mas voltei a olhar para Diandra quando ela começou a falar.

— Você nunca vai adivinhar — declarou.

— Adivinhar o quê? — perguntei.

— Adivinhar o que o Dax perguntou ao meu Seerim esta manhã — ela respondeu, e eu não respondi, só olhei para ela, esperando. Ela se

aproximou de mim e se inclinou, apoiando em uma mão, na cama. — Ele perguntou a Seerim se ele sabia a nossa língua.

Caramba.

Eu não tinha certeza se isso era bom.

— É mesmo? — perguntei em um sussurro e ela assentiu.

— Ah, sim, minha querida, perguntou. Seerim sabe um pouco, mas não muito. — Ela abriu um sorriso enorme. — E ele não sabia o que o Dax lhe perguntou, então veio até a nossa tenda e me perguntou. Era de grande importância e o Dax esperava respostas rápidas.

— O qu... — Engoli em seco. — O que ele perguntou?

Um enorme sorriso iluminou seu rosto.

— Ele queria saber o que significava as palavras *baby*, *querido*, *grandão*, *guerreiro feroz* e *fofo*.

Ah.

Caramba.

— O que você disse a ele? — murmurei e ela se inclinou para trás, virando a cabeça para o lado.

— Bem, disse a ele os significados, é claro.

Ah, Deus.

Não tinha certeza se Lahn aceitaria ser chamado de *baby*, quando soubesse o que isso significava. Ou *querido*. Nem estava certa se ele gostaria de ser *fofo* também.

Droga.

— Hum... Diandra — comecei.

Ela balançou a cabeça.

— Não se preocupe, minha rainha. Expliquei que, em sua terra, são termos carinhosos, fauna kah é aqui. O que eu suponho que sejam, não é?

Assenti.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Grandão é um carinho?

— Hum... quase isso — murmurei.

— Incomum — ela murmurou de volta.

— Será que, hum... Seerim explicou isso para o Lahn? — perguntei e ela ficou com aquele olhar malicioso, como se soubesse de algo.

— Na verdade, sim, minha querida. Foi até ele, explicou e depois voltou para mim.

Parecia que Diandra havia tido uma manhã movimentada.

Quando ela não disse mais nada, eu perguntei:

— E?

Seus olhos se iluminaram novamente.

— Seerim me falou que nunca viu o Dax rir tanto ou tão alto. Nosso rei achou tudo isso muito divertido.

Bom!

É claro.

Para esconder minha dor, olhei para Ghost, deslizei os dedos no pelo dela e sussurrei:

— Bem, é assim que falamos de onde sou e não é legal zombar da forma como as pessoas falam.

— Dahksahna Circe, linas, por favor — Diandra pediu em voz baixa e olhei para ela. — Ele decidiu que gosta mais do *significado* de querido, mas prefere como você o *chama* de baby. Ele é, naturalmente, um “grandão” e simplesmente acha divertido você apontar isso. Havia vários guerreiros com ele quando Seerim explicou tudo isso e Seerim relatou para mim que todos acharam suas palavras divertidas, mas não de um jeito ruim. Não estavam zombando. É bom que seu marido te ache divertida. O riso é importante para qualquer relacionamento, mas é especialmente importante em um casamento. Não acha?

Eu tinha que admitir que ela estava certa.

— O que...? — hesitei. — O que ele achou de eu tê-lo chamado de fofo?

Ela sorriu novamente.

— Acredito que ele preferia que você pensasse nele como um guerreiro feroz, mas não se ofendeu com você o chamando de fofo, o meu palpite é que ele não se ofendeu com isso porque você o chamou de *seu Lahn* antes de fazê-lo.

Arregalei os olhos.

— Ele se lembrou disso?

— *Lá fora, o Rei Lahn é um guerreiro feroz, mas aqui, meu Lahn... kah Lahn é fofo* — ela recitou. — Foi o que você disse?

Foi e, pelo que eu me lembrava, foi palavra por palavra.

Putá merda.

— Sim — sussurrei.

— Então — ela disse suavemente, estendendo a mão e tocando meu joelho —, acho que meu palpite está correto e ele *não* se ofendeu, minha rainha.

Meu estômago se apertou e se aqueceu.

Ah, cara. Aqui vamos nós de novo.

— Agora! — ela exclamou e meu corpo tensionou. — Tenho mais novidades.

Não sabia se conseguiria lidar com mais novidades, mas como eu *era* uma idiota, ainda perguntei:

— Que novidades?

— Bem, Seerim encontrou a sua Narinda.

Sorri e bati as mãos, então Ghost levantou a cabeça e piscou para mim como um filhote de tigre irritado antes de se acomodar novamente.

— É mesmo? — perguntei.

— Sim, minha rainha. Ela é a noiva do Feetak.

Eu me inclinei para ela.

— Ela está bem?

Diandra sorriu gentilmente.

— Está. Feetak é um guerreiro forte. Confiável. Seerim o respeita. E, ele me disse que Feetak está encantado com sua noiva. É por isso que

ela não saiu e não foi aos jogos. Ele passou muito tempo com ela.

Esperava que isso fosse uma boa notícia.

Diandra continuou, provando que era.

— Existem alguns guerreiros que fazem isso. É após o fato, é claro, mas é o que em nossas terras seria considerado como cortejar. Ele não permitiu que ela comparecesse à seleção, embora ele tenha participado como é obrigatório, e isso é provável porque, como você, ela iria achar aquilo angustiante. Mas Seerim diz que ele foi visto na festa com ela, na noite passada. Embora ele a tenha levado de volta a tenda antes que as coisas ficassem... hum... fora de controle.

Sim, fora de controle. Ela podia dizer isso de novo.

Diandra continuou falando.

— Mas ela está bem e sei onde é a tenda deles, então quando você estiver melhor e quando Seerim disser que é apropriado ir até lá, em outras palavras, quando Feetak der seu consentimento, eu a levaria até ela ou pediria que ela viesse até você.

Ah! Graças a Deus.

— Isso seria legal, Diandra, obrigada.

— Legal — ela falou com um sorriso. — Você deve me contar sobre sua terra um dia, Dahksahna Circe. Nós compartilhamos a mesma linguagem mas, às vezes, parece que não.

Aposto que seria uma conversa interessante.

Sorri para ela enquanto mudava de assunto.

— E suas outras notícias?

Ela respirou fundo, em seguida, seu rosto iluminou de novo, e ela afirmou:

— O Dax ordenou e nós não cavalgamos.

Eu pisquei.

— O quê?

— O Dax ordenou e nós não cavalgamos — ela repetiu.

— Eu não...

Ela se inclinou.

— Nós sempre cavalgamos. No dia seguinte à seleção, ao amanhecer, o acampamento é levantado e, no instante em que está tudo pronto, seja de manhã cedo, à tarde ou à noite, partimos. Mas, você não está bem, você teve uma reviravolta na noite passada, seu rei está preocupado e ele decretou que até que esteja satisfeito com seu estado de saúde, a Horda não vai cavalgar.

Deus, por que toda vez que me convencia de que não gostava desse cara ele fazia algo para me fazer gostar dele?

— Isso foi... — comecei em tom de voz baixo.

— *Fofo* da parte dele — Diandra terminou por mim, com um dos seus sorrisos maliciosos.

— Certo — sussurrei, sentindo minhas bochechas corarem e não de queimaduras solares.

Ela estendeu a mão e tocou meu joelho enquanto ria.

Eu, por outro lado, suspirei.

Ela só se inclinou para trás quando as abas da tenda se abriram e olhei para lá para me deparar com Lahn se curvando para entrar.

E mais uma vez, aqui vamos nós.

Eu me preparei para ele ser rude, grunhir ordens e me ignorar.

Mas ele não fez isso.

Ele olhou diretamente para mim e se aproximou. Bem na frente de todos, ele cuidadosamente me virou (e a Ghost, que soltou um miado feliz e olhou para ele) para o lado da cama e então ele se inclinou na minha direção, com as mãos nos lados do corpo, a parte de cima do corpo curvada e o rosto muito perto.

Então, ele falou suavemente.

— Er... — Diandra sussurrou — seu rei pergunta como você está.

Ele não afastou os olhos dos meus enquanto Diandra traduzia e eu não pude tirar os meus dos dele.

— Estou bem — falei suavemente e Diandra traduziu, dizendo uma palavra.

Lahn falou mais e Diandra traduziu:

— Você fez como lhe foi dito e descansou?

— Hum... sim — respondi.

— Meena — Diandra disse.

— Bom — Lahn falou e, em seguida, disse mais palavras.

Quando ele terminou, Diandra falou.

— Quando você almoçar, ele quer que você tome mais remédio. Entendeu?

Assenti.

— Bom — ele repetiu e falou mais.

Ele terminou de falar e Diandra não traduziu por alguns segundos, então seu tom foi hesitante e bem-humorado:

— Seu rei quer estar entre suas pernas hoje à noite, Dahksahna Circe. Ele ordena que você melhore para que isso aconteça.

Arregalei os olhos, senti as bochechas esquentarem novamente e retruquei:

— Lahn!

Ele sorriu para mim, sem demonstrar qualquer arrependimento.

— Mudei de ideia, você não é fofo nesta tenda — declarei furiosamente.

Diandra traduziu e Lahn moveu a mão. Colocando-a na parte de trás do meu pescoço, ele apertou com força enquanto jogava a cabeça para trás e rugia de rir.

— Eu não estava sendo divertida — informei a ele, Diandra traduziu e sua risada, que estava diminuindo, instantaneamente ficou mais alta.

Brutamontes!

Estava olhando para ele quando ele voltou os olhos para mim. Ele deu uma olhada e o sorriso permaneceu fixo em seu rosto. Então ele falou e Diandra traduziu:

— Está claro que a minha tigresa se sente bem ou, pelo menos, bem o suficiente para desnudar suas garras.

— Na mosca — retruquei.

Lahn sorriu e Diandra perguntou, parecendo perplexa:

— Perdão, minha rainha?

— Ele está absolutamente certo! — retruquei novamente, Diandra traduziu e Lahn riu.

Seu rosto ficou sério e ele sussurrou:

— Neesoo, kah rahna fauna.

— Descanse, minha linda de ouro — Diandra sussurrou e eu respirei fundo, mas mesmo tentando manter o olhar, soube que meu rosto havia suavizado

Baixei o olhar e sussurrei:

— Certo.

Lahn gentilmente me puxou em direção a ele e senti seus lábios no meu ouvido, onde ele murmurou:

— Descanse, baby.

Fechei meus olhos e estremeci, depois estremeci novamente quando senti sua língua úmida na pele quente do meu pescoço. Ele se afastou, olhou nos meus olhos por um momento, se endireitou e saiu da tenda sem outra palavra ou olhar para ninguém.

A tenda ficou em silêncio. Até que Teetru se aproximou e colocou um prato de peras e uvas na cama entre Diandra e eu, assim que Packa nos entregou copos de água fria. Sorri para ela, tomei um longo gole e coloquei o copo no chão antes de pegar uma fatia de pera e colocar na boca.

Olhei para Diandra quando ela começou a falar.

— Ele sempre me assustou muito, mesmo quando jovem. Sempre tão intenso. Tão feroz — comentou, ainda olhando para as abas da tenda, então virou a cabeça para mim. — Mas estou começando a gostar dele. — Ela abriu um sorriso malicioso. — Estou achando que ele é fofo.

Eu tinha que parar com isso, principalmente pela forma como fazia meu coração se sentir.

— Ele não foi fofo quando me fez sentar sob o sol ardente e quase assando perto das fogueiras por nove horas ontem, sem dizer uma palavra para mim e nem mesmo me permitindo me alimentar — eu a lembrei principalmente para lembrar a mim mesma.

Seu rosto suavizou, assim como sua voz quando ela falou:

— Entendo que isso seria perturbador para você, mas é seu papel se sentar ao lado dele. É, em todos os momentos, mas *especialmente* durante uma cerimônia e uma celebração. Seu povo passa o dia todo trabalhando ao sol, cavalgando ao sol. Ele não tinha ideia que isso te deixaria doente. É verdade que há outras mulheres de outras terras que são esposas de guerreiros, mas são poucas e o rei Lahn certamente não teve nenhuma experiência pessoal com nenhuma delas.

Isso era um saco, mas era verdade.

Diandra continuou falando.

— E, obviamente, minha querida, não pode ter escapado à sua atenção na noite passada... ou mesmo que só agora... que você ficar doente e a responsabilidade dele por isso o perturbou profundamente. Seerim e eu fomos arrastados da nossa cama, assim como a curandeira, a Horda não cavalgou e ele a visita durante o dia, quando normalmente fica com seus guerreiros.

Era um saco, mas isso também era verdade.

— Certo, vou relevar isso — permiti e seus lábios se inclinaram para cima. — Mas ontem, ele não falou comigo por horas e...

— Você morreu de fome? — Diandra me cortou para perguntar.

— Não — respondi, breve.

— Ficou sem bebida?

Desviei o olhar e murmurei:

— Não.

— Minha rainha, por favor, olhe para mim — ela pediu e eu o fiz. — Você estava correta no que disse a ele. Aqui, ele é o *seu* Lahn. Mas lá fora, ele é o Dax e o Dax é o mais poderoso de todos os guerreiros.

— Mas... — comecei a protestar e ela levantou a mão.

— Haverá momentos, lá fora, em que ele irá demonstrar bondade e carinho. Mas haverá momentos que *não*. Sinto muito que isso lhe aflija, minha querida, e vou te ensinar agora, assim, no futuro, quando isso acontecer, você entenderá. Um guerreiro nunca mostra fraqueza e mesmo que você ache certo ou errado, esses sentimentos suaves são considerados uma fraqueza. Portanto, na maioria das vezes fora desta tenda, ele será quem é e, se você tiver sorte, o que é claro que você tem, nesta tenda ele será quem você precisa que ele seja. Seu papel como sua rainha, mas também simplesmente como sua noiva, é entender isso e encontrar uma maneira de viver com isso.

Não respondi porque não tinha nenhuma resposta. Suas palavras faziam sentido, o que também era um saco.

Ela continuou, achando que eu ainda não havia entendido.

— Houve guerreiros que foram vítimas dos encantos de suas esposas e agiram lá fora — ela apontou para as abas da tenda — de maneiras que um guerreiro não só não respeita, mas zomba. — Ela se inclinou um pouco para mim e sussurrou: — Isso, como tenho certeza que você pode imaginar, não é bem recebido.

Aposto que não era.

Diandra continuou:

— Há até mesmo guerreiros que param de agir com base em suas próprias decisões e agem para realizar o mero capricho de suas esposas. Isso é ainda bem menos aceito.

Eu podia imaginar.

Ela continuou:

— Mas isso não acontece com frequência. É extremamente raro pela forma de como é recebido e pelo que acontece ao guerreiro que

sucumbe aos encantos de sua noiva. Mas há outra razão, que é simplesmente porque esses homens são guerreiros. Isso não acontece frequentemente porque são quem são e são treinados para serem assim desde os cinco anos. Eles não sabem como ser de outra maneira.

Porra, isso fazia sentido também.

— Dahksahna Circe — Diandra continuou. — Recomendo que você ouça e compreenda. Isso vai fazer com que sua adaptação a Korwahk e ao seu novo marido seja muito mais rápida e isso a tornará muito mais contente.

Mordi o lábio.

Assenti.

Ela sorriu em aprovação.

Suspirei, ofegante, e decidi que, enquanto eu estivesse aqui, isso estivesse acontecendo e eu não fosse embora, precisava encontrar uma maneira de lidar até que tudo isso acontecesse, então eu deveria saber de tudo.

— Certo, Diandra, posso lhe pedir para me explicar mais? — perguntei e ela assentiu, inclinando a cabeça.

— Certamente, seria uma honra lhe explicar tudo porque você é minha rainha. — Seus olhos se aqueceram. — E seria o meu prazer, porque você é minha amiga e quero que você esteja contente.

Sim, era oficial. Eu definitivamente gostava de Diandra.

— Obrigada — sussurrei e estendi uma mão. — E obrigada por... tudo. Você tem sido muito gentil e eu não sei o que eu teria feito se...

Ela acenou com a mão e me interrompeu:

— Não vamos falar disso. Só saiba disso também, o prazer é meu.

Sorri para ela, estendi a mão e peguei a dela para apertar.

Ela apertou a minha de volta.

Soltei-a, me inclinei para trás e ela perguntou:

— Gostaria que eu explicasse alguma coisa específica?

Assenti.

— É que, hum... ontem à noite, mais tarde... a celebração... —
parei. Ela levantou o queixo de forma encorajadora e eu continuei: —
Havia mulheres lá, hum... dançando e, uh... com os guerreiros e elas não
estavam...

Parei de falar quando o rosto de Diandra mudou. Seu rosto era
expressivo, mas o olhar que ela estava me dando não consegui ler.

— Xacto — ela disse a palavra como se preferisse não dizer.

— Xacto? — perguntei e ela assentiu.

— Xacto — ela repetiu.

— Hum — murmurei.

— Escravas dos Guerreiros — ela afirmou e eu pisquei.

— Escravas dos Guerreiro? — repeti e ela assentiu. — O que...? —
comecei e ela suspirou.

— Suh Tunak, ou O Bando, possuem escravas coletivos. Não são
de propriedade de um guerreiro e não têm deveres para com ninguém
além dos guerreiros como parte da Horda. Elas são sempre jovens e
atraentes e, quando perdem essas características, são vendidas a famílias
que podem utilizar seus serviços de maneiras diferentes.

Eu não queria perguntar, porque já sabia muito bem.

Mas perguntei.

— E quais são os seus deveres?

Ela respondeu rapidamente, como se quisesse acabar com isso.

— Banham os guerreiros, lavam seus cabelos e os trançam ou os
prendem como o guerreiro julgar adequado. Elas os pintam para batalhas
ou cerimônias. Massageiam os guerreiros após a batalha, lutas ou
treinamento extenuante. Também estão disponíveis em todos os
momentos para receber as atenções dos guerreiros, se algum deles sentir
necessidade.

Olhei para ela.

Ela continuou com a mesma rapidez:

— Elas também têm deveres para com os jovens guerreiros. Elas... hum... ensinam coisas a eles que... irão... eventualmente, no futuro, beneficiar suas esposas se os jovens guerreiros forem bons aprendizes.

Ah, meu Deus.

Lahn era bom de cama porque aquelas mulheres o ensinaram a ser assim.

— Isso não é algo ruim, não é, minha rainha? — Diandra perguntou, em seguida, esclareceu: — A... hum... última parte, quero dizer.

Não respondi porque meu coração começou a acelerar quando lembrei de ter visto Lahn jogando água no corpo, mas ele não lavou o cabelo, que nunca parecia sujo ou oleoso e era arrumado em vários estilos. E ele estava pintado ontem, até mesmo nas costas, o que de jeito nenhum ele poderia ter feito. E agora, quando entrou, ele não estava pintado e seu cabelo não estava mais solto. Estava preso em um rabo de cavalo que começava na base do seu pescoço e seu cabelo estava preso em intervalos nas costas com finos elásticos dourados.

— Lahn...? — comecei.

— Sem dúvida, minha querida — ela respondeu rapidamente.

Eu me endireitei e Ghost levantou a cabeça, mas eu não percebi.

Uma daquelas *mulheres* estava lavando o *cabelo* do meu marido?

Ah, não, não queria nem *pensar* nisso.

— Dahksahna Circe, seria melhor...

Eu a encarei.

— Você acha que o Lahn tem... é... ele...? Ele *transa* com elas?

Ela balançou a cabeça, fechou os olhos, depois os abriu e perguntou:

— Transa?

— Ele dorme com elas, faz sexo, tem *relações* — retruquei.

Seu rosto suavizou com compreensão.

— Ah, minha rainha, vejo que isso te incomoda, mas sim, novamente, lamento dizer que é o jeito deles.

Era o jeito deles.

Era o jeito dele.

Ontem à noite, eles estavam agindo do jeito deles na pista de dança. E eu sabia que alguns deles, que estavam agindo do jeito deles com as Xactos, tinham esposas em casa.

Eu o deixei ontem à noite. Lahn ficou lá por pelo menos uma hora a mais do que eu, provavelmente mais.

Eu o deixei ontem à noite!

Então ele veio para a nossa tenda e transou comigo! Talvez depois de ter se divertido com elas!

— *Agora?* — eu gritei.

Ghost miou e se sacudiu de surpresa, depois percebeu meu humor e pulou da cama.

— Agora? — Diandra perguntou, seu corpo tenso.

— Ele está transando com elas agora? Quer dizer, desde que nos casamos?

Ela balançou a cabeça, se inclinou para frente e pegou minha mão.

— Não sei — respondeu com calma.

Ela não sabia. O que poderia ser sim ou não. O que poderia significar sim.

Puxei a mão da dela e desviei o olhar.

— Minha rainha — ela começou.

— Se você disser que é o jeito deles, Diandra, juro que vou *gritar*.

— Bati na parede da tenda.

Ela ficou em silêncio.

Respirei fundo.

Então decidi e olhei para ela.

— Vou lhe pedir um favor importante e já vou avisá-la que será um que você não vai querer conceder. Sou sua rainha, entendo isso. Mas vou

pedir e você tem todo o direito de recusar o que peço e não haverá ressentimentos — declarei.

— Er... tudo bem — ela murmurou hesitante.

— Quero você aqui esta noite para traduzir o que tenho a dizer quando meu marido chegar em casa.

Ela instantaneamente sussurrou:

— Ah, querida.

Ah, querida, estava certo!

— Você pode dizer não — lembrei a ela, que me encarou.

Então ela se inclinou para frente e segurou minha mão.

— Eu te aconselho como sua amiga, Circe...

Balancei a cabeça e apertei a mão dela com força.

— Entendi isso, Diandra. Entendi. Confie em mim, entendi. Agora, você estará aqui esta noite quando Lahn chegar em casa?

Ela me estudou por longos momentos antes de apertar minha mão e dizer suavemente:

— Sim, Dahksahna Circe, como sua amiga, sempre estarei ao seu lado quando precisar de mim.

Meus olhos se encheram de lágrimas instantaneamente e uma caiu antes que eu desviasse o olhar.

Eu a deixei deslizar e a enxuguei com as costas da mão antes de sussurrar:

— Obrigada.

Diandra não respondeu.

Respirei fundo, olhei para ela, abri um falso sorriso e sugeri:

— Por que não almoçamos?

Capítulo 12

Deveres de Esposa

A noite caiu.

Eu estava andando de um lado para o outro enquanto a Diandra sentava-se à mesa tomando seu terceiro cálice de vinho.

Ela estava criando a coragem através da bebida.

Eu não precisava disso. Estava cheia de adrenalina e emoção.

Não me permiti considerar por que a possibilidade de que Lahn estivesse fazendo sexo com outras mulheres e permitindo que elas o banhassem e arrumassem a porra do seu cabelo me chateava tanto.

Mas chateava.

Muito.

Muito mesmo.

E como quando eu via algo que queria muito, fiquei irracional e emocional quando me chateava. A diferença era que, quando eu ficava chateada, ficava extremamente irracional e emocional, e isso, infelizmente, com frequência, se misturava com um monte de idiotices.

Então não questionei neste mundo assim como nunca fiz no meu próprio.

Apenas deixei aquele maremoto me levar para onde quer que deveria.

O que era o que eu faria no minuto em que Lahn chegasse em casa.

Eu estava usando a camisola verde-maçã e meu cabelo comprido estava preso em um nó bagunçado preso com um pedaço de fita que eu havia amarrado. Estava muito cansada para deixá-lo caído no meu rosto e nos meus ombros queimados. Isso estava me deixando louca, então o preendi.

— Gostaria que você se sentasse, minha rainha, você está me deixando nervosa — Diandra murmurou e depois tomou mais vinho.

Parei, me virei para ela e comecei a balbuciar.

— Não posso me sentar. Estou acabada. E, a propósito, gostaria que você parasse de me chamar de sua rainha. Sei que eu sou para as pessoas lá fora, mas você é apenas minha amiga. Ninguém além de nós sabe o que isso significa, de qualquer forma, todos os meus amigos de casa me chamam de Circe, principalmente porque esse é o meu nome e eu não sou rainha lá, mas mesmo se eu fosse, não que isso pudesse acontecer, mas ainda assim eu os permitiria me chamar assim. E você é minha amiga. Então, eu gostaria que você me chamasse de Circe.

Ela me deu um sorriso torto que parecia assustadoramente embriagado e me perguntei com alguma preocupação se Diandra era um peso leve.

— Eu adoraria... *Circe* — então ela riu.

Ah, merda.

As abas da tenda se abriram. Me virei e parei de respirar quando Lahn se abaixou e entrou.

Aqui vamos nós.

Ele encarou Diandra, em seguida olhou para a cama e desviou para mim no final. Seu rosto suavizou e ele deu um passo em minha direção.

Levantei a mão rapidamente.

— Pare.

Diandra traduziu.

Lahn parou e ergueu as sobrancelhas de um jeito que não me relaxou nem um pouco. Seu olhar cortou para Diandra e depois de volta para mim.

— Precisamos conversar — disse a ele com uma voz suave. — É importante. Pedi a Diandra para traduzir para nós. Por favor, Lahn, você vai falar comigo?

Diandra traduziu e Lahn me encarou com aquele olhar assustador por um tempo, então ergueu o queixo, cruzou os braços sobre o peito e ficou inexpressivo.

— Acho que isso significa sim, Circe — Diandra traduziu.

— Acho que entendi, querida — eu disse a ela.

Lahn arqueou as sobrancelhas novamente e olhou para Diandra.

— Lahn — chamei e ele voltou os olhos para mim. — Você fez sexo com uma das Xacto ontem à noite?

Seu rosto se contorceu em uma expressão ameaçadora quando eu disse a palavra “Xacto” e ficou *ainda mais* ameaçadora quando Diandra traduziu o que eu disse.

Prendi a respiração.

Ele fez uma careta para mim.

Senti meu coração começar a doer.

Ele continuou a me encarar.

Meu coração apertou.

— Me — ele finalmente resmungou.

— Não — Diandra traduziu uma palavra que eu realmente conhecia e senti meu peito se soltar.

— Ok, baby — sussurrei para Lahn, observei seus olhos brilharem brevemente quando falei, mas a carranca não mudou. — Agora — continuei com cuidado e em tom de voz baixo —, sei que estou vivendo no seu mundo. Entendo. Mas quero explicar algo sobre o meu mundo, algo que quero que você ouça e entenda o que isso significa para mim. Você vai ouvir?

Diandra traduziu. Quando ela terminou, Lahn ficou carrancudo, mas levantou o queixo.

— Shahsha — sussurrei, não consegui nada além da chama quente em seus olhos e segui em frente. — No meu mundo, os homens são fiéis às suas esposas. Eles não traem. Não fazem sexo com outras

mulheres ou *qualquer coisa* com elas, sexualmente ou não. Eles não permitem que outras mulheres os toquem, banhem, hum... e etc.

Diandra traduziu e suas palavras se tornaram hesitantes à medida que a energia crua e bruta que Lahn normalmente exalava subiu até a zona de perigo.

— Entendo que vocês façam isso aqui, quero dizer, os guerreiros fazem e tudo o mais — falei rapidamente, Diandra traduzindo comigo. — Mas no meu mundo, não. Isso é tão sério que, se um homem faz isso com sua esposa, ela tem o direito de deixá-lo.

Isso foi um erro.

Bem *ruim*.

Soube disso quando o corpo dele ficou tão tenso que pareceu crescer e se expandir, e ouvi um grunhido escapar de sua garganta.

Nenhuma palavra, apenas um rosnado.

— Circe, minha querida, eu não sabia... você não deveria... esposas guerreiras nunca... — Diandra começou, mas Lahn falou sobre ela e suas palavras foram cortadas e pareciam muito putas.

Quando terminou de falar, Diandra traduziu.

— Você não vai embora.

— Eu não estava dizendo que ia, apenas...

Diandra falou comigo e Lahn falou sobre ela, que traduziu, mas não precisava. Ele simplesmente repetiu suas palavras irritadas.

— Você não vai embora.

— Eu não estava...

Ele continuou falando e Diandra traduziu.

— Você não vai chamar a esposa de Seerim depois de mim.

Pisquei com essa mudança repentina de assunto, assim como suas palavras, que não compreendi.

— O quê?

Diandra traduziu, Lahn falou e então ela falou novamente.

— Você não vai chamar a mulher de Seerim de “querida”. Isso é meu.

Ah, cara.

— É um carinho — expliquei. — No meu mundo dizemos para...

— É meu. Você não vai usá-lo com ninguém além de mim.

Eu o observei e decidi que isso não estava indo muito bem.

Então decidi concordar para tentar amolecê-lo para a parte difícil.

— Ok — sussurrei.

— Ok — ele grunhiu.

Então recomeçamos a conversar com Diandra traduzindo.

— Precisamos falar sobre as Xactos — disse a ele.

— Não vou discutir as Xactos com a minha esposa — ele me disse.

— Hum... isso é importante para mim — expliquei.

— Não interessa. Não vou discutir isso.

Ah, cara. Agora eu estava ficando chateada.

— Mas Lahn, estou te dizendo que isso é importante para mim! — retruquei.

— Não lhe diz respeito — ele respondeu.

— Sou a sua esposa — retruquei de volta, elevando a voz.

— E como minha esposa, não lhe diz respeito — ele retornou.

— Isso é loucura! — gritei.

— Não é — ele respondeu.

— Não importa para você que isso seja importante para mim? — perguntei.

— Não — ele disparou de volta, dizendo isso na *minha* língua.

Ah, sim.

Agora *eu* estava chateada.

— Vou discordar, grandão — repliquei. — E vou dizer a você bem aqui, agora mesmo, nesta tenda. — Apontei para os meus pés e então para ele. — Você não vai deixá-las tocarem em você. — Apontei o dedo para ele novamente. — Não vai deixá-las *te* banharem. — Apontei de

novo. — Não vai permitir que elas massageiem, toquem na merda do seu cabelo lindo, na porra do seu corpo fantástico ou qualquer coisa sua porque *isso*, baby — aponte para ele da cabeça aos pés e, em seguida, balancei o polegar para mim. — é tudo meu.

— Vayoo ansha — ele ordenou, descruzando os braços e colocando as mãos nos quadris e eu respondi antes que Diandra pudesse traduzir, porque eu sabia o que aquilo significava.

— *Não* irei, até você me prometer que não terá nada a ver com as Xactos. Quer que alguém dê banho em você — balancei o polegar para mim mesma novamente. —, a *sua esposa* vai fazer isso. Se precisar de alguém para trançar seu cabelo — outro balançar de dedo — eu farei isso. Precisa que alguém massageie os músculos do seu corpo. — Desta vez balancei a cabeça. — Adivinhou, grandão, *também* vai *ser eu*. E se precisar de alguém para transar com você, chupar seu pau e fazer você gozar — outro balançar de dedo. — serei eu também, e *só eu*. Você me entendeu?

Diandra parou de falar e no instante em que ela o fez, Lahn ordenou:

— Vayoo ansha.

Instantaneamente respondi:

— Não, Lahn, não vou até aí até saber que você me entende.

Diandra traduziu e Lahn repetiu:

— Vayoo ansha.

— Você me entendeu? — gritei.

Ele falou e Diandra disse:

— Lahnahsahna, guarde as suas garras e vá até seu marido.

Agora.

— Não! — recusei.

Ele falou e Diandra traduziu:

— Pela última vez, Circe, venha aqui ou eu vou atrás de você. Você quer isso?

Olhei em seus olhos escuros. Então percebi que não queria. Na verdade, o olhar dele, eu *realmente* não queria isso.

Droga.

Fui até ele tentando parecer tão puta quanto estava, um esforço que eu tinha certeza que tive sucesso.

Estava a um metro de distância quando ele se inclinou para frente, estendeu os braços compridos e me puxou para ele, então fiquei colada ao seu corpo e seus braços se apertaram em volta dos meus.

Hum.

Ah, não.

— Lahn — sussurrei, pressionando minhas mãos contra seu peito.

Ele falou e quando o fez, foi suave e suas sobrancelhas arquearam.

Diandra traduziu:

— Minha esposa vai me dar banho?

Hum.

Ah, droga!

Merda. Agora o que eu fiz?

— Hum... — Merda! Deus, não havia alternativa. — Sim — confirmei.

Lahn continuou, assim como Diandra.

— Vai trançar meu cabelo?

Eu e minha boca grande.

— Sim.

— Me pintar?

Mordi o lábio porque gostei da ideia de fazer *isso* e então sussurrei:

— Sim.

Ele sorriu.

Então seu rosto se aproximou e seus olhos ficaram quentes antes de falar.

Quando Diandra traduziu, percebi que tinha que aprender a língua Korwahk e rápido. Ela agora estava sobrando e, se não fosse embaraçoso para ela, era para mim.

— Minha esposa vai levar meu pau entre as pernas e em sua boca?

— S-sim — gaguejei.

— Em sua boca? — ele reiterou.

Ah, cara, senti um formigamento entre as minhas pernas e a remexi.

Ele sentiu isso, sabia o que havia causado e seus olhos ficaram mais quentes.

— Sim — sussurrei.

Então ele falou e Diandra traduziu.

— Seu rei vai conceder este pedido. Nada mais de Xactos, Lahnahsahna, apenas a minha rainha de ouro.

Olhei para ele.

Ah, meu Deus.

Ele cedeu.

Ele cedeu!

Meu rei guerreiro cedeu.

Senti minha barriga derreter.

Então sussurrei:

— Shahsha, querido.

Lahn sorriu.

Relaxe em seus braços, olhei em seus olhos e umedeci os lábios.

Ele me observou fazendo isso, então ele grunhiu.

— Veeyoo — e Diandra não traduziu.

Ela se levantou instantaneamente e se dirigiu para as abas da tenda.

Ela parou. Olhei de Lahn para ela, murmurei *obrigada*, e em troca ela piscou antes de dizer: *muito bem*, então abriu as abas e se foi.

No minuto em que ela se foi, Lahn ergueu um dos braços, segurou meu queixo e moveu meu rosto para que eu olhasse para ele o tempo todo enquanto me arrastava de volta para a cama.

Sua cabeça se inclinou para a minha, seus lábios estavam tão perto que eu podia sentir sua respiração.

— Kah Circe wahloo boh — ele murmurou e eu poderia dizer pelo calor em seus olhos que ele quis dizer que eu ia começar agora.

Ah, cara.

Ele nos virou e se sentou na cama, me colocando de joelhos diante dele.

Sim, eu ia começar agora.

Agora mesmo.

Suas longas pernas estavam em cada lado meu, os joelhos dobrados. Ele pegou minhas mãos e as guiou para as laterais da sua calça, onde nossos dedos puxaram os cordões juntos. Uma vez que estavam desamarrados, ele deixou minhas mãos onde estavam, colocou a sua na cama atrás da cabeça e ergui a minha para olhar seus olhos.

Quando vi seu olhar, minha respiração ficou presa na garganta.

Não havia necessidade de tradução. Esse olhar falava muito.

Podia me dizer que meu rei gostava da sua rainha de joelhos entre as pernas.

Humm.

— Kah Circe wahloo boh — ele murmurou, sua voz grossa.

Mordi o lábio. Então estendi a mão hesitante e descansei contra sua virilha.

Ele estava, como sempre, pronto para mim. Baixei os olhos e tive uma prova visual.

Humm.

Senti uma onda de calor entre as pernas e, automaticamente, meus olhos semicerraram.

Eu tinha a sensação de que ia gostar disso, então decidi que poderia fazer o que meu rei mandou e começar agora.

Tirei sua roupa e meu presente foi revelado instantaneamente.

— Ah, sim — sussurrei, envolvi a mão ao redor da base, me movi e meus olhos se ergueram para o meu marido, para observar seu rosto quando comecei a realizar meus deveres de esposa.

Eu estava certa, gostei.

Mas sabia que, de fato, meu marido gostava mais.

A tenda estava cheia de velas e eu estava nua, do meu lado na cama com Lahn, o lençol até a cintura, os braços dele ao meu redor e nossos olhos presos um no outro.

Minha mão deslizou para o peito dele.

— Peito — sussurrei.

Ele inclinou o rosto para frente até que sua testa estava descansando contra a minha.

— Fantástico — ele sussurrou de volta.

Pisquei, então me lembrei que chamei seu corpo de fantástico quando eu estava reclamando e fiquei surpresa e impressionada que ele ouviu a palavra e se lembrou dela através da tradução.

Nossa, ele era bom.

— Sim, baby, fantástico — respondi baixinho e deslizei a mão do seu peito para o rosto. — Bochecha — disse a ele quando minha mão descansou contra a dele. Ele se moveu e toquei seu olho com as pontas dos dedos, os dois fechados e eu continuei, — Olho — depois descí, seus olhos se abriram e eu sussurrei — Lábios — quando meus dedos tocaram lá.

Aqueles lábios sorriam, em seguida, minha mão penetrava em seu cabelo que eu havia soltado mais cedo.

— Cabelo — falei baixinho.

Ele sorriu.

— Lindo.

Lá estava novamente.

Sorri de volta.

— Sim, *definitivamente* lindo — eu concordei, meus dedos deslizando para baixo através da massa espessa e sua mão se moveu da minha cintura, sobre o meu quadril, descendo pela minha coxa, que ele levantou e enganchou no quadril dele.

Ele deslizou de volta da minha coxa, passando pelo quadril e até meu peito, onde ele segurou, deu um aperto suave e pressionou levemente sua testa contra a minha.

Entendi o que ele queria.

— Peito — disse a ele em um sussurro.

— Fantástico — ele sussurrou de volta e meu estômago se contorceu.

Ele passou o polegar suavemente sobre o meu mamilo e eu pressionei meus lábios com a sensação que me roubou o ar.

— Mamilo.

Vi suas pálpebras abaixarem levemente e caramba, era sexy.

— Lindo — ele murmurou e meu estômago aqueceu.

Ele soltou meu seio e deslizou para baixo, seus dedos se curvaram quando ele acariciou minha barriga com as costas da mão.

— Barriga — disse suavemente.

— Humm — ele murmurou e aquele som deslizou através de mim como um toque suave.

Sua mão desceu entre as minhas pernas e ele me preencheu com um dedo.

Eu não disse palavras porque não consegui. Meus lábios se separaram e eu respirei suavemente enquanto meus quadris se contraíam.

— Doce — ele sussurrou e meu corpo derreteu no dele.

— Shahsha, kah Lahn — suspirei.

Seu dedo deslizou para fora e ele acariciou com firmeza em meu clitóris. Ofeguei suavemente de novo, então ele deslizou o dedo de volta para baixo e me preencheu.

— Minha Circe é doce — ele me disse e minha mão deixou suas costas para envolver seu pescoço.

— Lahn — sussurrei e seu polegar foi para o meu clitóris enquanto seu dedo entrava e saía. — Sim — suspirei.

— Ah, sim, baby — ele corrigiu, o polegar pressionando mais profundamente.

Percebi vagamente que meu rei *realmente* prestava atenção, mas principalmente estava me concentrando no que seus dedos estavam fazendo e no fato de que meus quadris estavam se contorcendo.

— Ah, sim — concordei, abaixei a cabeça e empurrei meu rosto em sua garganta enquanto meus quadris se moviam contra sua mão.

Ele acrescentou outro dedo e eu inclinei a cabeça para trás, para deslizar a língua ao longo da sua garganta.

Ele manteve a carícia e eu continuei me remexendo contra ele, até que Lahn me virou de repente então minhas costas estavam à frente dele. Ele segurou meus quadris com suas grandes mãos e dirigiu seu pênis para dentro. Ele moveu os braços ao meu redor, acariciou o meu clitóris com um dedo, sua outra mão envolvendo meu seio para puxar um mamilo enquanto me acariciava profundamente.

Recuei a cabeça e meu corpo se contraiu.

— Ah, sim, baby, assim é melhor — murmurei.

— Sim — ele grunhiu. — Melhor, kah Circe.

— Me come, Lahn — implorei e imaginei que era um pedido universal, porque ele me penetrou com mais força ainda. — Sim.

Eu o senti enfiar o rosto no meu pescoço e sua língua tocou ali enquanto suas estocadas eram mais profundas e rápidas.

Cobri suas mãos com as minhas enquanto meu pescoço arqueava para trás, pressionado contra seu ombro, meus lábios estavam entreabertos e soltei um longo e baixo gemido quando gozei em um longo clímax.

Alguns minutos depois, o forte e áspero gemido de Lahn não chegou nem perto de ser baixo.

Ele ficou dentro de mim profundamente por um longo tempo, suas mãos me cobrindo em dois lugares, minhas mãos cobrindo as dele e minha respiração se estabilizou enquanto eu ouvia a sua fazer o mesmo.

Então ele gentilmente deslizou para fora, mas no minuto em que perdi seu pênis, seu longo dedo deslizou de volta e sua boca se aproximou do meu ouvido.

— Minha Circe é doce — ele grunhiu e seus dentes mordiscaram minha orelha.

Sorri para a luz das velas.

Ele acomodou a cabeça nos travesseiros e eu pressionei contra ele o máximo que pude, minhas mãos ainda sobre as dele, onde elas me reivindicavam.

E cerca de dois segundos depois, adormeci na mesma posição, reivindicada, em mais de uma maneira, pelo meu rei.

Capítulo 13

Não Foi Tão Ruim Para Nós

Enrolei o pano largo e absorvente ao redor dos quadris de Lahn depois de tê-lo secado. Eu o segurei com as mãos em seus quadris e olhei em seus olhos.

— Você está pronto, baby — sussurrei.

Usei baldes de água morna e sabão que as garotas haviam me fornecido para dar banho em Lahn enquanto ele estava na nossa tenda. Ele era uma montanha de homem, então havia muito *de tudo* — muita pele, muito músculo, muito de tudo e tudo era bom, mas era ainda melhor molhado, escorregadio e ensaboado. Os tapetes no chão estavam encharcados e ensaboados. Mas o banho foi muito divertido.

Ele olhou para meu peito e colocou uma das mãos na minha cintura, enquanto segurava meu seio com a outra. Olhei para baixo e vi que a camisola verde maçã estava encharcada, os mamilos eram duros e nada era deixado para a imaginação.

— Não pronto — ele grunhiu.

Inclinei a cabeça para trás assim que seu polegar deslizou sobre o mamilo, meus joelhos se dobraram e foi bom que Lahn fosse tão rápido quanto era grande porque ele segurou minha cintura antes que minhas pernas falhassem. Ele me levantou, envolvi as pernas em seus quadris, coloquei os braços ao redor dos seus ombros e ele deu dois longos passos para a cama, onde nos deitou.

Então ele deslizou a mão para baixo e para cima novamente, por dentro da camisola, enquanto seus lábios percorriam meu pescoço.

Ah, sim, a hora do banho seria divertida.

Era fim de tarde e Diandra e eu estávamos indo para casa de Narinda. Seerim havia liberado a visita e eu estava ansiosa para vê-la e verificar como ela estava indo.

Mas eu tinha algo em mente.

— Hum, Diandra? — chamei.

Ela colocou minha mão na curva do seu braço e olhou para mim.

— Sim, Circe?

— Será que, hum... o Seerim, uh... te beija?

Suas sobrancelhas arquearam.

— Me beija?

— Vocês não têm essa palavra? Hum...

— Claro que temos essa palavra, minha querida. E sim, claro que Seerim me beija.

Olhei para longe e senti meu estômago apertar.

Lahn ainda não havia me beijado. Era estranho e isso durou tanto tempo que agora *eu* estava com medo de *beijá-lo*.

— Ah... — Diandra murmurou e deu um aperto na minha mão.

Olhei de volta para ela, que estava sorrindo.

— O quê?

— As Xactos — ela começou, eu me preparei quando ouvi essa palavra e ela continuou: — fazem muitas coisas para nossos guerreiros. Ensinam muito aos jovens. Mas não podem tocar uma boca na outra.

— O quê? — perguntei e ela me olhou.

— Elas não estão autorizadas a beijar os guerreiros.

Senti minhas sobrancelhas arquearem.

— Por que não?

Ela chegou perto de mim e baixou a voz.

— Porque suas bocas estiveram em muitos lugares, minha querida.

Argh... nojento.

Olhei para frente de novo e resmunguei:

— Outras partes delas também e, ainda assim, eles não as evitam.
Ela riu, em seguida, explicou:

— Sim, isso é verdade e esses lugares são particulares e especiais para aquelas de nós com sorte o suficiente para mantê-los assim. Mas a boca está perto dos olhos e os Korwahk acreditam que são portais para o espírito interior. Eles acreditam que, se você abrir esses portais para as pessoas erradas, elas podem roubar seu espírito, te aleijar, torná-lo inútil, fraco. Um guerreiro não quer *isso*.

Portais para o espírito. Janelas para a alma. Eu já tinha ouvido isso antes e percebi que significavam a mesma coisa de certa forma.

Ela continuou falando.

— Eles não desejam que as Xactos estejam próximas do espírito guerreiro. *Isso*, minha querida Circe, é mantido em segurança e dado apenas àqueles em que eles confiam... aqueles que amam.

Mordi meu lábio.

Diandra adivinhou.

— O Dax não te beijou.

— Não — murmurei.

— Pode ser, minha querida, que ele não saiba como.

Esta era uma noção tão bizarra que meu passo vacilou e virei a cabeça para olhá-la.

— *O quê?*

Ela virou a cabeça para mim e afirmou.

— Não me surpreenderia.

— Isso é... bem, isso é loucura — eu disse a ela.

— Entendo. — Ela abriu seu sorriso malicioso. — Ele te agrada muito em sua cham.

Ele certamente agradava.

Senti minhas bochechas queimarem. Ela viu e deu uma risada maliciosa.

Então ela nos parou, nos virou para que nos encarássemos e eu vi que seus olhos não eram maliciosos e sábios, mas gentis e compreensivos.

Ela colocou a mão no meu braço e o apertou.

— Minha linda Circe, seu rei é um guerreiro feroz. Ele acredita que seu espírito o guia para a batalha. Isso o protege. Isso o mantém forte. Ele não permitiria alguém próximo a isso. Ele faria qualquer coisa para guardá-lo e mantê-lo seguro, assim como faria qualquer coisa para guardar sua carne e osso, seu coração, suas entranhas. Ele não permitiria que uma Xacto, prostituta ou uma garota que tomou durante a pilhagem chegasse perto disso.

Garota que ele tomou durante uma pilhagem?

Antes que eu pudesse perguntar, ela começou a andar de novo e aconselhou:

— E agora, talvez, ele nem pense nisso. Se não é parte das... — ela fez uma pausa e disse com um sorriso em sua voz — *festividades*, eu sugiro, você introduza isso... — ela deu um aperto na minha mão — *nelas*.

— Talvez ele não me queira perto do seu espírito — murmurei.

Ela riu e apertou minha mão novamente.

— Ah, minha querida, pelo que vi, acho que você não precisa preocupar com isso.

Humm.

— Circe! — Ouvi.

Levantei a cabeça e vi Narinda saindo de uma tenda, olhando na nossa direção.

— Narinda! — chamei, deixei Diandra e corri para minha amiga.

Quando a alcancei, joguei os braços ao seu redor. Ela me abraçou de volta e nos balançamos de um lado para o outro, enquanto nos abraçávamos como gêmeas idênticas cruelmente separadas por uma madrasta malvada e reunidas depois de décadas.

Compartilhar os horrores do desfile, da caçada e dos ritos de casamento faziam isso com uma garota.

Nos afastamos, mas mantivemos os braços ao redor uma da outra e sorrimos.

— Não sei, minha rainha, eu deveria estar te tocando ou curvada em uma profunda reverência? — ela brincou.

— Se você fizer uma reverência, vou mandar cortar sua cabeça — provoqueei em resposta.

Sorrimos uma para a outra e depois ficamos sérias. Observei seu rosto e vi que ela parecia saudável, alimentada, hidratada, seus olhos estavam claros da resignação que eu tinha visto naquela noite e ela parecia que poderia até estar feliz.

Eu a puxei de volta em meus braços e sussurrei em seu ouvido:

— Você está bem?

Eu a senti acenar.

— E você?

— Aguentando firme.

Seus braços me apertaram.

— Ele me trata bem, Circe, acho... eu acho... — ela fez uma pausa e se aproximou do meu ouvido, onde sussurrou — Acho que ele *gosta* de mim.

Eu ri e movi meu corpo para trás, mas mantive os braços em volta dela.

— Há rumores de que a manteve em seu quarto e que gosta muito de você.

Vi seu rosto corar. Ela começou, então me soltou e olhou por cima do ombro para o guerreiro alto e bonito que vi com ela naquela noite. Ele estava de pé do lado de fora da tenda, parecendo ameaçador com os braços cruzados.

— Feetak, Rainha Circe, er... Circe, meu marido, Feetak — ela apresentou movendo a mão de um para o outro, entre o marido e eu, de

um jeito tímido que era fofo.

Ele inclinou a cabeça para mim.

— Kah rahna Dahksahna hahla — ele grunhiu com um baque adicionado ao peito, em seguida, voltou os olhos para Narinda. Eu os observei esquentar e ele se aproximou da esposa. Disse algumas coisas para ela suavemente e terminou com

— Narinda sahna.

Ela olhou para ele e assentiu, mas eu sabia pelo olhar meio confuso em seu rosto (um que eu tinha certeza que havia adotado em mais de uma ocasião nos últimos dias) que ela não entendeu metade do que ele disse.

— Dohno — ele falou suavemente, se virou para ela, colocou a mão na sua cintura, inclinou a cabeça e a beijou.

As bochechas dela ficaram mais rosadas, ele ergueu o queixo para mim e Diandra e se afastou.

— Ele disse: *vou deixar você com suas amigas. Aproveite seu tempo, linda Narinda* — Diandra traduziu e Narinda olhou para ela, com os olhos arregalados.

— É isso que *sahna* significa? — ela perguntou, sua voz ofegante.

— É, sim, minha querida — Diandra respondeu sorrindo.

Narinda ficou com um olhar distante enquanto ela olhava na direção em que seu guerreiro desaparecia e sussurrou:

— Nossa, ele diz isso o tempo todo.

Pressionei meus lábios e encontrei os olhos de Diandra que estavam brilhando.

Bem, não era preciso de um médico do amor para ver que as coisas estavam indo bem para Narinda e seu bruto selvagem.

Narinda pareceu se afastar dos seus pensamentos. Ela se concentrou em Diandra e deu um beijo em sua bochecha.

— Ah! Sinto muito! Não nos conhecemos. Eu sou Narinda.

— Diandra — ela respondeu, se movendo para beijar a bochecha de Narinda.

Quando se separaram, Narinda perguntou:

— Você é de Hawkvale?

— Sou de Korwahk, mas há muitos anos, sim, eu era do Vale.

Narinda sorriu para Diandra e depois para mim.

— Bem, isso não é maravilhoso? Agora tenho *três* pessoas com quem posso conversar e realmente entender.

— Sim, é maravilhoso — respondi.

Ela pulou e gritou:

— Ah, meu Deus! O que estou pensando? Venham, entre. Vou pedir a uma das minhas... er, garotas para nos trazer uns refrescos. Vamos sair deste sol.

Sorri para Diandra enquanto Narinda nos empurrava para sua tenda, achando que a mudança era notável. Naquela noite, que parecia anos atrás, Narinda pode não ter sido atirada, mas estava calma. Agora ela estava agindo como uma colegial com sua primeira paixão.

Minha salvadora na minha primeira noite neste mundo estava em um bom lugar e eu estava feliz por isso. Era bom ter uma preocupação a menos na cabeça.

Fomos até sua tenda e vi imediatamente que não era como a minha. Não era tão grande, por um lado. E não havia tantos baús. Nem arcas. Nem castiçais. A mobília era boa, mas não muito esculpida. O lençol sobre as peles da cama (que era menor) era de gaze, uma gaze bonita, mas não de seda. E não havia tantos travesseiros e apenas alguns deles estavam cobertos com seda ou brocado, o resto estava coberto de algodão.

Embora, eu tivesse que dizer, sua roupa era legal, mas não era decorada com prata ou ouro. O sarongue era vermelho, o cinto dela era trançado de vermelho, roxo e azul e o top era roxo. Ela usava brincos, algumas pulseiras, mas nem perto da minha elegância.

Certo, talvez *fosse* bom ser rainha.

Nos acomodamos em sua tenda, sua garota nos trouxe suco de frutas e um prato com fatias de queijo e uvas, e nós conversamos. Ela nos disse que havia entendido algumas palavras de Korwahk enquanto estava sendo transportada e mantida antes da caçada, mas não era nem perto de ser fluente e obviamente não teve sorte de ter tido uma intérprete quase desde o começo, como eu. E ficou claro que Feetak não estava falando com palavras. No entanto, também ficou claro que ele falava algo que Narinda gostava.

Depois que verifiquei que ela estava, ela assumiu a conversa, olhando para mim.

— Estou tão preocupada com você. Tentei perguntar para as garotas e para Feetak a seu respeito, mas elas não sabem o que estou dizendo ou, quando elas respondem, eu não sei o que *elas* estão dizendo. O rei — ela balançou a cabeça e estremeceu — era assustador. Como você está lidando com tudo?

— Demorou um pouco e tive a sorte de ter a ajuda de Diandra, mas estou me adaptando.

Ela se inclinou para mim e sussurrou:

— É tudo muito estranho, você não acha?

Sorri para ela.

— Pode-se dizer que sim.

Ela me devolveu o sorriso e se recostou.

— Mas estou pensando, não é estranho ruim, apenas um estranho. Porém, também estou pensando que vai demorar um pouco para me acostumar com isso.

E eu estava pensando que ela não estava errada a esse respeito.

Ela se virou para Diandra.

— Quanto tempo demorou para você?

— Eu, como você e nossa rainha, tive a sorte de ser reivindicada por um guerreiro que foi feito para cuidar de mim muito profundamente,

muito rapidamente. Então, fico feliz em dizer que não demorou muito.

Narinda me olhou, com os olhos arregalados.

— Aquele homem grande e temível já se preocupa com você?

— Hum... — comecei.

— Profundamente — Diandra disse com firmeza.

Narinda olhou para ela e depois para mim antes de exclamar:

— Isso é adorável! Ah, Circe, talvez isso não seja tão ruim assim.

— Mordi meu lábio, mas ela não viu quando virou a cabeça para Diandra e perguntou: — Quanto tempo você demorou para aprender a língua deles?

Assim começou Narinda fazendo a Diandra aproximadamente mil setecentas e vinte e três perguntas sobre todas as coisas de Korwahk, Diandra respondendo a essas perguntas com riqueza de detalhes e depois Diandra oferecendo suculentos trechos da minha vida durante a semana passada.

— Ah, nossa — Narinda suspirou. — Que maravilhoso ele ter estado tão preocupado quando você estava doente. É quase, não posso acreditar que vou dizer isso, mas... *romântico*.

Diandra sorriu.

— O bruto me *deixou* no sol por nove horas — resmunguei, a luz que brilhou no rosto de Diandra se apagando e ela me olhando com os olhos semicerrados.

— Ah, eu te vi — Narinda falou. — Tentei chamar sua atenção, mas você não me viu e eu não consegui entender o que Feetak falou quando eu disse que queria ir te ver. A noite caiu e, por algum motivo, ele não me quis perto do palanque.

Feetak estava parecendo cada vez melhor.

Narinda continuou:

— Você parecia meio entediada, mas *muito* bonita. Todo aquele ouro. Sua roupa era *incrível*. E suas *joias*! Feetak me deu um baú cheio,

mas você estava usando mais apenas durante aquela celebração do que tenho em toda a minha arca.

Sim, ali estava. A prova de que era bom ser rainha.

— Nosso Dax recompensa muito bem a sua rainha de ouro — Diandra anunciou.

— Posso ver! — Narinda exclamou, observando minha roupa e joias, que era novamente, eu tinha que admitir, realmente espetacular. Ela estendeu a mão e segurou a minha. — Mas lamento que você tenha ficado doente, Circe. Fico feliz que você esteja melhor agora.

— Obrigada, Narinda — falei suavemente.

— A rainha de ouro — ela respondeu com a mesma suavidade.

— É o que dizem — falei, sem me comprometer.

Ela abriu aquele sorriso que eu sabia que me lembraria até o dia da minha morte. Era pequeno, estranho, estava ligado a memórias não tão boas, mas ainda assim era um tesouro.

— Foi horrível — ela sussurrou. — Mas talvez não tenha sido tão ruim para nós.

Recitei palavras que eu também me lembraria até o dia da minha morte, mas eu tinha esquecido até então:

— O que passou, passou, o que acontecerá é como *você* lida com isso.

Seus olhos ficaram úmidos e ela apertou minha mão. Apertei a dela de volta ao mesmo tempo em que senti algo se estabelecer em meu coração.

O que aconteceria era como eu lidaria com isso.

Precisava *me* lembrar disso.

Houve uma comoção repentina do lado de fora, voltamos as cabeças para as abas da tenda e quando os ruídos soaram urgentes, saltamos e corremos para fora da tenda.

As pessoas corriam em direção a uma tenda mais à frente e gritavam.

— O que está acontecendo? — perguntei a Diandra, que pelo que pude ver, estava ouvindo os gritos.

— Uma criança em perigo — ela respondeu.

Nós três olhamos uma para a outra, e todas corremos para a tenda. Quando o grupo que estava do lado de fora começou a me notar, recuaram, abrindo caminho para a rainha. Puxei minhas garotas para frente e quando chegamos a tenda, do lado de fora, havia uma criança, talvez com dois ou três anos, o rosto roxo e ela claramente não estava respirando. Sua mãe o estava sacudindo, o medo estampado em seu rosto.

— Meu Deus — sussurrei ao testemunhar sua aflição, então notei uma grande fatia de carne seca no chão. — Merda, essa criança está sufocando! — gemi e, sem pensar, corri para frente.

Precisou de algum esforço, mas tirei o menino dos braços da mãe. Ouvi gritos durante a minha ação; ela me arranhou para pegá-lo de volta, mas eu a ignorei. O virei deixando suas costas em meu peito e fiz a manobra de Heimlich que aprendi durante a aula de saúde e segurança que fiz de todas as que meu pai me levava. Demorou quatro movimentos cautelosos (considerando sua idade e tamanho), mas a carne finalmente voou para fora da boca e ele instantaneamente ofegou por ar.

Quando ele respirou profundamente, o coloquei nos braços da mãe e os braços dele envolveram o pescoço dela. Ela caiu sentada no chão, encaixou o rosto em seu pequeno pescoço e começou a chorar.

Shh...

Bem, graças a Deus por essa aula de saúde e segurança. Finalmente valeu a pena toda a zombaria que os garotos fizeram comigo por me fazê-los assistir.

Sorri para mãe e filho, tocando seu cabelo, em seguida, tocando o dela, então me virei para ver um mar de rostos me observando em silêncio.

Ah, cara.

Todos os olhos permaneceram em mim e nenhum som foi feito.

Porra, o que eu fiz *agora*?

Então alguém de repente gritou:

— *Kah rahna Dahksahna hahla!*

— *Kah rahna Dahksahna hahla!* — Outro grito rasgou o ar.

Então outro. E outro. Então um canto. E eles começaram a bater palmas.

Nossa.

Era só a manobra de Heimlich.

Olhei para Diandra, que estava sorrindo de orelha a orelha e Narinda, que estava olhando para mim, de um jeito engraçado, mas ainda com um sorriso enorme. Revirei os olhos para Diandra, o que a fez gargalhar.

Eu me virei para a multidão, levantei as mãos e bati as palmas para fazê-las parar de cantar. Demorou algumas palmas, mas eu era a rainha deles, meu marido poderia chutar a bunda de qualquer pessoa para que eles calassem a boca rapidamente.

Comecei a me afastar, mas minha mão foi segurada e olhei para a mãe, que ainda segurava seu filho com força, mas estava beijando minha mão.

— Shahsha, shahsha, shahsha kahrhna Dahksahna hahla. Shahsha — ela sussurrou contra a minha mão e me agachei ao lado dela, gentilmente afastei a mão e toquei seus lábios com meus dedos.

— Não foi nada. Todo mundo sabe como fazer isso de onde eu venho — eu disse enquanto Diandra se aproximava já traduzindo. — E foi um prazer — acrescentei. Diandra traduziu então sorri e terminei em um sussurro — Nahrahka.

Ela acenou para mim, com os olhos arregalados e gratos. Assenti de volta, me levantei, assenti para o meu, uh... povo, então minhas amigas e eu voltamos para a tenda de Narinda.

Capítulo 14

O Ponto de Ruptura

Era noite e convenci Diandra a perambular pelas tendas porque era bom estar ao ar fresco, as tochas enterradas na terra a cada dois ou três metros que iluminavam os caminhos entre as tendas com um brilho aconchegante, e eu queria esticar minhas pernas.

Foi um bom dia. Outro dia em Korwahk, outro dia acordando neste mundo, outro indício de que esta poderia ser minha vida, a vida antiga podia estar perdida para sempre e a menos que eu pudesse fazer o impossível para descobrir o que aconteceu e reverter isso, eu ia ter que me acostumar.

E agora eu tinha Narinda e Nahka. Passamos mais algum tempo na tenda de Narinda, onde ela fez mais perguntas a Diandra, que respondeu e nos deu algumas aulas da língua Korwahk.

De repente, ouvimos um *poyah* do lado de fora da tenda e Nahka, a mãe da criança que estava sufocando, entrou e nos ofereceu o jantar.

Aceitamos porque Diandra conhecia Nahka e nos informou que ela era adorável. Era muito duvidoso que Narinda fosse varrida deste mundo em seus sonhos e seria bom que ela conhecesse seus vizinhos. E porque estava começando a me atingir que essa poderia ser minha vida e meu povo, então eu precisaria conhecê-las.

Mesmo com a barreira do idioma e Diandra tendo que traduzir, o jantar com Nahka foi do jeito que um jantar entre garotas sempre era: muita comida, muito vinho, muita conversa sobre os homens nas nossas vidas (Nahka também era uma mulher guerreira, o nome de seu marido era Bohtan). Ela falou do filho (a criança que estava engasgando) e da filha recém-nascida. Narinda e eu falamos das nossas terras. E por último, houve muitas risadas.

Fomos embora com promessas de repetirmos logo, Narinda me abraçou e a Diandra, depois que a deixamos em sua tenda e convidei Diandra para dar uma volta. Ela concordou, então estávamos passeando pela luz da tocha em nosso caminho normal, os corpos próximos, minha mão em seu cotovelo, sua outra mão cobrindo a minha.

— Hum... Diandra? — chamei.

— Sim, minha querida — ela respondeu.

— Todos os Korwahk acham que têm espírito ou são apenas os guerreiros?

— Todos os Korwahk acreditam ter um espírito — ela respondeu.

— Então... hum, eles são espiritualizados?

Ela apertou a minha mão e foi direto ao ponto.

— O que você está realmente perguntando, Circe?

Sorri para uma mulher em uma fogueira do lado de fora de uma tenda e respondi:

— Eles acreditam em Deus?

— Deus?

— Sim, Deus. Um ser superior, um poder onipotente, um criador divino, esse tipo de coisa — expliquei.

— Só um? — ela perguntou e eu a encarei.

— O quê?

Ela também olhou para mim e seu rosto estava confuso.

— Na sua terra, você tem apenas um deus?

Olhei de volta para o nosso caminho e balancei a cabeça.

— Sim e não. Pessoas diferentes acreditam em coisas diferentes e algumas delas têm mais de um deus a quem elas rezam, menos eu... eu acredito em apenas um.

— Incomum —ela murmurou.

Levantei minha outra mão, coloquei sobre a dela que estava na minha e a apertei.

— Então? Assim? Os Korwahk acreditam em um deus ou em deuses?

— Sim, minha querida. Eles têm muitos e cada pessoa escolhe qual deus será seu, er... ser superior. Existe o Deus Leão, o Deus Serpente, o Deus Cavalo, o Deus Chacal, o Deus Tigre e a Verdadeira Mãe. A maioria das mulheres reza para a Verdadeira Mãe. Eu suspeito — ela me deu um tapinha — que seu rei reza para o Deus Tigre.

Também suspeitava isso.

Ela continuou falando.

— Eles não têm santuários. Eles não têm altares. Não têm igrejas. Não têm homens ou mulheres santos e não carregam talismãs. Não investem qualquer significado espiritual em uma pessoa, lugar ou objeto. O espírito está dentro, as orações são silenciosas, a adoração é individual e pessoal. Adultos não discutem com adultos. São os pais que transmitem os ensinamentos dos deuses e dos espíritos interiores e permitem que seus filhos adotem sua própria forma de devoção.

Interessante. E legal.

— Então, se eles são espiritualizados, hum... — Eu parei.

— Sim? — Diandra perguntou.

Merda.

Aqui vamos nós.

— Bem, você disse algo mais cedo que não consegui tirar da cabeça. Algo que não, hum... consigo compreender se Korwahk é espiritualizado. Você mencionou algo sobre Lahn tomar uma mulher em pilhagem...

Parei de falar quando ela nos parou e se virou para mim, mas não soltou minha mão.

Ah, cara. Eu sabia que isso significava algo ruim.

Olhei nos olhos dela e ela falou.

— O Bando é reverenciado — ela disse suavemente. — Mais do que qualquer deus. Isto porque eles protegem a nação Korwahk e porque

derramam riquezas sobre ela. E fazem isso através de saqueadores.

Sim, isso não era bom.

— Saqueadores? — sussurrei.

Ela assentiu.

— Korwahk é uma nação em guerra, assim como Maroo, Keenhak e outras nações vizinhas próximas e distantes. Mas Korwahk tem riquezas que as outros não têm. Veias de ouro e prata. Uma vasta riqueza de diamantes na terra. Minas de esmeraldas e rubis. Essas outras nações cobiçam essas coisas e, muitas vezes, fazem guerra para poderem fazer isso por conta própria. O Bando cavalga contra esses exércitos que invadem nossa terra, assassinam o povo Korwahk, estupram nossas mulheres. E a Horda nunca falha, Circe, *sempre* dirigindo esses exércitos e trazendo paz à terra. Os Korwahk devem grandes dívidas ao sangue dos guerreiros.

— Posso ver isso — falei suavemente.

Ela suspirou e continuou.

— Não há governo, nem lei, mas o certo e o errado são conhecidos por todos e o mal é severamente punido, seja pelo Dax entre a Horda e aqueles que viajam com ele e o servem, e por altos conselheiros nos assentamentos. Portanto, sem governo, sem tesouraria montada para fazer coisas como construir estradas e afins, o Dax não cobra impostos ao seu povo e a Horda Korwahk cavalga para nações vizinhas a fim de adquirir outras riquezas para si.

Certo, eu estava adivinhando que essa era a parte ruim.

— Vá em frente — pedi hesitante, precisando saber, mas ao mesmo tempo não querendo.

Ela nos virou e começou a andar de novo.

— É selvagem, concordo — ela disse suavemente. — Mas se a Horda cavalgar e uma aldeia souber que eles estão a caminho e forem espertos, farão oferendas para que a Horda não saqueie sua aldeia. Eles aceitarão a oferta e seguirão em frente. Se a aldeia não for *inteligente* e

não fizer oferendas ou a oferenda for considerada pelo Dax como muito pequena, eles cavalgarão contra a aldeia e tirarão dela o que acham que é devido.

Eu limpei a garganta e caminhei, mas não disse uma palavra.

Diandra apertou minha mão e continuou falando baixinho.

— E eles saqueiam, minha querida, como se espera que uma tribo brutal e guerreira saqueasse. Sei que você não gosta quando eu digo isso, mas este é o jeito deles, sempre foi. — Ela ficou em silêncio por um momento e então sua voz ficou ainda mais baixa quando continuou — Conhecendo você, posso imaginar que sua cabeça está girando.

Tinha que ser dito, ela não estava errada sobre isso.

— Mas vou compartilhar com você que o acordo do seu rei de desistir das Xactos me surpreendeu muito. Este também é o jeito deles e tem sido desde que qualquer um possa se lembrar. Esta é uma concessão notável, minha querida, e você deve valorizá-la, considerá-la preciosa e cuidar dela para que o Dax nunca se sinta arrependido de tê-la feito. Mas, vou dizer, se você falar contra o jeito do seu povo, que você deve considerar que agora é o seu povo, temo que não teria um resultado tão positivo.

Não respondi principalmente porque temia o mesmo.

Diandra suspirou e continuou explicando.

— Eles trazem essas riquezas, moeda, escravos, tudo isso. Os escravos são vendidos e constroem tendas, trabalham nas minas, servem as famílias, proporcionam uma vida melhor aos Korwahk. Moedas e outros saques são utilizados e negociados, dados a esposas que, por sua vez, fornecem mercadorias a comerciantes que, encomendam bens de agricultores e artesãos. Essas atividades são a base da vida de Korwahk. Quanto mais a Horda fornece ao povo, melhor vivem os Korwahks, que mais os reverenciam. É o ciclo, a tradição e o jeito deles.

— Certo — falei e minha voz tremeu. — Mas estuprar mulheres e meninas e matar pessoas para roubar sua propriedade?

— É o modo de vida deles — ela disse simplesmente.

— Estuprando mulheres e meninas? — perguntei calmamente, balançando a cabeça e admitindo: — Saber que o Lahn faz isso, Diandra, tenho que dizer, revira meu estômago.

— Então pare de fazer isso.

Parei de andar para que Diandra também se virasse para mim.

— O quê? — perguntei.

Ela abriu um sorrisinho antes de falar.

— Você não poderá falar com ele e convencê-lo a mudar o jeito da Horda. Mesmo se você fosse capaz de convencê-lo, se ele tentasse regular seus guerreiros e dissesse que não poderiam fazer o que acham adequado enquanto estão em guerra e saqueando, eles veriam isso como uma fraqueza. Embora o certo e o errado sejam conhecidos, estes são básicos e, principalmente, os Korwahk fazem o que desejam. Não sei como isso funciona e se aqueles que estão do outro lado dos Mares Verdes e Marhac vejam isso como selvageria, e talvez seja. Mas para Korwahk, funciona. A nação tem paz, riqueza e segurança. Se um exército invadir, a Horda se move e coloca um ponto final em pouco tempo. É o que é. É parecido com Dortak e sua noiva. Os outros guerreiros sabem que ele está abusando dela e muitos, posso garantir, acham isso desdenhoso. Mas ele é um guerreiro. Passou por treinamento. Perdeu sangue para proporcionar riquezas à sua nação. O que ele faz em sua tenda e o que faz para ajudar a Horda a conseguir, não será motivo de nenhum julgamento. Não é da conta deles e ninguém ficará contra ele, enquanto ele prestar serviço ao Bando.

— Certo, então como eu faço para o Lahn parar...?

Ela sorriu e levou a mão ao meu rosto, inclinando o rosto para perto do meu.

— Também encontrei grande dificuldade em entender esse modo de vida. Isso, especialmente, não soava bem para mim e é a única coisa que levei muito tempo para chegar a um acordo. Eu não gostava que a

Horda fazendo isso, mas especialmente não gostava de saber que meu marido fazia isso e ele o fez, minha querida Circe. Ele fez, mesmo depois que nos casamos.

Fechei os olhos.

Diandra continuou falando.

— Então encontrei uma maneira de impedi-lo.

Abri os olhos.

— Como? — sussurrei.

Ela soltou a mão.

— Seerim sempre me falou quando havia luta. Na maioria dos casos, as esposas ficam com guerreiros. As esposas são geralmente mantidas por perto. Então, na noite anterior e *na manhã da pilhagem*, eu me certificava de que ele tinha o que precisava, *tudo* o que precisasse, *quantas vezes* precisasse para que ele não sentisse a necessidade de tomá-lo de outra pessoa.

Entendi o que ela estava dizendo.

— Em outras palavras, você acabava com ele na cama — respondi com um sorriso.

— Er... — ela murmurou, em seguida, sorriu. — Se estou entendendo o que você quer dizer, então sim, minha querida, eu acabava com ele na cama.

Não pude evitar, o assunto era um saco, mas ouvir Diandra dizer isso me fez rir.

Parei de rir e sussurrei:

— Muito bem.

Ela sorriu ainda mais e respondeu:

— De fato. E minha tática funcionou. Ele não falou a respeito, mas sempre volta das lutas cheirando a sujeira, suor, sangue, mas nunca mais a mulher. — Ela assentiu com a cabeça. — Há maneiras de conseguir o que precisa do seu guerreiro. Você só precisa ser esperta em descobri-las.

O que ia acontecer seria como *eu* lidaria com isso

— Certo — sussurrei.

Ela olhou nos meus olhos por um momento antes de assentir com a cabeça novamente e voltarmos a andar.

Eu podia dizer pelo ambiente familiar que estávamos voltando para a minha tenda e me perguntei, quando partíssemos, como eu aprenderia outro layout ou se o Eunuco sempre montava a Daxshee da mesma forma.

Então me perguntei sobre Seerim e sua idade.

— Seerim cavalga com o Bando ainda? — perguntei a Diandra.

— Às vezes, durante os ataques, se ele assim o escolher. Ele tem a responsabilidade de treinar jovens guerreiros e isso exige a maior parte de sua concentração. Durante a seleção, ele recebeu dez novos meninos que precisa treinar, bem como manter o controle dos outros vinte com quem vinha trabalhando. Ele está bastante ocupado com isso e é um papel importante. Somente guerreiros honrados, à medida que envelhecem, são obrigados a assumir o treinamento dos jovens. Isso ocorre porque suas habilidades são consideradas desejáveis pelo Dax e ele quer que esses guerreiros passem seus conhecimentos. É um grande elogio.

Ela falou com orgulho e eu apertei sua mão quando minha tenda apareceu.

— Que bom para Seerim — falei suavemente.

— De fato — ela respondeu, distraída.

Olhei para ela e então segui seu olhar.

Foi quando percebi o que não havia notado antes. Havia dois guerreiros do lado de fora da tenda. Feetak e o sorridente com quem Lahn falou na noite dos jogos.

Ele não estava sorrindo agora. Estava carrancudo, assim como Feetak, e no instante em que puseram os olhos em nós, se viraram para a tenda, se inclinaram e entraram.

— Está acontecendo alguma coisa? — perguntei quando Diandra e eu chegamos mais perto.

— Não sei — ela respondeu suavemente. — Mas logo veremos.

Fomos até a tenda e entrei primeiro. Havia luz de velas e o espaço estava cheio de guerreiros. Feetak, o sorridente e outro que vi de passagem falando com Lahn algumas vezes. Seerim também estava lá. E Lahn.

Meus olhos ficaram presos a Lahn, que não parecia estar de bom humor. Comecei a sorrir hesitante e sussurrei:

— Oi.

Foi então que ele instigou o ponto de ruptura.

Ele deu dois passos rápidos e raivosos para mim, descendo o braço, que atravessou seu corpo e, antes que eu percebesse a sua intenção, ele o balançou e me atingiu com as costas da mão na bochecha.

Fez isso com toda a sua força e, portanto, minha visão explodiu como fogos de artifício de luzes brancas, a dor agonizante irradiada da bochecha, alcançando os olhos e o rosto todo, fazendo com que meu cérebro se agitasse contra o interior do meu crânio. Voei para o lado e caí na pilha de peles.

Estava piscando e me concentrando em fazer a dor excruciante desaparecer quando ouvi Diandra começar:

— Circe, você está...?

Virei a cabeça e vi Lahn a empurrar com tanta força que ela voou para o marido. Seerim a pegou, seus dedos se fecharam nos braços dela, enquanto ele a segurava firme, mas não ternamente. Ele, também, notei vagamente enquanto a dor diminuía, mas não desaparecia, estava bem chateado.

Lahn estava grunhindo palavras e movi os olhos em sua direção e vi que estava carrancudo e enfurecido. Levei a mão a bochecha e olhei para ele atordoada.

— Ele... ele quer que eu... traduza — Diandra disse hesitante e, em seguida, falou uma enxurrada de palavras rápidas em Korwahk.

Não falei nada, só para o meu marido.

Os olhos enraivecidos de Lahn não me deixaram quando ele rosnou mais palavras e Diandra começou a falar.

— Ele... o Dax... disse que não sabia onde você estava. Disse que estavam te procurando. Falou que você nunca deve deixar a tenda sem um guarda. — Ela fez uma pausa e Lahn continuou trovejando. Ela continuou: — Ele disse que você é a rainha e que deve entender isso e os possíveis perigos, e nunca deve deixar a tenda sem um guarda. — Ela parou, disse: — Circe, sinto muito, eu não...

Tirei a mão do rosto, ergui a palma da mão e ela parou de falar.

Lahn tinha parado de falar, mas seus olhos escuros ainda estavam cheios de raiva e estavam queimando tão ferozmente que eu realmente podia *sentir* o fogo.

E não dava a *mínima*.

Me virei para encará-lo.

Então falei e quando o fiz, Diandra também.

— Meu pai amava minha mãe. Ele a amava profundamente. Ele disse que eram o par perfeito. Quando eu tinha dez anos e ela foi assassinada...

Diandra parou de falar e ouvi sua respiração suave, mas ela continuou porque eu não parei.

— Ele nunca superou isso. Nunca superei a perda dela. Nunca. E ele me deu todo o amor que normalmente me daria e o amor que teria dado a ela. Ele achava que eu era preciosa e me tratava assim. Isso porque eu era sua filha, mas também porque era a coisa mais importante que minha mãe deu para ele e era tudo o que ele tinha dela.

Engoli em seco e vi minhas palavras começarem a penetrar a fúria de Lahn, mas também não me importei com isso e continuei falando.

— E prometi a mim mesma, *jurei*, que encontraria um homem como meu pai, que me amaria profundamente e me daria mais valor do que a qualquer coisa no mundo.

Parei de falar quando vi a tensão no corpo de Lahn.

Então continuei.

— Você me estuprou — sussurrei e Diandra falou suavemente. — E, de alguma forma, encontrei forças em mim para te perdoar. Você me deixou no sol escaldante, embora eu tenha lhe dito o mal que isso me causaria e eu te perdoei. Este é o seu mundo, é o seu jeito, lutei com isso, mas aceitei.

Respirei fundo e continuei.

— Mas o que você fez agora, descarregando sua raiva em mim quando fiz algo com toda inocência, *não posso e não vou* perdoar. Você não conhece sua própria força, mas é formidável, tão formidável, que faz os homens vacilarem, mas não sou homem. Sou uma mulher, a *sua* mulher, e você *usou toda essa violência* contra mim e isso, kah Dax, é *imperdoável*.

Ele me encarou ao mesmo tempo que o encarei com o corpo completamente imóvel.

Terminei em voz baixa.

— Meu pai era um homem honrado e ele gostaria que eu fosse estimada. Se estivesse aqui, ele e todos os seus homens se colocariam na frente das espadas do seu Bando para me proteger do dano que você me causou. Eles fariam isso e antes que fizessem... nem piscariam. E por isso, porque sei no fundo da minha alma e por tudo o que ele me deu, que todo o amor que ele me demonstrou, em troca, eu o amei mais do que qualquer coisa neste mundo. Eu o respeitei. Eu o honrei em detrimento a qualquer homem que já conheci. Mas ele está perdido para mim. Ele se foi e, portanto, não poderia estar aqui para me proteger. Mas você deveria saber disso, meu rei... se ele te conhecesse, *não* gostaria de você.

Quando parei de falar, percebi que meu peito estava subindo e descendo rapidamente e encarei seus olhos enquanto eles queimavam os meus.

Então ele gritou as palavras:

— Tahkoo tan!^[6] — E no instante em que o fez, senti a tenda esvaziar, mas não tirei os olhos de Lahn.

Ficamos nos encarando por longos momentos depois que estávamos sozinhos, Lahn ainda estava parado como uma estátua, respirando pesadamente, antes que dissesse em voz baixa:

— Vayoo ansha.

Balancei a cabeça e sussurrei:

— *Nunca*. Você me perdeu para sempre. Na me lapay kah Lahn^[7]. Não mais.

Eu o vi se encolher, mas não me importei com isso também.

Quando ele se recuperou, sua voz era suave ao dizer:

— Vayoo ansha, kah rahna fauna.

Balancei a cabeça novamente e me movi. Contornando-o, fui até os baús e ajoelhei para abrir um para pegar uma camisola, pensando que não tinha como escapar. Eu não tinha para onde ir. Nem tinha outra droga de *quarto* onde eu pudesse me esconder e deixar cair as lágrimas que estavam queimando na minha garganta.

Eu o senti se aproximar antes que ele chegasse até mim. Seus braços se fecharam ao meu redor por trás, me prendendo com firmeza e ele me puxou para ficar de pé. Ele me abraçou e se inclinou para que seu rosto estivesse no meu pescoço. Lá, ele falou mais palavras suaves e empurrei com força contra seus braços presos nos meus, mas, como sempre, não havia como me soltar.

A queimação na minha garganta ficou tão quente que rivalizava com a dor que eu ainda sentia na bochecha, e senti a ardência adicional das lágrimas em meus seios.

— Me deixe ir — eu sussurrei em outra tentativa de libertar meus braços.

Ele falou mais palavras suaves e o empurrei novamente. Então ele me soltou, comecei a me afastar, mas antes que conseguisse, estava no ar, embalada em seus braços, que eram como barras de ferro, me mantendo perto. Tentei arquear as costas e me soltar, mas foi em vão. Ele se virou e deu dois longos passos para a cama, se sentou e caiu para o seu lado, de costas para a cama, meus quadris em seu colo, as minhas coxas sobre as suas e não pude engolir o soluço que saiu da minha garganta, enchendo a tenda com o som da tristeza.

— Kah Lahnahsahna Circe — ele sussurrou, sua mão emoldurando minha cabeça, forçando-a em seu peito enquanto o outro braço me prendia no lugar.

— Me deixe ir — eu soluçava em seu peito, as mãos apoiadas nos dois lados do meu rosto, empurrando, mas ele não se mexeu. Eu desisti e sussurrei: — Me deixe ir.

Ele não deixou. Manteve meu rosto em seu peito e seu braço apertado ao meu redor, enquanto eu chorava, soluçava, gritava e deixava tudo sair. Tudo. Tudo o que eu estava sentindo. Tudo o que assombrou minha cabeça por dias. Estar neste mundo e não saber o porquê. Ser caçada e estuprada. Estar confusa e ferida. Ver um homem morrer enquanto sua corrente estava presa a mim. Perder meu mundo, meu pai, meu trabalho, meus amigos, minha cultura e tudo que eu conhecia. Encontrar amigos e construir amizades ao mesmo tempo sem saber se seriam arrancados de mim. E lutar contra começar a me apaixonar por um homem que eu não entendia, cujos modos me assustavam e me repeliam, mas eu era atraída por algo que não pude negar porque era... *forte*.

E então, com um golpe do seu braço poderoso, ser atingida pela paixão e aterrisar com um estrondo tão brutal, acabou comigo.

Em outras palavras, chorei muito.

Tanto, que me esgotou. Tanta emoção que não consegui chorar o suficiente. Era impossível. O esforço parecia que ia me matar e meu corpo teve que desligar apenas para sobreviver.

Portanto, adormeci nos braços de Lahn enquanto as lágrimas continuavam a cair.

Acordei no meio da noite ainda nos braços de Lahn e não hesitei em me afastar, rolando e me levantando da cama.

As luzes das velas ainda brilhavam, como sempre acontecia — ele nunca as apagava durante a noite — e fui até os baús. Abri um, escolhi uma camisola, retirei, tirei minhas roupas e joias, deixando-as nos tapetes aos meus pés e a vesti.

Me mudei para a cama de peles perto das abas da tenda e deitei, minha cabeça sobre as almofadas, as costas para Lahn na cama.

Mal me acomodei antes de sentir meu corpo ser erguido, seus braços em volta de mim, me embalando de novo contra seu peito e eu estava de volta na cama. Ele puxou a seda debaixo de nós, colocou sobre nós e me puxou para baixo do seu corpo, suas pesadas pernas se enroscando com as minhas, seu braço quase completamente ao meu redor, seu peso me prendendo na cama.

Como sempre, não havia escapatória.

Então escapei do único jeito que eu podia.

Virei o pescoço para desviar meu rosto.

Mas eu estava com Lahn e, Lahn sendo Lahn, não me permitiu nem isso.

Sua mão grande se curvou ao redor do meu queixo e ele virou minha cabeça, então eu estava de frente para ele. Seus dedos deslizaram no cabelo ao lado da minha cabeça, seu polegar contra a minha bochecha, forçando meu rosto em sua garganta e mantendo-o lá.

Senti a queimação na garganta e respirei fundo, uma respiração que se rompeu no meio, em voz alta, comunicando minha luta contra as lágrimas.

Os dedos de Lahn ficaram tensos no meu couro cabeludo, mas por outro lado a mão dele não se moveu.

Exigiu muito de mim, tudo o que me restava, mas consegui segurá-las.

Quando minha respiração se estabilizou, comunicando que venci minha batalha, o pescoço de Lahn se curvou e senti seus lábios em meu cabelo enquanto seus dedos novamente enrijeciam suavemente no meu couro cabeludo.

Lá, ele sussurrou:

— Na lapay kah rahna Dahksahna. Na lapay kah Lahnahsahna. Na lapay kah Circe. *Fahzah*, Circe. *Fahzah*. Farzah kay markan nahna rahn ruhnee zo kay. *Farzah*. Kuvoo sah, Circe, loot farzah danhay^[8].

Não se podia dizer que eu era fluente na língua Korwahk, nem perto, mas eu sabia o suficiente para entender o que ele estava dizendo.

E do jeito que ele disse isso, eu sabia que ele estava falando sério.

E aí estava.

Eu não tinha escolha. Não tinha como escapar. Não tinha nada.

Então fechei os olhos, forcei meu corpo a relaxar e tentei encontrar o sono.

Demorou um pouco até eu conseguir, e sua mão nunca deixou minha cabeça até que dormi profundamente.

Então não senti a mão de Lahn descendo para envolver meu pescoço, nem a ponta do seu polegar ternamente pressionado no meu queixo para expor meu rosto para ele.

E, finalmente, não senti seus lábios tocarem os meus antes do seu braço se curvar ao meu redor e ele me puxar mais contra ele e, então, ele adormeceu.

Capítulo 15

Os Presentes

Os barulhos da Daxshee sendo desmontada e preparada para partir soavam ao meu redor, mas não vi nem ouvi.

Estava completamente perdida em pensamentos.

Estar naquele mundo não era bom e nos meus pensamentos não era muito melhor.

Ainda assim, era melhor, então era onde eu estava.

Era o começo da tarde do dia seguinte, depois que Lahn me atingiu e eu soube pelos ruídos que invadiam a tenda e me acordou (sozinha em nossa cama, devo acrescentar) que já haviam começado a levantar o acampamento.

No minuto em que me mexi na cama, minhas garotas entraram em ação, me alimentando, me dando banho, me vestindo como a rainha que eu era e então rapidamente foram arrumar nossos pertences para a viagem.

Agora, eu estava sentada em um sofá grande e macio, com algumas almofadas embaixo de um pedaço de gaze que havia sido colocado em inclinação para me proteger do sol. Eu tinha um prato de comida intocada na minha frente, uma jarra de água, um copo, e Ghost estava rolando, brincando com um brinquedo que uma das minhas garotas havia feito para ela (em outras palavras, rasgando a coisa em pedaços).

A atividade era intensa, havia muita agitação ao redor, e observei distraída seis jovens que provavelmente tinham cerca de quatorze ou quinze anos, claramente guerreiros da Horda em treinamento, considerando que eram todos altos, em forma e musculosos, desmontando a minha tenda e de Lahn.

Eles eram bons nisso. Eram fortes, rápidos e claramente tinham alguma prática.

Senti algo antes de vê-lo ao redor da tenda. Essa energia bruta e rústica.

Lahn estava chegando.

Eu me preparei e então o vi se aproximar de mim usando apenas a calça de couro, botas, e o cabelo ainda preso na trança que eu havia feito nele no dia anterior.

Ele se movia bem, notei. Ele foi treinado desde que era um garotinho para saber o que seu corpo podia fazer e comandar cada centímetro e era exatamente como ele parecia quando se movia.

Todo esse poder estava em seu comando completo.

E agora, eu sabia de uma maneira que nunca desejei saber, quanto poder ele exercia.

Seus olhos estavam em mim no segundo em que eu estava em sua linha de visão e no mesmo instante o senti recuar.

Ele me marcou. Eu sabia. Eu não tinha espelho e não precisava ver a reação dele para ficar ciente disso. A pele da minha bochecha era delicada ao ponto de que mesmo o toque mais leve causava uma dor significativa e estava tão inchada que a pele estava esticada até o ponto de ruptura.

Mas mesmo que eu não pudesse sentir, vi nos olhos das minhas garotas no minuto em que elas me viram naquela manhã e então, o dia todo, nos olhos daqueles que estavam se movendo ao meu redor. Ou, mais precisamente, aqueles olhos em rostos que não sorriam para mim, cabeças que não balançavam na minha direção, mas que evitavam meu olhar e, depois de ver a marca do meu marido, olhando rapidamente para longe.

Notei que mesmo com o recuar, seu andar não vacilou quando ele se dirigiu para mim. Inclinei a cabeça para trás para observá-lo enquanto

ele não hesitou em se inclinar, segurando a minha mão e, sem me dizer uma palavra, me puxou gentilmente para que eu ficasse de pé.

Ele começou a nos mover, sua mão na minha e ainda não disse nada para mim, mas gritou:

— Teetru, Ghost. — E com duas palavras curtas deu a ordem para sua escrava ocupada para fazer uma pausa das suas tarefas importantes para cuidar do meu animal.

Ele caminhou ao redor da nossa tenda agora caída e no caminho que desaparecia que estava rapidamente se tornando uma clareira e corri para acompanhar. Sem, desta vez, protestar contra o seu ritmo. Sem, desta vez, dizer uma palavra.

Mas eu sabia que ele virou a cabeça porque senti seus olhos em mim, em seguida, apertou minha mão e desacelerou o passo, então não tive que correr para acompanhá-lo.

Nem olhei para ele. Diminuí o passo e mantive meus olhos nas minhas sandálias.

Entramos em uma área onde não havia nenhuma tenda ou pertences para serem guardados, mas a atividade parecia mais extrema assim olhei para cima para ver estávamos nos arredores da Daxshee que desaparecia. Havia filas de vagões sendo carregados e também uma fila de cavalos à espera.

Vi imediatamente o de Lahn. Primeiro, porque era pelo menos um palmo maior do que todo o resto, uma fera visivelmente poderosa, enorme, real e absolutamente perfeita para ele. Segundo, vi o corcel de Lahn, porque ao lado havia um cavalo branco reluzente, cuja beleza nunca havia visto, apesar de ter passado algum tempo perto de cavalos.

Meu pai havia economizado para que eu tivesse aulas de equitação dos onze anos até os catorze. Ele fez isso porque me amava e tinha uma filha que perdeu a mãe e queria que ela tivesse o que mais queria no mundo. Eu queria minha mãe de volta, mas como isso era totalmente impossível, lições de equitação teriam que servir.

Quando percebi o quanto isso custava a ele e que ele mal podia pagar por isso, pedi que parasse. Mas consegui passar um tempo nas costas de um cavalo todo fim de semana, pelos dois anos seguintes, fazendo um acordo de limpar seis baias de cavalos em troca de montar.

E, finalmente, reconheci o cavalo de Lahn porque Diandra e Seerim estavam na frente dele.

Observei seu rosto e corpo buscando dicas de que Seerim havia levado a mão para ela também na noite passada, mas ela não tinha nenhuma. No entanto, no minuto em que seus olhos puderam ver meu rosto claramente, seu rosto suavizou, seus ombros caíram levemente e, mesmo a distância, vi seus olhos ficarem úmidos.

Sim, definitiva, absoluta e verdadeiramente, eu gostava de Diandra e, se eu conseguisse sair desse mundo esquecido por Deus, sentiria falta dela.

Lahn nos acompanhou até o casal e nos parou. Soltando a minha mão, seu braço envolveu meus ombros e ele me virou, então minha frente foi colocada contra o seu lado. Em exposição para o seu povo e sem escolha, deslizei os braços ao redor da sua cintura e olhei para Diandra cujos olhos estavam em mim enquanto Lahn falava.

Então Diandra traduziu.

— Ele me pediu para vir aqui para traduzir para ele.

— Ordenou, você quer dizer — eu respondi e ela apertou os lábios.

Então ela sussurrou:

— Sim, Dahksahna Circe.

Ela me chamou pelo meu título, pois agora não era apenas minha amiga, mas estava na presença do seu rei.

Assenti. Ela acenou para mim e então olhou para Lahn.

Ele me virou para o cavalo branco e esticou um longo braço para pegar o arreio do cavalo, fazendo isso sem me soltar. Ele puxou o reluzente focinho branco do cavalo — um focinho tão branco que parecia uma aura do azul mais frio que brilhava dele — perto de nós e falou.

— Este é o meu presente para a minha tigresa — Diandra falou e eu olhei para Lahn, que ainda estava falando. — Quando a Horda cavalga, a rainha deles cavalga também.

Olhei para ele sem dar uma palavra. Então, lentamente, movi os olhos para a linda fera na minha frente.

Lahn falou ao mesmo tempo em que Diandra.

— Ela não tem nome, Circe.

Balancei a cabeça, meus olhos ainda no cavalo e levantei uma mão com cautela ao focinho dela. Ela permitiu o toque, então a acariciei.

— Oi, menina — falei suavemente.

Ela levantou a cabeça ligeiramente, o movimento controlado pela mão de Lahn ainda em seu freio, mas minha mão voou para longe. Ela voltou e bateu minha mão com o nariz, então eu sorri para ela e acariciei novamente.

— Você é linda — sussurrei, aproximando-me. Lahn afastou o braço, soltou o arreio e ela bateu suavemente na lateral da minha cabeça.

— Vendo você, não há nome para capturar sua beleza, então por que não tentamos homenagear seu pelo? — perguntei a ela. — Como você se sente em relação a Zephyr? — sugeri, pensando que seu pelo parecia tão leve quanto uma brisa, que era o significado da palavra.

Ela levantou a cabeça novamente, a balançou-a brevemente, então vi três descidas.

Assentindo.

Sorri para ela, coloquei uma mão em cada lado do focinho e a abaixei para que nos olhássemos nos olhos.

— Será Zephyr, então — eu disse.

Ela bufou o que eu esperava que fosse sua aprovação (infelizmente, eu não conseguia entender essa fera neste mundo) e a curva dos meus lábios se transformou em um sorriso.

— Lahnahsahna — Lahn chamou e eu fechei os olhos, acariciei Zephyr uma última vez, em seguida, a soltei e me virei para o meu marido,

inclinando a cabeça para trás para encontrar seu olhar.

Ele não hesitou em me puxar suavemente em seus braços. Coloquei as mãos levemente sobre a pele quente do seu peito, então ele falou, seguido por Diandra.

— Ela te agrada?

— Meena — respondi em seu idioma.

— Bom — ele respondeu baixinho no meu e senti meu coração apertar.

Ele moveu os olhos sobre o meu rosto e parou em minha bochecha. Ele a observou por longos momentos antes de voltar os olhos para os meus e falou suavemente.

Diandra traduziu:

— Não gosto quando minha tigresa chora.

Então você não deveria tê-la feito chorar, pensei, mas não dei uma resposta verbal.

Ele esperou por isso, mas não dei a ele. Ele era um homem que poderia ter qualquer coisa que quisesse, e se não conseguisse, era um homem forte o suficiente para pegar.

Exceto uma coisa.

Eu.

Ele suspirou. Então levantou a mão para o meu queixo e seu polegar tocou a pele sob o hematoma em um toque suave que ainda causou uma sugestão de dor que fez minhas sobrancelhas franzirem em protesto. Ele pegou o movimento e sua mandíbula ficou dura.

Ele falou novamente e Diandra traduziu.

— Não gosto que minha rainha tenha a minha marca.

Então você não deveria tê-la marcado, pensei, mas permaneci em silêncio.

Ele esperou.

Não dei nada a ele, além do meu olhar.

Então ele falou de novo, desta vez em um murmúrio, como se para si mesmo, mas Diandra ainda traduzia:

— Ela mantém até suas garras escondidas de mim.

Na mosca, pensei, mas não fiz nenhum som.

Seus olhos estavam concentrados nos meus e em seguida falou.

— Não tenho dúvidas de que em breve vou ganhar suas garras novamente, minha tigresa.

Não conte com isso, aconselhei em silêncio.

Ele esperou e eu também.

Ele falou novamente e Diandra disse:

— Muito bem, minha Circe, vou permitir que você tenha tempo para recuar e lamber suas feridas.

Bem, muito obrigada, idiota, pensei com sarcasmo.

Ele observou meu rosto, inspirou e soltou o ar lentamente. Então me puxou para mais perto, com os braços mais apertados, se inclinou e sussurrou algo no meu ouvido que não entendi e Diandra não ouviu.

De repente, seu corpo ficou tenso, ele levantou a cabeça e olhou por cima do ombro. Baixou um braço e se virou para o meu lado.

Foi quando vi Nahka, carregando sua filhinha presa ao peito, a mão segurando o do filho. Ele também estava de mão dada com Narinda, que estava acompanhando Nahka, o garoto entre elas. Pareciam estar correndo, mas tendo dificuldade com o garoto diminuindo a velocidade.

Diante deles, uns cinco passos à frente, havia um guerreiro com uma expressão séria, carregando uma longa caixa achatada feita de madeira reluzente. Seus olhos estavam em mim e ele parecia estar vindo em nossa direção.

O que estava acontecendo?

Voltei a olhar para Narinda, que estava sorrindo para mim, e soube o minuto em que ela viu a marca porque seus lábios se separaram e seu passo vacilou. Seus olhos brilharam para Lahn e seu rosto se encheu de medo.

Mas Nahka continuava arrastando o garotinho e Narinda não tinha escolha senão continuar andando.

O homem parou na frente de Lahn com algo em mente. Ele não esperou para dizer e Diandra imediatamente começou a traduzir.

— Dax Lahn, vou falar com sua esposa — afirmou.

— Você vai falar primeiro comigo — Lahn respondeu, seu significado claro.

— Então você não soube — o homem declarou.

— Não soube o quê? — Lahn perguntou.

— Ontem, na frente da minha esposa e muitas testemunhas, nossa verdadeira rainha de ouro salvou a vida do meu filho.

O braço de Lahn no meio das minhas costas ficou tenso.

Então Diandra traduziu:

— O quê?

— Ele não estava respirando. Ela executou alguma manobra que disse ter aprendido em sua terra e expeliu um pedaço de carne que o estava sufocando. Se ela não tivesse feito isso, meu filho não teria vivido para servir seu Bando — o homem explicou e senti os olhos de Lahn em mim.

— Isso é verdade? — ele perguntou e eu o olhei.

— Não foi nada — falei baixinho e Diandra traduziu, em seguida, continuou fazendo isso quando as palavras saíram em um turbilhão da boca do guerreiro.

— Não concordo, minha rainha, que não seja nada que o meu filho hoje esteja vivo em vez de estar sendo preparado para o seu funeral — o homem falou e olhei de Lahn para ele.

— Ah — murmurei.

Diandra não traduziu meu murmúrio, mas traduziu suas palavras.

— Sirvo ao meu rei, sirvo ao meu Bando e, antes de ontem, como era meu dever, servia a minha nova rainha. Agora, minha dívida para com você nunca será paga. Minha família está forte. Minha esposa não me

olha por baixo do véu do luto. Temos nosso tempo com ele antes que nos deixe para receber a tinta. Com a vontade dos Deuses, ele viverá para juntar sua própria riqueza e derramar sua semente em sua esposa para garantir o futuro da Horda, assim como eu e meu pai fez antes de mim. Isso não é *nada*. Isso é tudo, minha rainha, e quando se deve tudo, é uma dívida que não pode ser paga.

— Hum... — sussurrei — certo.

— Mas, mesmo assim, com o consentimento de Dax Lahn, lhe ofereço um presente — declarou, em seguida, abriu a caixa e eu pisquei quando o sol brilhou sobre a prata reluzente e as pedras preciosas.

Então olhei com a boca aberta.

Era uma adaga perfeita confeccionada em prata brilhante, com o cabo coberto completamente de pedras. Estas não eram rústicas, mas perfeitamente trabalhadas, de modo que seu brilho refletia em todos os lugares. Havia esmeraldas e safiras em abundância, mas também havia diamantes em uma grande quantidade também. Não era pequena, nem grande, mas só o número e o tamanho das pedras a tornavam obviamente valiosa e o trabalho manual, mesmo visto por alguém como eu que nada sabia a respeito, não podia ser negado. No meu mundo, a coisa valeria dezenas de milhares de dólares. Talvez centenas de milhares.

Putá merda!

Olhei para ele e comecei:

— Não posso... — mas ele (e, assim, Diandra) falou sobre mim.

— A prata e as pedras foram retiradas do interior de Korwahk, mas o artesão que criou isso é da sua terra. É valeariano e significa nossa rainha, uma vez que o Vale e, agora Korwahk, sempre se uniram para criar beleza.

Isso foi tão bonito (embora falso) que lágrimas se formaram em meus olhos e eu sussurrei:

— Foi apenas a manobra de Heimlich. Sério. Muitas pessoas da minha... terra sabem como fazer isso.

— Não é apenas qualquer coisa, minha verdadeira rainha de ouro — ele retrucou.

Lahn falou suavemente com um aperto em minhas costas e Diandra traduziu:

— Silencie seus protestos, minha linda e pegue a adaga. Você faz de Bohtan uma desonra por hesitar.

Rapidamente, ergui as mãos. Bohtan colocou a caixa nelas e pisquei para afastar as lágrimas enquanto olhava para ele.

— Eu... não sei o que dizer — sussurrei, Diandra traduziu minhas palavras e sua resposta.

— Não diga nada, minha rainha, exceto que você vai enfeitar nosso futuro, fazer minha esposa rir e fazer isso casualmente como fez apenas algumas horas depois de salvar a vida de nosso filho.

— Eu, hum... tudo bem — respondi, seu rosto sério se derreteu e ele sorriu para mim.

Retribuí o sorriso.

Então ele olhou para Lahn e levantou o queixo com um “Kah Dax”, se virou e se afastou.

Observei-o se aproximar de Nahka, que havia parado a alguns metros de distância e pegou o filho em seus braços musculosos, prendeu-o ao quadril, passou o outro braço ao redor da esposa e a guiou para longe. Ela olhou para trás e acenou, assim como o filho. Acenei de volta.

Narinda permaneceu parada no lugar, me olhando, e eu estava prestes a murmurar alguma coisa para ela antes de ouvir Lahn grunhir e meu corpo estremecer. Comecei a prestar atenção ao meu entorno imediato e vi que o Eunuco estava perto e claramente ali há algum tempo. Ele tinha algo a dizer também e estava ganhando tempo para falar.

Mas ele voltou os olhos para mim duas vezes no breve tempo que o meu descansou nele e algo nisso me pareceu errado.

Antes que eu pudesse questionar, ele falou e Diandra traduziu.

— A Daxshee está quase desmontada, rei Lahn, saímos em uma hora.

— Dohno — Lahn murmurou com um balançar do queixo.

O eunuco inclinou a cabeça e me olhou mais uma vez antes de se virar e se afastar rapidamente. Eu o perdi de vista quando Lahn me curvou na sua frente novamente, ambos os braços ao meu redor e o olhei enquanto ele falava e Diandra traduzia.

— Vamos partir logo sob um sol que ainda estará quente. Você vai ficar bem em Zephyr ou precisa de uma cobertura?

— Zephyr — respondi instantaneamente, ignorando o fato de que ele estava sendo solícito e, portanto, fofo.

Lahn continuou depois de apertar os braços:

— Minha tigresa, o tom rosa em sua pele se transformou em mel, mas o sol vai bater por quatro a cinco horas antes de perder a força. Não quero que você tenha outra recaída.

— Vou ficar bem — assegurei a ele e ficaria mesmo. O sol do fim da tarde era muito diferente de ficar sentada no calor o dia todo. Agora eu tinha um bronzeado reforçado e, de qualquer forma, tinha que fazer algo sobre aquelas marcas. Não tinha me visto, mas sabia que devia estar parecendo uma aberração.

— Isso é uma promessa? — ele pressionou e eu o encarei.

— É uma promessa, meu rei, vou ficar *bem* — falei e sua mandíbula apertou.

Então ele murmurou:

— Nahna Dax.

Seu rei. Não apenas Lahn.

Ele não gostou disso, eu poderia dizer.

Tanto faz.

Encarei seus olhos enquanto esperava. Ele encarou os meus quando algo brilhou nele.

Então ele me deu um aperto e murmurou:

— Ok, Circe. Veeyoo... — e um monte de coisas que Diandra traduziu como *vou te ver enquanto cavalgamos*.

Assenti. Ele me deu outro aperto com outro suspiro, olhou por cima do meu ombro e ergueu o queixo e eu olhei também, vendo um guerreiro acenar e seguir em frente.

Meu guarda.

Então ele me soltou.

Me afastei rapidamente, fechando a caixa e colocando debaixo do braço, e Diandra parou imediatamente ao meu lado.

Antes que ela pudesse dizer uma palavra, perguntei:

— Você está bem?

Ela piscou.

— Perdão, minha querida?

— Seu marido levantou a mão para você na noite passada? — esclareci.

— Não! — ela exclamou. — Claro que não.

— Ele estava com raiva — lembrei a ela.

— Sim, Circe, mas ele só gritou comigo. Gritei de volta porque você estava certa, nenhuma de nós sabia que estávamos fazendo algo errado. Foi tudo inocente. Demorou um pouco para eu acalmá-lo, para fazê-lo me ouvir, mas consegui e ele percebeu que era um erro inocente e ficou tudo bem.

— Então ele não bate em você? — perguntei e ela me olhou.

Ela respondeu calmamente:

— Não mais, minha querida.

Então, completou rapidamente.

— E não há algum tempo.

— Certo — murmurei.

— Minha nossa! — Ouvimos e viramos nossas cabeças para Narinda, que estava em pé na nossa frente e a teríamos atropelado se

não parássemos. Ela levantou a mão trêmula na direção da minha bochecha, então a soltou, segurou minha mão e me puxou para perto. — Ah Circe — ela sussurrou. — O que foi que aconteceu?

— Desagradei meu marido ontem à noite — disse a ela.

Narinda recuou em choque, seu rosto empalidecendo instantaneamente e Diandra respirou fundo.

Eu me virei para ela e ela estava abrindo a boca para falar.

E eu sabia o que estava vindo, então estourei.

— Não — sussurrei, balançando a cabeça ao mesmo tempo em que lágrimas se formavam em meus olhos. — Não. Não me fale mais sobre como esse lugar e essas pessoas agem, o que elas fazem e como é o seu jeito. Chega de mais explicações de quem eles são e porque se comportam da maneira que fazem.

Ela piscou com evidente mágoa. Deixei Narinda ir, me virei completamente para Diandra e segurei sua mão, apertando com força.

— Adoro você, minha amiga, você já possui um pedaço do meu coração. Mas nós duas sabemos que não há desculpa para o que ele fez na noite passada. Não há explicação de Korwahk que me ilumine sobre os modos dele e do seu povo que o justificaria liberar sua fúria sobre mim do jeito que ele fez. Você não pode olhar para o meu rosto, ver sua marca, conhecer a mulher que eu sou e pensar que eu poderia fazer, não importa o errado que ele ache, qualquer coisa para fazê-lo me agredir do jeito que ele me atingiu. Você sabe disso, Diandra — apertei a mão dela com força. — *Você sabe.*

— Circe — ela sussurrou, apertando minha mão de volta. — Por favor, me ouça. Existem coisas que você não conhece. Coisas que ainda precisa aprender. As coisas que Lahn sabe e Seerim me disse ontem à noite que ele estava louco de preocupação...

Balancei a cabeça com força, a soltei e dei um passo para trás.

— Não. Não, não vou te ouvir agora. Talvez mais tarde, quando eu não sentir a dor das costas da mão dele esmagando meu rosto. Mas

agora não.

Então, o mais rápido que pude, antes que ela pudesse dizer outra palavra e sem olhar para qualquer um, corri de volta para onde minha tenda costumava estar.

Meu guarda seguiu.

Olhei para as estrelas e havia muitas delas. Elas cobriram o céu escuro em um piscar de luzes que era de tirar o fôlego. Nunca vi nada assim. Não na minha vida.

Então movi minhas pernas e meu corpo inteiro protestou.

Cavalgamos da tarde até a noite. Fazia anos desde que estive sobre um cavalo e meu corpo não estava acostumado com isso. Esqueci o quanto isso exigia fisicamente. Agora me lembrei.

Não montamos acampamento. Uma vez que paramos, desmontei de Zephyr, um jovem rapaz apareceu imediatamente lá para levá-la embora e então Teetru surgiu, segurando a minha mão. As minhas garotas me deram água para lavar as mãos e rosto, me serviram uma refeição simples de carne seca, queijo, pão achatado e frutas secas com um copo de água e um cálice de vinho. Depois que terminei, fui conduzida ainda usando as roupas do dia para uma pilha de peles que imaginei que seria a minha cama. Estávamos a céu aberto, enquanto todos os outros pareciam estar deitados um pouco afastados.

Eu não gostava de acampar apesar de ser uma campista experiente. Eu era a única filha de um homem e ele gostava de pescar, caminhar e coisas desse tipo. Então ele me levava junto. Mas nunca dormi sob as estrelas e não tinha certeza se queria. Eu não estava em Roma, mas em Korwahk e, portanto, tinha que fazer o que os Korwahks faziam.

Dormir sob as estrelas era a opção.

Tirei as sandálias e deslizei por baixo das peles. Elas foram colocadas em uma placa de pedra creme, mas havia muitas (me dando uma compreensão do porquê Lahn usava aquela pilha enorme de peles), embora não fosse a cama mais macia que eu já havia dormido, não era pedra dura também e meu corpo dolorido estava feliz em se deitar.

As garotas haviam jogado algumas peles no topo para servir de travesseiros e me deitei de costas e olhei para as estrelas.

Eu tinha visto Lahn naquele dia, várias vezes. Ele cavalgou principalmente na frente da procissão de centenas de cavalos que foram seguidos por pelo menos o dobro da quantidade de vagões, mas ele costumava cavalgar ao lado de guerreiros e falar com eles. Peguei seus olhos em mim duas vezes, mas ele em nenhum momento se aproximou.

Segui com as mulheres, que cavalgavam atrás dos homens. Fiz isso, mas evitei Diandra por me sentir mal pela minha explosão. Não que minhas palavras estivessem erradas, só que eu deveria tê-las pesado antes de despejá-las sobre uma mulher que era muito gentil comigo.

Perdi Lahn de vista no minuto em que paramos e não o vi desde então.

As estrelas estavam saindo da minha vista porque minhas pálpebras estavam fechando quando ouvi as botas de Lahn se aproximarem. Me virei de meu lado, longe do seu lado nas peles e ouvi suas botas baterem na pedra. Então a parte superior se moveu. Nem um segundo depois, fui arrastada pelas peles e meu corpo foi forçado a se aconchegar no corpo grande, duro e quente atrás de mim.

Ele falou baixinho na parte de trás do meu cabelo enquanto sua mão subia para segurar meu seio e eu parei. Ele continuou falando e esperei que ele fizesse alguma coisa. Seria como ele tentar fazer sexo comigo com centenas de pessoas acampando a poucos metros de distância.

Mas o polegar dele não passou pelo meu mamilo, sua mão apenas me segurou enquanto ele continuava a falar as palavras, a maioria das

quais eu não entendia.

Ele parou de falar e sua cabeça se moveu. Senti a barba dele contra a pele do meu pescoço enquanto ele usava o queixo para afastar meu cabelo e então senti sua língua me provar da parte de trás da orelha pelo comprimento do pescoço e mais para baixo por todo o ombro.

Ao longo de sua jornada, me preparei contra o arrepio e, felizmente, consegui afastá-lo.

Na ponta do ombro, ele esfregou o queixo barbado de um lado para o outro, o que me pareceu fofo e agradável, e fez meu nariz doer de lágrimas que desta vez eu contive com força de vontade.

Ele fez isso por um longo tempo, como se estivesse olhando para a escuridão em profunda contemplação e, ao mesmo tempo, me fazendo uma carícia preocupada que ainda era, no entanto, uma carícia.

Então seu braço ao meu redor me puxou mais para perto dele, que se acomodou de novo nas peles. Ele inclinou seu grande corpo ligeiramente para o meu e ouvi até que a respiração dele estabilizou.

Só então permiti que meus olhos se fechassem e meu corpo adormecesse.

Capítulo 16

Preste Atenção

Cinco dias depois...

Eu estava cavalgando muito atrás entre os vagões, aqueles que carregavam as tendas, pertences e os escravos — que também eram pertences — um fato, é claro, que achei repugnante e era outra coisa que eu não podia fazer nada, pois era o *jeito* do meu povo.

Essa era a minha nova tática. Não que eu realmente precisasse de uma. Eu não havia falado com Lahn desde o dia em que ele me deu Zephyr. Ele claramente tinha negócios a resolver e ia embora das nossas peles pela manhã antes de eu acordar e em três das quatro noites, após a nossa primeira sob as estrelas, eu estava tão exausta da viagem que dormi e nem o senti se deitar ao meu lado. Só sabia que ele estava lá quando acordava no meio da noite, sentia seu braço ao meu redor, seu corpo quente curvado no meu e então voltava a dormir. A única noite em que eu estava acordada, já era tarde e ele não tentou conversar, não falou palavras suaves ou esfregou a barba suavemente contra mim, apenas me abraçou e dormiu em segundos e, logo depois, eu também.

Mas agora já havia passado dias, e eu estava evitando Diandra, assim como Narinda, que andava com as esposas que estavam em carroças, e fazia muito tempo que não falava com qualquer uma delas. Tempo demais.

Estraguei tudo. Fui emotiva (com razão), depois fiquei presa aos meus pensamentos por dias e estava passando do ponto de ser rude, por não me desculpar, nem passar tempo com minhas amigas. Eu era a rainha delas, podia ser que elas não pudessem se aproximar de mim — certamente Narinda não poderia pois não possuía montaria. Mas eu

poderia fazer o que desejava (mais ou menos) e não tinha me aproximado delas.

Então agora eu estava evitando as duas e o Lahn, como uma covarde.

Meu pai ficaria chateado. Ele odiava covardes, não gostava de grosserias e sempre me disse que a procrastinação era trabalho do diabo, especialmente quando você o pratica antes de corrigir um erro.

Droga.

Com esse pensamento, notei que parecia haver uma comoção entre os escravos, então olhei para as carroças ao meu lado, em seguida, para a direção que eles estavam olhando, que era para frente. Foi quando vi o guerreiro galopando em nossa direção. Ele estava bem fora do espaço dos guerreiros — todos cavalgaram na frente com seu Dax. Ele também era o mesmo que vi na tenda na noite em que Lahn me atingiu.

Merda.

Ele galopou passando direto por mim, mas quando me virei na sela para ver aonde ele estava indo, eu o vi circular de volta rapidamente, em seguida, seguir do meu lado esquerdo. Antes que eu percebesse o que ele estava fazendo, fui arrancada da minha sela (sim, tirada da sela, *enquanto* os dois cavalos estavam se movendo) e plantada na frente dele. Ele arrancou as rédeas de Zephyr das minhas mãos. Ela relinchou com irritação e ele tocou sua montaria com os calcanhares, fez um estalo com a língua e nós galopamos, com Zephyr correndo ao nosso lado.

Humm. Parece que a rainha não andava com os escravos.

Anotado.

Continuamos e ele desacelerou quando estávamos chegando próximo do cavalo de Diandra.

Merda!

Com os dois animais ainda em movimento, ele me jogou de volta nas costas de Zephyr. Antes de sofrer um acidente de cavalo que poderia incluir um pescoço quebrado, rapidamente agarrei a sela (eles não tinham

pito nas selas) passando a perna sobre ela e apoiando os dois pés nos estribos. Ele jogou as rédeas para mim, tocou a montaria com os calcanhares e partiu em direção aos guerreiros.

Fantástico.

Esses caras. Ele podia ter pego minhas rédeas e puxado Zephyr e a mim para frente, mas *não*. Ele tinha que me maltratar.

Eu o observei seguir e, depois, bancando a boba, olhei além dos guerreiros para o líder do bando. Como eu suspeitava, o líder estava virado na sela. Ele estava longe, mas eu podia vê-lo e sabia que os olhos de Lahn estavam em mim porque ele não podia sentir minha falta. O pelo de Zephyr brilhava ao sol como um farol, sem mencionar que eu era a única loira do grupo.

Fantástico novamente.

Eu o observei se virar para frente e respirei fundo.

Sem outra opção e porque meu pai me ensinou bem, criei coragem e me virei para Diandra cujos olhos estavam em mim.

Então falei:

— Hum... oi.

Ela começou a rir.

Olhei para ela e quando sua risada diminuiu, seus olhos encontraram os meus.

— O nosso rei fica impaciente com a sua rainha — observou.

Hã, o quê?

— Hum... — murmurei.

Ela olhou para frente e anunciou:

— Demorou anos antes de Seerim ver os erros em seus modos, ao colocar as mãos em mim com raiva. Ele não fazia isso com frequência, mas quando sentia necessidade, não hesitava em fazê-lo. Só depois que ele me bateu com tanta força que fez meu nariz sangrar, que ele parou. Algo no fato de ele ter derramando meu sangue o atingiu de tal forma que ele nunca mais fez isso de novo. Nem uma vez. Na verdade, quando ele

ficava com raiva, tudo o que eu tinha que fazer era recuar, pensando que ele poderia me bater e sua raiva desaparecia — ela ergueu a mão e estalou os dedos — bem assim. Parece, minha cara, que nosso rei está aprendendo esta lição muito mais rapidamente do que meu Seerim.

— Não estou tentando ensinar uma lição a ele — falei baixinho e com toda sinceridade.

— Bem, talvez não, mas você está fazendo isso mesmo assim — ela respondeu.

Respirei fundo.

— Diandra... — Comecei a expirar, querendo me desculpar, mas desejando mais dar a ela uma desculpa, e ela virou os olhos gentis para mim.

— Não fale sobre isso — ela sussurrou. — Me lembro, minha linda Circe, foi há muito tempo, mas me lembro do tumulto na minha cabeça quando fui trazida para cá, reivindicada e forçada a uma vida que não entendia. Vivo há vinte e dois anos com essas pessoas, construí uma vida com meu marido, passei a amá-lo profundamente, criamos e nutrimos uma família e me tornei Korwahk. Mas tive muito tempo para me ajustar. Eu era como você há muitos anos e lembro porque é algo que se não esquece. Você lidou com tudo muito melhor do que eu e estou muito orgulhosa de você. Mas nossas emoções tiram o melhor de nós de vez em quando e, se não puder permitir que elas façam isso com pessoas que se importam com você, se está com problemas.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas.

— Diandra...

— Porém — ela me cortou, com um brilho de lágrimas nos dela —, eu não tinha uma intérprete talentosa para guiar o meu caminho como você tem. Então, além de estar orgulhosa de você, também estou muito orgulhosa de mim porque, pelo que sei, estou fazendo um excelente trabalho.

Em seguida ela abriu um sorriso enorme e, com isso, fui eu que caí na gargalhada.

Quando minha risada se tornou um sorriso, eu a vi retribuir, olhando para frente, e ela observou;

— Vamos acampar esta noite, tenho certeza disso.

— O quê? — perguntei.

— Você tem uma risada muito atraente, minha querida. É como uma música que toca no ar, viajando para longe, suspeito, considerando que, enquanto você fazia isso, seu marido virou a montaria e observou. Estou ficando velha, mas minha visão está muito boa e, pela carranca dele, eu diria que ele não ouviu sua risada por algum tempo e sente falta dela, a quer para ele e, portanto, sendo da Horda, quando quer alguma coisa, ele corre atrás. Então, vamos acampar esta noite. Tenho certeza disso.

Me custou muito, mas não movi os olhos para Lahn enquanto eu repetia:

— O quê?

Ela me olhou.

— Você tem recebido suas atenções desde o nosso desagradável... hum, incidente?

— Hum... não — murmurei.

— Acho que ele sente falta disso também — ela afirmou.

Senti meu estômago apertar.

— Diandra, acho... bem, na verdade, *não* acho que já tenha rido com o Lahn e ele pode ganhar atenção sempre que quiser de uma variedade de Xactos que segue na parte de trás deste comboio.

— Você não precisa ter algo para querer ou precisar, mas quando se tem algo de que você gosta... muito... e isso lhe é tirado e você quer de volta, pode se tornar uma fome. Seu marido está com fome, Circe. Os guerreiros não ficam com fome muito tempo antes de encontrar maneiras de se satisfazerem, então *vocês* irão precisar da *sua* tenda, porque vocês

irão precisar dela para o que ele pretende fazer, então vamos acampar à noite — ela repetiu. — Estou certa disso.

Respirei fundo e olhei para frente.

Essa não era uma ótima notícia.

— Agora, minha querida, antes de encarar o que vai enfrentar hoje à noite, você deve ir preparada — ela afirmou e eu sabia o que estava por vir.

— Diandra, não tenho certeza se estou pronta...

— Pronta ou não, Circe, você não tem escolha. Você é a rainha e deve saber isso como rainha, mas é casada com o rei e precisa entender o que o motiva e deve entender tudo isso para o seu casamento, para o seu marido, para o seu povo e para você.

Suspirei antes de murmurar:

— Tudo bem, minha amiga, vamos acabar com isso.

— Circe, estou tentando mantê-lo viva.

Pisquei e virei a cabeça para ela.

Então murmurei:

— *O quê?*

Ela estava me olhando e viu que tinha minha total atenção, portanto, assentiu antes de se virar para a frente novamente.

— Expliquei muito sobre Korwahk e seu povo. Eles são selvagens, primitivos até, em alguns aspectos. Eles não têm governo, mas têm riquezas, terras e um rei. Aquele rei não tem corte, mas isso não significa que não haja intrigas e políticas da corte.

Também olhei para frente e falei:

— Diandra, querida, não estou acompanhando.

— Aquele homem, Geoffrey, você se lembra dele?

Olhei para ela novamente e, quando ela virou os olhos para mim, assenti.

Ela olhou para frente e fez o mesmo enquanto ela continuava.

— Ele é de Middleland, que é governada pelo rei Baldur. Ele assumiu o seu reino ainda muito jovem e governa desde antes de eu deixar o Vale, mas Seerim comentou comigo que ele é conhecido até hoje como um homem ganancioso, perverso e até mesmo cruel. Ele se importa pouco com o seu povo e muito com ouro. E *terras*. E qualquer tipo de riqueza que ele possa colocar as mãos. Os tipos de riquezas que Korwahk tem em abundância.

Ah, merda.

Diandra continuou.

— Vi esse Geoffrey, não com frequência, mas já o vi mais de uma vez. Agora, há muitos homens que vêm de longe para ver Caçada às esposas. Eles são desprezíveis. Assistem por razões sórdidas e não têm honra. O Dax não se importa com eles. Seu foco é a Horda e eles trazem moedas que usam com seus comerciantes, então ele permite.

Notei aqueles homens. E qualquer um que assistia a uma Caçada às Esposas como espectador de esportes, definitivamente não tinha honra.

Diandra continuou.

— Além disso, há outros homens que vêm para estudar a Horda, suas práticas e o povo Korwahk. Isso geralmente se dá por razões acadêmicas, mas essas razões podem ser nefastas. O Dax considera esses homens cuidadosamente antes de deixá-los observar, mas não compartilha tudo abertamente com eles. Ele é cauteloso sobre o que eles aprendem e qualquer coisa que eles descubram, ele controla. Não seria bom que seu treinamento e táticas fossem reveladas. O Bando é bem-sucedido porque ninguém sabe a totalidade do que faz um guerreiro e como eles fazem a guerra. Na verdade, você provavelmente não notou, mas não havia estranhos durante a seleção de guerreiros ou na celebração que se seguiu e nunca há. É proibido. Outra razão pela qual a visita de Geoffrey a você não foi tomada gentilmente. E se você não fosse uma nova rainha que não é de Korwahk, em que a sua reivindicação

tenha sido processada em um rito que a aflige, é muito provável que fique alarmada com qualquer violência que ocorra perto de você, também é altamente provável que sua guarda de honra tenha lidado com ele de maneira diferente e *rápida*. Nós não o vimos desde então e eu não precisaria me esforçar muito para adivinhar o porquê.

Ah, cara. Eu tinha a sensação de que Geoffrey estava ferrado.

Que idiota.

— Então — ela continuou —, há homens que vêm como embaixadores de outras terras. Com estes, o Dax também lida.

Uau. Havia muito mais neste negócio de Dax do que eu imaginava.

Diandra não terminou.

— Tenho poucas dúvidas de que as notícias de que o Dax instalou sua Dahksahna ao seu lado são notícias que viajaram por toda parte. Já faz duas semanas, mas cavalos terão corrido e barcos terão navegado com missivas e mensageiros. As notícias vão viajar nesta terra dentro de meses e as conspirações serão concebidas nos momentos em que forem relatados. E esta será a notícia de que nossa nova rainha é a rainha de ouro da lenda. Isso faz de você uma mercadoria valiosa, minha querida.

Senti o gelo deslizar pelas minhas veias quando olhei para ela novamente.

— Uma mercadoria?

— O que o povo Korwahk e a Horda deveriam negociar com sua rainha de ouro tendo sido sequestrada e mantida em cativeiro por causa de resgate? — ela perguntou e eu pisquei.

— Ah, meu Deus — sussurrei.

— Cativa e torturada, partes dela trocadas por riquezas selvagens na esperança de ganhá-la de volta viva, se não intacta?

Olhei para frente novamente e engoli em seco.

— As riquezas não seriam negociadas, Circe, você deve saber disso. O Bando cavalgaria e sangue seria derramado. Muito. Guerreiros morreriam, teríamos muitas viúvas e crianças perderiam pais.

— Ok. — Eu ainda estava sussurrando. — Estou entendendo.

— Não, não está, nem metade — Diandra respondeu.

Fechei os olhos e os abri quando ela continuou falando.

— Aquele Geoffrey achava que você era de Middleland e estava com problemas para se ajustar, fervendo contra sua reivindicação, odiando seu rei. Ele lhe disse que era seu amigo, mas queria ganhar sua confiança, mesmo que não fosse digno dela, a fim de colocá-la contra seu povo, contar a ele seus segredos, fornecer-lhe a informação que ele precisa dar a Baldur sobre as terras e riquezas, fazendo isso eliminando a Horda.

— Ok — repeti, minha voz tremendo. — Estou entendendo.

— Não, Circe, me desculpe, mas você não está — ela disse suavemente. — Ele é um de muitos. Homens de todos os lugares enviarão agentes para fazer o mesmo. Mas mesmo entre os cavaleiros neste cortejo, há aqueles que conspiram contra o Dax e também a verão como um instrumento para sua queda. Eles vão te vigiar, minha querida, e vão se apoderar de qualquer sugestão que você dê para conspirar contra o nosso rei. E para fazer isso, existem olhos e espiões por toda parte, observando cada movimento seu. Incluindo agora.

Isso imediatamente me fez pensar sobre o Eunuco, mas afastei os pensamentos quando Diandra continuou falando.

— Nosso Dax é quem é porque é forte, ninguém pode derrotá-lo em batalha, mas também é excepcionalmente brilhante. Ele nunca seria o Dax se não continuasse a manter a paz e a sua nação rica, soubesse lidar com essas influências externas com astúcia. Se ele não o fizesse e houvesse quem não o fizesse, os desafios seriam tão densos que ele enfrentaria outra guerra antes mesmo de o último guerreiro cair, até que ele estivesse tão exausto que sua cabeça se fosse antes que ele pudesse levantar sua arma.

Caramba!

Diandra continuou:

— O Dax Lahn não teme que você seja uma traidora. Ele teme o seu rapto. Você não sabia disso e eu também não, até que meu marido e eu quase derrubamos nossa tenda aos gritos, mas Seerim informou ao Dax que estávamos indo para o mercado e o Dax ordenou que um guarda o seguisse. Teetru mandou dizer que tínhamos a intenção de atravessar o acampamento e, novamente, um guarda seguiu. Nossa decisão de ir visitar sua amiga Narinda não foi ouvida por Teetru e nenhuma das suas garotas estava por perto, então quando saímos, eles não nos viram e não sabiam para onde estávamos indo. Quando Teetru nos descobriu, mandou uma mensagem ao Dax.

Ela respirou fundo e continuou.

— Mais tarde, muito depois, ele soube por Feetak que você estava com Narinda, mas quando o marido dela foi até a tenda, estávamos com Nahka e ele não tinha ideia de onde estávamos. No momento em que isso foi descoberto, você e eu estávamos vagando pela Daxshee e, por muito azar, de alguma maneira evitamos os guerreiros que haviam sido enviados para nos encontrar. Este é um conjunto extremamente infeliz de circunstâncias que, enquanto os minutos passavam, especialmente desde que ele viu Geoffrey fazer contato e conhecendo as ações do rei Baldur, que geralmente são insidiosas, mas ninguém o chamaria de violento, deixou seu rei muito ansioso. Então, quando chegamos a sua tenda, suas emoções levaram a melhor sobre *e/e*.

Senti minha boca ficar tensa e falei através dos lábios rígidos:

— Isso ainda não é desculpa.

— Sim, minha querida, na sua terra com o pai que você descreveu que teve a sorte de ter, posso te ver acreditando nisso, mas novamente, eu te lembro com alguma hesitação como sei que você não gosta, que você está casada com um *Guerreiro da Horda Korwahk*.

Eu me virei para olhar para ela e quando ela se virou para mim, eu a encarei.

— Isso ainda não é desculpa — repeti em voz baixa.

Ela olhou em meus olhos e soltou um suspiro antes de concordar.

Depois olhou para frente novamente e eu também.

— Você está apenas concordando para não concordar em discordar, não é? — comentei.

— Parece sensato neste momento — ela respondeu e eu sorri.

Então não pude evitar, minha amiga era engraçada e depois que ela compartilhou algumas informações não tão divertidas (para dizer o mínimo), eu precisava liberar alguma emoção e decidi que seria melhor desta vez. Então comecei a rir novamente.

Diandra riu comigo.

Quando fiquei séria, antes que eu pudesse me deter, olhei na direção de Lahn para ver que ele estava novamente virado com sua montaria em minha direção.

Ah, cara.

Ele chamou alguém e eu desviei o olhar.

Diandra perdeu isso, percebi, quando ela pediu gentilmente:

— Preste atenção, minha linda amiga, ao que eu digo.

Assenti e me virei para ela para ver que ela estava séria também. Até demais.

E então eu disse:

— Não concordo com a maneira como essas pessoas, agora *meu* povo, vivem suas vidas, mas prometo a você, Diandra, prometo que não faria nada que pudesse causar dano a elas. — Sorri para ela antes de sussurrar: — Eles *são* meu povo, você sabe.

Ela devolveu meu sorriso e sussurrou de volta:

— Tome cuidado, fique atenta e em segurança, minha rainha.

Assenti e ouvi cascos galopando. Olhei para a frente a tempo de ver o guerreiro de mais cedo retornar.

— O que é agora? — murmurei quando ele passou por mim, circulou, voltou e de novo, desta vez com um pequeno grito (vindo de *mim*), ele me arrancou de Zephyr e agarrou as rédeas. Ela deu um

relincho *realmente* irritado, mas ele fuzilou Diandra com os olhos e grunhiu:

— Vayoo!

Então fomos novamente a galope, mas estávamos indo diretamente para a frente da fila.

Direto para Lahn.

Ah, merda.

O guerreiro diminuiu a velocidade, se aproximou de Lahn, que me arrancou do cavalo e me plantou na frente dele. Antes de me acomodar, seu braço ficou apertado ao meu redor, minha bunda deslizou em sua virilha e ele olhou para o lado e disse alguma coisa.

Olhei para onde ele estava olhando e vi Diandra ao nosso lado, o guerreiro indo embora, Zephyr selvagem indo com ele.

Sim.

Ah, que merda isso era.

— Ele deseja que eu traduza para vocês dois, Dahksahna Circe — Diandra falou.

Ótimo. Ótimo mesmo.

Ah, bem, novamente, não tive escolha.

— Tudo bem, Diandra — falei baixinho e olhei para frente.

Lahn falou e assim começou nossa conversa com a tradução de Diandra.

— Você vai cavalgar comigo até montarmos acampamento — Lahn ordenou.

Lá estava. Íamos montar acampamento.

Droga.

— Tá bom, tá bom — respondi, de forma petulante (Diandra não traduziu isso e senti um aperto do braço de Lahn quando falei isso, provavelmente porque meu tom foi irreverente).

Lahn continuou.

— Enquanto cavalgamos, desejo saber mais sobre a sua mãe.

Toda a irreverência desapareceu, enrijeci as costas e olhei para Diandra. Ela inclinou a cabeça para o lado em um gesto de “sinto muito” e me virei para frente de novo.

O braço de Lahn me deu outro aperto e ele grunhiu:

— Circe.

Desisti porque não tinha outra escolha.

— Certo, o que você quer saber? — perguntei.

— Ela foi morta — ele afirmou, mas eu balancei a cabeça.

— Não, ela não foi morta. Você pode ser morto em um acidente.

Ela não sofreu um acidente. Foi assassinada.

— Por quem?

— Um assaltante, um ladrão. Ela o encontrou enquanto ele estava no meio de um roubo. Ele virou a arma para ela e a matou.

— Isso foi durante a guerra? — ele perguntou.

— Não havia guerra. Ninguém mais morreu naquele dia. Ele era um ladrão. Era só um dia normal, o azar era que minha mãe estava no lugar errado, na hora errada, então ela se foi.

Lahn ficou em silêncio por longos momentos.

Então continuou:

— Você tinha sentimentos por ela?

— Ela era a minha mãe — respondi.

— Você tinha sentimentos por ela? — ele repetiu.

Sim. Merda, sim. Eu tinha sentimentos por ela.

Respirei fundo e disse suavemente:

— Eu a amava mais do que qualquer coisa nesta terra, exceto meu pai. Ela era uma boa mãe. Não, *ótima*. Morreu sem motivo nas mãos de um homem estúpido e imprudente, e vivi com isso a vida toda... ou pelo tempo que me restava sem que a tivesse por perto.

Mais uma vez ele ficou em silêncio por um tempo.

Em seguida:

— E quem tirou a vida do seu pai?

Fechei meus olhos.

— Um sonho — sussurrei.

— O quê?

Respirei fundo e abri os olhos.

— Ele morreu dormindo — falei uma mentira que me machucou rapidamente. — Não sei como.

— Ele comandava homens?

Abri um sorriso triste.

— Sim, comandava.

— Ele era um rei?

Meu sorriso ficou mais triste.

— Sim, de um reino muito pequeno.

— Então você era princesa.

Pressionei meus lábios um no outro para conter as lágrimas.

Em seguida, assenti e sussurrei:

— Sim, eu definitivamente era uma princesa.

— E agora você é rainha.

— Sim, agora sou rainha.

— Seu pai ia querer isso para você, não é verdade? — ele perguntou e eu pisquei.

Rapaz, o cretino inteligente orquestrou isso bem.

— Kah Dax — comecei, mas parei quando seu braço me tirou o fôlego.

Senti seus lábios no meu ouvido, onde ele grunhiu:

— Lahn.

— Lahn — repeti e seu braço afrouxou, mas não falei mais nada.

Ele retrucou:

— Fiz uma pergunta, Circe.

— Não — respondi. — Não, ele não se importaria se eu fosse rainha. Ficaria feliz por eu ter me casado com um camponês, contanto que

me fizesse feliz. Ele até ficaria feliz por eu ser uma escrava, contanto que passasse meus dias fazendo algo que me deixasse contente.

— Nenhum rei ia querer isso — Lahn declarou.

— Iria se amasse sua filha.

— Você está errada — ele me informou.

— Eu definitivamente não estou — informei a ele.

— Você é, minha tigresa. Um homem gostaria que sua filha fosse coberta com riquezas. Gostaria que um exército estivesse a seu serviço para mantê-la a salvo do perigo. Que ela tivesse a adulação de uma nação de pessoas. Gostaria que ela fosse a consorte de um líder de homens. E se ele não pudesse achar isso para ela, iria querer que ela ficasse na cama de um homem livre, forte, corajoso, alguém que a provê e que tem o respeito de seus irmãos. Eu sou um homem, podemos ter filhas e é isso que eu desejaria para elas.

Pisquei na direção da paisagem.

Ah, meu Deus, Deus, *Deus*.

Como eu pude...?

Ah, meu *Deus*, *Deus*, *Deus*.

Como pude me esquecer de métodos anticoncepcionais?

Ah, meu Deus!

— Circe? — ele me chamou com outro aperto.

— O quê? — sussurrei.

— Você ouviu o que eu disse?

— Sim. — Eu ainda estava sussurrando.

— Você não tem resposta?

— Não, hum... você está certo. Repleto de riquezas, com um exército a seu serviço, adulação, consorte de um líder. Isso tudo parece bom. Meu pai ia mandar ver em tudo isso.

— Mandar ver? — Diandra perguntou e eu desviei os olhos distraídos para ela.

— Gostar. Ele ia gostar disso — expliquei.

Diandra assentiu e traduziu.

Olhei para frente.

— Ela brinca — Lahn murmurou (mas Diandra ainda traduziu).

— Não — falei baixinho e balancei a cabeça uma vez. — Não, eu não estou brincando. Mas a verdade é que meu pai não ia gostar disso. O que ele gostaria é que um homem desejasse dar isso a sua filha o mesmo que homem desejaria para *suas* filhas.

Diandra não terminou de traduzir quando a mão de Lahn subiu fazendo seu braço inclinar em um ângulo em meu peito para que seus dedos pudessem se curvar em volta do meu pescoço e ele pudesse me puxar para que minhas costas estivessem apoiadas contra seu peito.

— Vamos fazer guerreiros — ele me disse baixinho, sua voz mais profunda do que o normal.

Ah, Deus.

— Certo — sussurrei.

— Mas também faremos filhas para que eu possa encontrar reis para elas, que desejem lhes entregar reinos.

Putá merda.

— Certo — repeti em outro sussurro.

— Você tem uma beleza rara como nunca vi, mas ficará ainda mais bonita com a minha semente — ele disse suavemente.

Com suas palavras, meus seios incharam e minha cabeça ficou leve ao mesmo tempo. A combinação foi uma sensação incomum e que eu não gostei.

Ah, cara, se ele não calasse a boca, eu ia desmaiar.

— Eu realmente preciso aprender a língua Korwahk, assim Diandra não teria que traduzir conversas como esta — resmunguei, Lahn riu, em seguida, ele aproximou os lábios do meu ouvido.

Lá, ele murmurou na minha língua:

— Sim, minha Circe, você precisa.

Eu pisquei.

Nossa, ele era algum tipo de linguista ou o quê? Ele estava aprendendo a minha língua mais rápido do que eu estava pegando Korwahk e ele só tinha eu e Diandra para ouvir.

— Você está me matando — sussurrei.

— Desculpe, minha querida, não entendi — Diandra falou e nem tive que olhar para ela para saber que ela estava lutando contra o riso. E perdendo.

— Ele está me enlouquecendo, hum... me chocando, me surpreendendo, mas de uma maneira não tão boa. Ele está aprendendo nossa língua muito rápido e não é natural.

— Não é de se surpreender que ele pegue as coisas rapidamente. Ele se reúne frequentemente com embaixadores, dignitários e estrangeiros de muitas terras. É importante que ele os ouça e compreenda, portanto, é amplamente conhecido que nosso Dax fala fluentemente sete línguas, minha querida — Diandra falou.

Eu me virei tão rápido que Lahn teve que inclinar a cabeça para trás e olhei para ele.

— Você fala sete línguas? — murmurei, Diandra traduziu e ele assentiu, então me inclinei e continuei murmurando. — *Sete?*

Seus olhos percorreram meu rosto e um lado dos seus lábios tremeu antes que ele respondesse na minha língua.

— Sim, Circe, sete.

— Então, por que você não sabe a minha língua? — gritei. — Quero dizer, Vaeleariano ou qualquer outra coisa!

Ele esperou pela tradução e Diandra traduziu sua resposta.

— Porque é falado em Hawkvale e Lunwyn, que são nações pacíficas que não atravessam o Mar Verde para guerrear ou encontrar problemas. E é falado em Middleland, que é governado por um tirano que eu não honraria aprendendo sua língua.

Merda, isso fazia sentido. Ainda assim, era irritante.

— Bem, falta de sorte a sua que a sua esposa fale a única língua provavelmente neste mundo que você não fala.

— Não — ele respondeu. — Há muitas terras longe demais para travar guerra em Korwahk, cujas línguas não conheço. Nenhum deles fala valeariano, o que me leva à questão: de que reino pequeno você vem?.

Ah, não.

Eu me virei para frente, principalmente para ganhar tempo.

— Circe — ele chamou. Então Diandra traduziu o resto. — Olhe para mim.

Mordi o lábio e me virei para ele.

Suas sobrancelhas franziram com a pergunta.

— De que reino você é?

— Hum... — Merda. Bem, aqui vai. — Seattle.

Ele relaxou as sobrancelhas, mas só para entrecerrar os olhos.

— Seattle?

— Sim, é um reino *muito* pequeno — eu disse a ele.

— Como Bellebryn? — ele perguntou.

Droga, eu nem sabia o que Bellebryn era.

Bem, eu tinha cinquenta por cento de chance de acertar.

— Sim.

Ele assentiu.

Ufa.

— Onde fica? — ele continuou.

Merda.

— Hum... depois do Mar Verde? — dei outro palpite.

— Você está me *perguntando* onde é, minha tigresa, ou me *dizendo*? — ele perguntou.

Deus, por que ele era tão astuto, inteligente e majestoso e nunca deixava nada passar? O idiota.

— Dizendo — respondi. — Mas, eh... não posso dizer *exatamente* onde fica, porque não sou muito boa em geografia. Nunca fui.

Pelo menos isso era verdade.

Seus olhos semicerraram novamente. — Tigresa Circe, você estava em um navio que foi invadido e saqueado por piratas e quando ancoraram você foi levada por batedores Korwahk enquanto estavam se movendo para a costa. Como você pode viajar de uma terra distante e não saber para onde viajou para chegar onde você desembarcou?

Hum, *o quê?*

— O quê? — sussurrei.

— Você não se lembra de como chegou à posse de um batedor Korwahk?

Não, não lembrava. E, na verdade, nunca pensei nisso.

Merda.

— Circe — Lahn advertiu.

Eu me concentrei nele e pensei rápido.

— Bem, hum, quando estávamos, você sabe... *viajando* e er... *navegando*, hum... a maior parte do tempo eu estava enjoada e o resto do tempo estava lendo um livro, então não prestei muita atenção e os piratas não falavam muito.

Ele olhou para mim. Depois olhou por cima da minha cabeça.

Em seguida, murmurou:

— Nunca ouvi falar de Seattle.

— É minúscula — eu disse a ele, que voltou os olhos e eu levantei o polegar e o indicador com cerca de meio centímetro de espaço, apertei os olhos, o encarei e enfatizei: — Bem pequenininha mesmo. — Afastei a mão. — Não é nem como um reino, mais como uma... *cidade*.

Ele me encarou por um momento antes de olhar novamente por cima da minha cabeça e murmurar:

— Bellebryn.

Que seja.

Eu precisava seguir em frente.

— Minha mãe se parecia comigo — disse a ele em um esforço para mudar de assunto. Ele voltou a me olhar e eu continuei. — É esquisito, hum... estranho. Meu pai era moreno... como você. Ele ainda tinha a pele mais escura. Mas ela era clara, muito clara. Normalmente moreno é um traço dominante, mas não puxei nada do meu pai. Tenho o cabelo da minha mãe, seus olhos, sua pele...

Ele me cortou para perguntar:

— Os olhos dela?

Assenti e ele inclinou o rosto para mais perto do meu e colocou a mão em meu queixo.

Eu me preparei para esses movimentos rápidos e foi bom ter feito isso, quando ele falou.

— Se tiver a oportunidade de olhar com profundidade suficiente, poderá ver o espírito de uma pessoa em seus olhos, mas geralmente ele é protegido, mantido em segurança. Você não, minha tigresa. Na noite da sua reivindicação, mesmo ao luar, pude ver seu espírito brilhando nos seus olhos. Você mantém seu espírito perto da superfície para que todos possam ver e é a coisa mais linda que eu já vi.

Ah.

Meu.

Deus.

Infelizmente, ele continuou falando.

— Então, se ela lhe deu seus olhos, minha linda de ouro, posso ver seu pai lamentando a perda da sua mãe por muito tempo depois da sua morte. Se você compartilha seu espírito com alguém, o domínio dela sobre você nunca desaparecerá.

— Pare de falar — sussurrei e senti as lágrimas brilhando, prontas para cair.

Lahn as viu e levou a mão até a minha bochecha, deslizando o polegar abaixo do meu olho, liberando a lágrima suspensa ali e a capturando contra sua pele.

— Minha tigresa chora — ele murmurou.

Afastei os olhos.

Ele falou novamente.

— Você já teve o suficiente, minha Circe. Olhe para frente e viaje com seu marido em silêncio. Iremos montar acampamento em breve.

Ótimo, algo mais para esperar.

Assenti e me virei. Lahn disse alguma coisa para Diandra e olhei para ela, que estava sorrindo para mim com os olhos brilhando, pois estariam considerando que ela era minha amiga maluca romântica de Korwahk, e eu parei de revirar os meus.

Seu cavalo se afastou dos guerreiros.

Olhei para frente e tentei me concentrar na paisagem e no meu próximo trauma ou em qualquer outra coisa que entrasse na minha cabeça que não fossem as palavras que meu marido acabou de dizer.

Mas era difícil, uma vez seu braço se curvou sobre o meu peito novamente, os dedos envolvendo o meu pescoço para me manter perto, seu polegar deslizando para cima e para baixo na minha garganta em uma carícia preguiçosa que tentei não pensar que era fofa (mas era).

Então, o fato é que não era difícil.

Era impossível.

Capítulo 17

O Desafio

Lahn me girou, me ergueu, me moveu e me embalou em seus braços.

Abri os olhos para ver a Daxshee ao nosso redor, a luz das tochas brilhando em todos os lugares.

Paramos próximo a um riacho pequeno e apressado onde havia uma abundância de grama espetada e curvada, salgueiros rústicos, seu verde tão verde contra o pano de fundo da pedra cor de creme, a terra e a paisagem de areia que era impressionante.

Ficou claro para mim, em pouco tempo, que o Dahksahna não ajudava seus escravos a montar a tenda.

Percebi isso quando peles e almofadas foram providenciados, assim como um pequeno jarro de vinho, outro de água e um prato de comida. Além disso, Ghost, que tinha ficado (meu pobre bebê) enjaulada por quase seis dias, foi liberada para que eu pudesse alimentá-la e vigiá-la enquanto minhas garotas trabalhavam e os jovens rapazes erguiam nossa tenda.

E isso ficou claro, porque Teetru salientou, com muitos movimentos com a cabeça e com as mãos, que eu deveria fazer uma pausa enquanto eles trabalhavam.

Não fiquei feliz, mas, mais uma vez, não tive escolha. E, verdade seja dita, eu estava exausta da viagem. E exausta das minhas conversas com Diandra e Lahn. E depois que tomei três taças de vinho enquanto comia, assisti com certa fascinação o que só poderia ser descrita como uma dança ensaiada a ascensão da Daxshee (eles não faziam confusão, claramente montavam e desmontavam com frequência, era rápido e também estranhamente gracioso) e brincava com Ghost, não foi uma

surpresa que, quando o filhote ficou sonolento, eu também fiquei. Então a coloquei na frente, me ajeitei nas peles e almofadas e adormeci.

Agora eu estava meio acordada nos braços de Lahn e indo para a nossa tenda, que estava brilhando com a luz das velas tremeluzindo lá dentro.

Virei a cabeça, sussurrei “Ghost” e apertei os braços de Lahn enquanto meus olhos encontravam meu animal de estimação que estava sendo recolhido por Gaal e levado embora.

Bem, imaginei que isso significava que Ghost ia dormir em outro lugar naquela noite. Não era incomum. Lahn me permitiu ficar com o filhote, mas ele ainda tinha que permitir que ela ficasse em nossa cama.

Ele se abaixou, comigo em seus braços, entrou na tenda e olhei ao redor ainda sonolenta.

Parecia exatamente igual e estava tudo arrumado. Devia ter passado apenas algumas horas e tudo estava pronto.

Nossa, essas pessoas sabiam o que estavam fazendo.

Lahn me colocou de pé ao lado da cama, se afastou e Jacanda e Beetus se aproximaram imediatamente. Tentei afastar a exaustão que embaçou minha cabeça e a dor surda da fadiga que deixou meu corpo pesado e as ajudei a me despir. Packa veio para a frente com um pano quente e úmido e deslizou sobre meus membros que pareceu o céu. Com exceção de lavagens rápidas, eu não tomava banho há cinco dias e usava as mesmas roupas desde que saímos. Quando elas embalaram nossos pertences, eles continuaram embalados enquanto viajávamos e só o que era necessidade básica era providenciado para comer, beber e dormir.

Jacanda colocou uma camisola de estilo Korwahiano sobre a minha cabeça, era de um lilás tão claro que era quase creme. Amarrou o cordão sobre os meus seios, em seguida, me olhou e me deu um sorriso cansado. Levantei a mão para segurar sua bochecha e sorri de volta para ela.

— Shahsha, kah Jacanda, boh na trahyay, kah fauna — *Obrigada, minha Jacanda, agora vá dormir, minha linda*, sussurrei e estava muito cansada para ver a surpresa calorosa surgir em seus olhos.

Eu apenas me virei, afastei a seda, desmoronei na cama, puxei a seda para cima de mim e fechei os olhos.

Apaguei em segundos.

E eu fui acordada no que pareceu não mais do que um minuto. Isso porque a seda foi arrancada de mim e havia grandes mãos nos meus quadris me virando de costas. Abri os olhos quando aquelas mãos abriram minhas pernas e meu cansaço desapareceu quando foquei em Lahn se acomodando entre elas, suas mãos puxando a seda da minha camisola pelos quadris.

— O que você está fazendo? — perguntei.

Isso soou ofegante, mas ele não respondeu. Seu peso me atingiu, mas ele estava se apoiando em um antebraço na cama, uma das suas mãos subiu e, rapidamente, seus dedos puxaram o cordão acima dos meus seios e o laço foi desfeito.

Segurei seu pulso e repeti:

— O que você está fazendo?

Ele me encarou e seus olhos estavam queimando.

Ah, merda. Eu já sabia muito bem o que ele estava fazendo, mas agora eu sabia *mesmo* o que ele estava fazendo.

Ele começou a baixar a cabeça. Pisquei porque ele estava fazendo isso de uma maneira que parecia que pretendia me beijar e virei minha cabeça rapidamente para o lado no último minuto. Também coloquei as mãos em seus ombros e empurrei ao mesmo tempo em que resistia, mas o peso maciço do seu corpo duro não se moveu.

— Não — falei com firmeza quando seus lábios tocaram meu pescoço. — Isso não vai acontecer. Estou cansada, kah Dax e preciso dormir.

Ele levantou a cabeça bruscamente e segurou meu queixo, virando a minha cabeça e me forçando a olhar para ele.

— Kah Lahn — ele grunhiu.

Ah, não. Não, ele não faria isso. Ele não conseguiria me obrigar a falar nada nem conseguiria me dizer o que ele era para mim.

Ele... *não*... faria... isso... mesmo.

— Kah *Dax* — resmunguei.

Ele aproximou o rosto do meu, então seus olhos eram tudo que eu podia ver e quando sua boca se moveu, eu quase podia senti-la contra os meus lábios.

— Kah *Lahn* — ele grunhiu de novo.

Olhei em seus olhos e sussurrei furiosamente:

— *Nunca*.

— Ah, não, Circe, nunca não. Boh — ele respondeu em voz baixa, com a cabeça inclinada e juro por Deus, ele pretendia me beijar.

Antes que seus lábios pudessem tocar os meus, pressionei seus ombros e me levantei, deslizando pelos travesseiros.

Isso foi um erro. Minha camisola foi afrouxada e ela deslizou para baixo, expondo meus seios e meu movimento fez com que aquela área se tornasse a zona alvo da sua boca.

E sendo Lahn, ele não perdeu a oportunidade. Ele soltou meu queixo, se curvou sob o meu peito e me ergueu enquanto seu outro braço passava por baixo de mim, me prendendo e, em seguida, sua boca se fechou sobre o meu mamilo, onde ele instantaneamente sugou com força.

Automaticamente minhas costas se arquearam.

Ah, cara, isso era bom. O fogo disparou por mim e, antes que eu soubesse o que estava fazendo, envolvi os dedos das duas mãos na sua cabeça.

Porra, não, não, ele não ia conseguir fazer isso.

Afastei os dedos dos seus cabelos soltos.

— Não — sussurrei. Ele parou de sugar, mas só para que sua língua pudesse girar e era contestável, mas eu estava pensando que era ainda mais gostoso. Então estava me perguntando o que diabos eu estava pensando. — Não! — gemi, ele começou a sugar de novo e senti uma onda de excitação na barriga e umidade entre as pernas.

Droga!

Enquanto ele continuava a sugar o mamilo (e alternadamente lambe), me contorci sob ele e sua mão deixou meu peito, desceu pelas minhas costelas, barriga e depois entrou em mim, e senti seu dedo me preencher.

Ah, caramba. Gostei disso. Merda, mas gostei.

Ele afastou a boca do mamilo, com o braço ainda ao meu redor me puxando contra ele, mas seu dedo permaneceu dentro de mim e o polegar acariciou meu clitóris.

Balancei os quadris.

— Minha Circe — ele falou, sua voz baixa e rouca. — Molhada.

Eu estava pensando que não era bom que ele pudesse aprender idiomas tão facilmente. Estava pensando que era uma droga.

Mantive a luta e resmunguei.

— Você não vai conseguir isso, kah Dax.

— Vou — ele retrucou.

Semicerrei os olhos e, com todo meu esforço, dobrei as pernas, apoiei os pés na cama, ergui os quadris e empurrei seus ombros, conseguindo resistir a ele, o afastando. Então, eu estava escarranchada nele, curvada, olhando para rosto irritantemente lindo que estava cercado pela merda daquele cabelo fantástico.

— Não *vai*! — gritei, seu torso endureceu e seu braço, ainda em volta de mim me manteve bem apertado.

Ah, droga. Eu não tinha pensado em minha estratégia.

Ele olhou nos meus olhos e vi os dele queimando, mas havia uma luz. Era brilhante e se eu a compreendesse direito, era permeada com

humor e triunfo.

— Ela mostra suas garras — ele murmurou e eu sabia que ele estava gostando.

Sim, humor e triunfo.

— *Argh!* — resmunguei, com outro impulso para fugir, mas não havia como.

Não. Nada.

E minha batalha estava prestes a ficar muito mais difícil. Eu sabia disso quando ele moveu a mão, que ainda estava entre as minhas pernas, em torno do seu pênis e seu braço ao meu redor me moveu para que ele pudesse deslizar a cabeça na minha umidade.

Mordi o lábio. Isso parecia bom e eu sabia que era muito mais gostoso quando sua ereção estava bem lá no fundo.

E eu queria isso.

— Kah Lahn. — Suas palavras eram uma ordem para eu repeti-las, sua voz estava ficando ainda mais profunda, mais rouca.

Ele queria entrar.

Ah, caramba, eu também gostava disso.

— Não — neguei e a ponta do seu pênis deslizou sobre o meu clitóris.

Meus quadris empurraram novamente.

Lahn sorriu.

Droga! Ele era tão chato!

— Kah Lahn, Circe — ele ordenou novamente e quando não dei nenhuma resposta, seu pau duro deslizou sobre o meu clitóris novamente.

— Kah Lahn — ele repetiu, sua voz agora áspera.

— Não — sussurrei.

— Kah Lahn — ele grunhiu.

— Não!

Ele me empurrou levemente para baixo e começou a esfregar a ponta do pênis duro contra o meu clitóris de uma maneira tão gostosa,

que fez meus ossos se dissolverem e segurei o pescoço dele para não me derreter.

Entreabri os lábios, inclinei a cabeça para trás e semicerrei os olhos.

Seu braço não precisava mais me segurar nele. Eu estava me segurando nele, movendo meus quadris para me esfregar contra o seu membro, então ele deslizou a mão para o meu cabelo, inclinando minha cabeça para encará-lo com meus olhos focados atordoados nos dele.

— Lahnahsahna, *kah Lahn* — ele ordenou, sua voz agora rouca.

Bem, que se dane. Eram só palavras.

Não é?

— Kah Lahn — sussurrei. Ele imediatamente moveu a mão, encaixando a cabeça do pênis em mim e, em seguida, passou os braços em meus quadris e me tomou, me preenchendo.

Inclinei a cabeça para trás e me agachei com os quadris para levá-lo mais fundo.

— Sim — murmurei, meus dedos apertando os músculos do seu pescoço.

Seu braço em volta dos meus quadris ficou tenso, me puxando para cima, em seguida, para baixo e eu comecei a me mover devagar, inclinando a cabeça para frente novamente para que eu pudesse olhar em seus olhos.

Triunfo, desejo, satisfação. — Nossa, que gostoso.

Ele moveu a mão da minha cabeça, pelo meu ombro e braço, para envolver meu pulso, então conduziu nossas mãos entre nós, pressionando meu dedo no meu clitóris e o acariciando. Movi os quadris e gemi, mas peguei sua sugestão e assumi, deslizando para cima e para baixo, devagar, doce, enquanto meu dedo me acariciava. Suas mãos deslizaram pelo meu corpo para descansar, as palmas das mãos na minha mandíbula, os dedos no meu cabelo cobrindo os lados da minha cabeça.

Então ele me inclinou para si e, novamente, pensei que ele ia me beijar.

Estava com o pau dele dentro de mim e gostei. Não, *amei* isso. Eu me daria isso e, ao fazê-lo, daria a ele.

Mas ele não poderia ter tudo de mim.

Movi a cabeça no último segundo, deslizando os lábios pelo queixo dele até o pescoço. Enterrei meu rosto lá, enfiei a mão debaixo do braço dele e envolvi o meu braço ao redor das suas costas.

E me movimenteí rápido, me esfregando nele com mais força, o tomando profundamente enquanto acariciava meu clitóris com meu dedo e gemia em sua pele.

Ele deslizou as mãos para baixo, os braços ao meu redor, os dedos me tocando enquanto os meus apertavam os músculos das suas costas e eu acelerei.

— Kah bahsah lapay rah. Zah xaxsah lapay hahnee rah. *Sahna*^[9] — Lahn sussurrou em meu ouvido. O estrondo das palavras deslizando ao longo da minha pele, sobre os meus seios, descendo entre as minhas pernas, fez minhas costas arquearem, meu cabelo balançar e eu gozei.

Não estava nem perto de terminar quando Lahn me virou, puxou meus joelhos para o alto e entrou e saiu com força e profundamente. Com a mão segurando meu queixo, o polegar de um lado, os dedos contra o meu rosto, ele segurou meu rosto com firmeza enquanto se inclinava para mim.

Eu estava olhando para o seu olhar aquecido, as pálpebras semicerradas, meu orgasmo levando seu tempo doce e doce para se encerrar, minhas coxas pressionadas profundamente em seus lados, minhas mãos abaixadas, os dedos curvados nos músculos cerrados de sua bunda enquanto ele entrava e saía com força e profundamente enquanto nossa respiração se misturava.

— Me come, baby — murmurei e ele me penetrou com mais força.

— Sim, kah Lahnahsahna — ele sussurrou.

— Caramba — sussurrei de volta, enfiando as unhas em sua pele, e apertando minhas pernas com mais força, — Adoro sentir você.

Ele fechou os olhos, os dedos tensos no meu rosto e sua cabeça inclinou para trás, os músculos do pescoço se esticando, as veias saltando para fora quando ele entrou profundamente e grunhiu seu clímax tão alto que o som encheu a tenda.

Tinha que ser dito, eu também gostava disso.

Quando ele terminou, abaixou a cabeça, sua mão no meu queixo inclinando o meu para o lado e senti sua respiração pesada contra o meu pescoço. Movi os braços para abraçá-lo e ele ergueu a cabeça. Inclinou meu rosto para ele, seus olhos encontraram os meus, sua respiração estava ofegante ainda e ele se moveu novamente para me beijar.

Empurrei contra o seu aperto e instantaneamente fiquei tensa, mas sua boca parou de se mover em direção a minha.

Nossos olhos se encontraram e eu sabia que ele sabia que eu estava me escondendo dele e minha respiração ficou presa porque eu também sabia que um guerreiro Korwahk não gostaria disso, de modo algum.

Então ele grunhiu:

— Você é *meu* ouro, nahna xaxsah, é *meu* hahnee rah. Kay jahnan nahna lisa, na *uvan tee luh kay*. Ana kay jahnan nahna pahnsahna, Circe. Kay nayeesan tee. *Fahzah*^[10].

Certo, não se pode dizer que entendi tudo o que o Lahn disse, mas entendi o suficiente para saber que tinha conseguido desafiá-lo. Ele era um guerreiro que tinha sido treinado desde que era um garotinho para enfrentar qualquer desafio e mais, ele jurou que ia ganhar de mim.

Merda, eu tinha a sensação de que estava ferrada.

Mas, sendo eu, não desisti.

— Você teve sorte essa noite, grandão — sussurrei. — Mas eu também. Agora, estou realmente cansada, então você vai sair de mim para que eu possa *trayhay*?

Ele fez uma careta para mim por um segundo, a mão ainda segurando meu rosto. Então, afastou os olhos. Olhando ao redor, ele viu a contusão ainda marcando minha bochecha. Vi o brilho desaparecer lentamente quando seus olhos suavizaram. Ele inclinou meu queixo para baixo e me segurou ainda enquanto seus lábios deslizavam através da minha contusão.

Fechei os olhos.

Merda, eu realmente *detestava* quando ele era fofo.

Senti sua testa na minha e abri os olhos.

— Sim, minha Circe, durma — ele disse suavemente, em seguida, moveu a cabeça, soltou meu queixo e esfregou o nariz ao longo do lado onde o polegar tinha me segurado. Gentilmente se mexeu e deitou de lado, me puxando para debaixo dele, enroscando suas pernas nas minhas.

Suspirei e estava tão exausta e saciada que não pude deixar de sentir o calor dele me relaxar.

Fechei os olhos.

Os abri novamente quando seu braço me envolveu em um aperto afetuoso e ele sussurrou em meu ouvido:

— Anka, ta linay tera leenyahso na lapay^[11], garras contra aço.

Ele parecia cansado, satisfeito e também como se estivesse ansioso para amanhã. Tipo muito.

Sério, Lahn aprender a minha língua tão rápido, era um saco.

E ainda mais sério, eu sabia que estava ferrada.

Capítulo 18

O Bando

Minhas pálpebras se abriram quando ouvi as abas da tenda baterem e captei a luz do sol brilhante nas paredes.

Devia ser final da manhã.

Arqueei as costas levemente e inclinei o queixo sobre os travesseiros para ver qual das minhas garotas tinha entrado.

Pisquei quando vi um par de pernas musculosas cobertas por couro vindo na minha direção.

Ergui os olhos e vi Lahn me olhando com um olhar bem caloroso e muito satisfeito em seu rosto.

Ele se acomodou na cama, enquanto eu me virava e foi quando me ocorreu que a camisola estava enrolada na cintura, me expondo de cima e de baixo. Ele não tinha puxado a seda sobre nós na noite passada, afastando o frio com seu corpo.

Levei a mão à camisola, mas não cheguei nem perto. Fui capturada com firmeza, empurrada para trás e pressionada na cama. Eu o encarei enquanto tentava soltar a outra mão, que também foi capturada. As duas haviam sido presas sobre a minha cabeça, enquanto ele seguia sua outra mão com o olhar, deslizando a palma em meu peito, por entre os seios, abaixo do umbigo, sobre a seda, então ele me segurou entre as minhas pernas.

Merda.

Ele voltou os olhos para os meus e eu o fuzilei com o olhar.

— Você adora me sentir — ele sussurrou e eu pisquei.

— O-o quê? — sussurrei de volta.

Seu dedo deslizou para dentro de mim e pareceu tão grande, juntamente com aquele olhar em seu rosto, meus lábios entreabriram e

um redemoinho de prazer girou na minha barriga.

Ele se inclinou um pouco mais para mim e repetiu:

— Minha tigresa adora me sentir.

Seu dedo se moveu.

Merda.

— Lahn — suspirei quando compreendi. Eu disse isso a ele ontem à noite, e esta manhã ele tinha ido descobrir o que significava. — Você falou com Seerim.

Ele sorriu e, droga, era sexy.

Sim, ele falou com Seerim.

Primeira coisa na minha agenda da manhã, encontrar Diandra e matá-la.

Seu dedo se moveu, deslizando para fora e entrando de novo.

— Sah me lapay a parte de mim que você adora gahn tee jahkal^[12]
— ele murmurou.

Certo, não. Primeiro, Lahn ia brincar comigo, me dar um orgasmo e *depois* eu ia encontrar a Diandra e matá-la, a maluca Korwahkiana.

E eu estava certa sobre a agenda da manhã, com uma mão segurando meus pulsos sobre a minha cabeça, a outra entre as minhas pernas até minhas costas arquearem, meus quadris sendo apertados por seus dedos e eu gritei quando ele me fez gozar.

Eu ainda estava em êxtase, quando ele soltou meus pulsos e me puxou suavemente em seu colo, passou os braços ao meu redor, enterrou o rosto no meu pescoço e me embalou.

— As garras da minha Circe não são tão afiadas — ele sussurrou.

Meu corpo ficou tenso.

Sério, ele era *irritante*.

Levantei as mãos para seu peito e empurrei com força o suficiente para que ele se movesse um centímetro para trás quando retruquei:

— Vá embora, Lahn, eu preciso de um banho.

Ele levantou a cabeça e com ar de riso, me encarou.

— Sim, kah Dahksahna, eu também.

Ah, merda.

Ele continuou:

— Kah bahsah banha zah Lahn, kay banha kah bahsah.

Ele disse: “Minha esposa banha seu Lahn, eu banho minha esposa.

Ah, *merda!*

— Lahn — Eu comecei, ele sorriu, em seguida, virou a cabeça e gritou: — Teetru!

As abas da tenda se abriram instantaneamente e eu pressionei meu peito no dele, envolvi os braços ao redor dele para esconder minha nudez (não que eu precisasse, minhas garotas tinham me visto nua muitas vezes, mas era hábito) enquanto eu virava a cabeça para ver as minhas cinco garotas entrando com baldes de água fumegante, panos e discos ásperos e sabonete cremoso. Elas os colocaram em uma nova área que eu não havia notado na noite passada que era de pedra e grama e sem tapetes.

A bagunça que fizemos com o banho de Lahn não deveria se repetir, percebi. Agora tínhamos uma área de chuveiro.

Porcaria.

Elas saíram sem olhar para nós.

— Lahn... — comecei, mas fiquei de pé com ele, que estava me carregando.

— Quieta — ele ordenou.

— Lahn! — retruquei.

Ele soltou meus pés, que se apoiaram na pedra e minha camisola escorregou imediatamente para os meus tornozelos. Antes que eu pudesse decidir se subia a camisola ou apenas corria, ele abaixou a calça. Tirou a roupa e se inclinou para pegar a alça de um balde. Eu me preparei para o voo, mas ele me pegou pela cintura, me puxou para si, meu corpo bateu contra o dele e nem um segundo depois ele derramou um balde inteiro de água morna em nossas cabeças.

O balde caiu no chão quando o braço de Lahn se apertou ao meu redor e os dedos da sua outra mão deslizaram pela parte de trás do meu pescoço e no meu cabelo molhado enquanto eu ofegava.

Quando afastei a água dos olhos, vi seu rosto se aproximar e senti seu corpo quente e escorregadio deslizando contra o meu.

Não precisava dizer que era bom.

— Kah bahsah banha zah Lahn, eu banho minha Lahnahsahna — ele disse suavemente.

Então ele nos inclinou para o lado enquanto pegava o sabonete.

Ah, bem, tanto faz. Eu precisava de um banho e ele, sem dúvida, também.

— Que seja — murmurei, puxei o sabonete da mão dele e pressionei contra a linda pele morena do seu peito enorme e fantástico e não demorou muito (aproximadamente um segundo) antes que eu realmente focasse no que eu estava fazendo.

Cerca de um segundo depois disso, seus dois braços se fecharam ao meu redor e ele desatou a rir.

Ele sabia que eu estava focada no que estava fazendo.

Sim, ele definitivamente era *irritante*.

Quando ele parou de rir, inclinei a cabeça para trás e franzi o rosto para ele, em um esforço para mostrar exatamente o quanto eu o achava irritante.

Seus olhos escuros observaram meu rosto, ele me deu um sorriso e me apertou.

Mais uma vez, que seja.

Eu me concentrei na tarefa em mãos. Então ele se concentrou na sua tarefa.

Não preciso dizer que esta nuance adicionada ao tempo do banho com Lahn tornou ainda mais divertido.

Sim, eu definitivamente estava ferrada.

— Ah, Circe, minha adorável, sinto muito. Nossa, não posso imaginar meu Feetak levantando a mão para mim — Narinda murmurou.

Seu Feetak.

Sim, o velho Feetak estava lá e eu queria dizer isso em mais de uma maneira.

Aquilo não demorou muito.

— Estou bem — garanti a ela, estendi a mão e apertei a dela. Ela me deu seu sorrisinho e estranho e apertou a minha de volta.

Então olhei para a Daxshee.

Narinda e eu estávamos descansando em peles e almofadas do lado de fora da minha tenda e de Lahn, enquanto eu mantinha o olho em Ghost, que estava perambulando, sendo fofa, atacando coisas e geralmente transeuntes irritantes aos quais eu dizia “Kay tingay”, que significava “sinto muito” e eu recebia sorrisos quando eles se afastavam.

Nossa tenda havia sido montada um pouco longe das outras, perto do riacho em uma pequena elevação, para que pudéssemos ver a maior parte da Daxshee espalhada abaixo (isso dava provas de que o eunuco não montava a Daxshee da mesma forma todas as vezes).

Era final da tarde. Narinda havia chegado antes, tínhamos almoçado e agora estávamos tomando suco de frutas, conversando e observando a atividade da Daxshee. Havia uma longa e larga cobertura de gaze que fornecia sombra para que pudéssemos nos divertir. Era bem-vindo, mas desnecessário. Quase todo o meu corpo estava da cor de mel dourado de andar por dias ao sol. Mas foi bom ter uma folga disso.

Havia acabado de contar para Narinda a história da contusão que ela me informou que parecia muito melhor.

Mas não havia sumido.

E eu não podia me permitir esquecer, não importava o quanto meu marido estivesse sendo fofo e sexy.

Ele podia ser o tigre e um guerreiro que prosperava em desafio, mas eu era uma tigresa criada pelo amoroso rei de um reino pequeno e

amoroso, e sabia o que merecia e não era o que Lahn me deu há uma semana.

Então ele tinha uma briga em suas mãos, uma que eu estava determinada a vencer.

— Veja! Ali está Diandra! Poyah, Diandra! — Narinda exclamou, acenando freneticamente e eu segui seu olhar.

Então semicerrei o meu.

Diandra sorriu descaradamente com meu olhar semicerrado, se aproximou e disse “poyah” a Narinda enquanto se sentava em uma cadeira, pegava uma grande almofada e a empurrava para o lado e depois se servia de suco de fruta.

Seus olhos luminosos vieram para mim.

— Como você está, minha rainha?

Agora ela estava *tentando* ser irritante, me chamando de rainha.

— Não vou falar com você — informei e ela começou a rir.

— O que houve? — Narinda perguntou.

— Ah, nada — Diandra respondeu enquanto eu a olhava — a menos que você esteja falando sobre o gemido de satisfação de nosso Dax que metade da Daxshee ouviu sair da sua tenda ontem à noite. Seerim e eu não estávamos tão perto, mas ainda assim, nos acordaram.

Narinda arregalou os olhos, me olhou e um sorriso vacilante atingiu seus lábios.

Mantive o olhar, mas fiz o máximo para parecer prepotente.

Diandra me ignorou e continuou falando.

— Palavras furiosas foram ouvidas da nossa rainha, mas tenho informações privilegiadas de que ela disse ao nosso rei que adorava senti-lo, então suspeito que as coisas eventualmente correram bem para ela ontem à noite também.

Narinda soltou uma risadinha que podia se dizer que ela tentou reprimir... e falhou.

Virei meu rosto para longe.

A voz de Narinda soou na minha direção.

— Você o perdoou, Circe?

— Não — grunhi.

— A cabeça dela não, mas outras partes sim — Diandra entrou na conversa e voltei o olhar para ela.

— Você está tentando me irritar? — questionei.

— Sim — ela respondeu. — Você é muito amável quando está com raiva. — Ela olhou para Narinda. — Nosso rei diz que sua tigresa está mostrando suas garras. Meu marido me diz que ele fala abertamente e muitas vezes sobre isso, tanto quanto se *gaba a respeito*. Ele também gosta disso claramente... mais do que eu.

— Você vai *calar a boca*? — cortei e ela inclinou a cabeça para trás e riu.

Então ela se concentrou em mim, ainda rindo.

— A Daxshee está agitada, como sempre, e como de costume, tem a ver com o Dax e a Dahksahna de ouro. O Dax emerge banhado da sua tenda e não visita as Xactos. Sua risada é ouvida da tenda, entre outras coisas. Ele atrasa a viagem até que ele esteja satisfeito com a saúde dela. Cavalga na frente dos seus guerreiros com a esposa perto. Ele lhe dá um cavalo...

Eu a interrompi:

— Você tem um cavalo.

Sua risada se desfaz, seus olhos ficaram sérios e eu sabia que a sabedoria de Korwahk estava chegando antes mesmo de ela me responder baixinho:

— Eu sei, minha querida. Meu Seerim me deu um cavalo dois anos depois de eu ser reivindicada.

Ela olhou para Narinda.

— Sabe, os guerreiros, eles lutam, o que significa que eles caem. O Bando é tudo. Eles formam amizades, em batalha vão agir para proteger seus irmãos de armas, mas se mantêm distantes. Há muitas

oportunidades para perder pessoas que estão no seu coração. Isso derruba o espírito, o enfraquece. Mas o cavalo de um guerreiro é uma história diferente — ela explicou. — Guerreiro e cavalo cavalgam para a batalha. O cavalo de um guerreiro é parte dele. Eles realmente consideram seus corcéis uma extensão de seus próprios membros. Ouvi o Seerim me contar histórias de batalha de guerreiros que foram feridos para proteger seu cavalo.

— Nossa — Narinda sussurrou.

— De fato — Diandra afirmou. — É por isso, minhas queridas, que uma esposa recém-reivindicada fica posicionada sobre o cavalo do marido. É semelhante a estar sobre *e/e*. Mas também é uma oferta cerimonial na noite em que um guerreiro deixa entrar alguém novo e que será o mais importante em sua vida e, enquanto monta seu cavalo, sua esposa vai vazar sua semente que, acho que vocês duas entendem, é vital para qualquer guerreiro. Portanto, eles sentem que é uma oferta extremamente digna para alguém que eles sabem que os manterá seguros, os tornarão fortes e são uma extensão de si mesmos.

Sim, qualquer homem, neste mundo ou no meu, acha que esse tipo de oferta é “extremamente digna”.

Nossa.

Franzi o nariz para Narinda, que repetiu o gesto.

Diandra nos ignorou e continuou falando.

— Então, obviamente, os cavalos como um todo são muito reverenciados pelo Bando. Seria um palpite, mas um bom palpite, que uma grande quantidade de guerreiros reza para o Deus dos Cavalos. E, portanto, possuir uma montaria é considerado um privilégio. Deve-se merecer sua própria montaria. Jovens guerreiros não recebem sua própria montaria até que sejam escolhidos para realizar sua primeira matança, o que significa que terão treinado por mais de uma década antes de adquirirem um cavalo. Dito isto, não é surpresa que um marido não conceda tal honra à sua esposa até que ele sinta que ela merece isso. Por

exemplo, depois que ela conseguiu dar a ele seu primeiro filho ou passou muito tempo sendo a esposa de um bom guerreiro, suprimindo suas necessidades. Portanto, o Dax, dando uma montaria de tamanha beleza à sua esposa, é motivo de muita fofoca. Fofoca — ela me olhou —, o que era principalmente especulação até que, claro, o grito dele foi ouvido ontem à noite e sua alegria esta manhã.

Seu rosto ficou malicioso quando olhou de volta para Narinda.

— Parece que, doce Narinda, a nova esposa de Dax está suprimindo muito bem suas necessidades.

Olhei para ela, chocada demais com o conhecimento de que Lahn me dera um cavalo muito mais cedo do que a maioria das esposas ganhava por ficar irritada com sua provocação.

— Ele é uma contradição —, Narinda murmurou e meu olhar deslizou para ela para vê-la olhando sem ver a Daxshee. — Pelo que Circe me contou sobre sua marca, não desejo gostar dele e toda vez que o vejo, ele me assusta. No entanto, o que você diz, mostra que há muita coisa embaixo dessa rudeza.

— Não tenho certeza, doce Narinda, não é suavidade que nossa rainha gosta... — Ela fez uma pausa e terminou com ênfase —, mas dureza.

— Diandra! — retruquei, mas ela riu quando outra risada escapou de Narinda.

Só então, o tema da nossa conversa passou perto da tenda. Ela não ficava perto, mas não estava longe, e sua energia bruta invadia tudo ao redor.

Respirei fundo quando ele parou para falar com dois guerreiros que o pararam. Então permiti que meus olhos se movessem sobre meu marido.

Certo, bem, eu não ia admitir isso em voz alta, mas tinha que admitir para mim mesma que eu definitivamente gostava do duro.

— Oh, o que é isso? — Diandra murmurou.

Afastei os olhos de Lahn e olhei para a direita para ver um rapazinho, magro, com cerca de onze ou doze anos e, definitivamente, não fazia o tipo guerreiro. Provavelmente era por isso que ele não estava treinando em algum lugar, mas sim na minha tenda carregando o que parecia muito com um violão. E soou com um quando eu o olhei. Ele engoliu em seco, olhou para uma mulher que estava de pé ao lado dele e começou a dedilhar e então, hesitante, cantou.

A mulher seguiu em frente e colocou uma flor cuidadosamente sobre a pele bem longe de mim ou das minhas garotas antes que elas corressem, olhando na direção de Lahn e voltando para mim, enquanto seu garoto cantava.

Ele parecia nervoso e continuou a estragar os acordes. Ele não era o maior cantor do mundo, devia ser dito, mas não fez nada de mal e era definitivamente fofo.

Mas sua mãe olhou para ele como se raios do sol tivessem saído de sua boca com sua voz e podia dizer que ela achava que ele não podia fazer nada errado e provavelmente foi por isso que ela o levou à rainha para dar o que ela achava ser um presente precioso.

Sorri de forma encorajadora para ele, enquanto ele se perdia. Ele encontrou o ritmo de novo e continuou e balancei a cabeça continuamente para mantê-lo cantando.

Então vi movimento pelo canto do meu olho. Olhei para o lado e fiquei tensa. Eu sabia que Diandra e Narinda também o viam porque as senti nervosas.

Dortak passeava pelos casebres, com uma atadura de tecido grosseiro de aparência suja no meio do corpo, os cortes no peito e no rosto não haviam sido costurados, mas brilhavam com algo gosmento e claramente não iam curar muito bem. Mas eles estavam fechando.

Sua noiva, limpa, mas machucada nos braços, ao redor do pescoço e com um lábio cortado, tropeçou atrás dele.

Ela estava usando o colar da reivindicação. Ele estava com a corrente da reivindicação ao redor da sua cintura, que estava presa ao colar dela, mas ele a segurava com força e a puxava enquanto ela se arrastava atrás dele.

Caramba, sério, esse cara era o rei dos babacas.

Ele parou em um guerreiro que estava cerca de cinco metros de Lahn e começou a falar. Quando ele fez isso, ele a puxou de joelhos ao seu lado e segurou seu cabelo para mantê-la ali. Não que precisasse, ela não ia a lugar nenhum. Não sem a permissão dele.

Olhei para ela e meu coração doeu, se apertando cada vez mais quanto mais eu notava.

Qualquer sombra da garota que ela já foi havia desaparecido. Tudo se foi. Estava inexpressiva, seus olhos distantes. Estava tão perdida em seus pensamentos que provavelmente nem sabia onde estava.

Olhei rapidamente para Lahn para ver que ele e os dois guerreiros com quem estava conversando estavam olhando o casal com os rostos tensos.

Mas não disseram uma palavra. Lahn simplesmente deu as costas a Dortak e retomou a conversa.

Sem pensar, me virei para o menino cantando, fiquei de joelhos e estendi a mão para o seu instrumento, balançando os dedos para ele e sorrindo. Seu dedilhar vacilou, assim como seu canto. Ele olhou para a mãe. Ela projetou o queixo para mim. Ele parou tocar e me entregou o violão.

Um dos meus dois amores perdidos era louco por violão. Ele tinha quatro: dois acústicos, dois elétricos e me ensinou a tocar. Então ele ficou com raiva quando comecei a aprender e rapidamente passei a tocar melhor do que ele (uma das razões, eu não estou brincando, porque fiquei convencida de que ele terminou comigo, mas quando eu joguei na cara dele, ele jurou que não era, mas eu sabia que sim). Quando ele me

deixou, comprei meu próprio violão e sempre, toda semana, duas, três vezes, às vezes todos os dias, encontrava tempo para tocar.

E não poderia dar nada para a esposa de Dortak, sendo rainha ou não, exceto o que aquele garoto me deu.

Então, me agachei enquanto testava as cordas, ajustei o instrumento e comecei a cantar “Over the Rainbow / Wonderful World”, de Israel Kamakawiwoole, mas com um violão e não com um ukulele.

Não se podia dizer que minha voz cantada era muito melhor que a do menino, mas não precisava ser. Mesmo que não se entendesse as palavras, a música era linda. Mantive os olhos colados nela enquanto ela olhava para o chão e eu esperava que em algum lugar em sua cabeça as palavras das duas canções doces e esperançosas se misturassem em uma névoa colorida e penetrasse naquele mundo sombrio que ela estava vivendo, com todos os tons vibrantes de um arco-íris.

Então, lentamente, ela levantou a cabeça, seus olhos encontraram os meus e fiz o que achava que qualquer boa rainha faria. E isso era tudo que ela *podia* fazer para dar o que podia para seu povo — mesmo que não fosse muito e fosse apenas uma dessas pessoas.

E eu percebi quando a música a atingiu. Seus olhos se fecharam devagar, seu rosto suavizou e eu esperava por tudo aquilo fosse mais sagrado que, naquele momento, ela estivesse sobre o arco-íris em um mundo maravilhoso.

Quando parei de tocar, seus olhos se abriram e eu sorri para ela.

Mas Dortak puxou sua corrente que quase arrancou seu pescoço e o olhar suave desapareceu instantaneamente do seu rosto quando um flash de dor o substituiu.

No momento em que ele fez isso, ouvi uma profunda voz masculina gritar e aquela voz estava realmente irritada.

E não era a de Lahn.

Olhei para a esquerda e vi que era Bohtan. Também vi que havia atraído uma multidão. E ainda vi os olhos escuros de Lahn fixos em mim

de uma forma que ele nunca me olhou antes, mas que fez meu estômago apertar e meu coração se sentir leve.

— Você desrespeita a sua rainha — Diandra sussurrou e comecei a olhar para ela para ver seus olhos na ação em frente a nós e percebi que ela estava traduzindo.

Segui seu olhar e vi que Bohtan estava caminhando rapidamente em direção a Dortak e palavras estavam sendo trocadas.

Diandra traduziu.

— Não dou a mínima para mulheres cantando. — Esse foi Dortak.

— Você não se importa com as mulheres — foi a vez de Bohtan com um balançar de cabeça para a esposa de Dortak.

— Cuidado, Bohtan — outro guerreiro falou.

— Sim, cuidado, Bohtan. Minha esposa não é da sua conta — Dortak advertiu.

— Você está certo. Sua esposa não é da minha conta. Mas não estou falando da sua esposa. Estou falando do seu cachorro. Você fez da sua mulher seu animal de estimação. Você gosta de enfiar o pênis em animais, Dortak? — Bohtan respondeu e eu pressionei os lábios um no outro porque aquelas palavras eram uma provocação em meu mundo, então estava supondo que entre a Horda, eles estavam falando sério.

Bohtan continuou:

— Não responda, sei que sim. Isso não pode ser esquecido, considerando que você raramente perde uma oportunidade de nos mostrar o que é um guerreiro empurrando seu pênis em qualquer buraco que seu animal tenha.

— Minha noiva não é da sua conta! — Dortak gritou, puxando a corrente novamente.

— Mas ela não é sua noiva! — Bohtan respondeu de volta. Tendo chegado a Dortak, ele se inclinou perigosamente. — Ela não é nada, exceto um animal que você colocou de joelhos. Você mancha a Horda com suas ações, se forçando no rosto dela durante os jogos, desafiando

nosso Dax enquanto armado, desrespeitando nossa rainha *na frente do nosso rei*.

Diandra ofegou com a resposta de Dortak e eu soube não só por seu suspiro, mas pelo fato de o ar ter parado, que algo muito, muito ruim havia acontecido.

Ela ficou pálida e eu sussurrei com urgência:

— O quê?

Ela não tirou os olhos do que estava acontecendo quando sussurrou de volta. Dortak disse:

— Não me importo com a nossa rainha ou um rei cuja nova esposa *cavalga* logo após a reivindicação. A cabelo amarelo teve seu pênis por duas semanas e está o levando por ele. Nosso rei é quem ficou de joelhos. — Seus olhos deslizaram para Lahn e ela terminou: — Isso é um desafio.

Ah, merda.

Olhei para Lahn também. Ele estava observando a cena com os braços cruzados e uma expressão no rosto que indicava claramente que ele achava isso ligeiramente interessante. Mas sem agressividade.

— Você desafia o Dax? — Diandra traduziu o que um guerreiro em pé com Lahn perguntou para Dortak.

— Que *Dax*? — Dortak cuspiu as palavras, então cuspiu no chão na direção de Lahn. — Não vejo Dax.

Finalmente, Lahn falou e fez isso suavemente também.

— Aconselho que você pare de levar seus punhos e seu pau para sua noiva, Dortak, para que você possa se curar. Quero que você fique bem antes que eu te coloque de joelhos e corte a sua cabeça.

— Eu reivindico o Dax — Dortak retrucou. — A primeira coisa que farei é enfiar meu pau na cabelo amarelo, derramando minha semente até que saia de cada orifício em seu corpo.

Eu respirei fundo, mas Lahn sorriu e olhei para sua reação em choque.

Então Diandra ofegou de novo, mas rapidamente traduziu as palavras de Lahn.

— Se arrancar minha cabeça, os Deuses irão chorar porque o mundo estará caindo do céu. Se chegar perto da minha tigresa, ela afundará suas garras e você verá suas entranhas derramando antes que seu último suspiro escape do seu corpo. — Diandra me olhou. — Este é um grave insulto a qualquer guerreiro, minha querida, inferir que uma mulher poderia ser a melhor que ele.

Seria um insulto grave para qualquer um. Ainda assim, foi uma resposta muito impressionante.

Diandra começou a traduzir novamente quando Dortak cuspiu:

— A cabelo amarelo é a dona do seu pau!

Para isso, Lahn respondeu:

— Você fala a verdade e eu estou feliz com isso. Ela sabe o que fazer com ele e gosta do que sabe fazer. Enquanto eu a estava tomando ontem à noite, minha rainha disse que amava meu pau logo antes de eu plantar minha semente em seu ventre. Semente que pode fazer um guerreiro. Semente que já é mais guerreiro que você.

— Caramba — sussurrei. Isso foi uma boa resposta também, talvez um pouco pessoal, mas boa.

— Nem sei o que isso significa e vou dizer que você pode dizer isso de novo — Narinda sussurrou.

Diandra traduziu os gritos de Dortak:

— Vou tomar sua cabeça amanhã!

Ao que Lahn respondeu:

— Não. Quero que você se recupere antes de eu atirar sua carcaça sem cabeça na pira. Você tem duas semanas, Dortak. Então nosso aço vai se encontrar.

Dortak olhou para Lahn um segundo antes de virar o olhar furioso para Bohtan, que ainda estava perto.

Diandra traduziu.

— Antes que eu reivindique o Dax, você — ele apontou um dedo para Bohtan — se contenha e se mantenha longe da minha noiva.

— Se você — Bothan respondeu — tratá-la como uma noiva e eu vou. Se continuar a tratá-la como um cachorro, vou ser forçado a colocá-la para baixo para arrancá-la de sua miséria.

Respirei fundo com as palavras de Bohtan (palavras que eu esperava que ele não quisesse dizer) quando o rosto de Dortak ficou tão vermelho que pensei que sua cabeça iria explodir, então Lahn entrou na conversa.

— Bohtan, chega. Seu ponto está feito.

O rei falou, então Bohtan deu um passo para trás, mas seus olhos não se afastaram de Dortak.

Então Diandra traduziu Bohtan dizendo:

— Depois que o Dax cortar o rabo da sua cabeça sem vida e ela cair da sua sela, serei o primeiro a pegá-la e apresentá-la à sua noiva como presente de casamento.

Então ele se virou e se afastou, olhando para mim brevemente antes de abaixar a cabeça por um segundo e então sumir de vista.

— O que é um rabo? — Narinda perguntou baixinho enquanto eu tentava recuperar o fôlego, mas em vez disso vi os olhos do meu marido.

— É o cabelo deles. — ouvi Diandra responder. — Depois de um desafio, o vencedor amarra a cabeça do vencido à sua sela e passa pela Daxshee. Quando está comemorando, não importa quanto tempo leve, ele solta a cabeça da sela cortando-a na cauda. Depois disso, a cabeça fica à mercê de quem a pega. Eles podem fazer o que quiserem com isso e o corpo do guerreiro é queimado sem cabeça em sua pira. É importante que se tenha a pira para que suas cinzas possam se deslocar para o céu, corpo unindo espírito. Os Korwahk, Maroo, qualquer pessoa das Terras do Sul tem essa mesma crença e acredita-se que qualquer corpo não queimado vagueia por este reino como um fantasma invisível, inaudível e impotente. Não queimar a cabeça é uma indignidade final para a derrota

de um guerreiro, pois eles irão vagar a eternidade sem cabeça, um lembrete da sua humilhação.

Eu estava ouvindo, mas também estava, estranhamente, me comunicando com meu marido. Enquanto Diandra falava, seus olhos ficaram nos meus, então ele ergueu o queixo um pouco, uma vez. Eu sabia que ele queria perguntar se eu estava bem, então assenti. Depois que o fiz, ele se virou.

E foi quando me lembrei que ainda estava com o instrumento do garoto.

Meu corpo estremeceu e então me virei para ele e sorri, o oferecendo de volta e dizendo:

— Shahsha.

O menino e a mãe ficaram claramente abalados com os eventos que aconteceram e ele rapidamente o pegou de volta, enquanto eu pedia a Diandra que lhe dissesse para vir me ver novamente com seu instrumento, para que pudéssemos tocar e cantar juntos. A mãe sorriu, mas o garoto pareceu querer fazer isso tanto quanto ser forçado a correr nu pela Daxshee com o cabelo em chamas. Então decidi que quando ele viesse, eu tocaria e ele poderia correr e se divertir com seus amigos.

Eles se afastaram quando Narinda perguntou:

— Esses... er, confrontos entre guerreiros acontecem com frequência?

— Não, doce Narinda. Acontece que eles são homens, então são obrigados. Mas não é frequente. Embora Dortak não seja o favorito de ninguém e vi guerreiros ficarem impacientes com ele ou ele tenha dito coisas que os forcem a reagir. Bohtan é um bom homem, um bom pai. Seerim diz que ele é um bom guerreiro. Ele e Nahka não deixaram a tenda por quase duas semanas depois que ele a reivindicou, ele foi tomado por ela. O Bando partiu após a seleção, deixando-os para trás. Ele é um bom marido e cuida de sua esposa. — Diandra sorriu gentilmente para Narinda, um sorriso que falou muito sobre o guerreiro

que a reivindicara. — Há alguns homens, não importa que sangue flui em suas veias ou que ensinamentos foram ensaiados em suas cabeças, que são apenas bons homens.

Narinda sorriu de volta e não era pequeno nem estranho.

Gaal se aproximou e colocou um prato de frutas cristalizadas em nossas peles. Sorri para ela, que sorriu de volta e correu para longe.

Eu a observei ir pensando que Teetru era um pouco distante porque era a mais velha, parecia levar seus deveres muito a sério e eu tinha descoberto ontem que parte dos seus deveres era ficar de olho em mim. Mas Jacanda, Beetus e Packa eram mais jovens, mais amigáveis e mais falantes. Com o passar dos dias, até mesmo Packa estava perdendo a timidez e se tornando mais extrovertida. Nossa conversa era hesitante, mas mesmo com Teetru, senti que estávamos formando um elo.

Mas Gaal permaneceu distante e atenta e, depois do que Diandra me disse ontem, eu odiava fazê-lo, mas me perguntei sobre isso.

Merda, eu teria que ficar de olho nas minhas garotas, especialmente Gaal.

Então ouvi um estrondo como um trovão distante. Era familiar e ainda parecia estranho.

Percebi o que aconteceu no minuto em que o horizonte se encheu de cavalos. Era o som dos cascos de um grande número de cavalos batendo na terra. Ouvi isso nos últimos seis dias, mas era diferente porque os cavalos que vinham na nossa direção não eram centenas.

Olhei enquanto mais e mais apareciam.

Putá merda! Tinha que haver milhares deles!

Fiquei tensa, meu primeiro pensamento foi correr para Lahn quando Diandra disse calmamente:

— Ah, olhe, a Horda chegou.

Virei a cabeça para ela e perguntei:

— O Bando?

Ela estava pegando uma fruta cristalizada. Colocou um pouco na boca e olhou para mim enquanto mastigava.

Ela engoliu em seguida e falou.

— O Bando.

— Mas — pisque — pensei que estávamos com a Horda.

— Estávamos, minha querida, com alguns deles. Guerreiros que compareceram à Caçada, outros cujos filhos estavam se preparando para a seleção, treinadores que precisarão se encarregar de novos guerreiros, outros que desfrutaram ou que sua esposa estava aproveitando as celebrações. Mas o resto está patrulhando ou em campanha.

Olhei para os cavalos que se moviam e os vagões, um grande número deles, agora podiam ser vistos vindo pela retaguarda.

— O resto? — sussurrei.

— Circe, minha linda amiga, algumas centenas de guerreiros não podem manter uma nação inteira a salvo. O Bando chega a pouco mais de setenta e cinco mil, a última contagem que ouvi. Pode ser mais.

Abri a boca e olhei para ela.

Meu marido comandava um exército de setenta e cinco mil homens?

Ah, meu Deus!

— Isso nem são todos eles — Diandra inclinou a cabeça para a procissão se aproximando. — Nem mesmo a metade. Apenas os guerreiros que viajam com o Dax. Enquanto ele presidia as cerimônias, estavam cuidando dos negócios. Eles sempre se juntam ao Dax quando ele termina com assuntos oficiais. Além disso, haverá outros esquadrões grandes em patrulha em Korwahk ou outros que executam campanhas que o Dax ordenou. Por que você acha que ele visita seus guerreiros todos os dias e à noite? Sendo um Dax, há muito o que fazer.

Olhei para Lahn, que agora tinha cinco guerreiros amontoados com ele e estava com as mãos nos quadris, os olhos no horizonte, observando seus guerreiros se aproximarem. Os homens estavam conversando com

ele e vi que ele estava assistindo e ouvindo quando acenou com a cabeça uma vez para algo que um deles estava dizendo. Então ele cruzou os braços, desviou o olhar da vista e voltou sua atenção para o homem que estava falando com ele.

Eu não fazia ideia. Nenhuma. De fato, um bando selvagem e primitivo de apenas algumas centenas parecia suficiente para um bando selvagem e primitivo. De fato, muitos. Eu não tinha absolutamente nenhuma ideia de que ele comandasse tal legião.

— Circe? — Narinda chamou, balancei a cabeça, afastei o olhar do meu marido e virei para a minha amiga. — Você está bem? — ela perguntou.

— Sim, sim — falei distraída e, em seguida, olhei para os cavalos cada vez mais perto. — Estou bem.

— Vejo que agora você está se dando conta — Diandra falou suavemente e meus olhos turvos se voltaram para ver os dela, não confusos, mas compreensivos em mim. — Continuei dizendo a você, minha querida, você é uma rainha. Vejo que agora você entende que é uma *rainha*. Uma rainha de um vasto número de homens, suas esposas, seus filhos e a nação de pessoas que eles protegem... — Ela fez uma pausa. — Todos que servem você.

— Sim, Diandra — sussurrei. — É atordoante.

Ela se inclinou para mim.

— Você salvou a vida de uma criança e seu povo testemunhou isso. Você canta uma bela canção para uma mulher cujo espírito foi pisoteado até a morte dentro dela, dando à sua mente um breve momento de harmonia, e seu povo testemunhou isso. Você provoca o riso do seu marido, algo *nunca* antes ouvido por aqueles que não são seus irmãos, assim como os sons do seu prazer, e seu povo ouve. Digo que há comentários e esses comentários estão crescendo, Circe, com uma velocidade que te surpreenderia. Você não sabe, mas suas ações já criaram fortes laços de lealdade nos corações de pessoas que você nunca

conheceu e você tem sido nossa Dahksahna por *duas semanas*. Seu rei constrói lealdade fornecendo riqueza, segurança e astúcia. Você, minha linda Circe, está construindo a sua e, portanto, a sua, é através de assuntos do coração. Isso te faz forte e te deixa fraca. Haverá aqueles que procurarão atingir essas fraquezas. Tenha cuidado, fique atenta e *em segurança*.

Engoli em seco e assenti. Então, olhei para Narinda que estava me olhando, seus próprios olhos arregalados e seu rosto ligeiramente pálido.

Então me virei para a procissão que avançava e assisti a parte do exército gigantesco do meu marido chegar.

— Linas, rah — ele sussurrou antes dos seus lábios se moverem sobre os meus olhos.

Eu estava em apuros.

Meu rei havia acabado de fazer amor comigo... sim, fez amor comigo, lento, doce, gentil, terno. Foi — não há outras palavras para descrever — *bonito*. E gostei disso, *muito*. Tanto que não acho que eu esqueceria isso, nem um toque, gosto, afago, nem um segundo, nem nada disso.

E agora ele estava deitado em cima de mim, seu peso apoiado em um antebraço na cama ao meu lado, a outra mão enrolada em volta do meu pescoço, o polegar acariciando suavemente meu queixo e ele estava sussurrando para mim.

Cara, ele era bom.

— Sim, acho que pode se dizer isso, mas, na verdade, meus olhos são mais para castanho-claros — murmurei para tentar quebrar o clima.

Ele baixou o queixo, mantendo os olhos fixos nos meus e, com sua aparência, meu estômago derreteu.

Certo, mensagem recebida, Lahn não queria que o clima se quebrasse.

— Olhos, *rah* — ele sussurrou, em seguida, sua mão deslizou pela minha bochecha, os dedos afastando meu cabelo ao lado da minha cabeça e, para baixo, antes que ele ajeitasse uma extensão das mechas contra o meu pescoço. — Lipa, *rah* — ele murmurou, seu polegar voltando a acariciar minha mandíbula.

— No meu mundo, não chamamos de dourado. O chamamos de loiro — sussurrei, seus olhos encontraram os meus, aquele olhar quente, doce e contente ainda estava nas suas profundezas e meu coração acelerou.

Então ele inclinou a cabeça e me preparei. Seus lábios roçaram a pele na minha bochecha.

— Leeka, *rah* — ele murmurou no meu ouvido.

Eu não discutiria com isso. Era verdade, com todo o sol que eu estava pegando, minha pele estava dourada.

Ele ergueu a cabeça enquanto seu polegar acariciava meus lábios, seus dedos se movendo para que a mão pudesse envolver meu queixo.

— Lapaynahna lisa rahna, kah Lahnahsahna?

Eu sabia o que ele estava perguntando. *Sua boca é dourada, minha tigresa?*

Meu coração acelerou de novo.

Merda.

— Lahn — sussurrei, em seguida, fechei os lábios quando ele inclinou a cabeça novamente e roçou a boca contra a minha.

Certo, ele pode não ter beijado uma mulher antes, mas fazia isso realmente bem.

— Hum, kah rahna fauna? — perguntou calmamente, sua boca se movendo contra os meus lábios.

Ah, sim, ele era bom.

Só olhei em seus olhos, que eram tudo que eu podia ver e fiz o meu melhor para manter a boca fechada.

O que eu queria fazer era beijá-lo.

E queria *muito*.

Ele me olhou de volta.

— Lapay tee? — ele sussurrou: *é?*

Balancei a cabeça e olhei de perto enquanto seus olhos sorriam ao mesmo tempo em que senti seus lábios fazerem o mesmo.

Então, sem que seus olhos deixassem os meus, sua língua traçou meus lábios.

Eu tremi e meus membros, os quatro que estavam enrolados ao redor dele, ficaram tensos.

Ah, merda, *sim*, ele não era bom. Era ótimo.

— Sim, *é*, Circe — ele sussurrou contra meus lábios. Sua língua deslizou ao longo deles novamente e então ele murmurou: — Rahna, querida.

Sim, já recebi bons elogios na vida. Um, eu tinha que admitir, foi de Lahn me dizendo que eu tinha uma beleza rara como ele nunca havia visto. Outro era, claro, ele me dizendo que o espírito que brilhava dos meus olhos era a coisa mais linda que ele já havia visto.

Mas ele me dizendo que minha boca era de ouro, com querida encaixado bem no meio desta lista.

— Sahnahsoo kay neenkah — ele sussurrou.

Eu também sabia essa. *Me deixe entrar*.

Minha estômago afundou, meu coração se expandiu e a área entre as minhas pernas formigou.

Merda!

Balancei a cabeça novamente e recebi outro toque da sua língua.

Ah, caramba.

— Sahnahsoo nahna Dax neenkah, kah Dahksahna — ele murmurou.

Deixe seu rei entrar, minha rainha.

Ah, Deus!

Tinha que parar com isso agora.

Uma das minhas mãos deslizou por suas costas, debaixo de seu braço, até seu peito, seu pescoço e segurei o lado da sua mandíbula, deslizando meu polegar entre os nossos lábios.

— Não, Lahn, kah lisa lapay kahna — sussurrei: *não, Lahn, minha boca é minha.*

Seus olhos sorriram novamente, um sorriso conhecedor, portanto, assustador.

— Não, baby, sua boca é *minha* — ele sussurrou de volta, em seguida, seu polegar acariciou minha bochecha, meus lábios, afastando o meu polegar e quando teve acesso, ele inclinou a cabeça e tocou a boca na minha novamente.

Prendi a respiração, mas ele só levantou a cabeça e sussurrou:

— Ok, minha Circe, anah na vatay. Anka, ta junay tooka^[13].

Não entendi nada disso, mas senti um alívio extremo misturado com decepção quase devastadora quando ele deslizou do meu lado, mas me enfiou por baixo dele, emaranhou suas pernas com as minhas e murmurou: — Trahyoo.

Eu queria trahyoo. *Precisava* trahyoo.

Mas tudo que eu podia fazer era sentir o toque dos seus lábios contra os meus e da sua língua.

Então demorei um pouco.

Até que, abraçada ao meu rei guerreiro, eu *trahyooei*.

Capítulo 19

O Julgamento

Seis dias depois...

— Poyah, kah rahna Dahksahna! — Ouvi, virei a cabeça e vi Keenim, o garoto que cantou para mim há alguns dias, em um espaço aberto. Ele estava com um monte de outros garotos chutando o que parecia ser uma bola. Era maior que uma bola de futebol americano, mas tinha a forma de uma sem as pontas pontiagudas.

— Poyah, Keenim! — respondi e acenei.

Ele acenou e todos os seus amigos me encararam em choque e, em seguida, voltaram a olhar para o amigo, ainda mais chocados que a rainha soubesse seu nome e estivesse acenando. Claramente, ele não contou que esteve em minha tenda duas vezes desde sua primeira visita (onde toquei o violão dele e ele brincou com Ghost) ou não acreditaram nele.

Isso me fez sorrir enquanto seguia de volta para o mar de tendas, então, meu sorriso desapareceu e meus pensamentos vagaram.

Estava andando, pensando e, mais importante, sendo vista. Com o retorno da Horda, havia milhares de mais guerreiros, suas esposas, filhos, escravos e outros agregados. O barulho da Daxshee havia aumentado, assim como sua expansão.

A boa notícia sobre isso era que o exército de Lahn mantinha meu marido ocupado.

E a má notícia era que o retorno do seu exército mantinha meu marido ocupado.

Portanto, nas últimas seis manhãs, ele me acordou com carícias e depois não perdeu tempo me deixando quente antes de transar comigo

rápido, intenso e maravilhoso. Ele sempre provocava meu orgasmo antes de atingir o seu. Era suado, enérgico, quente, enlouquecedor, mas nunca durava muito.

Então ele exigia minha boca. Eu recusava. Ele abria seu sorriso conhecedor e assustador que me dizia, claramente, que ele estava ganhando tempo. Então ele me arrastava para fora da cama para que eu pudesse lhe dar um banho rápido e trançar ou arrumar seu cabelo como ele instruía. Ele me puxava para si com um braço, envolvia a outra mão no meu queixo para posicionar meu rosto de forma que eu não pudesse escapar, tocava minha boca com a sua e ia embora.

Desaparecia.

Eu não o via o dia todo e, apesar de ter tentado ficar acordada à noite (embora eu não estivesse admitindo isso para mim), nunca estava acordada quando ele deitava na cama ao meu lado.

A boa notícia sobre *isso* era que ficou mais fácil resistir à sua doçura, sua gostosura e a todas as outras coisas de Lahn.

A má notícia era que eu sentia saudades. Detestava admitir, mas sentia.

Sentia falta do meu marido assustador, selvagem, brutal, rei de um bando de saqueadores de outro universo.

O quanto isso era louco?

A outra má notícia era que isso me deu muito tempo sozinha.

Diandra tinha um marido, uma filha e uma tenda para cuidar e eu não era sua única amiga, então, embora eu passasse um tempo com ela todos os dias, com o passar dos dias, eu abria meus olhos e via tendas, parecia que eu estava me estabelecendo neste mundo e fazendo isso em uma base permanente. Isso significava que eu realmente tinha que encontrar um jeito de me *estabelecer* aqui e não poderia ter Diandra ao meu lado a cada segundo.

O mesmo com Narinda, que tinha um selvagem muito atento nas mãos e ele não tinha uma legião para comandar. Então ela ficava presa

muito tempo (esperava que não literalmente, ou, talvez, sim, se ele fosse fofo nesse sentido).

Nahka, a mesma coisa — tenda, marido e dois filhos.

E minhas garotas pareciam estar sempre ocupadas batendo tapetes, lavando, limpando meus sarongues, polindo castiçais, assando pão achatado em forno de barro, assando carne em um espeto sobre o fogo e coisas do tipo. Tentei ajudar (mais de uma vez), mas Teetru teve um ataque quando me viu rindo com Jacanda e Beetus enquanto eu puxava meus tops e cangas de corda de secagem e perdeu a cabeça (em sua maneira tranquila e solícita de Teetru) quando me pegou lavando pratos do café da manhã no riacho com Packa, então parei de fazer isto.

Eu era uma rainha. Precisava fazer coisas de rainha. E coisas de rainha claramente não incluíam lavar a louça.

A questão era que eu não conhecia outras rainhas de bandos selvagens primitivos para me dizer que coisas de rainha eu deveria estar fazendo e, embora Diandra fosse uma grande conselheira, ela nunca tinha sido rainha. Meu marido não estava por perto para me aconselhar e eu não tinha certeza de que ele seria bom nisso ou se o seu conselho poderia ser assustador.

Então decidi que a melhor coisa de rainha que eu poderia fazer era sair entre o meu povo, sorrir, acenar com a cabeça, falar (o melhor que eu pudesse), conhecê-los e deixá-los me ver. Portanto, todo dia eu caminhava pela Daxshee seguida por quem estava me guardando naquele dia.

Hoje era Bain, ou o guerreiro sorridente, que era amigável, ao contrário de Zahnin, o outro guerreiro que me vigiava (e aquele que havia me arrancado do meu cavalo duas vezes no dia em que cavalgamos).

Bain andava e conversava comigo o tempo todo examinando as pessoas e as tendas.

Zahnin andava dois metros atrás de mim e nunca me olhava. No entanto, *parecia* estar de mau humor perpétuo.

A primeira vez que ele esteve comigo, tentei envolvê-lo em uma conversa.

Foi tão mal sucedido que não tentei novamente.

E conversar com Bain era divertido. Ele não tinha ideia de como falar minha língua, então fui forçada a experimentar meu Korwahk com ele. Isso o fez rir (muito, meu Korwahk era muito ruim), mas depois que ele parou de rir, se tornou um professor paciente. Ele me corrigia e, enquanto andávamos, ele apontava as coisas e me dizia como eram chamadas (pira, *pahkah*, tocha, *pahkan* e apenas fogo, *pahk*). Ele também interveio quando conversei com o povo, muitas vezes fazendo mímica imitando o que eles estavam dizendo, o que *me* fazia rir.

Mas hoje eu estava perdida em pensamentos e Bain percebeu isso. Então, embora ele andasse perto e muitas vezes falasse baixinho para mim, estava me deixando quieta.

Bain fazer isso me fez pensar que, talvez, em algum lugar, sua esposa estivesse sorrindo também.

Estava pensativa principalmente porque o dia parecia estranho. Eu não pude entender porquê, mas estava. Acordei sentindo isso no ar e não havia desaparecido.

Mas também, eu estava pensando sobre o que Lahn havia dito sobre como cheguei em posse de um batedor Korwahk. Ele claramente sabia, assim deve ter perguntado como isso aconteceu. Isso não era surpresa — curiosidade sobre sua nova companheira — e isso não me incomodou.

O que me incomodava sobre isso era que havia uma história para contar. Pensei que havia acordado em uma baía cheia de mulheres.

Como eu poderia estar em um navio pirata?

Isso não fazia sentido, em uma situação que não fazia sentido. Eu estava aqui, estava aqui há quase três semanas e parecia que eu não ia voltar para casa.

Mas como cheguei aqui?

E quem era a Circe (ou seja lá qual fosse seu nome) que estava em um navio pirata?

Eu precisava de respostas, mas não sabia como encontrá-las e não tinha certeza se as queria. O conhecimento podia ser mais assustador do que a realidade.

Dito isso, Diandra comentou algo que eu não havia prestado atenção na época porque eu me sentia uma porcaria, estava tremendo incontrolavelmente e Lahn estava extremamente chateado, então eu tinha outras coisas em mente. Mas quando tive insolação, ela me disse que o remédio era natural, não “bruxaria”.

Se era possível ouvir animais neste mundo (e Ghost falava comigo, ela era um bebê, não tinha muitas palavras e todas eram de Korwahk, então eu não sabia o que ela estava dizendo na metade do tempo, mas ainda entendia seus miaus, ronronados e rosnados como linguagem humana). Se os cavalos podiam ser tão brancos, eles brilhavam como gelo azul. Se mulheres inocentes pudessem ir para a cama em Seattle e serem transportadas para um universo alternativo.

Então podia haver magia.

E talvez alguém aqui tenha feito isso.

E, talvez, esse alguém soubesse o que estava acontecendo comigo.

E, se eu soubesse o que era, talvez pudesse descobrir o que deveria fazer.

— Dahksahna Circe — Bain murmurou e eu tardiamente percebi que ele ficou tenso ao meu lado.

Voltei a mim, olhei para ele e então para onde seus olhos estavam observando.

O eunuco estava vindo em nossa direção e seus olhos estavam em mim.

— Tee lapay lee Xacme — Bain falou em voz baixa para mim: *Esse é o eunuco.*

Olhei de volta para Bain e, antes que ele disfarçasse, vi desgosto em suas feições.

Ah, cara.

— Kah Dahksahna — o Eunuco murmurou, inclinando a cabeça quando parou diante de mim.

Humm.

Ele me chamou de “kah Dahksahna”. A maioria das pessoas me chamava de “rahna Dahksahna”, “rahna Dahksahna hahla” ou “Dahksahna Circe”, se me conhecessem muito bem.

Ninguém simplesmente me chamava de rainha.

Que estranho.

— Poyah — cumprimentei e ele ergueu a cabeça, seu rosto inexpressivo.

Ah, cara.

— Eu sou o eunuco — afirmou e eu pisquei.

— Você sabe Ing... quero dizer, Valeariano? — perguntei.

— Eu falo a língua do Vale — ele respondeu, levantando um pouco o queixo.

Ele falava outra língua. *Muito* estranho. Por que Lahn não usou esse cara como intérprete?

— Bem, hum... legal, hã, isso é, ótimo, quero dizer. Adorável, hã... finalmente conhecê-lo — gaguejei. — Hum, qual é o seu nome?

Ele me olhou.

Então repetiu:

— Eu sou o eunuco.

— Ah... tudo bem. Eu... ouvi isso, mas... — Caramba! — Estava perguntando seu nome.

— Meu nome? — ele perguntou de volta.

— Sim, aquele que você recebeu no nascimento — eu disse a ele. Seu rosto agora se fechou.

— Esse nome foi tirado com a minha masculinidade, kah Dahksahna — ele me informou com frieza.

Certo, havia muitas conversas desconfortáveis que uma pessoa tinha que ter em sua vida. Quando terminavam com alguém, por exemplo. Quando ferravam com tudo e tinha que admitir que estavam errados. Mas conversar com um cara que teve suas bolas cortadas sobre isso, batia todas elas.

Eu o olhei nos olhos um momento antes de dizer suavemente:

— Certo, mas você ainda é esse homem, não importa que atrocidade tenha acontecido com você, então... gostaria de saber o seu nome.

Nesse ponto, Bain disse algo que parecia estar perguntando: *O que sua rainha está exigindo de você?*, mas eu não tinha certeza.

— Kah trooyha — *meu nome*, o eunuco respondeu (lá estava, eu tinha razão sobre o questionamento de Bain).

— Uvoo tee luh zah — *Diga a ela*, Bain ordenou com firmeza e impaciência.

O eunuco olhou duro para Bain por um breve segundo e depois se virou para mim.

— Karrim, minha rainha — ele respondeu com outra leve inclinação da cabeça.

— Shahsha — eu disse suavemente.

Ele me encarou por um segundo e depois disse:

— Receba minhas desculpas. Tive muitas coisas para fazer. A caça, a seleção, o passeio. Tenho estado muito ocupado para me apresentar à minha rainha. Gostaria que me perdoasse.

— Não há necessidade, eu entendo. — Balancei um braço para indicar a Daxshee ao mesmo tempo em que abri um sorriso. — Suas responsabilidades são vastas. Qualquer um pode ver isso.

Outra reverência obsequiosa e um murmúrio:

— Shahsha. — Seus olhos encararam Bain e voltaram para mim tão rápido que era quase como se eu estivesse vendo coisas antes de ele continuar. — Estou perguntando se você está lidando bem com tahna Dax.

Inclinei a cabeça para o lado.

— O quê?

Seus olhos focaram na minha bochecha, agora, eu suspeitava, sem qualquer descoloração, e depois de volta para mim.

— Você e o tahna Dax, tenho esperança de que tudo esteja bem na sua tenda.

Um formigamento deslizou pela minha coluna antes de eu dizer:

— Está tudo bem. — Então, querendo que Bain participasse dessa conversa, falei em Korwahk, esperando que estivesse dizendo certo — Jak lapay yahka. — *Tudo está bem.*

— Jak lapay yahka? Zut tela? — Bain perguntou e eu olhei para ele.

— Kay loot kah Dax — respondi sua pergunta de: *Tudo está bem? Com o quê?* então olhei para o eunuco. — Kah Lahn lapay hum... ocupado gahn estamos, hum, lidando bem, uh, ta lapay yahka. Fahnahsan. — *Eu e meu rei... meu Lahn está, hum... ocupado... mas estamos, hum, lidando bem, er, estamos bem. Felizes.*

O eunuco inclinou a cabeça de forma amável de novo e falou:

— Dohno, kah Dahksahna, muito dohno. — Ele estava obviamente evitando os olhos de Bain, e talvez a vibração infeliz que o guerreiro emanava, e estava claro que ele queria evitá-lo e eu sabia disso quando ele inclinou a cabeça de novo e falou: — Vou deixar você com seus... passeios. Goyah, kah Dahksahna. — Ele fez uma inclinação sem qualquer contato visual com Bain e um resmungado: — Goyah, Tunakan^[14].

Depois que falou isso, ele saiu correndo.

Pode-se dizer que não gostei de como isso aconteceu e quando Bain tocou meu braço para nos mover para frente novamente, eu sabia

que por sua contínua e infeliz vibração que ele também não gostou.

Então ele falou em Korwahk e usou palavras fáceis para que eu pudesse entender.

— Não gosto desse homem.

Ah, droga.

Ele avisou:

— Seja cautelosa, Dahksahna Circe.

Entendi muito bem.

— Ok — sussurrei.

Nesse momento, um grito todo-poderoso soou no ar, tão medonho que fez pedaços de gelo deslizarem por minhas veias.

No mesmo instante, Bain ergueu um dos braços, a mão indo para trás do pescoço onde ele desembainhou a espada com suavidade e rapidez enquanto o outro braço dava a volta na minha cintura e me puxou para si, recuando enquanto as pessoas corriam e se afastavam.

Bain grunhiu uma pergunta para alguém que estava indo na direção oposta, conseguiu uma resposta e o homem falou tão rápido, que as únicas palavras que consegui identificar foram “Dortak” e “zak bahsah”, *sua esposa*.

Ah, merda.

Outro grito soou no ar.

Ah, merda!

O corpo de Bain ficou tenso com a resposta e então ele tentou me puxar de volta, mas fixei meus pés e torci o pescoço para olhar para ele.

Em Korwahk, fiz o melhor que pude para gritar:

— Precisamos ir até ela!

— Me, kah rahna Dahksahna — ele negou.

— Bain! *Precisamos ir até ela!* — Ele continuou me puxando de volta então gritei — Nahna Dahksahna tahnnoo tee! — *Sua rainha está ordenando isso!*

Ele me olhou nos olhos por um instante, claramente leu alguma coisa e depois murmurou:

— Tooyay kay.

Diandra havia me dito o que “tooyo” significava e que não tinha uma tradução literal, mas a descrição fazia parecer que significava “Dane-se”. Isso significava que Bain murmurou dane-se, o que teria sido engraçado em qualquer outra ocasião, mas obviamente não nesta.

Ele me soltou, mas segurou minha mão, manteve a espada desembainhada e nós corremos para a tenda. Ele gritou ordens para as pessoas ao redor. Elas se viraram, me viram, se afastaram, chegamos à frente da tenda e eu vi um pesadelo.

Dortak estava mantendo a esposa de joelhos na sua frente, a mão segurando o cabelo dela. Ele estava inclinado, com a lâmina de uma faca em sua garganta e o sangue estava escorrendo de um corte enorme e aberto em seu ombro. Seu rosto estava vermelho e contorcido de raiva. Era óbvio que ela tinha sido espancada recentemente e não estávamos falando de tapas, o que seria ruim o suficiente, mas socos. Suas bochechas estavam encharcadas com lágrimas, e eu sabia que ele estava prestes a cortar sua garganta.

Então, sem um único pensamento, girei, agarrei o cabo de uma das facas no cinto de Bain, puxei-a para fora da bainha, virei de volta e avancei rapidamente até que eu estava com a faca apontada na jugular de Dortak.

— Pare — comandeí em Korwahk.

Ele me olhou com raiva e, em seguida, a lâmina cortou o pescoço da moça e o sangue começou a pingar do corte raso, mas ela gritou de uma forma que fez minha pele se arrepiar.

Pressionei a ponta da minha lâmina no pescoço dele.

— *Pare!*

— Kah rahna Dahksahna — Bain disse suavemente. Ele estava perto.

— Sua rainha está ordenando que pare — gritei em Korwahk para Dortak, ignorando Bain, meus olhos colados aos escuros e cruéis de um monstro.

Ele deslizou a lâmina mais profundamente e outro grito soou no ar. Ela se remexeu em seus braços (não era a coisa mais inteligente a fazer, pensei vagamente, considerando que a lâmina dele havia aberto sua pele) e lágrimas caíram do seu queixo.

— Sua rainha está ordenando que pare! — gritei, empurrando a minha faca mais profundamente e uma gota de sangue cercou o ponto.

Ele parou, me olhou, e eu o encarei. Estávamos nos olhando nos olhos. Eu estava respirando forte, meu peito expandindo profundamente e baixando com tanta força que eu podia sentir cada respiração.

— *Sua rainha está ordenando que pare*, Dortak, solte a espada — Bain falou em Korwahk atrás de mim e os olhos de Dortak deslizaram para ele.

— Sua rainha ordena isso, solte... a... espada. — Outra voz soou um pouco mais longe. Uma voz familiar, mas eu estava me concentrando em não enfiar a faca na sua garganta ou não desmaiar, então eu não tinha a capacidade de identificá-la.

O olhar de Dortak voltou para mim e eu o encarei.

— *Largue sua espada!* — Bain trovejou.

Os olhos de Dortak se moveram sobre o meu ombro e subiram novamente, em seguida, deslizaram através de mim para absorver outra coisa. Seus lábios se curvaram em um sorriso de desprezo e ele largou a lâmina, mas empurrou sua esposa para que ela caísse de cara no chão na frente do seu corpo.

Comecei a me aproximar dela, mas não dei um passo sequer. A mão de Bain se enrolou ao redor da minha, e ele saiu, me arrastando junto. Quando ele me puxou através da multidão de pessoas, tive um vislumbre de vários guerreiros, incluindo Zahnin, que era a voz que não consegui identificar (principalmente, porque ele nunca tinha falado muito

comigo, a maior parte do que ele dizia era monossilábico e tudo isso era grunhido).

Fiquei surpresa por ele ter me defendido.

Eu também estava correndo pela Daxshee para acompanhar os passos rápidos, determinados e urgentes de Bain e estava tremendo como uma folha.

Quando chegamos à minha tenda, ele me empurrou para dentro, pegou a lâmina da minha mão, embainhou-a e depois se inclinou, colocou um dedo no meu rosto e grunhiu em Korwahk:

— Não saia daqui.

Seu rosto estava assustador, mas também havia algo mais.

Preocupação.

Ah, merda.

Ferrei com tudo.

Enquanto ele saía, ele grunhiu alguma coisa para Teetru que estava de pé do lado de dentro da tenda. Seus olhos se arregalaram, mas ela assentiu. Ele saiu, ela chamou as garotas e todas elas vieram correndo. Todas ouviram as palavras de Teetru. Então todas assentiram e ficaram de pé na entrada.

Olhei para as minhas meninas alinhadas ali.

Acho que eu não ia a lugar algum.

E tive a sensação de que não tinha ferrado com tudo.

Eu havia me ferrado.

— *O que te possuiu?* — Diandra questionou.

Eu tinha razão. Eu não tinha ferrado com tudo.

Tinha me ferrado.

— Eu não... eu... eu não... nem sei por onde começar! — ela gritou.

Havia passado pelo menos duas horas, mas pareceu dois anos. Minhas garotas não estavam mais na tenda. Não, elas desapareceram. Em seu lugar, havia dois grandes guerreiros de aparência assustadora.

Definitivamente, eu não iria a lugar nenhum.

Diandra chegou quinze minutos antes, sabendo do que havia acontecido, principalmente porque estava se espalhando pela Daxshee como um incêndio.

Ela estava andando de um lado para o outro.

Eu estava sentada de pernas cruzadas na cama, quieta, em pânico.

— Não te falei que o que acontece na tenda de um guerreiro não é da conta de ninguém? — ela gritou.

— Eles estavam fora da tenda, Diandra — falei baixinho.

Ela parou no meio do caminho e se virou para mim.

— Isso não é divertido, minha querida, *nada* sobre isso é divertido — ela sussurrou, embora eu não estivesse tentando ser divertida, apenas informativa. Mas não compartilhei isso quando ela deu dois passos rápidos em minha direção, se curvou e falou: — Você apontou uma arma para um guerreiro.

— Sim, mas...

— Você é uma *mulher* e apontou uma *arma* para um *guerreiro* da Horda Korwahk — ela grunhiu.

— Diandra...

— Não importa que você seja a rainha, você é uma *mulher*, e ele é um *guerreiro*! — ela me cortou.

Levantei a mão.

— Querida — sussurrei —, por favor.

— Ele não estava tentando se forçar em você. Não estava saqueando sua tenda. Nem maltratando suas escravas sem a sua permissão e se recusando a parar a seu pedido. Ele estava com a *esposa*! — ela gritou.

— Mas ele estava... — tentei de novo, soltando a minha mão.

— O que ele estava ou não, *não é* da sua conta! — ela gritou.

— Ele ia matá-la! — exclamei.

— E se ele o fizesse, enfrentaria o Dax por isso, não você. Não você, Circe. O Dax.

— Dois membros da Horda me defenderam — eu disse a ela baixinho.

Ela se endireitou e questionou:

— O quê?

— Bain e Zahnin me apoiaram. Eles me apoiaram — expliquei.

— Sim, também ouvi isso. E você só pode esperar que o Dax, que nunca, mas *nunca* em todos os anos que o conheço como Dax tenha sido tolerante, hoje se sinta dessa forma, pois ele poderia ordenar que cortassem as cabeças dos dois por ficarem contra um irmão.

Respirei fundo, senti minha garganta se fechar e meus olhos se arregalarem ao mesmo tempo.

Ela viu meu olhar e acenou com a cabeça uma vez.

Então, ela disse suavemente com uma calma tensa e mais do que um pouco de medo:

— Sim, ele poderia fazer isso, Circe. — Ela fez uma pausa antes de terminar. — E poderia ordenar que cortasse a sua.

— Ah, meu Deus — sussurrei.

— É uma boa ideia, minha amiga, orar ao seu Deus. Eu temo que você precise Dele agora mesmo — ela sussurrou de volta e vi o medo em seus olhos e suas mãos tremendo.

Sim, eu estava ferrada mesmo.

As abas da tenda se abriram. Olhei naquela direção para ver os guerreiros tensos se afastarem quando Lahn se curvou e entrou.

Parei de respirar.

Bain, Zahnin e Seerim o seguiram, mas eu só tinha olhos para Lahn.

Eu o observei, tentando lê-lo, mas seu rosto estava inexpressivo quando ele deu quatro passos em minha direção, parou e cruzou os braços. Ele estava me observando o tempo todo, mas não demonstrando nada.

Continuou me observando mesmo quando parou de se mover.

Eu não sabia se deveria me curvar diante dele, perguntar se poderia explicar, implorar pela minha vida (e pela vida de Bain e Zahnin) ou explodir as lágrimas aterrorizadas que ameaçavam chamuscar minha garganta.

Então só fiquei sentada olhando para ele.

Isso durou um pouco.

Então ele virou a cabeça e fez um gesto com o queixo para Diandra. Não sabia o que aquilo significava até que ele se virou para mim e começou a falar.

Diandra, traduziu.

— Ao que parece, minha tigresa desembainha mais do que suas garras.

Ah, merda.

Não achei que foi um bom começo.

Senti que era prudente ficar em silêncio.

Lahn falou.

— Você derramou o sangue de um guerreiro, minha rainha.

Pressionei meus lábios e fiquei quieta.

— Você foi a segunda mulher hoje a tirar o sangue dele. Ele foi ferido pela esposa antes de você.

A ferida no ombro. Ela lutou.

Havia algo tragicamente bonito nisso.

Não compartilhei o pensamento com Lahn. Mantive a boca fechada.

Ele olhou para mim. Eu resisti e mantive minha paz.

Então ele disse suavemente e Diandra traduziu:

— Eu vejo, mesmo daqui, o brilho em seus olhos.

Respirei profundamente e me aventurei com suavidade:

— Linay tela? — *Viu o quê?*

— Seu espírito, minha rainha guerreira — ele respondeu com muita calma usando a minha língua.

Certo, isso foi bom?

Ele continuou conversando, mas voltou a Korwahk com a tradução de Diandra.

— Eu julguei, minha tigresa, e não será uma decisão da qual você vai gostar. Mas eu sou o seu rei, é a minha decisão e assim será feito.

— Q-qual é a sua decisão? — sussurrei quando ele não continuou.

— Meus guerreiros ficaram ao lado da sua rainha. Eles não devem ser punidos. Foram designados como guarda pessoal e estavam fazendo o que eu ordenei. Eles juraram levar uma lâmina caso precisassem fazê-lo para salvar sua vida. A situação em que você os colocou era grave, a intenção de Dortak era acabar com a vida da esposa e sua intervenção significava que, uma vez que ele usasse sua lâmina nela, teria usado a mesma espada em você. A fim de mantê-la segura, eles agiram como prometeram a mim. Eles fizeram o que se esperava que fizessem, portanto, não sentirão minha censura.

Bem, isso foi bom.

— C-certo — sussurrei.

— Você, minha Circe, não deveria tê-los colocado em posição de escolher entre a rainha e o irmão. Não foram eles, mas você que tomou uma decisão ruim.

Ah, merda.

Ele me olhou novamente.

Minha boca ficou seca.

Enquanto seu olhar permanecia travado no meu, observei sem consegui desviar o olhar antes que ele murmurasse:

— Kah teenkah rahna tunakanahsa.

Diandra sussurrou:

— Minha pequena guerreira de ouro.

Ok, eu não sabia o que era aquilo.

Isso era bom?

Lahn ficou em silêncio. Engoli em seco.

Então ele falou com Diandra traduzindo.

— Peço que, no futuro, minha tigresa, se você quiser *ser* uma guerreira, que *pense* como uma e isso significaria, antes de despir suas garras ou desembainhar sua espada, que... você... *pense*.

Ok, ele disse “no futuro”, o que indicaria que eu tinha um.

— Lahn — sussurrei.

Ele falou sobre mim (como fez Diandra).

— Devo tirar a vida dela, Circe.

Pisquei rapidamente antes de perguntar:

— O quê?

— Ela atacou o marido, isso é proibido. Devo tirar a vida dela.

Meus pulmões se contraíram enquanto eu repetia, mais calmamente desta vez:

— O quê?

— Este é o meu julgamento — ele declarou.

Ele não podia estar falando sério.

— Você sabe como ele a trata — sussurrei.

— Sim.

— Ela não tinha outra escolha — expliquei.

Lahn assentiu.

— Ela não tinha — ele concordou. — E agora, nem eu.

— Mas você é o rei — eu disse baixinho.

Ele deu um passo na minha direção, e eu usei as mãos para voltar para a cama. Seus olhos caíram para o meu corpo, ele parou então seus olhos vieram para os meus.

— Eu sou o rei — ele disse baixinho. — E, em uma semana, enfrento o desafio da lâmina de Dortak. Mas hoje, enfrento a responsabilidade de liberar sua esposa da prisão que ele fez da sua tenda. Dortak vai cair. Ela tinha que esperar uma semana pela libertação. Ela decidiu não esperar. Ela é de Korwahk. Sabia exatamente o que estava fazendo quando o atacou. Sabia que se ele não acabasse com sua vida, eu o faria. Ela estava pedindo esse julgamento, Circe. Ela está pedindo isso. Ela sabe, eu sei e você, minha tigresa, sabe que o tratamento que ela teve nas mãos dele quebrou seu espírito. Está morto dentro dela. Ele foi para outro reino. Ela deseja se juntar a ele. E você se sentará em seu trono, ao meu lado enquanto faço este julgamento e a sentença é cumprida. Você estará lá como minha rainha, como é seu dever para comigo e seu povo. Mas você também estará lá por ela. São seus olhos que ela deseja ver antes de se mudar para o próximo reino. É o seu espírito, tão perto da superfície, que irá guiá-la.

Eu estava com os olhos colados nos dele e estava ofegante quando ele terminou com uma voz gentil.

— Este é o meu julgamento, minha linda de ouro. Se prepare para o seu trono.

Com isso, ele imediatamente se virou e saiu da tenda, todos os guerreiros o seguiram.

Olhei para a entrada da tenda por vários minutos depois que eles se foram e mesmo depois que minhas garotas entraram apressadas.

Então olhei lentamente para Diandra.

— Ele acabou de dizer que vou participar da execução da mulher?
— sussurrei, mas ela estava perto da cama, estendendo a mão para mim. Suas ações eram apressadas.

— Sim, minha querida, e não devemos nos atrasar. Para o bem daquela pobre moça, precisamos acabar com o sofrimento dela rapidamente. Portanto, precisamos prepará-la.

Ela segurou minha mão, me puxou e automaticamente me arrastei para fora da cama.

E então, sem uma palavra, presa em uma névoa de horror, permiti que minhas garotas e Diandra me preparassem para tomar meu trono e testemunhar uma execução.

Capítulo 20

A Execução

Rainhas Korwahk tinham roupas de execução.

Descobri isso quando minhas roupas foram tiradas e novas foram colocadas. Um pedaço grande e quadrado de seda preta, dobrado e amarrado em volta dos meus seios, o final pendendo e chegando a um ponto no meu umbigo no qual dois discos de ouro foram costurados e pendurados, um para cada ponto, mais dois batendo em mim, frios e pesados, do laço nas minhas costas. Um sarongue preto listrado com ouro. Um cinto preto feito de couro trançado com correntes de ouro. Uma gargantilha de ouro feita de elos que cobriam meu pescoço da base até o queixo. Minhas faixas de ouro foram empurradas para o meu braço, longas e largas argolas de ouro presas nos lóbulos das orelhas. Sandálias de couro preta estavam amarradas aos meus pés.

Minha maquiagem do dia foi suave, mas rapidamente lavada e kohl preto foi aplicado ao redor dos meus olhos, assim como sombra cinza de carvão vegetal, pó de ouro ao longo das maçãs do meu rosto e têmporas e um tom cereja profundo foi pintado em meus lábios.

Meu cabelo ficou como estava, solto com torções e cachos, mas os alfinetes e cliques que o enfeitavam para o dia foram removidos e Teetru deslizou os dedos, sacudindo-o e o bagunçando um pouco, de modo que parecesse cheio.

A faixa dourada de penas estava amarrada ao meu cabelo.

No minuto em que Diandra nos acompanhou pelas abas da tenda, vi os guerreiros. Não um, dois ou quatro... mas dez. Enquanto Diandra me guiava em direção ao mar de tendas, eles se separaram, quatro na frente, um de cada lado, quatro na parte de trás.

A Daxshee estava estranhamente silenciosa e, enquanto caminhávamos, não vimos uma única alma. A noite caiu e a luz das tochas iluminava o vasto espaço. Eu podia ver o espaço aberto em ascensão quase até o extremo oposto da Daxshee ardendo em chamas, e mesmo de longe, vi pessoas se reunindo lá e havia muitas delas.

Eu sabia que era para onde estávamos indo.

O ar estava estranho, como quando acordei naquela manhã e durante todo o dia. Mas agora era pior. Estava espesso. Denso.

Não conseguia respirar.

— O Dax foi tolerante, minha querida — Diandra sussurrou para mim enquanto caminhávamos. Ela, como de costume, curvou minha mão em torno do seu cotovelo, me puxou para perto e segurou a outra mão sobre a minha. — É uma bênção — ela continuou. — Ele não puniu a você ou seus guerreiros. Tomou seu tempo para explicar o julgamento para você. Ele fez isso de forma gentil, linda Circe. Estou espantada. É uma bênção.

Mantive meus olhos em frente enquanto sussurrava de volta:

— Adoro você, minha doce amiga, mas agora, preciso me preparar para o que vai acontecer, então posso pedir que você fique quieta?

Ela tirou a minha mão do braço dela, mas deslizou a dela ao longo da minha cintura e me puxou ainda mais perto, enquanto murmurava:

— Claro, meu amor.

Passei meu braço ao redor da sua cintura e caminhamos através da silenciosa e vazia Daxshee. Foi uma longa caminhada, mas não o suficiente para eu me preparar para testemunhar a execução de uma mulher cujo único crime foi ser bonita o suficiente para capturar a atenção de um observador Korwahk.

Finalmente, diante de nós, através dos guardas guerreiros, vi uma parede de pessoas, ombro a ombro. Elas nos viram e se separaram devagar para que pudéssemos passar. Quando o fizemos, segurei Diandra com mais força, olhei para frente e evitei todos os olhos.

Eles achavam que agi errado, muitos deles provavelmente pensavam que eu deveria ser punida, mas não foi por isso que eu evitei os olhos deles. Não acho que tinha condições de enfrentar isso e precisava manter o controle que eu tinha, então não o perdi. Não agora. Não tão cedo. O que quer que me trouxe aqui, eu era a rainha deles.

Eu precisava agir como uma.

Entramos em uma clareira relativamente iluminada com tochas ao redor e fogueiras queimando em ascensão e meus olhos foram imediatamente para o que havia nela.

Dortak, de pé, com os pés bem abertos, braços cruzados, atadura em volta do ombro, virado para nós, mas seu pescoço estava retorcido para que ele pudesse nos ver chegar.

Eu mal o olhei antes que meus olhos se desviassem para a pedra para ver sua noiva a seus pés. Ela estava de joelhos, inclinada para a frente, com as mãos apoiadas na pedra.

Pelo que pude ver, estava usando um sarongue de gaze branca.

Olhei para o alto, onde pude ver Lahn de pé em uma plataforma com os nossos tronos lado a lado, com fogueiras próximas a elas, tochas ao redor.

Ele estava pintado.

Senti algo ao meu lado, olhei e vi que Seerim estava ao lado de Diandra. Ele tinha a mão sobre a dela, mas de repente olhou para a subida e segui seus olhos para ver Lahn balançar a cabeça uma vez. Olhei de volta para Seerim que estava assentindo. Ele baixou a mão para pegar a esposa e, mesmo na noite iluminada por tochas, vi o firme aperto antes que ele se afastasse e desaparecesse.

Eu deveria ficar com a minha amiga.

Graças a Deus.

Minha amiga ia ter um lugar na primeira fila em uma execução.

Ela caminhou e seu passo não vacilou, nem saiu do meu lado.

Como prometido.

Droga, mas eu devia muito a ela.

Olhei de novo para a elevação e notei que Bain e Zahnin estavam de pé atrás do meu trono. Quando nos aproximamos, Lahn se sentou no dele. Ele estava no modo rei. Eu sabia disso no minuto em que seus olhos pintados inexpressivos me deixaram e ele se sentou em seu trono.

Não me demorei. O guarda se afastou e fui direto para o meu trono e me sentei, Diandra parada ao meu lado.

Os tambores começaram a soar, os pequenos, mas o barulho soou como um martelo gigante na noite.

Apoiei as mãos nos braços da minha cadeira e a apertei.

De repente, os tambores pararam e no instante em que o fizeram, Lahn gritou e Diandra se inclinou em meu ouvido para traduzir.

— Estamos aqui porque a esposa de Dortak golpeou o marido!

Ninguém disse uma palavra. A luz da tocha dançou, as fogueiras crepitaram. Meus dedos ficaram tensos no trono.

Lahn falou.

— Agora, ela deve receber meu julgamento!

Engoli em seco e voltei os olhos para a mulher que ainda estava curvada para seu rei.

Então um sussurro atravessou o ar. Olhei para cima e vi um guerreiro atravessar a multidão. Ele entrou na pequena clareira que não ficava perto do vasto espaço da clareira cerimonial do outro acampamento e parou.

Era Bohtan.

Ele gritou e Diandra traduziu:

— Eu gostaria de falar, meu rei!

— Você será ouvido! — Lahn gritou de volta.

Bohtan não se demorou.

— Nossa rainha guerreira de ouro tem defendido a noiva de Dortak. Ela tem um vínculo com a esposa dele e também com minha esposa Nahka. Minha esposa sentiu essa ligação estreita, conectando-a através

da nossa verdadeira rainha de ouro à noiva de Dortak e, se for seu comando poupar sua vida, ela quer ajudar nossa rainha a ressuscitar a esposa do espírito de Dortak.

Meus pulmões se apertaram e meu corpo ficou tenso junto com eles.

Outro sussurro atravessou o ar enquanto Lahn permanecia em silêncio.

A garota de um metro e meio da base dos nossos tronos não se mexeu, mas o rosto de Dortak se contorceu de desgosto.

Outro guerreiro entrou na clareira. Olhei para ele e vi que era Feetak.

— Eu gostaria de falar, meu rei! — ele gritou.

— Você será ouvido! — Lahn retornou.

Feetak também não se demorou.

— Minha esposa, Narinda, também compartilha um vínculo com nossa rainha. Ela me diz que também deseja ajudar nossa rainha a ressuscitar a esposa do espírito de Dortak.

Senti a mão de Diandra apertar meu ombro, indicando que ela ficou gravemente surpresa com o processo.

Eu também estava, considerando que Narinda não tinha fluência suficiente da língua Korwahk para informar Feetak disso, mas de alguma forma, ela conseguiu ou ele assumiu isso por ela. Ou, simplesmente era um bom homem. Ele deu um passo à frente.

Segurei firme no meu trono enquanto olhava e tentei controlar minha respiração rápida.

Outro guerreiro avançou.

— Eu quero falar, meu rei!

E outro:

— Quero falar, meu rei!

Um tremor deslizou sobre a minha pele.

Ah, meu Deus!

Os dedos de Diandra me apertaram com tanta força que causaram dor.

E então veio outro:

— Eu desejo falar, meu rei!

E outro:

— Eu quero falar, meu rei!

Mais três vieram simultaneamente de três lados diferentes.

— Quero falar, meu rei!

Os braços de Dortak caíram. Ele deu um passo para trás e virou a cabeça para observar seus irmãos, seu rosto agora distorcido de raiva.

Sua noiva não se mexeu.

Mais guerreiros avançaram e gritaram as mesmas palavras.

— Chega! — Lahn explodiu.

Olhei para ele e vi que estava com a mão levantada.

Ele não me olhou.

Me voltei para a clareira e vi que agora estava quase cheia de guerreiros, com Dortak e sua noiva inexpressiva.

O ar ficou mais tenso enquanto eu e a multidão silenciosa prendemos a respiração.

Finalmente, Lahn falou.

— Noiva de Dortak, olhe para o seu rei.

Ela não hesitou em se levantar para se apoiar nas panturrilhas e levantou os olhos para Lahn. Estava usando uma larga faixa de gaze ao redor dos seios e uma fina foi envolvida em torno do corte em sua garganta. Seu rosto estava limpo, mas o olho esquerdo estava quase inchado e roxo.

Engoli em seco de novo.

— Os guerreiros de Suh Tunak falam por você — Lahn falou.

Ela ergueu o queixo.

— As esposas deles falam por você — ele continuou.

Ela ergueu o queixo novamente.

— É seu desejo que minha rainha e suas mulheres ressuscitem seu espírito? — Lahn perguntou, e eu segurei meu trono enquanto os dedos de Diandra apertavam meu ombro.

Ele estava dando uma oportunidade a ela!

Ela balançou a cabeça.

Não!

Fiquei tensa para me erguer da cadeira, mas a mão de Diandra me segurou.

— Você entende que o julgamento foi feito? — Lahn perguntou.

Ela ergueu o queixo.

— E você aceita esse julgamento — ele declarou.

Ela ergueu o queixo novamente.

Não!

Senti meus lábios tremerem quando meu corpo estremeceu com o esforço de ficar sentada e imóvel.

Eu queria falar com Lahn. Queria que ele dissesse a ela que era sua decisão que ela devesse permitir que eu e as esposas de Suh Tunak ressuscitassem seu espírito. Enviei esse pensamento e esperei que ele o encontrasse em sua mente.

Não aconteceu.

Soube disso quando ele falou baixinho:

— Muito bem, minha irmã.

Inclinei a cabeça para o lado e vi a sua virada, levantando o queixo para alguma coisa. Olhei para lá e vi o eunuco se aproximar com uma lâmina longa e fina.

Lahn se voltou para a mulher, assim como eu, vendo-a agachada, aparentemente calma. Olhei para Dortak para vê-lo sorrindo.

Deus, Deus, *Deus*, mas eu *odiava* esse homem.

Apertei os chifres com tanta força que temi que meus dedos se quebrassem enquanto o eunuco se posicionou atrás dela, inclinado para a

frente, segurou-lhe no que parecia ser terno de um jeito estranho sob sua mandíbula e segurou a lâmina em sua garganta.

Então ele ergueu os olhos para o seu rei.

— Você tem palavras, irmã? — Lahn perguntou suavemente.

A mulher de branco olhou para ele. Então, lentamente, seu olhar deslizou para mim.

Um pequeno e trágico sorriso atravessou sua boca e ela disse uma palavra.

— Arco-íris.

E então tão rápido que era quase como se eu não visse, as mãos dela se ergueram. Ela agarrou a faca, arrancando-a do Eunuco que gritou de surpresa. Ela a pegou, apontou para a barriga, empurrou-a e puxou-a para cima.

Sangue saiu da ferida, suspiros altos, gritos e exclamações podiam ser ouvidas por toda parte, mas fiquei de pé, com os braços esticados para baixo, a cabeça inclinada para trás e gritei para o céu.

— *Não!*

Exatamente no mesmo tempo em que gritei, relâmpagos iluminaram o céu, uma trovoadá encheu o ar, os céus se abriram e a chuva caiu.

— Acabe com a sua miséria! — Lahn gritou.

De alguma forma, soube que ele agora estava de pé, mas não olhei. Inclinei a cabeça para baixo para ver que ela havia caído para frente.

O eunuco não se demorou. Ele ficou de joelhos, levou as mãos para a noiva de Dortak, ele a puxou e tirou a lâmina da sua barriga. Seus olhos doloridos capturaram os meus e eu os encarei quando ele rapidamente colocou a lâmina em sua garganta. O sangue subiu, molhando a pedra e eu observei, meus olhos fixos nos dela pelos terríveis e breves segundos que a vida foi perdida de seus olhos.

A chuva caía abundante, já lavando o sangue dela em um rio escuro através da pedra clara.

— Não — sussurrei enquanto as lágrimas enchiam meus olhos, a chuva batia contra a minha pele, meu cabelo, minha roupa, tudo encharcado em segundos.

Dortak rugiu em triunfo. Meus olhos foram para ele, que bateu com o punho em seu peito, em seguida, deu um soco no ar, se virou e abriu caminho através da multidão.

Vi um movimento pelo canto do olho. Dois homens e quatro mulheres. Os homens carregavam alguma coisa e uma das mulheres tinha um enorme maço de tecido branco nas mãos. Eles chegaram até a mulher caída e as elas colocaram o tecido sobre a pedra molhada enquanto os homens a erguiam com cuidado e a colocavam em uma das extremidades. Eles se afastaram quando as mulheres gentilmente rolaram seu corpo sem vida, envolvendo-a com força na manta de gaze branca e úmida, o sangue ainda escoando de suas feridas manchando-a de vermelho.

Uma vez que ela foi embrulhada, os homens se adiantaram, a levantaram em uma maca e rapidamente todos saíram da clareira.

— Kah Lahnahsahna — Lahn chamou.

Enevoadada como se estivesse em um sonho, virei a cabeça lentamente para ele e vi sua pintura se dissolvendo em seu corpo enquanto a chuva batia nele.

Seu braço foi estendido para mim.

Olhei para ele.

— Vá para o seu rei — Diandra sussurrou no meu ouvido, suas mãos na minha cintura, me empurrando. — Agora, meu amor.

Eu me movi até o meu rei.

Ele pegou minha mão, me puxou para perto, inclinou nossos braços e segurou minha mão perto do seu peito e, comigo a seu lado, nós saímos

da plataforma, descemos a rampa através da multidão reunida que estava em pé, silenciosa e imóvel (exceto para nos deixar passar) na chuva.

Mantive minha cabeça erguida, os olhos firmes, mas isso não significava que não chorei o caminho todo para casa.

Minhas garotas estavam na tenda quando chegamos e entraram em ação.

Minhas roupas e joias foram tiradas, mas antes que Packa pudesse colocar um pano para secar minha pele molhada, Lahn murmurou:

— Tahkoo tan — e elas saíram correndo do chalé.

Lahn, também ainda molhado, sua tinta preta se esvaindo, mas agora em menos intensidade, veio até mim e gentilmente me puxou para a cama, não apenas sob o lençol de seda, mas também sob a primeira camada de peles.

Então ele me puxou em seus braços, cara a cara, sua mão segurando a parte de trás da minha cabeça pressionando meu rosto em sua garganta.

Ouvi a chuva batendo no topo e me perguntei como o material não ficava saturado e a umidade não entrava.

Enquanto me perguntava isso, Lahn me segurou perto.

Então, sussurrei:

— Sua Caçada fez isso com ela.

— Rayloo, kah rahna fauna — Lahn disse suavemente, me dando um aperto.

Ele entendeu minhas palavras mesmo que eu falasse na minha língua, eu sabia disso.

— Sua caçada a levou a isso — eu ainda estava sussurrando.

— Rayloo, Circe.

— Ela era linda — continuei sussurrando.

Lahn não respondeu.

— Ele matou a beleza dela e sua alma.

Lahn não disse nada por um momento e então perguntou em voz baixa:

— Alma?

— A palavra do meu povo para pahnsahna, seu espírito — eu disse calmamente.

Isso me deu outro aperto.

Então ele deslizou a mão pela parte de trás da minha cabeça e ao redor do meu queixo, pressionando o polegar suavemente para que minha cabeça inclinasse para trás. Ele estava me olhando, seus olhos, eu podia ver, suave à luz das velas.

— Os céus choraram — ele falou em Korwahk.

Eu sabia que o ar parecia estranho o dia todo por causa da tempestade iminente, mas ainda respondi na minha língua.

— Isso acontece quando inocentes são punidos.

— Inocentes — ele sussurrou.

— Aqueles que não fizeram mal — respondi em Korwahk.

Ele inclinou a cabeça para que sua testa pudesse descansar na minha.

Fechei meus olhos.

Abri-os e sussurrei em Korwahk:

— Você estava certo, ela desejou aquilo.

— Eu sei, minha tigresa — ele sussurrou de volta na minha língua.

Estava sussurrando quando disse em Korwahk:

— Obrigada por não me punir.

Ele recuou ligeiramente o queixo e afastou a testa da minha antes de responder.

— Eu não iria puni-la por ser o que você é.

Eu pisquei e perguntei suavemente:

— O quê?

— Kah Circe, você é kah Lahnahsahna, é a minha rainha guerreira. É quem você é. Não é o que alguém fez de você. Isso brilha nos seus olhos. É o que vejo nos rapazes que escolho para servir Suh Tunak. É por isso que escolhi você. É por isso que nos adequamos. É por isso que juntos começamos a Dinastia Dourada da lenda.

Seu polegar começou a acariciar meu queixo enquanto ele continuava.

— Não posso dizer que não gostaria que você tivesse pensado antes de agir hoje. Se Dortak tivesse tirado a vida dela, teria terminado seu tormento mais cedo e a salvaria do que ela suportou esta noite. Mas reconheço que é quem você é.

Olhei para ele com o coração na garganta. Ele estava falando em Korwahk, mas estava fazendo isso lentamente e entendi a maior parte do que ele disse e tinha que admitir, aquilo me emocionou.

Observei sua boca se contorcer antes que ele terminasse:

— Embora eu deva advertir você, pelo menos para tentar controlá-la no futuro. Não gosto da minha rainha de preto.

Minhas roupas eram fantásticas aqui, era verdade. Mas eu estava com ele e esperava que nunca tivesse que usar essa roupa preta novamente na vida.

— Ok — sussurrei e seus lábios se curvaram enquanto seu polegar tocou os meus.

— Ok — ele repetiu.

Eu tinha mais a dizer, então o chamei:

— Lahn?

— Hum? — ele murmurou com outra carícia no meu queixo.

Certo, merda, deve ser dito que havia algumas vezes em que eu realmente gostava do meu marido. Agora era uma delas.

— Obrigada também por não punir seus homens — eu disse e seu sorriso se transformou em uma risada.

— Minha Circe — ele começou. — Na sua reivindicação, você roubou minha espada. Ninguém, nenhum outro homem, nenhum outro guerreiro jamais pegou minha arma. Nem uma vez. Sei que quando sua pequena guerreira brilha, você não para por nada. Eu não podia punir Bain por sua arma ter sido apreendida quando você se aproveitou, porque fez o mesmo comigo. Ele não podia te controlar, então ele e Zahnin tentaram controlar a situação. Isso não é motivo para punição.

Mais uma vez, ele estava falando em Korwahk, então não entendi tudo, mas compreendi a essência.

E a essência me fez olhá-lo.

Então, quando ele não recebeu resposta, Lahn falou em voz baixa.

— Gosto da minha pintura em você, minha linda de ouro, porque gosto de como eu coloco isso em você. Mas gosto mais que seu espírito guerreiro mereça a pintura.

Continuei o olhando.

Então perguntei (em Korwahk):

— Ninguém nunca tomou sua arma?

Ele assentiu.

— Uau — sussurrei e ele sorriu novamente.

— Não sei o que isso significa, minha tigresa, mas a maneira como você diz isso e a expressão em seu rosto, não tenho que perguntar.

Senti meu rosto suavizar. Então inclinei a cabeça até que minha testa descansou em seu queixo. Para isso, ele inclinou a sua até que seus lábios descansaram na minha testa.

Lá, ele murmurou:

— Os céus choraram por ordem da minha esposa.

Pisquei e inclinei a cabeça para trás para perguntar o que ele queria dizer, mas antes que eu pudesse dizer uma palavra, do lado de fora da tenda, ouvi um homem gritar:

— Kah Dax!

Lahn virou a cabeça e, então, para meu choque (e horror, devo acrescentar), ele gritou:

— Entre! — em Korwahk e se levantou para sentar na cama, *me levando com ele*. As peles caíram quando ele puxou minhas costas para a sua frente, então eu estava de frente para as abas da tenda, com o braço em meus seios cobrindo um pouco a minha nudez dos três guerreiros que se inclinaram e entraram.

Ele não precisava me proteger. Eles só tinham olhos para o rei deles.

Um diálogo rápido em Korwahk começou, mas entendi.

— Você é necessário, meu rei — um dos guerreiros falou.

— Estou com a minha noiva — Lahn respondeu (que eu achei legal).

— É importante, meu rei — outro guerreiro disse.

— Deixo minha esposa em nossa cama, é melhor que seja — Lahn retrucou.

— Você tem meu voto — o segundo guerreiro falou novamente.

Lahn hesitou antes de suspirar. Então ele me virou em seus braços, sua mão subiu para segurar meu queixo e ele inclinou o rosto contra o meu.

— Descanse e tente dormir, minha tigresa. Eu voltarei — ele disse na minha língua.

Assenti.

Ele segurou meu rosto com firmeza e tocou seus lábios nos meus antes de me colocar na cama, jogar as peles em cima de mim, sair da cama, ir para os baús, pegar outra calça e deixar a tenda ainda as amarrando nos quadris.

Os guerreiros o seguiram.

A chuva caiu.

Deitei na cama, na tenda, ouvindo as gotas baterem contra o topo e tentei fazer como meu marido ordenou: descansar e dormir.

Mas tudo o que encheu minha cabeça foi a linda e trágica noiva de um monstro dizendo uma palavra que ela não conhecia, mas que eu sabia em minha alma que ela entendeu.

— Arco-íris.

E eu esperava que ela tivesse superado isso, seu espírito agora habitando um mundo maravilhoso.

Acordei quando os braços de Lahn me puxaram contra seu corpo.

Sonolenta, levantei o rosto para ele e abri os olhos.

— Está tudo bem? — sussurrei.

— Sim, minha linda de ouro. Agora durma.

Assenti, mas mantive o rosto inclinado para o dele quando ele se aproximava do meu.

E quando seus lábios pressionaram contra os meus, grogue e sem pensar, os meus se abriram.

E no instante em que o fizeram, sua língua tocou o interior.

Foi ótimo e ele tinha um sabor ainda melhor.

Meu corpo se aconchegou mais perto dele quando ofereci minha boca sonolenta ao meu marido, ele aceitou, seus braços se apertando ao meu redor e ele me tomou profundamente.

Quando ele terminou o beijo, senti seus lábios se moverem contra os meus enquanto ouvia as palavras roucas e sussurradas:

— Mel dourado

Murmurei, inclinei o queixo e aconcheguei meu rosto na garganta de Lahn.

Então adormeci em seus braços fortes e tensos.

Capítulo 21

A Deusa Dourada

— Acorde, minha rainha. — Ouvi a voz de Lahn.

Abri os olhos, mas antes que eu estivesse totalmente acordada, ele me arrancou da cama, me colocou sentada em seu colo, com os joelhos dobrados, um braço circulando minhas panturrilhas e cintura, a outra mão acariciando meu cabelo do pescoço para cima.

Sonolenta, me concentrei em seu rosto bonito e sussurrei:

— Oi.

Vi seus olhos sorrirem quando ele sussurrou de volta:

— Oi.

Eu tinha certeza que meus olhos sorriam também principalmente porque eu sabia que estava fazendo isso com os lábios. Ele desviou o olhar para minha boca, seus olhos se aqueceram e sua cabeça se curvou.

Eu estava registrando o calor em seus olhos quando ele murmurou contra meus lábios.

— Seu rei quer o seu mel de ouro.

Uma vaga lembrança da noite anterior invadiu meu cérebro e não hesitei antes de entreabri-los a convite e imediatamente senti a língua de Lahn entrar.

Não. Não foi um sonho que tive ontem à noite. Meu marido podia *beijar*.

Deslizei os braços ao redor dos seus ombros quando ele caiu para trás e, em seguida, se virou. Minhas costas bateram na cama e o corpo de Lahn bateu no meu, o tempo todo nos beijando, nossas línguas dançando. Ele se moveu e eu sabia o que essa mudança significava. Minhas pernas se separaram, seus quadris baixaram e sua mão foi para os laços de um lado da suas peles.

Segundos depois, com sua língua penetrando em minha boca, seu pau me invadiu lentamente.

Gemi em sua boca.

Ah, isso era bom.

Ele começou a se mover lentamente, suas carícias gentis, sem pressa, sua boca nunca deixando a minha.

Não, *isso* era bom.

Seus lábios finalmente se moveram para descer pela minha bochecha até minha orelha, quando ergui os joelhos e pressionei minhas coxas nas laterais do seu corpo para levá-lo mais fundo e o segurei firme com os braços.

— Minha rainha de ouro comanda os céus — ele sussurrou no meu ouvido.

Virei a cabeça para perguntar do que ele estava falando, mas ele virou a dele também, voltou a boca para a minha e minha pergunta evaporou enquanto todo o pensamento se moveu para sua boca, seu peso, seu calor, seu pênis... *e/e*.

Ele estava com os olhos abertos quando sua língua deslizou de volta para minha boca e senti meu estômago se apertar, meus membros tensionarem, meus pulmões queimarem quando vi. Eu vi. Dourado, cintilante, brilhante, brutal e profundo... Deus, tão profundo em seus olhos.

Mas eu vi isso.

Minha mão deslizou em seu cabelo para manter sua cabeça na minha para que eu não a perdesse quando ele me beijasse, fizesse amor comigo e me mostrasse seu espírito.

Nunca vi nada parecido e isso... era... *lindo*.

Apenas com beijos, toques leves e movimentos lentos, doces e profundos, Lahn construiu o fogo até que tive que deixar seu espírito ir para que eu pudesse fechar os olhos com meu clímax, meu gemido afogado em sua boca.

Meros segundos depois, ainda não totalmente recuperada do meu próprio orgasmo, minha boca recebeu o dom de seu gemido.

Uma vez que ele se recuperou, seus lábios tocaram minhas bochechas e olhos, em seguida, seu rosto desapareceu no meu pescoço.

Segurei-o com força e olhei para o teto da tenda, incapaz de me impedir de me sentir comovida por ele me mostrar seu espírito. Algo tão precioso para ele. Algo que ele mantinha em segurança. Que ele não compartilhava e ainda não fui capaz de me impedir de ficar deslumbrada com a exibição.

Merda.

Respirei fundo, virei a cabeça e beijei sua orelha, sussurrando:

— Você é natural nesse negócio de beijar.

Ele levantou a cabeça e olhou em meus olhos. O brilho havia desaparecido, mas seu olhar ainda estava caloroso.

— Natural?

Deslizei a mão para segurar seu queixo.

— Já beijou uma mulher, meu rei? — fiz a pergunta suavemente em Korwahk.

Ele me encarou de uma forma que parecia estar tentando me ler antes que ele grunhisse sua admissão negativa claramente guardada:

— Me.

Fui a primeira dele.

Ele não deu isso a mais ninguém. Só a mim.

Merda. Eu gostei daquilo.

Sorri para ele.

— Bem, você é bom nisso — falei suavemente em meu idioma. — Natural. — Ele me olhou, então levantei a cabeça dois centímetros, meus lábios próximos dos dele, onde sussurrei — Kay anhay tee. — Fiz uma pausa e terminei com ênfase — *Chah*.

Gostei disso... *muito*.

Olhei novamente enquanto seus olhos sorriam.

Então eles ficaram intensos e ele sussurrou de volta:

— Kah rahna tunakanahsa pahnsahnalla.

Eu pisquei.

Isso era novo. Ele me chamou de *minha deusa guerreira de ouro*.

— O quê? — perguntei em Korwahk, — Tela?

Em vez de responder, ele saiu de dentro de mim, rolou e se sentou, me levando com ele, então eu estava escarranchada nele. Ele inclinou minha cabeça com a mão que estava apoiada na minha nuca e seu braço ao redor da minha cintura apertou forte.

Então ele disse em Korwahk (a maioria das coisas eu peguei, outras imaginei):

— Sinto muito, minha tigresa, mas você tem uma escolha difícil esta manhã. Ou você vai a pira ou não. A escolha é sua, mas peço que observe as cinzas da noiva de Dortak chegarem aos céus.

Todos os pensamentos sobre o que Lahn me chamou desapareceram da minha cabeça.

Ontem à noite, assisti a um suicídio de execução. Esta manhã, um funeral.

Fantástico.

Deve ser dito, às vezes este negócio de rainha era um saco.

Deslizei os olhos para sua orelha e sussurrei em Korwahk:

— Eu irei.

— Lahnahsahna — ele me chamou e eu olhei para ele. — Esta não é a escolha fácil — ele me disse, em seguida, me deu um aperto. — Mas é o jeito certo.

Era muito legal que ele entendesse e ainda mais legal que ele parecesse orgulhoso de mim.

Não falei isso para ele. Em vez disso, suspirei e assenti.

Então perguntei em Korwahk:

— Qual era o nome dela?

Instantaneamente, ele respondeu:

— Não sei.

Pisquei novamente antes de olhá-lo e perguntei:

— Você não sabe?

Ele balançou a cabeça:

— Não.

Ele estava louco?

Recuei um centímetro e senti meus olhos semicerrarem.

— Você ordenou a morte de uma mulher cujo nome você não sabe?

Seu aperto me trouxe de volta e suas sobrancelhas franziram quando ele me observou.

— Ela é a esposa de um guerreiro. Claro que não sei o nome dela.

Claro que ele não sabia o nome dela?

Ele era louco.

Então me ocorreu que nunca, nem uma vez em todas as vezes que ela traduziu para nós, ele chamou Diandra pelo nome. Se ele se referisse a ela, ele chamava Diandra de “a esposa de Seerim” ou “a mulher de Seerim”.

— Sabe — informei —, as mulheres são esposas de guerreiros, mas também são muitas outras coisas. São mães. Amigas. Curandeiras. São...

— Circe — ele me cortou com um mini aperto, falando com paciência. — Elas também são as mulheres mais bonitas da terra. Por essa razão, elas não existem para Suh Tunak como outra coisa a não ser a esposa de um guerreiro. Elas não podem. É proibido.

Agora eu olhava confusa e curiosa.

— Proibido?

Lahn assentiu.

— Devo dizer-lhe que, com sua beleza, que excede em muito qualquer mulher que já vi, há momentos em que lamento que você seja minha Dahksahna. Isso significa que as pessoas sabem quem você é.

Você está em exibição. Você se senta ao meu lado e os olhos dos homens podem te observar e eles o fazem. Eu vejo isso. Vejo que eles sentem muito prazer em sua observação e geralmente dura muito tempo. — Outro aperto. — Não gosto disso, mas é o meu fardo como Dax.

Ah, droga.

Meu estômago estava derretendo.

Lahn continuou falando.

— É um crime grave uma esposa dividir a cama com um guerreiro que não seja o marido. Se isso acontecesse, os dois seriam punidos severamente. Nos tempos antigos, isso acontecia com frequência. Guerreiros são homens e as esposas são lindas. Para manter a distância necessária, para os guerreiros, todas as esposas são conhecidas apenas como a esposa ou noiva de um guerreiro. O contato é mínimo e as relações pessoais entre guerreiros e outras esposas são muito raras e só ocorrem quando a permissão é concedida pelo marido e geralmente é sempre supervisionada por ele. Outro fardo que devo carregar enquanto você se liga à sua guarda pessoal e vagueia pela Daxshee entre o seu povo.

Ele sabia disso?

— Você sabe disso?

— Bain e Zahnin relatam suas atividades para mim diariamente, minha rainha.

Ah. Bem.

Isso não foi totalmente surpreendente.

Intrusivo, mas não surpreendente.

A boa notícia era que não se tratava de posse ou de tirar a identidade das mulheres, mas sim de impedir a infidelidade.

E, pela primeira vez, não houve realmente nenhuma má notícia, exceto a parte “punida severamente”, que eu não queria saber, então não ia perguntar.

Olhei em seus olhos e vi que ele tinha se preparado para a minha resposta, então quando eu disse: Ok, seu queixo recuou meia centímetro antes de ele sorrir e me deu outro aperto.

Então ele repetiu:

— Ok.

Por que eu achava tão fofo quando ele dizia essa palavra?

Eu precisava seguir em frente.

Comecei a me afastar, murmurando:

— Acho que deveria tomar banho... — quando parei e o levei comigo.

Ontem à noite, ele tinha rios de tinta em seu corpo. Agora, não, mas eu sim — a tinta que ele transferiu para mim quando me abraçou após o julgamento.

Ontem à noite, o cabelo dele estava trançado (algo que eu fiz ontem de manhã). Agora, estava solto.

E, finalmente, ontem à noite, *ele foi pintado*.

Meu corpo congelou.

Ele foi pintado! E não fui eu quem o pintou.

— Lahn — chamei, e ele deslizou a mão do meu cabelo para baixo para descansar entre minhas omoplatas enquanto sorria.

Então ele murmurou em uma voz mais profunda do que o normal:

— Minha tigresa, você se senta sobre mim, deixando minha semente cair no meu colo, não precisa chamar meu nome.

Ok, isso foi meio sexy, mas eu não queria que ele ficasse excitado.

Coloquei as mãos em seus ombros e perguntei:

— Quem te pintou na noite passada?

Ele me olhou e o observei piscando.

Não era um bom sinal.

— E — continuei — quem te deu banho hoje de manhã?

Seus braços se apertaram mais ao meu redor, e ele falou meu nome suavemente.

— Circe...

Ah, não, não *posso* acreditar.

— Você visitou as Xactos? — perguntei em um tom de voz perigoso e seus braços ficaram mais firmes.

— Kah Lahnahsahna — ele murmurou.

Isso significava sim.

Ah, *não*, não posso acreditar *mesmo*.

— Você prometeu! — exclamei, falando em minha língua, empurrando os ombros dele com força e ele foi para trás, mas me levou junto, fui virada e, então, fiquei de costas, com ele por cima de mim novamente. — Saia de cima de mim! — gritei, ainda empurrando. — Você prometeu!

— Quieta, Circe — ele ordenou suavemente.

— Eu não vou ficar quieta! — gritei.

Ele moveu o braço ao meu redor para que sua mão pudesse segurar meu rosto, seu polegar chegando aos meus lábios, pressionando levemente.

— Quieta, minha rainha — ele disse na minha língua e depois voltou para Korwahk, a maioria das palavras que, felizmente, entendi. — Você não estava em condições de me pintar na noite passada e, por tradição, em uma cerimônia em que eu faria um julgamento, eu precisava ser pintado. Não tive escolha e, embora eu tenha prometido, você deve entender que quebrei a promessa por pensar no seu estado de espírito. Esta manhã, nadei no riacho para me livrar da tinta e para não quebrar mais o meu juramento.

Ah. Bem, então.

Isso era compreensível.

Era até legal.

Merda.

— Bem — sussurrei contra seu polegar. — Ok, então.

Ele olhou nos meus olhos por um instante, depois inclinou a cabeça para trás e riu. Antes que eu percebesse, seu polegar deixou meus lábios, sua boca ainda rindo a substituiu, sua língua deslizou dentro dela e me beijou forte e profundamente.

Totalmente natural.

Eu o beijeí de volta e ele rolou, então fiquei por cima, as duas mãos dele segurando meu cabelo.

Quando ele parou o nosso beijo, vi de perto que seus olhos ainda mantinham alegria.

Eu entendi o porquê quando ele afirmou com arrogância:

— Minha tigresa é teimosa e suas garras são afiadas, mas eu sabia que iria ganhar sua boca.

Ele estava se regozijando.

Mas também não estava errado.

Então, revirei os olhos e murmurei:

— Que seja.

Isso o fez rir, o que me fez revirar os olhos novamente.

Ele parou de rir e me chamou:

— Circe.

E quando o olhei, ele soltou meu cabelo e me abraçou.

— Não estarei na pira com você. Tenho muito a fazer. Você será escoltada por um guarda de honra. Ordeno que você não saia da vista dele e — ele me apertou mais — se Dortak deveria ter a insolência de assistir a pira da esposa que ele conduziu a tirar sua própria vida, você não demonstrará nenhuma reação. Vou lidar com ele em menos de uma semana e então você e Suh Tunak só terão recordações ruins.

Mais uma vez, ele estava falando em Korwahk, então não entendi tudo o que ele disse, mas acompanhei. Mesmo assim, eu estava presa a ideia de que Dortak estaria lá, o que era muito ruim, mas meu rei não queria que eu pegasse a lâmina mais próxima e a enviasse voando para ele.

— Circe — Lahn chamou novamente. Eu me concentrei nele, que perguntou — Ok?

Olhei para ele. Soltei um suspiro.

Então forcei a minha resposta.

— Ok.

Ele sorriu antes de erguer a cabeça e sussurrar em meu ouvido:

— Kah teenkah tunakanahsa. — Ele completou, dizendo que sabia que era difícil para mim concordar com seu comando, mas ficou satisfeito por eu ter concordado.

Então ele beijou o meu pescoço, me virou de costas, sorriu para mim por um segundo enquanto eu tentava me recuperar do quanto ele parecia gostoso daquele jeito, com o cabelo caindo sobre os ombros, peito e costas, então se inclinou para frente, tocou sua boca na minha testa e saiu da cama.

Virei para o meu lado e o vi amarrar as tiras das peles enquanto chamava:

— Teetru! — E, sem olhar para trás, ele abriu as abas e se foi.

Voltei a me deitar de costas, puxei a seda sobre o meu corpo nu e esperei que não se usasse preto em funerais em Korwahk.

Ouvi minhas garotas falando “poyah” para mim, enquanto corriam para a tenda arrastando os baldes e ouvi o tilintar dos talheres, o que significava que o café da manhã logo seria servido, enquanto o começo da manhã me vinha a mente. A boca de Lahn na minha. Meu marido compartilhou seu bem mais precioso comigo. Ele me dizendo que eu era linda e que não gostava de outros homens me observando. Sua preocupação comigo quando precisava ser pintado e, ainda preocupado comigo, quando se lavou, fazendo isso sem quebrar sua promessa. E no quanto eu gostava do cabelo dele e que gostava ainda mais de ouvi-lo rir.

Merda, merda, *merda*.

Eu estava em apuros.

Pouco depois, me lembrei que acabei não perguntando por que ele continuava dizendo que eu comandava os céus e por que ele me chamou de um novo nome — sua deusa.

Usei azul gelo para o funeral e não o meu tom normal de ouro.

Um sarongue azul gelo com detalhes em prata, um cinto largo de camurça azul gelo (que era tão macio ao toque que era incrível e eu me apaixonei instantaneamente), outra faixa de seda para cobrir meus seios, também azul-gelo com detalhes ovais pesados de prata pendurados nas extremidades.

Minhas joias eram mínimas, apenas brincos de prata e as pulseiras de pérola que eu comprei no mercado.

Minha maquiagem era perolada e, pela primeira vez, Teetru arrumou meu cabelo deixando-os ondulados e os puxou para trás, preso no topo e nas laterais, caindo nas costas. Ela criou o efeito usando grampos. Deslizou-os pelo meu cabelo e eles ficaram invisíveis.

Ouvi os cavalos antes de sair da cama, mas fiquei surpresa com quantos havia.

Quatro cavalos eram montados por guerreiros que eu não havia visto antes. Diandra estava em seu cavalo malhado, Seerim ao lado dela em uma montaria preta. Feetak estava com Narinda na sua frente, em um animal castanho. Um manchado de cinza era montado por Bain com sua esposa, Oahsee, sentada atrás dele, os braços ao redor da cintura. Zahnin, sozinho, mas de pé, com a mão segurando o freio de um cavalo com o pelo claro. Bohtan com Nahka em um palomino. E Zephyr estava lá para mim.

Todas as mulheres seguravam flores e, quando me aproximei de Zephyr, Jacanda me entregou uma bela e vibrante flor de laranjeira que parecia um lírio de tigre, exceto pelo dobro de pétalas.

Percebi imediatamente que ninguém estava em seus melhores trajes, mesmo que nunca fossem tão bons quanto os meus. Assistir à pira claramente não era motivo de celebração, uma oportunidade de se exibir ou um desfile de moda. Era o que era, uma triste ocasião, a marcação do fim de uma vida — esta mais trágica do que a maioria e toda a morte era ligada a tragédia, de modo que isso dizia alguma coisa.

Zahnin avançou para me ajudar enquanto eu montava, em seguida, caminhou imediatamente para seu corcel, subiu e partimos, dois guerreiros na frente, seguidos por Feetak e Narinda ao lado de Bohtan e Nahka. Eu e Diandra ao meu lado. Seerim atrás de nós ao lado de Bain e Oahsee, Zahnin e, em seguida, os dois últimos guerreiros.

— A pira fica longe, minha querida — Diandra me falou, depois levantou o queixo para o ar. — O vento — ela terminou como uma explicação.

Ela estava certa. *Estava* ventando. Por sorte, a chuva havia molhado o pó e a areia, então não foi levantado para nos atingir. Não que o vento fosse forte, mas também não era uma brisa fresca. Era bom que a pira ficasse bem longe. Não precisávamos que uma faísca voasse e a Daxshee queimasse no chão. Tivemos bastante sofrimento por um tempo.

— Você está bem? — perguntei a ela.

Ela virou a cabeça e me deu um sorrisinho.

— Era o que eu ia te perguntar. — Retribui seu sorriso e estendi a mão. Ela a segurou e deu um aperto. Então soltamos as mãos e ela respondeu:

— Estou triste. Ela se virou para frente e disse com sentimento: — Isso foi triste.

Foi mesmo.

— E você? — ela perguntou.

— Lahn cuidou de mim na noite passada — respondi e senti seus olhos em mim, então sabia que ela virou a cabeça na minha direção. Suspirei, pensando na minha louca amiga Korwahkiana romântica e em

como ela receberia essa notícia. Então admiti honestamente: — É verdade. Ele foi adorável.

Senti seus olhos me deixarem enquanto ela murmurava, novamente com sentimento:

— Fico satisfeita.

Eu também estava

Droga.

Andamos pelas calçadas em uma caminhada tranquila por um tempo, em silêncio.

Finalmente Diandra falou e fiquei surpresa ao ouvir sua voz com uma pontada de dor.

— Por que você não me disse que tinha magia?

Pisquei e olhei para ela.

— O quê?

Ela não respondeu a minha pergunta.

Em vez disso, falou:

— Eu entendo, minha amiga, o porquê de você esconder isso. Devo admitir, há muito que desisti de muitas das crenças que mantive no Vale, mas as que desisti não incluem o meu desdém pela magia. Então, sabendo que você cresceu nessa parte do mundo, posso entender que você queira esconder essa informação, talvez pensando que é o mesmo aqui. Mas você deveria saber — ela me olhou — que os Korwahk não detêm tal desdém por aqueles que têm magia. São poucos e são reverenciados.

Continuei olhando para ela.

Então, repeti:

— O quê?

Mais uma vez ela ignorou minha pergunta e declarou:

— Mas eu gostaria que você tivesse confiado em mim o suficiente para me dizer. Foi uma grande surpresa ver você comandar os céus.

Lá estava novamente.

— Diandra, eu não comandeí os céus — eu disse e ela olhou para mim.

— Como expliquei, você não precisa esconder isso. Na verdade, gostaria de ter sabido antes. — Ela se virou para frente novamente. — Você é minha amiga e mesmo que compartilhasse seu segredo comigo, isso não mudaria o que sinto por você. É óbvio, considerando sua personalidade, que você possui magia nobre.

— Diandra, querida, eu *não tenho* magia, nobre ou de qualquer outro tipo — afirmei e ela virou os olhos em minha direção novamente.

— Circe, eu estava *lá* — ela respondeu. — Te vi gritar seu lamento aos céus e no instante em que você o fez, eles lamentaram.

— Eu não fiz isso. A tempestade estava se formando o dia todo — aponteí.

— Isso é verdade, mas você a chamou — ela retrucou.

Balancei a cabeça e sussurrei suavemente:

— Isso é loucura.

— É? Não entendo por que você pensa assim, considerando que eu e milhares de Korwahks testemunhamos o mesmo.

Balancei a cabeça novamente e comecei:

— Eu... — mas ela me cortou.

— Isso também foi comentado durante a noite. Muitas tendas ficaram acesas enquanto maridos e esposas discutiam a respeito, vizinhos se encontravam com outros. — Ela olhou para a frente. — A sua tempestade, juntamente com os atos sem precedentes dos guerreiros em nome da noiva de Dortak... — Ela acenou com a cabeça uma vez e terminou: — Se havia alguém descrente, não há nenhum agora.

Pisquei e perguntei novamente:

— O quê?

Ela se virou para mim.

— A rainha de ouro da lenda, seu rei feroz, a Dinastia Dourada, há muitas histórias e, com o passar dos anos, essas histórias tendem a

crescer e se acumulam até se tornarem míticas, fantásticas.

— E qual é a história fantástica da Dinastia Dourada? — perguntei, embora estivesse incerta se queria saber.

Claro, Diandra me contou.

— Aquilo que sempre achei que era um lance de fantasia foi o que afirmou que o poderoso rei e sua rainha de ouro eram deuses e deusas. Ele tinha uma força que era incomparável, astúcia além de comparação e sua rainha tinha magia. Ele era impossível de matar e ela comandava a lua e as estrelas, o sol, os rios e os mares, os céus e a terra.

Olhei para ela.

Ela continuou falando.

— A história conta que eles nunca envelhecem, vivem na juventude até que seu primeiro filho suceda o Dax. Então eles voam em cavalos alados para o céu.

— Isso é um absurdo — falei em voz baixa.

Ela olhou para mim de perto.

— Circe, ontem à noite, pude *sentir* seu desespero. Pude *sentir* sua frustração pela sua impotência. Ela brilhava como uma aura. E quando você se levantou e gritou seu lamento, sua única palavra pareceu perfurar minha pele. E foi a sua palavra que fez isso, minha querida, não o trovão e o relâmpago, que preciso lembrá-la, não vem de uma só vez enquanto os céus se abrem ao mesmo tempo em que derramam suas lágrimas. Elas começam distantes e uma segue a outra, oferecendo aviso. Eles não vêm um em cima do outro com a chuva. Vivi muitos anos nesta terra e não vi isso nem uma vez até que você os chamou ontem à noite.

Certo, eu tinha que admitir, vivi muitos anos na terra, na minha terra, mas ainda assim, nunca soube que isso havia acontecido e eu morava em Seattle, onde chovia muito.

Ah, cara.

Ainda assim, não poderia ser verdade. Tinha que ser um acaso.

— Diandra, minha querida amiga, estou te dizendo, não tenho magia — sussurrei e ela me observou de perto.

Então, disse em voz baixa em resposta:

— Talvez você tenha e não soubesse disso até a noite passada, e isso te atingiu quando suas emoções estavam fora de controle. Mas não importa, agora seu povo acredita que você tem. Eles acreditam que você tem um grande poder. Acreditam que seu rei não pode morrer. E que vocês nunca vão envelhecer. E, além disso, acreditam profundamente nas profundezas de seus espíritos, que a Dinastia Dourada está sobre nós.

Enfrentei a visão do futuro e, *puta merda, o que eu faço com isso agora?*

— Há mais do que o que aconteceu ontem à noite, minha querida — ela continuou. — Você se encaixa perfeitamente na descrição da Deusa Dourada. Cabelos dourados, olhos dourados e agora, com o seu tempo ao sol, pele dourada. Você canta como os serafins e seu coração é tão dourado quanto seus olhos. Mas você é a rainha da nação guerreira porque você é uma guerreira, feroz de espírito, compatível com seu formidável rei desde o começo, a noite da sua reivindicação. Os próprios guerreiros te respeitam como nenhuma outra mulher. Você ganhou grande fidelidade em um curto período de tempo como evidenciado ontem à noite, quando tantos se apresentaram para intervir, uma ocorrência tão extraordinária que ainda tenho dificuldade em acreditar. O mesmo vale para o poderoso Dax. Seerim me disse há anos que nunca viu um guerreiro como o seu rei Lahn. Mesmo quando era mais jovem, não era comparável a ninguém. Nunca foi derrubado. Nem desarmado. Partiu para sua primeira matança aos quatorze anos, pois seus treinadores não tinham mais nada para ensiná-lo, já que ele se destacou em seus estudos.

Ah cara... *sério?*

Quatorze anos?

Putá merda.

Ela continuou falando.

— Eu o vi enfrentar desafios e sua força e velocidade são surpreendentes. É sobre-humano e agora, parece que isso é porque ele não é humano, mas, como você, um deus.

— Diandra, eu não sou... — comecei, mas ela levantou a mão e eu parei.

— Falaremos mais tarde. Não agora, meu amor, porque estamos nos aproximamos da pira.

Considerando nossa conversa bizarra e assustadora, eu não havia notado. Tínhamos saído das tendas e subimos uma pequena elevação que estávamos descendo agora. Outras pessoas a pé e montadas se moviam na direção da alta pira de madeira sobre a qual descansava um corpo envolto em gaze branca. Ainda havia muitos se aproximando, como nós, mas parecia que já havia milhares de pessoas reunidas e esperando, em silêncio e prestando respeito.

Quando nossa procissão se aproximou, a multidão se separou às ordens da frente da guarda e, como eu era rainha, seguimos direto para a pira.

Viu?

Às vezes *não* era bom ser rainha.

Paramos perto da pira e vi que a madeira que levava ao topo se misturava com as flores, centenas delas de todas as cores, formas e tamanhos, até o corpo tinha flores repousando vindos daquelas que tinham sido capazes de atirar suas flores tão longe.

O cavalo de Zahnin trotou para frente e ele desmontou para me ajudar quando eu saí do cavalo.

Então eu e minhas companheiras nos aproximamos da pira, cada uma de nós nos tirando um momento de reflexão e colocamos nossas flores na madeira.

Nos afastamos e ficamos de pé, esperando, tão silenciosas quanto o resto da multidão, enquanto o rastro de cavalos e pessoas se juntava a

nós e dava suas flores de oferendas se os tivessem.

Quando fiquei perto da pira, senti olhos voltados para mim, muitos deles. Isso não era incomum, mas depois da minha conversa com Diandra, meus sentidos foram intensificados ao ponto de parecerem físicos.

Afastei o pensamento e notei que o grupo não estava aumentando, mas não olhei muito ao redor. Fiz isso não porque eu não queria encontrar pessoas que pensassem que eu era uma deusa (loucura!), mas porque eu não queria ver Dortak entre elas. Fiz uma promessa para Lahn e precisava mantê-la. E para fazer isso, eu precisava adotar a ignorância como boa estratégia.

Também notei que a curandeira de cabelos grisalhos que me atendeu quando tive insolação não desperdiçava tempo, estando ao lado de uma tocha apagada, que outra mulher estava acendendo.

Interessante, as mulheres acendiam a pira.

Então respirei fundo quando sua tocha foi acesa e ela me olhou antes que seguisse na minha direção.

Ah, merda. Não.

Isso era um dever de rainha?

Ela continuou se aproximando.

Ah, Deus, parecia que esse era um dever da rainha.

Ótimo, ótimo pra caralho.

Ela parou na minha frente e falou.

— Minha rainha de ouro, observei enquanto você a encarava, que o espírito dela se mudou para o próximo reino. É uma honra poder oferecê-la a tocha que enviará as cinzas dela aos céus para que seu corpo possa se unir a seu espírito.

Então ela me ofereceu a tocha.

Porcaria.

Bem, não havia nada a fazer, então peguei a tocha e olhei para a pira.

Olhei de volta para a curandeira e perguntei:

— Você sabe o nome dela?

Ela examinou meu rosto por um segundo antes de seus olhos aquecerem e seus lábios se inclinaram em um pequeno sorriso.

— O nome dela era Mahyah, minha verdadeira rainha de ouro.

Assenti, respirei fundo e caminhei até a pira.

Olhei para o corpo tão elevado que não pude ver muito, exceto que eles mudaram a gaze. Não havia sangue a vista e seu rosto também estava coberto.

E eu pensei em uma jovem Korwahk que possivelmente atravessou o desfile e examinou os guerreiros em sua avenida enquanto se perguntava qual deles seria dela, talvez animada com sua vida como esposa de guerreira e, em três semanas havia sido depreciada, deflorada, espancada e abusada.

Eu me virei e chamei por Diandra.

Rapidamente, ela se aproximou de mim.

Quando ela chegou, eu sussurrei:

— Você pode traduzir?

Ela assentiu.

— Você pode dizer não, se for incomum... — comecei, mas ela balançou a cabeça e tocou meu braço.

— Vou falar suas palavras, minha rainha.

Sorri para ela.

Então, não perdi tempo para não perder a coragem. Me virei para a plateia e falei em voz alta em Korwahk, fazendo o melhor que podia e esperando que eu não estragasse tudo.

— Cheguei recentemente a Korwahk e não sei muito sua língua. Ainda não aprendi o suficiente para homenagear a jovem Mahyah em sua pira antes de enviarmos suas cinzas aos céus. Então, minha amiga Diandra irá traduzir para vocês as palavras de uma canção que cantei para Mahyah há alguns dias, na esperança de alcançar seu espírito e dar

a ela alguns momentos de paz. Antes da sua morte, ela me disse que a terra que cantei era para onde ela gostaria de ir. Agora, vou cantar a música para vocês, para que possam saber onde Mahyah está e que ela está em algum lugar feliz.

Olhei para Diandra, que assentiu.

Quando ela fez isso, cantei sem acompanhamento. Não foi muito bom, mas não parei. Eu certamente não soava como serafins, embora não soubesse como eles soavam. A boa notícia foi que, quando fechei os olhos e mergulhei na música, me lembrei de todas as palavras. E eu estava tão envolvida que nem ouvi Diandra traduzindo as palavras enquanto eu cantava.

Quando terminei, abri os olhos e vi um mar de rostos. Havia algumas mulheres chorando, com os olhos úmidos, as mãos na boca, mas todos os olhos estavam em mim.

— Não sei o que são balas de limão, Circe, e aqui não tem topos de chaminé, mas fiz o meu melhor — Diandra sussurrou para mim e eu virei a cabeça para ela e sorri.

Segurei sua mão, apertei e sussurrei:

— Tenho certeza de que foi perfeito.

Ela sorriu e apertou minha mão de volta.

Me virei para a pira e olhei para o corpo envolto em gaze.

— Espero, linda Mahyah, que você esteja além do arco-íris — sussurrei.

Joguei a tocha na madeira coberta de flores e imediatamente fui puxada para trás por Zahnin enquanto Seerim puxava Diandra de volta para ficar na frente da multidão a alguns metros das chamas que cresciam rapidamente, levadas pelo vento.

As lágrimas arderam enquanto as chamas lambiam o corpo de Mahyah. Mas congelei quando meus olhos ficaram presos em alguma coisa, erguidos para o céu e minha respiração ficou presa na garganta

quando ouvi suspiros ao redor, senti a confusão de corpos atônitos e a mão de Diandra se aproximou da minha e segurou firme.

Isso porque, quando as chamas cresceram, arqueando-se pelo céu sobre a pira, havia um arco-íris brilhante e perfeito.

Olhei para o arco-íris com a boca aberta.

Ah.

Merda.

Capítulo 22

O Favor

Certo, isso não podia ser negado. As evidências sugeriam que eu tinha magia.

Merda.

Nossa volta para casa foi em silêncio, todos em seus próprios pensamentos.

Também foi tensa. Isso porque, sem motivo algum, já que a chuva tinha parado à noite e o vento e o sol secavam rapidamente a umidade, não havia como um arco perfeito de arco-íris enfeitar o céu.

A menos que eu ordenasse.

Merda!

Talvez eu *tivesse* magia, por mais insano que isso parecesse. Talvez eu *tenha* comandado os céus acidentalmente ontem à noite. Talvez tenha enfeitado o céu com um arco-íris, para que as cinzas de Mahyah pudessem flutuar sobre ele para encontrar sua alma.

E talvez essa magia tenha me trazido a esse mundo.

Talvez eu mesma tenha sido a responsável por me trazer aqui.

O que significaria que era eu quem tinha a capacidade de me mandar de volta (de alguma forma).

No meu mundo, pensamentos como esse me levavam direto para o meu carro, onde eu dirigiria até o hospital psiquiátrico mais próximo e, voluntariamente, me internaria.

Mas *neste* mundo, aparentemente, alguma coisa aconteceu.

E o ponto era que eu estava neste mundo, o que significava que eu não estava louca, mas sim ferrada.

Enquanto voltávamos para a Daxshee, os cavalos carregando meus amigos em uma variedade de trilhas que serpenteavam pelas

tendas, as despedidas em voz baixa eram as únicas coisas que quebravam nosso silêncio. Quando Seerim levantou o queixo para a esposa antes que o cavalo o levasse por outro caminho, e estávamos só nós duas, decidi que era hora de conversar com minha amiga.

Não tive essa chance. Zahnin grunhiu uma ordem, os quatro guerreiros ergueram o queixo para ele, se afastaram e o cavalo de Zahnin trotou até mim.

Olhei para ele e o vi me encarando. Seu olhar se voltou para Diandra e depois para mim, e observei sua mandíbula se transformar em uma rocha.

Ah, cara.

Eu estava pensando que isso não era bom.

Talvez ele não gostasse de arco-íris. Ou bruxas. Mesmo aquelas que possuíam magia nobre e que não sabiam que eram bruxas.

Eu me preparei antes de perguntar:

— Está tudo bem, Zahnin?

Seu olhar se transformou em uma carranca. Um músculo tencionou em sua bochecha.

Então ele grunhiu:

— Me.

Senti meu corpo ficar tenso quando olhei além dele para os caminhos sinuosos que levavam através das tendas, imaginando, se tudo não estava bem, por que ele dispensou nossa guarda.

— Hum... — comecei.

Ele me interrompeu forçando as palavras entre os dentes:

— Peço um favor a minha rainha de ouro.

Você poderia dizer que ele não queria pedir isso, não queria pedir esse favor. Ou *qualquer* um.

Olhei para Diandra, que estava olhando para Zahnin. Ela sentiu meus olhos nela, olhou para mim e deu de ombros. Me voltei para Zahnin.

— Que favor você deseja pedir? — perguntei.

Ele fez uma careta para mim e outro músculo tencionou em sua bochecha.

Então ele grunhiu:

— Minha esposa.

Essas não eram as palavras que eu esperava ou entendia por que ele estava dizendo, então eu pisquei para ele e, quando ele não disse mais nada, perguntei:

— Sua esposa...

Seu cavalo cinzento pegou a vibração de seu guerreiro e se agitou. Zahnin apertou mais as rédeas e o animal parou.

De repente, tão depressa que precisei de toda a minha concentração para não perder nada, ele explicou:

— Minha esposa é como você. Ela tem uma grande beleza. No desfile, eu sabia que ela era só para mim. Lutei com quatro irmãos para reivindicá-la. Ela também não é de Korwahk, como você. Não fala a nossa língua. Ela não fala... — ele hesitou e seus olhos semicerraram. — ...*nada*.

Ah, cara.

Isso não era bom.

Mordi o lábio.

Zahnin continuou:

— Ao contrário de você, ela não se acomodou à minha vida e à sua nova vida. O favor que peço à minha verdadeira rainha é que você fale com ela e a ajude a se estabelecer em sua nova vida como minha esposa, como fez com meu rei.

Eu estava sentindo (corretamente) que era por isso que Zahnin estava de mau humor.

Também estava sentindo (corretamente) que o guerreiro orgulhoso diante de mim, não pedia favores. Tipo... *nunca*.

Portanto, eu disse:

— Leve-nos até ela.

Ele me encarou e, sem olhar para Diandra, disse:

— A esposa de Seerim...

Eu interrompi:

— Vai me acompanhar. Ela é a razão pela qual eu me estabeleci em minha vida com Suh Tunak. Ela será de grande ajuda para sua noiva.

Ele franziu o cenho por mais um tempo, sua mandíbula ainda dura, aquele músculo saltando, então empurrou o queixo, puxou suas rédeas e Diandra e eu viramos nossos cavalos e o seguimos de volta pelos caminhos.

Quando fizemos isso, ela me olhou e seus olhos estavam brilhando.

Pressionei meus lábios e tentei não rir.

Zahnin parou na frente de uma tenda que era maior do que a maioria (não tão grande quanto a minha e de Lahn) e uma garota correu para frente quando ele desmontou. Ele jogou as rédeas para ela sem uma palavra e contornou o cavalo para me ajudar quando eu saí de Zephyr. Quando meus pés estavam no chão, ele fez o mesmo com uma já desmontada Diandra. Uma vez que a menina pegou as rédeas dos três cavalos, Zahnin se aproximou das abas da tenda e entrou.

Diandra e eu o seguimos.

Quando entramos e meus olhos se ajustaram para ficar longe do sol, notei instantaneamente que a tenda de Zahnin não era como a de Feetak e Narinda, nem a de Bohtan e Nahka (que era um pouco mais grandiosa que a de Narinda). Era quase como a minha e de Lahn. Cama grande (não tão grande). Seda na cama e travesseiros. Mais baús (não tantos quanto Lahn e eu tínhamos). Belos móveis. Muitos castiçais e candelabros altos. E também havia o cheiro de incenso, de almíscar e bergamota. Tinha um cheiro adorável e eu imediatamente decidi que precisava falar com Teetru sobre isso.

Decidi isso enquanto observava uma garota fugir assustada da cama. Tão alarmada, que tombou sobre a cabeceira da cama e caiu

sentada. Ela se levantou rápido e recuou, com os olhos colados de medo em Zahnin, seu corpo tremendo.

Eu a observei.

Sim, era por isso que Zahnin estava de mau humor.

Três semanas e ela ainda estava assim?

Não era bom.

Olhei para Zahnin, que estava olhando sua noiva e não estava feliz. Parecia extremamente chateado e aquele olhar em um enorme e selvagem guerreiro Korwahk era temível.

Certo, estava claro que Zahnin precisava de algumas lições de romance, mas eu precisava focar na garota primeiro.

Olhei para ela e vi que não havia afastado os olhos assustados do marido. Eu também a reconheci como uma das mulheres da baía que eu achava que era como eu. Ela estava visivelmente apavorada naquela época e não estava menos agora.

Ela era, no entanto, como Zahnin a descreveu, muito bonita. Cabelo castanho claro, olhos verdes, um rosto bonito e muito pequena. Sua bunda e seios eram pequenos, mas sua pele era cor de pêssego e parecia macia; além disso, havia algo delicado nela, algo gracioso mesmo quando ela ficava parada. Algo que muitos homens, não Zahnin (eu teria pensado antes daquele momento), se sentiriam atraídos de maneira protetora.

Mas claramente eu estava errada sobre Zahnin.

No entanto, isso não o ajudaria. Ele não era tão alto quanto Lahn, mas ainda era alto e extremamente musculoso. Lahn me ofuscava e eu estava acima da altura média. Essa garota era pequena e Zahnin devia parecer um gigante para ela.

Dei um passo à frente e ela me olhou antes de voltar para Zahnin.

— Olá — falei baixinho, na minha língua e ela me olhou de novo rapidamente. — Eu sou Circe, Rainha de Korwahk.

Ela me olhou.

Dei outro passo cauteloso para frente e continuei em voz baixa:

— Estamos aqui para ajudar. Você está segura.

Eu a vi engolir em seco e depois umedecer os lábios, mas não falou.

Outro passo à frente e eu perguntei.

— Você pode me dizer o seu nome?

Ela piscou para mim, mordeu o lábio inferior e, em seguida, ela disse algo em uma língua que reconheci com uma das palavras sendo “Valeariano”.

Ela falava francês.

Merda.

Estudei francês no ensino médio por dois anos, mas tinha muito tempo. Reconheci isso, mas de jeito algum eu conseguiria falar.

— Ela é Fleuridiana, minha querida — Diandra sussurrou para mim.

— Uma língua que eu não conheço.

Ótimo, eles não chamavam a França de França e Diandra não falava Fleuridiano (ou qualquer outra coisa).

Merda de novo!

— Hum... — comecei, tentando relembrar o francês do ensino médio. — *Bonjour* — eu tentei. — *Je m'appelle* Circe.

Seus olhos se arregalaram, depois ficaram úmidos, em seguida suas mãos fecharam na frente do seu corpo e ela disparou a falar em francês comigo, enquanto olhava de mim para Zahnin.

Não entendi nada.

Merda, merda, merda!

Sorri para ela e levantei a mão.

Ela parou de falar e virei levemente a cabeça para Diandra.

— Existe alguém na Daxshee que fala sua língua?

— Sim, Circe, várias pessoas e conheço alguém que ficará feliz em ajudar. Ela, como eu, está aqui há muitos anos — Diandra respondeu, se

virou para Zahnin e disse em Korwahk. — Peça a um de seus escravos que encontre Claudine, a esposa de Veenuk.

Zahnin franziu o cenho para ela, mas ergueu o queixo e saiu da tenda.

Ao fazê-lo, observei a garota relaxar.

Não era bom.

Dei outro passo para ela e perguntei baixinho:

— *Comment tu t'appelles?* — E ela me olhou, seus olhos suaves, seus modos aliviados.

— Sabine — ela sussurrou.

— Ok, Sabine, *ma*, er... Fleuridiano *no c'est bon*, uh... mas vamos ter ajuda.

Ela piscou para mim, em seguida, assentiu de um jeito que eu soube que ela entendia o que eu dizia em sua língua, mas não na minha.

Rapaz, eu esperava que Claudine morasse perto.

Zahnin entrou de volta na tenda e grunhiu algo para Diandra. Sabine ficou imediatamente tensa.

Eu me aproximei de Zahnin.

Ele me olhou, ainda parecendo chateado, aquele olhar ainda era assustador, mas eu não ligava. Parei perto dele e sussurrei em Korwahk:

— O nome da sua esposa é Sabine, você sabia?

Ele balançou a cabeça tão levemente que consegui me convencer que não vi, o mesmo aconteceu com o flash que brilhou em seus olhos.

Mas perdi o olhar irado se esvaindo do seu rosto quando sua cabeça se virou para a noiva e ele murmurou, *Sabine*, com a voz profunda e rouca tornando o nome bonito ainda mais bonito.

Ele não sabia o nome da esposa, mas ele estava claramente feliz em saber.

Respirei calmamente.

Eu podia fazer isso dar certo.

Me virei para Sabine, que olhava com cautela para o marido. Esperei até que ela olhasse para mim e sorri. Meu sorriso não aliviou o medo sombreando sua estrutura inteira e eu sabia que era porque Zahnin estava presente.

Me ocorreu que, com toda probabilidade, Zahnin estava fazendo a mesma coisa com sua esposa que Lahn havia feito comigo.

Ou seja, ele a estuprou durante a Caçada, ela não tinha ideia do que estava acontecendo (eu acho que ela também foi “protegida”) ou sabia e odiava. Ela enfrentou tudo isso e, em seguida, continuou enfrentando enquanto ele continuou usando seu corpo durante as últimas três semanas, como qualquer guerreiro faria com sua esposa.

Eu a observei.

Ela estava limpa e alimentada. Não havia sinais de abuso visível, nenhum corte, hematomas ou inchaço. Seu sarongue, *bandeau*, cinto e joias eram muito legais. Ela estava usando algumas coisas de prata. Seu cabelo estava arrumado de uma forma artística e a maquiagem foi habilmente aplicada, o que significava que ela tinha uma garota ou várias que estavam cuidando bem dela. O pacote inteiro dizia que o marido estava fazendo o que sabia para sustentar a esposa.

Ele simplesmente não estava provendo-a do modo como uma mulher precisava.

E ele não entendia, mas a forçou a viver um pesadelo por três semanas.

Certo, talvez eu não pudesse fazer isso dar certo.

Não, claro, sem reforços.

Me voltei para Zahnin e sussurrei:

— Preciso do meu rei. Você pode enviar um mensageiro para ele e, se ele não estiver muito ocupado para me atender agora, pode pedir que ele venha aqui? Não é urgente, mas gostaria que ele concedesse meu pedido.

Zahnin me examinou, claramente incerto sobre como ele se sentia sobre Lahn ser chamado para a nossa situação atual.

Então ele grunhiu e saiu da tenda.

Tomei isso como um sim.

Também tomei isso como um sinal de que Zahnin queria que sua esposa se estabelecesse em sua nova vida com ele.

Me voltei para a mulher para ver que Diandra se aproximou e estava falando baixinho com ela.

E respirei fundo e esperei por Claudine e, esperançosamente, por Lahn.

De pé com meu marido do lado de fora da tenda de Zahnin, observei suas sobrancelhas franzirem de forma sinistra e seus olhos semicerrarem perigosamente antes de ele sussurrar com raiva em Korwahk:

— A minha tigresa quer que eu faça o quê?

Eu me aproximei (ou ainda mais, eu já estava bem perto), coloquei uma mão no peito dele (que estava com os braços cruzados), me levantei na ponta dos pés e inclinei a cabeça para trás para responder em um sussurro o melhor que pude em Korwahk e essencialmente repeti (com mais detalhes):

— Você precisa conversar com Zahnin. Ele me pediu esse favor, mas ele precisa fazer sua parte. Ele deve parar de tomá-la contra sua vontade. Ele precisa recuar, começar a cortejá-la, fazer as refeições com ela, trazer presentes, flores, doces e joias. Precisa tentar falar com ela, ensinar-lhe a língua Korwahk. Levá-la para passear e mostrar a ela seu novo país. Ele precisa falar, olhar e tocá-la com gentileza. E quando tentar qualquer coisa com ela, ele precisa fazer como você fez comigo e

procurar lhe dar prazer antes que de tomar o seu próprio. E eu não posso dizer nada disso, Lahn, você precisa conversar tudo isso com ele.

Lahn olhou para mim.

Então, perguntou:

— Minha rainha me chamou para longe de meus guerreiros para pedir que eu dissesse a outro dos meus guerreiros que não transasse com sua nova esposa. — (Aliás, eu sabia que *tooyo* significava *transar*) e levá-la para passeios a cavalo? Entendi certo, Circe?

Não achei que isso estava indo muito bem.

— Hum... sim? — perguntei de volta, agora não tão certa sobre a minha estratégia.

Lahn ficou me olhando. Ele parou de fazer isso para olhar por cima da minha cabeça. Então suspirou. E, finalmente, sem me olhar de novo, ele se virou e foi embora.

Eu estava tomando isso como um não.

Ótimo.

Voltei a casa de Zahnin e encontrei Diandra e Claudine (que era mais velha que Diandra, mas ainda tinha grande beleza, talvez fosse algo na água ou só os batedores de Korwahk que tinham bons olhos) sentadas uma em cada lado de Sabine na cama. Claudine murmurando para ela. Isso acontecia sob o olhar de Zahnin, de onde ele estava a poucos metros dentro das abas da barraca, pernas plantadas, braços cruzados, olhos fixos na esposa e nas duas mulheres.

Se ele continuasse olhando para ela assim, ela nunca se acalmaria e o deixaria entrar.

Cheguei perto dele, toquei seu braço, empurrei a cabeça para as abas da tenda e, sem olhar para ver se ele me seguia, voltei para fora.

Ele me seguiu.

Quando ele fez isso, me aproximei, olhei em seus olhos escuros e vi que ele era assustador, mas ainda era bonito. Ele tinha uma cicatriz que cortava sua sobrancelha, o que só servia para deixar um cara gato mais

gato. Se ele não ficasse constantemente com essa expressão que fazia parecer que ele queria arrancar a cabeça de alguém, ele seria super gato.

Respirei fundo, esperei que ele realmente desejasse tranquilidade em sua tenda e então, em Korwahk, disse a ele exatamente o que havia dito a Lahn. Vacilei no meio quando seu olhar furioso parecia estar cintilando com violência (isso foi por volta do momento em que eu disse a ele que ele precisava parar de tomar sua esposa contra a vontade dela), mas segui adiante.

Terminei com:

— Zahnin, meu protetor, sei que você não quer ouvir nada disso. Mas se você quiser paz na sua tenda, ouvir gritos de prazer e sons de alegria, os dela e — me inclinei — *os seus próprios*, em vez do som de lágrimas e a sensação de medo, então você deve dar atenção ao que estou dizendo.

Seu olhar irritado não vacilou, então continuei.

— Farei o meu melhor, com Diandra e Claudine, para ensinar-lhe sua língua e os costumes do seu povo para ajudá-la a entender sua nova vida e poder se comunicar com você e você com ela. Mas isso é tudo que podemos fazer. Você deve fazer o resto.

Ele continuou a me olhar com raiva.

Merda. Não havia alternativa.

Continuei seguindo em frente.

— Seu rei não teve sucesso comigo até que seu toque parou de tomar e começou a dar e até que, em nossa tenda, ele passou a me tratar com gentileza. Ele é o mais poderoso de Suh Tunak. Reconheceu a batalha que tinha em mãos, analisou-a, criou sua estratégia e, em seguida, passou a vencer essa batalha usando todos os meios necessários. E, Zahnin — eu me aproximei e, por causa desse homem que se comprometeu a me proteger, mesmo que isso significasse dar a vida dele, que me apoiou contra Dortak e que claramente queria que sua esposa se estabelecesse em sua nova vida com ele em sua tenda, admiti

a ele ao mesmo tempo em que admiti para mim mesma: —, *meu* Lahn venceu essa batalha. Agora fico acordada à noite esperando que ele volte. Quando ele não o faz, adormeço ansiosa pela manhã em que ele me acordará com seu toque. Ele é o meu rei. O meu guerreiro. Ele é meu marido. E tenho orgulho de dizer acima de tudo... que ele é *meu*.

Zahnin não disse uma palavra e ficou me olhando.

Retribuí seu olhar, sem saber o que pensar.

Finalmente ele grunhiu e ergueu o queixo.

Tomei *isso* como um sim.

Sorri para ele esperançosa. Ele me observou sorrir, balançou a cabeça, a carranca deixou seu rosto e vi seus lábios se contorcerem.

Sim, definitivamente gato. Se Sabine percebesse isso, havia indícios de que, em breve, ela pensaria que não estava tão mal.

Então, com esperança, Zahnin compartilharia com ela seu maior presente e ela se sentiria tocada e amada.

Como eu me senti naquela manhã.

Boas notícias para Sabine e Zahnin, notícias confusas e preocupantes para mim.

Merda.

— Minha esposa cria arco-íris — Lahn murmurou para o teto da nossa tenda.

Era tarde. Tínhamos acabado de fazer sexo gostoso e intenso, tanto que gozei *três vezes*, (sim, três). Eu estava saciada, sonolenta e de bom humor, principalmente porque meu marido tinha voltado para casa antes de eu dormir, mas devo ter notado que foi também porque ele me deu três orgasmos. Meu humor estava bom demais para deixar tudo o que pesava na minha cabeça pesar sobre isso, então deixei de lado.

Eu estava enrolada contra ele, as pernas emaranhadas nas dele, o braço descansando em seu abdômen, a bochecha em seu ombro. Lahn estava de costas, o braço dele embaixo de mim, ao meu redor, as pontas dos dedos fazendo padrões aleatórios na pele do meu quadril.

— Lahn — sussurrei para seu peito.

— Ela também é louca — ele continuou resmungando e eu me apoiei em um antebraço e olhei para ele.

— Louca? — perguntei.

Ele me olhou e usou uma palavra para explicar.

— Zahnin.

Pressionei meus lábios um no outro.

Lahn continuou falando.

— Não me peça para fazer algo assim de novo, Circe. Entendo que seu coração te guie em muitos assuntos. Mas eu sou guerreiro, assim como ele, e esta é uma linha que nunca cruzamos. Entendeu?

Mantive os lábios pressionados e assenti.

Ele olhou para a minha boca, em seguida, seu braço apertou ao meu redor, me puxando para cima em seu corpo. Ergueu a outra mão para afastar meu cabelo de um lado do meu rosto e segurá-lo atrás do meu pescoço.

Quando ele falou, foi em um murmúrio:

— Não gosto dos lábios da minha rainha desse jeito.

Relaxe os lábios e ele deu um leve aceno de satisfação antes de seus olhos se fixarem nos meus, e quando falou novamente, sua voz era suave e até mesmo, caramba, carinhosa.

E eu gostei.

— Significa muito para mim que você deixe seu coração te guiar. Ele te guiou de volta para mim depois que te marquei e te forcei a se proteger de mim.

Ah, Deus. Ele estava sendo fofo de novo.

Ele continuou falando.

— Mas temo que isso te prejudique, minha linda. E quero que você tenha cautela ao abrir esse coração. Zahnin é meu tenente mais próximo e eu o conheço muito. Ele não veio treinar diretamente dos cuidados dos seus pais. O pai era um guerreiro que morreu antes de ele nascer. Uma doença levou sua mãe pouco tempo depois. Sua família o recebeu, mas não demonstraram muita bondade no curto período de tempo que o tiveram. Isso me levaria a acreditar que ele não entende como oferecer isso para sua esposa. Muito tempo se passou desde a Caçada, então você não deve ter grandes esperanças de que ele a conquiste, pois se você o fizer, e ele não conseguir, sei que ficará arrasada. Isso pode acontecer e acontece. Há guerreiros que não conseguem ter sucesso com suas esposas. Se isso não acontecer, eles podem deixá-las de lado e participar de outra caçada. É sua recompensa, como guerreiro de Suh Tunak, receber uma beleza para aquecer sua cama, fazer isso de bom grado, prover seus desejos e dar-lhes filhos. E é seu direito continuar buscando até que isso seja encontrado.

Inclinei a cabeça e perguntei em um sussurro.

— Deixar de lado?

Ele assentiu.

— As que são deixadas de lado são cuidadas, recebem tendas e até escravos. Mas não vivem a vida de generosidade que a esposa de um guerreiro vive. Embora o básico seja fornecido, muitas delas precisam aprender um ofício para viver uma vida decente. Às vezes, encontram um homem livre que desejará levá-las como noiva, mas é raro. A esposa de um guerreiro que é rejeitada tem a reputação de que é inadequada ou incapaz de suprir as necessidades de um homem e, embora seja bonita, será evitada.

Bem, isso era uma droga.

— Será que... hum, Sabine, a esposa de Zahnin, se, hum... isso acontecer, já que ela não é de Korwahk, seria devolvida à sua terra natal?

— perguntei.

Seus olhos brilharam e ele afirmou com firmeza:

— Absolutamente não.

Humm.

— Por quê?

— Ela é reivindicada, é Korwahk — Lahn afirmou com a mesma firmeza.

Humm.

Hora de mudar de assunto, porque este poderia me irritar e eu não estava com vontade de ficar irritada.

— Você... cresceu... sob os cuidados dos seus pais antes de treinar?

Foi a primeira pergunta pessoal que fiz a ele.

Que não hesitou em responder.

— Sim, minha tigresa. Meu pai era o Dax e minha mãe era de Korwahk, uma grande beleza. Havia ternura em seu corpo, embora minha mãe só pudesse lhe dar um filho, um parto difícil, tornando impossível lhe dar mais. Ele ficou feliz com o guerreiro que ela deu a ele e feliz com ela. — Ele fechou a mão no meu cabelo, quando seu tom de voz diminuiu enquanto ele falava. — Vi meu pai morrer durante um desafio. Eu era guerreiro e participei. Como Dahksahna e como era seu dever, minha mãe também compareceu. Seu fim a marcou, assim como a mim, e ela se importava profundamente com ele. Ela teria vivido uma vida agradável como Dahksahna deposta, o povo Korwahk e eu a provendo, mas ela escolheu não viver sem ele. Tirou a própria vida no dia seguinte ao que o corpo dele queimou na pira.

Ah, meu Deus.

Isso era horrível.

Me senti derretendo nele enquanto ergui a mão para segurar seu queixo e eu sussurrei:

— Lahn.

Ele me encarou.

— Lamento que ela não tenha vivido para ver seu filho ser melhor que o Dax que derrotou seu rei. Ele era um homem difícil de se respeitar e não simplesmente porque ele pegou a cabeça do meu pai. Foi um triunfo de mais maneiras do que vingar meu pai para tomar a dele.

— Querido — murmurei e ele moveu a mão para o lado do meu pescoço, seu polegar começando a acariciar meu queixo enquanto eu observava seus olhos ficarem quentes.

— Gostaria que você estivesse na minha cama nessa época, Circe — ele sussurrou, olhando profundamente em meus olhos. — Compartilhando comigo o seu espírito de ouro como você está agora, para o meu próprio bálsamo. — Prendi a respiração quando a doçura das suas palavras deslizou através de mim, então ele sorriu. — E também para comemorar o meu triunfo quando tomei minha vingança.

Deus, ele era um homem *incrível*.

Não pude evitar, sorri de volta para ele.

— Acho que teria sido... — Fiz uma pausa, procurando a palavra em Korwahk e esperando encontrá-la — *Energético*.

Ele parou de acariciar meu cabelo com o polegar e entrelaçou os dedos nas mechas, colocando pressão para que meus lábios tocassem os dele.

Assim, ele sussurrou em meu idioma.

— Ah, sim.

Encontrei a palavra certa.

Sorri contra sua boca.

Seus olhos se aqueceram e ele grunhiu contra a minha.

Então ele inclinou a cabeça. Seus dedos pressionaram ainda mais, ele apertou meus lábios contra os seus, que se abriram, e sua língua invadiu instantaneamente. Soltei um gemido e ele me virou de costas.

E ele demonstrou o quanto teria se sentido energético depois de ter tomado o Dax. Já havia se passado anos, mas claramente a glória não

havia desaparecido e eu sabia disso principalmente porque, mesmo depois de uma sessão gostosa e intensa foi... *fenomenal*.

Tanto que meus gemidos altos, grunhidos e gritos foram notados pelos transeuntes, aqueles que viviam perto das tendas e espiões prestando atenção, assim como os gemidos dele, grunhidos e seu grito final do clímax.

E depois que ele acabou completamente comigo, caí em um sono exausto, sem pensar na magia. Sem pensar em chamar os céus para fazê-los chorar ou enviar um arco-íris que se curvasse pelo céu. Sem pensar que eu poderia ter o poder de me mandar de volta para casa. E sem pensar em Zahnin e sua esposa, esperando que tudo logo ficasse bem em sua casa.

Não, não pensei em nada disso.

Em vez disso, nos segundos antes do corpo quente, duro e grande do meu marido se acomodar ao lado do meu, seu braço ao meu redor, nossas pernas emaranhadas, não pensei em nada.

Capítulo 23

A Disputa

Sete dias depois...

Enfiei os dedos no pote de tinta preta e vi que estava tremendo.

Tive que me segurar.

Mas logo, muito em breve — na verdade, eu estava toda vestida e pronta para usar minhas roupas douradas — e assim que pintasse meu marido, sairíamos de nossa tenda e seguiríamos para o local onde Lahn enfrentaria Dortak no desafio.

Eu sabia de uma coisa: Lahn iria vencê-lo.

E sabia mais: tanto quanto odiava Dortak e quão pouco isso significava para mim, não me importava com o fato de que sua vida terminaria em breve. Mas ainda assim, não estava ansiosa para ver o meu marido cortar a cabeça dele.

E eu sabia uma última coisa: Dortak não hesitaria em trapacear, e, eu não queria que Lahn se machucasse quando ele fizesse isso.

E eu era consciente de que não deveria desejar a morte de outro, mas simplesmente não queria que um homem abusador e um traidor, prejudicasse um homem que lutaria com honra.

E eu sabia que não queria isso, não porque Lahn me mantinha alimentada, abrigada e presenteada com joias e roupas incríveis. Não queria porque me importava com o meu marido e esse sentimento era profundo.

E, por causa disso, fiquei apavorada.

Os últimos sete dias foram bons.

Muito bons.

Bom demais.

Mantive minhas andanças com Bain e Zahnin, mas agora Zahnin estava conversando. Não tivemos conversas profundas, onde ele abria sua alma, mas ele falou. Não pediu conselhos, nem compartilhou como as coisas estavam indo, mas ele fez mais do que grunhir de forma ininteligível nas observações que fiz, corrigiu meu Korwahk e frequentemente se intrometia para tentar explicar quando eu estava falando com o meu povo (em raríssimas ocasiões) e eu estava estragando tudo.

Fui diariamente a sua tenda para ver Sabine. A meu pedido, Diandra e Claudine procuraram e encontraram a outra garota que não era de Korwahk e que foi caçada conosco. Ela era Fleuridiana também, seu nome era Anastasie e, embora seu guerreiro fosse mais gentil com ela, sem a ajuda que eu tive ou que Sabine estava recebendo, ela ainda estava perdida em uma cultura que não entendia e mais do que um pouco alarmada por isso (ela não foi, por exemplo, protegida da seleção ou da celebração depois).

Com Narinda, Diandra e Claudine davam a todas nós lições de Korwahk e muitas vezes Nahka aparecia, às vezes trazendo suas amigas, e as lições viravam encontro de garotas com a tradução de Diandra e Claudine.

Com isso, não demorou muito para o riso soar da tenda de Sabine.

E essa risada estava soando uma vez quando as abas se abriram e Zahnin entrou.

Sabine não se afastou, mas seus olhos se voltaram para ele. Ela manteve o corpo tenso, mas não nervoso nem aterrorizado, apenas cauteloso.

Contei isso como progresso.

Ele observou a cena, olhou para a noiva e perguntou:

— Está tudo bem, esposa?

Claudine traduziu e, depois de um momento de hesitação, ela assentiu.

Zahnin inclinou o queixo para ela, caminhou para frente e executou um movimento suave bem na frente de todas as novas amigas dela.

Ele deslizou as costas dos dedos com suavidade na bochecha dela, mesmo quando ela não conseguiu lutar contra um leve estremecimento.

Ele ignorou isso e sussurrou:

— Isso me agrada.

Então, sem outra palavra ou olhar para alguém, ele se virou e saiu.

Bom.

Muito bom.

Sabine olhou para as abas da tenda em choque e de boca aberta.

Diandra, Claudine, Nahka e até Narinda e eu compartilhamos olhares engraçados e divertidos.

Em nosso tempo com ela, Sabine não compartilhava como as coisas estavam indo e nós não perguntamos. Mas o movimento de Zahnin me fez esperar que, mesmo que ele não tivesse sido criado com gentileza, ele era o tipo de homem que nasceu com isso.

Eu tinha ouvido e processado os avisos de Lahn, mas, ainda assim, não pude evitar.

Eu estava esperançosa.

Ficou claro para mim a noite do dia do arco-íris que Lahn havia estabelecido seu bando e, portanto, voltou para casa muito antes. Isso significava mais amor. Também significava mais conversas. Algumas delas sentimentais (por exemplo, quando eu lhe contei histórias do meu pai, seus homens, aulas de equitação e coisas do tipo). Outras

informativas (Lahn explicando coisas sobre Korwahk, como ele passava seus dias e eu os meus, eu contando a ele como aprendi a tocar violão embora, a menção de outro homem na minha vida não fosse vista favoravelmente, então fiz uma nota mental para não fazer isso novamente). Algumas das conversas foram divertidas e percebi que meu marido tinha um humor seco.

Também percebi que ele me achava hilária de uma forma resignada que, mesmo conformado, ele achava que era atraente. Ele achava que eu era meio louca, eu sabia, com as coisas que fazia, dizia e o jeito que meu coração me guiava, o jeito fácil que meu temperamento inflamava, mas ele achava atraente e não escondia isso.

Gostei daquilo.

Uma vez, ele até chegou em casa a tempo de jantar comigo na tenda e, quando isso aconteceu, percebi que nunca o tinha visto comer. Também percebi que ele comia muito. Ele era um cara grande e tinha muito apetite. Pela forma como ele comia, não sabia como ele conseguia manter aquele tanquinho definido. Mas fiquei satisfeita que ele gostasse da comida e não escondesse isso.

Ele também foi gentil comigo de muitas maneiras e tirou um tempo para, com paciência, começar a ajudar Diandra em seus ensinamentos sobre Korwahk e a Horda. Ele era o rei, poderia fazer o que quisesse sem ser questionado e seu povo tinha vivido seu modo de vida por eras. Mas gostei que ele tirou um tempo para explicar as coisas para mim.

Verdade seja dita, eu estava começando a gostar de tudo em Lahn. E, sendo estúpida, não fiz absolutamente nada para parar isso.

Com frequência, eu passava tempo com Diandra, Nahka e Narinda, mas não abordei o assunto da minha magia e meu possível status de

deusa com nenhuma delas, e eles não tocaram no assunto comigo também.

Eu não sabia porque elas não falaram, mas eu não o fiz porque era idiota.

E não o fiz, porque queria que Zahnin ganhasse sua esposa, e Sabine, que era muito meiga, para se contentar e encontrar contentamento e até felicidade depois do que ela suportou. Eu queria que ela tivesse o que Mahyah nunca encontrou. Queria muito isso. E queria fazer o que não pude fazer por Mahyah, e isso era para ajudá-la a ter isso.

E eu também não o fiz, porque gostava de vagar pela Daxshee, conversar com meu povo, falar com Bain, trocar comentários com Zahnin, aprender Korwahk, reconhecer rostos e começar a compartilhar a vida das pessoas. Sabendo quem estava doente. Quem estava grávida. Aquele cujo filho ia participar da próxima seleção do meu marido e assim por diante.

E eu também não falei, porque gostava das minhas noites com Lahn, nossas conversas e nosso amor.

E eu gostava de nossas manhãs, seus banhos, às vezes meus banhos com ele, as conversas suaves que tínhamos quando ele se sentava de pernas cruzadas na minha frente enquanto eu sentava na pilha de pelos e trançava ou ajeitava seu cabelo e... hum, nosso amor (que era bom o suficiente para repetir).

Diandra estava certa e eu também.

Depois que Lahn me bateu, ele ouviu o que eu disse e, inadvertidamente, eu lhe ensinei uma lição, ao mesmo tempo que ele percebeu que tinha uma batalha em suas mãos e começou a ganhar. Ele havia mudado, compartilhando comigo seu tempo, sua inteligência, sua doçura e sua paciência, bem como seu corpo, e ao fazê-lo, ele teve sucesso.

E ele estava gostando do que estava recebendo, porque soube só de olhar para mim, no desfile, que era eu quem ele estava esperando há

anos (ele me disse isso durante uma das suas conversas sentimentais). E ele havia conseguido e não estava apenas contente, estava abertamente feliz.

E eu gostava que ele estivesse se sentindo assim, mas ainda mais que era eu quem estava proporcionando isso a ele.

Portanto, não abordei o tema da magia, porque eu estava realmente *gostando* de estar em Korwahk, com meu marido e meus amigos.

Isso não significava que eu não mataria por um burrito ou um telefone celular, onde eu poderia ligar para Diandra ou Narinda, em vez de andar até a tenda com um dos meus guardas, na esperança de que elas estivessem em casa quando eu quisesse companhia. Mas com o passar dos dias, esses anseios desapareceram, minhas lembranças de casa desapareceram e Korwahk se tornou minha realidade.

Quando me permiti pensar nisso, disse a mim mesma que em breve eu descobriria o que estava acontecendo e depois tomaria uma decisão sobre o que faria.

Mas, por enquanto, eu me daria isso.

Porque eu estava gostando.

Viu?

Estúpido.

Eu deveria ter resolvido tudo antes que Lahn enfrentasse Dortak na disputa pelo Dax e talvez se machucasse. Algo que eu teria que assistir ou, Deus nos livre, os deuses deste mundo chorariam porque a terra estava caindo do céu e Dortak tomou a linda cabeça do meu marido, então ele se viraria para mim.

Viu?

Totalmente.

Estúpido.

Coloquei o pote na mesa e me virei para Lahn.

Sem olhar nos olhos dele, comecei pelo recuo da sua clavícula e desenhei uma linha grossa no seu peito começando a pintar o desenho que eu não tinha percebido até então que eu havia memorizado.

— Hum... — murmurei para afastar minha cabeça dos acontecimentos do dia e distrair Lahn do fato de que eu não tinha controlado o tremor da minha mão. — Você só usa tinta preta. O que as outras cores que os guerreiros usam significam?

Não olhei para ele quando fiz a pergunta, mas sabia que ele havia inclinado a cabeça para baixo para olhar para mim enquanto respondia.

— O branco é um guerreiro sem experiência, novo na matança. Vermelho indica quem participa de luta. Azul, aqueles que vão para a guerra ou patrulham Korwahk. Todas as cores, aqueles que são experientes, que saíram em ataques e manejaram bem na guerra e, portanto, provaram seu valor. Eles podem escolher invadir, guerrear ou as duas coisas. Verde, uma cor que você pode não ter visto, são guerreiros que agora passam o tempo treinando. Os que usam apenas preto são meus tenentes, guerreiros que têm minha confiança, que lideram tropas em missões ou que pertencem ao Bando que viaja com a Daxshee. Em outras palavras, eles também se provaram em batalha. São nossos melhores guerreiros e, portanto, possuem um alto nível.

— Hum-humm — murmurei, ouvindo, mas não prestando atenção, me virando, peguei o pote, juntei mais tinta e me virei para ele, levantando a mão para começar nos ombros.

Não toquei a pele dele, porque seus dedos envolveram meu pulso.

— Me mostre seus olhos dourados, Circe — ele disse suavemente na minha língua.

Mordi o lábio e levantei os olhos para ele. Eu sabia que não estava escondendo nada quando ele suavizou e apertou meu pulso.

— Ele não irá me ganhar — ele sussurrou, novamente na minha língua.

— Certo — sussurrei de volta, mas aquela palavra tremeu.

Ele ergueu as sobrancelhas ligeiramente.

— Você não tem fé em seu rei?

Balancei a cabeça uma vez.

— Não, eu sei. — Eu ainda estava sussurrando, minha voz continuando a tremer, quando falei — Ele trapaceia.

— Eu sei disso — Lahn respondeu, e quando não dei nenhuma resposta, sua outra mão envolveu meu pescoço, me segurando calorosamente. — E como eu sei disso, você não acha que me planejei?

Na verdade, não. Esse pensamento não me ocorreu.

— Hum — comecei, então admiti: — Não. Não pensei nisso. Estou muito ocupada, em pânico.

Enquanto entre os Korwahk eu quase sempre falava Korwahk, quando Lahn estava em nossa tenda, ele exigia que conversássemos em meu idioma. Ele pegou rapidamente, provando que talvez ele realmente *fosse* um deus ou, pelo menos, super inteligente. Além disso, isso ajudava a suavizar meu coração porque eu gostava que ele quisesse aprender minha língua e compartilhar isso comigo.

Então, agora ele perguntou:

— Em pânico? Você usa essa expressão de muitas maneiras diferentes.

— Bem, desta vez, quero dizer preocupada, chateada e muito das duas coisas —expliquei e seus olhos percorreram meu rosto.

Então sua mão no meu pescoço me puxou para dentro e para cima enquanto ele se inclinava para que seus lábios pudessem tocar os meus.

Ele se afastou um centímetro antes de sussurrar:

— Ele não vai me ganhar, Circe.

Pressionei meus lábios juntos.

Seus olhos brilharam.

Rapidamente os soltei e sussurrei de volta:

— Ok, Lahn.

Ele me deu outro aperto e repetiu:

— Ele não vai me ganhar. — Apertou de novo, mas desta vez me segurou com firmeza. — Esta é minha promessa para você. Enfrento este desafio para defender o meu título como Dax, mas também enfrento esse desafio sabendo que, se ele pegasse minha cabeça, eu morreria e passaria meu tempo no outro reino sabendo que ele iria lidar com você e que faria isso de forma ainda pior do que fez com sua noiva. Eu não permitiria que isso acontecesse e não vou dar essa chance a ele. Sou seu marido. Vou te manter segura e vou fazer isso mantendo os pés nesta terra, respirando esse ar e estando lá para te manter a salvo. Entendeu?

Ok. Ok.

Merda.

Ok.

Lá estava. Eu *realmente* gostava do meu marido.

E depois da sua declaração, a única coisa que eu podia fazer era sussurrar:

— Sim.

— Ok? — ele perguntou com outro aperto em meu pescoço.

— Sim, Lahn, estou ok.

— Ok — ele repetiu, em seguida, soltou meu pescoço e se moveu um pouco para trás, ordenando: — Pinte bem, minha rainha. Em menos de duas horas, quero que haja o suficiente em mim para cobrir seu corpo nu de preto.

Isso deixou minha pele toda arrepiada.

— Ah... tudo bem — murmurei. Essas palavras não tremeram e ele sorriu.

— Ok — ele respondeu e soltou meu pulso.

Inclinei a cabeça e comecei a pintar o peito, os braços, as costas e o rosto fantástico do meu marido com incríveis linhas pretas.

Lahn e eu caminhamos juntos pela Daxshee até a clareira com a plataforma onde Mahyah (basicamente) tirou a própria vida.

Lahn não me tocou, mas caminhou ao meu lado pelo mar de pessoas que tinham vindo assistir. Ele usava seu cinto com facas e a espada amarrada às costas, as únicas armas que era permitido durante um desafio, no entanto, Lahn me disse que isso era feito em um sistema de honra. Como as lutas nos jogos, não havia árbitro. Durante um desafio, valia tudo e ninguém checava para ter certeza de que alguém não estava pretendendo lutar de forma justa.

Quando chegamos à clareira, vi que Dortak já estava lá, pintado de preto e vermelho, suas feridas expostas e cicatrizando, mas não curadas. Ele estava sorrindo e, Deus, eu ficaria feliz quando aquele sorriso estivesse congelado em seu rosto na morte.

Afastei os olhos dos dele enquanto caminhava com Lahn para a plataforma. Quando nós dois levantamos uma perna para subir, os tambores começaram a tocar. Ao ouvi-los, foi preciso um esforço sobre-humano para não começar a tremer de novo.

Isso não era porque eu não acreditava em Lahn. Era só porque eu odiava essa porra de tambor. Era uma reação automática e que consegui (com bastante orgulho, devo acrescentar) reverter.

Lahn me guiou ao trono, onde, novamente, Bain e Zahnin ficaram atrás.

Estava olhando para eles, então não vi o que Lahn fez para fazer com que os dois erguessem o queixo para cima, mas não gostei. Dito isso, Lahn estava planejando uma eventualidade diferente daquela que prometeu fazer por mim. Era bom e tudo o mais, ele estava cobrindo suas bases testando se eu estaria segura. Pois eu sabia, por aqueles queixos levantados por Bain e Zahnin, que eles lutariam contra Dortak se ele ganhasse de Lahn e se virasse contra mim.

Mas mesmo assim.

Afastei o medo que começou a me atingir, então calmamente me virei e sentei no meu trono.

Diandra não ficou ao meu lado porque não precisava mais. Meu Korwahk ainda não era fluente, mas eu estava ali por tempo suficiente para que compreender as coisas.

Eu ia sentir falta dela.

Olhei para Lahn e o vi de pé na beira da plataforma, suas costas pintadas viradas para mim, as mãos nos quadris, os olhos em Dortak.

Os tambores pararam.

Graças a Deus.

Lahn não se mexeu e a multidão ficou em silêncio.

Então Dortak gritou:

— Quando eu pegar sua cabeça, seu corpo não será jogado na pira. — Ele levantou a mão para apontar para uma pira já montada a certa distância, no topo da subida onde Mahyah foi queimada. — Vou jogá-lo no rio. Então vou pendurar sua cabeça do lado de fora da minha tenda e mantê-la lá, assim toda vez que sua cabelo amarelo entrar e sair da minha cama, ela a verá enquanto a carne apodrece no crânio.

Cerrei os dentes e forcei minhas mãos a ficarem soltas no colo.

Lahn não se mexeu nem falou.

Dortak não gostou e, sendo quem era, pressionou ainda mais.

— Antes disso, vou despir a sua cabelo amarelo e andar com ela pela Daxshee enquanto a forço a segurar sua cabeça. Então vou arrancar sua coroa amarela de penas, empurrá-las em sua boceta e toma-la por trás. Nos próximos meses, enquanto eu a usar até que ela não seja mais útil para mim, os sons vindos dela na minha tenda serão muito diferentes dos que ela gemeu na sua.

Sim.

Pode-se dizer que era oficial. Eu não ia perder o sono quando Lahn pegasse a cabeça dele.

Com isso, Lahn se moveu e o que ele fez, me fez prender a respiração.

Ele tirou o cinto, virou para mim e me entregou suas facas. Olhei para ele, levantando as mãos automaticamente para aceitá-las. Então, soltou a alça do peito e tirou a espada. Depois que fez isso, ele a colocou em meu trono para que ficasse descansando nos braços.

Ainda me inclinei para que seu rosto ficasse nivelado ao meu, seus olhos pintados me olharam e eu vi... eu vi... seu espírito dourado, brilhante e brutal estava brilhando perto da superfície e vamos apenas dizer que... estava... *chateado*.

Ah, não.

Dortak estava *em apuros*.

Soltei o ar, a tensão evaporou do meu corpo e eu sorri para ele.

— Dê-lhe o inferno, tigre — sussurrei.

Ele me encarou um segundo antes de piscar e seu espírito se escondesse, sua fúria desaparecendo.

Então, juro por Deus, ele *piscou para mim*.

Não era piada! Piscou!

Sufoquei uma risadinha.

Meu marido se virou e saiu da plataforma.

Dortak gargalhou quando ele levantou o braço e desembainhou a lâmina.

Então seus olhos semicerraram e ele grunhiu no avanço de Lahn,

— *Idiota*.

— Vou cortar sua cabeça com sua própria espada — Lahn disse casualmente.

— Ha! — Dortak riu. — Eu nunca fui desarmado.

— Então hoje será sua primeira e última vez — Lahn retornou, ainda se movendo para ele, cada vez mais perto, seus braços relaxados e pendurados ao lado do corpo, seu passo firme, e Dortak finalmente ficou

esperto e percebeu que mesmo desarmado uma ameaça estava se aproximando.

E foi então que ele assumiu sua postura e, sem hesitar e com um poderoso rugido, atacou Lahn.

E Dortak não esperou para agir exatamente como ele era.

Um imbecil, idiota, o rei de todos os babacas e, finalmente, a merda de um *trapaceiro* sujo.

Durante seu ataque, sua mão esquerda subiu e girou para fora, deixando um rastro de poeira amarela. Ele girou para evitar que caísse em seu rosto, avançando através dela com as costas e meu palpite era que o que quer que fosse, cegaria seu oponente.

Um silêncio de choque se instalou instantaneamente sobre a multidão já quieta.

Prendi a respiração novamente, mas, como Lahn prometeu, não precisava me preocupar.

Ele estava preparado.

Soube disso quando ele caiu instantaneamente. Se enrolando em seu corpo, ele pousou em um ombro, rolando as pernas sobre a cabeça. Então girou e rolou novamente para o lado várias vezes, aterrissando de costas, bem longe da poeira. Sem demora, ele fez um daqueles incríveis levantamentos de joelho, onde ele chutou para fora e, usando o poder das pernas e força do abdômen, ficou sem usar as mãos.

Ah, sim, meu marido era durão.

Foi então que prendi a respiração novamente, mas não por medo.

De admiração.

Eu tinha ouvido muito sobre o feroz guerreiro que meu rei era, o quanto ele era forte, rápido, inteligente. Eu conhecia sua força pessoalmente.

Mas não fazia ideia.

Não tinha qualquer pista.

Dortak investiu novamente no ataque.

E então mais uma vez.

E de novo.

E repetiu.

E cada vez que ele fazia isso, o corpo de Lahn se movia ou balançava graciosamente, cada movimento ou impulso que Dortak dava, Lahn o evitava e não de pertinho, mas a metros. Era como se Lahn estivesse na mente do seu oponente e soubesse exatamente que movimento ele faria.

Ele se abaixou girando, a trança que eu havia feito em seu cabelo voando enquanto a lâmina de Dortak assobiava no ar quinze centímetros acima dele.

Ele puxou o torso para trás e o aço de Dortak passou zunindo por ele.

Dortak impulsionava e Lahn girava em círculo, então seu oponente não pegava nada além de ar.

Depois que isso durou muito tempo, de repente Lahn se aproximou, evitou sua espada, pegou seu braço e, com aparente facilidade, virou guerreiro e espada, Dortak aterrissando de costas na pedra. Sem hesitar, Lahn o chutou na boca e ele cuspiu sangue quando sua cabeça balançou completamente.

Lahn deu um passo para trás, declarando:

— Primeiro sangue.

Isso deve ter significado algo para a multidão, observando em silêncio até aquele momento, enlouquecer quando uma comemoração soou no ar.

E continuaram a aplaudir quando Dortak se pôs de pé e enfurecido, mais uma vez atacou, seus balanços e impulsos não eram mais calculados de forma alguma, mas claramente, mesmo para alguém como eu que não sabia nada desse tipo de coisa, não era mais estratégico, mas com raiva.

Lahn também mudou sua tática. Ele não mais oscilou, se virou e abaixou. A cada balanço ou impulso que ele evitava, terminava seu movimento aterrissando golpe após golpe em Dortak. Um poderoso golpe nas costelas que fez Dortak grunhir. Um golpe na mandíbula que fez mais sangue sair da sua boca. Um chute na parte de trás do joelho fez Dortak cair com força e assim por diante.

Mais uma vez, isso durou muito tempo. Por tanto tempo, que Lahn abriu um corte na bochecha de Dortak, o sangue escorria de sua boca dos dentes perdidos e dois cortes nos lábios, havia marcas ferozes e vermelhos em todo o dorso de Dortak, onde os punhos de Lahn haviam atingido e ele ainda reabriu a ferida que Mahyah havia provocado em seu ombro.

O sangue estava vazando e a raiva de Dortak se transformou em ira. Seus grunhidos de dor e esforço encheram o ar. Seu suor se misturava com seu sangue e seus movimentos se tornavam bruscos e descoordenados com a surra que ele estava tomando, o esforço que ele estava fazendo e a emoção que deveria ter mantido sob controle.

Então, tão rápido que foi difícil acreditar que eu tinha visto, a mão de Lahn se moveu para fora. Ele roubou a faca de Dortak no cinto e a plantou em seu ombro. Sem hesitar, quando Dortak gritou de surpresa, dor e frustração, Lahn moveu a mão novamente, roubou a outra lâmina de Dortak e a plantou na velha ferida que Mahyah lhe provocara.

Dortak recuou cinco passos o tempo todo gritando de raiva.

A multidão, no entanto, foi à loucura com pura alegria.

Alguém perto da frente gritou:

— *Puntay zan, kah Dax! — Acabe com ele, meu rei!*

E esse grito virou um canto. *Puntay zan! Puntay zan! Puntay zan!*

Mas Lahn não terminou de lutar e quando Dortak arrancou as lâminas da sua carne uma a uma, jogou-as de lado e correu para Lahn com a espada erguida. Lahn se abaixou para evitar o aço, mas levantou um braço. Agarrando a mão de espada de Dortak e mantendo-a erguida,

Lahn deu-lhe um soco no estômago durante seu avanço e depois deu um golpe nos rins na parte de trás. Ele girou, levantou uma perna e apoiou uma bota nas costas de Dortak, ao mesmo tempo em que abaixava o braço do homem com tanta violência, que pude ouvir a fratura do osso, embora estivesse pelo menos a seis metros de distância.

A multidão rugiu ao som, assim como Dortak, mas seu grito foi de dor. Ele caiu de cara no chão e largou a espada, incapaz de carregar a pesada arma na mão em um braço preso a um ombro fraturado.

Lahn se afastou vários metros enquanto Dortak lutava com a mão saudável (mais ou menos) e depois se ajoelhou sob os pés dele.

— Mais uma vez, meu irmão, gostaria de ouvir. O que você pretendia fazer com a minha tigresa?

Dortak, apoiado em uma mão e nos dois joelhos, virou a cabeça para olhar por cima do ombro e para Lahn. Seu rosto estava vermelho, suado, ensanguentado e retorcido, não apenas com ódio, mas também de dor.

Lahn continuou falando.

— Minha deusa de ouro abriu os céus e ordenou suas lágrimas quando sua noiva deixou a terra. Ela desenhou um arco-íris no céu para guiar suas cinzas para o próximo reino. Quando você cair, os céus não irão chorar e ela não desperdiçará sua magia em um arco-íris. Quando o seu sangue atingir a pedra, é o mais próximo que você chegará aos céus. Minha noiva de ouro não precisará desperdiçar energia em guiar seu espírito para a eterna agonia. Seu espírito saberá exatamente onde deve ir.

Com esforço visível, Dortak se levantou, grunhiu de dor quando se inclinou para recuperar a espada na mão esquerda e não dominante, e a levantou de forma desajeitada em direção a Lahn.

O rei olhou para ele por um breve momento antes de virar apenas a cabeça para mim.

— Já está entediada? — ele perguntou.

Eu meio que não estava. Era horrível, mas eu também tinha que admitir que era legal.

Mas eu tinha a sensação de que meu marido havia terminado, então falei:

— *Meena, kah Dax. Na weykun kay nahna quaxi. Ta jahnay boonahn keeta jahko. Kay zookay junu.* — Sim, meu rei. Você me prometeu sua pintura. Nós temos coisas melhores para fazer. Quero me divertir.

Com minhas palavras, a multidão voltou a enlouquecer.

Lahn sorriu.

Eu sorri de volta.

E com um poderoso rugido que provavelmente levou toda a energia que lhe restava, Dortak atacou.

Lahn virou cabeça, então parei de pensar que isso era legal e encarava um horror que eu esperava esconder enquanto meu rei terminava a competição.

Com facilidade, ele se esquivou do ataque e desarmou Dortak ao fazê-lo. O guerreiro passou por Lahn, mas ele não esperou. Depois que Dortak fez uma parada estranha e se virou pesadamente para enfrentar seu adversário, Lahn já havia balançado o aço dele e imediatamente executou um golpe baixo, poderoso e suave, cortando Dortak nos joelhos.

Literalmente.

Com um rugido de agonia que doía de ouvir mesmo vindo de um monstro, Dortak sem pernas voltou a cair de cara no chão.

A multidão, claramente encantada além da razão com o terrível desmembramento, ficou enlouquecida — seus gritos, cantos e gritos ecoando pelo ar.

Mas Lahn não havia terminado.

Ele se inclinou e usou o cabelo de Dortak para arrastar o guerreiro ainda vivo, mas definitivamente caído, a quase dois metros do meu trono, deixando as pernas para trás.

Lahn ergueu o corpo sem pernas de Dortak no ar, erguendo-o com um suspiro todo-poderoso.

Me obriguei a permanecer com os olhos abertos enquanto olhava para o rosto odiado, ensanguentado, agora pálido e agonizante de um homem que se poderia dizer que recebia aquilo que merecia antes que Lahn soltasse seu cabelo.

Quando seu corpo começou a despencar no chão, rápido como um raio, Lahn rapidamente brandiu a espada de Dortak com duas mãos e a lançou em um arco descendente, cortando-o pelo pescoço, o corpo de Dortak caindo direto no chão, a cabeça voando de forma repugnante e jorrando sangue.

Eu não pude evitar. Foi tão brutal, que estremeci.

Felizmente, achei que ninguém notou, nem mesmo Lahn. Ele estava olhando para o corpo sem cabeça, sem pernas, muito, muito, *muito* morto de Dortak e a multidão estava enlouquecendo.

Assim como eu estava aprendendo, os Korwahk não demoraram para completar as festividades. Os homens correram para frente, um agarrou as duas pernas decepadas, dois agarraram um braço no corpo de Dortak e arrastaram e carregaram os pedaços da carcaça para fora da clareira, se movendo em direção à pira. Outro homem avançou com Lahkan, o cavalo de Lahn, e o próprio rei havia seguido em direção a cabeça, que ele pegou pelos cabelos.

Enquanto caminhava de volta para sua montaria, ele jogou a espada ensanguentada de Dortak na plataforma, que bateu na madeira, e seus olhos foram além de mim para Bain e ou Zahnin.

— Unahyoo see — ele grunhiu. *Derreta isso*. Ele me olhou e voltou a falar em meu idioma. — Você já teve o suficiente e não vai cavalgar comigo. Beba e se divirta com seu povo. Vou voltar e vamos celebrar.

Eu assenti.

Ele ergueu o queixo, prendeu a cabeça de Dortak pelos cabelos a um estribo em Lahkan (algo que vi no início e depois desviei os olhos

porque, sério, era nojento).

Então, sem demora, Lahn subiu na sela, puxou as rédeas, Lahkan se virou e Lahn esporou seu corcel.

Imediatamente, Lahkan avançou a toda velocidade.

A multidão havia se movido e a clareira não era mais uma clareira, mas eles já estiveram presentes nesses duelos o suficiente. Eles rapidamente saíram do caminho de Lahn, mas gritaram, batendo palmas, erguendo os punhos no ar, batendo-os contra o peito e, em geral, sendo turbulentos e excessivamente desordeiros. Um fluxo de homens, mulheres e até crianças correu atrás de Lahn em Lahkan, provavelmente na esperança de estar perto quando Lahn cortasse a cauda de Dortak para que eles pudessem reivindicar sua cabeça.

Lahn desapareceu da vista, barris foram providenciados, jarros surgiram e copos cobertos de couro foram passados.

Era hora de festejar.

Bain e Zahnin se moveram para ficarem lado a lado do meu trono e não nas costas.

Uma mulher se aproximou e me entregou um copo revestido de resina, coberto de couro, que com uma fungada soube que estava com zakah.

Se eu tivesse uma escolha, preferiria vinho. O vinho de Korwahk era excelente.

Mas zakah foi oferecido e era o que eu tomaria.

Olhei para Bain, levantei a taça quando ele baixou os olhos para mim, virei a cabeça para Zahnin que já estava me olhando.

— Suh Dax! — gritei. *O Dax!*

E então virei o copo.

Antes que eu endireitasse a cabeça, ouvi os dois guerreiros rirem.

Sim, até Zahnin.

Ah, sim.

Sim. Sim. *Sim.*

— Mais forte, baby — implorei, tão perto, tão perto e caramba, ia ser intenso.

Eu tinha tinta em mim. tinha até o sangue de outro homem em mim, além de estar com as mãos em um guerreiro selvagem que superou um desafio do seu trono, tirou a vida de um homem que não era bom o suficiente para andar nesta terra e que estava com vontade de comemorar.

Eu estava de quatro na frente dele. Lahn estava empurrando para dentro, profundamente e com intensidade.

Ele já havia feito sexo oral em mim, não me deixando gozar. Me permitiu montá-lo enquanto acariciava meu clitóris com o dedo, não me deixando gozar. Me deixou levá-lo na minha boca enquanto me tocava, mais uma vez não me deixando gozar. E agora estava me fodendo com força.

Eu estava preparada. Tão preparada quanto nunca estive.

Quando chegasse, ia acabar comigo.

Lahn estava debruçado sobre mim, um braço ao meu redor, os dedos puxando o mamilo não com muita gentileza, mas muita eficácia, a outra mão envolvida no meu maxilar, segurando minha cabeça como na primeira vez que ele transou comigo de um jeito que gostei... mas melhor.

Muito melhor.

Ele soltou as mãos e uma se apoiou em minhas costas, me empurrando para baixo.

— Atoo luh nahna Dax, kah Dahksahna, uvoo zan nahna xaxsah — ele grunhiu enquanto estocava em mim. *Se curve ao seu rei, minha rainha, dê-lhe sua boceta.*

Fiz o que ele pediu, arqueando meu peito na cama, pressionando o rosto no colchão. Com os braços esticados na minha frente, levantei a

bunda para encontrar seu movimento.

Suas grandes mãos atravessaram minhas costelas e ele me puxou de volta com força mesmo com meus violentos empurrões.

— See lapay tee, kah rahna Dahksahna — ele grunhiu — uvoo kay nahna rahna xaxsah. — *É isso, minha rainha de ouro, me dê sua boceta de ouro.*

— Sim, meu rei — murmurei, chegando mais perto. — Kah rahna xaxsah lapay nahna. — *Minha boceta de ouro é sua.*

— Kahna — ele grunhiu. *Minha.*

— Nahna — ofeguei. *Sua.*

— Jak kahna — ele grunhiu, batendo fundo. *Toda minha.*

E eu cheguei ao clímax. Inclinei a cabeça trás, meu cabelo balançando, minhas mãos apertando as peles e meus quadris batendo contra os dele. Isso me subjugou, me fazendo chorar em êxtase, sem piada, êxtase, enquanto eu entrava em um transe de mini orgasmo enquanto a pura força dele me tomava. Mas ainda assim, não perdi o poderoso grito de liberação do meu rei enquanto ele enterrava seu pênis profundamente, me puxando para si uma última vez, suas mãos apertando com ferocidade as minhas costelas.

Eu não estava nem perto de me recuperar quando ele puxou bruscamente o meu corpo para cima, como se tivesse o que eu gostava de considerar a nossa (real) primeira vez, então eu estava praticamente suspensa, encaixada em seu pau. Ele deslizou as mãos pelas minhas costelas para cobrir meus seios e sua respiração no meu ouvido ainda estava ofegante quando ele falou, sua voz rouca e densa.

— Kahna — ele grunhiu, apertando meus seios.

— Nahna — concordei, virando a cabeça e pressionando a testa em seu pescoço.

Um dos seus braços circulou para me segurar na área do diafragma, enquanto sua mão segurava nossos sexos conectados.

—Kahna — ele grunhiu novamente, acariciando meu clitóris.

Meus quadris empurraram e eu gemi antes de sussurrar:

— Nahna.

E deslizou sua mão pelo meu corpo, até a minha garganta e forçou o polegar entre os meus lábios. Aceitei-o de pronto e de imediato o absorvi mais profundamente. Desta vez, seus quadris balançaram e ouvi seu grunhido emanando baixo de sua garganta.

— Kahna — ele grunhiu novamente.

Minha língua rodou no polegar dele, ele o deslizou para fora e ao longo do meu lábio inferior enquanto eu sussurrava:

— Nahna.

— Uvoo nahna lisa luh kay. — *Dê a sua boca para mim.*

Inclinei a cabeça para trás e ele pegou minha boca até que gemi em sua garganta.

Ele afastou a boca da minha, mas eu abri meus olhos e ele os capturou quando sua mão foi para a minha barriga e ele voltou a para a minha língua.

— Hoje à noite, plantei minha semente em seu ventre, minha Circe. Esta noite fizemos um guerreiro. Hoje à noite, seu ouro e a minha pintura se misturaram e criamos o maior guerreiro que esse mundo jamais verá.

Certo, hum... isso me assustou pra caramba. Eu estava firmemente ignorando o fato de que estava fazendo sexo desprotegido, repetidamente, com um homem muito viril cuja “semente” era provavelmente tão viril quanto ele. Eu estava lidando com isso de uma forma “vou lidar com isso se acontecer” (o “se” na frase, como os dias passaram sendo mais como um “quando”).

Em outras palavras, eu estava ignorando e estupidamente esperando que o que tinha que ser seria.

Mas, honestamente, mesmo se ameaçada de morte, eu não conseguiria quebrar o clima.

— Isso é impossível, meu Lahn — sussurrei, levantando a mão para apoiar em seu pescoço. — O maior guerreiro que este mundo jamais

verá já anda nesta terra e agora ele está dentro de mim.

Observei seus olhos brilharem, expondo o espírito dourado dentro dele antes que ele grunhisse e tomasse minha boca novamente, me beijando até que eu estivesse gemendo. Então ele se libertou.

Quando o fez, minha mão que não estava em seu pescoço deslizou entre as minhas pernas, indo fundo até que eu estava o segurando.

— Kahna — sussurrei e vi seu espírito dourado brilhar mais forte.

— Nahna — ele sussurrou de volta.

Sim, *meu*.

Apertei os dedos em seu pescoço e repeti:

— Kahna.

Sem hesitar, ele concordou:

— Nahna.

Encarei seus olhos calorosos e brilhantes e disse suavemente:

— *Kah Dax. Kah tunakan. Kah Lahn.* — *Meu rei, meu guerreiro, meu Lahn.*

Seus lábios se aproximaram dos meus e ele sussurrou:

— Meena, meu Circe, jak nahna. — *Sim, minha Circe, todo seu.*

Meus lábios se curvaram em um sorriso segundos antes da sua língua deslizar entre eles, a ponta da minha encontrou com a sua em um toque doce antes que ele quebrasse a conexão, puxando-me para fora do seu pênis, me virando e me deitando de costas na cama. Ele separou minhas pernas, desceu em cima de mim, em seguida, puxou-as ao seu redor, enquanto eu envolvia seus ombros largos com meus braços. Sua mão percorria meu corpo, toda a pele que ele podia tocar que não estava sendo tocada por seu corpo enquanto seu outro braço descansava na cama, assumindo a maior parte do seu peso.

Durante todo o tempo que ele fez isso, seus lindos olhos escuros pintados de preto ficaram presos aos meus.

Eventualmente, meus membros lhe deram um aperto e eu sussurrei:

— Gosto da nossa pintura, querido, mas não gosto de Dortak em mim. Podemos tomar banho?

Ele baixou a cabeça e tocou a boca na minha enquanto sua mão subia e segurava em meu pescoço.

Então ele falou suavemente e eu sabia que ele falou sério o que tinha a dizer, por que não incomodou em falar no meu idioma. Ele usou Korwahk.

— Entendo que isso não é do seu mundo, minha Circe, mas ele compartilha nossa cama hoje à noite.

Ah, não, não gostei do som disso, *não mesmo*.

Lahn continuou falando.

— Seu corpo foi queimado na pira, sua cabeça se tornou um brinquedo ou troféu, os Korwahks comemoraram sua morte com gritos, cantos, bebida e dança. E ele compreendia a humilhação, espancava, desarmava e imobilizava antes da sua derrota, abatido por seu próprio aço. Mas não terminei com ele. Seu sangue compartilha nossa cama enquanto tomo você com minha boca, com meu pau, com meus dedos, sua boca me suga profundamente e eu te faço implorar, suspirar e gemer. E ele compartilha isso enquanto você dorme debaixo de mim, minha semente vazando entre suas pernas. Amanhã vou banhá-lo de você. Esta noite, se houver alguma parte do seu espírito neste reino, ele saberá a beleza que compartilhamos em nosso corpo, e como ele ameaçou macular minha rainha, este é o meu jeito de enfiar isso no *traseiro* dele.

Tudo bem, eu poderia entender o que ele estava dizendo. Eu sabia que meu homem estava chateado depois do que Dortak disse. Mas agora que a paixão nos extenuou e o aconchego começou, eu não estava animada para dormir com o sangue de um cara em mim.

E comecei a dizer isso a Lahn.

— Lahn...

Ele balançou a cabeça e seu polegar se moveu para os meus lábios.

— Não, Circe. Vai ser assim. Seu rei ordena isso.

Quando ele deslizou o polegar dos meus lábios, eu sussurrei:

— Mas, baby, isso é *nojento*.

Ele piscou.

— Nojento?

Assenti.

— Nojento. Argh. Blergh. Ugh. *Nojento*.

Ele sorriu.

Então me lembrou:

— Você não achou que foi... *nojento*... quando me deu nahna xaxsah enquanto carregava o sangue dele e a minha pintura.

— Mas...

— Ou quando implorou pelo meu pau mais forte.

— Mas, La...

— Ou quando você empurrou seus quadris em meu pau com força.

Movi os braços ao redor dos seus ombros e cobri sua boca com a ponta dos meus dedos.

— Ok, ok, eu entendi. Você está certo. E se isso significa algo para você, tudo bem. — Afastei a mão da sua boca, suspirei e cedi. — Vou dormir com sangue nojento em mim.

Vi seu sorriso antes que ele aconchegasse o rosto em meu pescoço.

— Shahsha, kah rahna Dahksahna.

— Nahrahka — murmurei, deslizando a mão pelo seu pescoço para trás e depois para baixo entre as omoplatas, pensando, *Meu Deus, as coisas que eu faço para o meu rei*.

— Kah teenkah tunakanahsa foi muito corajosa hoje — ele disse no meu ouvido e levantou a cabeça, o polegar se movendo para tocar minha bochecha. — Sei que assistir isso precisou de esforço seu, Circe. Fiquei muito orgulhoso de você.

Senti minha irritação desaparecer quando a doçura dele me invadiu.

— Obrigada, querido — sussurrei.

Ele me olhou e sussurrou de volta:

— Eu não poderia sonhar alguém melhor do que você.

Ah, meu Deus.

Ah, meu *Deus*.

Ele acabou de dizer aquilo?

Olhei em seus olhos calorosos.

Ele disse aquilo mesmo.

E foi tão doce, tão inesperado, mas tão bem-vindo, que minha respiração ficou presa e tudo que eu podia fazer era continuar olhando para ele.

Ele não terminou.

— Uma esposa melhor, uma rainha melhor. Nem mesmo em um sonho eu poderia imaginar alguém melhor que você.

— Pare com isso — sussurrei porque não aguentava mais, porque a felicidade que florescia dentro de mim ameaçava me dominar.

Ele inclinou os lábios ligeiramente, mas seus olhos se aqueceram ainda mais.

— Ok, kah Lahnahsahna, vou parar com isso.

Respirei pelo nariz para controlar o formigamento, levantei a cabeça e empurrei o rosto em seu pescoço, segurando firme com todos os meus membros.

Lahn falou no meu ouvido.

— Minha rainha, não fique sonolenta. Não acabei de te comer.

Certo, talvez eu não devesse ter ensinado isso ele. Claro que quando expliquei, ele riu alto, em seguida, me pegou, me jogou na cama e agiu de acordo com o significado daquela expressão.

Mas ele dizendo aquilo era *sexy*, muito *sexy*.

Apoiei a cabeça de volta na cama e olhei para ele em descrença.

— Não terminou?

— Não. Nem perto.

Senti minhas sobancelhas se arquearem.

— Nem perto?

— Não.

— Uau — sussurrei. — Talvez você *seja* um deus.

Ele começou a rir e fez isso por um longo tempo, seu corpo massivo estremecendo e movendo o meu de um jeito que não gostei.

Eu amei.

Então, ainda rindo, ele baixou a testa na minha e sussurrou:

— Kay *lapay* el Pahnsahnak, kah Pahnsahnalla. — *Eu sou um deus, minha deusa.* — E vou provar isso para você.

Então sua boca tomou a minha e ele provou.

Rapaz, ele já havia provado isso para mim.

Achei que meu homem chutaria o traseiro de alguém em um campo de batalha, e era o que ele fazia. Eu estava admirada.

Mas estava mais maravilhada com o que ele poderia fazer em nossa tenda.

Muito, *muito* mais.

Capítulo 24

A Decisão

Um mês depois...

— Circe, ah, *Circe*, não posso — Diandra murmurou enquanto olhava para a pesada pulseira de ouro incrustada com granada e ametista que ela vinha examinando com óbvio anseio, mas sendo tão pesada com ouro e pedras preciosas, provavelmente não teria dinheiro. Pulseira tal que prenda no pulso dela.

— Pode, minha amiga, e vai — sussurrei e ela inclinou a cabeça para trás, afastando os olhos da pulseira nova. Vi seus olhos úmidos brilhando e terminei, ainda sussurrando: — Como me prometeu, você ficou ao meu lado e sei, minha querida amiga, eu *sei* — agitei seu pulso uma vez para dar mais ênfase — que houve vezes que não foi fácil. Mas quero que você saiba que haverá momentos em que estar ao meu lado irá lhe dar a recompensa que você merece por ser gentil, paciente e generosa. Quero que você aceite esse presente, de mim e de Lahn, como um sinal de nossa gratidão por tudo que você nos deu.

Vi uma lágrima deslizar por sua bochecha quando ela ergue a mão que não estava entrelaçada a minha para emoldurar minha bochecha.

— Você fez cada minuto, mesmo os mais difíceis, um prazer, minha verdadeira rainha de ouro — ela sussurrou de volta.

Senti as lágrimas marejarem meus próprios olhos e sorri para ela.

Então, para aliviar o clima antes de irromper em lágrimas sem graça, brinquei:

— Mesmo agora, você está sendo generosa. Sei que posso ser um saco.

Ela me olhou por um segundo, provavelmente sem saber o que era “um saco”, mas definitivamente entendendo. Depois que esse segundo passou, ela começou a rir, puxou seu pulso do meu aperto e me puxou em seus braços para um abraço apertado.

Abracei de volta o mais forte que consegui.

Quando nos afastamos, segurei sua mão para um último aperto, sorrindo enquanto olhava para seus olhos brilhantes. Por fim, deixei-a ir e sorri para Teetru.

— Dê uma moeda ao homem, querida — falei em Korwahk.

Teetru pulou como se tivesse sido puxada de um transe mesmo que seus olhos estivessem em Diandra e em mim. Ela balançou a cabeça e foi em direção ao comerciante, abrindo a bolsa de couro com cordão que carregava e que estava cheia das moedas de Lahn.

Segurei o cotovelo de Diandra e a afastei da barraca, olhando para trás e sorrindo para a minha comitiva.

À noite, antes de um grande grupo de mercadores viajantes se aproximou e se estabeleceu nos arredores da Daxshee. Esta manhã, o povo da Daxshee caiu sobre eles como se fosse o dia depois das vendas de Natal.

Então, é claro, juntei minhas garotas ao pelotão composto por Diandra, Narinda, Sheena, Nahka, Oahsee, Claudine, Sabine, Anastasie e duas amigas de Nahka que haviam sido adotadas pelo grupo, Char e Vuntus, e fomos embora... fazendo compras.

Sendo rainha, e seguida por Bain, que carregava armas, era enorme e musculoso e grunhia ordens, eu ou minhas garotas tínhamos que ir até qualquer barraca que nos chamava atenção.

Foi incrível. Eu estava me divertindo muito, a vibração no ar estava animada e eu estava feliz. Estava feliz porque estava com minhas amigas. Por que estava fazendo compras, algo que eu adorava. E porque minhas amigas estavam felizes, rindo, conversando e comprando.

Mas, principalmente, estava feliz porque Lahn estaria em casa amanhã.

Não precisava dizer que eu havia tomado a minha decisão.

Com magia ou não. Eu tendo poder ou não. A nação sendo selvagem ou não.

Eu ia ficar.

Porque, aqui, eu era rainha.

Tinha roupas incríveis.

Possuía uma linda magia.

Tinha grandes amigas cujas amizades haviam sido testadas além de qualquer coisa que eu pudesse imaginar e elas se mantinham fortes e verdadeiras.

E porque, aqui, eu estava apaixonada.

Talvez não pelo homem dos meus sonhos, mas por alguém que era mais homem do que qualquer outro que já encontrei. Ele era selvagem, sem dúvida. Mas, para mim, era incrivelmente doce.

E ele achava que eu era uma mulher além dos seus sonhos.

E isso era bom para mim.

Eu sabia muito bem que havia negado a atração do mundo louco de Korwahk por um tempo.

E neguei, também, a estranha conexão que se mantinha forte como aço entre Lahn e eu durante as semanas em que estivemos juntos, os dramas e as mágoas.

Mas depois que ele derrotou Dortak e comemorou comigo, eu soube.

Soube que estava apaixonada.

O que aconteceria no dia seguinte só provaria isso de forma irrefutável.

Ele me acordou com um gentil “Acorde, minha Circe”, sussurrado em meu ouvido.

Quando meus olhos se abriram e virei a cabeça em sua direção, vi algo em seu rosto que raramente via — a primeira vez foi depois que cantei para Mahyah.

Deus, esse olhar era lindo.

— O quê? — sussurrei de volta.

— Você vai ver — ele respondeu baixinho, em seguida, se inclinou. Ouvi barulho de água espirrando e ele voltou para mim com um pano molhado. — Vamos nos banhar mais tarde. Mas você deve ver agora e Dortak não compartilha isso conosco.

Ele então começou a lavar delicadamente o sangue da minha pele e vi que ele já havia feito isso consigo mesmo.

Me apoiei em meus cotovelos e comecei:

— Lahn...

Seu olhar desviou do meu peito e encontrou meus olhos.

— Quieta, minha linda de ouro.

Seu tom estranho e aquele lindo olhar em seu rosto, que não desapareceu, me fez calar. Ele não lavou toda a tinta, mas se certificou de lavar todo o sangue. Então ele largou o pano em um balde ao lado da cama, me pegou e me colocou de pé. Se afastou para pegar meu robe de onde estava pendurado no encosto de uma cadeira. Ele já estava vestido com suas peles.

Ele segurou a peça para mim. Enfiei os braços e amarrei ao redor da minha cintura.

Então ele pegou minha mão e me guiou até as abas da tenda.

Vi que estava começando a amanhecer. A Daxshee ainda quieta, a maioria das pessoas estava dormindo.

Com a mão dele na minha, ele me levou ao redor da tenda, até a parte de trás, onde passava o riacho.

Mas vi antes de chegar lá e não conseguia acreditar no que estava vendo.

Ao longo das margens do riacho havia uma profusão de flores como a que eu havia colocado na pira de Mahyah. Havia algumas lá antes, mas não tantas e a maioria havia sido cortada pelo povo de Korwahk para dar a Mahyah. Agora, essas flores cortadas haviam sido substituídas — *da noite para o dia* — e seu número mais que triplicara.

E eles não eram apenas no tom laranja vibrante da flor que dei a Mahyah, mas também havia branco, amarelo e escarlate, até onde a vista alcançava, se espalhando ao longo das margens do riacho. Os salgueiros espalhados pelos lados caíam em seus galhos curvados, as pontas mergulhando no suave fluxo de água.

Era incrivelmente bonito.

Lahn me parou na subida atrás da nossa tenda, logo acima do riacho, e puxou minhas costas para a frente, colocou uma mão na minha barriga, o outro braço inclinado sobre o peito, a mão segurou meu pescoço como ele havia me abraçado a ele em seu cavalo, quando estávamos montando.

Percebi vagamente que havia pessoas, mas não muitas, aqui e ali do nosso lado do riacho e do lado oposto, todas em silêncio, olhando para o espetáculo.

Lahn se inclinou de modo que sua boca alcançou meu ouvido e falou baixinho enquanto pressionava minha barriga levemente.

— Vejo que não fizemos um guerreiro na noite passada. Minha deusa de ouro, eu esperaria que isso não fosse criar uma profusão de flores se a minha semente produzisse um guerreiro. — Ele baixou a voz, a

mão pressionou minha barriga mais profundamente e seu braço ficou tenso.

— Fizemos uma filha.

Um arrepio percorreu minha pele com as suas palavras, outro seguindo quando me dei conta de que ele não estava desapontado com a ideia de termos uma garota... de jeito nenhum.

Ele tocou a pele do meu pescoço com a boca, em seguida, ergueu a cabeça e descansou o queixo no topo da minha cabeça e me abraçou enquanto eu olhava para o que ele pensava que eu criei.

Então algo inacreditavelmente incrível aconteceu.

Sem pensar, as lembranças penetraram na minha cabeça.

Lahn cedendo quando eu quis Ghost.

Lahn me levando em suas costas para me levar para os jogos.

Lahn sorrindo para mim na primeira vez que bebi o zakah.

Lahn me abraçando enquanto eu estava tremendo de insolação.

Lahn preparando o remédio para mim e o segurando nos meus lábios para beber.

Lahn me verificando durante o dia depois que eu fiquei doente.

Lahn me dando Zephyr.

Lahn me segurando em seu cavalo, perguntando sobre a minha mãe, meu pai, me dizendo que eu era bonita, me explicando como minha reivindicação — algo que tinha sido pavoroso para mim — tinha sido, para ele, um presente que ele considerava precioso.

Os olhos de Lahn estavam fixos nos meus, perguntando não verbalmente se eu estava bem depois que Dortak estendeu seu desafio.

Lahn cuidando de mim depois da morte de Mahyah.

Lahn me oferecendo o maior presente que já recebi, mais de uma vez, seu espírito.

Lahn me dizendo que ele estava satisfeito que o meu coração me guiou de volta para ele.

E Lahn me dizendo ontem à noite que ele não poderia ter sonhado com alguém melhor do que eu.

E enquanto cada lembrança surgia em meu cérebro, observei em silêncio atordoado quando uma nova flor brotou do nada e floresceu em um flash de cor em algum lugar ao longo da margem.

Exceto pelas lembranças de Lahn me dando o seu espírito e a última dele me dizendo que eu era melhor do que um sonho, cada uma delas fez com que dezenas de flores explodissem e enfeitassem as margens com surpreendente vibração.

Put*a merda.*

Eu tinha magia mesmo.

E não era nobre.

Era incrível e *lindo* demais.

Os olhos daqueles que compartilhavam isso se voltaram para mim, maravilhados, e os braços de Lahn me deram um aperto quando ele murmurou sobre minha cabeça,

— Minha esposa está tendo pensamentos felizes.

Sim. Ele estava certo, eu estava.

Eu... estava... tendo... mesmo.

Isso porque eu estava apaixonada por um rei selvagem e guerreiro e sabia do fundo da minha alma que ele me amava.

Apoiei as mãos sobre a dele, em minha barriga, e olhei para a beleza que eu criei.

Isso me fez feliz também.

E sorri quando uma flor irrompeu para a vida com esse pensamento.

Lahn riu.

Ele também estava feliz.

Outra flor se abriu.

Legal demais!

— Loolah. — Ouvi o miado cansado.

Virei a cabeça, para olhar ao redor de Lahn e meus corpo, para ver Gaal emergindo da tenda que ela compartilhava com todas as garotas, Ghost avançando em nossa direção, ainda afastando o sono dos seus lindos olhos azuis, e notei que com o passar das semanas, minha filhote estava deixando de ser um bebê e se tornando uma tigresa.

— Poyah, kah teenkah lahnahsahna — eu a chamei.

Ela veio até nós, bateu a cabeça contra as pernas de Lahn e nas minhas, então baixou as patas e se sentou encostada a elas.

Os braços de Lahn me deram outro aperto e eu sabia que outra flor havia se aberto, mas estava olhando para Ghost e não vi.

Virei uma das mãos para poder envolver os dedos ao redor dos dele, na minha barriga.

Então, sussurrei:

— Amo você, meu Lahn — e ouvi o rápido sibilar da sua respiração.

Ele enterrou o rosto no meu pescoço e sussurrou de volta:

— Loot kay hansahnalay na, minha Circe. — E eu amo você, minha Circe.

Com suas palavras, as margens do riacho irromperam em um tumulto de flores. Tantas, que a margem só poderia ser visto como uma flor aglomerada na outra.

E foi quando eu soube.

Eu amava meu pai. Amava meus amigos. Tive uma boa vida em Seattle e fui feliz lá.

Mas nem de longe tão feliz como eu era aqui.

E eu nunca mais voltaria.

A vida continuou normalmente pelas próximas duas semanas. Eu andava entre o meu povo com Bain e Zahnin. Passei tempo com minhas

garotas. Meu Korwahk melhorou até o ponto em que eu não precisava mais de aulas. Minhas manhãs eram passadas com meu marido na cama, em seguida, em seu banho. Minhas noites com ele em nossa mesa, em seguida, de volta em nossa cama.

E eu não estava contente.

Estava gloriosamente feliz.

Momentos sombrios passaram enquanto eu considerava explorar minha magia, talvez descobrir se eu poderia ir para casa e explicar coisas para meu pai, me despedir dele, dos seus garotos e meus amigos e voltar. Talvez até planejar viagens de ida e volta.

Mas haveria tempo para isso, decidi. E eu saberia quando essa hora chegasse. Eu falaria então com Lahn e Diandra e planejaria isto.

Mas minha preocupação era que, se eu fosse para Seattle, não pudesse voltar para Lahn.

E por agora, eu estava feliz por viver em um sonho louco que se tornou uma bela realidade.

Depois de duas semanas, quando Lahn e eu estávamos jantando, ele me disse que a Daxshee seria desmontada em dois dias e partiríamos.

E foi o que fizemos durante oito dias, até que, em um penhasco ermo com poucos arbustos, mas muita pedra, sujeira e areia, montamos tudo novamente. Era um local estranho e não muito atraente, especialmente em comparação com o nosso local pelo riacho. Mas o que eu sabia? Eu não era o Dax.

Na manhã seguinte ao surgimento da Daxshee, Lahn me disse que partiria para liderar um ataque e que ele não voltaria por cinco dias.

E que não ia me levar.

Eu não queria que ele fosse porque não queria que ele ficasse longe de mim, mas havia mais.

Isso me assustou.

Diandra havia me dito que os guerreiros mantinham suas esposas próximas enquanto saqueavam. E se Lahn estivesse saqueando, eu precisava estar perto.

E quando eu disse a Lahn com firmeza que queria ir com ele, tivemos nossa primeira briga séria.

Ele se recusou terminantemente e eu me recusei a permitir que ele recusasse. Eu gritei e ele trovejou. Isso durou muito tempo e foi intenso. Ele estava furioso, realmente furioso, não só por eu estar questionando sua decisão como Dax que eu não iria, mas que eu queria ir, considerando que ele achava que tal viagem seria perigosa para mim, já que estaríamos entrando em um país vizinho. Mesmo furioso, porém, nem uma vez ele deixou que isso saísse do controle o suficiente para que ele levantasse a mão com a intenção de me atingir.

Isso foi bom.

O que foi ruim foi eu finalmente compartilhar com ele o que estava me preocupando.

— Se você estiver fora saqueando, então não posso cuidar de você antes disso! — gritei e ele piscou surpreso com as minhas palavras que claramente o confundiram.

— O quê? — Ele recuou.

Apoiei as mãos nos quadris e olhei seu corpo.

— Não se esqueça, querido, que *isso* é meu, *todo* meu. Você mesmo disse. E não vou compartilhar com *ninguém*. Sei como você fica quando está comemorando, *cara*, eu sei, e você *com certeza* não vai pilhar e invadir e sem que eu seja a pessoa com quem você vai comemorar, antes e depois.

Eu não podia acreditar que estava dizendo essa merda, mas lá estava.

Falei.

Ele me olhou e eu não sabia se ele estava em estado de choque, se não sabia o que dizer ou se estava controlando sua raiva, então ele não disse nada que pudesse se arrepender.

Longe demais, eu estupidamente continuei.

— Em outras palavras, Lahn, não sou uma grande fã de invasões e saques. Sei que é o seu modo de vida. Não gosto disso, mas não falo contra. Mas você não vai adicionar estupro ao seu saque. De *jeito nenhum*. Você não vai tomar outra mulher além de mim.

Eu sabia que a ficha dele havia caído quando seu rosto se transformou em granito e ele ficou em silêncio novamente por vários segundos antes de me perguntar suavemente:

— Estou no meu quarto com minha esposa me dizendo o que posso e não posso fazer?

Seu tom era perigoso, tanto quanto o olhar de pedra em seu rosto e, para minha sorte, eu era inteligente o suficiente para ler, então deixei meu silêncio ser minha resposta.

Lahn continuou:

— Marido e mulher, Circe, não falam disso. — Ele fez uma pausa e terminou: — *Nunca*.

— Não somos apenas marido e mulher — retruquei.

— É verdade. E compartilho muitas coisas com você. Mas isso não. Isso não é da sua conta e nunca mais falaremos disso, minha rainha. Nunca mais. Entendido?

Ah, não.

De jeito nenhum.

Minha voz também se acalmou quando eu respondi:

— Se você voltar com outro cheiro além de sujeira, suor e sangue, eu *pegar uma dica de* que você tomou uma mulher que não sou eu, nós terminamos, Lahn, sem brincadeira. Vou deixar você.

Seus olhos brilharam e seu corpo ficou tenso, mas não parei de falar.

— Se você me encontrar e me trouxer de volta, vou te deixar de novo. Vou continuar fugindo até que eu consiga ir embora de vez. E, enquanto isso, você nunca, *nunca mais*, vai me abrandar novamente. Eu lhe digo que em meu mundo é importante que o marido permaneça fiel à sua esposa, você deve entender que isso é *importante*. É *crucial* que eu saiba que posso confiar em você, que não irá usar seu corpo com ninguém além de mim. Quando digo que é meu, quero dizer que além de você compartilhar seu espírito comigo, esse é o presente mais precioso que você já me deu. Eu *valorizo* isso. Adoro isso. E isso vai me despedaçar por dentro em pensar que você o manchou, o forçando a outra mulher.

Eu estava respirando pesadamente quando terminei de falar e Lahn segurou meu olhar, mas manteve seu silêncio enquanto seu corpo continuava a exalar uma energia crua, irritada e brutal.

Então me ocorreu que se ele fosse estuprar durante suas pilhagens (o que já era ruim o suficiente), eu não estava mentindo. Isso mataria o que tínhamos e eu amava nossa relação. Ele não sabia, mas desisti de tudo para manter o que tínhamos. E olhando para o meu marido naquele momento, eu sabia que ele não ia desistir. Era quem ele era e o que ele fazia e seria o nosso fim.

E foi por isso que as lágrimas encheram meus olhos e senti meus lábios tremerem quando elas escorreram pelo meu rosto. Mas sustentei seu olhar raivoso até que ele derreteu com o choro.

Então olhei para o lado e sussurrei:

— Você vai me despedaçar. Se fizer isso, vai fazer *sabendo* que vai me destruir. — Respirei fundo e afastei as lágrimas com as costas da mão. Quando minha visão clareou, endireitei meus ombros e olhei para ele. — Mas você é o Dax e é guerreiro, então, obviamente, você é livre para fazer o que quiser.

Foi quando ele grunhiu:

— Você não vai me deixar.

Eu não respondi.

— Você nunca vai me deixar.

Me mantive em silêncio, mantive os olhos nos dele e ficamos nos encarando.

Ele então, afirmou:

— Você *nunca* vai me deixar, Circe, de jeito algum você poderia me deixar.

Eu não sabia exatamente o que isso significava, mas não perguntei nem tive a chance porque ele continuou falando.

— Por isso, eu nunca mais vou tomar outra mulher além de você.

Respirei fundo, esperançosa quando senti meus olhos arregalarem com sua rendição. Mas ele não estava pronto e, quando falou, sua voz estava bem mais baixa do que o normal e ela ecoou pela tenda.

— Vou lhe dar esse aviso, eu não vou repeti-lo e vou apontar que não pedi nenhuma vez para você alterar nada de quem você é. *Nem uma vez*. Você não é do meu povo e se comporta de formas estranhas *para mim*. No entanto, você não parece entender que isso é verdade. Mas nunca pedi para você mudar *quem* você é.

Estremeci porque era verdade. Ele esperava que eu aceitasse seu estilo de vida, mas nunca me pediu para mudar quem eu era.

Ele continuou:

— Esta é a última concessão que farei a você. Eu sou quem sou. Sou Korwahk. Sou guerreiro. Sou o Dax e você deve me aceitar como eu sou. Posso ter forçado meu corpo no seu, mas não forcei seu amor. Você o *deu* para mim sabendo quem eu sou. Enquanto vivemos nossas vidas, você não pode decidir discordar de partes disso e então decidir levar seu amor embora, Circe. Não vou viver assim. Portanto, você precisa refletir sobre isso, ficar em paz com isso e nunca, minha rainha de ouro, *nunca* pedir outra concessão a mim.

Entreabri os lábios para responder, mas ele não me deu chance. Ele virou para as abas da tenda, abriu e se foi.

Ele não voltou até muito tarde, mas eu estava acordada quando o fez. Fiquei quieta em nossa cama até que ele se juntou a mim, e eu sabia o quando ele ainda estava zangado quando ele não se enrolou em mim ou me puxou para ele, mas se deitou de costas, sem me tocar.

Então sussurrei hesitante na tenda:

— Obrigada por... — Parei, então: — Foi importante para mim, obrigada.

Lahn não respondeu.

Segui em frente.

— Eu vou, hum... processar as coisas e ficar em paz com a minha vida com você e com Korwahk.

Nada de Lahn.

Continuei.

— Nunca mais pedirei outra concessão, prometo.

Para isso, recebi um grunhido.

— Prometa nunca me deixar.

Fechei os olhos com força, virei, me aproximei dele e me apoiei em um cotovelo, mas descansei minha outra mão em seu peito.

Quando nossos olhos se encontraram, sussurrei:

— Prometo nunca deixar você, baby.

E falei sério. E naquele momento, ele não sabia que eu realmente desisti de um mundo por ele. Mas o peso das minhas palavras ainda comunicava isso.

Ele me olhou, em seguida, envolveu os braços ao meu redor, me puxando para baixo, seus lábios capturando os meus e ele me deitou de costas.

Na manhã seguinte, ele foi embora.

E amanhã ele estaria em casa.

Sei que parecia loucura, mas eu não podia esperar.

Eu sentia falta do meu rei.

— Ah, Circe! — Nahka chamou através da multidão em torno da barraca de tecido. Ela segurava um rolo de seda pura dourada que brilhava ao sol. — Você deve comprar isso! Foi feito para nossa rainha de ouro!

Ela estava sorrindo para mim mais radiante do que a seda dourada que ela segurava.

Sorri de volta para ela e virei a cabeça para Teetru, que estava apenas um pouco atrás de mim.

— Pode comprar um pedaço disso para fazer um sarongue para mim? — Ela assentiu, então eu continuei — E, escolha algo que você goste para você e para Jacanda, Packa, Gaal e Beetus. Minhas garotas precisam de algo bonito. Para sarongues e tops também.

Ela piscou para mim em choque e ficou imóvel.

Então sorri para ela, segurei sua mão, dei um aperto e instiguei com um movimento de cabeça para a barraca.

— Vá.

Seu corpo estremeceu antes que ela assentisse, e então ela se apressou para frente.

Senti uma mão segurar meu cotovelo e olhei para o outro lado. Era Sabine.

— Posso falar com você? — ela perguntou em Korwahk.

Ela estava aprendendo o idioma e estava ficando muito boa nisso. Não era tão boa quanto eu, é claro. Eu estava feliz em dizer que era quase fluente. Mas ela não tinha praticado tanto, mas era melhor do que Anastasie, que estava lutando. Claudine ainda lhes dava lições diárias.

Ela também não tinha compartilhado o que estava acontecendo com ela e Zahnin e nenhuma de nós bisbilhotou.

Dito isto, eu estava em sua tenda duas vezes quando ele apareceu. A primeira vez foi há algumas semanas e ela imediatamente ficou tensa,

mas não com medo, ainda simplesmente cautelosa. A segunda vez foi há dois dias e ela mordeu o lábio antes de lhe oferecer um sorriso hesitante. Nenhuma das vezes ele repetiu suas palavras ou o toque suave como havia feito semanas atrás, mas as duas vezes seus olhos pareceram calorosos e sua boca suavizou quando ele a viu.

Minha esperança era que ele estivesse rompendo a barreira.

Naquele momento, quando ela nos puxou um pouco para trás e nos afastou da multidão, Bain se movendo com a gente, eu descobriria que ele definitivamente estava.

Ela olhou com timidez para Bain e eu sabia que ela não queria que ele ouvisse.

Olhei para ele e perguntei:

— Sabine e eu podemos ter um momento de privacidade?

Ele olhou de mim para ela. Então, contorceu a boca e se afastou.

Sabine não perdeu tempo. Falou diretamente.

— Posso ser franca?

Eu assenti.

Ela me observou, em seguida, disse:

— Quero dizer, realmente franca.

Segurei uma risadinha e assenti de novo.

— Eu, er... preciso do seu conselho — afirmou.

— Sobre o que, querida? — perguntei.

— Sobre — ela afastou os olhos, mordeu o lábio e os voltou para mim — er ... Zahnin, meu, hum... marido.

Eu me virei para encará-la, apoiando minha mão na dela ainda no meu cotovelo e sussurrei:

— Eu farei o meu melhor. Me diga o que você precisa.

Ela estava me olhando de novo e vi suas bochechas rosadas.

Então ela falou rapidamente em um Korwahk um pouco falho.

— Ele não, er... ele tem sido... há algum tempo, ele... *mudou*. No começo... *não era bom*. Eu estava, você sabe, eu lhe disse, não tinha

ideia do que estava acontecendo. Mas cheguei ao ponto onde, não sei, eu decidi... er, já que continuava acontecendo, eu sabia que não ia parar. Então, a qualquer momento que ele me tocasse, eu só... — Seu rosto ficou mais rosa e ela sussurrou: — ficava de joelhos, puxava a camisola e colocava meu rosto na cama, na posição em que ele sempre me tomava para que ele simplesmente... *acabasse com isso*.

Ah, Deus.

Que horror.

Soltei a mão que estava no meu cotovelo, segurei a outra, a levei ao meu peito e sussurrei:

— Sinto muito, minha doce garota.

Ela assentiu e mordeu o lábio.

— Obrigada — ela sussurrou de volta, em seguida, inspirou e expirou pelo nariz e continuou sussurrando: — Ele foi o meu primeiro.

Ah, *Deus*.

Ela era virgem.

Apertei a mão dela.

— Ah, Sabine, eu sinto muito.

— Eu... não gostei — ela compartilhou o que eu sabia que era um eufemismo extremo.

— Não poderia — falei a ela. — Claro que não. Posso entender.

Ela assentiu novamente e depois se aproximou mais um centímetro.

— Mas ele não fez mais isso comigo. Não por semanas.

Foi a minha vez de assentir, mas fiquei quieta.

Sabine continuou falando.

— E ele está, como eu disse, mudado. Er... mudou *muito*. Seu tom suavizou e, por um tempo, exceto para acariciar meu rosto ou afastar meu cabelo do meu ombro, ele não me tocou. Nem na cama.

Assenti novamente quando ela parou de falar para incentivá-la, então ela respirou fundo e continuou.

— Então ele... começou a conversar comigo. Eu não sabia muito do que ele estava dizendo, mas ele vinha à nossa tenda à noite e falava comigo... em voz baixa. Então, uma noite, quando ele saiu... hum, ele começou a sair para me dar tempo para me preparar para a cama — ela explicou, em seguida continuou. — Ele, er... beijou minha testa antes de sair, o que parecia... — Ela fechou os olhos, em seguida, abriu-os e murmurou — Bom.

Ela parou de novo.

Apertei a mão dela e falei:

— Vá em frente.

— Bem, isso começou... começou, er... então ele começou a mudar de novo, mas não voltou a como era antes. Ele meio que me *beijou*. Não na boca nem nada. Meus olhos, minha testa ou quando foi afastar o cabelo do meu ombro, ele se curvou, você sabe... — Ela fez uma pausa e seus cílios tremularam um pouco de um jeito muito fofo antes de sussurrar: — Ele é muito alto.

— Eu sei que ele é muito alto, Sabine — eu sussurrei de volta quando ela não continuou.

— Bem, ele se curvou para beijar... er, meu pescoço. E então... então, uma noite ele me puxou para seus braços quando deitou na cama comigo e eu fiquei apavorada que ele fosse... você sabe.

Assenti novamente e segurei sua mão com força.

— Eu sei.

Ela se inclinou mais para perto de mim.

— Mas ele *não* fez. Ele apenas me abraçou. E eu... eu... *dormi com ele assim*. — Seus olhos se arregalaram. — *Como um bebê*.

Eu sorri.

— Isso é bom.

— Eu... é? — ela perguntou hesitante.

— Sim — respondi sem qualquer hesitação. — Ele continuou a...?

Ela assentiu.

— Sim, toda noite ele me abraça. Mas... hum... a outra noite... er...
— ela afastou os olhos e ficou quieta.

— Sabine, pode me dizer — sussurrei e seu olhar voltou para mim, com o rosto agora em chamas.

— Ele me *tocou* —, ela sussurrou de forma reverente. Seus olhos se aqueceram, ela se inclinou e continuou rapidamente. — Ele estava me abraçando, então virou minhas costas para ele e suas mãos se moveram em mim e fizeram isso por algum tempo, suavemente. Eu relaxei porque me senti muito... bem e então ele começou a fazer isso de maneiras... de tal maneira... — Ela afastou o olhar novamente e um sorrisinho surgiu em seu rosto enquanto ela murmurava. — De muitas *maneiras*.

Bem, bom para Zahnin.

Muito bem, guerreiro!

Apertei a mão dela e quando seu foco voltou para mim, afirmei.

— Foi bom.

Seus olhos se arregalaram.

— Não, Circe, foi *lindo*.

Tudo certo!

Zahnin era definitivamente *o cara*!

— Então isso é definitivamente bom — disse a ela e sua expressão se entristeceu. Franzi as sobrancelhas e perguntei com cuidado. — Isso não é bom?

Ela balançou a cabeça, olhou para o lado e disse baixinho.

— Ele me machucou.

Ah, cara.

— Sim, machucou — confirmei suavemente e seus olhos vieram para mim.

— Mas eu quero de novo — murmurou sua admissão e eu pisquei, mas ela continuou: — Ele só não... *fez* isso de novo e eu não sei como... er... *pedir* a ele.

Sufoquei uma risadinha, soltei sua mão, mas segurei seu queixo e a encarei.

— Certo, então, minha doce menina, vou te dar o meu conselho. Se você quer isso, se sabe em seu coração que você quer essa mudança, então meu palpite é que seu marido lhe mostrou uma sugestão da beleza que ele deseja lhe dar. Agora que ele fez isso, está esperando que você lhe dê um sinal de que gostou e deseja que ele dê mais.

Na verdade, senti o calor do rosto dela sob minhas mãos, mas continuei falando.

— Então, da próxima vez que ele beijar sua testa, incline a cabeça para trás para que ele, em vez disso, beije seus lábios.

Observei de perto quando seus olhos se arregalaram novamente e continuei.

— Ou, se você tiver coragem, toque-o enquanto ele estiver com você, quando estiverem na cama. Tudo o que você precisa fazer é deslizar sua mão pelo peito dele ou encontrar a dele e movê-la para o seu corpo. Ele aceitará sua sugestão e então sua parte terá sido feita e ele guiará o caminho.

Ela olhou para mim e sussurrou:

— Eu... Circe, não sei se posso fazer isso.

Sorri para ela.

— Você pode, Sabine, se você quer o que ele pode te dar e eu juro a você — Apertei seu queixo com firmeza — você tem a minha palavra de que ele sabe como te dar o presente que já te deu, ele conhece outras maneiras, melhores maneiras de dar isso a você de novo. E se você gostou do que ele já compartilhou, juro que você vai gostar ainda mais das recompensas que ele ainda tem a oferecer.

— Sério? — ela murmurou, claramente surpresa, mas gostando da ideia.

— Ah, sim — sussurrei.

Ela me observou e sussurrou de volta:

— A Claudine diz que você gosta, er... disso, hum ... muito e, er... muitas vezes com o nosso Dax.

— Ah sim — repeti, afastando as mãos do seu queixo e segurando as dela. — Você sabe que o que aconteceu com você é o costume de Korwahk e eu não tolero isso. Isso não acontece na minha terra também. Aguentei o mesmo que você e não gostei tanto quanto você. Não aguentei por tanto tempo, mas aguentei. O que eu sei é que seu marido é um guerreiro orgulhoso e ele quer a sua felicidade o suficiente para deixar seu orgulho de lado e pedir minha ajuda para ajudá-la a se estabelecer em sua nova vida com ele. Isso não foi uma coisa fácil para ele fazer, mas ele fez. — Apertei suas mãos. — Por você.

Ela sorriu e eu terminei.

— Ele fez o que fez porque não conhece outra maneira. Isto não é uma desculpa, é simplesmente a verdade. Ele faz o que faz agora e o que tem feito nas últimas semanas desde que trouxe a mim e Diandra até você, porque ele cuida de você e quer sua felicidade. Eu tentaria me concentrar nisso em vez da forma como você foi tomada e, tenho esperança, minha amiga, de que ele continue a mostrar ternura e se esforçar pela sua felicidade. E eu me preocupo com você o suficiente para desejar isso em sua vida com ele e lhe dizer isso como a verdade que acredito e não mentir para você na esperança de que você simplesmente encontre uma maneira de tolerar uma vida cruel que foi forçada a ter.

Seus olhos se encheram de lágrimas, ela mordiscou o lábio e assentiu antes de dizer baixinho:

— Eu acredito em você, Circe.

Assenti e apertei suas mãos mais uma vez.

Então eu compartilhei uma última coisa, por ela e por Zahnin.

— Zahnin me disse que quando te viu no desfile, ele soube que você era a certa para ele.

Vi seu rosto suavizar quando esse elogio surpreendente a atingiu e continuei compartilhando.

— Lahn me disse que quando ele me reivindicou, mesmo ao luar, ele viu meu espírito brilhando nos meus olhos e foi a coisa mais linda que ele já viu. Para mim, ele estava me estuprando. Para ele, estava recebendo um presente que ele sempre valorizaria. Esta é uma contradição difícil de se chegar a um acordo e, embora não cure a dor que sentimos, a lembrança gravada em nossos cérebros, o terror que experimentamos, não posso dizer que não me foi provido o bálsamo suficiente para me permitir viver com isso.

Ela umedeceu os lábios, assentiu e apertou minhas mãos.

Então eu concluí:

— Encontre uma maneira de perdoá-lo, doce Sabine, e ele a recompensará. Eu prometo.

— Espero que sim — ela sussurrou.

— Eu também — eu concordei.

Ela sorriu para mim. Era uma tentativa, mas ainda havia esperança.

Eu sorri de volta.

Então eu me virei para as barracas alinhadas a nossa frente, envolvi o braço em sua cintura e ela na minha, e assim voltamos para o nosso grupo.

Procurei por Teetru e a encontrei segurando pedaços de tecidos dobrados, meu dourado cintilando de forma grandiosa contra cinco outros tecidos em cores diferentes que eram bonitos, mas nem de longe tão luxuosos. Ela estava de pé, ao lado de uma barraca que tinha uma mesa que continha um conjunto brilhante de pulseiras. Deixei Sabine ir e fui até ela para ver seu dedo estendido, timidamente tocando uma pulseira de prata que brilhava com pedras azuis.

Estendi a mão além dela, peguei a pulseira e ela pulou, sua cabeça se virando para mim.

— Sinto muito, minha rainha... — ela começou a dizer, mas eu olhei para o comerciante.

— Vou levar essa para a minha Teetru. — Olhei para as pulseiras e rapidamente selecionei mais quatro para minhas garotas. — E estas. — Eu as estendi para o comerciante. Ele me disse o preço e eu me virei para Teetru, peguei a bolsa da sua mão congelada, abri e tirei as moedas.

Percebi que não tinha ideia do valor delas, então Nahka se adiantou para se certificar de que eu não seria trapaceada quando paguei pelos meus presentes. Depois que o pagamento foi feito, Nahka se afastou e eu segurei o antebraço de Teetru e deslizei a pulseira em seu pulso.

— Linda — falei, olhando para ela, vendo sua cabeça inclinada para a pulseira.

Ele se inclinou para mim e vi algo que não consegui ler brilhando em seus olhos.

— Você não pode — ela começou.

— Engraçado — eu a cortei com um sorriso. — Acabei de fazer.

Antes que ela pudesse dizer outra palavra, deslizei meu braço ao redor da sua cintura e a puxei para longe da mesa. Soltei-a, coloquei as outras pulseiras na bolsa e entreguei de volta para ela.

— Quando voltarmos para casa, você pode dar isso para as meninas. A verde é para Jacanda, a amarela, para Gaal, a rosa, para Beetus e a vermelha, para Packa. Sim?

— Sim, minha rainha de ouro — ela sussurrou.

Sorri, levantei a mão e apertei seu braço, eu olhei para o meu grupo que estavam todas juntas, admirando um pedaço de tecido da cor de violeta com cobre que Narinda estava segurando.

— Vamos almoçar! — chamei, e quando a rainha falava, todos ouviam.

Então fomos almoçar.

Mas, mesmo sendo a rainha, nós estávamos comprando por horas e eu sabia que minhas meninas tinham que estar com fome.

Capítulo 25

O Ataque

No final da tarde, quando Bain me acompanhou de volta a tenda, soube que era a troca da guarda porque vi Zahnin parado do lado de fora.

Sorri para ele. Ele inclinou o queixo para mim, mas por algum motivo estranho, ele me observou de perto, a cabeça se virando para fazê-lo, enquanto Teetru corria para além dele e entrava na tenda.

Ele se virou e gritou alto para Bain:

— Não vá longe.

Congelei com essas palavras, mas movi o pescoço para que eu pudesse olhar para Bain, que estava estudando Zahnin atentamente. Ele moveu o queixo para Zahnin e então se afastou. Eu o vi desaparecer nas tendas e me virei para Zahnin. Então me aproximei dele.

— Há algo errado? — perguntei.

— Não sei — ele respondeu. — Mas sou um guerreiro. Sou treinado desde os cinco anos para confiar em meus instintos e eles me dizem que algo não está certo.

Ah, merda.

— O quê? — perguntei.

— Novamente, minha rainha de ouro, não sei. Vamos apenas esperar que meus instintos estejam errados.

— Eles já estiveram errados?

Ele segurou meu olhar.

Então grunhiu:

— Me.

Ótimo.

— Você está segura — ele anunciou e eu me concentrei nele. — Nada vai te machucar. Nunca.

O bom foi que ele soou firme quanto a isso. Muito firme.

Decidi focar no lado bom sem explorar o ruim, em parte porque ele parecia firme, mas principalmente porque não parecia disposto a continuar aquela conversa em particular. E quando Zahnin não estava com vontade de falar, sendo rainha ou não, não conversávamos.

Então decidi mudar de assunto para algo que ele *gostaria* de falar.

Cheguei mais perto dele e disse baixinho:

— Tudo bem, meu protetor, isso vai contra todas as regras do clube feminino, mas para o bem dela e o seu, eu vou compartilhar.

Ele me observou e cruzou os braços. Pela minha experiência com Zahnin, sabia que isso significava que eu tinha a atenção dele, embora ele provavelmente não tivesse ideia do que eu estava falando no presente momento.

— Tive uma conversa com Sabine hoje — informei a ele, vi seus olhos brilharem, mas isso foi tudo o que ele me deu antes que eu continuasse. — Ou melhor, ela teve comigo.

Parei de falar e esperei por sua resposta.

Ele só me olhou.

Sério, Sabine disse que ele conversava com ela, mas eu não podia acreditar. Eu sabia que ele tinha palavras, mas não usava muitas delas.

Então abri para ele.

— Você conseguiu, Zahnin.

Isso teve uma reação. Ele piscou em perplexidade.

— Eu... *consegui*? — ele perguntou

Sorri abertamente.

— Conseguiu. Conseguiu. *Conseguiu* — O que quer que você esteja fazendo e o que você fez há algumas noites — observei seu corpo estremecer levemente em surpresa que eu tinha esse conhecimento, mas novamente isso foi tudo o que ele demonstrou, então continuei falando. — ela gostou. Tipo, *muito*.

Ele me olhou, mas não disse uma palavra.

Suspirei.

— O que estou dizendo é que você foi o primeiro. Isso não foi tão bom para, hum... *ela*, então ela não tem ideia do que está fazendo, mas quer... — Eu me inclinei — *mais*. Ela simplesmente não sabe como pedir.

Lá estava. Seus olhos se aqueceram e sua boca se curvou ligeiramente para os lados. Ele me entendeu e o que ele entendeu foi *sexy*. *De um jeito sexy*. Se eu não tivesse o cara mais gostoso por perto, eu acharia isso *ultra sexy*.

Cara, Sabine ia ter sorte.

— Então, sugeri que ela fizesse um movimento e você vai ter que observar isso — continuei compartilhando. — Pode ser tímido, reservado, talvez desajeitado e, com certeza, ela vai precisar de coragem para fazer isso. Mas ela vai fazer alguma coisa, você vai precisar notar e seguir em frente... com *gentileza*.

— Certo — ele grunhiu.

— Eu não posso enfatizar a você o suficiente de que ela ainda está um pouco assustada com você e com os sentimentos dela. Ela não é experiente. Você vai ter que ensiná-la.

A curva dos lábios ficou maior e ele disse baixo:

— Eu posso ser professor.

Aposto que ele poderia. E ele parecia estar ansioso por isso.

Ainda assim, avisei:

— Um professor *paciente*.

A curvatura do lábio se espalhou em um sorriso.

— Eu posso ser um professor *paciente* — ele me assegurou.

Ah, sim. Ele também estava ansioso por isso.

Sabine definitivamente teria sorte.

Sorri para ele.

Então, sussurrei:

— Divirta-se, meu protetor.

Eu me movi para andar ao redor dele, mas ele segurou meu braço e eu inclinei a cabeça para trás para olhar para ele.

Ele me soltou quando notei que o sorriso havia desaparecido, mas a intensidade era profunda em seus olhos.

— Shahsha, kah rahna Dahksahna hahla — ele murmurou.

— Lapay fahnahsan, kah jahnjee — *Seja feliz, meu protetor*, murmurei de volta.

Ele ergueu o queixo.

Passei por ele e entrei na tenda. Enquanto entrava, Teetru estava correndo. Sorri para ela, mas ela inclinou a cabeça ligeiramente para o lado de uma maneira estranha, não retornando meu sorriso, parecendo apressada e nervosa e saiu da tenda com a devida pressa.

Olhei para as abas quando elas voltaram para o lugar.

Certo, agora os meus instintos, instintos que eu não conhecia até então, estavam dizendo que algo não estava certo.

Senti meu corpo ficar tenso enquanto olhava ao redor da tenda. O tecido dourado que comprei naquele dia estava dobrado em um dos baús. Movi os olhos e observei, mas nada parecia diferente.

Até que vi a mesa.

E quando o fiz, olhei para aquilo.

Então, rapidamente, fui até lá.

Ali estava a caixa de madeira reluzente que Bohtan havia me dado, aberta, a adaga brilhando mesmo à luz suave da tenda. Ao seu lado, um pedaço dobrado de tecido azul e em cima dele, a pulseira azul que dei a Teetru. A bolsa de dinheiro não estava lá, nem os outros pedaços de tecido ou braceletes que comprei para as outras garotas. Teetru, notei, carregou o tecido. A bolsa, ela não levou, mas imaginei que ela tivesse trancado no seu baú.

Olhei para a mesa e o que estava nela deslizou pela minha coluna como um formigamento.

Então, sem pensar, virei a mão.

Segurei o punhal e gritei:

— *Zahnin!*

Mas era tarde demais.

De todos os lados, ouvi os sons de tecido rasgando e olhei para o lado da tenda para ver que um punhal havia sido fixado e a estava rasgando.

I whirled and took them in.

Havia adagas ao redor!

Merda! Eu estava cercada!

Estendi o braço e peguei um castiçal pesado com a minha mão esquerda enquanto ouvia aço se chocar com aço na frente da tenda. A vela caiu do suporte enquanto homens enormes com a pele da cor da de Teetru entraram através dos rasgos na tenda.

— Não! — gritei quando eles vieram para mim.

De repente, do nada, algo surgiu sobre mim e o que quer que fosse vinha de dentro de mim. De uma maneira estranha eu vi, mas não com clareza. De uma maneira estranha, meu corpo não estava ao meu alcance. Apenas se moveu por vontade própria.

Bati com o castiçal com toda a minha força e peguei o primeiro homem que me alcançou, de cabeça para baixo. Seus olhos reviraram e ele se inclinou para o lado enquanto os braços se fechavam ao meu redor, me segurando.

Chutei com toda a minha força quando virei a adaga em minha mão e tentei golpear sua cabeça com o castiçal, e não o acertei. Mas minha tática funcionou, ele estava tendo problemas para se defender ao mesmo tempo que me continha.

Então chutei de novo enquanto enfiava a adaga de volta e acertei a lâmina na lateral do corpo. Ele uivou, seus braços afrouxaram e eu caí de pé. Me mantive segurando o cabo da adaga, a puxei, girei e, mesmo quando senti mais mãos começarem a se fechar na minha cintura, antes

que a mão dele pudesse chegar à faca em seu cinto, afundei a lâmina em seu peito, mirando o coração e a puxando para fora.

Meu alvo era real.

Sangue jorrou e ele caiu como uma pedra, mas outro me pegou.

Por um segundo.

Ouvi um rosnado feroz que nunca tinha ouvido antes e, de repente, eu estava livre.

Isso porque minha filhinha tigresa saiu do nada e pulou nele. Surpreso com o ataque, ele tropeçou para o lado e seus dentes de *tigre não tão bebê* foram direto para a jugular.

Não tive tempo para assistir. Fui novamente capturada por trás e este era inteligente. A lâmina estava se aproximando da minha garganta antes que eu jogasse minha adaga para cima, pegasse o cabo e, novamente, empurrasse para trás, encontrando carne. Ao mesmo tempo, inclinei a cabeça para trás e ela colidiu com o queixo dele. Ele voltou e eu novamente movi a adaga em minha mão, girei e cortei, abrindo a pele em seu peito.

Senti a presença de mais pessoas na tenda, ouvi o choque de aço e o som de grunhidos masculinos e meu palpite era Zahnin e / ou Bain havia entrado. Não olhei enquanto dava outro corte no peito do meu agressor. Na terceira tentativa, ele segurou meu pulso e o torceu. A dor que atingiu meu braço foi tão forte que me deixou de joelhos. Seu outro braço voltou para a minha garganta com a faca, mas eu me movi rapidamente. Soltando o castiçal, agarrei seu pulso, puxei-o com toda a força e me inclinei para frente usando a única arma que tinha a disposição.

Meus dentes.

Mordi com força, o sangue muito forte jorrou em minha boca e ele gritou. Em seguida, me soltou. Me virei rapidamente de joelhos e enfiei a lâmina em sua barriga, minha outra mão cobrindo a que estava no cabo. Eu a puxei para cima, abrindo sua carne, o sangue jorrando e escorrendo.

Ele tropeçou e caiu de joelhos.

Fiquei de pé e dei um chute, o mais forte que pude, em seu rosto. Quando ele caiu para o lado fui empurrada para fora do caminho e vi Bain levantar sua espada em um arco, separando a cabeça do corpo, o sangue jorrando quando o corpo caiu nos tapetes e cabeça voou para longe, caiu e rolou para trás da cama.

Bain enganchou o braço na minha cintura e puxou minhas costas com força para a sua frente enquanto gritava:

— Bloqueie a Daxshee! Todos os guerreiros em alerta! Procure grupos enviados para ver se há mais Maroo!

Levantei os olhos para as abas da tenda e vi um guerreiro, que não conhecia, acenar e sair imediatamente.

Olhei ao redor da tenda, procurando novas ameaças e contando automaticamente os corpos no chão, corpos (ou, repugnantemente, partes do corpo) que pareciam preencher todo o espaço disponível. Um, dois, três, quatro, cinco... supus que poderia aumentar (se juntasse as partes de volta) para dez, absorvendo o sangue que estava espalhado por toda a tenda, antes que eu congelasse.

Zahnin estava nos fundos da tenda, seu corpo arfando com a respiração profunda, enquanto eu ofegava e senti Bain se aproximando de mim. Zahnin segurou sua espada ensanguentada em uma mão, apontou para baixo uma faca igualmente ensanguentada na outra. Ghost estava sentada a seus pés, com a boca cheia de sangue, a língua balançando e piscando, como se estivesse entediada e pronta para uma soneca.

E também vi um corte irregular que deixou a carne aberta marcada no peito de Zahnin e em seu abdômen.

— Não — sussurrei enquanto observava o sangue escorrer por suas peles. — Não! — gritei e Bain me segurou.

— Está tudo bem. Ele está bem, minha rainha de ouro. É uma ferida na carne — Bain sussurrou.

Esses terríveis guerreiros brutos.

Uma ferida na carne!

O sangue estava *escorrendo* por suas *peles*.

Com um suspiro, me soltei do aperto de Bain e corri através da tenda em uma rota direta para o meu protetor. Isso quer dizer que corri pela cama. Ghost se levantou e rastejou de volta, claramente notando o humor da sua Loolah e não querendo nada com isso.

Quando cheguei a ele, coloquei uma mão gentil sobre ele e inclinei a cabeça para olhá-lo.

— Precisamos te deitar. Precisamos limpar isso. Precisamos...

Ele me cortou com um grunhido.

— Rainha Circe, estou bem.

Dei um passo para trás e gritei:

— Você *não* está bem! — Então me virei para as abas da tenda e gritei: — *Jacanda! Entre aqui!*

— Minha rainha... — Zahnin começou, mas virei a cabeça de volta para ele, levantei a ponta da minha própria adaga em direção ao seu rosto e sua boca se fechou quando seus olhos foram para a minha arma.

— Quietos, Zahnin, você me permitirá ver a sua ferida. Sua rainha ordena! — pedi.

Seu olhar se moveu da lâmina para o meu rosto, seus lábios se contraíram e então deslizaram para Bain.

— Nosso rei nos disse isso — comentou, seco.

— De fato, nossa rainha tem algo na cabeça... — Bain parou, parecendo divertido – sim, *divertido* – quando concordou com seu irmão atrás de mim.

Eu me virei e encarar Bain com os olhos semicerrados e, então, voltei meu olhar para Zahnin e eu respondi:

— Chega de brincadeira. Você! — Apontei a adaga para Zahnin. — Deite-se. — Balancei a lâmina para a cama. — Vou ver a sua ferida.

— Como quiser, rainha guerreira — ele murmurou, também parecendo divertido.

Meu olhar semicerrado se apertou e Jacanda correu, com o rosto pálido, olhos arregalados e o medo visível em cada centímetro de seu corpo.

Me virei para ela.

— Ferva água. Preciso de sabão, panos e bandagens limpas. Vou precisar de uma agulha e linha, uh... — Parei porque não conhecia a palavra Korwahk para “esterilizada” e depois disse: — limpos. — Quando ela pareceu confusa, expliquei: — Ferva-os também... *por um bom tempo*. — Ela assentiu, embora agora parecesse menos assustada e mais perplexa. Eu ignorei e continuei. — Traga a curandeira para mim. E mande alguém pegar zakah. *Muito* zakah.

— Eu poderia tomar um pouco de zakah — Zahnin murmurou e eu virei para ele.

— Você não vai *beber*. Vou usar para limpar sua ferida.

Ele me encarou com surpresa não disfarçada.

— Não me questionem — pedi. — Fazemos isso na minha terra. É uma coisa boa para fazer.

— É um desperdício de zakah — Bain comentou em voz baixa do outro lado da tenda, mas eu ouvi e me virei para ele.

— Você não tem uma Daxshee para bloquear ou possíveis inimigos para derrotar ou *algo assim*? — perguntei.

Ele apertou os lábios, que eu soube que era para reprimir uma risada, e olhei para ele.

— Sim, minha verdadeira rainha de ouro — ele murmurou, seus olhos divertidos focaram em Zahnin, em seguida, deixou a tenda e notei que Jacanda ainda estava de pé lá.

— Vá, querida, *agora* — pedi.

Ela assentiu e disparou.

Eu me virei para Zahnin e observei:

— Você não está deitado.

— Certo — ele murmurou.

Fui até a cama, tirei o lençol ensanguentado e qualquer pele que estivesse com sangue, assim como travesseiros.

Só não olhei para qualquer um dos corpos cortados ou pedaços de corpos espalhados pela minha tenda, nem pensei no fato de que eu, pessoalmente, havia tirado pelo menos uma, talvez uma vida e meia (eu poderia ter ferido muita gente, mas foi Bain quem definitivamente executou a matança, então estava contando isso como meio). Nem me permiti pensar que minha Teetru havia, obviamente, me traído ao seu povo.

Ela me traiu e ainda tirou minha adaga, expondo-a abertamente tanto para me avisar quanto para me dar uma chance de lutar, me fornecendo a única arma que ela, ou eu, tínhamos à nossa disposição.

E, por fim, não pensei em por que ela faria qualquer uma dessas coisas, me trairia primeiro e depois me avisaria na sequência.

— Posso ter a licença da minha rainha para encontrar um guerreiro e pedir-lhe para chamar outros guerreiros para recolher esses corpos? — Zahnin perguntou de forma solícita atrás de mim, muito mais gentil do que nunca falou comigo (principalmente porque ele nunca agiu dessa forma) e ouvi o humor em seu tom. Algo nisso fez com que a adrenalina me atingisse e a subsequente explosão de temperamento evaporasse.

Eu me endireitei da cama e me virei para ele.

— Vou fazer isso — falei suavemente. — Você pode, por favor, por mim, se deitar?

Ele notou a mudança no meu tom e seu rosto suavizou, a diversão desapareceu e o calor atingiu seus olhos.

— Eu estou bem, minha rainha de ouro, juro.

— Você está sangrando por mim — sussurrei. — Por favor, *por favor*, sei que você não precisa, mas eu preciso cuidar de você. *Por favor*.

Ele me observou. Em seguida, assentiu e se deitou.

Corri para as abas da tenda, coloquei a cabeça para fora e vi guardas guerreiros de guarda dos dois lados.

— Precisamos limpar as coisas aqui, se vocês não se importarem — falei para o que estava à minha esquerda.

Ele assentiu, mas não se mexeu. Em vez disso, berrou minha ordem para um guerreiro que estava a uns três metros de distância. O homem assentiu, se virou e gritou meu pedido para outra pessoa.

Não fiquei para ver o resto. Vi Packa correndo em minha direção com os grandes panos de banho que Lahn e eu usávamos e voltei para a tenda.

Não era preciso dizer que todos ficaram um pouco surpresos e ficaram enjoados pelo cuidado médico que era praticado livremente na minha terra.

Eles não costuravam partes do corpo. Bain me informou com o lábio franzido, os olhos cheios de repugnância.

Sim, isso de um homem que cortou um monte de inimigos no que equivalia a porcaria da minha casa. E, depois, ficou entre a carnificina brincando com seu companheiro.

Além disso, eles não tinham uma palavra para germes, porque não sabiam o que era isso. Então, a minha explicação de por que eu ia desperdiçar uma zakah de boa qualidade limpando a ferida de Zahnin caiu em ouvidos surdos.

Felizmente, eu era rainha, então eles não tinham escolha a não ser acatar minhas ordens e foi o que fizeram.

Embora Bain e Zahnin tenham, obviamente, feito isso para me agradar.

No entanto, quando chamei Gaal, que estava claramente reticente (Jacanda me disse que ela era uma costureira muito talentosa quando exigiu que ela encontrasse a melhor na Daxshee) para costurar as feridas de Zahnin, a curandeira, em pé e observando, viu a sabedoria disso.

— Muito inteligente — ela murmurou enquanto Gaal, engolindo em seco com nervosismo e aversão, mas ainda logo, começou a usar a agulha que esterilizei na chama de uma vela e a linha que Jacanda tinha fervido em uma panela sobre o fogo que eu encharquei de zakah para costurar a ferida de Zahnin.

Gaal parecia que estava prestes a desmaiar algumas vezes (e eu estava ali com ela, falando sobre a coisa repugnante), mas ela aguentou firme, principalmente porque fiquei por perto para lhe dar apoio moral. Ela continuava erguendo os olhos para mim, enquanto eu assentia para encorajá-la e, eventualmente, ela perdeu a aversão e fez, pela minha experiência extremamente limitada, o que parecia ser um trabalho muito bom.

Quanto a Zahnin, ele sequer estremeceu, mas se deitou na minha cama com os travesseiros que empurrei sob sua cabeça, um braço dobrado, a mão atrás da cabeça, conversando amavelmente durante a coisa toda com Bain, que estava na frente da cama, com os braços e tornozelos cruzados em uma pose de guerreiro casual, que não se encaixava no que se tornara um procedimento médico menor em uma sala de exames primitiva.

Uma vez fechado, limpei a ferida novamente com zakah quando Gaal se afastou. A curandeira aplicou uma pomada que ela prometeu ajudar na cura (depois que eu a fiz lavar as mãos com sabão e enxaguá-las com zakah) e então ele se sentou para poder pressionar uma bandagem longa na frente e enrolar uma gaze limpa ao redor do seu torso, amarrando-a com habilidade no final.

Os corpos, a propósito, haviam sido removidos por jovens guerreiros em treinamento e Packa e Beetus, com os rostos pálidos, pegaram o lençol e os travesseiros e puxaram os tapetes para tirá-los, enquanto Jacanda limpava móveis e baús.

Rapaz, eu precisava voltar ao mercado e comprar mais presentes para minhas garotas. Elas foram além do chamado do dever e não

ganhavam nada para isso, exceto comida, chá e roupas mínimas. Limpar sangue era muito além do chamado do dever, não era engraçado.

A propósito, Ghost estava deitada de lado, ao pé da cama, dormindo de uma maneira inusitada, e eu sabia disso porque, mesmo com todas as pessoas e atividades por perto, ela nem se virou.

Quando pressionei o ombro de Zahnin para fixar o curativo, ele não se queixou, mas olhou para mim quando estava totalmente reclinado.

— Posso tomar um pouco de zakah agora?

Eu o observei. Ele não estava pálido. Não havia desmaiado. E seus olhos não demonstravam dor. Nada mesmo. Na verdade, ele parecia totalmente normal.

Rapaz, eles treinavam cada pedacinho desses garotos.

Literalmente.

Respirei profundamente e respondi:

— Sim, meu protetor, você pode...

Eu parei de falar quando as abas da tenda bateram e eu estava me virando para elas quando ouvi uma respiração suave e feminina.

Sabine estava de pé dentro da tenda e Diandra e Claudine estavam entrando em seguida. Sabine também estava olhando para o marido e a bandagem, os olhos arregalados, o rosto pálido, a boca aberta. Vi aqueles olhos subirem pelo seu peito até o rosto, então vi enquanto eles ficaram brilhantes com lágrimas não derramadas.

Ela me olhou.

— Circe? — ela sussurrou.

— Ele está bem, querida. Nós cuidamos dele — assegurei a ela.

Ela manteve o olhar no meu por vários momentos antes de concordar. Em seguida, se voltou para Zahnin, que notei que não havia se movido e a observava em silêncio. Em seguida, voltou novamente para mim.

Percebi que ela não sabia o que fazer.

Eu estava sentada de joelhos no meio da cama, ao lado do seu marido, e estendi o braço para ela.

— Tudo bem. Você pode vir até ele. Ele está bem e você não vai machucá-lo — falei baixinho.

Seu corpo estremeceu ligeiramente e ela mordeu o lábio.

Prendi a respiração.

Então lentamente, pé ante pé, ela caminhou para a cama. Quando chegou ao fim, colocou um joelho sobre ela e veio até a mim.

Zahnin observou sem uma palavra.

Me ergui e ela parou quando tomou o meu lugar, se sentando com os joelhos a poucos centímetros do quadril dele.

Estava de pé ao lado da cama quando a ouvi sussurrar:

— Você está bem, marido?

— Meena — Zahnin respondeu instantaneamente.

Uma pausa, então de Sabine:

— Está com dor?

— Me — ele respondeu novamente de imediato.

Ouvi sua ingestão suave de ar e soltei a minha quando a mão dela se levantou timidamente. Ela pousou de leve na atadura no estômago dele enquanto sussurrava:

— Dohno.

Com a palavra, toque, o olhar quente da esposa e seu rosto suave, Zahnin levantou a mão e seu corpo não se moveu nem tencionou, quando ela permitiu que o marido acariciasse sua bochecha.

E ela fez algo que provou que eu estava certo sobre o quanto ela era doce.

Ela lenta e cuidadosamente deitou graciosamente e se acomodou ao lado dele, a cabeça em seu ombro, a mão leve sobre a bandagem. Enquanto ela se movia, Zahnin deslizou os dedos através do seu cabelo, então quando ela estava acomodada, ele segurou a parte de trás da sua cabeça.

Olhei para ele e vi que ele estava olhando para mim.

E ele estava se comunicando.

Assenti, recebendo a mensagem alta e clara.

Seus dedos começaram a acariciar o cabelo de sua esposa.

— Todo mundo fora — pedi baixinho e não precisei falar duas vezes.

Jacanda parou de limpar, pegou o balde e correu. A curandeira e Bain saíram pelas abas da tenda, por onde Claudine já havia passado e Diandra estava atravessando. Gaal já tinha ido embora.

Eu queria olhar para trás, mas não olhei. Não era certo. Mas eu realmente queria.

Não precisei.

Ouvi Zahnin murmurar:

— Obrigado por vir até mim, minha linda.

Antes de soltar as abas atrás de mim, ouvi o suspiro suave de Sabine.

E quando as abas se assentaram, ouvi Sabine perguntar com uma surpresa fofa e calma:

— Ah, Zahnin, isso é um *tigre*?

Isto foi seguido por uma risada viril baixa.

Humm.

Parece que nunca falei sobre Ghost com Sabine e me ocorreu que eu nunca a recebi na minha tenda.

Caminhei em direção a Diandra e Claudine, pensando que eu teria que fazer isso. Estava almoçando ou jantando com todos do meu bando. Estava caindo. Era a minha vez.

Esses pensamentos foram apagados do meu cérebro quando os olhos de Diandra vieram para mim e, em seguida, se afastaram.

Então, se encheram de lágrimas.

— Ah, minha Circe — ela murmurou.

Parei de me mover, olhei para baixo e vi que tinha sangue em cima de mim.

Eu nem havia percebido.

Eu olhei para cima para assegurar que eu estava bem, quando de repente o ar mudou e ouvi o estrondo dos cascos.

Virei a cabeça para a esquerda, bem a tempo de ver Lahn em Lahkan aparecer na tenda mais próxima de nós. Não tive tempo de sentir o choque do seu retorno precoce, ou deleite.

Isso porque ele estava chegando a galope e não estava desacelerando.

Registrei vagamente que ele estava sendo seguido por uma série de outros cavalos, mas não prestei muita atenção porque de repente seu corpo estava balançando para fora do cavalo, *enquanto Lahkan continuou galopando!*

— Lahn! — chamei, congelada e rígida, em pânico, quando seus pés bateram forte no chão e Lahkan se aproximou tanto de mim, que senti a brisa do movimento e um leve toque da sua cauda, mas não consegui me concentrar nisso também.

Lahn estava em mim.

Ou as mãos dele estavam. Viajando sobre meus membros, ombros, seios, barriga, cintura, flutuando sobre o sangue seco, ele me empurrou de modo que minhas costas estavam viradas para ele, que fez a mesma coisa.

Finalmente compreendi o que ele estava fazendo e tentei me virar, dizendo:

— Lahn, estou bem.

Não me virei. Ele me empurrou de volta e meu corpo balançou com a força dele e só permaneceu em pé porque suas mãos emolduraram meu queixo.

Ele olhou nos meus olhos e eu prendi a respiração, porque o espírito dele estava lá, bem ali, bem na superfície, cintilando em dourado,

brilhante e brutal mais do que quando Dortak fez suas ameaças.

Ele não estava chateado. Nem zangado.

Seu espírito estava cheio de ira.

Ah, merda.

— Estou bem, querido — sussurrei, erguendo as mãos para segurar seu pulso e seus dedos que estavam pressionando com tanta força que causaram dor. — Honestamente, estou...

Não terminei porque ele me soltou, mas por que jogou a cabeça para trás e rugiu de raiva. Sem palavras, apenas um grito primitivo que trovejou para o céu, vindo diretamente do seu âmago e preenchido com uma fúria insuperável.

Dei um passo para trás em choque e surpresa com essa exibição desinibida e selvagem, enquanto ele abaixava o queixo e rugia de novo, batendo com o punho no peito e virando seu corpo massivo em direção à falange de guerreiros nos cavalos que se aglomeravam no espaço limitado.

Ele bateu com o punho no peito novamente e rugiu:

— Iremos para Maroo!

Ah, merda!

Os guerreiros montados em cavalos, aqueles em pé ao redor, outros mais à frente de sentinelas e todos aqueles que guardavam nossa tenda rugiam em resposta, socando os pulsos no ar ou batendo em seus próprios peitos.

— O sangue do nosso inimigo mancha o ouro da *minha* rainha! — Lahn continuou berrando, batendo o peito na palavra “minha”, em seguida, balançando um braço poderoso para apontar para mim. — Eles se fecharam sobre ela *na minha tenda* — outro batida — rompendo a segurança que eu lhe proporciono — outra batida — e derramando o sangue do nosso irmão! — Ele bateu no peito com os dois punhos. — Em troca, derramaremos *rios* de sangue Maroo. A pedra da nossa terra vai *lamentar* com isso e nós faremos *vingança*! — Outra batida e rugido

retornando dos seus guerreiros, agora, seus números estavam aumentando à medida que mais se juntavam ou se aproximavam.

Senti Diandra e Claudine se moverem ao meu lado, a mão de Diandra encontrando a minha quando Lahn se virou, mas ele não olhou para mim.

Ele olhou para além e ordenou:

— Banhe o sangue da sua pele dourada. Remova nossas posses e queime esta tenda, *agora*. Peça que montem uma nova. Quero uma de pé e abrigando a minha noiva de ouro em uma semana. — Ele fez uma pausa, se inclinou para frente, eu virei a cabeça e vi Gaal e Beetus olhando para ele, congeladas, e ele rugiu — *Mexam-se!*

Elas correram.

Lahn novamente não olhou para mim quando voltou para seus guerreiros e continuou trovejando:

— Minha semente foi plantada em seu ventre e ela carrega meu filho. Eles atacaram minha tigresa e *sua rainha guerreira de ouro*. Eles atacaram tudo o que é a beleza de Suh Tunak e meu por nascer. Eles receberão uma vingança que seus *netos* entenderão e, sabendo disso, pelas eras vindouras ainda irão *tremar em suas camas!*

Certo, ele não estava se acalmando... mesmo.

— Lahn — sussurrei, por alguma razão minha voz não foi capaz de ficar mais alta, mas Diandra apertou minha mão.

— Não, Circe, não agora. De jeito nenhum — ela murmurou no meu ouvido. — Até a esposa de um guerreiro comum está fora dos limites e o inimigo sabe disso. A Daxshee nunca é invadida, nunca. Há muito tempo, isso aconteceu, e nessa época a Suh Tunak cavalgou exatamente como nosso Dax agora descreve, e a brutalidade de sua vingança não foi esquecida... até agora.

Olhei para ela, que terminou rapidamente.

— Invadir uma tenda é semelhante a eles a tomarem a força. É simbólico. É a segurança que ele oferece a você como seu marido e ela

foi violada. Ele provará a vingança e Maroo sangrará por isso.

Ah, Deus.

Voltei os olhos para Lahn quando eu o ouvi perguntar:

— Ela foi tomada?

Vi que ele estava encarando um guerreiro que levantou um queixo.

Lahn ordenou:

— Traga-me o traidor.

Ah, não. Não.

Não.

Meu corpo ficou tenso.

Ele queria Teetru.

— Quieta, minha amiga, quieta. Seja forte. Ele fará vingança — Diandra murmurou, com o braço ao meu redor e Claudine, do meu outro lado, fez o mesmo.

Fiquei feliz por isso, pois de repente eu estava tremendo e não era pouco.

— Envie mensageiros, meu irmão — Lahn grunhiu para outro guerreiro. — Eles partem hoje à noite. Suh Tunak acumula.

Aquele guerreiro assentiu, se virou e caminhou através de seus irmãos, desaparecendo rapidamente.

Lahn de repente se virou e olhou novamente para mim. Olhei por cima do ombro e vi Zahnin do lado de fora da tenda, com o braço ao redor da mulher que parecia minúscula ao lado dele e estava tremendo visivelmente ao seu lado. Ele a fez se virar de frente para a lateral do seu corpo e a segurou com o braço ao redor dos ombros, mas sua atenção estava concentrada em seu rei.

Ela tinha visto, ouvido e entendido e estava pressionando os lábios um no outro, provavelmente no esforço de não chorar.

Essa era a minha garota.

Ela voltou os olhos para mim e eu sorri para ela. Sabia que estava trêmulo. Seu tremor também foi visível quando ela retribuiu.

Sim, essa era minha garota.

Nós não éramos Korwahk, mas com certeza estávamos aprendendo a ser.

Rápido.

Lahn falou e eu me virei para ele.

— Seu sangue será vingado.

De trás de mim, Zahnin respondeu:

— Sim, meu rei.

Ele assentiu na minha direção.

— Também será recompensado.

— Sim, meu rei — Zahnin repetiu e o olhar de Lahn virou para Bain, que estava a vários metros dele.

— As manchas no seu aço serão recompensadas — Lahn afirmou.

Bain ergueu o queixo.

Cavalos se esgueiraram, um caminho se abriu e eu respirei fundo.

Diandra e Claudine seguraram firme.

Pensando rapidamente, sabendo no meu coração o que aconteceria, me virei e encarei o olhar de Zahnin.

— Esconda os olhos dela — falei.

Ele grunhiu de forma ininteligível, mas sua grande mão se levantou, cobrindo os olhos de Sabine quando ele a virou para ele, enterrando o rosto em seu peito enfaixado.

Ele se inclinou para ela e disse gentilmente:

— Cubra seus ouvidos, feche os olhos. Eu vou te dizer quando isso estiver terminado.

Me virei quando ouvi um grito de dor e depois estremeci quando vi que Teetru havia sido jogada no chão de pedra.

Ela também foi mal tratada. Não usava roupas, hematomas haviam se formado em torno de seus braços, pulsos, quadris, joelhos, garganta, e havia uma substância branca e seca espalhada por todo o corpo, incluindo o rosto, e eu sabia o que era aquilo.

Meus joelhos cederam, mas Diandra e Claudine se aproximaram, me segurando até que forcei as pernas a ficarem fortes novamente.

O corpo de Teetru estava de lado, mas para baixo, apenas sua cabeça erguida e ela me olhou. Em seguida, observou o sangue em meu corpo.

Seus olhos estavam cheios de dor, mas para meu choque não era apenas a dor que ela sentia. Misturado a isso, havia um sentimento diferente.

Eu a ouvi sussurrar:

— Você não deveria ter sido gentil comigo.

Meu corpo estremeceu e lágrimas se formaram em meus olhos.

— Prepare-a — Lahn grunhiu.

Seu olhar ficou preso ao meu quando Bain se aproximou, e puxou seu cabelo a fazendo chorar, mas ainda sem quebrar sua conexão comigo, ele a colocou de joelhos.

A umidade escorria pelo meu rosto e a dor queimava minha garganta.

Com um assobio de aço, Lahn desembainhou sua espada.

— Queria que você não tivesse sido gentil comigo.

Essas foram suas últimas palavras antes de Bain se afastar e Lahn separar a cabeça do seu corpo com um violento golpe de espada.

Me virei para os braços de Diandra e enfiei meu rosto em seu pescoço, de modo que perdi o relâmpago que cruzava o céu, descendo pelo penhasco a quinhentos metros atrás de mim.

— Jogue-a do penhasco. Devolva a cabeça ao rei Maroo com um dos guerreiros que você capturou. Abata-o antes de você libertá-lo. A cabeça e as bolas, meu presente para o rei antes de cruzarmos o metal — Lahn ordenou.

Sufoquei um soluço doloroso e isso doeu ainda mais.

— Banhe a porra da minha *noiva*! — Lahn berrou.

Senti Diandra assentir e então ela e Claudine gentilmente me guiaram em direção a tenda das minhas garotas e ouvi o murmúrio suave de Zahnin quando passei:

— Cuide da sua rainha.

Mas não ouvi e nem senti mais nada, por que me perdi nos pensamentos para tentar colocar a cabeça em ordem.

Eu era Korwahk, rainha de Korwahk e estávamos em guerra.

Eu era Korwahk, repeti para mim mesma, rainha de Korwahk e estávamos em guerra.

Eu tinha que encontrar um jeito de me recompor.

De alguma forma.

— Você deve comer, minha rainha de ouro.

Eu me virei e olhei para Jacanda.

Eu estava na tenda dela. Quaisquer pertences que ela e as garotas tinham ali, haviam sumido para um paradeiro desconhecido (para mim). Nossa cama com lençol de seda limpa havia sido transferida, nossos baús esfregados e nossos móveis limpos. A tenda era menor, o material abarrotado no espaço.

Eu havia sido banhada, meu cabelo lavado e a pele atrás das minhas orelhas e nos meus pulsos tinham sido ungidas com óleo perfumado. Eu estava usando o roupão azul.

O incenso que Teetru havia comprado a semanas, a meu pedido, queimava, cheirando a frutas silvestres.

Packa o colocou para queimar porque ela sabia que eu gostava e provavelmente achou que iria me acalmar. Mas eu encontraria o estoque e me livraria disso mais tarde, quando elas não estivessem por perto. Isso me lembrava de Teetru cujas ações poderiam ter me matado ou me machucado, ações que prejudicaram Zahnin, mas ao mesmo tempo ela

fez o que pôde para me salvar. Um paradoxo que eu nunca entenderia porque ela não estava mais viva para eu perguntar.

— Você vai dormir com as garotas de Diandra hoje à noite? — perguntei e Jacanda assentiu.

— Sim, minha verdadeira rainha. Mas estaremos aqui antes do amanhecer, caso você precise de nós.

— Durma, meu Deus, hoje foi um dia cheio. Você e minhas garotas precisam de descanso. Eu vou ficar bem — assegurei a ela.

— Nós estaremos aqui — ela respondeu com firmeza.

— Eu vou...

Ela me interrompeu:

— O rei vai esperar por isso.

Parei de falar e assenti, porque era verdade. Lahn esperaria isso.

Então levantei as duas mãos e as coloquei em suas bochechas, inclinando meu rosto no dela.

— Sinto muito sobre Teetru — sussurrei e vi com surpresa quando seus olhos ficaram duros.

— Ela é uma traidora — ela sussurrou, se afastou, virou a cabeça para o lado e, em seguida, fez um som de cuspe, embora nenhuma saliva tenha saído, antes de se virar para mim. — Eu nasci escrava. Tive a sorte de ter bons mestres, como a Beetus. Packa e Gaal não. Isso fez com que Packa se tornasse tímida e Gaal cautelosa. Mas falamos muitas noites de você, nossa rainha de ouro, que ri com a gente e fala com gentileza, nos toca com carinho, cujo guerreiro nos fornece comida abundante melhor do que jamais tivemos. Você é nossa verdadeira rainha de ouro e ela era de Maroo, mas conhecia o ouro do seu toque, assim como todas nós. As escravas são normalmente comandadas, não solicitadas e nem incluídas. Nós não existimos, apesar de servirmos. Mas existimos para você. É bom existir. Ela quase te levou para longe de nós. Isso é imperdoável e não será esquecido, nem por guerreiros, nem por noivas guerreiras, por homem ou mulher livre, nem por escravos, por ninguém de Korwahk e

mais especialmente não por aquilo que você nos chama. Suas garotas. Ela teve a honra de estar entre nós e agora seu corpo sem cabeça apodrece no fundo de um penhasco, um corpo que nunca se juntará ao seu espírito no próximo reino. Não vamos sentir falta dela, nenhuma de nós. Seu Dax era bom demais para ela. Ele deveria tê-la entregue aos guerreiros para fazer o que eles são proibidos de fazer até mesmo com as Xacto em vez de arrancar sua cabeça.

Certo, nota mental, não ficar no lado ruim de Jacanda.

Isso foi o que eu pensei.

O que eu disse foi um sussurro:

— Tudo bem, querida.

Ela assentiu e se moveu para as abas da tenda, mas parou e se virou para trás.

— Queimei seu pedaço de tecido com a tenda bem como seus outros pertences, e Beetus jogou a pulseira sobre o penhasco. Ela não existe mais.

Eu assenti. Recebi a mensagem. Eu não deveria falar dela novamente.

Ela assentiu de volta.

— Boa noite, Jacanda — sussurrei.

— Coma alguma coisa — ela inclinou a cabeça para a mesa onde havia colocado comida. — Então durma bem, minha rainha de ouro — ela sussurrou e, em seguida, saiu da tenda.

Respirei fundo, levantei as mãos para minhas bochechas e pressionei.

Senti as lágrimas e os tremores voltarem e me esforcei para mantê-los sob controle.

Ganhei essa luta enquanto as abas da tenda se abriam, olhei para lá e vi meu marido se abaixar e entrar, acompanhado por Ghost.

Olhei para Lahn quando ele deu um passo e parou. Ghost não parou. Ela se aproximou de mim, então me inclinei levando os joelhos ao

peito e ela continuou vindo até que sua cabeça estava em minhas mãos. Quando eu a segurei, comecei a coçar atrás das orelhas.

— O animal apareceu em seu auxílio — Lahn declarou e eu continuei a coçando quando inclinei a cabeça para olhar para ele. — De agora em diante, ela dorme com a gente.

Assenti e estudei seu rosto.

Ele ainda parecia chateado.

Mordi o lábio.

Isso o fez parecer mais irritado.

Parei de morder o lábio.

Ele olhou para Ghost e parecia ainda mais irritado.

O que estava acontecendo?

Ele olhou de volta para mim e ordenou secamente:

— Levante-se, esposa, e venha até mim.

Eu não queria, principalmente porque ele parecia chateado, mas concordei. Fiz um cafuné na cabeça de Ghost, me endireitei e caminhei até ele.

Parei a alguns centímetros de distância.

— Coloque suas mãos em mim — ele ordenou e achei prudente, em face a sua raiva, continuar quieta e fazer o que ele dizia, então levantei as mãos e as apoiei em seu peito.

No minuto em que o toquei, ele ergueu as mãos, e como fazia antes, segurou os dois lados do meu queixo, mas dessa vez ele me puxou de forma rude para perto e para cima, então fiquei na ponta dos pés quando ele se inclinou para mim.

— Ninguém — ele grunhiu, seus olhos a um centímetro do meu. — *Ninguém* toca minha rainha.

— Ok, baby — sussurrei.

— Ninguém a ameaça com espada — ele continuou grunhindo suas palavras por entre os dentes.

Levei a mão ao seu pescoço.

— Tudo bem — eu disse suavemente.

— Ninguém a trai — continuou. — *Ninguém*, especialmente a quem ela demonstrou generosidade e bondade, que sentiu seu toque de ouro.

Assenti o melhor que pude com as mãos em mim.

— Sim, querido.

Ele fez uma careta.

Então, perguntou:

— Você não tem palavras a respeito do desertor?

— Eu... — comecei, assenti novamente o melhor que pude com as mãos em mim, então continuei. — Querido, prometi a você antes de partir que não questionaria mais quem você é e o que faz, e eu estou cumprindo essa promessa. — Seus olhos ardentes não deixaram os meus e eu continuei: — É difícil, é claro, porque você me conhece, sabe que tenho algo a dizer sobre cada...

Não terminei. Ele soltou meu queixo, envolveu os braços ao meu redor, uma mão na parte de trás da minha cabeça, a virou para o lado, se inclinou na minha direção e sua boca esmagou a minha.

Segurei seu pescoço enquanto sua boca e língua me acariciavam e então ele afastou os lábios dos meus. Empurrou meu rosto em seu peito. Virei para que minha bochecha fosse pressionada ali e deslizei as mãos sob seus braços e as envolvi ao seu redor.

— Você chegou em casa cedo — apontei (um pouco sem fôlego), a fim de levar a nossa conversa para o casual.

— Zahnin disse que você derrubou um Maroo — Lahn retornou, não, obviamente, com humor para o casual.

— Tee... — hesitei, em seguida, continuei com cautela. — Ela sabia que o ataque era iminente e deixou a adaga que Bohtan me deu a vista. Tive um momento para me preparar.

— Essa *kut* não salvou sua vida, Circe. Zahnin, Bain, Ghost e você mesma o fizeram — ele grunhiu com um aperto de seus braços. — Não

vou ouvir nada a respeito de ela ter lhe dado um momento para se preparar.

Kut.

Ele a chamou de vadia. Isso era sério. Nem os guerreiros Korwahk diziam isso com muita frequência.

Pelo menos não na frente das suas esposas.

— Hã... tudo bem — sussurrei.

Outra nota mental, não mencionar Teetru perto de Lahn também.

Ele ficou em silêncio, mas isso durou um pouco.

Então ele disse baixinho:

— Agradeço ao meu deus que você seja guerreira.

Assenti. Fiz o mesmo com o meu também, em várias ocasiões nas últimas horas. Eu não tinha ideia que era, mas eu com certeza estava feliz por ser.

Lahn continuou:

— E agradeço ainda mais que você tenha magia. Enquanto você estava lutando, seu raio encheu o céu. Os guerreiros e todos na Daxshee sabiam que a tempestade não era natural, mas que tinha algo a ver com a rainha deles. Isso deu aviso e significou que o traidor não escapou e os outros guerreiros Maroo que aguardavam o retorno de seus irmãos, também foram capturados.

Uau.

Uau.

Eu não sabia disso. Nada disso.

— Sim, magia é bom — concordei, a leve pressão que ele estava exercendo na minha cabeça relaxou. Inclinei para olhar para ele e mudei de assunto. — Por que você veio para casa mais cedo?

— Esta manhã bem cedo, recebemos um mensageiro de Keenhak, que espiona de perto o rei Maroo, ouviu falar da trama e veio até mim. Foi uma decisão inteligente. Eles constroem alianças enquanto Maroo procura acabar com a dinastia dourada. Keenhak será recompensada por este

ato. — Assenti e ele terminou. — Partimos para voltar a Daxshee, mas já era tarde demais.

— Estou bem — falei baixinho.

— O dia todo andei cego, a única coisa que vi foram visões da minha rainha de ouro cobertas de sangue.

Ah, Deus.

Isso deve ter sido terrível.

— Estou bem — repeti.

— E entrei na Daxshee e vi você coberta de sangue.

Dei um aperto nele.

— Querido, estou *bem*.

— Posso ver e sentir isso, minha linda, mas não me importo.

Vingança...

Afastei um braço que estava ao redor dele e levantei a mão para colocar meus dedos em sua boca.

— Eu sei, Lahn. Rios de sangue. *Eu sei*. Isso me assusta e não quero que você ou ninguém se machuque, mas sei. É isto que você deve fazer. Então você vai fazer isso. Mas agora posso pedir um favor e você pode ficar quieto por tempo suficiente para que eu possa lhe dar um beijo de boas-vindas ao lar para adicionar ao seu beijo “graças a Deus minha rainha de ouro está bem”? Depois você pode reclamar o que quiser sobre a vingança.

Ele olhou para mim.

Então disse contra meus dedos:

— Tire seus dedos, Circe, você mal pode me beijar com a mão sobre a minha boca.

Sorri para ele enquanto meu corpo relaxava em seus braços e movi a mão. Fiquei na ponta dos pés, ele inclinou o pescoço e dei ao meu marido um beijo de boas-vindas ao lar que, eu estava adivinhando, estava muito bom. Adivinhei isso porque ele me levantou durante o beijo,

envolveu minhas pernas ao redor dos seus quadris e caminhou para a cama, me deitou e deitou sobre mim.

Ghost grunhiu com irritação e pulou do seu poleiro.

Eventualmente, a boca de Lahn deixou a minha e ele enterrou o rosto no meu pescoço enquanto meus membros se apertavam ao redor dele.

Lá estava ele. Tão grande. Tão forte. Meu marido. Lá, comigo. Na nossa cama.

Com esses pensamentos, aquilo me atingiu e não consegui segurar, então minha respiração ofegou.

Ele ergueu a cabeça e seus olhos encontraram os meus. Quando isso aconteceu, ele se aqueceu.

— Baby — ele sussurrou e minha respiração ofegou novamente.

— Eu matei um homem e meio hoje — sussurrei de volta, uma lágrima escorrendo do canto do olho.

Ele inclinou a cabeça e perguntou:

— Meio?

— Bain cortou a cabeça, mas eu já havia cortado suas entranhas, provocando uma ferida que ele sobreviveu naquele momento, mas não sobreviveria por muito tempo.

Observei o queixo de Lahn ficar duro e não sabia se era para conter o riso ou um rugido de fúria.

Então ele me informou em voz baixa (e assustadora):

— Fico feliz que você tenha feito isso, porque se não tivesse, eles teriam te matado. O objetivo era te capturarem, a levarem para fora da Daxshee, mas te matar e deixarem seu corpo para nós o encontrarmos. Em vez disso, eles encontraram uma rainha guerreira, seu animal de estimação extraordinário e guardas com bons instintos. Como as coisas não correram como planejaram, precisaram executar o plano da melhor maneira possível e, em vez disso, teriam matado você em nossa tenda.

Eu sabia que isso era verdade. O primeiro homem que havia me agarrado estava desarmado, provavelmente me subestimando. O último não havia feito o mesmo e veio até mim com uma faca.

Isso me assustou pra caramba, mas lidei com isso o melhor que pude e assenti.

Outra lágrima escorreu do meu olho esquerdo, seguida por uma do meu direito e senti as narinas tremerem.

— Ela me traiu — sussurrei e o rosto de Lahn suavizou. Ele ergueu a mão para segurar o lado da minha cabeça, seu polegar se movendo através da umidade na minha testa. — Por que ela faria isso?

— Não sei — Lahn respondeu em um sussurro.

Eu respirei fundo, ofegando por duas vezes.

— E, já que ela fez isso, por que colocou a adaga a vista... para me avisar?

— Também não sei, minha linda de ouro.

Eu também não.

Pensei no rosto de Teetru olhando para o meu depois que lhe dei a pulseira.

— Ela era minha garota — falei tão suavemente que era quase inaudível. Minha respiração ofegou e minha visão embaçou quando meu corpo começou a tremer com soluços.

— Minha Circe — Lahn murmurou, rolando de cima de mim, mas me puxando com força e me embalando enquanto eu chorava em seu peito.

Lahn não teve chance de reclamar de vingança. Pode-se dizer que tive um dia difícil, então praticamente desmaiei no meio do choro. Eu não sabia o que ele fez.

Mais tarde, porém, acordei sentindo seu peso e calor, o lençol até a cintura e Ghost adormecida ao pé da cama.

Naquele momento, eu estava em segurança, meu marido estava em casa e tudo estava bem.

Então voltei aos meus sonhos.

Capítulo 26

Korwahn

Seis semanas depois...

Era oficial.

Eu estava definitivamente grávida.

Cuspi dentro do penico e depois preendi a respiração, esperando que não subisse mais pela minha garganta e boca.

Sério, eu odiava vomitar. E fazê-lo em um penico tornava-se uma atividade não muito divertida... pouco divertida mesmo.

Quando a náusea diminuiu e pareceu que eu estava completamente limpa, me movi para a bacia, coloquei um pouco de água de um jarro em um pano e limpei a boca. Lavei o pano, enxuguei o rosto e o enxaguei de novo. Bochechei com água e peguei o ramo fino que Jacanda me deu para escovar meus dentes e língua. Usei aquilo, enxaguei novamente, peguei o pano e o dobrei enquanto saía do... hum... banheiro.

Lahn estava na cama, de lado, com o lençol de seda até a cintura, com o cotovelo apoiado no travesseiro, os olhos em mim.

Minha tigresa, que não era mais tão pequena, estava descansando em um grande e fofo tapete coberto de peles no canto, a língua rosa lambendo um osso.

Meu estômago revirou quando a náusea retornou e olhei de volta para Lahn.

Mesmo enjoada, não deixava de notar o quanto meu marido era atraente.

Só que com o enjoo matinal, eu não estava com humor para fazer nada quanto a isso.

Fui para a cama, puxei o lençol, deitei de costas e apoiei a cabeça nos travesseiros. Puxei o lençol e coloquei o pano dobrado sobre meus olhos.

Senti o calor de Lahn contra o meu lado e senti sua mão grande na minha barriga.

— Talvez eu estivesse errado — ele murmurou. — Se você estivesse carregando uma filha de ouro no ventre, ela não seria tão dura com você. — Eu o senti chegar mais perto e sabia que estava certo quando sua voz suave soou no meu ouvido e sua mão pressionou suavemente a minha barriga antes de sussurrar. — Acredito que fizemos um guerreiro, minha linda.

— Eu não ligo para o que é, contanto que você esteja feliz com isso, porque é o único que você vai ter, grandão — murmurei de volta e o ouvi rir no meu ouvido, mas senti sua boca se afastar dali, depois de tocar minha pele.

Bela jogada e adorei ouvir a diversão de Lahn.

Mas eu não estava sendo divertida.

Levantei um lado do pano para que eu pudesse deslizar os olhos para ele e ver que ele ainda estava sorrindo e o informei:

— Não estou brincando. Não gosto de colocar os bofes para fora, *não mesmo*.

Ele ergueu as sobrancelhas, ainda sorrindo.

— Colocar os bofes para fora?

— Colocar para fora, chamar o Raul, vomitar, colocar os *bofes para fora*.

Ele riu novamente.

Eu não achei nada engraçado.

Larguei o pano e anunciei:

— Depois disso, usaremos contraceptivos.

Através de outra risada, ouvi Lahn perguntar:

— Contra o quê?

— *Contraceptivos*. Depois que o pequeno Lahn ou a pequena Lahnahsahna fizer sua entrada neste mundo, você vai começar a embainhar sua espada, grandão.

Ele perguntou um divertido, mas confuso:

— Embainhar minha espada?

Levantei o pano novamente, olhei para ele, em seguida, desviei o olhar para a área que estava sendo discutida e só para ter certeza de que ele entendeu, dei um pequeno aceno de cabeça naquela direção.

Ele percebeu. Soube disso quando ele rugiu de rir.

Mais uma vez, não vi nada engraçado.

Deixei o pano cair e tentei não deixar que seu grande corpo balançando a cama me fizesse vomitar.

Finalmente, ele acalmou seu humor, mas comentou:

— Ouvi sobre isso sendo praticado em Northlands. Mas não fazemos o mesmo nas terras do Sul, minha rainha.

— Bem, você vai ser um criador de tendências — respondi em um murmúrio.

— Criador de tendências?

— Lançar moda, sendo o primeiro.

Sua mão ainda na minha barriga deslizou para cima, envolveu meu peito e sua voz estava parcialmente divertida, parcialmente séria quando ele me informou.

— Não vou ter nada entre mim e minha rainha de ouro.

Abri minha boca para dizer algo inteligente, mas ele continuou falando enquanto sua mão deslizava de volta para minha barriga.

— E teremos muitos filhos, muitos guerreiros para servir Suh Tunak, muitas princesas de ouro para que seu pai possa contemplar sua beleza em mais do que seu rosto.

Isso foi fofo e tudo mais, *muito* fofo, mas... *acho que não*.

— Isso é fofo, Lahn, mas estou falando muito sério.

— Então vou falar sério também e te dizer que não vou usar essas... *coisas*.

— Então você vai sair antes da festa terminar. Não é uma prova completa, mas será algo — eu murmurei.

De repente, o pano se foi e o rosto de Lahn estava no meu, seu corpo grande pairando sobre mim e percebi imediatamente que ele não pensava mais que era engraçado.

— Não vou gastar minha semente em sua pele.

Ah, droga.

Encarei seu rosto e soube que tinha dito algo muito, muito errado.

— Lahn...

— A semente de um guerreiro é sua essência. É o futuro de Suh Tunak. Não é desperdiçada a menos que seja usado para oferecer o pior insulto que ele pode dar ou liberado no corpo de uma Xacto. Traidores, guerreiros inimigos fracos o suficiente para serem capturados vivos, espiões tolos o bastante para serem detectados, *eles* recebem sementes desperdiçadas. E um guerreiro não planta sua semente em Xactos e você, minha rainha de ouro, *não* é uma delas.

Certo, era seguro dizer que essa conversa tinha tomado um rumo drástico em uma estrada que eu *não* queria ir. Então tive que nos desviar, de pronto.

— Ok — sussurrei.

Ele me olhou.

Então, murmurou.

— Ok.

— Eu, hum... não sabia — falei baixinho.

— Agora sabe.

Com certeza, eu não sabia.

Levantei a mão para segurar seu queixo barbudo e sussurrei:

— Sinto muito, baby. Não falarei disso novamente. Eu realmente não gosto de passar mal.

— Também não gosto. Significa que não posso tomar sua xaxsah pela manhã. Gosto de tomar sua xaxsah no período da manhã. O que *não* gosto é ter que esperar até a noite.

Humm.

Claramente minhas desculpas não o deixaram feliz.

Então procurei melhorar seu humor e sugeri suavemente:

— Que tal você tentar tomar minha xaxsah com sua lisa e vemos como vai ser?

— Não quero fazer você se sentir mal com a minha boca entre as suas pernas, Circe.

Certo, bem, isso não funcionou.

Rolei para ele, lutando contra a náusea enquanto passava a mão pelo seu peito e, em seguida, envolvi um braço ao redor das suas costas, sussurrando:

— Lahn...

De repente, ele inspirou pelo nariz e fez isso tão profundamente que calei a boca.

Quando ele expirou, seus olhos se encontraram com os meus e ele sussurrou:

— Partiremos para Maroo em dois dias.

Fechei os olhos e inclinei a cabeça para frente.

Eu sabia disso e não queria falar a respeito. Não antes, nem nunca. Eu estaria vivendo isso em breve.

Um segundo depois, senti seus lábios na minha testa, então abri os olhos para ver a linda base do seu pescoço.

Contra a minha pele, ele falou:

— Poderemos estar em luta por um mês ou um ano. E você estará aqui e eu não.

Tudo bem, ele não estava chateado com a discussão sobre contracepção, estava preocupado.

Isso era bom.

O ruim é que eu precisava falar sobre isso e não queria.

— Eu vou ficar bem — falei suavemente.

— Sei que vai. — Sua mão pressionou novamente minha barriga e senti sua boca se mover da minha testa, então inclinei a cabeça para trás para ver seus olhos. — Mas todo dia, ele ou ela crescerá em você e não vou ver isso. Você vai crescer e não vou estar aqui para ver a sua beleza florescer, para ficar ainda mais bonita. E ele ou ela poderia nascer e eu não estaria aqui para cortar a conexão e o bebê não conheceria o pai.

— Ele vai te conhecer, querido, mesmo que você não esteja aqui. Ele vai.

Ele me olhou em suave afronta, as sobrancelhas franzidas.

— Eu devo estar presente no nascimento. Devo ser eu quem o puxa do seu ventre. O primeiro ser que uma criança deve ver, Circe, é o pai. O primeiro toque que deve sentir é o toque do seu pai. Sua conexão com a mãe é estabelecida por meses. O pai deve ter isso para estabelecer *a sua*.

Uau, isso era lindo. Mas, por mais bonito que fosse, eu estava esperando por alguém como uma parteira que fosse “puxá-lo do meu ventre”. Até uma parteira que servia a um bando selvagem e primitivo. Meu palpite era que meu marido não tinha lidado ou mesmo participado de muitos partos (tipo *nenhum*) e provavelmente ela teria a experiência que eu poderia precisar.

Sabe como é, só por garantia.

Decidi que era sábio não compartilhar isso.

Em vez disso, suspirei antes de lhe dar um aperto.

Então falei:

— Bem, é melhor você chutar uns traseiros dos idiotas de Maroo, baby, depois voltar para casa... — parei e sussurrei — *em segurança*.

Seus olhos percorreram meu rosto por longos momentos antes que seus lábios se contraíssem.

— Este é o plano — ele murmurou.

Sorri para ele.

Ele sorriu de volta.

Isso se desvaneceu e ele sussurrou:

— Preciso ir.

Assenti e esperei.

Não esperei muito antes de sua mão segurar meu queixo, o polegar acariciando minha bochecha e seus olhos vagando pelo meu rosto com tanta intensidade que era como se ele estivesse tentando gravar a visão em seu cérebro.

Isso acontecia todas as manhãs antes de ele me deixar desde o dia seguinte ao ataque. Isso, imaginei (mas não perguntei), era uma indicação de uma ferida psicológica que ele suportou enquanto cavalgava para chegar até mim depois de saber de uma conspiração para me matar, que incluía um traidor em sua própria tenda. Então, chegando em casa para ter sua primeira visão minha coberta de sangue. Ficou claro que isso o marcou profundamente. E, embora fosse uma coisa bonita pensar que a ideia da minha perda poderia feri-lo tão severamente, eu odiava que ela estivesse lá.

Eu não sabia o que fazer sobre isso.

Então fiz a única coisa que sabia. Me aconcheguei a ele e abri um sorriso brilhante.

Então sugeri:

— Que tal isso, eu tomo *seu xac* na *minha lisa* quando você chegar em casa hoje à noite.

A intensidade em seus olhos mudou, então desapareceu, mas retornou de uma maneira diferente, seu braço ao meu redor e ele me puxou mais para perto.

— Você acabou de me fazer uma promessa, kah bahsah — ele grunhiu.

Me inclinei um pouco para cima e sussurrei contra sua boca:

— Não vou faltar com a minha palavra, kah bahsan.

Seus olhos seguraram os meus por um segundo antes de ele inclinar a cabeça e me beijar de um jeito profundo e molhado, e eu estava realmente feliz por ter usado aquele graveto.

Quando me excitei e senti meus mamilos endurecerem, percebi que eu não sentia vontade de vomitar, mas ele soltou meus lábios, levantou, beijou minha testa e então ergueu seu grande corpo de cima do meu e saiu da cama. Olhei por cima do ombro enquanto seu corpo fabuloso caminhava, com a bunda incrível a mostra, em direção ao que eu chamava de banheiro.

Quando ele desapareceu, virei de costas e examinei o estado do meu estômago.

Eu estava bem.

Estava prestes a chamar para informar Lahn disso quando uma náusea me atingiu.

Certo, então eu não estava bem. Portanto, não o chamei.

Mas o ouvi e observei enquanto ele se movia no outro cômodo e no nosso quarto. E enquanto eu ouvia e observava, gravei o que ouvi e vi na memória.

E processei as últimas seis semanas e fiz isso em um esforço para não pensar sobre o que as próximas seis semanas (e mais) trariam.

Ficamos em nosso acampamento por duas semanas após o ataque. Lahn desapareceu de novo, principalmente durante esse período, já que planejar uma guerra era demorado. Mas todo dia ele me acordava para me dar um ótimo bom dia, então ia embora e eu não o veria até meu próximo bom dia.

Como ele ordenou, uma nova tenda substituindo a antiga estava me abrigando em uma semana (na verdade, mais como cinco dias). Esta era feita com um tecido mais escuro e mais grosso e tinha uma variedade

de novas estacas. Enquanto a outra só tinha aquelas que seguravam o teto, esta tinha quatro em forma de estrela entre cada suporte de modo que, mesmo que uma faca pudesse cortar o tecido, não havia espaço suficiente para alguém passar, a menos que cortassem através dos suportes de madeira.

Lahn certamente não estava se arriscando. Isso era bom. Mas, toda vez que eu via essas estacas, ficava triste. Sentia falta da nossa velha tenda e da minha Teetru como eu sabia que ela era (não, obviamente, quem ela acabou sendo).

Não fiquei triste por muito tempo.

Nossa tenda nova também era maior, talvez uns sessenta centímetros a mais, mas isso acrescentado à circunferência de uma tenda circular era muito. Parecia enorme em comparação a antiga.

Compreendi o motivo deste espaço adicional quando a nossa mesa longa e estreita não foi devolvida e uma com o comprimento três vezes maior foi colocado em seu lugar com quatro cadeiras em vez de apenas duas nas extremidades. Além disso, outra cadeira e um pequeno divã foram introduzidos em nossa decoração (sim, uma cadeira real!). A cadeira era de madeira pesada, mas as costas e o assento eram almofadados e cobertos com veludo rosa com um desenho neles.

Eram objetos oriundos de saques.

Procurei não pensar nisso. Pensei que minha mobília nova era perfeita para a noite das garotas e eu as usava para esse propósito. Muito.

Eu também tinha uma nova escrava (também proveniente de saques). Seu nome era Quixa, ela era mais velha que Jacanda e Beetus, mais jovem que Gaal e Packa e era de Korwahk.

Jacanda, que, naturalmente, assumiu como líder das meninas depois que perdemos Teetru (uma surpresa, eu teria imaginado Gaal ou, talvez, Packa, mas Jacanda era realmente boa no que fazia, as garotas se

aproximaram dela e se acomodaram à situação muito rapidamente), tomou Quixa como sua responsabilidade e ficou encantada com a adição.

E ela me disse que Quixa estava encantada também. E me explicou o motivo.

— Quixa nasceu escrava e seus mestres eram gentis. Mas quando eles estavam viajando através de Keenhak, seu grupo foi atacado por Maroo e seus mestres foram mortos. Ela foi levada e *todo mundo* sabe que Maroo faz diferença entre os escravos nativos e os de outras nações. E isso não é bom. Ela está feliz por estar a serviço de uma Dahksahna e está muito feliz por estar em casa. Nos últimos três anos — ela balançou a cabeça —, eles não foram bons para Quixa.

Certo, bem, tive que admitir que isso me fez sentir melhor sobre Lahn roubá-la de outra pessoa enquanto saía da pilhagem. Não muito melhor, mas era algo.

Para mim, as coisas eram como de costume. Fora por Lahn estar ausente a maior parte do tempo e o fato de que minha guarda pessoal aumentou de dois para seis. Lahn acrescentou Bohtan, Feetak e os maridos de Char e Vuntus, Tark, e Yoonan (respectivamente). Isso foi explicado uma manhã quando perguntei sobre suas escolhas e Lahn teve tempo para responder.

— Você compartilha um laço com suas esposas. Então, eles estão ligados a você mais do que você simplesmente por ser sua rainha guerreira de ouro. Isso intensifica a lealdade. As esposas deles não querem que você fique mal, pois você é amiga delas. E esses guerreiros têm sentimentos profundos por suas esposas para que façam isso.

Achei que era uma boa maneira de ver o assunto.

Ficou melhor quando ele continuou.

— E todos eles vieram a mim separadamente, sabendo que eu estaria procurando mais proteção para a minha Dahksahna e se ofereceram para este serviço.

Definitivamente, melhor.

Eu nunca ia a lugar algum sem, pelo menos dois, mas geralmente havia quatro da minha guarda comigo e depois do que aconteceu, a presença deles era bem-vinda.

Durante essas duas semanas, vi três do que Diandra me disse serem “corsários” ou “grupos de corsários”. Em outras palavras, grupos da Horda que saíram saqueando. Eles cavalgaram no horizonte para aumentar nossas fileiras. Em cada grupo, havia cerca de cem cavalos juntos (guerreiros e esposas), além de seu comboio de carroças.

Também vi uma “patrulha” (novamente, esta informação obtida de Diandra) que era uma tropa da Horda que patrulhava Korwahk para manter os civis a salvo dos saqueadores de outros países ou que estavam à procura de invasão. Korwahk fazia isso por conta própria, mas não toleravam que outros o fizessem. Dito isso, aconteceu em mais do que uma rara ocasião, então esses grupos encontraram ação com frequência. A patrulha centenas de cavalos (mais vagões).

Lahn me explicou que esses guerreiros que retornavam eram os grupos que estavam mais próximos da Daxshee e viajariam conosco. Estávamos aguardando a chegada deles e, um dia depois de a patrulha ter se juntado a nós, Lahn anunciou que iríamos desmontar a Daxshee e encontrar o resto de Suh Tunak em Korwahn.

Korwahn, a propósito, era a maior cidade de Korwahk, onde todos os membros da Horda mantinham residências permanentes, mesmo que não passassem muito tempo nelas.

Era uma viagem de quatro dias até Korwahn e na manhã do dia em que íamos chegar, minhas garotas me deram o aviso. Eu não iria, Jacanda me informou, entrar em Korwahn pela primeira vez como Suh Rahna Tunakanahsa Dahksahna Hahla parecendo qualquer coisa exceto a rainha dos pés à cabeça.

Bati o pé quanto ao pó de ouro no meu cabelo e as penas (em outras palavras, eu não pretendia usá-las também). O Bando Korwahk

viajava como um. Eu não ia brilhar como um farol enquanto todo mundo tinha quatro dias de poeira no corpo.

Mas vesti um sarongue feito de pura seda dourada, meu cinto de discos de ouro, um top de seda dourada amarrado em meus seios com brincos que eram longos, finas correntes de ouro com uma bola de ouro no fim e uma gargantilha combinando com várias das mesmas correntes com bolas intermitentes as adornando. Eu tinha cor de pêssego nas bochechas, brilho de pêssego nos lábios, sombra perolada e pelos, e permiti que elas aplicassem pó de ouro em têmporas e olhos (porque toda garota sabe, um pouco de brilho era sempre certo, mesmo que estivesse empoeirada). Também permiti que eles prendessem meu cabelo enrolado e torcido caído nas costas com um clipe pesado de ouro.

Isso era tudo, mas, pensei, que era mais do que suficiente.

Eu deveria ter escutado Jacanda.

Quando Korwahn apareceu, o cavalo de Bain voltou para o meu e ele me arrancou de Zephyr, galopamos até Lahn, que me arrancou de Bain e me plantou na frente dele e deixou Bain e Zephyr.

Aparentemente, eu entraria em Korwahn na liderança com meu Dax.

Lahn confirmou isso com um aperto do braço e um murmúrio no meu ouvido.

Não fiz comentários. Estava ocupada demais encarando os dois planaltos de pedras grandes e duras que se projetavam para o céu azul à minha frente. Ficavam em um ângulo de quarenta e cinco graus um do outro, um ligeiramente mais alto que o outro, o menor se sobressaindo mais. E havia o que parecia uma construção enorme, confusa e interconectada, feito de barro creme e vigas escuras que subiam pela frente e se esparramavam pela paisagem.

Era fenomenal.

E isso era de longe.

Ficou melhor de perto.

O Bando de Dax foi visto e, portanto, as pessoas tiveram tempo de se preparar. Fomos recebidos com animação por homens, mulheres e crianças que haviam corrido para fora da cidade para fazê-lo.

Portanto, quando chegamos ao que Lahn sussurrou em meu ouvido que se chamava Avenida dos Deuses, os pódios das enormes estátuas que a cobriam estavam cheios de gente, todos jogando pétalas em Lahn e em mim, gritando nossos títulos e aplaudindo.

Mesmo se as pétalas coloridas não estivessem flutuando no ar, a Avenida dos Deuses que levava a Korwahn seria de tirar o fôlego.

Começando na extremidade larga de uma infinidade de estátuas que se curvavam para (um pouco) um estreitamento, haviam dois pódios de pedra creme de, pelo menos, a altura de um homem e em cada havia uma mulher de pedra idêntica (a altura de pelo menos *três homens* e estamos falando homens de Korwahk) esculpidas no que se parecia com mármore. Ela estava grávida, com a barriga grande se projetando sobre o sarongue, os seios grandes cobertos por um top. Um de seus braços estava curvado sob a barriga, o outro braço levantado, a mão sobre os olhos como se bloqueasse o sol ou espiando a distância para localizar alguma coisa (era o último, Lahn me disse, os olhos da Verdadeira Mãe estavam focados no retorno do seu guerreiro). Seu cabelo era comprido e caía em cachos e reviravoltas de mármore esculpido, mas era adornado com cliques de ouro por toda parte, parecendo feitos de ouro real e cintilando ao sol forte (e Lahn confirmou que eram, de fato, de ouro de verdade). Havia também ouro no pescoço, nas orelhas, nos pulsos e no braço.

A próxima era uma cobra enrolada, parte do seu corpo comprido e magro erguido como se fosse atacar. Sua boca estava aberta, e suas presas e língua fina, bifurcada e protuberante, eram de ouro. As marcas em forma de diamante nas costas também eram de ouro.

A seguinte era de um chacal, em pé, em atenção, as manchas nas costas e a ponta do rabo espesso de ouro.

Então veio um grande leão imponente, reclinado, todo o seu manto de ouro.

A seguir, o cavalo, apoiado sobre as patas traseiras, os cascos dianteiros erguidos no ar. Cada casco, sua juba e cauda todo em ouro.

E, finalmente, o tigre, esculpido à espreita, suas listras douradas.

Era *incrível*.

Cada.

Um.

Deles

E eu disse isso a Lahn (depois que tirei uma pétala que havia caído na minha boca).

Não foi melhor do que isso, mas ainda era tremendamente legal quando Lahn e eu passamos por Lahkan andando tranquilamente pela cidade.

E que cidade.

Era uma confusão de pessoas. Estavam em toda parte (aplaudindo e jogando pétalas).

E eu não estava errada sobre isso. Onde quer que se olhasse, havia janelas cobertas com cruzes de ferro forjado e uma infinidade de portas. Havia uma larga estrada seguindo a cidade, algumas menos largas, mas havia um monte de caminhos estreitos e sinuosos, ou escadarias íngremes de pedra que cortavam as construções.

Principalmente, porém, havia um monte de construções claramente erguidos sem planejamento urbano em mente. Eles subiam um, dois, três, até seis andares, com vigas de madeira escura visíveis se projetando para o céu ou para os lados do telhado. Tudo isso feito do que parecia ser um material de cor creme.

Tudo, na verdade, era creme. A poeira e a pedra das estradas (não pavimentadas, apenas naturais), calçadas, os degraus íngremes e as construções, tudo.

Mas havia cor.

Os varais de secagem que iam de construção a construção, por estradas ou caminhos estreitos, nos quais pendiam tops e sarongues vibrantes.

Havia floreiras e vasos coloridos em pequenas varandas e nas laterais de portas cheias de flores e vegetação rasteira (eu tinha que dizer, não havia muitas, Korwahk claramente não tinha muita gente que entendia de plantas — mas havia o suficiente para quebrar o creme, adicionar um toque de cor e oferecer aos olhos uma linda surpresa). As grandes praças se abriam para fora da estrada principal estavam cheias de bancas de mercado que tinham os topos das tendas coloridas sobre mesas ou toldos listrados sobre barracas. E embora a maioria das portas fossem de madeira crua, algumas eram pintadas de verde, outras de vermelho, algumas eram azuis, brancas, pretas com listras azuis, brancas e vermelhas e algumas pretas (estas eram as casas dos guerreiros, Lahn sussurrou em meu ouvido enquanto cavalgávamos, suas portas pintadas para combinar com a tinta que usavam em seus corpos).

E aos pés de cada porta continha uma pequena pilha de flores, um boas-vindas ao lar (novamente, Lahn sussurrou para mim), dos agradecidos cidadãos de Korwahn.

E enquanto seguíamos com pétalas à deriva, a Horda que seguiu deixou o grupo quando chegaram em casa ou precisaram descer uma pista para que pudessem chegar em casa, então havia muito poucos à esquerda no topo do planalto menor, onde Lahn parou Lahkan em um porta de arco duplo que era pintada de preto com uma faixa dourada cintilante pintada nas duas. A única com tais marcações que vi e tinha certeza de que era a única com tais marcações em Korwahn.

Casa.

Ao ver meu ouro e o preto de Lahn em nossa porta, meu coração se aqueceu e minha barriga tremeu. Eu estava nervosa e animada. Mal podia esperar para passar por aquelas portas e por alguma razão bizarra, estava morrendo de medo ao mesmo tempo.

Não tive a chance de passar por essas emoções. Lahn desmontou, me puxou e então me levou para dentro.

Era fresco por dentro. Esta foi a primeira coisa que notei. A segunda, era que havia um pátio no meio que ficava exposto ao tempo e nele, com uma bela base de mosaico, havia uma pequena fonte borbulhante. Ao redor da fonte e do pátio havia potes coloridos cheios de plantas verdes. Havia duas áreas e cada porta se abria para uma sacada que dava para o pátio ou para baixo.

A segunda coisa que notei foi que havia uma mulher mais velha, levemente curvada, baixa e gorda se aproximando de nós. Ela tinha uma abundância de cabelo grosso, escuro e grisalho, muitas rugas no rosto e um jeito agitado, mas contido.

Eu sabia que era Twinka, a escrava da casa, que Lahn me contou que era quem cuidava de sua residência enquanto ele estava fora.

E ela não gostou de mim. Isso eu soube instantaneamente. Lahn fez uma ligeira reverência, então ela passou direto por nós sem uma palavra para ficar do lado de fora das portas, colocou as mãos nos quadris e fez uma carranca na direção dos vagões que vinham atrás.

— Ela esteve com minha mãe e meu pai, esta era a casa deles também. Ela mora aqui há mais tempo do que eu e passou muito mais tempo aqui. Ela pensa nesse lugar como se fosse dela — Lahn me lembrou de algo que ele havia me dito na noite anterior enquanto estávamos deitados sob as estrelas em nossas peles.

— Hum-humm — murmurei, olhando para as costas de Twinka.

— Se ela fizer qualquer coisa que você não goste, eu mesmo vou chicoteá-la — Lahn murmurou de volta em Korwahk. Meus olhos se voltaram para ele e Twinka, cujo status de idosa obviamente não afetava seus ouvidos, pigarreou alto.

Ignorei o ruído e retruquei para Lahn na minha língua:

— Você não vai.

— Meena — Lahn disse para mim, em seguida, seus olhos se voltaram para Twinka e terminou com firmeza — Kay jahkan.

Ele disse: *Sim, eu vou.*

Pressionei meus lábios um contra o outro.

Os olhos de Lahn se voltaram para mim e ele olhou para os meus lábios.

Eu os abri.

O olhar dele se derreteu e ele sorriu.

Revirei os olhos.

Lahn se virou para Twinka,

— Uvoo kah Dahksahna el cuun, boh. Lee aka lapan ansha bel fahkah yo na geenheeso. — *Apresente a casa a minha rainha agora. Os outros estarão aqui em breve o suficiente para você administrar as coisas.*

— Meena, kah Dax — ela murmurou, se aproximando de nós —, kay pahnsay yo nahna tahnhan. — *Sim, meu rei, eu vivo para o seu comando.*

Não pude evitar, enquanto ela murmurava, patinando em palavras insubordinadas, pressionei meus lábios enquanto arregalava os olhos.

Lahn continuou sorrindo para mim.

— Se você chicoteá-la — falei na minha língua. — Não falo com você por uma semana.

O sorriso de Lahn desapareceu antes de ele responder na minha língua também:

— Se ela fizer algo para ganhar a ponta do meu chicote, você não fará nada.

Ah, certo.

Esqueci.

— Certo — sussurrei. — Me esqueci.

Lahn olhou para mim por um segundo, depois olhou para o teto, provavelmente dando seu veredito. Twinka fez um barulho impaciente.

Fui para o meu passeio.

Mesmo que houvesse muito espaço, não havia muito a fazer. Muitos quartos, mas não muitos móveis. Não que eu pudesse aguentar muito, Twinka estava praticamente correndo, apontando para as coisas, resmungando palavras que mal peguei, claramente pensando que ela tinha coisas melhores para fazer do que levar sua nova rainha para dar uma volta e queria acabar com isso para poder mandar nas garotas quando elas chegassem.

Vi que não tinham móveis em Korwahn. Principalmente muitas almofadas e tapetes grossos sobre o chão de ladrilhos. Até a sala de jantar tinha uma mesa longa e muito baixa, com doze grandes almofadas no chão, em volta. Não havia nenhuma sala com uma escrivaninha que parecesse um escritório. Havia seis quartos e cada um tinha um banheiro com um penico atrás de uma tela e pia com jarro de água, e a suíte máster, (eu estava adivinhando que era) tinha outro quarto com um guarda-roupa de madeira grande, entalhado e uma espreguiçadeira elevadas. Cada quarto tinha camas elevadas. Ou seja, a plataforma ficava a um metro do chão, o colchão era duas vezes mais grosso que o da nossa tenda, havia duas vezes mais almofadas na cabeceira e estava coberto de lençóis de seda (sem peles) e cobertos com colchas de seda bordadas. Mas sem cabeceira ou painel.

O melhor de tudo na casa era a banheira da suíte máster, que era realmente como uma *piscina*, com mosaicos azuis e verdes e bordas almofadas no mesmo tom. A banheira era grande o suficiente para nadar e o lugar tinha uma grande janela que dava para uma sacada com vista para Korwahn.

Com meu suspiro encantado, Twinka, com relutância, passou por uma porta pesada de madeira e uma corrente de vapor de água fluiu para o banheiro. Vi que os fundos do banheiro tinham uma ligeira inclinação e havia quatro pedaços estreitos de alguma substância grudenta que entupia o ralo no lado oposto da água.

— Temos — ela afirmou orgulhosamente em Korwahk — uma alimentação direta da fonte termal. Somos — continuou, de maneira soturna — uma das *sete* casas de todas em Korwahn que têm uma bênção tão grande.

Assenti pensando que bênção era a palavra para isso. A água que jorrava (antes que ela batesse a porta de novo), estava limpa e fumegante e eu mal podia esperar para tomar um banho.

Twinka saiu.

Eu a segui e continuamos nossa turnê.

Notei pinturas interessantes nas folhas de cobre ou prata com desenhos batidos no metal e até espelhos pesados, esculpidos e emoldurados (e, me vendo pela primeira vez em meses, eu tinha que dizer, o sol de Korwahk, a maquiagem de Jacanda, o amor e a gravidez me fizeram bem — até eu tive que admitir que eu parecia muito bem).

Estava tudo limpo e claramente bem cuidado por Twinka, que parecia que poderia cair a qualquer momento, mas se movia como se tivesse cerca de vinte e três anos.

Era basicamente isso, exceto pelo telhado quadrado (com o buraco do pátio nele), o que era absolutamente incrível. Havia um monte de potes coloridos, de todos os tamanhos, cheios de plantas e flores vibrantes. Também havia uma área com o que parecia ser espreguiçadeiras para descansar e pegar sol, que tinha almofadas grossas sobre elas. Outra área com uma mesa de ferro redonda ornamentada com arabescos e quatro cadeiras correspondentes. E a última havia uma abundância de colchões grossos e enormes travesseiros de seda de cores vivas.

Oásis total. O melhor lugar da casa, sem dúvida.

Depois do telhado, tudo foi por água abaixo e Twinka me empurrou por uma cozinha nos fundos que tinha o que parecia ser um forno a lenha, bem como um fogão rudimentar e uma mesa longa e surrada. Pela porta dos fundos, através de um pátio pequeno e arrumado (com mais vasos de plantas), ficava o alojamento dos escravos, quatro quartos pequenos, dois

no alto, dois no fundo, cada quarto tinha duas camas de madeira, duas gavetas, aparadores ao lado de cada cama com um mísero castiçal em cada cômoda.

Humm.

Eu teria que fazer algo sobre isso.

Packa, descobri com Jacanda, servia a Lahn há mais tempo e cuidava da comida e de suas necessidades antes da minha chegada. Ele havia comprado o restante delas em um leilão dois dias antes da Caçada (onde muitos futuros maridos cuidavam das necessidades de suas futuras esposas).

De Oahsee (que pergunte a Bain que respondeu), soube que Lahn comprou escravos antes das outras Caçadas que frequentou, mas não participou quando Dax os vendeu imediatamente depois, quando nada lhe impressionou.

Portanto, Packa era a única que estava lá.

E quando chegamos na área do pátio, Lahn se foi, mas minhas garotas estavam lá com os guerreiros em treinamento puxando nossas coisas da carroça para o lado de fora e elas estavam olhando ao redor com admiração.

No minuto em que Twinka as viu, abriu a boca para falar.

E no minuto em que ela abriu, cheguei primeiro.

Sabe, eu estava invadindo esse lugar que era dela. Eu entendia isso bem. Mas estas eram minhas garotas.

E ninguém mandava nelas.

Em Korwahk, rapidamente apresentei minhas garotas para Twinka e Twinka para minhas garotas, e então anunciei:

— Essas coisas podem ficar aqui por agora. Twinka, por favor, mostre a casa para as garotas e elas precisarão de algum tempo para tomar banho, colocar roupas limpas, descansar um pouco depois da viagem e comer alguma coisa. Depois disso, essas coisas podem ser guardadas.

Twinka olhou para mim com a boca tão tensa que triplicou as rugas ao redor.

Então ela murmurou:

— Gay na tahnay — *Como você comanda*, olhou através das minhas meninas, em seguida, saiu depressa.

Todas olhavam para mim enquanto corriam atrás dela.

Respirei fundo e deixei ir.

Então fui em busca de Lahn e o encontrei saindo do banheiro e indo para a suíte máster.

— Oi — falei com um grande sorriso. — Gosto da sua casa. O telhado é *incrível*.

— Dohno — ele murmurou enquanto passava por mim até a porta.

Eu imediatamente expirei e nem sabia que tinha inspirado.

Eu me virei um pouco desanimada para segui-lo com os olhos. Percebi que ele tinha a Horda e coisas de guerra em sua mente e estava no modo rei, então estava ligado em fazer as coisas de rei.

Mas tudo bem, certo, ele só morava aqui dois meses do ano, então este provavelmente não era um lugar importante para ele e, com certeza, ele não podia saber que no meu mundo quando um marido trazia sua esposa para casa pela primeira vez era uma grande coisa.

Mas ainda assim...

Na porta, em vez de atravessá-la, ele a segurou e bateu.

Ele se virou para mim.

Vi o olhar em seus olhos.

E dei a ele outro grande sorriso enquanto ele andava na minha direção. Soltei um grito de riso quando ele chegou até mim e me pegou em seus braços fortes.

Testamos a cama primeiro.

Era enorme, macia e *resistente*.

Testamos a piscina depois.

Foi *divino*.

Digamos que o Twinka não gostou de Ghost.

“Não mesmo”.

E também digamos que ela não gostou da familiaridade, consideração, carinho e descontração com que eu tratava minhas garotas e se recusou a responder positivamente a mim fazendo o mesmo com ela.

Mas não me importei.

Eu era a porra da rainha.

Havia suportado uma caçada. Testemunhei uma execução de suicídio. Assisti a um desafio para o Dax. Sobrevivi a um ataque terrível em minha tenda. Ajudei em um pequeno procedimento médico com o mais primitivo dos instrumentos à nossa disposição. Vi uma das minhas garotas ser decapitada. Eu tinha tardiamente feito a união entre uma garota Fleuridiana pequena, doce, bonita e tímida e um guerreiro sombrio, orgulhoso e taciturno da Horda.

Eu podia criar trovões, raios, chuva, flores e arco-íris.

E fiz um brutamontes se apaixonar por mim em um mês.

Caramba, por sua conta, foi praticamente à primeira vista.

Então ela não ia se meter comigo.

Por isso eu a ignorei e suas minhas garotas também.

Funcionou muito bem.

Uma vez estabelecida em Korwahn, a vida continuou normalmente. Passei algum tempo com minha turma (no meu telhado, nos telhados delas, na minha sala de jantar, nas suas salas de jantar, no meu quintal, nos seus pátios, dá para você entender). Andei pela cidade com meus protetores. Conheci meu povo. Fiz compras no mercado.

Lahn voltou para casa para jantar duas vezes e antes de eu ir para a cama três vezes. Fora isso, meu homem estava ocupado.

Era um saco.

Mas eu era rainha, então engoli tudo.

Quando o enjoo matinal chegou, desisti do vinho Korwahk. Lahn questionou isso quando o impedi de me servir um cálice no jantar e expliquei que no meu mundo as mulheres grávidas não tomavam bebidas alcoólicas, pois notaram que isso afetava o crescimento no útero.

Ele ergueu a sobrancelha, mas não me questionou mais e nem serviu vinho.

A propósito, a chegada do enjoo, assim como a confirmação de que eu estava carregando seu filho foi levada na esportiva por Lahn. Eu estava apavorada, mas feliz. Ele já sabia em seu pahnsahna que eu estava carregando seu filho.

Ainda assim, eu o fiz comemorar.

Com o jeito que escolhi para comemorar, Lahn não pareceu se importar.

Estávamos em Korwahn porque Suh Tunak estava se reunindo lá antes de seguirem para Maroo.

Também estávamos em Korwahn porque Lahn havia enviado outra mensagem para seus irmãos e estava construindo um esquadrão de elite para ser deixado em Korwahn para proteger sua rainha de ouro (um esquadrão de elite, quão legal era isso?). Qualquer guerreiro que quisesse se colocar à frente desse esquadrão teria que competir por ele e teriam que chegar em uma determinada data.

Não fui autorizada a ir para a competição, era apenas para guerreiros. Isso era, disse Seerim a Diandra, porque podia revirar meu estômago e Lahn sabia que em primeiro lugar, eu estava cheia de sentir o estômago revirando e, em segundo lugar, meu estômago era revirado todas as manhãs.

Então, fiquei feliz por não ter permissão para ir. Embora eu não gostasse muito da palavra “permissão”, não compartilhei isso com o Lahn.

Lahn me disse que minha guarda seria composta por quinhentos homens.

E ele também me disse que quinze mil competiam por esses cargos.

Sim. *Quinze mil.*

Fiquei espantada e tocado por isso.

Então, novamente, quem não ficaria?

Fui assistir à Cerimônia da Pintura, onde os guerreiros da rainha pintaram um ao outro com suas novas listras (as Xactos, tenho certeza, não estavam lá por minha causa e das outras esposas que participaram).

Me sentei no meu trono de chifres na enorme clareira no topo do planalto que era destinado a questões oficiais e vi enquanto os guerreiros eram pintados com três tiras pretas finas que se curvavam de um ponto em sua omoplata, sobre o ombro a um ponto em seu peitoral. Mais três foram pintados daquele ponto e ao redor de seu braço para a frente. E uma faixa grossa de ouro estava pintada no meio em volta da ponta do ombro.

Eles não usavam esta pintura para cerimônias. Usavam todos os dias.

Lahn me disse que faziam isso com orgulho.

Fiquei espantada e tocada por isso também.

Tanto, que comecei a chorar.

Lahn me abraçou até eu terminar.

Quando terminei, expliquei que eram hormônios. Então expliquei o que eram os hormônios.

Ele olhou para mim como se eu fosse louca.

Mas, sabiamente, deixou passar.

Zahnin era o comandante deles. Bain, Feetak, Bohtan, Tark e Yoonan, seus tenentes.

Narinda me disse que Feetak, um jovem guerreiro que só fez sua primeira morte há nove anos (o que significava aos dezesseis anos de idade, hum... caramba!) Ficou muito satisfeito com este enorme salto na classificação.

Significava mais sarongues para ela, pois Lahn estava pagando a todos com sua própria moeda e era mais do que ganhavam em incursões ou guerras (sério, meu homem tinha que ser riquíssimo... afinal, quinhentos guerreiros?).

Isso também a fez feliz.

Então eu também estava feliz.

Sim. Eu estava feliz. Korwahn era boa. A vida era boa. A única coisa que não era boa era o enjoo matinal, mas isso durava só até as dez.

Todo o resto era bom.

E seria por mais um dia.

Então meu marido foi para a guerra.

— Kah Lahnahsahna, kah lipa — Lahn murmurou, eu pisquei e olhei para ele.

Era hora de fazer o cabelo dele.

Ele se sentou na cama ao meu lado e colocou a mão no meu outro lado.

— Você se sente bem o suficiente para fazer isso? — ele perguntou, seus olhos no meu rosto (provavelmente pálido).

Eu sentia, mas provavelmente não me sentaria.

Mas não havia como desistir de ter meus dedos em seu lindo cabelo. Não, agora. Não quando o dia depois de amanhã traria Lahkan à nossa porta, Lahn nas costas dele e meu rei partindo para a guerra para vingar um mal feito a mim.

— Sim — sussurrei, respirando fundo, me levantei e caminhei até o pequeno baú que continha suas faixas de ouro. — Como você quer?

— Preso — afirmou.

Assenti, peguei o que precisava e voltei para a cama.

Ele se moveu para sentar de pernas cruzadas no chão ao lado da cama. Me sentei na cama com as pernas cruzadas atrás dele, juntei o cabelo e memorizei a sensação enquanto o prendia.

Quando coloquei a última faixa, circulei seus ombros com os braços e descansei meu queixo em um deles.

— Você sabe que eu te amo — sussurrei em seu ouvido.

— Eu sei — ele sussurrou de volta, se virou, afastei meus braços e ele ficou de joelhos na minha frente, suas mãos emoldurando meu rosto.

Olhei em seus olhos escuros.

— Sabe o quanto? — continuei sussurrando.

— Quanto, baby? — Lahn continuou sussurrando também.

Inclinei a testa na dele e contei a verdade.

— Mais do que o meu mundo.

Vi seus olhos sorrirem. Então senti seus dedos apertarem meu couro cabeludo. Finalmente, senti o toque dos seus lábios.

Então ele ficou em pé e se foi.

Capítulo 27

Assuntos de Estado

Eu estava descansando nas esteiras e almofadas com Sabine e Narinda assistindo ao pôr do sol sobre Korwahn. Ghost estava deitada de bruços nas esteiras aos meus pés, as pernas dianteiras estendidas diante dela, cabeça erguida, piscando e cheirando o ar.

Do meu ponto de vista, eu podia ver os raios enfraquecidos do sol se tornando um rosa profundo, ouro e vermelho no céu, os últimos raios batendo no ouro das estátuas da Avenida dos Deuses.

Movi os olhos da vista de tirar o fôlego para deslizar pelo telhado, onde vi minhas garotas reunidas ao redor da mesa no canto oposto. Vi o sol brilhando em suas pulseiras e brincos.

Gaal estava de joelhos, colocando um pedaço de tecido ao redor dos quadris de Quixa. Faixas vibrantes de diferentes cortes coloridos de tecido estavam espalhadas por toda parte ao redor da mesa, os pedaços que comprei para elas no mercado, naquele dia.

Há algumas semanas, decidi que as garotas de uma rainha não usavam sarongues e tops desbotados, mas sim joias, maquiagem e roupas da moda de cores vivas. Para sua satisfação, cada um recebeu quatro peças de tecido desde a primeira que comprei há semanas e uma nova hoje, bem como joias e maquiagem. Elas também tinham mais de um candelabro ao lado da cama e cada uma tinha espelhos em seus quartos, bem como pequenas peças de arte e colchas coloridas em suas camas para quebrar a monotonia dos tons de bege em seus aposentos.

Um movimento me chamou a atenção. Olhei para a escada de ferro forjado, preta e sinuosa que levava ao telhado e vi que Twinka estava chegando.

Ela reprovou minha decisão e deixou isso muito claro, mas não verbalmente, como estava fazendo agora com um olhar mal-humorado na direção delas.

Eu a ignorei e as garotas também, mas observei enquanto ela se encaminhava até a mim.

Ela parou a um metro das nossas esteiras.

— A minha rainha realmente precisa de alguma escrava para *fazer alguma coisa*? — ela perguntou.

Já tínhamos jantado e eu olhei para o prato de gotas de alfarroba, frutas cristalizadas, amêndoas, o jarro de vinho, de suco de manga. Nossos cálices de prata que estavam espalhados pelos tapetes, tudo o que havia sido trazido pelas minhas garotas antes de elas se acomodarem com o tecido.

Olhei para Twinka e respondi:

— Me.

Ela apertou os lábios e ela inclinou a cabeça.

Então se virou e deu alguns passos.

Foi quando a chamei:

— Twinka?

Ela suspirou visível, audível e pesadamente e se virou arqueando as sobrelanceiras.

— Comprei três cortes de tecido para você hoje. Gaal vai fazer vestidos para você — eu disse a ela, que não usava sarongues ao redor dos quadris, nem faixas ou tops para cobrir os seios, mas um longo pedaço de tecido que ela cruzava sob o pescoço e amarrava nas costas.

Ela só tinha um. Estava sempre limpo, mas também surrado.

— Sua gentileza é extraordinária, minha rainha — ela mentiu sobre sua opinião com obviedade. — Mas minha roupa está boa.

— Não concordo — respondi.

— A antiga Dahksahna me deu esse tecido — ela me informou.

— Bem, a nova Dahksahna está lhe dando mais — respondi. Ela abriu a boca para responder, mas falei antes dela. — Tudo bem, se você quiser usar isso em casa, a escolha é sua. Quando você sai de casa, representa seu Dax e sua Dahksahna e usa seus novos sarongues.

Ela me olhou por um momento antes de inclinar a cabeça, se virar e sair rapidamente do telhado.

Minhas garotas a observaram e esperaram até que ela estivesse bem fora de vista para rir baixinho.

Sorri para as esteiras, peguei meu cálice de suco e tomei um gole.

— Você foi muito dura com ela — Narinda murmurou.

Baixei o cálice e olhei para ela, surpresa.

— O quê? — perguntei e seus olhos foram do topo das escadas para mim.

— Ela é velha e teimosa, com um jeito já definido. Ela cuida do funcionamento desta casa há meses e vive sozinha, claramente gostando dessa maneira — Narinda respondeu. — Ela é uma escrava e esta é a sua casa com seu marido, mas você deve entender o que ela sente.

Era verdade, mas eu não tinha resposta para isso.

Narinda prosseguiu:

— E meu pai me ensinou que a melhor maneira de lidar com alguém teimoso é *deixá-lo* agir assim e viver com suas decisões. Se ela deseja usar sarongues surrados, então ela se nega a bondade e a beleza. Essa é a escolha dela, Circe, e é a errada, mas não vai *te* machucar permitir que ela viva com isso.

Isso também era verdade e eu ainda não tinha resposta para isso.

— Você não pode forçar a gentileza, minha adorável — Narinda disse suavemente.

E isso também era verdade.

— Tudo bem, doce Narinda — respondi —, pedirei a Gaal para fazê-los e direi a Twinka que é escolha dela querer ou não usá-los.

Narinda sorriu para mim. Retribui o sorriso, pensando que era bom ter amigas sábias.

— Seu pai era muito sábio — falei baixinho.

Ela assentiu e tomou um gole do próprio cálice antes que seus olhos se afastassem e disse baixinho:

— De fato, ele era.

Ela abriu aquele sorrisinho estranho, então a deixei com seus pensamentos e olhei de volta para a vista. Os tons de rosas estavam desaparecendo, o ouro sumiu e listras de vermelho e azul escuro cortavam o céu quando as estrelas começaram a sair. Ouvi uma das minhas garotas se movimentando e, quando o teto se iluminou, soube que ela estava acendendo as tochas que estavam presas nos suportes ao redor da borda do telhado.

Senti um cutucão na perna, olhei para baixo e vi que foi Narinda com o dedão do pé. Olhei para ela, que não estava com o sorrisinho estranho, mas com um sorriso esperto e divertido. Seus olhos estavam em Sabine, que notei tardiamente que tinha ficado completamente em silêncio por, pelo menos, os últimos dez minutos.

Olhei para minha amiga, que estava recostada no topo das esteiras e vi que ela estava olhando para a vista também, seu rosto suave, os lábios inclinados para cima, seus olhos, porém, estavam aquecidos.

Alguém estava tendo bons pensamentos.

Pressionei os lábios e fiz um sinal com os olhos para Narinda.

Ela abriu um grande sorriso, inclinou a cabeça para trás e perguntou em Korwahk,

— Sabine? Minha adorável, você está conosco?

Sabine se endireitou e virou a cabeça para nós.

— Me desculpem, eu sinto muito. Estava a quilômetros de distância — ela respondeu em Korwahk.

— Não, não estava, você estava na cama com seu bruto selvagem — provoquei, observei seu rosto corar e os olhos brilharem. Ela colocou

suas almofadas mais perto de nós e perguntou: — Posso ser franca?

Isso era familiar e, portanto, era provável que ficasse bom. Narinda e eu nos aproximamos de Sabine enquanto Narinda respondeu:

— O que você pode fazer, minha adorável, é não perguntar se você pode ser franca toda vez que quiser ser. Acho que você pode entender como sendo certo.

Sufoquei uma risadinha porque era verdade. Sabine sempre perguntava se podia ser franca antes de falar sobre o que fez com Zahnin. E, depois de criar coragem no dia em que fui atacada, ela falou muito sobre isso. Nunca hesitamos, então ela tinha que saber que poderia falar à vontade.

Sabine assentiu, se inclinou mais na nossa direção e sussurrou:

— Você... fez... er, você sabe... vocês sabiam que pode... *fazer isso por cima?*

— Por cima? — Narinda perguntou de forma inocente e eu cutuquei sua canela com o pé enquanto sufocava uma risadinha.

Os olhos de Sabine brilharam e seu corpo deu um leve salto animado.

— Ah, sim, Narinda, por cima. Veja, você sabe quando... antes, bem, eu contei como, depois que Zahnin se machucou, eu estava hesitante em, você sabe... avançar as coisas para, erm... quando nós... hum... quando ele... bem, parecia com todos aqueles grunhidos e gemidos demandava muito esforço. Eu não queria que ele agravasse seu ferimento.

— Sim, querida, nós sabemos. Você nos disse — murmurei incapaz de esconder a diversão na minha voz.

Sabine assentiu de novo e continuou:

— Então, como eu disse, eu não... er... avancei as coisas. Mas ele, hum ... continuou a usar as mãos daquele jeito que eu gosto.

— Nós também sabemos disso — Narinda resmungou e era verdade. Ela nos disse, às vezes com detalhes e não eram apenas as

mãos, mas também a boca que ele usava de maneiras que Sabine gostava.

Sabine continuou falando.

— Mas eu estava... bem, algo estava, não sei. Eu gostei, sabe, um pouco. *Muito*... na verdade. Mas... algo estava faltando.

Eu sabia o que estava faltando. A espada bruta e selvagem de Zahnin era o que estava faltando.

Narinda e eu ficamos quietas.

Sabine continuou falando.

— Eu não sabia o que, mas, era bom... quero dizer, *lindo*, mas eu queria *mais*.

— Sim? — Narinda falou.

— Mas eu não sabia o quê — Sabine repetiu.

Eu me aproximei para dizer o que ela queria, mas Sabine continuou antes que eu pudesse abrir a boca.

— Então, eu perguntei a Zahnin.

Pisquei.

Podia se dizer que as coisas estavam progredindo... lentamente... entre Zahnin e Sabine. Quando disse que poderia ser um professor paciente, ele não mentiu. Ele tinha sido muito solícito com ela e isso incluía fazer coisas com a boca e as mãos que ela gostava muito, mas que ele devia achar muito frustrante, já que ela não retribuía o favor.

Havia uma justiça poética nisso, senti, por Zahnin levar o dobro do tempo dando e não recebendo depois que ele recebia, mas não dava. Sem mencionar seu mês cortejando.

Mas eu estava começando a sentir pena de Zahnin e talvez fosse hora de intervir. A meu pedido, a curandeira já havia visitado sua casa para remover os pontos e, mesmo antes disso, ele não estava usando as ataduras. O corte ainda era visível, mas na maior parte estava cicatrizado.

Mas ele era um guerreiro. Poderia sobreviver a algo excitante. No entanto, semanas se passaram e ele estava dando muito, mas não estava

recebendo nada.

E Sabine ainda era tímida a esse respeito. Fiquei chocada por ela ter perguntado a ele.

— Você perguntou a ele? — sussurrei, minha voz demonstrando o choque que senti e ela assentiu de novo.

— Sim, nós estávamos, eu estava... er, perto. Mas eu o fiz parar e disse a ele o que sentia e que estava preocupada que iria machucá-lo e então... então... *então*... — Seus olhos se arregalaram e Narinda e eu nos inclinamos. — Então ele virou de costas, me pegando quando fez isso e me colocou em cima dele. — Ela afastou os olhos e, antes que eu pudesse estalar os dedos perto do seu rosto para recuperar sua atenção, uma vez que ela estava definitivamente na terra do sexo gostoso, seu corpo estremeceu e ela voltou para nós. — Ele disse que, assim, eu poderia fazer todo o trabalho e ele não se machucaria.

Ele não estava errado.

Sufoquei outra risada e Narinda cutucou minha perna com o dedo do pé novamente quando a ouvi engolir um bufo.

— Mas... — Sabine continuou, perdendo isso totalmente. — Eu não... er, fiz todo o trabalho. No meio de tudo, ele se levantou para ficar sentado e usou seus braços e mãos em mim para me fazer ir, hum... *mais rápido* e, er... vocês sabem, com *mais força*. Então, eu... vocês sabem... *fiz*. — Ela apertou os lábios um contra o outro antes de explodir com : — Depois de tudo o que ele fez antes e como era tê-lo dentro de mim, eu não pude me conter!

Apostava que ela não podia.

— Sabine — comecei, mas ela me cortou.

— E foi fantástico. Foi... foi *incrível*. E acho que ele gostou também. Eu tinha certeza que sim.

— Sabine — tentei novamente, mas ela continuou falando.

— Mas, não sei... estou preocupada. E se eu machucá-lo? Ele parece forte e saudável, mas eu não quero...

Tentei e tive sucesso em não rir ao pensar na pequena e doce Sabine machucando a grande e forte Zahnin e decidi que era hora de ser ouvida.

— Sabine — chamei, estendendo a mão para segurar a dela. — Volte para o telhado e para o seu quarto, minha querida amiga.

Seus olhos se concentraram em mim.

Apertei sua mão.

— Ele está bem. Muito bem. Não se preocupe. Você está cuidando dele agora da maneira que ele precisa. Ele é treinado desde os cinco anos para saber o que seu corpo pode e não pode fazer. Deixe que ele decida o que ele pode fazer e só... hum... — sorri — aproveite o passeio.

Seus olhos se arregalaram, seu rosto ficou tão vermelho que pude vê-lo à luz das tochas e então ela riu.

Quando isso aconteceu, achei que era seguro rir com ela e Narinda se juntou a nós.

Depois de outro aperto, soltei sua mão e ela olhou de volta para o telhado, que agora mostrava um céu que era na maior parte azul-escuro e estrelas cintilantes com faixas de rosa.

— Meu marido guerreiro é gentil e paciente — ela sussurrou para o céu noturno. — Eu nunca, jamais teria pensado... — ela parou e seus olhos se voltaram para nós. — Começou como um pesadelo, mas agora parece o sonho mais doce. — Ela inclinou a cabeça para o lado e um sorrisinho confuso brincou em seus lábios quando ela sussurrou: — Como isso pode acontecer?

— Não sei, querida, mas de alguma forma esses garotos podem fazer isso — respondi com sentimento.

— Com certeza podem — Narinda concordou.

Nos entreolhamos e rimos novamente.

Foi quando ouvi um grunhido baixo de advertência vindo do fundo da garganta do Ghost. Virei a cabeça para ela e vi que ela estava olhando para o topo da escada. De forma graciosa, mas de um modo vigilante e

cauteloso, ela ficou de pé, o que me chamou atenção e olhei para as escadas.

Bohtan e Bain estavam subindo nelas. Comecei a sorrir, mas vi os olhares em seus rostos, senti a vibração, ouvi Ghost rosnar de novo e percebi que algo estava errado.

Soube disso definitivamente quando Bain ordenou às minhas garotas:

— Prepare sua rainha para assumir o trono. Negócios oficiais. Façam rapidamente, não podemos atrasar. — Ele olhou para mim. — Esperamos você na frente, com Zephyr.

Ele não disse mais nada antes de se virar e os dois guerreiros desaparecerem escada abaixo.

O que era isso?

— O que está acontecendo, Circe? — Sabine perguntou com a voz abafada e preocupada enquanto eu via as cinco garotas correrem para mim, deixando os tecidos onde estavam.

Eu não sabia.

O que eu sabia era que, muito em breve, eu ia descobrir.

E eu era a rainha, então precisava me arrumar.

Então me levantei e sussurrei:

— Tenho certeza de que está tudo bem, mas preciso me apressar.

E, sem olhar para trás, corri.

— A besta permanece aqui — Bain ordenou e eu olhei para Ghost, que estava de pé ao lado de onde eu estava montada em Zephyr, na frente da casa.

— Eu... — comecei.

— Ordene que o animal vá para a casa — Bain ordenou.

Atentei ao tom dele, um que ele nunca usou comigo. Então assenti e olhei para Ghost.

— Ghost, vá para a casa, meu bebê.

Ela rosnou de uma maneira assustadora que ouvi como “me” ou “não”, mas ela não se mexeu.

— Casa, agora, Ghost — exigi.

Ela resmungou sua negação novamente e não se moveu.

— Não temos tempo para isso, irmão — Bohtan murmurou.

— Muito bem — Bain murmurou, empurrou o queixo para Bohtan, depois puxou as rédeas e o cavalo se virou. Ele tomou a dianteira. Segui com Zephyr atrás dele, Ghost rondando ao meu lado. Bohtan foi para a retaguarda.

— Bain, você pode... — pedi.

— Sem conversa, minha rainha de ouro — ele ordenou e eu mordi meu lábio.

Algo estava errado. Bain não era assim. Não comigo.

Merda.

Fui até o topo do planalto com os guardas e minha tigresa em silêncio. Eu estava usando um sarongue dourado com branco, um top branco, braceletes de ouro nos braços, brincos de argola de ouro, pó de ouro nas maçãs do rosto e ao redor das têmporas e minha coroa de ouro de penas.

Definitivamente, como sempre, a Rainha de Ouro.

Ao contornarmos o topo do planalto, porém, respirei profundamente.

Pude enxergar de longe, muito além do planalto na subida que conduzia ao lugar por trás de Korwahn, que havia um grande mar de cavaleiros, tantos que não havia como contar. Milhares, talvez dezenas de milhares. Agora estava bem escuro, mas eu ainda os via enquanto carregavam tochas e muitas fogueiras haviam sido acesos no chão. Eu

não conseguia vê-los, mas sabia que não eram Korwahk, pois havia muitos estandartes voando na brisa leve que agitava o ar da noite.

Os guerreiros Korwahk não se importavam com flâmulas ou, pelo menos, eu nunca vi nenhuma.

E no topo do vasto planalto da clareira oficial havia uma multidão de guerreiros Korwahk, talvez duzentos, nenhum pintado, exceto aqueles que estavam na minha guarda.

Estavam todos em pé no que só poderia ser descrito como ampla atenção e eles estavam totalmente armados.

Enquanto cavalgávamos ao longo da lateral do planalto, vi Lahn sentado em seu trono na plataforma esculpida em pedra na área saliente do planalto, em uma plataforma que tinha cinco grandes degraus para o alto. O eunuco estava ao seu lado, meu trono branco de chifres no outro. E quando chegamos à frente, respirei fundo quando vi que havia uma grande cadeira localizada a cerca de trinta centímetros do último degrau da plataforma.

Nele estava um homem usando um peitoral de armadura de aço com um dragão preto e vermelho pintado. Havia um capacete de armadura ao lado das suas botas que tinha várias penas pretas e vermelhas saindo do topo. Mas ele usava calções até o joelhos e botas e, na cabeça, uma coroa baixa, quase na testa, feita de ouro com diamantes e rubis.

Ele estava ficando grisalho e tinha bochechas coradas e olhos redondos. Tinha um estômago muito grande, o que significava que o peitoral devia ter sido feito para contê-lo e isso o fazia parecer ridículo.

Não ria, nem sorri.

Isso porque seus olhos redondos estavam em mim e eles brilhavam.

Ao lado dele, meu coração se apertou ao ver, estava Geoffrey, parecendo muito mais magro e pálido, mas muito mais limpo.

Seus olhos estavam em mim e eles também brilhavam.

Eu estava pensando que o que quer que isso fosse, algo que eu já sentia que não era bom, na verdade era ainda pior.

Por último, havia oito homens altos e armados, usando armadura completa alinhados atrás do homem com a coroa.

Bohtan cavalgou para o meu lado e murmurou:

— Não desmonte. Passe a perna para se sentar de lado. Zahnin te entregará ao nosso rei.

Inclinei a cabeça suavemente e fiz conforme instruído quando paramos antes de Lahn, que não nos viu desmontar. Seu olhar nunca se desviou do homem sentado diante dele.

Como Bohtan me disse, Zahnin veio para a frente e me puxou de Zephyr. Ele me acompanhou, com Ghost seguindo ao meu lado, até meu trono e percebi vagamente que todos os seus tenentes haviam se formado atrás de nós enquanto caminhávamos.

Lahn não olhou para mim enquanto eu me movia na frente dele, nem quando me sentei e meus guardas se moveram para flanquear as costas dos nossos tronos, Zahnin de pé ao meu lado ou ao lado de Ghost, que se acomodou com a cabeça erguida, os olhos no homem sentado na cadeira, seu comportamento vigilante.

— Você não se curva ao seu rei — o homem disse e eu olhei para ele. — meus olhos dispararam para ele. — Minha Circe ficou arrogante.

Pisquei e percebi várias coisas ao mesmo tempo. Uma delas é que o eunuco estava traduzindo para Lahn, o que eu achava estranho, já que Lahn era fluente na minha língua. Segundo, esse homem na minha frente achava que me conhecia e não achei que isso era bom. E terceiro, eu sabia que uma vibração perigosa cortava o ar, pois Lahn não aceitaria gentilmente que este homem me chamasse de sua Circe.

Quando ninguém disse nada, me aventurei em meu idioma:

— Eu o conheço, senhor?

Senti a vibração vindo de Lahn mudar, mas apenas para ficar mais nítida, mais alerta, não menos perigosa.

Com minhas palavras, o homem na minha frente devolveu meu piscar de olhos.

— Você me conhece? — ele perguntou.

— Sim, eu te conheço? — perguntei de volta.

— Espero que sim, meu bem, já que você tem aquecido minha cama desde que tinha quatorze anos — ele respondeu e não pude conter um suspiro afiado, nem o desgosto com isso.

Então sussurrei:

— O quê?

Seus olhos semicerraram.

— Boa pergunta, doce Circe, mas o que eu gostaria de saber é o que você espera ganhar jogando esse jogo?

— Jogo? — perguntei baixinho, minha cabeça girando, tentando formar meus pensamentos.

— Você sabe que é minha. Você é minha desde os seis anos. Você se tornou realmente minha — ele se inclinou para frente de forma sugestiva — quando tinha quatorze anos.

— Isso é um absurdo — retruquei, sem pensar nem incluindo a palavra nojo porque, sério, quatorze anos? Sem mencionar que eu nunca deixaria esse homem me tocar. Ele, para começar, era velho. E nojento.

Ele franziu as sobrancelhas e se inclinou para trás.

— Absurdo?

— Absolutamente. Nunca te vi na vida — respondi.

Ele me olhou. Geoffrey se mexeu ao lado dele. Tentei me impedir de hiperventilar.

Ele moveu os olhos para Lahn.

— Estou cansado disso. Você sabe por que estamos aqui.

O eunuco traduziu (desnecessariamente) e Lahn grunhiu:

— Meena.

— Sim — o eunuco falou.

— Então vou estabelecer nossos termos. Você pode ver que trouxe trinta mil soldados middlelandianos. Sei, é claro, que seus selvagens irão cortá-los com toda a pressa. Também sei que, antes disso, eles irão em direção a Korwahn e provavelmente não serão cuidadosos com quem suas espadas cortam... mulheres, *esposas*, futuros *guerreiros*.

Respirei fundo novamente com a ameaça hedionda, mas ele continuou.

— Para não mencionar os guerreiros que eles vão levar no processo, na véspera de sua ida a Maroo. Suspeito que isso não é o que você desejaria antes de liderar sua campanha.

Eu também suspeitaria disso.

Ele continuou falando.

— Como pagamento por você ter pego a minha feiticeira, e para nos impedir de guerrear em Korwahn, aceitarei quatro baús de ouro de Korwahk, quatro de prata, quatro de diamantes, o mesmo de seus rubis, esmeraldas e safiras e... — ele fez uma pausa e olhou para Geoffrey e depois para Lahn. — Outro baú de ouro como pagamento pelo que você fez a um dos meus embaixadores mais confiáveis.

Olhei para Geoffrey, que estava me encarando com um ódio indiferente. Então ele se inclinou para frente e abriu a boca. Me recostei imediatamente, pois, mesmo à luz das tochas e das fogueiras, vi que ele não tinha língua.

Ah, Deus.

Lahn mandou capturá-lo e cortou sua língua por falar comigo no dia da seleção.

Não admira que ele estivesse tão magro e pálido.

Ah, *Deus*.

Desviei os olhos de Geoffrey e olhei para o homem com a coroa.

Lahn não respondeu.

Então o homem continuou.

— Você demora, o que é lamentável. Você deve saber que eu posso facilmente sinalizar minhas tropas para avançar. Tenho certeza de que seus homens foram alertados e estão preparando sua defesa. Não tolerarei atrasos.

Lahn falou em Korwahk, com o eunuco traduzindo.

— Você está na terra de Korwahk, rei Baldur, tenha cuidado com a maneira como fala. Você não governa aqui.

Então este era o rei Baldur.

Uau.

Ele era um idiota.

Seu peito estufou.

— E eu vou lembrá-lo que você não é o único rei presente.

— Eu sou o único que importa — Lahn respondeu em Korwahk depois que o eunuco traduziu e, ao ouvi-lo, o rei Baldur instantaneamente perdeu a paciência e bateu o punho grosso no braço da cadeira.

— Argh — o rei Baldur grunhiu — Você não respeita a coroa que eu uso. Você tortura meu emissário e rouba minha feiticeira. Você não tem honra. Sei que você é primitivo, mas não pode esperar se comportar assim em assuntos de Estado sem represálias.

— Ameaças de intimidação, exigências absurdas e arrogância podem ser como você faz negócios nas Terras do Norte, mas você não está lá — Lahn respondeu (novamente em Korwahk).

O rei Baldur se mexeu com raiva na cadeira antes de gritar:

— Isso é escandaloso! A mulher que está ao seu lado é minha!

Fiquei tensa, mas Lahn se inclinou para a frente, o antebraço contra o joelho, não de forma agressiva, apenas casual e replicou:

— A minha rainha de ouro não te conhece. Como ela pode pertencer a você?

— Ela mente! — o rei Baldur gritou com uma mão apontada na minha direção e Ghost rosnou, movendo as patas dianteiras para se sentar, seus olhos azuis não deixando o rei.

— Cuidado, seu gordo — Lahn falou em voz baixa e o rosto do rei Baldur ficou vermelho de fúria quando as palavras foram traduzidas. — Não insulte a minha rainha.

Ele abriu a boca para retrucar, mas Lahn continuou falando.

— Este homem ao seu lado não é emissário. Ele é um espião. Nas Terras do Sul, essas atividades são tratadas com severidade. Ele está entre nós há muitos anos. Ele conhece nossos costumes. Suas ações foram tolas e sua punição rápida. Se ele correu chorando para você como uma garotinha, então ele não deveria ter embarcado no navio que cruzaria o mar Marhac que o levaria ao pó e à pedra de Korwahk.

Certo, cortar a língua de alguém era duro, mas Lahn não estava errado. Você conhece as regras, joga o jogo, perde, paga o preço.

Ainda assim.

Eca.

— Suas ações são bárbaras, incluindo você confiscando mulheres e as forçando a serem escravas dos seus paus, sendo uma dessas mulheres minha e ela se senta ao seu lado. Se você quiser mantê-la ao seu lado, terei que ser restituído! — o rei Baldur gritou.

— Está ameaçando roubar minha rainha? — Lahn perguntou.

— Se você não paga, deve estar preparado para o que acontece, *tudo* o que vai acontecer, quando meus soldados avançarem — o rei Baldur disparou, os homens de armadura em suas costas se endireitaram atentamente e Lahn se recostou.

O que ele não fez foi falar.

Esse silêncio durou muito tempo e era claramente mais do que o rei Baldur podia suportar, pois seus olhos brilharam para mim.

— Circe, venha para o seu rei neste instante! — ele ordenou. — Você me serve.

— Estou lhe dizendo, senhor, não te conheço — respondi.

Ele pulou de seu assento e no instante em que o fez, Ghost se levantou sobre as quatro patas e começou a rosnar.

— Não minta, sua vadia estúpida! — ele explodiu. — Venha para o seu rei!

— Sente-se — Lahn ordenou em meu idioma e o olhar do rei Baldur se voltou para ele com raiva e óbvia surpresa com o uso da língua de Baldur.

— Não, seu animal selvagem e fedorento, se *atreva* a me *comandar*! — o rei Baldur cortou.

— Sente-se ou vou forçá-lo a se sentar, cortando suas pernas na altura dos joelhos — Lahn disse em nossa língua novamente e fiquei tensa porque eu sabia que ele poderia fazer isso e faria. Ele não estava armado, mas eu suspeitava que ele poderia estar, se quisesse, em menos de um segundo.

— Que insolência! — o rei Baldur gritou. — Você não pode atacar um rei durante uma visita de estado!

— Você está nas terras do sul, homem gordo, posso fazer o que eu quiser. Agora sente o seu traseiro gordo ou sua nação perderá seu rei. Seu filho, que é fraco e prefere ter seu pau acariciado enquanto aceita seu amante através da sua bunda, sucederá seu trono. O que significa que, como ele é fraco, o *amante dele* governará a nação.

O rei Baldur fechou a boca, um sinal revelador de que isso era verdade. Seus olhos se arregalaram e demonstraram que ficou surpreso que Lahn tivesse essa informação.

— É uma pena — Lahn continuou. — Como há muitos homens que preferem isso, seu filho não é do tipo que é forte. Mas você sabe, gordo, que ele não é e seu amante é ganancioso, manipulador e tolo. Se seu filho se sentar em seu trono e permitir que seu amante puxe suas cordas, seu próprio povo se revoltará para se juntar a sua irmã de Lunwyn, Fleuridia ou mesmo Hawkvale, assim como o Príncipe Noctorno seguirá para Middleland em busca de vingança por seus anos de loucuras e eles terão sucesso. Middleland deixará de existir enquanto a cortam em pedaços como sua glória.

O rei Baldur olhou para ele e então proclamou:

— Acabamos. Vamos avançar. — Ele começou a levantar a mão, mas Lahn advertiu:

— Eu não faria isso.

Ao tom baixo, retumbante e severo de Lahn, a mão do rei Baldur ficou paralisada no ar e ele continuou a encarar Lahn.

Quando ele o fez, Lahn compartilhou:

— Você sabe dos nossos planos de seguir para Maroo. Você sabe quando planejamos ir. Espero que você não seja tolo o suficiente para achar que você e seus soldados cruzaram a minha terra sem o meu conhecimento, então você também sabe que eu me prepararia para investir contra você para defender Korwahn.

O rei Baldur não disse uma palavra, então imaginei que Lahn estava certo. Ele passou por Korwahk sabendo por completo que Lahn sabia que ele estava vindo, o que era uma coisa bizarra de se fazer.

Lahn continuou.

— O que eu sei é: seu acesso de raiva é para tentar pegar o nosso tesouro. Não pense você, gordo, que nos engana com o desejo de ter sua feiticeira de volta, na verdade, você quer voltar para o trono com baús cheios com as nossas riquezas. Seu jogo gira em torno de aumentar a riqueza do seu trono, não da sua nação. Seu trono. Então você acha que se eu recusar suas exigências enquanto estiver ocupado em defender minha cidade, você vai conspirar para sequestrar minha rainha. Isso significa que você sacrificaria trinta mil dos seus soldados a espada dos meus guerreiros por birra e ganância. No entanto, você sem dúvida tem um plano de fuga para que, à medida que seus guerreiros caíam, você possa retornar com segurança à sua terra natal e continuar sua tirania ao mesmo tempo em que exige resgate em troca de minha noiva de ouro.

Ele fez uma pausa.

O rei Baldur não emitiu nenhum som ou movimento e Lahn continuou.

— O que você não sabe é que nos aliamos a Keenhak. Eles enviaram quarenta mil dos seus guerreiros para ajudar em nossa campanha contra Maroo. E enquanto você corria diante de mim, se sentindo seguro sabendo que seus soldados estão alinhados atrás de você, os guerreiros Keenhak se formaram atrás *deles*. Se levantar a mão, eu levanto a minha e seus soldados seriam cortados antes que tomassem seu primeiro fôlego de ar em Korwahn e eu, homem gordo, nem meus irmãos, teríamos que levantar uma espada exceto para cortar os homens de metal nas suas costas.

A mão do rei Baldur ficou erguida, seus lábios começaram a franzir e Lahn terminou.

— E, você deve saber, seus arqueiros que assumiram suas posições há uma hora foram executados antes que a minha rainha alcançasse o Majestic Rim de Korwahn. Nenhum deles vive.

Geoffrey deu um passo para trás. O rosto do rei Baldur empalideceu e sua mão caiu. Tentei não sorrir. Ghost se sentou.

— Agora — Lahn continuou —, você vai partir sem os baús cheios de generosidade de Korwahk nas suas mãos gananciosas e gordas. O que você *vai* levar é a sua vida e o conhecimento de que se levar adiante uma trama que ameace a minha rainha de ouro, você morrerá sufocado em suas próprias bolas e fará isso enquanto olha nos meus olhos.

O rei Baldur engoliu em seco visivelmente. Geoffrey deu outro passo para trás.

Lahn ficou impaciente.

— Sou um selvagem, então você deve reconhecer que estou sendo generoso com essa oferta. Portanto, você também deve saber que sua presença contínua está me deixando impaciente.

Geoffrey recuou rapidamente, se perdendo no mar de guerreiros Korwahk atrás de si.

O rei Baldur deu a Lahn um último e longo olhar, depois deslocou seu volume substancial e grunhiu para os homens atrás de si.

— Traga-me minha montaria!

E fiquei em silêncio ao lado de um silencioso Lahn quando a montaria do homem foi trazida até ele e vimos duas tentativas para que ele levantasse seu peso na sela enquanto seus soldados habilmente montavam seus próprios cavalos e então, com alguma pressa, eles partiram.

Quando os perdi de vista, me virei para Lahn e o vi inclinar a cabeça e olhar para Zahnin.

— Leve-a para nossos aposentos. Tranque-a. Ela não será assistida por nenhuma escrava ou esposa, e tire o animal dela. Faça agora — Lahn ordenou, se levantou e desceu os degraus enquanto eu piscava atrás dele.

— Venha, minha rainha de ouro, agora —Zahnin exigiu com calma e firmeza.

Aturdida, virei a cabeça para ele.

Seu braço estava estendido para mim.

Olhei para trás, onde Lahn desapareceu e senti meu peito subir e descer com a minha respiração rápida e profunda.

O que quer que estivesse errado, não havia acabado. E eu tive a sensação distinta, mesmo tão ruim quanto isso havia sido, que o pior ainda estava por vir.

Então fiquei de pé sem a ajuda de Zahnin, endireitei meus ombros, mantive a cabeça erguida e caminhei até Zephyr.

Capítulo 28

A Revelação

Andei pelo quarto, meu sarongue voando atrás de mim, e fiz isso por um longo tempo. Poderia ter sido uma hora ou cinco.

Parecia cinco.

Eu nem sequer tinha Ghost comigo e, conforme o tempo passou, minha adrenalina aumentou, assim como a minha agitação. Eu estava tão tensa, perdida nos meus pensamentos, que não limpei o rosto nem tirei a coroa de penas.

Apenas andei de um lado para outro ou caminhei até uma das quatro janelas e tentei olhar para as ruas iluminadas por tochas.

Não conseguia ver nada.

Então andei mais.

Lahn me trancou em nossos aposentos.

Me trancou em nossos aposentos.

Ele não me olhou. Não falou comigo. De fato, embora ele tenha dito que acreditava em mim e fez ameaças para me defender, não me olhou ou falou comigo durante o seu confronto com o rei Baldur.

Ele poderia fazer isso, e já havia feito antes, quando estava no modo rei, mas por onde eu estava agora, sabia que isso era outra coisa. Algo que não era bom. Na verdade, mais do que isso, era ruim.

E aquele rei Baldur me conhecia. Ele disse que me conhecia desde os seis anos.

O que *estava* acontecendo?

Mas tive a sensação de que eu sabia. Eu sabia sobre navios piratas e reis.

Tudo estava voltando.

Eu estava em um universo paralelo e havia outra Circe aqui, uma que se parecia exatamente comigo, mas que não estava aqui agora.

E o rei Baldur a chamou de sua feiticeira.

Então, talvez ela tivesse magia, soubesse que sim, que poderia utilizá-la e talvez fosse ela quem tivesse se transportado para fora deste mundo e para o meu, me mandando para cá.

Se ela soubesse como, depois de ser tomada por piratas e por batedores de Korwahk, ela o faria. Se ela soubesse das práticas em Korwahk e o que a esperava enquanto aguardava naquela baia, ela faria isso. Eu sabia.

Me mandando para cá.

Bom Deus.

E, sabendo disso, ela nunca mais ia querer voltar. Ela podia não ter ideia de quem Lahn era e como era. Ela só ia achar que escapou de um pesadelo.

O que significava, já que a minha magia não estava no meu comando, mas nos caprichos das minhas emoções, eu não poderia voltar para explicar as coisas para o meu pai, meus amigos, para dizer adeus e certamente não haveria visitas.

Eu estava presa aqui para sempre e agora eu não tinha certeza de que isso era bom.

A porta se abriu e Lahn entrou. Ele a fechou e ouvi a tranca soar pela casa, assim como aconteceu quando o silencioso Zahnin me acompanhou. As portas da área da banheiro foram fechadas segundos depois. Não havia portas que levassem à varanda ao redor do pátio do nosso quarto de vestir e banheiro.

Eu estava presa.

— Lahn — comecei, indo na direção.

Parei quando ele levantou a palma da mão e grunhiu:

— Não se aproxime de mim, minha rainha.

Ah, não.

Meu coração e meu estômago se apertaram e os dois doeram...
muito.

— Lahn — sussurrei.

— Eu vou te informar sobre as partes que você perdeu — Lahn declarou, cruzando os braços e plantando os pés separados. — Depois que minha punição foi entregue a Geoffrey por sua insolência em participar de uma seleção e conversar com minha rainha sem minha permissão, ele voltou com pressa para seu rei. Uma vez lá, ele relatou que o Dax tinha instalado sua Dahksahna de ouro ao seu lado, anunciando a ascensão da Dinastia Dourada.

Balancei a cabeça quando ele parou, então ele continuou.

— Ao ler a descrição da minha rainha, o rei Baldur a reconheceu como sua própria feiticeira pessoal. Uma mulher que nascera exibindo grandes poderes, portanto, quando criança, foi tomada por Baldur para estar sob seu comando. Uma criança que cresceu com grande beleza. Portanto, ele usou sua magia e seu corpo ao seu capricho.

Ah, Deus.

Pobre outra Circe, agora no meu mundo.

Lahn continuou, interrompendo meus pensamentos.

— Claramente, sua feiticeira não gostava das suas atenções ou do seu serviço forçado. Há algum tempo, ela escapou. Tentou colocar distância entre si mesma e seu rei, mas seu navio foi atacado por piratas no Mar Verde e ela foi posteriormente apreendida por batedores Korwahk. No entanto, quando Baldur ouviu que você estava aqui, ele não poupou um segundo em juntar seus soldados e seguir para Korwahk.

Ele estava chamando-a de “ela”, o que significava que ele sabia que ela não era eu.

— Lahn — comecei.

— Quieta — ele sussurrou.

— Mas...

— *Quieta!* — ele trovejou, se inclinando para mim, sua energia bruta enchendo o quarto e imediatamente tive dificuldade em respirar.

Mas fiquei quieta.

Ele me olhou e eu segurei seu olhar. Fiz isso lutando contra os tremores que ameaçavam consumir meu corpo, mas consegui.

Finalmente, ele falou e fez isso em voz baixa.

— Você não é ela.

Levei um segundo para ter coragem de assentir, mas o fiz.

Ele me olhou novamente.

Então ele sussurrou:

— Eu não sei *o que* você é.

Prendi a respiração quando a dor me cortou, porque ele disse em um tom como se, além de não saber o que eu era, questionava o que quer que fosse e suspeitava que iria detestar quando descobrisse.

Não ouvi, meu foco estava naquele quarto, mas lá fora uma chuva fraca começou a cair.

Quando ele falou de novo, a dor voltou, dez vezes.

— O que eu sei é que você é muito mais poderosa do que eu suspeitava. Você me enfeitiçou com sua beleza. Me manipulou durante meses me enganando. Você me enganou com sua boca e corpo habilidosos para criar uma criança em você. *Você*. Uma criatura desconhecida. Uma substituta.

Aquilo doeu tanto, que não pude me impedir de sussurrar:

— Lahn, baby, por favor, me ouça.

Ele ergueu o queixo.

— Você será ouvida, mas eu vou avisá-la, Circe, esta será sua única oportunidade, então é melhor que seja convincente. — Olhei para ele quando ele terminou, ordenando: — E você não vai falar seus termos aduladores enquanto faz isso.

Engoli em seco quando fui atingida por esse golpe e minha cabeça girou.

Ele era o rei de um bando primitivo e selvagem e o que eu tinha a dizer para ele não soaria bem. Eu sabia disso. Sabia. Droga, se eu dissesse a alguém no meu mundo o que estava acontecendo, achariam que eu era louca e seria justificado nessa crença.

Mas não tinha escolha. E eu sabia, que deveria ter contado bem antes, por minha própria vontade, não ao seu comando. Não sabia se isso teria sido melhor, mas eu deveria ter tentado.

— Eu não sou deste mundo — sussurrei minha admissão.

— Estou ciente disso, Circe — ele respondeu rapidamente, em seguida, perguntou: — Você tomou esta forma de outro? — Quando pisquei com sua pergunta, ele esclareceu: — Qual é a sua verdadeira forma?

Balancei a cabeça e estendi as mãos.

— Não tomei essa forma. Esta sou eu. Sempre fui assim.

Sua mandíbula ficou dura e seu olhar começou a cintilar.

Ele não acreditou em mim.

Segui adiante.

— Acordei na baía com as outras mulheres da Caçada. Fui para cama, em casa, em Seattle...

— Seattle é uma nação que não existe, minha rainha — Lahn falou. — Você não acha que quando me disse que esta era a sua pátria que eu não iria conferir com aqueles que viajaram muito? Nenhum deles ouviu falar deste Seattle.

— Existe no meu mundo — respondi.

— Isso — ele grunhiu — eu vou acreditar.

— Lahn...

— Vá em frente, Circe — ele exigiu, impaciente.

— Eu... tudo bem. — Balancei a cabeça. — Meu mundo é diferente. Muito diferente. Isto...

— Tem coisas chamadas hormônios — ele me interrompeu para dizer. — E germes. E eles fazem o que você fez com o filho de Bohtan

para impedir que as pessoas se engasguem. Não permitem que suas mulheres bebam vinho durante a gravidez. Costuram a carne de feridas antes e depois de banhá-las em aguardente. Eles têm um lugar chamado “México”. Eles dizem “incrível” para explicar qualquer emoção. Tratam escravos como família. Suas rainhas andam livremente entre seus povos. Elas não se mantêm indiferentes como todas as rainhas deveriam.

Uau.

Ele realmente prestou atenção.

Lahn continuou falando.

— Você me deu muitas indicações de que não é deste mundo e eu estive tão vidrado em sua xaxsah, tão enfeitiçada pelo espírito brilhando em seus olhos, que ignorei cada uma.

— Não foi assim — falei suavemente.

— Não? — ele perguntou, arqueando a sobrancelha.

— Não. — Balancei a cabeça e ergui a mão. — Lahn... eu... esse lugar é muito estranho para mim também, mas eu... bem, aguentei. Superei isso. Me adaptei e... — hesitei, engoli em seco e sussurrei: — me apaixonei por você.

A energia no quarto era brutal. Tanto que bateu contra a minha pele.

— *Nunca mais* fale essas palavras para mim a menos que você queira sentir o peso da minha mão — ele grunhiu.

Olhei para a ira queimando em seus olhos.

Ele falava sério.

Ah, Deus.

Isso estava acontecendo?

Continuei olhando em seu rosto furioso, insensível e bonito.

Isso estava acontecendo.

Isso estava *acontecendo*.

E com esse pensamento me ocorreu que eu, mais uma vez, não tinha culpa. Eu era inocente. A única coisa que fiz foi adormecer. E eu

tinha suportado incontáveis pesadelos desde aquele momento, me erguendo cada vez mais forte. Fui uma boa rainha. Fui uma boa esposa. Havia sido uma boa amante. Eu havia lhe dado *tudo*. Meu corpo, meu mundo, meu amor e estava carregando o nosso *filho*.

Porra... *isso!*

Baixei a mão, endireitei os ombros e encarei os olhos do meu marido enquanto lá fora, logo acima da nossa casa, sem que nenhum de nós a visse, um raio trespassou o ar.

— Sei que parece inacreditável — falei. — Porque é. Fantástico. Extraordinário. Bizarro. Mas é... — eu me inclinei para frente — *verdade!*

Ele abriu a boca, mas antes que pudesse falar eu continuei.

— Bem aqui, agora, o que você está sentindo, eu também senti e provavelmente foi cem vezes pior do que o que você está sentindo agora, Lahn, porque no meu mundo, não caçam mulheres e as estupram. No meu mundo, se você fizer isso, vai para a cadeia por muito, muito tempo. Tudo, *tudo* — balancei as mãos — é diferente. As roupas. Seu idioma. A paisagem. Suas casas, comida, móveis, compras. E não quero dizer um pouco diferente, como os guerreiros daqui usam peles e no norte usam armaduras. Eu quero dizer *muito* diferente. No meu mundo, não montamos cavalos, dirigimos carros. No meu mundo, não temos penicos, temos banheiros. Não temos escravos. Isso foi proibido *há anos*. A maioria dos países nem tem reis ou rainhas! — Eu estava gritando, um raio atingindo rápido e quente do lado de fora das nossas janelas. — E os que tem, não têm poder, são apenas figurativos.

Ele me olhou.

Foi assustador, mas não me importei. Eu estava longe demais.

Continuei falando.

— Fiquei *apavorada* quando cheguei aqui. Nem sei como tive coragem para respirar e muito menos me mover ou falar. Isso não acontece no meu mundo, essa mudança de seres, eu tomando o lugar dela, ela tomando o meu. Mas suspeito que a poderosa feiticeira Circe já

havia tido o suficiente nas mãos dos homens, seu rei, aqueles piratas, seus batedores e ela sabia o que estava prestes a acontecer durante a *caçada* enquanto ficava na baía e, portanto, deu o fora! E quando ela deixou o seu mundo, mudou de lugar *comigo*. Não tive controle e vou te dizer, Lahn, muitas vezes nos últimos meses, eu desejei, *rezei* poder voltar pra casa, porque você, seu pessoal e suas práticas me assustaram e me *deixaram* mal.

— É lamentável para você, Circe, que apenas pelas suas palavras, *não* posso saber se isso é verdade — afirmou.

— Sim — retruquei. — É, sim. E adivinha, grandão, nem eu sei se é verdade. A única coisa que sei é que estou aqui e ela não está. Isso é tudo que eu sei. Só estou supondo.

— E eu estou supondo, porque mesmo quando estamos aqui, você comanda os céus e exerce um poder extraordinário. Você não escondeu isso. Está ao seu dispor e, como é, só posso imaginar que outro poder usou para outras coisas.

— Não é ao meu comando, Lahn — flamejei e ergui um braço em direção às janelas que agora queimavam com relâmpagos e rugiam com o trovão enquanto a chuva caía. — Isso está acontecendo e *tudo* o que aconteceu é por causa do que eu estava *sentindo*. E você — aponte para ele — sabe disso.

— Também sei que você diz ter ficado mal com as práticas do meu povo, mas não demorou muito para que eu ganhasse você, não é, esposa? Levou três dias para você se esfregar na minha mão e se enfiar no meu pau — ele, infelizmente, afirmou a verdade com isso. — A esposa de Zahnin levou *meses* para ceder aos seus esforços para conquistá-la. Mas você, não — ele estendeu um braço na minha direção antes de cruzá-lo novamente. — Não, não minha esposa de ouro, ela não. Só estava cavalcando meu pau, gemendo enquanto eu o metia nela, estava se oferecendo para me tomar em sua boca se eu desistisse das Xactos,

fazendo tudo que podia para me manter hipnotizado em seus encantos enquanto ela me manipulava para eu capitular aos seus caprichos.

— *Isso é loucura!* — gritei, acompanhada do barulho de um trovão.

— Não tomei nenhuma mulher livre nem escrava enquanto saqueava, Circe, porque *você* exigiu isso! — ele gritou de volta.

— Isso porque era importante para mim! — retruquei, alto quanto ele.

— Sim, me manter enfeitiçado, por qualquer motivo, é importante para você. Isso, pelo menos, acredito ser verdade.

Balancei a cabeça e fiquei em silêncio.

Não podia acreditar nisso.

Isso era inacreditável.

E era doloroso.

Não, eu estava errada a esse respeito.

Destruía almas.

Respirei fundo e desviei o olhar, tentando me acalmar quando o trovão e o raio pararam, mas a chuva continuava caindo.

Então respirei fundo e olhei para o meu marido novamente.

E quando falei, foi suavemente.

— Desisti de um mundo por você.

Ele olhou para mim, inexpressivo.

Continuei seguindo em frente.

— Pensei que talvez, quando soube que tinha poderes, poderia usá-los para ir para casa.

Seus olhos brilharam, mas foi tudo o que consegui, então continuei.

— Mas não é bom. Meu pai não está morto. — Outro flash. — Ele está vivo e em casa e deve estar vivendo com uma Circe falsa. Ele saberá a diferença, *sei disso*. Ele está louco de preocupação, também sei disso. Está se perguntando onde estou, se estou bem e como me levar de volta. Eu também sei disso. Sei disso e sei que minha vida era boa. Eu amava minha vida. Adorava a minha casa. Amava meu trabalho. Havia muitas

peessoas que me amavam e que eu retribuía. — Respirei fundo e então sussurrei: — Mas, tanto quanto o seu mundo me assustou, tanto quanto suas práticas me repeliram, eu ainda escolhi você.

Seu torso estremeceu. Foi quase imperceptível, mas eu vi.

Segui em frente.

— Eu desisti do meu mundo por você, Lahn. Me mantive ao seu lado através de coisas que as pessoas no meu mundo achariam repugnantes e fiz isso com a cabeça erguida. Até me *orgulhei* por poder suportar, por poder ser uma boa rainha para você. Eu não sabia como ser rainha, mas todos os dias eu caminhava entre o seu povo, oferecendo o meu tempo, ouvido e a minha atenção, esperando que fosse o que eu deveria fazer. Tudo o que fiz nessa porra de lugar, mesmo antes de me apaixonar por você, era por... *você*.

Depois disso, eu estava respirando com dificuldade, e ele não disse uma palavra, apenas continuou a olhar para mim, impassível em sua fúria.

Eu não estava avançando. Nem um pouquinho.

Nada.

A chuva lá fora parou de descer e começou a cair mais devagar, mais suave, mais silenciosa enquanto esse conhecimento se instalava em minha alma.

— Desisti do meu mundo por você — sussurrei. — E se você não vier até mim agora mesmo, colocar seus braços ao meu redor e me disser que acredita em mim, não vou parar até encontrar o caminho de volta.

Sua resposta foi imediata.

— Eu não vou até você, Circe. A partir de agora, você está sendo sequestrada, será observada por guardas com nossas bruxas mais poderosas lhe assistindo para que você não cause nenhum mal. Você vai ficar isolada, sozinha nesta casa, sem escravas, amigas ou seu animal de estimação até que a gravidez termine e vejamos a criatura que você carrega. Fui informado por aqueles do nosso povo que possuem magia

que você não será capaz de esconder enquanto estiver nascendo e não terá o poder de proteger sua verdadeira forma enquanto estiver nascendo.

Ah, meu Deus.

Foi quando ele deu o golpe fatal.

— Só então eu irei até você para fazer meu julgamento ou permitir que você volte para a minha cama.

Era isso.

Eu estava acabada.

Assim como ele havia feito com a corrente de reivindicação que Dortak havia prendido a mim, com essas palavras, Lahn cortou nossa conexão exatamente... como... *aquilo*.

— Eu deixei você — eu sussurrei, e ele balançou a cabeça.

— O quê?

— Estou bem aqui, mas te juro, mesmo que seja simplesmente em minha mente, deixei você. Estou fora. Você me perdeu para sempre.

Ele colocou as mãos nos quadris.

— Você nasceu guerreira ou uma garota de ouro, vamos ver.

Balancei a cabeça.

— Não — engoli as lágrimas. — Não. É isso. Você foi longe demais. Acabamos. Estou fora. Você nunca me terá de volta, Lahn. Nunca.

— Se o que você diz é verdade, eu te ganhei antes, Circe. E se você é o que diz ser, vou ganhar de novo.

Olhei em seus olhos escuros e amados enquanto os meus se enchiam de lágrimas e, sem que eu soubesse, o redemoinho do espírito brilhante e dourado que sempre estava tão perto da superfície para Lahn ver cintilou e, em seguida, se extinguiu completamente.

Então, sussurrei:

— Não. Você não vai.

Eu me virei de costas para ele, perdendo o flash escondido de preocupação que surgiu em suas feições.

Eu me movi para as janelas e olhei para fora, meus braços cruzados de forma protetora em minha barriga, os farrapos do meu coração pingando sangue, meus pulmões se sentindo vazios enquanto lágrimas silenciosas deslizavam pelo meu rosto.

— Circe — Lahn chamou, mas eu não olhei.

Não consegui olhar.

E eu sabia que, mesmo se o visse de novo, nunca mais o veria da mesma forma.

Eu sabia que tudo que eu dizia era uma loucura, mas também sabia que eu era *eu*. E eu fui eu por meses.

E ele se apaixonou por mim.

Mas ele precisava acreditar em mim nos bons e maus momentos.

Como eu fiz com ele.

Às vezes era difícil.

Mas foi o que fiz.

E ele, não.

E eu tive o suficiente. Droga, tive mais do que suficiente.

Eu estava cheia.

— Circe, olhe para mim — ele ordenou.

Olhei para a chuva e fiz isso por um longo tempo antes que ele falasse de novo.

— Será relatado para mim se você não se importar consigo mesma e com a criatura que carrega.

A criatura que eu carregava.

Ótimo.

Quando não recebeu resposta, ele continuou:

— E, Circe, se este for o caso, eles terão ordens para assegurar que você se cuide e cuide do que está dentro de você.

— Eu não vou... *nunca* — sussurrei ferozmente para a chuva — fazer qualquer coisa para prejudicar o meu filho.

Lahn ficou em silêncio.

Mantive os olhos na chuva suave enquanto lágrimas correspondentes deslizavam pelas minhas bochechas.

Sua voz soou novamente para mim, desta vez mais suave, quase doce, quase, mas não completamente, meu Lahn.

— Circe...

Eu o cortei, minha voz inexpressiva, morta e nada como qualquer coisa que ele já tinha ouvido de mim.

— Adeus, Lahn.

Não ouvi nada por algum tempo antes da batida da mão contra a porta, a tranca, a porta aberta, então fechada e a trancada de novo.

Fechei os olhos e novas lágrimas surgiram em minhas bochechas.

Esperei e quando senti que a energia dele havia realmente saído do quarto, olhei para a porta.

Eu estava sozinha.

Arranquei a coroa de penas, a arrebentei ao meio, rasguei-a em pedaços, acabei com ela até que não fosse nada além de farrapos.

Joguei seus restos para longe de mim e me sentei no chão de ladrilhos, com os joelhos contra o peito, os braços apertados ao redor das minhas panturrilhas e meus soluços soaram na sala quando a chuva atingiu a cidade de forma implacável.

E eu balançava para a frente e para trás, sussurrando em voz baixa para as minhas pernas:

— Me leve para casa, me leve para casa, me leve para casa, *preciso* ir para casa. Por favor, por favor, seja qual for a magia que tenho, deixe que atenda ao meu comando *para me levar para casa*.

Mas não fui.

Não, adormeci deitada no ladrilho, exausta pelas minhas lágrimas, a chuva ainda caindo, incessante, do lado de fora.

Então parou e quando isso aconteceu, foi de forma abrupta.

A chuva parou tão abruptamente que o Dax Lahn ouviu.

A noite toda, ouvindo a tristeza da sua rainha se dirigindo à cidade, sentindo-a molhada como se estivesse batendo contra sua pele, causando emoções que ele não entendia guerrear em suas entranhas, emoções que ele não saberia até mais tarde que eram dúvida e culpa. Sem ter conseguido dormir, levantou da cama, atravessou o corredor e ignorou Bohtan e Feetak que estavam do lado de fora da porta trancada de Circe.

Ele virou a tranca, abriu a porta e viu o quarto vazio.

Depois de procurar, percebeu que todos os cômodos estavam vazios, não apenas os que dividia com a esposa, mas a casa toda.

Nada restou dela, exceto as penas esfarrapadas da coroa no chão de ladrilhos.

As cruzes de ferro do lado de fora das janelas estavam no lugar, não haviam sido adulteradas e Lahn sabia que nem mesmo sua pequena Circe não conseguia se forçar através do espaço que uma criança pequena não conseguia passar.

E mesmo se pudesse, a casa batia na lateral do planalto, não havia nada para pegá-la se ela saltasse, e a queda seria tão profunda que a mataria.

Mesmo assim, Dax Lahn ordenou que os guerreiros revistassem o lugar.

Eles retornaram sem pistas de Circe, morta ou viva. Não havia nem mesmo uma pegada. Sua magia deveria tê-la salvado para que ela pudesse fugir.

Sua esposa foi embora.

Desisti do meu mundo por você.

Enquanto ele processava isso, Dax Lahn, o comandante de Suh Tunak, o rei de todos os Korwahk, jogou a cabeça para trás e rugiu.

Capítulo 29

Casa

Ouvi meu nome sendo chamado e, estranhamente, soava como se fosse *eu* quem estava chamando.

Abri os olhos e olhei em um espelho.

— Você está bem, minha doce gêmea — meu reflexo, que parecia estar inclinado sobre mim em uma cama, me disse e senti minha mão ser apertada com força. — Não se assuste com a fadiga. A magia tira tudo de você. Vai ficar assim por alguns dias. Nós vamos cuidar de você. Descanse, meu doce.

Fechei as pálpebras porque eu tinha razão no que falei. Eu estava cansada. Cansada pra caramba, era inacreditável. Nunca me senti assim na vida.

Mas forcei meus olhos a se abrirem e vi que eu ainda estava inclinada sobre mim.

Sorri para mim mesma, mas não era eu sorrindo.

Então sussurrei (mas não era meu sussurro).

— Você está segura, doce Circe, está em *casa*.

Voltei a fechar os olhos.

E aqueles eram realmente os meus.

— Ela vai ficar assim por um dia, Harold, talvez dois.

Tentei me forçar a abrir os olhos enquanto palavras sussurradas em minha voz, mas não ditas pelos meus lábios, soavam perto.

Harold

Meu pai.

— Ela está bem?

Ah, Deus.

Sim.

Meu pai!

Tentei abrir os olhos e me virar para a voz dele, uma voz que achei que nunca mais ia ouvir de novo, mas eu simplesmente não conseguia lutar contra o sono.

— Ela está... — uma hesitação — bem.

— Circe, querida, se você não tem certeza, não precisa esconder de mim... — o aviso do meu pai sumiu e ouvi um suspiro.

— Sinto muito, meu amado pai, meus sentidos estão fracos, mas me dizem que ela está grávida.

Ouvi meu pai respirar profundamente.

Então, apaguei.

— Você está comigo, meu amor?

Abri os olhos lentamente. Vi minha cama e, além disso, meu quarto.

Em Seattle.

Puta merda!

Me virei de costas e olhei para o lado da cama. Sentada em uma das cadeiras da mesa da sala de jantar estava eu.

Ou... a outra eu.

— Circe? — sussurrei e ela sorriu.

— Sente-se, minha irmã gêmea — ela sussurrou de volta. Saindo da cadeira e se inclinando para mim, ela me ajudou a recostar e arrumou os travesseiros atrás de mim.

Olhei para ela em choque.

Totalmente eu. A imagem cuspidada. Usando minhas roupas, mas com um corte novo de cabelo.

Ela se sentou e inclinou um pouco para frente, segurando a minha mão.

— Você sabe que eu não sou você? — ela perguntou.

Assenti.

— Você sabe quem eu sou? — perguntou de novo.

Assenti mais uma vez e ela sorriu.

— Você planejou o que aconteceu? — ela sussurrou.

Balancei a cabeça e ela acenou de volta.

— Como você está? — ela perguntou.

Surtada. Totalmente.

— Hum...

— Ainda cansada? — ela continuou.

Assenti.

— Está com sede, com fome?

Balancei a cabeça embora eu estivesse. Estava as duas coisas.

— Como...? — comecei e ela balançou a cabeça dessa vez.

— Não sei. Embora você certamente tenha poderes, assim como eu. Dito isto, Harold me disse que você nunca os usou e, de fato, ele me disse que *ninguém* neste mundo usa. Mas ele está errado. Aqueles que detêm o poder aqui são mais espertos do que nós, em casa. Eles mantêm isso escondido, o segredo mais guardado. Isso é sensato. No entanto, fica claro pelo seu extremo cansaço que você descobriu como enfrentar o perigo daquele mundo para vir para casa. Senti o mesmo quando eu... — ela hesitou, seu rosto ficando suave, mas cauteloso —, o enfrentei também.

Eu sabia.

Ela havia se salvado.

Bom para ela.

Muito ruim para mim.

— Temos procurado — continuou — encontrar uma maneira de trazer você para casa. Minha magia está esgotada. Eu não sabia, embora tivesse sido avisada, mas é preciso muito poder para se mover entre mundos, muito mesmo. Sinto isso crescendo dentro de mim, mas é fraco e pode levar anos, até mesmo décadas, para se reabastecer. Mas localizamos uma bruxa neste mundo que achamos que poderia ajudar. Antes que pudéssemos tentar, você voltou. — Ela abriu um sorrisinho. — Isso foi bom e causou grande alívio ao nosso pai.

— *Nosso pai?* — sussurrei e ela deu de ombros, ainda sorrindo.

— Ele me perdoou pelo que fiz com você, especialmente porque trabalhei tanto para localizar essa bruxa, ao mesmo tempo que tentava encontrar maneiras de retomar meus próprios poderes para trazê-la para casa. Meu pai foi assassinado pelo meu rei quando eu era muito jovem para que ele pudesse... bem... — Ela parou e continuou: — Conversei muito com o seu pai. Expliquei as coisas e nos aproximamos. — Seus olhos ficaram calorosos. — Ele é um bom homem e tem um grande coração. Ele diz que já que o meu pai se parecia exatamente com ele, mas é claro que dada as devidas proporções de tempo, muito mais jovem, então ele é realmente meu pai de certo modo. Ela sorriu novamente. — Mas eu ainda o chamo de Harold.

Olhei para ela. Ou, mais precisamente, para mim.

Seu sorriso desapareceu e seus olhos se intensificaram antes que ela sussurrasse:

— Agora devo pedir o mesmo a você, se puder encontrar isso em seu coração para me dar.

— O mesmo o quê? — sussurrei de volta.

— Perdão.

Olhei para ela de novo, que se inclinou mais perto, apertando minha mão.

— Eu sabia. Sabia que você existia — ela disse suavemente, fechou os olhos e os abriu antes de continuar. — Sabia o que eu faria... o

que eu estava fazendo com você em um esforço para me proteger, mas... mas... — Ela apertou os lábios e os soltou antes de dizer tão baixinho que foi um esforço para ouvi-la — eu não suportava mais.

Eu sabia. Sabia.

Merda, eu sabia disso.

— Circe — sussurrei.

— Por anos — ela sussurrou de volta —, meu rei... — Ela balançou a cabeça. — Depois, aqueles piratas se revezando. Então aqueles batedores me prenderam. Eu sabia sobre Korwahk. Sabia sobre a caçada. Sinto muito, minha doce gêmea. — Ela apertou minha mão com força enquanto as lágrimas enchiam seus olhos castanho-claros que pareciam, notei pela primeira vez, dourados. — Eu não aguentava mais. Eu sabia do feitiço. Tinha ouvido falar sobre isso e o considerei com frequência. Mas o único feitiço que eu sabia era trocar de lugar. Não me mover por entre os mundos por conta própria, mas me trocar com você. Eu não poderia viver comigo mesma se fizesse isso com você, que me era desconhecida. Mas estar de pé naquela baía, tendo sido preparada para a Caçada, eu não tinha mais forças para fazer a coisa honrada e, ao invés disso, agi de forma egoísta. Então troquei de lugar com você e sei porque fiz isso. Sei porquê. Mas conhecendo sobre você, vivendo sua vida, estando com aqueles que você ama, deve saber que eu me arrependo.

Apertei a mão dela de volta.

— Não se arrependa.

Ela piscou para mim, surpresa.

— O quê?

— Conheci o Baldur. — Seus olhos se arregalaram e eu assenti, continuando. — Ouvi sobre os piratas. Juntei uma coisa à outra e sei porque você fez isso — falei suavemente. — Entendi. Garota... — Sorri o melhor que pude para ela —, eu sei.

Ela assentiu, desviou os olhos para minha barriga e depois de volta para mim.

— Sei que sabe. Ah, Circe, os horrores que você deve ter sofrido por minha causa.

— Não faça isso também. — Apertei a mão dela novamente. — Acabou.

Ela assentiu.

— Está acabado.

Sim, estava.

— O que passou, passou — sussurrei. — O que acontecerá... — parei, meus olhos se encheram de lágrimas e ao contrário da outra eu, não consegui segurá-las.

— Ah, minha irmã gêmea — ela sussurrou, me puxou em seus braços, se sentou na cama ao meu lado e me segurou enquanto eu chorava.

Com os braços ao redor dela, aconcheguei o rosto em seu pescoço e soluzei.

E chorei pelo meu reino perdido. Pela minha Ghost. Por Diandra, Narinda, minhas garotas e meu grupo. Pela minha guarda.

E pelo meu rei perdido.

Isso significava que chorei muito e fiz isso por muito tempo.

E quando parei, minha irmã gêmea me acomodou na cama, me trouxe uma caixa de lenços e então afastou o cabelo do meu rosto enquanto eu enxugava meus olhos, bochechas e assoava o nariz.

— Vou buscar o café da manhã. Sim? — ela ofereceu.

Assenti.

— E vou chamar seu pai.

Foi quando eu balancei a cabeça e lhe dei um sorriso trêmulo.

Ela acenou de volta, murmurando:

— Vou fazer o segundo, primeiro.

Ela segurou minha mão e deu um último aperto antes de me soltar e sair do quarto.

Olhei para ela.

Sim, ela estava usando minhas roupas. Era bom ver que não estava errado quando a comprei. Aquele jeans ficava ótimo em mim.

Eu me perguntei se sentiria falta dos meus sarongues.

Ou do sol.

Ou da sujeira, areia e pedra.

Sabia que não sentiria falta dos penicos.

O resto, eu ia sentir falta.

Me deitei de volta na cama, me enrolei em uma bola e respirei fundo.

Chega de choro.

Isso estava acabado.

Agora, eu tinha que seguir em frente.

Eu estava em casa.

Capítulo 30

Volta

Cinco meses depois...

As luzes sobre a frota (frota de quatro) de caminhões em movimento na garagem se apagaram, uma por uma, a única ficando iluminada sendo a da porta da frente, e eu sabia que meu pai estava fechando para encerrar o dia.

No meu escritório, nos fundos, enfiei a última fatura em um envelope, verifiquei que o endereço podia ser visto pelo plástico e o fechei.

Meu pai passou pela porta, e eu sorri para ele.

— Só preciso selar isso, então vou para casa, me trocar. Te encontro na festa.

A outra Circe estava partindo e íamos fazer uma festa de despedida. Ela pegou o dinheiro que eu e meu pai havíamos dado a ela e que os garotos haviam juntado para ela (com um pouco de treinamento, ela havia assumido o meu cargo enquanto eu estava fora, ela era boa nisso e o lugar não estava a bagunça que imaginei que estaria) e estava indo para Nova Orleans.

Ela estava indo para lá, porque leu sobre o lugar e queria conhecer. De fato, quando não estava procurando maneiras de me levar para casa e trabalhar no escritório, ela lia muito sobre o seu novo mundo e queria explorar o máximo que pudesse. E Nova Orleans era uma boa escolha, já que ela veria toda a região do país se fosse dirigindo de Seattle (Meu pai, por acaso, a ensinou a dirigir).

E ela também estava indo para lá porque um velho amigo do meu pai tinha uma vaga de emprego disponível em sua empresa de guincho.

Ele a recomendou (ou meio que eu) e pediu para ele a contratar como um favor.

Infelizmente, encontrei esse velho amigo do meu pai algumas vezes quando eu era mais nova, então ele teve uma surpresa quando eu entrei (mas não entrei) para encontrá-lo pela primeira vez e ele teria uma Circe que não era Circe.

Meu pai disse que explicaria as coisas depois que isso acontecesse e seu amigo Buster saberia sobre Circe. Ele achou que isso era sensato. Minha gêmea concordou. Eu não me incomodei em discutir. Aqueles dois eram unha e carne, e me encurralavam com frequência e, francamente, eu não tinha mais paciência para retrucar. Eles queriam provocar um ataque cardíaco no Buster? Eu não iria pará-los.

Coloquei o selo no envelope, peguei os outros quatro que havia feito e coloquei na bandeja de saída, o que não era realmente uma bandeja de saída como tal, já que seria o meu (agora) traseiro gordo que sairia da garagem e os colocaria na caixa de correio no final da quadra, amanhã. Ainda assim, eu gostava da minha caixa de saída, mesmo sendo eu quem lidava com a saída e com a entrada.

Comecei a desligar o computador, mas vi que meu pai havia se acomodado em um dos dois bancos de vinil na minha frente.

— Querida, temos que conversar — declarou.

Ah, merda.

Eu não queria fazer isso. Na verdade, evitei com sucesso fazer isso por cinco meses. Esperava aguentar mais cinco meses ou, talvez, cinquenta anos.

— Agora não, vamos nos atrasar — disse a ele, apertando o botão do mouse para desligar o computador.

— Agora, Circe, hã... a outra Circe vai entender.

Sério, era estranho existir duas de mim.

Olhei para ele. Estava com seu olhar determinado.

Então *determinei* que não iríamos conversar, nem agora, nem nunca.

— Pai...

Como acontecia desde criança, a determinação do meu pai quando se tratava dele dizer o que queria e ouvir o que *eu* tinha a dizer era maior que a minha.

— Circe, querida, o que há? — Ele se inclinou para mim. — Você não está bem.

Desliguei o monitor e declarei:

— Estou ótima.

Comecei a levantar da cadeira, quando as palavras dele me pararam.

— Garota, você *não* acha que eu conheço mágoa quando vejo? Porra, querida, vi isso todos os dias da minha vida por vinte e cinco anos ao me olhar no espelho.

Meu (agora) traseiro gordo voltou para a cadeira e olhei para ele.

— E agora — ele continuou —, vejo isso toda vez que olho para você. — Ele levantou a mão e bateu com os nós dos dedos na mesa antes de se sentar e exigir — Então, chega de bobeira. O que *há*?

— Pai — sussurrei.

— Circe — ele disse com firmeza.

— Pai! — retruquei.

— Circe! — ele repetiu.

Merda!

Olhei para ele. Ele manteve o olhar no meu e arqueou a sobrancelha.

Balancei a cabeça.

— Eu não...

Ele me interrompeu.

— Você ama aquele idiota.

Pisquei, sentindo uma pontada de dor e desviei o olhar.

Depois de um momento, meu pai murmurou:

—Ah, merda. Você ama mesmo. Ama aquele idiota.

Olhei de volta para ele.

Ele sabia. Sim, ele sabia.

Nunca discutimos isso. A outra Circe tinha me contado sua história por inteiro (e era pior do que imaginei, e eu já havia achado que era ruim).

Não compartilhei a minha.

Ela não bisbilhotou. Mas conhecia Korwahk e suas práticas, e me observou como um falcão, assim como meu pai fazia desde que percebi que ela compartilhou essas informações com ele (para não mencionar que eu havia desaparecido por meses, então ele estava alarmado). Mas ela não se intrometeu. Vi aqueles dois cochichando, se erguendo algumas vezes no começo, quando cheguei em casa. Mas isso estava acontecendo com cada vez mais frequência ultimamente.

Eles orquestraram isso. Era um milagre que ela não estava lá me provocando junto com meu pai.

A propósito, a outra eu podia ser irritante. Ela era fofa e engraçada, mas também irritante.

— Circe, comece a falar ou eu vou falar por você — meu pai avisou.

— É mesmo? — perguntei bruscamente. — Você e a Circe acham que descobriram, não é?

— O que eu descobri, criança, é que é a primeira vez que vejo você cuspiendo fogo em mim em cinco meses. E a *minha* Circe podia cuspir fogo quando teve amigdalite. Podia cuspir fogo em Larry, que tinha um metro e noventa e cinco, pesava trezentos quilos e tinha um punho grosso maior que a cabeça. Ela podia lidar com o meu bando de doze caras sem que eles soubessem que estavam sendo manipulados. Aquele fogo se foi, Circe, eu e sua amiga Marlene, pensamos que era porque... — Ele parou, sua mandíbula flexionada com o pensamento de eu ter sido violada, então ele começou de novo. — Mas não é. Não é isso. Não vejo dor nos seus

olhos por lembranças que estejam te torturando. Vejo um outro tipo de dor, querida, uma que eu reconheço. Uma que sinto. Aquela que *mora em mim*.

— Podemos não falar sobre isso? — perguntei baixinho.

— Não, *não* falamos sobre isso por cinco meses e você não melhorou. Agora me diga, garota, você se apaixonou por ele?

Umedeci os lábios. Então fechei os olhos.

Quando os abri, sussurrei:

— Sim.

Ele inclinou a cabeça para olhar para o teto, murmurando:

— Ah, merda. A Circe me avisou que essa porcaria tinha acontecido.

— Pai... — comecei, mas ele inclinou a cabeça para mim.

— Então, por que foi que você voltou para casa?

Eu pisquei.

— O quê?

— Você foi ao médico, havia tempo. Você poderia ter tirado esse filho que você está esperando... — Eu sabia que meus olhos brilharam com a simples menção de um aborto quando ele apontou para mim. — Isso. É isso mesmo. Você *quer* essa criança. Aquele babaca não forçou a criança em você. Você a está carregando *por* ele. Você fez esse bebê e gostou de fazer isso. Estou errado?

Ah, Deus.

Sério.

Não queria ter essa conversa com o meu pai.

— Pai...

— Me responda, estou errado?

— Não — grunhi.

— Sabia! — ele retrucou.

— Pai...

Ele me interrompeu novamente.

— Então por que você voltou?

— Não importa o porquê — respondi rapidamente.

— Claro que importa, porque você, Circe, você.. é o resultado da sua mãe e de mim. Não amei ninguém após a morte dela e por todo esse tempo por razões tolas. Não amei, porque quando se tem um amor como esse... ele não... *morre*. E te juro, querida, se eu levasse aquele tiro no lugar dela, ela estaria olhando para você com o mesmo pesar que está em *seus* olhos. Nós, os Quinn, não *gostamos*. Nós nos *apaixonamos*. E você, garota, está *apaixonada*. Então o que eu quero saber é, por que foi que você usou todo o seu poder mágico, pó de duende e toda essa merda e voltou para casa quando você está com o bebê dele aí dentro e não poderia saber se conseguiria voltar um dia?

Não conseguiria me segurar diante das palavras dele, então não o fiz. Eu só disse a ele porque eu poderia muito bem acabar com isso.

— Ele descobriu que eu não era do mundo dele.

— E daí?

— Ele achou que eu era... errada. Uma substituta. Ele achou que eu o enfeitei. Eles são diferentes, muito primitivos. Mas mesmo aqui... é só porque você é quem é e é meu pai, e você ama desse jeito que você lidou bem com a Circe e o que aconteceu comigo. Com qualquer outro homem, a Circe que apareceu aqui, estaria ferrada. Com você, não. Ela teve sorte. Eu... — respirei fundo e terminei — não tive tanta sorte.

— Então ele não ouve?

— Ele. Ele simplesmente não acreditou em mim.

— Então você contou a verdade? — meu pai perguntou.

— Eu... bem, acho que me transportei.

— Logo em seguida? — meu pai perguntou e eu pisquei novamente.

— Não, hum... talvez algumas horas depois.

Ele balançou a cabeça.

— Certo, bem, tenho que dizer, garota, ainda que eu não queira dar crédito a esse idiota, eu *posso* entender. Essa merda... é foda. Demorei alguns dias para aceitar quando Circe me disse o que estava acontecendo. Pensei que você tivesse esperado as coisas esfriarem. Você pensou por um segundo em dar aquele idiota um ou dois dias para chegar a um acordo com essa merda antes que você fugisse... *grávida*?

Olhei para ele.

Não, não pensei.

Ele balançou a cabeça, mas sua atenção nunca me deixou.

— Não, você não pensou. Não a minha Circe. — Ele olhou para o teto e disse: — Ah, merda — antes que seu olhar voltasse para mim. — Você nunca vai mudar. Sempre age com o coração, deixando suas emoções levarem a melhor sobre você e sem pensar com a cabeça.

Já ouvi *isso* antes.

— Pai...

Ele se inclinou para frente novamente.

— Garota, ouça o seu pai.

Ah, merda. Ele era pior que Diandra quando tinha algo a dizer.

Ele manteve o foco em mim.

— Não quero te perder. Vou te dizer isso agora. Você partir de novo partiria meu coração. Mas se você for, gostaria de saber que você foi e que meu neto teria o pai e *você*... também o teria. Posso ver pela tristeza em seus olhos que se você voltasse, teria o que eu tive. O que considereí precioso por todos esses anos. O que tive com a sua mãe antes que nós a perdêssemos. E sei, querida, que se eu tivesse que ir para outro mundo onde vivem pessoas primitivas e que eu tivesse que mijar em árvores e cagar no rio, eu não me importaria. Se sua mãe estivesse lá, é *onde* eu estaria.

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu sussurrei:

— Pai.

— E é o meu conselho para você. Seria um grande golpe, o mais pesado da minha vida, mas se você quiser, vou te levar até a bruxa e te abraçar forte antes de você ir. Embora eu vá sentir sua falta, ficarei feliz por você, sabendo que teve o que eu perdi.

Fechei os olhos, desviei o olhar e disse olhando para a parede:

— Você não entende. Ele... foi... a coisa toda foi difícil, estar com ele, me adaptar a esse mundo, mas eu fiquei ao lado dele.

Olhei para o meu pai e continuei falando.

— Fiquei ao lado dele apesar de toda provação que foi lançada contra mim. E quando digo isso, pai, quero dizer que vi uma mulher enfiando uma faca no estômago, homens tendo pernas e cabeças cortadas de sus corpos.

Os olhos do meu pai se arregalaram, mas continuei.

— E eu tirei a via de um homem... bem, um homem e meio, na verdade, mas... não importa. Enfrentei isso. Fiquei por Lahn. Enfrentando tudo que o mundo e *ele* jogaram em mim. Ele fez um julgamento, pai. *Um*. E ele não precisou testemunhar nada que revirasse o seu estômago. Não tirou a vida de alguém pela primeira vez. Não foi traído por alguém que se importava e quase perdeu a vida por causa disso. Ele só tinha que acreditar em mim. Simples. Era só acreditar em mim. Mas ele não fez isso. *Ele* matou o que eu sentia por ele. Matou de forma *implacável*. Não tenho o poder de voltar e Circe não tem o poder de me enviar. E não vou a essa bruxa, pai. Nunca vou voltar. Vou sentir saudade. Eu fiz amigos. Eu tinha uma tigresa de estimação que podia falar comigo e eu era a porcaria de uma *rainha*, pelo amor de Deus. A vida era estranha e insana, mas também era boa. Mas eu não vou voltar. Nunca. Se o que ele matou em mim nunca voltará a viver, que assim seja. Vou ter o que você teve e seguir em frente. Vou ter o filho dele e, assim como você, isso vai ser bom o suficiente para mim.

Meu pai me olhou e eu o encarei.

Então ele chegou à conclusão de que me conhecia muito e bem e sabia que quando eu me decidia a respeito de algo, quando o meu coração me levava para o caminho que eu estava determinada a tomar, ele não seria capaz de me influenciar.

Soube disso quando ele perguntou:

— Você era uma rainha?

Fechei os olhos, respirei fundo e os abri.

— Sim, a verdadeira rainha guerreira de ouro da nação Korwahk.

Ele piscou e murmurou:

— Puta merda.

— Com orgulho — murmurei de volta e estava falando sinceramente.

Ele ficou me olhando por alguns segundos antes de perguntar:

— Garota, como você matou meio homem? Eles têm meio homem lá?

Eu relaxei e sorri quando respondi:

— Me busque para a festa da Circe, e eu contarei histórias no caminho até lá.

Ele balançou a cabeça enquanto se levantava, murmurando:

— Não tenho certeza se quero saber.

Isso provavelmente era sábio.

Ele me olhou.

— Mas vou ouvir — ele disse suavemente.

Sim, assim era o meu pai. Ele sempre ouvia.

— Então eu vou contar — respondi.

Ele assentiu.

— O nome dele era Lahn?

Cerrei os dentes para combater a dor. Quando consegui me recompor, assenti.

— Dax Lahn, rei de Korwahk e o mais poderoso guerreiro da Horda Korwahk.

Meu pai contraiu os lábios quando observou.

— Garota, você apontou alto. Estou orgulhoso por você ter chamado a atenção de um rei.

Revirei os olhos.

Meu pai se moveu para a porta e eu abri a gaveta onde estava a minha bolsa. Quando estava de pé, notei que ele não se moveu, então parei e olhei para ele.

— Tem certeza, querida? — ele sussurrou.

Assenti.

Eu tinha certeza. Muita.

Doía todos os dias, o dia *todo*.

Mas eu tinha certeza.

Ele assentiu de volta.

— Te pego em uma hora — ele murmurou e se afastou.

Segui atrás dele.

Verdade seja dita, eu não estava *tão* gorda. Estava praticando ioga, caminhando todos os dias e comendo direito, porque eu poderia ter um guerreiro de dois metros (no futuro) crescendo dentro de mim e ele precisava dos nutrientes apropriados.

Assim como uma garota de ouro precisaria.

Então cuidei de mim mesma.

Não descobri o sexo. Eu me recusei a saber. Nem sequer olhei para o ultrassom e me recusei a ouvir qualquer coisa, exceto para saber se o bebê estava saudável ou não (ele ou ela estava).

Não admitia para mim mesma, mas sabia que era porque, se eu ainda estivesse em Korwahk, Lahn e eu não saberíamos até o momento do parto.

Então aqui, eu também não queria saber.

Fui até a porta, apaguei as luzes do escritório e encontrei meu pai na porta da frente, que ele estava segurando para mim.

Então fui para casa para colocar meu novo vestido de gestante e me despedi da outra eu, enquanto ela começava a vida em seu novo mundo.

Olhei para a chuva que batia na janela enquanto Marlene, a minha melhor amiga, respirava fundo na minha frente.

— Não brinca? — ela perguntou.

Olhei para ela e balancei a cabeça.

Havia acabado de contar a ela o que falei para o meu pai sobre amar Lahn e porque eu vim embora. Isso incluiu as histórias que compartilhei com ele na ida até lá (e durante as suas três primeiras cervejas na festa), histórias de Ghost, Diandra, Narinda, Zahnin e Sabine, os desafios para o Dax e as terríveis lutas na tenda.

Entre outras coisas.

Marlene estava chocada e bebendo demais.

Eu estava decidindo que a minha tática de falar sobre isso não me fez sentir melhor e também que eu a levaria para casa (assim como o meu pai. Eu já havia confiscado as chaves dele, que estavam na minha bolsa).

— Uau — Marlene murmurou. — Então... ele era gostoso?

Olhei para fora da janela.

— Muito.

— E ele era bom na... — ela começou.

Eu a cortei sem olhar para ela.

— *Muito*.

— Garotaaaaaa — ela falou, alongando a palavra.

Suspirei.

Sua mão tocou meu braço e eu a senti se aproximar, então a olhei e vi que seu rosto suavizou.

Deus, eu amava a Marlene.

— Querida, você tem certeza de que não quer ir até aquela bruxa?

— ela perguntou baixinho.

Exceto que, nesse momento, eu não a amava tanto.

— Já te disse. Não.

— Circe, sério, não sei. Você tem um bebê a caminho.

— Eu sei e a resposta ainda é não.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Mas talvez ele esteja lá se consumindo por você, chutando o próprio traseiro por ter estragado tudo, querendo você em casa. Talvez, ele esteja preocupado com você, com o seu paradeiro, do bebê, imaginando se vocês estão bem. Já pensou nisso?

Não, não pensei.

Pensar em Lahn sofrendo por mim era uma piada. Ele, provavelmente, estava estuprando, saqueando e cortando as pessoas com sua espada.

E ele tinha as Xactos a quem recorrer.

— Não me importo — respondi. — Mas não. Na verdade, não pensei nisso, mas Lahn não é o tipo de homem que se *consume*. Ele pode conseguir o que precisa de uma variedade de mulheres e pode conseguir outra esposa em menos de um ano e meio. E a maioria das mulheres que ele poderia escolher estaria ofegante para tê-lo. Ele vai ficar bem.

— Cir...

Puxei meu braço do seu aperto, mas segurei a sua mão e a apertei.

— Sério, sinceramente, querida, como eu disse... *não*. Ele vai ficar bem, eu e o *meu* bebê também. Não vou ver nenhuma bruxa. Não vou voltar. E quero outro chá de bebê *depois* que eu tiver esse filho e naquele... — sorri — você vai me servir álcool.

Ela me olhou e sorriu.

Marlene estava felicíssima por estar me oferecendo o chá de bebê. Ela estava planejando isso desde que descobriu que eu estava grávida, o

que foi no dia em que ela me viu pela primeira vez depois que voltei. Metade de Seattle estava participando. Ela convidou meus amigos, amigos dela, amigos de amigos e provavelmente colocou um anúncio no jornal com um convite aberto (contanto que trouxessem presentes). Quando fiz o registro na loja de bebê para a lista de presentes, ela puxou o scanner da minha mão, fez as seleções e eu podia jurar que vi baba no lábio dela uma vez, de tão feroz que ela estava. Ela era louca por bebês. Mal podia esperar para que eu tivesse essa criança.

Tudo bem, voltei a amar Marlene.

Portanto, soltei a mão dela, a puxei em meus braços e a abracei.

— Amo você, baby — sussurrei em seu ouvido.

Ela me deu um aperto e sussurrou as mesmas palavras de volta.

Eu me afastei e virei a cabeça quando ouvi meu pai gritar:

— Tá na hora da porra do bolo! — E eu o vi sair da cozinha de Ernie.

Ernie era uma das melhores amigas do meu pai. Ele e seus garotos almoçavam no restaurante da Ernie praticamente todos os dias e, portanto, a festa de Circe estava sendo lá.

Ele tinha um grande bolo retangular nas mãos, do tipo com cobertura branca, redemoinhos grossos de glacê nas bordas e flores amarelas. Seu rosto estava cintilante pelas velas acesas no bolo e seus olhos estavam bem iluminados com o pensamento de que ele logo estaria comendo bolo de aniversário.

Sério, meu pai era louco por bolo de aniversário. Se pudesse, ele comeria bolo de aniversário *com velas*, todo dia.

Ele caminhou em direção a Circe e, por algum motivo, iniciou um coro de “A Circe é uma boa companheira”.

Olhei para ela, que estava radiante.

Ela estava feliz, sem dúvida. Estava segura neste mundo, meus amigos e familiares a haviam aceitado (e nossa história, estranhamente) sem desconforto (bem, exceto no momento em que cheguei lá).

Ela não era mais o brinquedo de um tirano ou de um navio cheio de piratas.

Ela era livre.

Isso era bom.

Muito bom.

Duas coisas boas saíram disso: Circe estava sorrindo, seus olhos brilhando e eu tinha uma vida que sabia que era preciosa, atualmente chutando a minha barriga.

Eu sorri.

— Circe? — Marlene me chamou e eu me virei para olhar para ela.

Ela parecia alarmada.

— *Circe!* — ela gritou.

Abri a boca para falar, mas não consegui formar palavras — Marlene, o restaurante atrás dela, as cabines — tudo estava... estava ...

Estava *derretendo!*

Ah, merda!

Virei a cabeça para o meu pai.

— *Pai!* — gritei, mas nada saiu mesmo quando vi a imagem turva dele soltar o bolo no chão e começar a correr na minha direção.

Ele não conseguiu.

Tudo ficou preto.

De repente, tudo ficou brilhante e cintilantes de ouro puro.

Então eu estava de pé, no meio de uma cama, o fogo aceso atrás de mim e uma mulher com cabelo selvagem e asqueroso preso no pescoço, caiu desmaiada sobre a pedra aos meus pés.

Vi movimento nas sombras.

Veio na minha direção.

Olhei para cima quando o corpo de um homem se formou e eu encarei os olhos escuros de Lahn.

— Não — sussurrei enquanto ele continuava vindo na minha direção.

Levantei a mão trêmula, com a palma para cima em direção a ele enquanto meus olhos se desviavam para a mulher aos meus pés.

Ela estava apagada como uma lâmpada.

Ela esgotou sua magia me trazendo de volta.

Voltei os olhos para Lahn, que já estava em cima de mim, o músculo duro do seu peito na minha palma.

Dei um passo para trás.

Ele se moveu rápido como um raio e eu fui levantada em seus braços.

Arqueei as costas e gritei:

— Não!

— Rayloo, kah rahna fauna — ele sussurrou, com os braços apertados e fortes como ferro.

Fechei os olhos com força e meu corpo ficou mole em seus braços.

— *Não* — sussurrei.

Então saímos da tenda, fui colocada em um cavalo e senti Lahn imediatamente subir atrás de mim.

Abri os olhos e vi a Avenida dos Deuses na minha frente e senti Lahkan debaixo de mim.

O braço dele apertou minha cintura saliente. Ele me inclinou nas costas de Lahkan, enterrou os calcanhares no cavalo e atravessamos a avenida em direção a Korwahn.

Merda.

Capítulo 31

A Busca

Seis semanas depois...

A tigresa ronronou.

Soube disso porque meu bicho de estimação, agora adulto, estava deitada de lado na cama comigo. Minha barriga grande estava pressionada contra suas costas, minha mão estava acariciando seu pelo macio e grosso, e ela estava ronronando.

Ela estava feliz por sua Loolah estar em casa. Eu sabia disso não só pelo seu ronronar, mas porque ela me contou.

De repente, ela ergueu a cabeça bruscamente e se moveu rapidamente para a barriga, olhando na direção da porta, o ronronar desaparecendo, um rosnado baixo soando em sua garganta.

Fechei os olhos.

Lahn estava lá.

— Fora, besta — ele ordenou. Ela rosnou um pouco mais, e ele repetiu: — *Fora*.

Ela soltou outro grunhido e virou a cabeça para olhar para mim. Sorri para ela. Ela piscou os olhos azuis e só então se levantou e saiu graciosamente da cama.

Fechei meus olhos e esperei por aquilo.

Não esperei muito.

Eu nunca esperava.

Lahn se juntou a mim na cama, em seguida, me puxou para o seu lado, empurrando o braço debaixo de mim e me segurando perto enquanto ele reclinava nos travesseiros.

Eu não tinha escolha a não ser apoiar a cabeça no ombro dele, e assim o fiz. Mantive meus olhos fechados. Então os abri, porque seus dedos estavam desenhando padrões aleatórios no meu quadril sobre a seda da camisola e aquilo parecia melhor com os olhos fechados.

O problema era que eu podia ver seu peito quando meus olhos estavam abertos.

Então eu estava ferrada de qualquer maneira.

— Kah Lahnahsahna, nahnah rahna linas, shalah — ele murmurou.

Minha tigresa, seus olhos dourados, por favor.

Suspirei suavemente, apoiei no cotovelo e olhei para ele.

Deus, ele era lindo, e eu detestava isso.

Ele olhou nos meus olhos e não disse uma palavra. Então seu olhar se moveu sobre o meu rosto antes que ele olhasse nos meus olhos novamente.

Mesma coisa. Toda manhã. Toda manhã, todo maldito dia, por seis semanas.

— Ela o mantém trancado longe de mim — ele murmurou, e eu pisquei.

Humm.

Isso era novo.

E foi quando entendi. Finalmente entendi o que ele estava fazendo.

Ele estava procurando pelo meu espírito.

Bem, ele havia ido embora. Ele o quebrou.

Eu desviei o olhar.

Sua mão subiu e segurou meu queixo, movendo suavemente meu rosto, então voltei a olhar para ele.

— Fiquei longe dos seus olhos por cinco meses, minha linda, e senti falta deles. Mesmo os tendo de volta sem o seu espírito brilhando, não gosto que eles se afastem.

Sim, a mesma coisa.

Ele estava sendo fofo.

Mantive os olhos nos dele. Mas não encarei. Não olhei fixamente. Esperei até que ele terminasse.

Às vezes, demorava mais em alguns dias do que em outros. Hoje, tive a sensação de que ele estava no modo longa duração.

Então ele fez outra coisa nova. Ele me virou de costas e se aproximou de mim, mais perto, e sua mão se moveu para a minha barriga grande e inchada, seu calor penetrando na seda.

— Ele virá em breve — ele murmurou.

Isso era verdade. Estava chegando perto. Qualquer dia agora.

E Lahn, eu também sabia, havia desistido da sua garota de ouro.

Soube disso, porque ele falou uma vez, na calada da noite, quando meu filho me chutou com tanta força que me acordou. Ele estava com a mão na minha barriga também. Era um saco, mas eu tinha que admitir que quando vi seus olhos na luz da lua brilhando com admiração, seu espírito exposto para eu ver, sua alegria em sentir o filho se mexer pela primeira vez, eu gostei. De tudo.

Foi a coisa mais linda que eu já vi.

E ele tinha murmurado, pressionando a mão suavemente na minha barriga:

— Isso é um guerreiro, minha linda de ouro.

Achei que ele não estava errado. O garoto podia chutar e era agitado. Era como se ele estivesse nadando ali, dando saltos, de peito e tudo mais. se ele estivesse irritado por não ter mais espaço para se mexer e me dizia com tanta frequência que me dava uma surra.

Lahn me tirou dos meus pensamentos quando falou:

— Sei que você não deseja, mas vou estar no banho com você e a curandeira.

Suspirei novamente.

Imaginei isso.

A propósito, em algum momento nos últimos cinco meses, Lahn decidiu acreditar em mim. Ele estava ansioso por essa criança novamente

de dormir com a mão na minha barriga, ou se aproximar de mim sempre que me encontrasse de pé, envolvendo seus braços ao meu redor e colocando as duas mãos na minha barriga, fosse uma indicação.

O lado bom é que a curandeira estaria comigo. O ruim, é que eu estaria dando à luz na banheira. Inicialmente, achei que tudo correria bem, mas depois me lembrei que a água vinha de uma fonte termal e eu não estava satisfeita de ver meu filho ser cozido vivo antes de respirar pela primeira vez.

Mas eu não disse uma palavra.

E, de toda forma, talvez eu estivesse sendo dramática sobre a água. Não era tão quente assim. Eu tomava banho nela.

Eu não respondi ao comentário de Lahn e foi a vez dele suspirar.

— Suas amigas me disseram que vêm diariamente para ver você, Circe — ele me disse baixinho, e eu afastei os olhos. — Linas, shalah — ele sussurrou e voltei a olhá-lo.

Eu estava evitando as garotas. Não vi nenhuma delas desde que voltei.

Nem mesmo Diandra.

Isso era rude, mas eu estava em uma condição. Não queria estar aqui, nem pretendia ficar, então eu não queria continuar alimentando nossas amizades, porque eu senti falta delas o suficiente na primeira vez.

Eu ia para casa.

Não sabia como ia fazer isso, porque agora eu realmente não tinha como chegar em casa a menos que eu pudesse sair das garras de Lahn e, de alguma forma, encontrar outra bruxa que não se importasse de ficar exausta por um dia ou dois, perder todo o seu poder por uma década e me mandar para casa.

Eu não achava que esse tipo de busca fosse proveitoso.

Mas tinha esperança.

Todos os dias, eu esperava que meu pai estivesse trabalhando com aquela bruxa e Korwahn fosse derreter e eu voltasse para casa. Então eu

ia encontrar um feitiço de proteção para me enraizar lá. Eu não me importava se isso significasse que eu tinha que tatuar coisas estranhas em cada centímetro do meu corpo. Eu nunca mais iria embora.

— Elas estão sentindo a sua falta, minha rainha — Lahn continuou falando e me concentrei novamente nele. — Estão preocupadas com você, com a criança que você carrega. Desejam te ver.

— Eu não quero vê-las — falei baixinho.

Ele suavizou o olhar.

— Circe...

Balancei a cabeça.

— Não posso construir laços fortes aqui. Meu pai sabe de uma bruxa em casa que pode me levar de volta. Tenho certeza de que ela está se preparando. Eu vou embora em breve.

Coisa errada a dizer. Seu rosto ficou duro e sua mão deslizou pela minha barriga, até a lateral do meu corpo e, em seguida, seu braço me apertou, me prendendo junto a ele quando seu rosto se aproximou.

— Você não vai partir de novo — ele grunhiu.

— Receio que você não tenha escolha, Lahn.

— Sei que neste momento isso vai te aborrecer, kah Lahnahsahna, mas vou falar. Você não achou que quando eu esmaguei seu espírito daquele jeito, que quando eu te trouxesse de volta, eu não saberia que você tentaria ir embora de novo? O feitiço lançado para guiá-la para sua *verdadeira* casa também aprendeu a este mundo, Circe, *nosso* mundo. Você nunca vai voltar.

Olhei para ele.

Ele não estava falando sério.

Estava?

Ele continuou falando.

— Também te ancora a mim, por isso, mesmo que você tentasse escapar de mim neste mundo, eu sentiria e poderia procurá-la. Você não pode se esconder. Você sempre seria visível, de alguma forma, para mim.

Continuei olhando para ele.

Sério, ele não poderia estar falando sério!

— Você não fez isso — murmurei.

— Fiz — ele respondeu.

— Não fez... — repeti em um murmúrio, e ele aproximou o rosto.

— Fiz... *sim* — ele grunhiu. — Você prometeu nunca me deixar e me deixou. Não vou deixar isso acontecer de novo.

Meus lábios entreabriram e senti as lágrimas se formando em meus olhos.

Então sussurrei:

— Não posso acreditar que você fez isso.

— Você me deu seu livre arbítrio, você é minha. E eu te dei a mim, eu sou seu. Farei qualquer coisa para manter você, minha rainha, acredite *nisso*.

— Você está agindo como... um assediador psicótico. — Eu ainda estava sussurrando.

— Eu não tenho ideia do que isso significa e não me importo. É a maneira que as coisas são. E, Circe — ele aproximou o rosto, deslizou a mão para a lateral do meu corpo, sobre o meu peito, até meu pescoço, para segurar meu queixo, onde seu polegar deslizou pela minha bochecha enquanto ele terminava suavemente — vou ressuscitar o espírito dentro de você. E não vou parar até conseguir isso. Ele vai brilhar para mim novamente. Pode acreditar nisso também.

Antes que eu pudesse detê-lo, o polegar dele passou pelos meus lábios, segurou minha mandíbula e ele ergueu minha cabeça com firmeza enquanto se aproximava e me beijava.

Minha barriga se apertou.

Ele levantou a cabeça e olhou profundamente em meus olhos antes do seu polegar deslizar pelos meus lábios, levantou e beijou minha testa, em seguida, rolou para fora da cama e atravessou o quarto.

Me apoiei nos cotovelos para vê-lo abrir a porta e ver Twinka segurando alguns panos de banho.

— Se as esposas guerreiras vierem visitá-la, não as mande embora. Deixe-as entrar. Se elas não vierem, mande uma das garotas buscá-las. Isto é uma ordem do rei e se uma delas desobedecer, qualquer uma, esposa ou escrava, responderão a mim. Entendido? — Lahn perguntou com firmeza.

Twinka olhou para mim e abriu um enorme sorriso.

— Meena, kah Dax — ela murmurou, porque sabia que isso iria me irritar ou me chatear e ela adorava qualquer coisa que fizesse isso.

— Dohno — Lahn murmurou e então ele se foi.

Caí de volta na cama e olhei para o teto.

Twinka cantarolou alegremente enquanto levava os panos para o banheiro.

Me sentei em uma espreguiçadeira no telhado, olhei para o sol ao longe que fazia o ouro brilhar na Avenida dos Deuses e puxei o xale de malha solta e intrincada para mais perto de mim enquanto me perguntava se havia alguma tropa de escravos que saía todos os dias e polia aquele ouro. Ele sempre brilhava mesmo estando cercado por areia e poeira.

Então imaginei que havia.

Ghost, como sempre desde que cheguei em casa, estava ao meu lado, agora deitada de frente, a mandíbula apoiada nas patas.

Eu a acariciei distraída e, infelizmente meus pensamentos passaram de escravos de estátua para outros assuntos que eu não queria pensar, mas não conseguia me impedir.

Quando fui embora, Lahn passou cinco meses ocupado. Embora eu não tivesse visto minhas amigas, não pude evitar minhas garotas, e elas me contaram tudo o que sabiam.

Primeiramente, Lahn, Suh Tunak e os guerreiros Keenhak haviam seguido para Maroo como planejado. Maroo havia recebido a mensagem terrível de que a vingança seria executada pelo Dax, então se organizaram para a invasão, mas não tinham ideia de que também enfrentariam o desafio adicional do vizinho Keenhak.

Gaal, com olhos brilhantes e uma animação assustadora em contar suas histórias macabras, me informou que Suh Tunak e Keenhak haviam trucidado Maroo e, ao me dizer isso, ela infelizmente entrou em detalhes. A vingança foi colocada em prática e Maroo não esqueceria tão cedo a lição que aprenderam.

— Não — Gaal se inclinou para frente, olhos arregalados e alegres — *por gerações*.

Pelas histórias que ela contou, eu acreditava que isso era verdade. Mesmo.

Aparentemente, Lahn e seus rapazes não se importavam em se vingar.

Argh.

Isso durou cerca de três meses e Suh Tunak voltou a Korwahn carregando um monte de escravos Maroo e recompensas da pilhagem.

O povo de Korwahn se alegrou. Quando essas riquezas chegaram até eles, sentiram que era uma prova irrefutável que a Dinastia Dourada havia começado.

Lahn e Suh Tunak haviam compartilhado uma semana de celebrações por sua vitória e, em seguida, encerraram os festejos para praticar matanças ou fazer patrulhamento, incluindo levantar o acampamento da Daxshee para seguir seu caminho.

Meu desaparecimento e não ter viajado com a Daxshee foram explicados pela tempestade que atingiu a cidade antes de eu voltar para casa. Jacanda me disse que se espalhou a notícia de que a tempestade foi o resultado de eu ter tido uma complicação na gravidez naquela noite, o que significava que eu tinha que ficar de cama por toda a gestação.

Isso foi aceito prontamente.

Mas minhas garotas e amigas sabiam que eu havia desaparecido, porque as garotas receberam ordens de me procurarem em casa no dia em que desapareci e as demais haviam sido avisadas por seus maridos. Elas haviam jurado guardar segredo (depois de serem ameaçadas de que suas línguas seriam cortadas, o que convenceria qualquer um). Mas Beetus explicou que, individualmente, em pares, em trios ou às vezes todas as minhas garotas as visitavam todos os dias antes da Daxshee ir embora e elas irem juntos, para averiguar se havia novidades.

Isso era legal.

Além disso, o povo de Korwahn ou viajantes que tinham ouvido as informações do meu repouso forçado, quando passavam por Korwahn, colocavam flores à nossa porta na esperança de que eu entregasse o herdeiro da Dinastia Dourada em segurança.

Isso era legal também.

A Daxshee partiu até a hora de voltar a Korwahn para se estabelecer no inverno e para o Dax estar perto da sua Dahksahna para o parto.

Eu havia imaginado que Korwahk provavelmente ficava ao sul do equador neste mundo, porque o inverno para eles era verão em Seattle.

Seus invernos eram tão diferentes quanto tudo no meu mundo. Os dias amanheciam mais tarde e o crepúsculo chegava mais cedo, mas só um pouquinho. E havia alguns dias cinzentos e chuvas ocasionais que não aconteceram devido ao meu humor (apesar de eu não acreditar). Não muitas, talvez uma por semana. O ar estava ligeiramente mais frio, mais que nos dias cinzentos. E as noites eram definitivamente mais frias. Lahn e eu agora tínhamos uma manta de lã macia, fofa e de cores vivas cobrindo o lençol de seda da nossa cama, que fazia maravilhas mantendo o calor, e com o corpo quente de Lahn, nunca senti frio.

Eu não sabia quando Lahn decidiu acreditar em mim e, obviamente, minhas garotas também não. Dito isto, ele indo para a guerra

e depois viajando com a Daxshee praticamente contou a história.

Em outras palavras, manteve a rotina usual do Dax Lahn, tendo a rainha desaparecido ou não.

Mas Jacanda havia me dito que todos os dias, durante todo o dia e toda a noite enquanto eu estava fora, uma das garotas era designada para se sentar no meu quarto, caso eu voltasse para lá (apenas Packa foi com Lahn e a Daxshee) e quatro dos meus guardas foram designados para ficar na casa em todos os momentos. Uma bruxa também havia se mudado. Isso era para que as garotas pudessem alertar os guardas e, se eu voltasse, eles me deteriam fisicamente, a bruxa me prenderia com magia e ordens seriam dadas para que Lahn fosse imediatamente informado (ou tão imediatamente quanto um mensageiro conseguiria ir até onde ele estava).

Se isso era porque Lahn não queria se arriscar, especialmente quando eu poderia estar carregando seu verdadeiro filho e não um monstro, ou porque ele acreditava em mim e me queria de volta, eu não tinha ideia.

E não me importava.

Voltei à necessidade de encontrar uma maneira de viver em um mundo que eu não queria fazer parte. E também ao fato de que Lahn voltou a não me dar escolha sobre minha própria vida.

O que não fiz, foi voltar a me importar.

Todo o senso de luta havia me deixado, e eu não tinha energia para reencontrá-lo.

Então, o que passou, passou e o que aconteceria agora seria como eu lidaria com isso.

Eu só precisava descobrir o que ia fazer.

Senti uma dor estranha apertar minha barriga e franzi as sobrancelhas quando apoiei a mão lá.

Isso era novo.

Olhei para o meu ventre. Agora eu usava sarongues ao redor do corpo e amarrava na parte de trás do pescoço, como Twinka. Jacanda me disse que isso era incomum para uma mulher grávida em Korwahk. Elas usavam seus sarongues e tops normalmente, suas barrigas se projetando sobre os cintos.

Eu poderia imaginar isso para Korwahk. Afinal, elas eram de Korwahk. Esse povo fazia coisas loucas o tempo todo. Mas *de jeito nenhum* eu ia andar com minha barriga gigante em exibição. Consegui evitar de ganhar muito peso, mas minha barriga estava muito grande. A criança devia ser enorme.

— O que você está fazendo agora, kah teenkah tunakan? — sussurrei enquanto deslizava a mão para envolver a parte de baixo do ventre e segurá-lo.

Ghost ergueu a cabeça e olhou para o topo da escada. Segui seu olhar e prendi a respiração quando vi Diandra. Então deixei escapar o ar quando vi o eunuco segui-la.

Encarei Diandra e me mantive em silêncio. Seus olhos estavam calorosos enquanto me observavam, mas seu rosto estava inexpressivo.

Eu entendia.

Fui rude e grosseira de uma forma insuportável e imperdoável com uma boa amiga que tinha ficado ao meu lado o tempo todo. Eu ia precisar encontrar as palavras para explicar a ela, o que era bom e me fazia sentir culpada ao mesmo tempo, porque sabia que ela ia me entender e perdoar.

Algo que eu não tinha certeza se merecia.

Mas agora, a presença do eunuco com Diandra de todas as pessoas, fez com que eu mantivesse o silêncio, levantasse minha guarda e suportasse.

Ele observou meu rosto, então seguiu para a mesa e as cadeiras. Segurando duas, ele as pegou, as trouxe e as colocou aos pés da espreguiçadeira. Ele segurou uma para Diandra até que ela se sentou e arrumou seus dois sarongues sobre as pernas (boa ideia usar dois

sarongues combinando para afastar o frio, eu teria que lembrar disso) e puxar seu próprio xale para mais perto. A parte superior do corpo que não estava coberto por uma faixa ou top curto, mas o que parecia ser uma camiseta justa de manga curta, feita de tecido fino, uma espécie de lã macia que a cobria até a barriga.

Somente quando Diandra se acomodou, o eunuco se sentou de frente para mim.

Os olhos dos dois estavam em mim.

Eu não disse uma palavra.

Finalmente, o eunuco falou em Korwahk.

— Acredito que você está bem, minha verdadeira rainha de ouro?

Eu pisquei.

Sua voz era baixa, havia um fio de preocupação, e ele me chamou de sua verdadeira rainha de ouro. Não apenas sua rainha.

Humm.

— Estou bem — respondi.

Ele assentiu e me informou:

— Nosso rei diz a verdade. Sua beleza floresce de forma magnífica com a gravidez.

Sério, eu queria que Lahn parasse de ser fofo. Não só comigo, mas agora ouvindo que ele estava andando por aí me elogiando. Estava me dando nos nervos.

— Shahsha — murmurei, deslizando os olhos para Diandra e vi sua cabeça inclinada ligeiramente para o lado, a preocupação que ela não era capaz de esconder refletida agora em seus traços.

Merda.

— Chegou ao meu conhecimento que você não permite que suas mulheres a visitem — o eunuco declarou, e eu olhei para ele.

— Não tenho me sentido como... eu mesma por algum tempo — respondi.

Ele inclinou a cabeça.

Então falou suavemente:

— Você sofre pelo seu mundo perdido.

Pisquei para ele.

Ele sabia.

Isso era uma surpresa.

Bem, que seja. Se Lahn fosse estúpido o suficiente para confiar nesse cara, tudo bem. Não era da minha conta.

Decidi não responder.

— Apenas uma pessoa em Korwahk me chama de Karrim — ele afirmou de forma bizarra, mudando de assunto, e eu não falei nada, mas não tirei os olhos dele. — O meu rei — ele terminou calmamente e eu me preparei.

Ghost mudou de posição para que seu volume elegante descansasse contra a minha espreguiçadeira, uma demonstração de apoio.

Minha mão foi da minha barriga até a pele dela, e eu acariciei.

Mas não falei.

— Depois... — ele parou por um momento antes de continuar — do que aconteceu comigo, não foi da minha masculinidade que senti falta.

Ele esperou e quando não respondi (embora eu tivesse que dizer que fiquei muito surpresa com essa notícia), ele continuou.

— Foi da minha Horda. Desde que me lembro, meu pai falava comigo sobre meu futuro como guerreiro e desde que eu podia mover meus membros ao meu comando, ele começou a me treinar para ser um. Ele era guerreiro. Estava em seu sangue, passou para mim. Não houve um dia mais bonito para mim do que quando o Dax virou a palma da mão para o chão e, aos cinco anos de idade, me ajoelhei pela primeira vez a serviço da Horda.

Uau.

Interessante.

Ele continuou falando.

— Portanto, não houve dia pior para mim do que quando fui expulso.

— Sinto muito — sussurrei porque, realmente, eu precisava ser cautelosa com esse cara, mas senti que precisava dizer algo, principalmente porque sua voz tremia com a emoção que eu não podia acreditar que era falsa.

Ele inclinou a cabeça novamente.

— Então, espero que você possa imaginar minha alegria quando o novo Dax me procurou e pediu que meu serviço retornasse aos meus irmãos. Eu não era capaz de lutar. Minha força não era a mesma. Mas eu poderia estar a serviço usando outras habilidades. Este novo Dax era o mais poderoso que já vi, mas mais poderoso, porque ele usava mais do que seus músculos para comandar. Ele sabia que a força de qualquer guerreiro não estava na sua espada, mas em outro lugar. E ele me permitia usar isso... um poder que eu poderia exercer que ainda estava ao meu comando e forte como sempre... para prestar serviço à minha nação. Ele me pediu não apenas para prestar serviço para a Caçada, as seleções e a Daxshee, mas para ser seus olhos e ouvidos e agir para ele em questões de importância crucial. E isso eu era, eu sou, eu fiz e faço, servindo com orgulho o meu Bando, mas mais, servindo ao poderoso Dax que começa a Dinastia Dourada.

Assenti quando ele parou de falar, e ele continuou.

— É meu dever saber tudo e ver tudo. É meu dever proteger Suh Tunak, meu Dax e por consequência, meu Korwahk. E, portanto, depois que ela foi reivindicada, era meu dever vigiar e depois procurar minha rainha, uma estrangeira, e colocá-la à prova. — Ele fez uma pausa e então abriu um sorrisinho. — Ela me perguntou meu nome, um nome que só o marido dela me chama e, mesmo que nossos modos fossem estranhos para ela, ela se manteve firme e verdadeira com seu marido. — Seus olhos prenderam os meus e ele sussurrou: — Ela passou no teste.

Pisquei para ele.

Ah, meu Deus!

Karrim não me deu tempo para surtar, ele continuou falando.

— E, portanto, tenho agora graves preocupações com a notícia de que ela, nossa rainha guerreira, a rainha de ouro, teve seu espírito quebrado. Ela esconde sua glória do marido. Ela disfarça suas garras que ele gosta de desafiar com sua espada.

Ah, cara.

Fiquei quieta e mantive meus olhos colados a ele, mesmo quando Diandra se mexeu.

Eu sabia o que essa mudança significava. Significava que minhas garotas estavam conversando, Diandra estava ouvindo e agora ela ia se intrometer.

Merda.

— Seu rugido de pesar foi ouvido em Korwahn naquele dia em que você desapareceu — Karrim disse suavemente e senti meu corpo ficar completamente imóvel. — Com a violência da tempestade e sua parada abrupta, todos sabiam que você a comandava e muitos pensaram que ele havia perdido o filho, e o som foi tão torturado, que talvez até você. Todos ficaram contentes em saber que você só tinha tido complicações, que estava bem, mas descansando.

Pressionei meus lábios um no outro para negar suas palavras saltando ao redor do meu cérebro.

Boas palavras.

Ótimas palavras.

Palavras perigosas.

Perigosas para minha paz de espírito e meu coração.

— E naquele dia, eu fui convocado — Karrim prosseguiu. — A Horda estava em guerra e eu geralmente dava assistência ao meu rei, me certificando de que suas mensagens e comandos fossem enviados e recebidos de e para guerreiros que lutavam em diferentes frentes. Mas ele ordenou que eu não partisse com a Horda quando eles fossem a Maroo.

Ele me disse, sob a mais estrita confiança, que havia outro mundo, e que você, sua deusa, tinha vindo de lá e à noite, ele havia te perdido já que você havia retornado a ele. E então ele ordenou que eu revirasse esta terra para encontrar uma bruxa que pudesse te trazer para casa e te prender aqui. Ele ordenou que nenhuma despesa fosse poupada. Se eu tivesse que vasculhar as profundezas geladas de Lunwyn, eu deveria fazer isso. Se eu tivesse que cruzar a totalidade do Mar Verde para procurar terras distantes, teria que fazer. Eu não pararia até encontrar a magia para trazê-la de volta para casa e *mantê-la aqui*. — Ele assentiu com a cabeça uma vez. — E foi o que eu fiz.

Agora eu estava respirando com força.

Lahn havia feito isso no dia em que desapareci. Lahn ordenou isso de imediato. Ele não havia decidido acreditar em mim em algum momento nos últimos cinco meses, nem foi cuidar dos seus negócios primeiro.

Lahn iniciou seus planos para me trazer de volta imediatamente.

Ah, *Deus*.

— Felizmente, pude prestar este serviço ao meu rei. Viajei muito, utilizei muitos cavalos, troquei muitas riquezas. E não apenas encontrei a bruxa que a trouxe de volta, mas também encontrei uma princesa do norte, com cabelos claros como a neve que encanta a embarcação do seu marido Raider, onde a encontrei. Um navio em que ela habita quando não está embelezando uma de suas casas de inverno em Lunwyn. E ela me confidenciou que também vem do seu mundo.

Putá merda!

— Sério? — sussurrei, me inclinando para frente.

Ele assentiu e sorriu novamente.

— Sim. Ela e o marido estão muito interessados em você, pois nunca ouviu falar de outra pessoa como ela. Eles não pediram pagamento pelas longas conversas que tiveram comigo, me contando sobre o seu mundo, perguntando por você. Só pediram que eu enviasse um mensageiro para encontrá-los quando você retornasse. Eles viajam muito

e não tenho ideia de quando a minha mensagem será recebida, mas quando for, ela pretende te visitar, minha rainha de ouro.

Uau. Uau. *Uau*.

— *Uau* — murmurei, seu sorriso se alargou e ouvi Diandra sufocar uma risada, então olhei para ela. Esquecendo que eu tinha sido uma vadia total, sorri para ela e perguntei:

— Diandra, querida, isso não é legal?

Sua boca suavizou, seus olhos brilhavam e ela sussurrou:

— É sim, meu amor, muito... *legal*.

Eu a observei e senti meus olhos brilharem também.

Então senti outra dor na barriga, franzi as sobrancelhas e olhei para baixo, mas Karrim continuou.

— Eu lhe digo tudo isso, minha verdadeira rainha de ouro, porque posso não saber o que aconteceu com você e nosso Dax para entender porque essa desavença continua, mas gostaria que você soubesse...

Ele parou de falar ao me ouvir gemer quando a dor voltou, mais forte, mais profunda e me inclinei para a frente em um reflexo, afastando a mão que estava acariciando Ghost e a envolvendo em meu ventre.

— Circe? — Diandra chamou, e eu parei de cerrar os dentes quando a dor desapareceu.

Respirei fundo e deixei o ar escapar através dos lábios formando um tenso “O”.

Então olhei para a minha amiga.

— Eu estou bem, é só...

Parei de falar e Karrim saiu da sua cadeira, Ghost ficou de pé e Diandra veio na minha direção.

Porque minha bolsa estourou.

Ah, cara.

Olhei para Diandra e terminei de falar.

— Eu estou bem. É só que estou tendo um bebê.

Ela sorriu para mim.

Karrim se apressou até as escadas e gritou:

— Chamem o Dax imediatamente! O filho dele está chegando!
Ótimo.

Karrim tinha uma boca grande.

Diandra me tirou com cuidado da espreguiçadeira, murmurando:

— Vamos descer essas escadas enquanto ainda é possível.

Isso, eu pensei, era uma boa ideia. Então a segui após ficar de pé e Karrim correu de volta para nós. Eles me levaram até a escada, cada um segurando forte meus braços, como se eu fosse uma inválida, não que estivesse só em trabalho de parto.

Ignorei isso e me virei para Diandra.

— Precisamos conversar.

— Sim, minha querida — ela assentiu. —, mas, talvez, não agora.

Chegamos ao topo da escada.

— Eu preciso explicar.

— Tenho certeza de que precisa. — Ela me soltou, deu um passo para baixo, em seguida, se virou e pegou minha mão, começando a me levar para baixo quando Karrim me apoiava por trás. — Mas, depois.

— Havia uma razão pela qual eu... — comecei.

Ela parou no meio da escada e apertou minha mão com força.

— Circe, você pode, por favor, se concentrar em descer as escadas, entregando com sucesso o guerreiro que sucederá o Dax e *depois* vamos conversar sobre por que você se trancou para lamber suas feridas, chorar pelo seu mundo perdido, considerar seu futuro... o que eu e todos as suas amigas já *entendemos*. Isso parece bom para você?

Sorri abertamente.

— Sim, querida, isso parece bom para mim.

Ela assentiu e murmurou *Dohno*, e ela e Karrim acabaram de me levar escada abaixo, pois todas as minhas garotas, exceto Twinka, estavam esperando, pulando com uma excitação mal disfarçada.

Merda.

Capítulo 32

O Deus e a Deusa

— Empurre, minha rainha de ouro — a curandeira, de pé atrás de mim na banheira, apoiando meu torso com os braços sob minhas axilas e as mãos segurando meus ombros, incitou no meu ouvido.

Meus olhos ficaram presos aos de Lahn enquanto eu murmurava.

— Certo.

Era oficial. Nunca mais teria outro filho. E eu não teria, porque essa merda doía pra caramba.

E eu não estava animada sobre como os Korwahk tinham bebês.

Eu estava usando uma camisola ao estilo Korwahk na banheira, a curandeira me segurando pelas costas, duas das suas (três, como se eu precisasse de muita companhia!), assistentes me segurando, uma de cada lado, a terceira fora da banheira por alguma razão que não perguntei, e o melhor de tudo (só que não!), meus tornozelos apoiados nos ombros largos de Lahn. Ele, a propósito, estava usando suas peles, ajoelhado na piscina pronto para pegar a criança, caso ela se dignasse a fazer uma aparição.

Aparentemente, eu estava errada. Kah teenkah tunakan não estava irritado, ele não tinha espaço suficiente para se mover.

Ele gostou de onde estava e resolveu ficar.

Meu corpo é que estava exausto da presença dele.

O problema era que, por mais que eu tentasse, tão forte quanto eu empurrava, não conseguia tirar a criança.

E isso estava acontecendo há muito tempo. Tempo demais. Eu estava muito desgastada.

Empurrei com o resto de força que eu tinha, o que realmente não era muito, então desisti, minha cabeça caindo de volta no ombro da

curandeira, porque eu não conseguia mais sustentá-la, meus olhos perdendo contato com Lahn pela primeira vez desde que essa droga começou (exceto, é claro, quando os fechei para fazer força).

— Circe, minha querida, por favor, por favor, *empurre* — Diandra encorajou.

Ela estava vagando ao lado da banheira — com Ghost rondando ao seu lado, observando —, torcendo as mãos, e enquanto os minutos passavam, visivelmente de animação para tensão, seguido por muita tensão e agora ela não estava escondendo o pânico.

— Não posso — sussurrei, a dor me rasgando. Eu não podia empurrar e lutar contra a dor ao mesmo tempo. Isso simplesmente não ia acontecer.

— Devo cortar, meu Dax — a curandeira disse baixinho.

— Me — Lahn rosnou ferozmente.

— Ele não vem — a curandeira continuou em silêncio, afirmando o óbvio.

— *Me!* — Lahn grunhiu e seus braços se apertaram ao meu redor.

— Minha rainha, por favor, você deve *empurrar* — ela sussurrou no meu ouvido.

Balancei a cabeça, sem forças, a levantei e tentei de novo. Eu não tinha mais nada, mas dei tudo que pude, apertei os olhos com força e enterrei os calcanhares nos ombros de Lahn, mas nada aconteceu.

Desmoronei de volta, apoiando-me apoiando nos braços dela.

— Meu Dax — a curandeira sibilou com urgência. — preciso cortar.

— Se você cortar, eu perco a minha rainha — Lahn rosnou, e eu apertei as pálpebras com mais força.

— Talvez eu possa costurá-la, como ela fez com o guerreiro — a curandeira sugeriu.

Ah, cara. Cirurgia experimental primitiva.

Muito bem.

— *Você não vai cortar* —, Lahn grunhiu novamente e senti seus dedos segurarem meus tornozelos. — Minha linda — ele chamou, sua voz suave. — Olhe para mim.

Lutei contra a dor, respirei fundo e, com esforço, levantei a cabeça.

Então olhei para o que vi. Era um olhar nebuloso, mas eu vi.

Sim, definitivamente vi aquilo. Claro e desobstruído.

Lahn estava com medo.

— Minha tigresa não admite derrota — ele me disse, seus dedos apertando ao redor dos meus tornozelos. — Minha guerreira de ouro nunca admite a derrota. — Meus olhos se fecharam lentamente e seus dedos me deram um aperto, então eu os abri. — Empurre, baby — ele sussurrou.

Ele manteve meu olhar e, assim como naquele dia em nossa casa, algo me atingiu. Algo que eu não sabia que tinha. Surgiu através de mim, assumindo o controle, e eu cerrei os dentes, balancei a cabeça, fechei os olhos, enfiei os calcanhares nos ombros do meu marido e empurrei.

Com força.

Então novamente.

E de novo.

E mais uma vez.

— Ele está coroando — uma assistente sussurrou.

— Louvada seja a verdadeira mãe — a curandeira murmurou.

Então empurrei novamente.

E de novo.

— É isso, minha Circe — Lahn encorajou, seus dedos acariciando profundamente a pele da parte interna das minhas coxas

Então empurrei de novo e as mãos de Lahn se moveram de mim para entre as minhas pernas enquanto eu o sentia chegar.

— Ah, Circe! — Diandra gritou com prazer.

— A espada do rei — a curandeira pediu rapidamente.

Desmoronei nos braços que me apoiavam enquanto a água espirrava ao meu redor.

Aleluia.

Ele estava *fora de combate*!

Umedeci os lábios e virei a cabeça no ombro da curandeira para ver a última assistente, agora também na água, trabalhando com Lahn entre as minhas pernas.

Então ouvi sua voz profunda, agora rouca, chamando “Minha Circe”, e virei a cabeça para trás para vê-lo segurando um menino perfeito, minúsculo e de cabelo preto.

E ele era *perfeito*. Absolutamente. Do topo da cabeça até as pontas dos dedos dos pés.

Ele também estava berrando pra caramba.

Perdi meu bebê de vista quando as lágrimas encheram meus olhos.

Mas, de repente, meu corpo estremeceu e meu grito soou no ar quando uma nova dor rasgou minha barriga.

— Leve a criança! — a curandeira gritou e meu corpo se contraiu, em seguida, se agitou quando a dor me atingiu de novo, a água espirrou ao meu redor, as pessoas trocaram de lugar e Lahn grunhiu.

— O que está acontecendo?

Depois de alguns instantes, quando minha barriga foi cutucada enquanto ela estava entre as minhas pernas, a curandeira respondeu alegremente:

— Lá vem outro. Empurre minha rainha, *empurre*.

Outro?

Virei a cabeça para olhá-la enquanto ela se posicionava de novo atrás de mim.

— Outro? Outro o quê?

— Você carrega gêmeos — ela me disse. — Empurre, minha verdadeira rainha de ouro.

Gêmeos?

Olhei para Lahn e questioneei:

— Você tem gêmeos na sua família?

Ele olhou para mim e ordenou:

— Circe, empurre.

— *Diga-me!* — gritei.

— Sim! — Ele cortou. — Meu pai nasceu antes da irmã que compartilhou o ventre com ele.

Ah. Meu. Deus!

— *E você não pensou em me dizer?* — gritei.

— Circe, meu amor, *empurre!* — Diandra pediu.

Olhei para Lahn.

Então cerrei os dentes, fechei os olhos, enfiei os calcanhares nos ombros do meu rei (*de forma dura*) e empurrei.

Minha filha saiu com facilidade.

Ela tinha penugem dourada na cabeça.

Senti a cama se mover e abri os olhos no momento em que Lahn se acomodou ao meu lado.

Vi que ele ergueu a cabeça, acenando para alguém, então me virei e vi Diandra e a curandeira ao lado da cama, cada uma segurando um pacote embrulhado.

Diandra se curvou primeiro com o meu filho de cabelos escuros e o encostou no meu peito. A curandeira veio em seguida, colocando a menina de cabelos dourados perto do irmão. Ao mesmo tempo, o braço de Lahn se fechou ao redor dos filhos recém-nascidos, assim como eu.

Diandra e a curandeira se afastaram silenciosamente, a porta se fechando atrás delas.

Olhei para Lahn e senti seus lábios roçarem minha têmpora, então a cama se moveu quando ele se mexeu, e eu observei enquanto ele

tocava os lábios em cada cabecinha.

E, a propósito, a cada toque de seus lábios, meu coração se derreteu.

Ele levantou a cabeça e seu rosto chegou perto do meu.

Então ele declarou com uma voz doce e suave:

— Eu o nomeio de Tunahn, o cavalo. Como meu pai me deu o nome do deus tigre, orgulhoso, feroz e astuto, eu nomeio o nosso guerreiro como o deus do cavalo, forte, inteligente e leal.

Lá estava.

Dax Lahn estava nomeando nosso filho sem sequer me perguntar o que eu pensava.

Embora, eu meio que gostei de “Tunahn” e definitivamente gostei das razões que ele o escolheu.

— Agora, kah teenkah tunakanahsa — ele sussurrou. — Qual nome você dá a nossa filha?

Ah.

Nós estávamos nos revezando.

Certo, eu podia aceitar isso.

— Isis — soltei, por razões desconhecidas a mim. Acabou saindo.

— Isis — ele sussurrou, seus olhos vagando para a cabeça dourada e, pelo jeito que ele disse essas duas sílabas, decidi que era esse. Minha garota era Isis. Então seu olhar veio para mim. — Por que você nomeia a nossa princesa de ouro assim?

Inclinei um pouco a cabeça quando me dei conta, pela primeira vez, que eu e meu marido estávamos compartilhando algo estranho e muito legal.

Então respondi calmamente:

— Seus pais te deram o nome de um deus e os meus me deram o nome de uma deusa. Circe era a deusa da magia. Ísis também é uma deusa. Ela é a deusa da maternidade e da magia.

Lahn abriu um sorriso que eu gostei muito.

— Isso me agrada — ele sussurrou.

Também me agradava e, caramba, me agradava que isso lhe agradasse.

Olhei em seus olhos e sussurrei de volta:

— Dohno.

Seu braço longo e forte apertou sua família e seus olhos caíram para minha boca. Meu coração se aqueceu mais quando minha respiração ficou presa e meus olhos observaram os dele. Estava vindo na minha direção. E quando nossos lábios se tocaram, os dele se abriram e os meus não hesitaram em fazer o mesmo, nem a ponta da minha língua hesitou em se mover para tocar a doçura da dele e, naquele toque, o calor me invadiu, forte e incrivelmente doce.

Ele levantou a cabeça e eu soube ao ver os seus olhos, que ele sentiu o mesmo.

— Estou muito orgulhoso de você, minha linda de ouro — ele sussurrou.

— Shahsha — sussurrei de volta.

— Embora — seus lábios se contraíram — Eu ache que a última vez que você enfiou os calcanhares em meus ombros foi mais outra coisa que um esforço para trazer nossa filha para este mundo.

Ele não estava errado sobre isso.

Afastei os olhos.

— Circe — ele chamou. Voltei a olhá-lo, e ele compartilhou gentilmente. — Só houve um momento na minha vida quando fui mais feliz do que neste, foi quando você estava compartilhando a beleza que sua magia criou enquanto dizia que me amava. — Ele nos deu outro aperto. — Obrigado, baby.

Mordi o lábio enquanto isso deslizava por dentro de mim, quente e doce também.

Certo, eu estava com problemas.

Eu não seria capaz de resistir a esse tipo de coisa fofa.

Ainda assim, o momento justificava, então não pude deixar de sussurrar:

— Disponha, Lahn.

Seus olhos se aqueceram ainda mais, depois ele baixou a cabeça, desceu para que pudesse tocar os lábios contra a minha testa, minha têmpora e depois meus lábios.

Ele se sentou ao meu lado e pediu em voz baixa no meu ouvido:

— Descanse, minha linda. Vou segurar você e nossa família enquanto você dorme.

Ok, merda.

Merda, merda, merda.

Isso foi mais do que fofo.

Foi lindo.

— Ok — sussurrei.

Com o braço apertado ao redor dos minúsculos pacotes dormindo no meu peito, respirei suavemente, soltei um leve suspiro e fechei os olhos.

Poucos minutos depois, minha família e eu dormíamos seguros nos braços fortes do meu marido.

Ouvi seu rugido. Não estava exatamente perto, mas também não estava longe, e meus olhos se abriram.

Uma luz suave de velas iluminava nosso quarto dos quatro suportes altos de ferro em volta da cabeceira da nossa cama. O resto do cômodo estava no escuro, mas quando as palavras gritadas soaram para mim, meus olhos vagaram pelos dois bebês descansando de costas na cama, perto da curva do meu corpo e eu inclinei a cabeça para trás nos travesseiros.

Olhando através do quarto e as portas abertas para o banheiro, vi meu marido em pé na varanda, iluminado pelas luzes brilhantes de muitas tochas que vinham da rua.

— Sua rainha guerreira de ouro prova mais uma vez minha afirmação de que sua beleza anuncia a Dinastia Dourada! — Lahn gritava. — Ela lutou de forma poderosa e se recusou a aceitar a derrota quando o fruto da nossa união, o futuro do nosso império a desafiou. Como minha rainha de ouro sempre faz, ela triunfou, trazendo não um, mas dois herdeiros plantados da minha semente em seu ventre dourado!

Um entusiasmo animado e chocado soou, mas Lahn continuou falando.

— Um forte príncipe guerreiro que será seu futuro Dax e uma bela princesa de ouro que vai espalhar beleza e generosidade a todos os Korwahk!

Outra alegria tempestuosa, mas novamente Lahn continuou falando.

— O Príncipe Tunahn e a Princesa Isis dormem na teia de segurança tecida a partir da magia da minha rainha de ouro e do meu poder, eles crescerão e florescerão até que levem adiante a nossa dinastia para todo o nosso povo!

Mais comemoração e mais palavras de Lahn.

— Salve o Príncipe Tunahn! Salve a Princesa Isis! E salve a sua rainha de ouro Circe!

Aqueles gritos ecoaram, saudando a mim e meus filhos, mas eu sabia que Lahn havia terminado. Como de costume, ele não aproveitou o frenesi que criou. Ele se virou e caminhou para mim.

Eu o vi se mover pensando que sua postura estava um pouco dura, mas não pude deixar de gostar.

Senti meus preciosos bebês se mexerem e afastei os olhos de Lahn para ver que os dois estavam acordados e se mexendo. Os movimentos de Tunahn pareciam agitados, até exigentes. Isis parecia

exploratória, seus olhos, que ainda não enxergavam, piscando. Ela estava acordada, mas parecia contente.

O peso de Lahn atingiu a cama mesmo quando os gritos continuaram a soar e ele sussurrou:

— Eles desejam mamar, kah rahna fauna.

Ah, cara.

Assenti, pensando que teria que me acostumar com isso, então eu poderia muito bem começar agora e, estremecendo, me mexi para me sentar.

Lahn pegou Isis cuidadosamente e a entregou para mim depois que eu abri o cordão da camisola sobre os meus seios.

— Nossa princesa primeiro — ele murmurou enquanto a peguei com cuidado.

Eu a estava posicionando, me sentindo um pouco estranha e muito envergonhada, quando ofereci o mamilo para minha filha e Lahn pegou o agitado Tunahn.

Então, com Tunahn aconchegado na curva do braço de Lahn, o outro braço envolvendo a minha cintura, ele puxou a mim e a Isis com gentileza, então estávamos descansando contra seu corpo sólido.

Uma vez lá, instantaneamente Isis pegou o seio e começou a sugar.

Fechei os olhos enquanto o leite corria, nutrindo minha filha com a força do meu marido me apoiando, e tudo isso deslizou através de mim como seda.

Relaxei e embalei minha filha contra mim. Os dedos de Lahn acariciaram a lateral do meu corpo suavemente. Tunahn continuou a se agitar.

— Nosso filho vai ser ganancioso — Lahn murmurou, e eu sorri.

Tal pai tal filho.

— Talvez, no futuro, Tunahn deva ir primeiro. Isis parecia contente em esperar — sugeri.

— Me — Lahn respondeu. — Ele exigiu mais do seu ventre e saiu primeiro. Agora, deve aprender a ter paciência e compartilhar.

Isso era verdade, a parte de exigir mais do meu ventre. Tunahn era um garotinho saudável. Ísis era delicada em comparação ao irmão.

— Tudo bem, Lahn — falei suavemente. — Você sabe como construir um guerreiro.

— Humm — ele murmurou, o que também deslizou através de mim como seda. —E estou ansioso para aprender a estragar uma princesa.

Cara, ah, cara.

Ah, *cara*.

Não pude parar e nem tentei. Apoiei a cabeça em seu ombro e virei para poder pressionar minha têmpora contra seu pescoço.

Com isso, Lahn me segurou com mais força.

Quando Isis terminou, foi Lahn quem executou a impossível manobra de trocar os bebês e segurou a mim e a Ísis novamente enquanto Tunahn se alimentava (ele se agarrou imediatamente e sugou com força — definitivamente ganancioso e sabendo o que queria — portanto, definitivamente o filho de seu pai).

Adormeci no meio da mamada, apoiada no pescoço do meu marido, com meu filho nos braços. Acordei mais tarde com o quarto escuro, a camisola amarrada nos seios, meu corpo protegido contra o frio sob a forte segurança do meu rei.

— Durma, minha Circe — ele murmurou, seu braço ao meu redor me apertando. — Você deve recuperar sua força.

— Onde estão as crianças? — perguntei com a voz sonolenta, minhas pálpebras se abrindo e fechando, querendo atender ao seu comando ao mesmo tempo que eu queria uma resposta.

— Em suas camas, onde eles sempre irão dormir. Esta é a nossa cama, minha rainha de ouro — Lahn respondeu. Meus olhos se fecharam, mas antes que eu me afastasse, o ouvi murmurar: — A menos que minha Isis de ouro esteja inquieta. Então ela terá seu pai.

Flutuei para longe pensando, *ah, cara*.

Capítulo 33

A Ressurreição

Seis semanas depois...

— Circe! Não sei o que fazer com você! — Diandra falou, olhando para mim com impaciência, e eu levantei a mão para cobrir a cabeça do bebê adormecido preso no meu peito.

— Diandra! — retruquei. — Shhh! — Olhei de um lado para o outro ao redor do movimentado mercado onde eu e minhas amigas estávamos. — Você vai acordar Tunahn ou as pessoas podem ouvir.

Ouvi um leve risinho e movi os olhos para Sabine, que estava muito perto de Zahnin e também de Narinda, que tinha Isis presa ao peito por cima do seu próprio bebezinho.

Então meu olhar percorreu Claudine, Nahka, Anastasie, Oahsee, Char e Vuntus, que rapidamente desviaram o olhar, apertando os lábios, girando os olhos e fingindo interesse em uma tenda que continha uma variedade de tiras de couro que os homens podiam usar no peito.

Diandra se aproximou de mim e colocou a mão sobre a minha, na cabeça de Tunahn, e sussurrou de volta: — Não quero incomodar seu pequeno guerreiro, mas não me importo se as pessoas ouvirem! Isso não pode continuar.

Ao questionamento não tão gentil de Diandra, apenas compartilhei com ela (e com minhas amigas) de forma hesitante que, mesmo depois das cenas comoventes após o nascimento dos nossos filhos, as coisas não mudaram entre Lahn e eu.

Isso aconteceu principalmente porque fui pega de surpresa, sendo mãe de dois filhos em um mundo primitivo e decidindo, mesmo que eu

tivesse escravas, que não podiam esperar para colocar suas mãos nos meus bebês, eu colocaria a mão na massa.

Sem mencionar que, considerando que eu estava amamentando os dois, e Tunahn parecia querer se alimentar continuamente, eu não tinha escolha.

Portanto, eu estava exausta, constantemente correndo com um ou dois filhos nos braços (ou presos ao corpo) quase o tempo todo. Até metade da noite. E quando isso não estava acontecendo, eu estava tentando pegar no sono ou comer, porque a amamentação me deixava faminta.

Então não vi muito o meu marido. Em parte, porque eu estava ocupada. parte também, porque eu estava fazendo de tudo para evitá-lo (como naquele momento, passeando pelo mercado com minhas amigas e fazendo muitas caminhadas com meus filhos, para estar entre o meu povo e perder o peso da gravidez). Porque quando *e/e* estava com nossos filhos, especialmente Isis, o jeito que ele a adorava (aos dois, na verdade, mas os primeiros sinais de alerta mostravam que a princesa Isis seria a filhinha do papai), derretia-me; e era um milagre que eu ainda continuasse de pé.

E isso não levava em conta a maneira como ele era louco por *mim*.

Dax Lahn estava orgulhoso da sua família e não escondia isso. Apesar de eu ter sido injusta com ele ao enfiar os calcanhares com força em seus ombros como vingança no calor do momento do parto. Me esqueci que a mãe da minha mãe era gêmea e pesquisei sobre isso há séculos para saber o que poderia significar para o meu futuro e descobri que era uma mulher geneticamente predisposta a ter gêmeos.

Então a culpa era minha.

Ou, mais precisamente, o benefício era meu.

Não dividi essa informação com ninguém e, portanto, todo mundo estava vangloriando que seu Dax não era apenas o mais poderoso, mas também o mais viril, já que sua *outra* poderosa espada gerou dois filhos

em mim. Eles não tinham ideia de que era eu quem estava predisposta a isso e liberei dois óvulos que seus guerreiros nadadores puderam fertilizar. Eles não entenderiam, mesmo se eu tentasse explicar, e deve ser dito, o próprio Lahn parecia muito satisfeito com os resultados da nossa união, então não tive coragem de explicar.

Isso tudo também era, *não* que eu estivesse admitindo para mim mesma, meu mecanismo de defesa contra um marido que me magoou profundamente, mas cuja doçura implacável estava curando uma ferida que eu, com teimosia, me recusava a permitir se curar.

Mas agora, eu o perdoei e não sabia como dizer isso a ele.

E o tempo estava passando.

Quanto mais eu procrastinava, mais se tornava menos uma questão de eu dizer a ele que o perdoava e mais de eu precisar ser perdoada por meu atraso em deixar meu bruto selvagem em espera.

Por que eu sempre fazia isso?

Deus, eu era tão idiota!

E porque eu era uma idiota, a cerca de três semanas, a doçura de Lahn começou a ter uma pontada de impaciência. Esse sentimento cresceu, se espalhou, aumentou e ficou mais afiado e agora era grande e muito cortante, como o lado da sua espada.

Sim.

Muito. *Estúpida*.

— O Dax está de mau humor — Diandra disparou, atraindo minha atenção de que eu era idiota, apontando os resultados da minha estupidez. — E esse mau humor pode voltar para casa com ele, mas também se *espalha* e, sendo o Dax, quando se espalha, causa um grande *transtorno*. Posso lhe assegurar que, se ele compartilha sua frustração com você em casa, pode elevar isso em cem vezes a forma como ele compartilha com seus guerreiros e alguém próximo o suficiente para receber o chicote da sua língua. Ela se inclinou para mim. — Posso garantir isso, porque *Seerim me disse* que o rei Lahn está cercado por

uma aura de preto e todos, sejam eles guerreiros, guerreiros em treinamento, homens livres ou escravos, estão dando a ele e sua aura *um grande espaço*.

Ah, cara.

Sendo Diandra, ela seguiu em frente.

— E, eu diria que Dax sendo *Dax Lahn*, é uma boa possibilidade que possa se formar até a ponta de um chicote ou a borda de aço se você continuar por muito mais tempo *mantendo o rancor e retendo seus encantos*. O homem está praticamente implorando por um desafio ou algum motivo para desencadear um pouco da sua impaciência em *alguém* e a única coisa que sei é que esse alguém *não* será *você*.

Ah, cara!

Antes que eu pudesse abrir a boca, ela continuou.

— O que eu gostaria de saber é se você está disposta a ser responsável por um dos guerreiros em treinamento, o que não poliu sua sela com brilho o suficiente, ter suas costas dilaceradas por este erro ter sido percebido?

Não. Alguém poderia dizer que eu não queria isso, de maneira alguma.

Embora eu tenha me surpreendido, a sela de Lahn era bem polida. Eu não achava que um bruto selvagem se importaria com algo assim.

— Não, Diandra — sussurrei e apoiei a mão com mais firmeza na cabeça do meu filho porque, na verdade, eu era tão... *merda*... estúpida!

Ela afastou a mão, mas não saiu do meu espaço.

— Eu entendo, minha querida, depois que você me contou como ele reagiu ao fato de você ser quem é e de onde é... as palavras que ele disse, como isso te marcou. As palavras provocam marcas mais profundas que as mãos. Elas duram mais e às vezes nunca se esquece. Mas o eunuco *Ihe* disse que o Dax Lahn o fez parar tudo para te trazer de volta e de forma que você se mantivesse ao lado dele. E eu vi o medo...

Seus olhos semicerraram quando os meus se arregalaram, mas ela continuou falando.

— Ah, sim, minha querida, não pense que não notei durante o parto dos gêmeos que ele pensou que a perderia de uma forma que nenhuma mágica poderia trazê-la de volta.

Ela respirou fundo e continuou.

— Eu te amo, minha linda amiga, minha rainha de ouro, você sabe que eu te amo muito, mas isso já foi longe o suficiente. Sei que, com as circunstâncias que você e eu compartilhamos, você acha difícil falar com aqueles que ama quando sente que agiu errado... — Meu Deus, me assustava que ela me conhecesse *tanto*. — Mas também sei que você é nossa rainha guerreira, seu coração é tão feroz quanto caloroso, e você pode recuperar forças para encontrar as palavras para consertar a mágoa e encontrar perdão.

Ela voltou a apoiar a mão sobre a minha na cabeça de Tunahn e seus olhos observavam os meus profundamente.

— Encontre as palavras, Circe — ela pediu com gentileza. — Conserte as mágoas em seu casamento, perdoe o seu marido e o deixe perdoá-la. Faça isso por você, por ele, pelos seus pequeninos e, pelos deuses, por todos nós.

Mordi o lábio e olhei através das minhas amigas.

Então ergui os olhos e, vi Zahnin e Bain.

Zahnin inclinou o queixo para cima. Ele ouviu. E concordava com Diandra.

Nenhuma surpresa.

Bain sorriu. Ele ouviu. Seus pensamentos já estavam além da parte difícil e chegando às coisas boas.

E, definitivamente, poderíamos dizer que eu sentia falta das coisas boas.

Então, nenhuma surpresa sobre Bain também.

Ergui a cabeça para Bain, em seguida, baixei e Diandra tirou a mão enquanto eu descansava meus lábios contra a cabeça do meu filho.

Ouvi uma agitação, ergui a cabeça e afastei a mão da cabeça de Tunahn para envolver um braço protetor ao redor dele quando vi Zahnin segurando um menino com a grande mão em seu ombro.

— O Dax ordena a presença de sua rainha de ouro. É urgente. Ela foi convocada a não se atrasar — o menino, sem fôlego da corrida, colocou as palavras para fora.

Ah, merda.

Olhei para Zahnin, que balançou o queixo para mim, e ele se moveu como ordenado, isto é, sem demora. Meu grupo se aproximou e Zahnin assumiu a frente, Bain ficou para trás enquanto nos apressávamos pelo mercado e pelas ruas de Korwahn até Lahn e minha casa.

Mal chegamos à porta antes de parar, chocada ao ver Lahn em pé, com os braços cruzados, as pernas firmes e o rosto duro, no pátio.

Ao lado dele estava uma mulher muito velha. Seu cabelo era todo branco, era magra e com muitas rugas no corpo e ao redor do rosto. Ela era ainda mais curvada e enrugada do que Twinka, que estava logo atrás dela, seguida por Jacanda.

— Levem as crianças, agora — Lahn grunhiu.

Meu corpo estremeceu ao seu tom e Twinka e Jacanda saltaram para frente.

Twinka, a propósito, ainda não gostava de mim e não escondia, mas ela adorava meus filhos. Tanto que eu tinha que ficar de olho nela porque eu jurava que a escrava louca os assustaria no meio da noite se eu não fizesse isso.

Twinka foi até Narinda e Jacanda veio até mim, as duas se movendo para desamarrar os tecidos que seguravam os bebês e levá-los enquanto Lahn continuava emitindo ordens curtas.

— O resto, saia. Agora. Não quero ouvidos. — Seus olhos cortaram para Twinka. — As crianças serão cuidadas em seus aposentos. Não

entre nesta casa até que você tenha a minha autorização. Ele balançou a cabeça para Twinka, que assentiu e correu para longe com Ísis, Jacanda com Tunahn logo atrás. — Zahnin — Lahn terminou —, você fica para escoltar a bruxa quando ela tiver terminado.

Pisquei para a mulher curvada de cabelos brancos para ver que ela estava me estudando. Ela tinha o tom de pele e, provavelmente, costumava ter o cabelo de um Korwahk, mas seus olhos eram azuis brilhantes.

Esquisito.

E ela era uma bruxa.

Ainda mais estranho.

Eu não sabia o que fazer com isso. O que eu sabia era que o que quer que ela estivesse fazendo aqui, Lahn não gostava.

Não achei isso bom.

Minhas amigas saíram. Zahnin tomou seu lugar. E Jacanda e Twinka já tinham ido embora com Tunahn e Isis, quando Lahn baixou os braços e entrou em um dos cômodos no andar de baixo, que era meio que uma sala de estar, mas todos eram, já que na maior parte tinham apenas tapetes e almofadas, exceto o salão que tinha uma mesa de jantar.

Quando a bruxa e eu o seguimos, ele bateu a porta depois que entramos na sala e não perdeu tempo, virando as pernas, cruzando os braços e grunhindo:

— Entregue sua mensagem para minha rainha.

Estremeci e olhei do meu marido para a bruxa.

— Você é Circe Kaye Quinn? — a mulher perguntou em Korwahk.

Abri a boca para responder, mas Lahn falou primeiro.

— Ela é Dahksahna Circe, a verdadeira rainha guerreira de ouro de Korwahk.

A bruxa assentiu para Lahn, um sorrisinho inclinou seus lábios e ela voltou os olhos para mim.

Ela levantou a mão, a enfiou no sarongue e tirou um pedaço dobrado de pergaminho amarelado de bordas ásperas.

Meu coração acelerou e fiquei nervosa quando ela anunciou:

— Há uma semana, entrei em transe e uma mensagem foi entregue a mim por seu pai.

— Ah, meu Deus — sussurrei apertando as mãos e as levando ao peito, enquanto meus olhos estavam colados nela.

— É em uma língua que não entendo. Escrevi como ouvi e vou compartilhar com você da mesma maneira. Ele espera uma resposta e vim rapidamente a Korwahk para lhe dar esta mensagem, pois o feitiço dele me prendeu e não estarei livre do desejo dele até dar sua resposta.

— O que ele disse? — perguntei e ela assentiu, desdobrou o pergaminho e começou a falar no meu idioma.

— Circe, garota, aqui é o seu pai. Acho que você está percebendo que vou te deixar aí pelo seu bem e do meu neto. Se aquele imbecil não estiver te tratando bem, avise a quem lhe der esta mensagem e nós vamos mover o céu e a terra para encontrar uma maneira de trazer você para casa. Se ele estiver, diga a ela também. E quero saber o nome do meu neto. E se ele não estiver, avise a ele que vou encontrar um jeito de fazer uma magia para chutar seu traseiro de guerreiro. Mas tenho toda a esperança do mundo que você esteja feliz, querida. Eu te amo, menina Circe, e sempre amarei.

Cerrei os dentes e engoli em seco quando fechei os olhos.

— Posso supor que sei o que significa “imbecil” — Lahn comentou de forma lacônica e eu abri os olhos.

Ele tinha ouvido a mensagem antes, entendeu e era por isso que ele estava chateado.

Merda!

Abri minha boca para falar, mas Lahn foi mais rápido e grunhiu para a bruxa.

— Saia agora. Minha esposa lhe dará a resposta amanhã. Volte depois que o sol começar se pôr.

Ela assentiu, notando o humor dele (que era difícil de não ser notado) e deu o fora dali.

A porta mal fechou quando eu comecei.

— Lahn...

Mas não terminei. Ele se lançou na minha direção, segurou minha mão com força e me arrastou para fora da sala.

Corri para acompanhar seus longos e furiosos passos, e ele já estava na escada antes de eu conseguir murmurar:

— Lahn! O que é isso?

— Quieta — ele grunhiu.

Ah, não.

Talvez Diandra estivesse errada. Talvez Lahn não fosse encontrar outra pessoa para receber sua impaciência. Talvez esse alguém fosse ser eu.

Ele foi direto para o nosso quarto, me puxou com tanta força que voei por cinco degraus quando ele me soltou. Ele entrou depois de mim e bateu a porta.

Ah, não, de novo.

Levantei a mão e comecei a recuar quando ele começou a avançar.

— Lahn — sussurrei.

— Oito meses — ele cortou e eu pisquei.

— O-o quê? — gaguejei enquanto continuava recuando e Lahn continuava avançando.

— Oito meses, minha rainha, que não tomo uma mulher.

Ah, meu Deus!

Pisquei de novo e no nano segundo daquela piscada, essa notícia me atingiu como um tiro.

Ah, meu *Deus*!

Meus olhos ficaram colados a ele quando meu coração começou a bater rápido.

Bati na cama, contornei e continuei recuando.

Então, sussurrei:

— Sério? — E ele ergueu o queixo.

— *Sério* — retrucou.

Ah, cara.

— Ah... — murmurei, gostando disso, mas odiando (principalmente porque eu não estava dando a ele o que deveria, como sua esposa e a mulher que o amava), me sentindo emocionada por isso e uma culpa enorme ao mesmo tempo .

Bati na parede e deslizei para o lado, batendo no canto e deslizando por uma nova parede quando ele parou e lentamente virou seu grande corpo para ficar de frente para mim.

— Minha Circe me disse que era importante para ela... — ele se inclinou e seus olhos semicerraram — *crucial* — ele murmurou — que eu não usasse o meu corpo em ninguém além dela. Então *foi o que eu fiz*.

Ah, cara.

Meu coração parou de bater rápido e começou a bater *mais rápido*.

— Lahn — sussurrei.

— Mas ela me nega.

Ah, merda.

Quando consegui me afastar dele, saí da parede e comecei a voltar para a porta.

Lahn veio até mim novamente.

— Ela recusa sua xaxsah. Recusa seu mel de ouro. Retém suas garras. Ela retém até mesmo o seu espírito. E, desde que ela deu à luz aos meus filhos, ela detém *seu tempo*.

— Ah... — murmurei novamente.

Bati na porta e nem cheguei perto de encontrar a maçaneta. Lahn se moveu rápido e me levou para o outro lado do quarto, com as costas

na cama e ele sobre mim. Eu estava sem fôlego, seu rosto estava diante do meu e ele estava mais do que furioso. Estava terrivelmente chateado, ele e o brutal espírito dourado que brilhava em seus olhos.

E tinha mais um sentimento ali. Algo que não entendi. Algo que não consegui ler. Algo que não pertencia a seus olhos.

Isso estava errado.

Muito errado.

— Não vou tomá-la pela força, pois sei que você vai usar isso para nunca me perdoar. E agora sei que é verdade, pelo nome que seu pai me chamou, que você nunca irá mesmo.

— Lahn — sussurrei novamente quando o que eu vi em seus olhos, seguro pelo seu espírito, começar a despontar.

Ele continuou a falar.

— Mas você deve saber, antes de eu deixar você para ser minha rainha apenas para o nosso povo, minha esposa apenas para ser mãe de Tunahn e Isis, e eu deixar você ir, que sofri pelo meu erro. Sofri muito quando descobri que você me deixou.

Meu coração bateu mais forte no momento em que minha barriga se derreteu.

Sim, eu sabia o que havia em seus olhos.

Derrota.

Ah, Deus.

Eu tinha que parar isso.

Agora.

— Querido — tentei falar baixinho, usando um termo carinhoso que ele gostava, quando gentilmente coloquei as mãos sobre ele, mas não consegui pará-lo.

— Passei cinco meses agonizando por ter te perdido para sempre. Assombrado no sono e acordado com a visão do seu espírito se desvanecendo diante de mim, sabendo que *eu* o esmaguei até a morte e

a forcei a escapar de mim. Eu, seu rei, seu guerreiro, *seu* Lahn, seu, no final, não fui melhor que Dortak.

Ah, Deus.

— Lahn — comecei quando meu corpo se suavizou sob o seu e passei os braços ao redor dele.

— E sabendo, a cada dia que passava, quando você não voltava, que você nunca encontraria o caminho de volta para mim. E me desesperando a cada dia sem nenhuma palavra de Karrim de que eu encontraria uma maneira de te trazer para casa.

Deslizei as mãos em seu corpo e o abracei.

— Baby, escute...

— Minha linda de ouro se foi. Meu filho foi com ela. Nunca a veria pesada com a minha semente, nunca olharia para o meu guerreiro ou filha de ouro, nunca mais sentiria seu corpo dormindo na nossa cama ao lado do meu.

— Lahn, sério, querido, por favor, escute...

— Então Karrim encontrou uma bruxa para trazê-la para casa, para mim, lhe demos baús de ouro, só para você voltar arrasada.

Deus! Ele precisava *calar a boca* para que eu pudesse *falar*!

— Lahn! — retruquei com urgência, meus dedos apertando em seu pescoço, mas ainda não conseguia fazê-lo parar.

— E fui eu que fiz isso. *Eu* te magoei e a única sugestão que você me deu de que existe uma possibilidade de que a minha deusa de ouro viva em algum lugar aí dentro foi quando você encontrou forças para entregar meus filhos a mim.

Nossa, quando meu homem começava a falar, não havia como calar a boca dele!

— Lahn, droga! — gritei, mas era como se eu não fizesse barulho enquanto ele continuava falando sobre mim.

— Mas, ainda assim, você permanece perdida para nunca mais voltar para mim.

E era isso. Eu tive o suficiente.

E para comunicá-lo disso, com um grande esforço, apoiei os pés na cama, arqueei minhas costas e empurrei seus ombros, fazendo-o virar. Me apoiei em seus quadris, meus dedos segurando seus ombros, meus torso pressionando o seu e o meu rosto a um centímetro de distância.

— Pode... *calar a boca*? — gritei. Ele fechou a boca e fez uma careta para mim. — Caramba! — reclamei, olhando por cima da cabeça dele antes de olhar em seus olhos. — Que drama. Deus!

— Circe — ele grunhiu.

Mas eu respondi:

— Quietto, Lahn, eu vou falar agora.

Ele fechou a boca e fez uma careta novamente.

Eu o encarei.

Então falei.

— Você me chateou, partiu meu coração, ok, acho que você entende isso. Já percebi, grandão. Você me magoou. Mas, falando sério, a situação toda foi ruim. Totalmente inacreditável. Então eu também entendo isso. Mas *sou* uma idiota, pois ajo com o coração e faço coisas estúpidas *o tempo todo*. E fiquei tão chateada, porque te amo tanto que doeu muito o que você me disse, tanto que fiz isso de novo. Agi antes de pensar. Segui meu coração, o que doeu, e fiz algo realmente estúpido. Então, tudo bem, meu pai te chamou de imbecil, porque ele sabe que as coisas não começaram muito bem, mas... se encaixaram, Lahn. Ele me *incentivou* a ficar aqui. Ele sabe que eu te amo e quer que eu seja feliz. Caramba! — Me sentei, inclinei a cabeça para trás e olhei para o teto. — Para alguém tão inacreditavelmente...

Não terminei, porque agora era eu quem estava de costas e meu corpo foi sacudido violentamente. Meu sarongue foi arrancado.

Ah, *cara*.

Eu me concentrei em seus olhos calorosos bem no momento em que a minha calcinha foi arrancada... sim, arrancada, fazendo meu corpo

se sacudir de novo.

Ah, cara.

— Lahn — murmurei quando ele rolou em cima de mim.

Eu já estava excitada, porque me vi nua de repente sob o corpo fantástico, pesado e quente do meu rei e pelo olhar sensual em seus olhos.

Suas grandes mãos se arrastaram rapidamente pela parte de trás das minhas pernas e as levantou.

— Você me perdoou — ele grunhiu.

— Hum... sim, há um tempo. Eu sou só...

Não terminei, pois a boca de Lahn tomou a minha em um beijo ardente, molhado, profundo, longo e muito, *muito* sensual.

Ah, sim.

Sim. Sim. *Sim*.

Ele afastou a boca da minha e eu terminei minha frase com um atordoado e sem fôlego *imbecil*.

— Não sei o que é isso, minha linda, mas não me importo — ele sussurrou contra os meus lábios enquanto seus dedos deslizavam através da umidade que se acumulava entre minhas pernas, e então seus lábios deslizaram para a minha orelha. — Tentarei ser gentil, mas desde que fiz a primeira vez, aos doze anos, nunca esperei tanto tempo. Nem próximo.

Pressionei sua mão, puxei os laços das suas peles, virei a cabeça e sussurrei em seu ouvido:

— Não se preocupe com gentileza, querido, eu só quero sentir você de novo.

Ele não esperou que eu falasse duas vezes.

Ah, sim.

Deus, eu *amava* sentir o meu marido.

— Sim — sussurrei e isso era tudo que eu podia dizer.

Sua boca voltou para a minha, seus quadris se moveram com força, rápido, descontrolado, minhas coxas apertadas contra suas laterais

enquanto um braço segurava suas costas musculosas e a outra mão soltava sua trança e deslizava em seu cabelo lindo.

Eu sabia que ele se conteve. Senti isso, mas meu Lahn, como sempre, segurou até que o clímax me atingiu, quente, intenso e penetrante, e eu gritei em sua boca, meus membros o apertando, e só então ele soltou sua liberação em um grunhido, se misturando com o meu.

Ah, *sim*.

Eu estava bem ali, exatamente onde precisava estar.

Eu estava em casa.

Depois que nós dois nos recuperamos, Lahn permaneceu dentro de mim enquanto arrastava sua boca até meu ouvido.

— Você me ama — ele sussurrou lá e meus membros o apertaram.

— Sim — sussurrei de volta.

— Diga — ele pediu. Fechei os olhos e virei a cabeça, então meus lábios estavam em seu ouvido.

— Eu te amo, baby.

Mal consegui pronunciar as palavras antes que ele levantasse a cabeça e sua boca voltasse para a minha. Este beijo foi lento, suave e doce, bem como úmido e profundo.

Quando ele quebrou a conexão das nossas bocas, descansou a testa na minha e minha mão deslizou do seu cabelo para cobrir sua mandíbula barbuda.

— Me desculpe, querido — falei baixinho e ele fechou os olhos, a ponta dos meus dedos tocando-o e ele os abriu novamente. — Eu o deixei por muito tempo e, quanto mais o tempo passava, mais difícil era...

— Ok, minha Circe — ele me cortou e inclinou o queixo para tocar sua boca na minha. Ele virou, me colocando por cima e seus braços me envolveram. — Ok — ele sussurrou no meu ouvido.

Ok.

Cara, eu adorava quando ele dizia isso.

Sim, eu era uma imbecil.

Mas eu não podia deixar isso passar. Ele era meu Lahn e merecia mais, então levantei a cabeça e uma das mãos dele segurou meu cabelo.

— Estou feliz que você pense que está tudo bem, baby, mas eu preciso saber que você entende que sinto muito — falei suavemente.

— Eu entendo — Lahn respondeu, sua voz tão gentil quanto seu belo rosto.

Umedeci os lábios e falei:

— Senti sua falta. — Fechei os olhos, inclinei a cabeça e encostei a testa na dele. Então, os abri, vi a suavidade calorosa nos seus escuros e continuei — Senti sua falta quando fui embora e senti sua falta quando você me trouxe de volta.

Lahn não respondeu, mas o braço dele ao meu redor se apertou.

Com a mão ainda na sua mandíbula, passei o polegar sobre seus lábios bonitos enquanto dizia:

— Não quero estar em qualquer lugar além daqui.

Seus olhos se fecharam lentamente e sua mão, que segurava meu cabelo, inclinou meu rosto para que eu tocasse minha boca contra a dele, então ele me soltou e eu levantei a cabeça apenas um centímetro.

— Estamos bem? — sussurrei.

— Sim, Circe, bem — ele sussurrou de volta.

Toquei seus lábios novamente com o polegar e, em seguida, voltou para sua bochecha enquanto meus olhos o observavam.

— Linas, kah Lahnahsahna — Lahn exigiu calmamente e meu olhar voltou para o dele. Seus olhos estavam calorosos, sua boca macia e a voz mais suave quando sua mão no meu cabelo deslizou para o meu rosto e seu polegar pressionou levemente sob o meu olho. — Aí está ela.

Senti meu sorriso falhar quando meus pulmões apertaram e meus olhos ficaram úmidos.

— O meu Lahn a ressuscitou? — perguntei suavemente e seus dedos deslizaram de volta para o meu cabelo, me puxando para baixo

para outro toque nos lábios antes de me deixar afastar poucos centímetros.

E foi quando vi o *seu* espírito brutal e selvagem de ouro brilhando para eu ver e sabia sua resposta antes que ele me desse.

— Sim, minha Circe, ela queima de novo para mim.

— Dohno — sussurrei. — Agora sei o que eu suspeitava ser verdade. Meu marido é um deus. Ele pode fazer *qualquer coisa*.

Vi seu sorriso antes dele me virar de costas.

Então ele murmurou na minha orelha:

— Vamos ver se isso é verdade.

— Tá bom — concordei prontamente e ouvi sua risada enquanto ela ressoava contra a minha pele.

Ah, sim.

Eu estava em casa.

Observei Lahn entrar no nosso quarto depois de colocar Tunahn, que eu tinha acabado de amamentar, no berço.

A noite tinha caído, mas a luz da vela iluminava suavemente o quarto. Se eu tivesse sorte e adormecesse rápido, talvez pudesse ter quatro horas de folga.

Lahn entrou debaixo das cobertas, se esticou ao meu lado, enfiou um braço debaixo de mim e me envolveu em seu corpo longo e quente.

Ah, que se dane.

Eu não ia dormir de jeito nenhum.

Me apoiei em um cotovelo, descansei a mão em seu peito e olhei em seus olhos escuros e amados.

— Você faz os guerreiros em treinamento polirem a sua sela? — perguntei, e ele piscou.

— O quê?

— Os guerreiros em treinamento. Você os faz polir sua sela?

Sua boca se contraiu.

— Os guerreiros em treinamento aprendem e fazem muitas coisas, kah Lahnahsahna. Polir selas não é uma delas.

Desviei os olhos para o ombro dele e eu murmurei:

— Ah...

— Algo que eles aprendem — ele continuou e ergui os olhos de novo. — é não perder tempo realizando ações que não valem a pena. Como polir selas.

Comecei a rir. O braço de Lahn me deu um aperto quando seus lábios se inclinaram em um sorriso.

Descansei meu peito no dele, curvando meu braço ao seu redor, meu rosto se aproximando.

— Você realmente perdeu a virgindade quando tinha doze anos? — sussurrei e seus olhos imediatamente se fecharam, então balancei seu corpo com o braço. — Lahn.

— Meena — ele disse brevemente.

— Não é brincadeira? — perguntei, os olhos arregalados de surpresa.

Ele me estudou então balançou a cabeça.

— Não.

— Uau — murmurei. — Isso é um pouco cedo, não é?

Ele continuou me estudando.

Então afirmou:

— O treinador de um guerreiro decide quando ele está pronto para avançar em todas as facetas do seu treinamento. Meu treinador decidiu que eu estava pronto para tomar uma mulher aos doze anos. Então peguei uma Xacto.

Senti seu olhar aguçado em meu rosto quando ele disse a palavra “Xacto”, então eu disse a ele rapidamente:

— Baby, sei que você não vai me trair. Se um cara como você, que precisa tanto disso e do jeito que você precisa, pode esperar oito meses por mim, não me preocupo com você ir procurar as Xactos.

— Não, minha Circe, você não precisa se preocupar que eu vá para as Xactos — ele disse baixinho.

Sorri para ele.

Lahn sorriu de volta.

Então, ele perguntou:

— O que é um... *imbecil*?

Ri novamente antes de explicar:

— Uma espécie de, eu não sei, é difícil de explicar. Uma pessoa que faz besteira, é meio chata, meio maluca, meio tola, não o suficiente para ser realmente estúpida ou prejudicar alguém, apenas, não sei, boba ou... — Inclinei a cabeça para o lado e sorri. — como *eu*.

Lahn não estava sorrindo.

— Minha rainha de ouro não é imbecil — ele declarou.

Deslizei para mais perto e disse, ainda sorrindo:

— Grandão, joguei isso fora e fiquei longe de casa por cinco meses, deixando você para trás quando prometi *nunca mais* te deixar. Então meu pai me deu uma grande bronca sobre o fato de eu ter deixado o homem por quem eu estava apaixonada. Voltei, te perdoei semanas antes de te contar, o que foi na época que Karrim me disse que você nunca desistiu de mim, então me peguei presa em procrastinação, que, por sinal, meu pai também costumava me repreender o tempo todo. E aí ficou cada vez mais difícil falar com você sobre o assunto a ponto de eu te chatear e fazer você desistir de mim. Me chamar de imbecil é ser legal. Fui *bem* mais do que isso.

— Isso é verdade — ele concordou tão rapidamente que eu pisquei.

Então o olhei.

Em seguida, comecei a rir.

E não parei quando fui puxada para cima do meu marido, que me virou de costas, cobriu meu corpo com o dele, enfiou o rosto no meu pescoço e eu ouvi seu riso profundo ressoando contra a minha pele enquanto eu o sentia balançando meu corpo.

E os transeuntes, espiões e aqueles que eram simplesmente intrusos e que prestavam atenção em nossa casa ouviram o poder de Dax e a alegria de sua rahna Dahksahna, e cerca de quarenta e cinco minutos depois, ouviram algo completamente diferente.

E tudo o que ouviram era só o que se falava em Korwahn, na manhã seguinte.

O sol estava tocando o céu quando algo me acordou. Eu me senti confusa antes de me dar conta.

Não estava dormindo sob o corpo quente de Lahn. Estava pressionada na lateral dele, seu braço ao meu redor, minha bochecha em seu ombro, meu braço em volta do seu abdômen.

Abri os olhos e vi minha filha, sua bochecha gorducha e rosada pressionada no tórax moreno e musculoso do seu pai, os olhos fechados, os lábios cor-de-rosa franzidos em um beicinho bonitinho de bebê e sua mãozinha fofa apoiada na pele morena dele.

Senti meus lábios formarem um sorriso e deslizei o braço do estômago do meu marido para a barriga gordinha da minha filha.

Então, com cuidado, inclinei a cabeça para ver o perfil do meu marido bonito.

Eu não a ouvi e isso significava que ela, provavelmente, havia acordado e, como Isis se contentava em fazer, ela apenas aceitava as coisas em silêncio.

Mas meu marido a sentiu acordar e foi buscar a filha.

Isso me fez sorrir ainda mais.

Ele sentiu o leve movimento da minha boca ou meus olhos nele, abriu os dele e virou a cabeça para mim. Quando olhei em suas profundezas escuras, vi que estavam sonolentos e sensuais, repletos de todo o amor que ele sentia por mim, que era quente, doce e abertamente lido nas profundezas deles.

Sim, ah, sim.

Eu estava em casa.

Pressionei contra o bumbum de Isis.

— Vamos ter que falar sobre isso — sussurrei.

Vi com fascinação enquanto ele sorria.

Deixei isso me envolver enquanto eu sorria de volta.

Então suspirei.

Inclinei o queixo para baixo e fechei os olhos, decidindo que falaríamos sobre isso mais tarde.

Tunahn logo ficaria com fome. Eu precisava descansar.

Harold Quinn ouviu enquanto observava a velha em transe, sua voz dizendo as palavras da sua filha, seu coração se partindo um pouco e se remendando um pouco mais.

— Oi, pai. Olha só. Você tem *dois* netos. Gêmeos! Pode acreditar nisso? Tunahn é nosso menino e seu nome significa cavalo. Eles têm um monte de deuses diferentes aqui e o deus cavalo é um deles. O nome de Lahn significa tigre e é um deus também. Ele deu o nome de Tunahn como deus dos cavalos, porque são animais fortes, inteligentes e leais. Nosso outro bebê é uma garotinha. Ela tem cabelos dourados que tenho certeza que vai ser como os meus e da minha mãe. Esqueci de te dizer que Tunahn, tem cabelos negros como o pai. O nome dela é Isis. Dei esse nome a ela em homenagem a forma como você e minha mãe escolheram o meu. Tunahn já é forte como um boi, não é brincadeira. Ele também

grita muito, mas é porque ele é um monstrinho ganancioso e parece não conseguir leite suficiente. Mas ele não tem que berrar por muito tempo. Não consigo tirar as mãos dele. É meu pequeno guerreiro. Ele está crescendo bem. Isis é meu bebê de ouro. Ela raramente chora e é muito doce. O pai é louco por ela. Se Tunahn acorda durante a noite, Lahn é legal comigo, pois se levanta e o traz para mamar, mas ele é firme sobre Tunahn voltar para o berço. Se Ísis o faz, Lahn a deixa dormir com a gente. Não se preocupe, cortei *isso* pela raiz. Bem, mais ou menos.

A bruxa respirou fundo e continuou falando, assim como sua Circe podia fazer.

— Você estava certo, como de costume. Acho que é um saco que eu tenha aprendido isso agora, quando você está em um mundo distante. A bruxa diz que podemos tentar enviar essas mensagens, mas ela não pode ter certeza de que alcançarão o alvo. Embora eu espere que possamos, mesmo que seja de vez em quando. Prometo continuar tentando e espero que você também. Mas, como eu disse, você estava certo. Lahn e eu resolvemos as coisas. Ele se esforçou e, talvez eu tenha feito ele se esforçar *bastante*. Mas eu o amo, o perdoei e agora estou feliz. Você não precisa se preocupar. Está tudo bem. Ele me ama muito, pai e demonstra que ama. Estou feliz, sinceramente, muito feliz. Ele é um cara bom e se você o conhecesse, podia demorar um pouco, mas ia gostar dele. — Uma pausa então. — Ah, a propósito, se você pudesse me fazer um favor e não chamá-lo de imbecil em sua próxima mensagem, seria legal. Ensinei nossa língua para ele, que descobriu o significado e não gostou muito.

Harold Quinn sorriu.

A bruxa continuou.

— Se eu não tiver mais notícias de você ou você não tiver de mim, quero que saiba que sinto sua falta, te amo e sempre amarei. Sempre, pai. Você é o melhor pai que uma garota poderia ter. O... *mais... incrível... de todos*.

Ah, sim.

Lá estava.

Essa era a garota dele.

A bruxa continuou falando.

— Diga aos caras que mandei um oi, dê um abraço na Marlene e deixe que ela e Circe saibam que estou bem.

A bruxa respirou profundamente e continuou.

— E eu juro que estou bem, pai. Juro. Eu estou... bem, pai, o que eu posso dizer? Estou em casa.

Os ombros da mulher caíram, a cabeça dela inclinou para frente, então ela a levantou, os olhos perdidos, mas fora do transe.

— Funcionou? — ela perguntou, com o rosto iluminado.

Quando Harold Quinn respondeu, sua voz estava rouca:

— Sim.

A velha parou como se tentasse sentir seu humor, o brilho em seu rosto desapareceu quando ela foi bem-sucedida nisso e assentiu.

Em voz baixa, ela disse:

— Temos sorte de ter funcionado.

Ele assentiu de volta, embora ela não pudesse vê-lo. Ele a ouviu. A comunicação com esse mundo era difícil. As mensagens eram recebidas de forma aleatória, as mensagens enviadas poderiam nunca serem ouvidas.

Tunahn e Isis e sua Circe estavam felizes com seu rei.

Sim, ele teve sorte que funcionou.

— Se quiser tentar de novo... — ela parou e ele balançou a cabeça novamente, embora ela não pudesse vê-lo, de alguma forma ele soube que ela também sentia isso.

Harold estava certo, porque ela deu um sorriso gentil.

Então ela estendeu a mão, tocou o braço dele e sussurrou:

— Eu nunca estarei longe, pai das Circes de ouro.

Com isso, ela se virou e caminhou silenciosamente para fora da garagem com sua bengala batendo no chão enquanto se afastava.

Harold observou a porta se fechar antes de entrar no escritório da filha e se sentar na cadeira atrás da escrivaninha, depois de tirar a carteira do bolso. Ele a abriu, gentilmente tirou a foto antiga e olhou para um familiar par de olhos dourados.

— Ela está feliz, Andie — ele sussurrou para sua esposa.

Andromeda Quinn fez o que sempre fazia.

Ela sorriu de volta para ele, seus lindos olhos iluminados com aquela luz dourada brilhante que Harold Quinn amava tanto.

Dicionário Korwahk / Português

Palavras, frases e conjugações

Ahno — (v) Gostar

Aka — (pro) Outros

Ana — (adv) Então

Anah — (s / adv) Esta noite

Anka — (s / adv) Amanhã

Anla — (s / adv) Hoje

Ansha— (adv) Aqui

Ato — (v) Se curvar

Bahsah— (s) Esposa

Bahsan — (s) Marido

Bel — (adv) Rápido

Boh — (adv) Agora

Boonahn — (adj / adv / s) Melhor

Chah — (adv / pro) Muito

Cham — (s) Tenda

Cuun — (s) Tour

Dahksahna — (s / título) Rainha [da Nação Korwahk]

Dahno — (v) Acordar

Danho — (v) Esquecer

Dax — (s / título) Rei [da Nação Korwahk]

Daxshee — (s / lugar) — O acampamento itinerante do Dax [rei] da Nação Korwahk

Dohno — (adj) Bom

El — (determinante) A/O; a/o

Et — (conj) Se

Fahnahsan — (adj) Feliz

Fahno — (v) Sorrir
Fahkah — (adv) Suficiente
Fahzah — (adv) Sempre
Farzah — (adv) Nunca
Fauna — (s) Linda [também usado como carinho]
Gay — (adv / prep) Como
Gahn — (conj) Mas
Gahsee — (adj) Fome
Gahso — (v) Estar com fome
Geenheeso — (v) mandar [diferente de ordem ou comando, não formal ou oficial]
Gingo — (v) beber
Goyah — (expressão) Adeus / Despedida
Hahla — (adj) Puro; verdadeiro
Hahnee — (adj) Líquido
Hansahnalo — (v) Amar
Jahnjee — (s) Protetor
Jahko — (v) Fazer
Jahno — (v) Ter
Jak — (adv /pro) Todos
Juno — (v) Jogar
Kay — (pro) eu; mim
Kay tingay — (expressão) Me desculpe / Peço desculpas
Kah — (possessivo) Meu/minha
Kahna — (pronome) Meu/minha
Keeta — (s) coisas
Kut— (s) [gíria] Vadia
Kuvo — (v) Entender
Lahn — (s) Tigre
Lahnahsahna — (s) Tigresa
Lapoo — (v) ser/ficar/estar

Lee — O/A (não usado com um título)
Leeka — (s) Pele
Leenyahso — (adj) Habilidosa
Linah — (s) Olhos
Lino — (v) Ver
Lipa — (s) Cabelo
Liro — (s) Pernas
Lisa — (n) Boca
Loh — (prep) Em
Loolah — (s) [familiar] Mamãe
Loot — (conj) E
Lornya — (n) Robe
Luh — (prep) Para
Luna — (s) Corpo
Luto — (v) Sentar
Marko — (v) Permitir
Mayo — (v) ir rápido
Me — Não
Meera — (adv / prep) Entre
Meena — (excl) Sim
Na — (pro) Você
Nahna — (possessivo) Seu
Nahrahka — (expressão) Disponha/Por nada.
Nayeeso — (v) Possuir
Neenkah — (adj / adv / s / prep) Dentro
Neeso — (v) Descansar
Pahk — (n) fogo
Pahkah — (s) Fogueira
Pahkan — (s) Tocha
Pahnsahna — (s) Espírito [Alma]
Pahnsahnak — (s) Deus [Mítico, não Bíblico]

Pahnsahnalla — (s) Deusa
Pahnso — (v) Viver
Poyah — (expressão) Olá
Punto — (v) Terminar
Quaxi — (s) Pintar
Rah — (s) Ouro
Rahna — (adj) Dourado
Raylo — (v) Ficar quieto
Ruhno — (v) Levar
Sah — (pro) Isso
Sahka — (adj) Saudável; bem
Sahna — (adj) Linda
Sahnahso — (v) Deixar
See — (pro) Aquilo
Shahsha— (expressão) Obrigado(a)
Shalah— (expressão) Por favor
Suh— (determinante) A/O (usado apenas com títulos oficiais, ou seja, Suh Tunak; Suh Xacme)
Suh Tunak — A Horda Korwahk
Ta — (pro) Nós
Tahko — (v) Deixar/Partir
Tahna — (possessivo) Seu/Sua
Tahnhan — (s) Comando
Tahno — (v) Comandar
Tan — (pro) Nós
Tee — (pro) Isso
Teen kah — (adj) pequeno/pequena
Tela — (adv) O que
Tera — (adv) Como
Tooka — (adv) Novamente
Tooyo — (v) Se danar/se ferrar/se foder

Tooyo — [como exclamação] — Dane-se!

Trahyo — (v) Dormir

Trooya — (s) Nome

Tunahn — (s) Cavalo

Tunakan — (s) Guerreiro

Tunakanahsa — (s) Guerreira

Tuno — (v) Cavalgar

Unahyo — (v) Derreter

Uvo — (v) dar

Vato — (v) Ganhar

Vayo — (v) Ir

Veeyo — (v) Partir

Wahlo — (v) Começar

Weyko — (v) Prometer

Xac — (s) [gíria] Pau (pênis)

Xacme — (s) Eunuco

Xaxsah — (z) [gíria] Boceta (vagina)

Xactos — (s) Grupo de escravas que são propriedade da Horda

Korwahk e servem apenas aos guerreiros.

Yahka — (adj) Bem; boa; bom.

Yo — (prep) Para

Zah — (pro / possessivo) Dela

Zak — (possessivo) Dele

Zakah — (n) Bebida destilada, tipo aguardente (bebida alcoólica de nível inferior)

Zan — (pro) Ele

Zo — (prep) De

Zooko — (v) querer

Zut — (prep) Com

Conjunções Verbais

oo — imperativo / comando

al — imperativo com “deve”

ay — tempo presente.

an — tempo futuro com “ir”

ee — futuro com “ser”

um — passado

Glossário do Universo Paralelo

Lugares, mares, regiões da série Fantasyland de Kristen Ashley

Bellebryn — (lugar) Pequeno principado pacífico e do tamanho de uma cidade, localizado nas Terras do Norte e totalmente dentro dos limites de Hawkvale e do Mar Verde (oeste)

Fleuridia — (lugar) Uma nação pacífica e avançada, localizada nas Terras do Norte; com limites para Hawkvale (norte e oeste) e Mar Marhac (sul)

Mar Verde — (mar) Corpo de água parecido com o oceano, com costas próximas a Bellebryn, Hawkvale, Lunwyn e Middleland

Hawkvale — (lugar) Uma nação pacífica e avançada, localizada nas Terras do Norte; fronteiras com Middleland (norte), Fleuridia (sul e leste) e o Mar Verde (oeste) e Mar de Marhac (sul)

Keenhak — (lugar) Nação primitiva guerreira, localizada nas terras do sul; limites com Korwahk (norte) e Maroo (oeste)

Korwahk — (lugar) Nação primitiva guerreira, localizada nas terras do sul; limites com o Mar de Marhac (norte) e as nações de Keenhak (sudeste) e Maroo (sudoeste)

Korwahn — (lugar) Grande capital de Korwahk

Lunwyn — (lugar) Uma nação pacífica e avançada, localizada nos lugares mais distantes das Terras do Norte; limites com Middleland (sul), Mar Verde (oeste) e Mar de Inverno (norte)

Mar de Marhac — (oceano) Separa Korwahk, Hawkvale e Fleuridia

Maroo — (lugar) Nação primitiva guerreira, localizada nas Terras do Sul; limites com Korwahk (norte) e Keenhak (leste)

Middleland — (lugar) Uma nação um tanto avançada com um rei tirano, localizado nas Terras do Norte; Limites com Hawkvale (sul), Fleuridia (sul), Lunwyn (norte) e Mar Verde (oeste)

Mar de Inverno — (oceano) Corpo de água no Ártico, que forma a costa norte de Lunwyn, cheia de grandes geleiras.

Northlands — (região) A região ao norte do equador na terra alternativa

Southlands — (região) A região ao sul do equador na terra alternativa

Sobre a Autora

Kristen Ashley cresceu em Brownsburg, Indiana, mas viveu em Denver, Colorado e no oeste da Inglaterra. Assim, ela foi abençoada por ter amigos e familiares em todo o mundo. Sua legião é louca (para dizer o mínimo), mas a maluquice é boa quando se quer escrever.

Kristen foi criada em uma casa com uma família grande e multi-geracional. Eles viviam em uma fazenda muito pequena em uma pequena cidade no centro e viviam ao som de Glenn Miller, The Everly Brothers, REO Speedwagon e Whitesnake (e guarda-roupas que combinavam).

Não é preciso dizer que crescer em uma casa cheia de música, roupas e amor foi um bom jeito de crescer.

E enquanto ela continua crescendo, continua melhorando.

[1] *“Geoffrey, não, Circe. Seu Rei ordena, entendeu?”*

[2] *“Você e eu. Ouro e tinta. Rei e Rainha. Tigre e Tigresa. Seu ouro está no meu corpo agora. Minha pintura estará em seu corpo hoje à noite, minha Circe”.*

[3] Minha pintura, sua pintura.

[4] Tome a minha pintura, Circe, tome o meu pau.

[5] Hoje você descansa, amanhã veremos se você está bem. O Bando não monta se a minha Circe não estiver bem.

[6] Deixem-nos!

[7] Você não é meu Lahn,

[8] Você é a minha rainha dourada. Minha tigresa. A minha Circe. Para sempre, Circe. *Para sempre*. Nunca vou permitir que seu ouro seja levado de mim. *Nunca*. Entenda isso, Circe, e nunca se esqueça.

[9] Minha esposa é de ouro. Sua boceta é ouro líquido. *Linda*.

[10] Você é *meu* ouro, sua boceta é meu ouro líquido. Eu terei sua boca, você a dará para mim. Então terei seu espírito, Circe. Vou possuí-lo. *Para sempre*.

[11] Amanhã, veremos o quanto você é habilidosa.

[12] Esta não é a parte minha que você ama, mas deveria

[13] Ok, minha Circe, esta noite você ganha. Amanhã, vamos jogar de novo.

[14] Adeus [até mais tarde], Tunakan. [Tunakan significa: Guerreiro de Suh Tunak ou da Horda Korwahk]